

Guilherme Cardoso Contini

QUEM FAZ UM DESIGN QUEER?

formação política e metodologia
em design dissidente

Bauru
2025

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA – UNESP
Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (FAAC) –
Campus Bauru

Guilherme Cardoso Contini

QUEM FAZ UM DESIGN *QUEER*?
FORMAÇÃO POLÍTICA E METODOLOGIA EM DESIGN DISSIDENTE

BAURU
2025

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA – UNESP
Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (FAAC) –
Campus Bauru

Guilherme Cardoso Contini

QUEM FAZ UM DESIGN *QUEER*?
FORMAÇÃO POLÍTICA E METODOLOGIA EM DESIGN DISSIDENTE

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Design da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design – FAAC, Campus Bauru, para obtenção do título de Doutor em Design.

Área de Concentração: Desenho de Produto

Linha de Pesquisa: Planejamento de Produto.

Orientadora: Profa. Dra. Fernanda Henriques

Coorientadora: Profa. Dra. Cassia Leticia Carrara Domiciano.

BAURU
2025

C762q Contini, Guilherme Cardoso
 QUEM FAZ UM DESIGN QUEER? Formação política e
 metodologia em design dissidente / Guilherme Cardoso Contini.
 -- Bauru, 2025
 416 p.

 Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP),
 Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Bauru
 Orientadora: Fernanda Henriques
 Coorientadora: Cassia Leticia Carrara Domiciano

 1. Design. 2. Estudos Queer. 3. Diversidade. 4. Design
 Transgressivo. 5. Design Transgressivo. I. Título.

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA TESE DE DOUTORADO DE GUILHERME CARDOSO CONTINI, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESIGN, DA FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES, COMUNICAÇÃO E DESIGN - CÂMPUS DE BAURU.

Aos 17 de novembro de 2025, às 14h, por meio de Videoconferência, realizou-se a defesa de TESE DE DOUTORADO de GUILHERME CARDOSO CONTINI, intitulada **QUEM FAZ UM DESIGN QUEER? FORMAÇÃO POLÍTICA E METODOLOGIA EM DESIGN DISSIDENTE**. A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: Professora Doutora FERNANDA HENRIQUES (Orientador(a) - Participação Presencial) do(a) Design / UNESP / Câmpus de Bauru - FAAC, Professora Doutora CAROLINA VAITIEKUNAS PIZARRO (Participação Presencial) do(a) Departamento de Design / UNESP / Câmpus de Bauru - FAAC, Professora Associada LARISSA MAUÉS PELÚCIO SILVA (Participação Virtual) do(a) Departamento de Ciências Humanas / UNESP / Câmpus de Bauru - FAAC, Professora Doutora CLAUDIA REGINA HASEGAWA ZACAR (Participação Virtual) do(a) Departamento de Design / Universidade Federal do Paraná, Professor Doutor CARLOS GUILHERME MACE ALTMAYER (Participação Virtual) do(a) Departamento de Integração Cultural / Escola Superior de Desenho Industrial | Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Após a exposição pelo doutorando e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma presencial e/ou virtual, o discente recebeu o conceito final: APROVADO . Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo(a) Presidente(a) da Comissão Examinadora.



Documento assinado digitalmente

FERNANDA HENRIQUES

Data: 17/11/2025 17:13:38-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Professora Doutora FERNANDA HENRIQUES

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA – UNESP
Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (FAAC) –
Campus Bauru

Guilherme Cardoso Contini

QUEM FAZ UM DESIGN *QUEER*?
FORMAÇÃO POLÍTICA E METODOLOGIA EM DESIGN DISSIDENTE

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Design da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design – FAAC, Campus Bauru, para obtenção do título de Doutor em Design

Área de Concentração: Desenho de Produto

Data da defesa: 17/11/2025

BANCA EXAMINADORA:

Presidente/Orientadora: Profa. Dra. Fernanda Henriques

Instituição: PPGDES - FAAC – UNESP (Campus Bauru)

Profa. 1: Profa. Livre Docente Larissa Maués Pelúcio Silva

Instituição: PPG Comunicação FAAC - UNESP (Campus Bauru)

Profa. 2: Profa. Dra. Carolina Vaitiekunas Pizarro

Instituição: PPGDES FAAC – UNESP

Prof. 3: Profa. Dra. Claudia Regina Hasegawa Zacar

Instituição: PPGDES UFPR - UFPR

Prof. 4: Prof. Dr. Guilherme Altmayer

Instituição: PPDESDI – ESDI/UERJ

*A todos que acreditam em um Design
crítico, sensibilizado para as questões de gênero e sexualidade!*

AGRADECIMENTOS

Após 4 anos de Doutorado, é preciso agradecer algumas pessoas que fizeram a diferença nessa minha trajetória pela pós-graduação.

Agradeço à minha **mãe** pelo amor e carinho que sempre tem por mim. Obrigado pelo suporte emocional, pelo apoio em todos os desafios, por sempre valorizar o que eu faço, os temas que eu pesquiso e sempre acreditar que o que eu faço na universidade é ciência. Você sempre respeitou meu trabalho como pesquisador e professor e é minha grande inspiração como pessoa e professora.

Agradeço ao meu **pai** também pelo carinho, pelo apoio com as minhas decisões, por sempre dar suporte às ideias e aos projetos que desenvolvi durante o doutorado. Sempre valorizo como você se emociona com as minhas conquistas.

Agradeço à minha **irmã** por proporcionar sempre um ambiente divertido quando nos encontramos, por me apoiar e apoiar minhas pesquisas, por ser carinhosa e por tentar me motivar nos momentos de desespero da tese.

Deixo um agradecimento especial aos **meus padrinhos**, Vera e Ricardo, por serem grandes inspirações acadêmicas para mim e por valorizarem o que eu pesquiso mesmo estando em áreas tão distantes da minha. Infelizmente você não conseguirá ver essa defesa, padrinho, mas conversamos muito sobre ela e sei que onde você estiver, torcerá por mim.

Agradeço aos **meus familiares**, que nunca deixaram de me apoiar mesmo nem sempre entendendo tudo que eu pesquisava. Obrigado pelos abraços carinhosos sempre.

Um agradecimento muito especial às minhas orientadoras da tese e da vida, **Ferdi e Cassia**, que dividiram essa orientação do começo ao fim e sempre foram professoras inspiradoras. É uma honra ter minha trajetória no doutorado conduzida por mulheres tão incríveis.

Agradeço à **Larissa**, minha professora, amiga e parte importante da minha banca. Obrigado por ter me apresentado aos estudos de gênero e aos estudos *queer* anos atrás, na graduação e por não largar minha mão em momento nenhum, nem no mestrado e nem no doutorado. Você é uma grande inspiração para mim.

Agradeço aos **meus professores e colegas de aula**. Pude caminhar junto com vocês ao longo desses 4 anos. Menção especial à **Ana Bia**, pelo carinho sempre, à **Carol**, que eu tenho a honra de ter me acompanhado desde a graduação e estar agora na minha banca e à **Adriana**, que foi minha banca de qualificação e não poderá estar na de defesa por conta do nascimento da Naomi.

Agradeço aos **meus amigos**, que não largaram minha mão nesses últimos meses em que fiquei mais ausente, mergulhado na tese. Obrigado por não desistirem de mim, **Vini, Fer, Dani, Rafa, Gabi, Carol, Thaís, Ju, Luís, Rita**.

Agradeço aos **meus alunos e alunas, orientandos e orientandas!** Acredito que aprendi com vocês o mesmo tanto que ensinei. Obrigado pela motivação em seguir essa carreira e por sempre se interessarem nas minhas pesquisas e projetos.

Quero deixar um agradecimento também à **Cláudia** e ao **Guilherme**, que aceitaram participar das entrevistas e, agora, da minha banca de defesa. São duas pessoas que admiro muito e que pavimentarem esse caminho por um Design *queer* e dissidente.

Por fim, agradeço ao Programa de Pós-graduação em Design – PPGDES, à UNESP e aos servidores técnico-administrativos pelos auxílios e pelas oportunidades, além de agradecer à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) pelo financiamento da minha bolsa de doutorado ao longo de 3 anos.

Sou grato por todos vocês!

*“O design é normativo, mas também pode
ser transformativo.”*

Ellen Lupton e Leslie Xia

CONTINI, G. C. **Quem faz um Design *Queer*? Formação política e metodologia em design dissidente.** Tese de Doutorado apresentada ao curso de Pós-graduação em Design (PPGDES) da UNESP – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, sob a orientação da Profa. Dra. Fernanda Henriques e coorientação da Profa. Dra. Cassia Leticia Carrara Domiciano, 2025.

RESUMO

No contexto contemporâneo e complexo do Design, é crescente uma maior abertura à pesquisa e aos projetos sobre problemáticas sociais, culturais e políticas que envolvem os estudos *queer* e os estudos de gênero e sexualidade. Considerando o período anterior à última década, é quase inexistente um histórico considerável nesta interface. Cada vez mais é preciso “queerizar” o design para sensibilizá-lo aos temas subversivos e considerados tabus, em diálogo com as diversidades e perspectivas inclusivas. Esta tese investiga a relação entre o Design e os estudos *queer*, analisando práticas contranormativas e metodologias inclusivas para a diversidade. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa e exploratória, combinando uma Revisão Bibliográfica de Escopo (RBE), um estudo exploratório sobre iniciativas acadêmicas e algumas entrevistas com pesquisadores da área, selecionados a partir da revisão anterior. O objetivo é mapear quem faz um Design *queer* no contexto do ensino e exemplificar as metodologias que contribuem para um Design *queer*, identificando estratégias projetuais que desafiam normatividades e destacam as dissidências. Os resultados alcançados incluem a sistematização de práticas *queer* no Design e a criação de um guia com diretrizes metodológicas e explorações visuais para sua aplicação em contextos acadêmicos e profissionais.

Palavras-chave: Design; Estudos *Queer*; Diversidade; Design Transgressivo; Contranormatividade.

ABSTRACT

In the contemporary and complex context of Design, there has been a growing openness to research and projects that address social, cultural, and political issues involving queer studies and gender and sexuality studies. Considering the period prior to the last decade, there is an almost nonexistent historical record of this interface. It has become increasingly necessary to queer design in order to make it more sensitive to subversive themes and subjects considered taboo, engaging in dialogue with diversity and inclusive perspectives. This thesis investigates the relationship between Design and queer studies by analyzing counter-normative practices and inclusive methodologies for diversity. The research adopts a qualitative and exploratory approach, combining a Scoping Review (SR), an exploratory study of academic initiatives, and interviews with researchers in the field, selected based on the previous review. The aim is to map who is doing queer Design in the educational context and to exemplify the methodologies that contribute to queer Design, identifying design strategies that challenge normativities and highlight dissidences. The results include the systematization of queer practices in Design and the creation of a guide with methodological guidelines and visual explorations for its application in academic and professional contexts.

Keywords: *Design; Queer Studies; Diversity; Transgressive Design; Counternormativity.*

Lista de Figuras

Figura 1 – Livro <i>The bases of design</i>	p.36
Figura 2 – Infográfico de Raquel Noronha: Modernidade – Pós-modernidade no campo do design	p.39
Figura 3 – Quadro comparativo com pesquisas desenvolvidas na década de 80 na esfera dos estudos de gênero e Design	p.44
Figura 4 - Gráfico 1 - Relação entre o ano e a quantidade de trabalhos identificados e incluídos na RBE	p.114
Figura 5 - Gráfico 2 – Relação entre as universidades brasileiras identificadas e quantidade de trabalhos incluídos (universidades com mais de um trabalho)	p.115
Figura 6 - Gráfico 3 – Relação entre os tipos e as quantidades de trabalhos identificados (incluídos e excluídos)	p.116
Figura 7 - Gráfico 4 – Tipos de trabalhos incluídos	p.116
Figura 8 – Infográfico – Quantidade e tipos de trabalhos identificados por ano na RBE	p.117
Figura 9 - Gráfico 5 – Relação entre os autores com mais de um trabalho incluído	p.118
Figura 10 - Matriz de Scripts de Gênero para Design de Produto baseada no “Esquema heurístico para análise de scripts de gênero em produtos” (van Oost, 2014)	p.146
Figura 11 – Matriz dos papéis de gênero para projetos de Design	p.148
Figura 12 – Cartaz do Workshop de co-design “Queering Design” de Silas Denz e Wouter Eggink	p.149
Figura 13 – Processo simplificado do Design de gênero (Denz; Eggink, 2019)	p.150
Figura 14 – Ações performativas repetitivas na construção do gênero (Denz; Eggink, 2019)	p.150
Figura 15 – Orientando o fluxo de trabalho para descobrir roteiros de gênero (Denz; Eggink, 2019)	p.151
Figura 16 – Guia para identificação de roteiros e papéis de gênero em produtos ..	p.152
Figura 17 – Imagem 1.B. produzida no workshop <i>Just Spaces</i> de Ella Cutler	p.154
Figura 18 – Imagem 2.B. produzida no workshop <i>Just Spaces</i> de Ella Cutler	p.154
Figura 19 – Estrutura de Questões para uma Metodologia Queer por Ella Cutler	p.155
Figura 20 – Quadro de perguntas para alguns projetos de Design <i>queer</i>	p.157
Figura 21 – Capa do livro <i>Queer x Design</i> , de Andy Campbell	p.158
Figura 22 – Cartaz com representação de Florence Tempest para performance de <i>I Love the Ladies</i>	p.160
Figura 23 – Símbolo Lambda de Tom Doerr	p.160
Figura 24 – Bandeira de Gilbert Baker	p.161
Figura 25 – <i>Pink Triangle</i>	p.161

Figura 26 – Páginas do livro com a Bandeira Bissexual	p.162
Figura 27 – Placas de banheiro “para todos os gêneros”, na Califórnia	p.163
Figura 28 – Homepage Tropicuir.org	p.164
Figura 29 – Tropicuir.org – projeto Memórias em Rede	p.164
Figura 30 – Capa do livro <i>Tipos Estranhos: Experimentos em Design Cuír</i> , de Laura Daviña e Marina Zilbersztein	p.165
Figura 31 – Experimento de Yala Silva presente no livro <i>Tipos Estranho: Experimentos em Design Cuír</i>	p.166
Figura 32 – <i>O QUE(ER) NOS MOVE? Guia visual e metodológico para um Design dissidente</i>	p.167
Figura 33 – Páginas iniciais do capítulo Pré-Design <i>queer</i>	p.168
Figura 34 – Páginas iniciais do capítulo Design <i>queer</i>	p.169
Figura 35 – Páginas iniciais do capítulo Pós-Design <i>queer</i>	p.170
Figura 36 – Cards das entrevistas	p. 171

Lista de Tabelas

Tabela 1 – Comparativo entre os sete princípios do Design Universal e os sete princípios do Design Universal <i>Queer</i> , segundo Myers e Crockett (2013)	p.73
Tabela 2 – 20 primeiros cursos de Design mais bem avaliados pelo MEC em 2021	p.80
Tabela 3 – 20 primeiros cursos de Design mais bem avaliados pelo RUF 2024	p.81
Tabela 4 – Lista final de instituições de ensino utilizadas no estudo exploratório (etapa de graduação)	p.82-83
Tabela 5 – Estrutura da Fase 1 do estudo exploratório	p.83-84
Tabela 6 – Lista de Universidades com Programas de Pós-Graduação em Design notas 3, 4, 5 e 6	p.85-86
Tabela 7 – Estrutura da Fase 2 do estudo exploratório	p.86
Tabela 8 – Resultados incluídos na Fase 1 do Estudo Exploratório	p.89-90
Tabela 9 – Resultados incluídos na Fase 2 do Estudo Exploratório	p.92-94
Tabela 10 - Critérios de inclusão e exclusão Estudo 1	p.104
Tabela 11 - Critérios de inclusão e exclusão Estudo 2	p.105
Tabela 12 - Critérios de inclusão e exclusão Estudo 3	p.105-106
Tabela 13 - Critérios de inclusão e exclusão Estudo 4	p.106-107
Tabela 14 - Critérios de inclusão e exclusão Estudo 5	p.107

Lista de Abreviaturas e Siglas

AB	<i>Abstract</i>
ABL	Academia Brasileira de Letras
AIDS	Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
AK	<i>Author Keywords</i>
AFAB	<i>Assigned Female At Birth</i>
AMAB	<i>Assigned Male At Birth</i>
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CESAR	Centro de Estudos e Sistemas Avançados do Recife
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CPC	Conceito Preliminar de Curso
CSJT	Centro Universitário São Judas Tadeu
DeGS	Grupo de Pesquisa “Design, Gênero e Sustentabilidade”
DEI	<i>Diversity, Equity e Inclusion</i>
DGP	Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil
DO	Doutorado (acadêmico)
DP	Doutorado Profissional
ENADE	Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes
ESAD	Escola Superior de Artes e Design de Portugal
ESDI	Escola Superior de Desenho Industrial
ESPM	Escola Superior de Propaganda e Marketing
EUA	Estados Unidos da América
FAAC	Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design
FAUD - USP	Faculdade de Arquitetura, Urbanismo e Design da USP
HIV	Vírus da Imunodeficiência Humana
IGC	Índice Geral de Cursos
JBÍ	<i>Joanna Briggs Institute</i>
LaDA	Laboratório de Design e Antropologia
LaRS	Laboratório de Representação Sensível
LGBT	Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transexuais / Transgênero / Travestis
LGBTQIAP+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais / Transgênero / Travestis, Intersexuais, Assexuais, e Pansexuais
ME	Mestrado (acadêmico)
MEC	Ministério da Educação
MP	Mestrado Profissional
NID	Núcleo de Integração de Deficientes

NIDA	Laboratório “Narrativas em Inovação, Design e Antropologia”
NUDE	Grupo de Pesquisa “Núcleo de design, corpo e tecnopolítica”
PCDQ	Práticas Coletivas em Design <i>Queer</i>
PPG	Programa de Pós-Graduação
PUC GOIÁS	Pontifícia Universidade Católica de Goiás
PUCPR	Pontifícia Universidade Católica do Paraná
PUC Rio	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
RBE	Revisão Bibliográfica de Escopo
ReLADyG	<i>Rede Latinoamericana de Diseño y Género</i>
RUF	Ranking de Universidades da Folha
SciELO	<i>Scientific Eletronic Library Online</i>
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TI	<i>Title</i>
UAM	Universidade Anhembi Morumbi
UCB	Universidade Católica de Brasília
UDESC	Universidade do Estado de Santa Catarina
UEL	Universidade Estadual de Londrina
UEMG	Universidade do Estado de Minas Gerais
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UFAM	Universidade Federal do Amazonas
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFG	Universidade Federal de Goiás
UFGC	Universidade Federal de Campina Grande
UFMA	Universidade Federal do Maranhão
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFN	Universidade Franciscana
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UFPR	Universidade Federal do Paraná
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFS	Universidade Federal de Sergipe
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UFU	Universidade Federal de Uberlândia
UnB	Universidade de Brasília
UNEB	Universidade do Estado da Bahia
UNESA	Universidade Estácio de Sá

UNESP	Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
UNIFATEA	Centro Universitário Teresa D’Ávila
UNIFOA	Centro Universitário de Volta Redonda
UNINOVE	Universidade Nove de Julho
UNISAGRADO	Centro Universitário Sagrado Coração
UNISINOS	Universidade do Vale do Rio dos Sinos
UNISUL	Universidade do Sul de Santa Catarina
UNIVILLE	Universidade da Região de Joinville
UNOESC	Universidade do Oeste de Santa Catarina
USJT	Universidade São Judas Tadeu
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

Introdução e Justificativa	19
Objetivos	27
Geral	27
Específicos	27
Materiais e Métodos	28
Capítulo 1 – Design e transgressão: um olhar fora do comum.....	34
1.1. Perspectivas do Design à subversão	35
1.2. Um Design <i>queer</i> dissidente.....	46
1.2.1. Design e complexidade contemporânea.....	47
1.2.2. Imersão nos estudos <i>queer</i> e nas terminologias.....	51
1.2.3. Como o Design pode ser <i>queer</i> ?	62
1.3. Diversidade, inclusão e os desafios do Design atual.....	70
Capítulo 2 – Conexão Design e estudos de gênero, sexualidade e <i>queer</i> ..	77
2.1. Estudo exploratório: Design, universidade e estudos de gênero, sexualidade e <i>queer</i>	78
2.1.1. Etapas iniciais do estudo exploratório.....	79
2.1.2. Resultados do estudo exploratório.....	87
2.2. Revisão Bibliográfica de Escopo (RBE): Estudos de gênero, sexualidade, estudos <i>queer</i> e Design	97
2.2.1. Etapas iniciais da RBE (1 e 2)	102
2.2.2. Relato da etapa 3 da RBE	107
2.2.2.1. Estudo 1 – palavras-chave design, <i>queer</i> e <i>queer studies</i>	108
2.2.2.2. Estudo 2 – palavras-chave design, gênero, <i>gender</i> , sexualidade, <i>sexuality</i>	110
2.2.2.3. Estudo 3 – palavras-chave design e gênero	111
2.2.2.4. Estudo 4 – palavras-chave queerizar e queerização	112
2.2.2.5. Estudo 5 – palavras-chave design, cuír e cuíer	112
2.2.3. Análise de resultados preliminares nas etapas 4 a 9 da RBE ..	113
2.3. Entrevistas: com quem queeriza o Design	123
2.3.1. Apresentação dos entrevistados	127
2.3.2. Percepções sobre os estudos de gênero, sexualidade e <i>queer</i> com o Design	130
2.3.3. Desafios na aplicação das práticas <i>queer</i> no Design	133

2.3.4. Impactos das metodologias identificadas nos projetos	136
2.3.5. Futuro e percepções sobre um Design <i>queer</i>	138
Capítulo 3 – Discussões sobre um Design <i>queer</i>	142
3.1. Aonde vamos chegar ao “queerizar” o Design?.....	143
3.2. Guia visual e metodológico para um Design dissidente	167
Conclusão	172
Referências	178
Apêndices.....	192
Anexos	415

Introdução e Justificativa

Existe uma dificuldade de se encontrar projetos e conexões entre os estudos *queer* e o Design antes de dez anos atrás, comparado com atualmente. Isto reflete uma crescente abertura, no cenário contemporâneo do campo criativo, às problemáticas sociais, culturais e políticas que envolvem os estudos de gênero e sexualidade e, também, os estudos *queer*. Essas possibilidades são investigadas nesta tese, no capítulo 2, no qual são desenvolvidos um Estudo Exploratório e uma Revisão Bibliográfica de Escopo (RBE).

Apesar disso, ao observar o contexto complexo de 2025 no cenário global, percebe-se um aumento nos obstáculos quando são tratados assuntos sobre diversidade e inclusão em alguns países, como ocorre nos Estado Unidos da América (EUA), refletindo diretamente na internacionalização de iniciativas brasileiras, por exemplo.

As políticas antidiversidade e anti-inclusão, do então presidente norte-americano Donald Trump, têm caráter antidemocrático e vêm preocupando pesquisadores, jornalistas e uma grande parcela da população mundial. Em uma de suas ações mais recentes, Trump encerrou o programa “DEI” (Diversidade, Equidade e Inclusão, na tradução para o português)¹, um compilado de programas e iniciativas relacionados às políticas públicas voltadas a grupos historicamente sub-representados ou discriminados (CNN, 2025).

Para se compreender o tamanho desta problemática, destaca-se aqui um breve histórico. O programa emergiu nos EUA na década de 1960, como movimento dos direitos civis para proteger e expandir os direitos da população negra americana. As iniciativas de ações afirmativas e igualdade de oportunidades evoluíram para englobar também, os direitos das mulheres, da comunidade LGBTQIAP+ e de outros grupos étnico-raciais (BBC, 2025). São essas as iniciativas que estão sendo desmanteladas pelo atual governo americano e levando a algumas empresas como META (dona do Facebook, Instagram e Whatsapp) e Alphabet (dona do Google) a seguir o mesmo caminho.

¹ A sigla “DEI” significa *Diversity, Equity and Inclusion*, em inglês.

No sentido contrário, empresas como a Apple têm defendido a manutenção destes programas até então, apesar de pressão por parte de grupos conservadores (G1, 2025).

O impacto deste cenário mundial é preocupante inclusive para o Brasil. Segundo o relatório da plataforma TeamHub chamado “Del sob pressão: adaptar, resistir ou desistir?” e analisado pelo Jornal Estadão em 2025, “51% das empresas no País já realizaram ajustes em políticas internas da agenda devido a pressões políticas, sociais ou reputacionais” (Ferreira, 2025, n.p.). Um exemplo dessas mudanças nas empresas é a troca de termos como “diversidade e inclusão” por outros considerados mais neutros como “cultura” ou “talento”. Também cresceu o discurso sobre meritocracia em substituição às metas afirmativas. Conforme relatado pela jornalista Shangaly Ferreira (2025, s.n.), “85% das lideranças reconhecem Del [Diversidade e Inclusão] como estratégia essencial para inovação e sucesso, [mas] 23% dizem que não é prioridade em suas empresas”.

Em uma pesquisa do portal Vagas.com divulgada pelo G1 (Moura, 2025), foi destacado que o Brasil teve uma redução de 80% nas vagas afirmativas entre junho e dezembro de 2024, coincidentemente logo após os avanços das políticas antidiversidade fora do país. Um cenário preocupante nacional e mundialmente.

É preciso que projetos e pesquisas de enfrentamento aos ideais antidemocráticos e antidiversidade se fortaleçam e continuem sendo fomentados pelas iniciativas públicas nacionais, pelas universidades e pela população no geral, evitando que esse caminho seja o reflexo das políticas públicas futuramente.

Conectar tudo isso com o Design é um grande desafio contemporâneo. É preciso ir por etapas para desenhar essa cronologia e compreender algumas respostas para as perguntas que serão desenvolvidas aqui. Considerando essa contextualização, sabe-se que pesquisar gênero e sexualidade é também dialogar com diversidades e perspectivas inclusivas.

Como comparativo, tem-se a questão da inclusão. Pode-se considerar que pensar em inclusão no Design é algo relativamente recente. Segundo John Clarkson e Roger Coleman (2013), pesquisadores do *Royal College of Art* em

Londres, o termo Design Inclusivo foi usado pela primeira vez apenas em 1994, no 12º Congresso trienal *The International Ergonomics Association and The Human Factors Association of Canada, Toronto*, para se ter uma visão geral sobre a aplicação de um Design Inclusivo para projetos voltados às deficiências e ao envelhecimento (Coleman, 1994). Desde então, o termo é muito aplicado e constantemente estudado, conforme será analisado no subcapítulo 1.3.

Se os e as “designers produzem representações da sociedade e ajudam a criar acesso a informações e ideias” (Lupton, *et al.*, 2023, p. 9), talvez estes mesmos e estas mesmas profissionais possam criar diálogos com questões sociais transversais ao universo dos estudos *queer*, com a mesma facilidade com que abordam a interdisciplinaridade entre áreas.

A prática do olhar para as diversidades e a aproximação com a interdisciplinaridade tornaram-se frequentes ao se projetar no Design. A origem dessa preocupação se deu há algum tempo, considerando o que Victor Papanek publicou na obra intitulada *Design para o Mundo Real*² (Papanek, 1971, tradução minha). A discussão tratou da “volatilidade” contemporânea da área e direcionava o designer e a designer para olhar o mundo à sua volta: o mundo real fora dos escritórios e agências onde existem desigualdades raciais, conflitos políticos e problemas sociais diversos.

Alguns anos depois, isso foi veementemente analisado por Rafael Cardoso no contexto do “mundo complexo” que envolve designers e projetistas. Cardoso argumentou sobre o que era essa complexidade do mundo na época: “[...] entende-se aqui um sistema composto de muitos elementos, camadas e estruturas, cujas inter-relações condicionam e redefinem continuamente o funcionamento do todo” (Cardoso, 2013, p. 25).

Se em meados dos anos 2010 o mundo já era complexo, atualmente os desafios contemporâneos são cada vez maiores e cercados de dicotomias e pluralidades que precisam de atenção.

² Título original: “*Design for the Real World*”

O mundo real, também descrito por Papanek quase cinquenta anos atrás, pode ser diretamente comparado com o mundo complexo, visualizado por Cardoso quinze anos atrás, e com o mundo contemporâneo, que faz parte do agora.

Neste mundo atual, são vistos inúmeros problemas semelhantes, incluindo todas as desigualdades e as problemáticas de gênero e sexualidade, além das problemáticas *queer*. Sobre o cenário de desafios, Cardoso (2013, p. 41) considerou que talvez “a principal lição para o Design [...] seja a de que não existem receitas formais capazes de equacionar os desafios da atualidade”, ou seja, não são teorias e estudos que, de forma isolada, imutável e individualizada, resolverão os enormes desafios da atualidade. Pelo contrário, é a capacidade transformativa e adaptativa do Design – junto as suas teorias – a força motriz capaz de desbravar as complexidades contemporâneas.

Apesar da comparação, não se pode dizer que esses mundos são os mesmos. Se Cardoso (2013) percebeu que a “explosão” do meio digital estava transformando de modo profundo a paisagem econômica, política, social e cultural 40 anos atrás, hoje a era da informação potencializa tudo, com a velocidade exorbitante do processamento de dados e a evolução da inteligência artificial.

A grande proliferação de informação e a globalização junto à interdisciplinaridade do Design possibilitou uma avalanche de novas conexões e sistematizações críticas e tornou necessária ao projetista uma atenção maior às perspectivas sociais, culturais e políticas externas a essa área. Como foi citado acima, atenção também às problemáticas de gênero e sexualidade e às problemáticas *queer*.

Em termos gerais, falar e pesquisar sobre Design pode gerar uma falsa sensação de que serão encontrados apenas projetos disruptivos, totalmente inovativos e atentos às complexidades contemporâneas. Como se ao fazer parte dessa área o produto fosse, por si só, diverso e acessível, plural e multifacetado.

Infelizmente é comum cair no esquecimento que por trás de um projeto de Design existe um ou uma profissional que pensou, planejou e executou o produto por meio de habilidades e conhecimentos plurais, adquiridos por meio de pesquisas na área em questão.

Estas pesquisas agrupam conhecimentos interdisciplinares (por que não transdisciplinares?!) provenientes ou do próprio campo, como estudos sobre as cores, sobre a anatomia da tipografia, sobre a expressão gráfica, sobre a ergonomia ou da intersecção com outras áreas do conhecimento, como estudos sobre a psicologia das cores, sobre a semiótica, sobre a física.

E esses conhecimentos muitas vezes originam-se em estudos desenvolvidos em universidades, com suporte de grupos de pesquisas e projetos de extensão, com articulações na graduação e na pós-graduação.

Se todas essas conexões existem, se as intersecções do Design com outras áreas são reais e acontecem desde que o “Design é Design”, por que algumas áreas raramente se evidenciam nas proximidades desse campo?

Atendo-se aos exemplos abaixo é possível analisar e começar a responder a essa pergunta.

Quando se buscam produtos relacionados ao vestuário sustentável, aos estudos sobre tecidos tecnológicos, térmicos ou renováveis, tem-se quase uma certeza de que é indispensável conectar conhecimentos do Design e da Moda, com a área das tecnologias e da Engenharia de Materiais, promovendo articulações com conhecimentos de fora do Design, como é o caso de estudos desenvolvidos por pesquisadoras³ da Universidade do Sul de Santa Catarina, que, através de uma revisão bibliográfica sobre alternativas de materiais e processos sustentáveis para a indústria têxtil, identificaram os “têxteis inteligentes”, como “fontes de energia vestíveis com alto desempenho” (Provin; Cubas; Dutra, 2021, p. 139). Essa utilização de têxteis inteligentes une Design, Engenharia e Moda para a produção de nanotecnologia no desenvolvimento de tecidos.

Isso também vale para quando se pretende desenvolver um produto para o ramo automobilístico. Não é pura e simplesmente um desenvolvimento apenas do Design, mas uma intersecção de conhecimentos provenientes das Engenharias, da Computação, da Medicina, da Semiótica. Como é o caso do projeto de um pesquisador⁴ da Escola Superior de Artes e Design de Portugal (ESAD), sobre o desenvolvimento de uma almofada anatômica para uma cadeira

³ Ma. Ana Paula Provin, Dra. Anelise Leal Vieira Cubas e Dra. Ana Regina de Aguiar Dutra.

⁴ Me. Ricardo Martins

de rodas, direcionado para pessoas com paralisia cerebral. O projeto envolveu as áreas do Design, da ergonomia e da saúde para “minimizar possíveis agravamentos de lesões corporais, derivadas da disposição de carga, causadas pelo uso a longo prazo” (Martins, R., 2022, p. 6).

Por fim, o último exemplo é sutil, porém de fácil identificação. Quando se pretende criar um brinquedo para crianças (uma nova boneca, por exemplo), quais são as principais áreas que vêm em mente? Provavelmente o campo da Moda, ao pensar nas vestimentas dessa boneca; o campo da Medicina, ao se preocupar com a anatomia do produto e com a cor do cabelo e dos olhos; a área da Psicologia, ao idealizar a conexão emocional possível entre a criança e a boneca; a área da Física, ao pensar sobre as articulações dos braços e a força aplicada pela criança ao puxar e arrastar o brinquedo.

Dois campos que provavelmente não foram pensados de imediato foram o dos estudos de gênero e sexualidade e o dos estudos *queer*. O termo *queer* significa “algo estranho” em inglês, mas foi apropriado e utilizado, no contexto do ensino, para referir-se aos estudos sobre gênero e sexualidade. O termo será conceituado com maior profundidade no subcapítulo 1.2.2.

Desde 2017, Denise Portinari já considerava que o Design precisava ser “queerizado”, visto que a ausência de estruturação teórica consolidando a interface entre o Design e os estudos de gênero e sexualidade ainda era uma grande realidade naquele ano. Portanto, esta tese parte do pressuposto de que é indispensável ao Design a problematização da (re)produção e da materialização das “estratégias da normatividade, através da análise crítica [...], para a produção de perspectivas e práticas contranormativas” (Portinari, 2017, p. 2).

Quando analisados os estudos de gênero e sexualidade e os estudos *queer*, é possível certificar-se de que eles já foram amplamente desenvolvidos em campos como a Antropologia, a Psicologia ou as Ciências Sociais, mas ao observar o desenvolvimento nos campos criativos (como o Design, a Arquitetura, a Comunicação e as Artes), nota-se uma história recente de aproximação com tais estudos e fica clara a oportunidade de aprofundamento teórico e metodológico.

A fim de possibilitar o desdobramento estratégico desta tese, é necessário analisar, junto ao objeto pesquisado, alguns temas como: o Design

queer, os estudos de gênero e sexualidade, a diversidade e a inclusão e a metodologia transdisciplinar.

Os três pilares que sustentam esta pesquisa são baseados em correlações de caráter transdisciplinar. São eles: as questões de gênero e sexualidade, os estudos *queer* e o Design. Uma das perguntas a ser feita é: por que relacionar esses três pilares, trabalhando potencialmente a importância deles de forma igualitária?

É perceptível que as atividades desenvolvidas no Design nos últimos anos passaram a ter um grande potencial de transformação social, aliado à inovação e às tecnologias. Quando se coloca em pauta a inclusão e as políticas de diversidade, encontra-se um foco de estudo relativamente recente, que aborda as conexões das problemáticas de gênero e sexualidade no universo projetual em qualquer uma de suas fases (seja no início, no meio ou no final de um projeto de Design).

É neste foco analítico que esta tese de doutorado monta suas bases para, em uma linha cronológica, responder a seguinte questão de pesquisa: **Quais são as principais ferramentas e estudos no campo do Design, utilizados entre 2010 e 2025, para práticas de suporte à diversidade, aos estudos *queer* e aos estudos de gênero e sexualidade em universidades brasileiras e quais são as pesquisadoras e os pesquisadores por trás deles?**

Partindo-se da hipótese de que utilizar metodologias e ferramentas do Design associadas aos estudos *queer* é benéfico para os projetos de diversidade e inclusão nas universidades brasileiras, esta tese busca compreender essas aplicações do Design nos estudos *queer* e nos estudos de gênero e sexualidade, a fim de identificar essas ferramentas e metodologias.

Como forma de alinhamento desse foco potencial, tem-se como objetos desta pesquisa as ferramentas do Design para a construção de práticas de suporte à diversidade e os pesquisadores e pesquisadoras que as desenvolveram ou que as proliferam. Tais ferramentas serão possivelmente encontradas dentro de iniciativas de grupos de pesquisa em universidades brasileiras com cursos de Design, em artigos, em projetos de conclusão de curso, em dissertações de mestrado ou teses de doutorado mapeadas durante a revisão exploratória e durante a revisão bibliográfica de escopo.

A estrutura desta tese está organizada em 3 capítulos:

O **Capítulo 1**, *Design e transgressão: um olhar fora do comum*, é uma investigação desde marcadores clássicos até contemporâneos dos estudos sobre Design, buscando indícios de que os projetos de Design podem ter um foco fora do comum, apropriando-se da transgressão sobre as normas e ideias preestabelecidas na área, a fim de pensar nas complexidades da atualidade. Esse capítulo traz uma discussão base para a tese ao colocar o Design em uma posição contranormativa e dissidente. Além disso, nele é analisada a interface Design e gênero através dos estudos *queer*. Ele também reitera o potencial de queerização da área (Portinari, 2017) para temáticas contemporâneas e define conceitos indispensáveis para a articulação de projetos nesta interface. Por fim, estabelece um apanhado conceitual sobre diversidade, Design Inclusivo, Design Participativo e práticas inclusivas no contexto de projetos.

O **Capítulo 2**, *Conexão Design e estudos de gênero, sexualidade e queer*, apresenta a investigação inicial da questão de pesquisa a partir de 3 processos metodológicos. Por meio de um Estudo Exploratório sobre o ensino em Design, são analisados quantitativamente os grupos de pesquisas e as estruturas curriculares de universidades com graduação e pós-graduação em Design com pontuações mais altas na CAPES e na avaliação mais recente do MEC. Na sequência, o capítulo traz uma análise aprofundada em forma de Revisão Bibliográfica de Escopo (RBE) sobre a conexão entre os estudos de gênero, sexualidade, os estudos *queer* e o Design, considerando as universidades e pesquisadores brasileiros da área do Design, seja na graduação ou na pós-graduação. Além disso, ele busca identificar e sistematizar os grupos de pesquisa, projetos de pesquisa (artigos, trabalho de conclusão de curso de graduação, iniciação científica, dissertação de mestrado e tese de doutorado) que relacionem Design e estudos *queer* ou Design e estudos de gênero e sexualidade. Por fim, o capítulo traz uma análise sobre as entrevistas realizadas com pesquisadores e projetistas (quem *queeriza* o Design) selecionados a partir dos dois estudos anteriores.

O **Capítulo 3**, *Discussões sobre um Design queer*, analisa os resultados dos estudos anteriores ao questionar sobre onde vamos chegar ao “queerizar” o

Design, apresentando referências e dando contexto a um Design *queer*. Ele também traz as percepções adquiridas a partir dos resultados das entrevistas com quem *queeriza* o Design e exemplifica as ferramentas e metodologias identificadas. Ao final, através do Design da Informação, os dados são transformados em um guia visual e metodológico sobre o Design *Queer*.

Objetivos

Objetivo Geral

O objetivo geral da pesquisa é mapear e descrever as interseções entre o Design e os estudos *queer* através de quem os pratica e pesquisa em universidades brasileiras entre 2010 e 2025, identificando ferramentas e metodologias que contribuam para práticas de suporte à diversidade e às dissidências.

Objetivos Específicos:

- Compreender as relações entre os estudos *Queer* e o Design, analisando como questões de diversidade e contranormatividade impactam o campo projetual do Design;
- Investigar o uso de metodologias inclusivas, contranormativas e dissidentes no Design, identificando exemplos práticos e desafios;
- Identificar e categorizar iniciativas acadêmicas e profissionais que utilizam abordagens *queer* no Design no contexto brasileiro, entre 2010 e 2025;
- Refletir criticamente sobre os desafios e potencialidades da aplicação do Design *queer* na prática universitária brasileira;
- Entrevistar pesquisadoras e pesquisadores brasileiros do campo do Design que desenvolvem projetos e pesquisas ou que coordenam grupos de trabalho sobre temáticas dissidentes de gênero, sexualidade ou *queer*.
- Elaboração de um guia para um Design *queer* para experimentação e exemplificação de práticas contranormativas no Design.

Materiais e Métodos

A pesquisa tem caráter qualitativo, adotando uma abordagem exploratória e descritiva. Pretende-se compreender como os estudos *queer* dialogam com o Design, identificando práticas e metodologias que contribuem para a inclusão e diversidade.

Para que isso se concretize, a pesquisa adotará uma abordagem utilizando três principais métodos: (1) Estudo exploratório para identificar iniciativas acadêmicas; (2) Revisão Bibliográfica de Escopo (RBE) para mapear estudos existentes; e (3) Entrevistas com pesquisadores e pesquisadoras identificados (as) nos estudos anteriores para aprofundar a análise das práticas *queer* no Design. Segue um resumo dos métodos utilizados e, posteriormente, a versão detalhada:

Métodos utilizados:

1. Estudo Exploratório

- Investigação sobre como o Design tem sido aplicado a questões de gênero, sexualidade e *queer* em universidades.
- Inclui análise de:
 - Grupos de pesquisa;
 - Disciplinas da estrutura curricular;
 - Professores.
- Objetivo: Identificar quais instituições e pesquisadores estão produzindo conhecimento nessa interface.

2. Revisão Bibliográfica de Escopo (RBE)

- Método usado para mapear as pesquisas existentes na interface Design-*Queer* e Design-gênero-sexualidade.
- Baseado no modelo de Arksey e O'Malley (2005), seguindo os seguintes passos:
 1. Definição da questão de pesquisa e dos critérios de inclusão/exclusão;

2. Seleção das bases de dados (*SciELO*, *Google Scholar*, *Web of Science*, *Scopus*);
3. Análise dos artigos e materiais encontrados para mapear conceitos, metodologias e aplicações do Design *queer*;
4. Sistematização dos achados e categorização dos principais temas encontrados.

3. Entrevistas Qualitativas

- Participantes: Designers e/ou pesquisadores e pesquisadoras que trabalham com Design e estudos *queer* ou Design e estudos de gênero e sexualidade.
- Critérios de seleção: Professores(as), estudantes e profissionais com produção acadêmica ou prática relevante na área, identificados a partir da RBE ou do estudo exploratório.
- Número previsto de entrevistas: Aproximadamente 22, até atingir a saturação dos dados.
- Análise dos dados: Será utilizada a Análise de Conteúdo (Bardin, 2011), categorizando as falas em eixos temáticos, como:
 - Percepção sobre Design *Queer*;
 - Desafios na aplicação de práticas *queer* no Design;
 - Impacto das metodologias nos projetos acadêmicos e profissionais;
 - Futuro do *queer* no Design.

Versão detalhada dos métodos utilizados:

A partir de um levantamento bibliográfico sobre as relações transdisciplinares desenvolvidas no campo dos estudos *queer* e do Design, serão destacadas a transdisciplinaridade e a complexidade da aproximação das áreas. O conceito de complexidade esteve sempre presente no discurso projetual, “mas de forma quantitativa, como em números de componentes do

problema. No cenário atual, a complexidade vai além dos aspectos quantitativos e até mesmo qualitativos” (Van Der Linden; Lacerda, 2012, *apud* Lago; Batista; Domiciano, 2019, p.10).

As análises desenvolvidas também aliam um levantamento bibliográfico detalhado, com a análise de aplicações dos campos de estudo indispensáveis para a identificação de metodologias e ferramentas utilizadas na construção de práticas de suporte à diversidade e à dissidência. Segundo José Oliveira Lima e Miriam Manini (2016), a pesquisa qualitativa envolve um “processo dialógico entre o que originalmente foi pensado e a riqueza da dinâmica e do confronto com a realidade complexa que vai sendo descortinada ao longo da investigação” (Lima; Manini, 2016, p. 63).

As metodologias de suporte no campo qualitativo utilizadas são: a Análise de Conteúdo (hermenêutica e conjunto de técnicas de análise de comunicações, significados e significantes), a Pré-análise (desenvolvimento de hipóteses de conteúdo), a Categorização (de teorias e referências “entrelaçadas”), a Interpretação (referente aos dados organizados) e o Uso de Softwares de Dados Qualitativos (como editores de texto e de planilha para catalogar as referências e gerar gráficos específicos).

Além disso, foram utilizadas as metodologias do Design Participativo que estejam correlacionadas com esse processo híbrido. Para entendimento do termo, o Design Participativo nada mais é do que uma prática ou metodologia de desenvolvimento que pretende coletar, analisar e projetar algo juntamente com a participação de usuários e do público-alvo (Camargo; Fazani, 2014).

Para validar as proposições, foi realizada uma Revisão Exploratória (1) e, posteriormente, uma Revisão Bibliográfica de Escopo (RBE) (2), através de um estudo preliminar a fim de delimitar artigos, trabalhos de conclusão de curso, teses e dissertações que potencialmente se relacionam com o tema.

A **Revisão Exploratória (1)** é parte integrante da pesquisa principal, e tem como finalidade a melhor adequação do instrumento de medida à realidade que se deseja conhecer, “além de permitir que a realidade seja percebida tal como ela é e não como o pesquisador pensa que seja” (Piovesan; Temporini, 1995, p. 321).

Uma revisão de caráter exploratório é realizada em algumas etapas com metodologias próprias, onde cada uma delas se apoia nos resultados da etapa anterior. Segundo Armando Piovesan e Edméa Rita Temporini (1995, p. 322) “Não existe um número predeterminado de etapas; serão realizadas tantas quantas forem necessárias, até a elaboração de um instrumento totalmente estruturado”.

As etapas da Revisão Exploratória presentes nesta tese apresentam a seguinte estrutura básica: 1. Definição da questão de pesquisa e dos objetivos; 2. Desenvolvimento e alinhamento de critérios de inclusão (palavras-chave e demais critérios); 3. Seleção de locais para extração dos dados; 4. Organização e análise de dados; 5. Apresentação dos resultados.

Já a **Revisão Bibliográfica de Escopo (RBE) (2)**, em sua essência, tem a seguinte estrutura: 1. Definição da questão de pesquisa e dos objetivos; 2. Desenvolvimento e alinhamento de critérios de inclusão (palavras-chave e demais critérios); 3. Seleção de estudos e descrição da abordagem (para extração de dados); 4. Organização de dados e busca por evidências (qualitativa); 5. Seleção de evidências; 6. Consulta e extração de evidências; 7. Análise de evidências; 8. Apresentação dos resultados; 9. Resumo das evidências e conclusões a partir dos resultados. A mesma estrutura foi utilizada nesta tese.

Segundo o instituto *Joanna Briggs Institute – JBI* (2024), que elaborou um Manual de Síntese de Evidência, a metodologia de revisão de escopo foi refinada e ainda mais detalhada em grupos de trabalho realizados por eles. Os *frameworks* indicados pela instituição foram originalmente propostos por “Arksey e O'Malley (2005) e aprimorados por Levac *et al.* (2010) e Peters *et al.* (2015, 2017, 2020)” (Aromatis, *et al.*, 2024, s.n.).

O estudo exploratório e o estudo de escopo desenvolvidos serão detalhados no capítulo 2.

Na sequência, foram analisados padrões e repetições de professores(as) orientadores (as) de projetos na área e de alunos(as) com projetos de pesquisa na área, para elaboração de entrevistas qualitativas (3). Foi dada preferência para regiões onde há cursos de Design, maior concentração de pesquisas e pesquisadores na área analisada, além da presença de grupos de pesquisa na área ou próximos dela. Foram analisados os dados quantitativos e qualitativos em

comparativo com as propostas do projeto para elaboração de conteúdos gráficos de infografia e dataviz organizados em um guia para facilitar a busca por informações mapeadas na interface Design e estudos *queer*.

As **Entrevistas Qualitativas (3)** fazem parte de um método de pesquisa chamado História Oral. A História Oral concentra-se na realização de entrevistas com pessoas que participaram ou observaram acontecimentos, situações, visões de mundo, para obter certa aproximação com o objeto de estudo (Alberti, 2013). Segundo Verena Alberti:

A entrevista de história oral com seu registro gravado e transcrito documenta uma visão do passado. Isso pressupõe que essa visão e a comparação entre diferentes visões tenham passado a ser relevantes para estudos na área das ciências humanas. Trata-se de ampliar o conhecimento sobre acontecimentos e conjunturas do passado por meio do estudo aprofundado de experiências e visões particulares; de procurar compreender a sociedade através do indivíduo que nela viveu; de estabelecer relações entre o geral e o particular mediante a análise comparativa de diferentes testemunhos, e de tomar as formas como o passado é apreendido e interpretado por indivíduos e grupos como dado objetivo para compreender suas ações (Alberti, 2013, p.25).

Como forma de estruturar as entrevistas, foram estabelecidos alguns parâmetros principais baseados nesta pesquisa de doutorado, nas hipóteses apresentadas e nos objetivos delimitados. Para entrevistar é indispensável, primeiro, estruturar um cronograma de trabalho, seguido de um roteiro geral de entrevistas e roteiros individuais de acordo com questões individuais a serem questionadas aos entrevistados. Por fim, realizam-se os agendamentos, gravações e análise dos dados recebidos. Estes critérios serão apresentados com mais profundidade no capítulo 2. Eles foram inicialmente quantitativos, baseados na Revisão Exploratória e na RBE, e posteriormente qualitativos, considerando os resultados das questões elaboradas ao longo da tese.

De acordo com os propósitos da pesquisa relacionados ao tema e à questão a ser investigada por meio das entrevistas (aproximação do Design com os estudos *queer*) foi possível escolher entre os dois principais tipos de entrevista a serem realizados, segundo Alberti (2013): *entrevistas temáticas* e *entrevistas de história de vida*. As entrevistas temáticas “são aquelas que versam prioritariamente sobre a participação do entrevistado no tema escolhido, enquanto

as de história de vida têm como centro de interesse o próprio indivíduo na história” (Alberti, 2013, p.48).

Nas palavras de Thaís Oyama (2014), de forma simplificada as entrevistas podem ser divididas em duas categorias (que confirmam as divisões propostas por Alberti): *entrevistas de informação*, que podem ser breves, longas, testemunhais ou temáticas; *entrevistas de perfil*, que procuram mostrar quem é o entrevistado.

Portanto, considerando as duas pesquisadoras, o tipo de entrevista selecionado para inserção no capítulo 3 foi a entrevista temática (ou “de informação”, segundo Oyama).

O objetivo é selecionar cerca de 15 participantes que são professores (as), estudantes ou profissionais com produção acadêmica ou prática relevante na área em questão e que tenham aparecido mais vezes nos estudos anteriores. Será utilizada a Análise de Conteúdo de Bardin (2011) para categorizar as falas dentro de eixos temáticos, como: Percepção sobre Design *Queer*; Desafios na aplicação das práticas *queer* no Design; Impactos das metodologias inclusivas identificadas nos projetos acadêmicos e profissionais; Futuro do *queer* no Design.

Em relação aos procedimentos éticos, as entrevistas seguiram protocolos éticos de pesquisa acadêmica, garantindo o consentimento dos participantes, conforme instruções do Comitê de Ética em Pesquisa da FAAC.

Os resultados das entrevistas forneceram subsídios para o desenvolvimento de diretrizes para um Design mais inclusivo e diverso, contribuindo para práticas projetuais e acadêmicas alinhadas aos estudos *queer*.

Com aporte destas metodologias, foi possível desbravar nichos temáticos teóricos e projetuais para fazer desta tese o ponto de partida para a identificação de ferramentas utilizadas na construção de práticas de suporte à diversidade e às dissidências, através das aplicações do Design e dos estudos *queer*.

CAPÍTULO 1

Design e transgressão: um olhar fora do comum

Este capítulo examina a interseção entre Design e estudos *queer*, fornecendo a base teórica para compreender como essas áreas dialogam. A partir desta análise, serão realizadas uma Revisão Exploratória e uma Revisão Bibliográfica de Escopo (RBE) no capítulo seguinte, para mapear estudos que já abordam essa conexão.

1.1. Perspectivas do Design à subversão

Não é de hoje que o Design é colocado no centro de inquietações sobre o impacto das criações, como na tríade “o que já fizemos?”, “o que estamos fazendo?” e “o que pretendemos fazer?”. Os questionamentos sobre o ato de fazer e projetar são frequentes na área e a transformam em uma ciência nada exata, pelo contrário, repleta de influências das humanidades.

Ao buscar justificativas à qualquer coisa que se pretende projetar, nas origens da área séculos atrás, tem-se na arte um ponto de intersecção com o fator humano que contempla o Design como um todo. Walter Crane foi uma das pessoas que reforçou essa ideia.

Em 1898, Crane reuniu em seu livro *The bases of design* uma série de palestras que foram ministradas aos alunos da *Manchester Municipal School of Art* durante seu período como Diretor de Design da instituição (Crane, 1920, p. vii). O foco do livro foi reunir uma série de itens que ele considerou como as bases para o Design na época, como reflete o próprio título. Diferentemente de um manual com a receita pronta de como projetar, o conteúdo segue uma linha do tempo que recomeça a cada temática trabalhada e propõe o questionamento constante.

Dos ideais da arquitetura, até a constatação de uma influência coletiva na área, Crane dialogou com outros temas que foram apontados como influentes ao Design: os materiais e métodos, as informações condicionais, os elementos emblemáticos, o naturalismo, o individualismo e as questões raciais. O principal objeto de observação de Crane (1920, p. vii, tradução minha)⁵ foram “as veias e nervos vitais da relação nas artes do Design, que [...] sustentam e unem em um todo orgânico a árvore viva”. Conforme pontuado por Crane:

Numa época em que, devido à ação de certas causas econômicas — sendo a principal a concorrência comercial — a tendência é especializar cada ramo do design, que assim se torna isolado do restante, sinto que é de máxima importância manter em mente a verdadeira conexão fundamental e a unidade essencial da arte: e embora possamos, como estudantes e artistas, na prática estar atentos a colher o fruto do

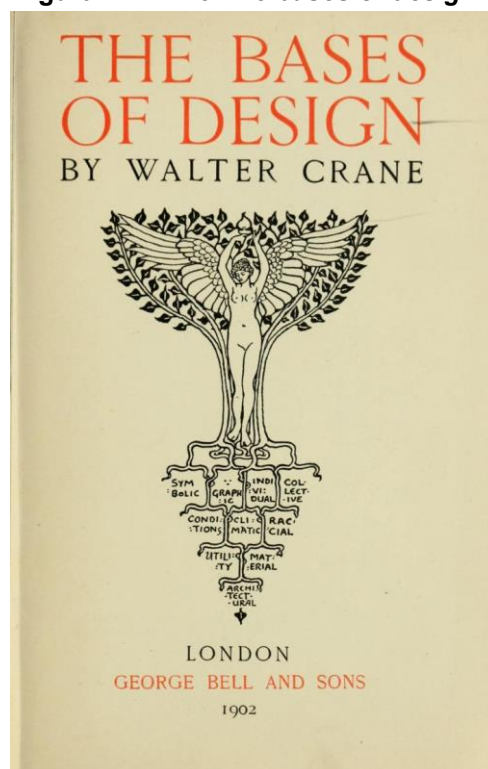
⁵ No original: “My main object, however, has been to trace the vital veins and nerves of relationship in the arts of design, which, like the sap from the central stem, springing from connected and collective roots, out of a common ground, sustain and unite in one organic whole the living tree.”

ramo particular que desejamos tornar nosso, nunca deveríamos ser insensíveis à sua relação com outros ramos, à sua dependência do caule principal e à fonte de sua vida na raiz (Crane, 1920, p. vii, tradução minha)⁶.

Ao observar a ilustração presente na capa e no interior do livro (Figura 1), nota-se a metáfora do Design antropomorfo, a “árvore humana” que representa a área, absorvendo como “nutrientes”, elementos que representam a sua força. Destaca-se a posição basal da “arquitetura” e os elementos de sustentação, mais próximos da árvore, que são o “simbólico”, o “gráfico”, o “individual” e o “coletivo”. Vale reforçar que não será analisado aqui, nesta tese, um ponto de observação que pode resultar em uma pesquisa à parte: a ilustração do corpo feminino padronizado e sua correlação com a ideia de “natureza”.

O que será analisado e trabalhado aqui se destaca logo abaixo destes itens mencionados acima: o elemento “racial” e seu impacto ao Design.

Figura 1 – Livro *The bases of design*



Fonte: Crane (1902)

⁶ No original: “In an age when, owing to the action of certain economic causes—the chiefest being commercial competition—the tendency is to specialize each branch of design, which thus becomes isolated from the rest, I feel it is most important to keep in mind the real fundamental connection and essential unity of art : and though we may, as students and artists, in practice be intent upon gathering the fruit from the particular branch we desire to make our own, we should never be insensible to its relation to other branches, its dependence upon the main stem and the source of its life at the root.”

Crane relacionou elementos artísticos e simbólicos do que ele chamou de “comunidades primitivas”⁷, dos povos Asiáticos, dos Egípcios, dos Assírios, dos Celtas, entre outros – como hieróglifos e pictogramas –, aos aspectos raciais, às ações coletivas e às características individuais de cada um. Ele considerava que muitas destas raízes artísticas tinham influência racial.

Essas predileções e peculiaridades pessoais, que todos possuímos, essas diferenças de temperamento e qualidade de percepção que afetam nosso senso de cor e forma, que explicam as variações de tratamento na representação, no design ou no desenho, dos mesmos objetos por pessoas diferentes. O que são e de onde vêm? Elas pertencem à própria constituição de nossas mentes e corpos; ultrapassam nosso próprio controle e, muitas vezes, quase nossa própria consciência. Pertencem a nossos progenitores e antepassados talvez tanto quanto a nós mesmos, e estão perdidas nos registros fragmentados de histórias familiares passadas; só podemos dizer que certas formas e cores aparecem de tal modo aos nossos olhos, que nos deleitamos mais que outros porque assim estamos preparados. Essas indicações de caráter e preferências são geralmente detectáveis, quando há pistas e registros, na raça ou na mistura de raças das quais surgimos (Crane, 1920, p.191, tradução minha)⁸.

Evidentemente que as indagações e afirmações discursivas de Crane são problemáticas quando deslocadas para o contexto atual, considerando que foram produzidas enquanto o Império Britânico tinha domínio sobre boa parte do mundo. É preciso se atentar ao uso que o Design, na época, fazia dos padrões de diversas culturas. Uma espécie de apropriação de identidades culturais em larga escala (Moura, 2021). Conforme analisado pelo crítico de Design português Mário Moura (2021, p.25, tradução minha)⁹, “talvez possamos encarar o livro de Crane como um artefato histórico de boas intenções, posteriormente maculado pelos traços racistas do discurso de sua época”.

⁷ O termo caiu em desuso na história moderna por sua conotação evolucionista e eurocêntrica, sugerindo que povos antigos e/ou “povos originários” fossem considerados “inferiores” ou “menos evoluídos”.

⁸ No original: “*Those personal predilections and idiosyncrasies which we each possess, those differences of temper and qualities of perception which affect our sense of colour and form, which account for those variations of treatment in the rendering, in design or drawing, of the same objects by different persons—what are these and whence do they come? They belong to the very constitution of our minds and bodies ; they are beyond our own control, and beyond almost our own consciousness, oftentimes. They belong to our progenitors and ancestors perhaps as much as to ourselves, and are lost in the broken records of past family histories; we can only say that certain forms and colours appear so and so to our eyes, that we delight in some more than others—because we are made that way. Such indications of character and preferences are generally traceable, where clues and records exist, to the race, or mixture of races from which we have sprung.*”

⁹ No original: “*Talvez pudéssemos encarar o livro de Crane como artefacto histórico de boas intenções, maculadas a posteriori pelos tiques racistas do discurso da sua época.*”

Quase ao final do século XIX, a noção de raça se situava entre o determinismo biológico e o cultural (Moura, 2021) e carregava preconceitos e visões limitadas sobre algumas características sociais e culturais da humanidade.

Aliás, os séculos XVIII e XIX trouxeram a industrialização através das Revoluções Industriais, o que transformou, também, esses fatores sociais e culturais, por meio da evolução dos métodos de produção e do impacto no desenvolvimento de projetos.

No que diz respeito à história do Design, ela “nos chega sobretudo através de imagens isoladas de seu contexto de origem, reivindicadas por interpretações contraditórias e intenções antagônicas” (Moura, 2021, p.22, tradução minha)¹⁰, muitas vezes contada a partir de uma progressão de biografias e estilos, onde contribuições feitas por mulheres ou grupos marginalizados acabam sendo invisibilizadas, mesmo tendo impactos relevantes (Serpa, 2025).

A complexidade histórica do Design envolve esses e outros vários fatores e interpretações de eventos passados em constante conexão com a concepção de ideias, originalmente através da materialização de produtos.

Rafael Cardoso estudou essa evolução histórica, assim como as interações entre sociedade, consumo e a indústria em seu livro *“Uma introdução à história do design”*. Cardoso (2000) analisou a comunicação dentro do novo cenário urbano, a evolução da indústria e do consumidor moderno, as teorias modernistas da Bauhaus e a globalização como ferramenta de transformação.

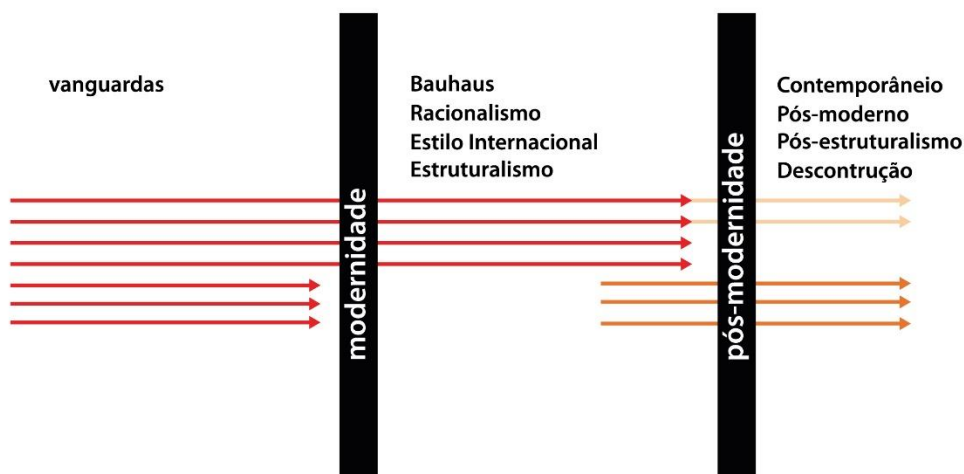
Alguns questionamentos foram tomando força à medida que a história do Design era analisada por esses diversos pesquisadores. Percebeu-se um movimento do Design para a libertação da rigidez normativa que dominou a área durante mais de meio século (Cardoso, 2000), considerando a partir da metade do século XIX.

Raquel Noronha (2024) pontuou que foi nesse mesmo período, ao final do século XIX, que a modernidade absorveu características de uma pré-modernidade conturbada e diversa, repleta de multiplicidade de estéticas e

¹⁰ No original: “[...] chega-nos sobre tudo através de imagens isoladas do seu contexto de origem, reclamadas por interpretações contraditórias e intenções antagônicas.”

visões. A autora resume bem a passagem da modernidade para a pós-modernidade no campo do Design na imagem abaixo (Figura 2).

Figura 2 – Infográfico de Raquel Noronha: Modernidade – Pós-modernidade no campo do design



Fonte: Noronha, 2024, p. 99

Com o advento da pós-modernidade, na segunda metade do século XX (após a Segunda Guerra Mundial), Dijon de Moraes considerou que um dos objetivos da indústria, o de “proporcionar melhor qualidade de vida e conforto para a maioria dos habitantes do planeta” (Moraes, 1999, p. 60), ficou cada vez mais distante de ser alcançado devido ao contexto, principalmente, geopolítico e social.

A responsabilidade social do e da designer ao projetar refletiu este cenário e trouxe uma linguagem universal marcadamente crítica. Muitos e muitas designers passaram a confrontar “de maneira ativa as sociedades em que vivem, em termos políticos e culturais, e pensando cada vez mais globalmente em um mundo todo interconectado” (Armstrong, 2022, p. 12).

No fim da década de 1960, a maré começou a virar, levando a um renovado senso de responsabilidade social entre os designers. E veio a hora de uma reação pós-moderna à neutralidade modernista (Armstrong, 2022, p.13).

Segundo Moraes (1999), foi nesse mesmo período que o Design passou a se aproximar cada vez mais da Antropologia, das Ciências Sociais, da Filosofia e da Sociologia para, finalmente, tentar antecipar algumas das necessidades reais dos usuários. Essa aproximação fez com que o campo transcendesse discussões sobre raça, classe e gênero através de princípios e linguagens

universais (Moura, 2021), compreendendo que não existe mais apenas um jeito correto de fazer as coisas.

A marca registrada da pós-modernidade é o pluralismo, ou seja, a abertura para posturas novas e a tolerância para posições divergentes. Na época pós-moderna, já não existe mais a pretensão de encontrar uma única forma correta de fazer as coisas, uma única solução que resolva todos os problemas, uma única narrativa que amarre todas as pontas (Cardoso, 2000, p. 208).

Para além do que foi dito por Moraes, sobre a maior aproximação do Design com outras Ciências Sociais no período da pós-modernidade, vale discordar parcialmente sobre essa afirmação, pois tem-se anteriormente uma preocupação latente, segundo Adrian Forty.

Em *Objetos de Desejo*, Forty (2007) articula sobre Design e os artefatos de forma estrutural, utilizando, muitas vezes, a Sociologia, a filosofia da cultura e a antropologia estruturalista como base analítica. Suas articulações estão situadas historicamente no capitalismo industrial dos séculos XVIII e XIX, trazendo para a contemporaneidade do momento em que a obra originalmente foi escrita, em 1986.

Ao analisar o ceramista inglês Josiah Wedgwood e o neoclassicismo, Forty deixou claro que o Design já operava como mediação social e econômica desde o início da industrialização, muito antes da pós-modernidade.

A demanda por artigos de cerâmica aumentou constantemente durante o século XVIII, mas não apenas devido ao crescimento da população. A nova popularidade do chá requeria taças de cerâmica (uma vez que não é possível beber líquidos quentes com conforto num recipiente de metal), ao mesmo tempo que a expansão colonial criava mercados no além-mar. Entre as razões do seu sucesso incomum estavam a racionalização dos métodos de produção em sua fábrica, suas criativas técnicas de marketing e, particularmente, sua atenção aos produtos (Forty, 2007, p. 28).

Nas análises de Forty (2007) o Design é pautado como instrumento social do capitalismo, confrontado por ferramentas da história econômica e da sociologia do consumo, não apenas como fenômeno cultural. Da época destas análises para o que foi descrito por Moraes, o que mudou foram as abordagens e a ênfase nos discursos sobre Design.

Na transição entre a pós-modernidade do século XX e a contemporaneidade do século XXI foi identificado um grande desafio da interação

entre estes dois domínios: os fatos do Design e os fatos sociais e políticos da história local (Bonsiepe, 2022). Essa dimensão pública, social e política tornou-se denominador comum dos projetos em Design e quase foi esquecida durante o início do século XXI. Em outras palavras, tornou-se cada vez mais necessário “manter a consciência do contexto sociocultural e socioeconômico no qual o design industrial e gráfico se manifesta” (Bonsiepe, 2022, p. 156, tradução minha)¹¹.

Com o tempo, a atuação do designer e da designer tornou-se complexa e o desenvolvimento de projetos em Design passou a necessitar de conhecimentos extras, além dos ligados à tecnologia, por exemplo a noção sobre a relação dos produtos com seus usuários, chamado por Lucy Niemeyer de “design atitudinal” (Niemeyer, 2016). O Design passou, portanto, a “tratar da concretização de significados e de interesses” (Niemeyer, 2016, p. 83) e a valorizar a interação e a identidade.

Quando Gui Bonsiepe escreveu sobre identidade e contra-identidade em 2016, ele relacionou globalização e identidade como peças centrais do discurso do Design naquele período. No cerne dos projetos em Design, seja no Design Gráfico ou no Design Industrial, ao questionar sobre a identidade do projeto, a relação que se estabelece provém de práticas culturais da vida cotidiana.

A questão sobre o conceito de identidade surgiu nas disciplinas do design, especialmente na comunicação visual, no design industrial, no artesanato e até mesmo na arquitetura. Isso é importante porque, por um lado, as disciplinas do design formam práticas da vida cotidiana e, por outro, refletem diferentes formas culturais da vida cotidiana (Bonsiepe, 2022, p.195, tradução minha)¹².

Segundo Marcos Beccari (2021, p. 77), é por meio de normas e identidades que o Design se dá, “atribuindo autoridade a certos discursos e modos de viver”.

Essa discussão ainda é bastante pertinente e vem se multiplicando para outros tópicos e pontos de observação. Atualmente, considera-se que “uma das especialidades do Design é fabricar identidades” (Moura, 2021, p. 8), mas a

¹¹ No original: “In other words, to maintain awareness of the sociocultural and socioeconomic context in which industrial and graphic design manifest themselves.”

¹² No original: “The question about the concept of identity has arisen in design disciplines, especially in visual communication, industrial design, handicrafts, and even architecture. This is important because, on the one hand, the design disciplines form practices of daily life, and, on the other hand, they reflect different cultural forms of daily life.”

produção massificada delas demonstra um papel desatento e ainda despolitizado do campo. Globalização e identidade passam a ocupar uma posição central no discurso do Design contemporâneo (Bonsiepe, 2022).

A massificação identitária está diretamente ligada à valorização de identidades minoritárias – sejam elas femininas, LGBTQs ou outras – e à preocupação com elas no desenvolvimento de qualquer projeto. Conforme discutido por Moura:

É a massificação da identidade pública que permite que pessoas com interesses semelhantes descubram causas ou inimigos comuns, divulguem identidades minoritárias, apoiem ideais revolucionários, reacionários, feministas, machistas, LGBTQ+, *alt-right*, além dos diversos fundamentalismos ou nacionalismos. A identidade é um fórum e um campo de batalha. E o design é, também aqui, peça fundamental, construindo as interfaces que mediam essas novas identidades (Moura, 2021, p. 9, tradução minha)¹³.

Ao contrapor a questão identitária e a queerização (explorada mais à frente) revela-se o caráter não-identitário do movimento *queer*.

Falou-se aqui sobre o universalismo das questões abordadas nos projetos de Design e sobre uma certa neutralidade do campo no que diz respeito às questões de classe, raça e gênero. Mas não existem modos “neutros” de se fazer Design, o campo ainda está moldado em formas de fazer pautadas na modernidade (Cunha, Borges, 2024), apesar de ser potencialmente apto a mudanças. Inclusive, analisar o histórico da área e “relatar o ponto de onde partimos é atestar que não existe neutralidade no fazer design” (Altmayer; Veras, 2021, p. 104), existe uma necessidade de reavaliação crítica constante das próprias práticas.

Apesar disso, se em pleno Século XXI notam-se problemáticas contemporâneas de uma sociedade imersa nos conceitos de classe, raça e gênero, talvez o campo perfeito para se abrir às transgressões do *queer* seja, realmente, o Design. Um campo em constante reavaliação. Afinal, ele é um

¹³ No original: “É a massificação da identidade pública, que permite a pessoas com interesses semelhantes descobrir causas ou inimigos comuns, divulgar identidades minoritárias, apoiar ideais revolucionários, reacionários, feministas, machistas, LGBTQ+, *alt-right*, os diversos fundamentalismos ou nacionalismos. A identidade é um fórum e um campo de batalha. E o design é, também aqui, peça fundamental, construindo as interfaces que medeiam estas novas identidades.”

exemplo de área que não se pode “propriamente dizer que seja pós-racial, pós-gênero e pós-classe, porque já não existe sequer memória histórica de um tempo em que o Design tenha sido algo diferente disso” (Moura, 2021, p. 32).

Quando Moura faz referência ao “pós-racial, pós-gênero e pós-classe” ele provavelmente se refere ao contexto de um campo que ultrapassa questões de raça, gênero e classe, como se elas já estivessem resolvidas e/ou encaminhadas. Coisa que, segundo ele, não acontece com o Design, porque praticamente todas as memórias históricas do campo envolvem esses conceitos de alguma maneira e não existe uma resolução simples para isso que faça com que eles sejam esquecidos ou “superados/resolvidos”.

Os marcadores históricos relatados durante este subcapítulo demonstram que o Design sempre esteve em contato com aspectos de classe, de raça e de gênero, mesmo que de forma indireta ou subjetiva, em conformidade com narrativas consideradas “confortáveis e fáceis” (Buckley, 2025, p. 99). Ele sempre esteve em contato com identidades, ao mesmo tempo que passou a fabricá-las.

Temos como exemplo a abordagem feminista dentro da história do Design, consolidada cada vez mais nos últimos anos. Algumas pesquisadoras da teoria e história feminista, aliadas à designers feministas, “tentaram coordenar suas atividades por meio de estratégias de ensino, organização de congressos e publicações” (Buckley, 2025, p. 39). Apesar desta questão de gênero estar desde sempre conectada ao histórico do Design, muitas vezes ela é invisibilizada por marcadores ainda coloniais e patriarcais.

Em um estudo de Ana Julia Melo Almeida (2024), foi elaborado um quadro comparativo sobre as pesquisas desenvolvidas na década de 80, com recorte de marcadores históricos dos estudos de gênero e Design (Figura 3).

Figura 3 – Quadro comparativo com pesquisas desenvolvidas na década de 80 na esfera dos estudos de gênero e Design

Estudos de Gênero déc. 80 Feminismo anti-essencialista	Estudos em Design déc. 80 Perspectiva feminista
1980. Sujeitos engendrados <i>Age, Race, Class and Sex</i> , Audre Lorde	1984. Mulheres no design <i>A Woman's Touch: Women in Design from 1680 to the present day</i> Isabelle Anscombe
1981. Mulheres negras e feminismo <i>Ain't I a Woman? Black Women and Feminism</i> , bell hooks	1986. Análise feminista no campo do design <i>Toward a Feminist Analysis of Women and Design</i> Cheryl Buckley
1984. Mulheres negras e feminismo no Brasil <i>Racismo e sexismo na cultura brasileira</i> Lélia Gonzalez	1989. Feminismo, mulheres e design <i>View from the Interior: Feminism, Women and Design</i> Judy Attfield e Pat Kirkham
1986. Gênero como categoria de análise histórica <i>Gender: A Useful Category of Historical Analysis</i> , Joan W. Scott	1989. Crítica feminista ao campo do Design <i>FORM/female FOLLOWS FUNCTION/male: Feminist Critiques of Design</i> Judy Attfield
1987. Conceito de tecnologia de gênero <i>Technologies of gender</i> , Teresa de Lauretis	
1988. Conceito de amefricanidade <i>A categoria político-cultural da amefricanidade</i> , Lélia Gonzalez	
1989. Conceito de interseccionalidade <i>Demarginalizing the Intersection of Race and Sex</i> , Kimberlé Crenshaw	

Fonte: Almeida, 2024, p. 40

Nota-se que o ponto norteador dessas pesquisas são perspectivas feministas. Além disso, chama a atenção que aspectos históricos atrelados às problematizações patriarcais por parte dos estudos sobre as mulheres, podem ser diretamente relacionados com estudos que aconteceram no mesmo ano dentro do campo do Design. Como exemplo, tem-se, de um lado, a pesquisa de 1986, *Gênero como categoria de análise histórica* de Joan W. Scott e do outro, no mesmo ano, a pesquisa *Análise feminista no campo do Design*, de Cheryl Buckley.

É importante alertar que essas duas pesquisadoras têm perspectivas bastante diferentes sobre o patriarcado e a chave gênero x mulheres. Por exemplo, Scott atua em nível epistemológico, propondo o gênero como categoria analítica universal na história, sem diálogo direto com o Design. Seu estudo citado concentra-se nas estruturas de poder e significado.

Já Buckley, traz um diálogo aplicado e disciplinar, que transpõe para o Design categorias analíticas muito ligadas ao campo da arte em diálogo direto com Griselda Pollock. Buckley (2025, p. 39) afirma “como observou Griselda Pollock, uma abordagem feminista não é uma questão lateral nem uma perspectiva histórica inusitada – é uma preocupação central da história do Design contemporâneo”.

Fica claro que, a partir da década de 80, algumas pesquisadoras do campo do Design dedicaram-se a analisar a intersecção entre as mulheres, o feminismo e o próprio campo, mas não é possível afirmar que essas questões estavam resolvidas dentro do Design neste mesmo período. As questões de gênero no Design podem ter provocado algumas inquietações expressivas na década de 80, mas estão longe de serem plenamente respondidas, inclusive atualmente.

Por falar em Cheryl Buckley, a autora analisou as questões relacionadas ao patriarcado com reflexões pós-colonialistas no livro *Design no patriarcado*, uma tradução lançada em 2025, que reuniu dois ensaios lançados pela autora anteriormente: *Feito no patriarcado: por uma análise feminista de mulheres e design* (1986) e *Feito no patriarcado II: Revolver (ou Re-volver) o tema mulheres e design* (2020). Segundo a pesquisadora, é essencial analisar o patriarcado junto às questões de gênero para debater o papel das mulheres no Design e admitir que uma das consequências da interação entre o Design e o patriarcado é o “estabelecimento de uma hierarquia de valores e competências baseada no sexo” (Buckley, 2025, p. 43). O que reflete um processo crítico que se estende até hoje.

Mais de trinta anos atrás, a relação das mulheres com o design passou por um processo de questionamento crítico por parte de pessoas que escrevem a história, criam design, fazem curadoria e crítica – e esse processo continua até hoje. No cerne disso estava a política feminista, e quando as feministas começaram a olhar para todas as áreas da vida das mulheres, afirmando que “o pessoal é político”, foi inevitável que o design se tornasse objeto de análise (Buckley, 2025, p. 75).

Como analisado anteriormente, apesar do campo estar indireta e naturalmente próximo de questões de raça e classe, as teorias clássicas do Design não falam de forma direta sobre as questões de gênero e sexualidade ou sobre as questões *queer*. Se, por um olhar objetivo aos clássicos históricos da área, ainda existem essas lacunas, para onde se deve ir? Como se deve “pavimentar” esse caminho? Através de um Design subversivo, que nada mais é do que algo que modifica a ordem preestabelecida das ideias criativas. No contexto de um Design que transmite mensagens, ideias e críticas, subverter seria consolidar novos valores e linguagens (Straub, 2011).

Segundo Ericson Straub (2011), subversivo é um estado de descontentamento, “uma vez que o Design tem o papel de expressar, questionar

e discutir um entendimento ou descontentamento com algo ou situação” (Contini, 2021, p.53). Subverter também é questionar o senso comum.

A teórica alemã Uta Brandes (2010) potencializa essa discussão trazendo o seguinte questionamento: estamos projetando o gênero ou generificando o Design? Visto que os produtos e serviços do campo carregam códigos de gênero em suas cores, formas e narrativas, por exemplo.

No que diz respeito a essa tese, e se questionássemos os marcadores patriarcais, coloniais e binários através de um olhar para as questões de gênero e para a identidade *queer* presente nos projetos (ou no ato de projetar) de Design? Será que o Design pode ser *queer*? Ele pode ser feito por e para o *queer*? As respostas a essas perguntas serão desenvolvidas nos próximos subcapítulos.

1.2. Um Design *Queer* dissidente

O subcapítulo anterior, *Perspectivas do Design à subversão*, pode já ter provocado certa inquietação ao buscar, em leituras do Design, justificativas para a necessidade de um campo subversivo no que diz respeito aos temas plurais: classe, raça e, principalmente para o foco desta pesquisa, o gênero e o *queer*.

Além disso, essa discussão traz alguns questionamentos que serão respondidos a partir daqui, mas traz também o argumento que o Design pode – e deve – utilizar a subversão como mecanismo para combater marcadores históricos direta ou indiretamente “anti-*queer*” e/ou “anti-gênero”. Essa atitude subversiva pode ser vista em um Design que seja *queer* e dissidente.

Para compreender o que é um “**Design *queer* dissidente**” é preciso ter a plena noção do que são cada um desses termos. Para isso, não basta simplesmente conceituar um a um como se fosse natural ao Design, hoje em dia, o entendimento básico dos dois últimos.

Volta-se alguns passos para contar essa história seguindo uma estrutura linear de sentido, que sirva de fio condutor aos designers e às designers contemporâneas.

Se você é um ou uma projetista do campo do Design, a leitura desse texto requer uma certa maturidade terminológica tanto do Design quanto do campo

queer. Basta ter na carreira profissional ou acadêmica o mínimo enfoque nos estudos *queer* ou nos estudos de gênero e sexualidade e a compreensão do potencial transdisciplinar do Design.

1.2.1. Design e complexidade contemporânea

A começar pelo “**design**”, o termo é um estrangeirismo¹⁴ incorporado à língua portuguesa que, atualmente, faz parte do vocabulário de quem pertence ou não à área. Sua definição, que pode ser tanto simples como complexa, será explicada a seguir. Ao consultar a palavra no Dicionário da Língua Portuguesa presente no site da Academia Brasileira de Letras (ABL), a definição que consta até o momento é “verbete em elaboração” (Academia Brasileira de Letras, 2025). Talvez pela complexidade da terminologia, talvez pela falta de um consenso teórico. São dúvidas para outro estudo. Seguindo na busca terminológica, enfim encontra-se, no dicionário *on-line* Michaelis, a seguinte definição: *design* é o “conceito de qualquer produto de acordo com seu ponto de vista estético e sua funcionalidade” (Michaelis, 2025a). Em outras palavras, Design, além do desenho em si, é projeto. Design é projetar e “falar em design implica em falar de projeto” (Rossi; Moon, 2020, p.52).

Em uma revisão bibliográfica consistente sobre as origens da terminologia, Nina Cortês e Denise Portinari (2022) destacaram diversas definições complexas, apresentadas de diferentes maneiras: a simplificação do Design, resumindo-o de forma superficial ao embelezamento de objetos; a associação direta à “genialidade” do e da designer e à criatividade por excelência; a analogia ao Design presente em tudo, uma habilidade inata; o Design como terceira área do conhecimento na educação básica, fora do binário ciências e humanidades, segundo Nigel Cross; o Design como o ato de solucionar problemas.

¹⁴ Um “estrangeirismo”, para o campo da linguística, é uma “palavra ou expressão estrangeira usada num texto em vernáculo, tomada como tal e não incorporada ao léxico da língua receptora” (Oxford Languages, 2025), ou seja, é uma palavra estrangeira utilizada na comunicação e que não tem um equivalente na língua portuguesa.

Independentemente dos caminhos epistemológicos sobre o Design e suas ações, sabe-se que Design é projeto – qualquer projeto –, do mais simples ao mais complexo, do mais tradicional ao mais transgressivo.

Enquanto área de conhecimento, o Design tem possivelmente seu começo profissional no cerne das Revoluções Industriais entre os séculos XVIII e XIX, com função principal de conciliar os ciclos de produção e consumo (Rossi; Moon, 2020). A partir de uma série de evoluções sociais, culturais e tecnológicas, o campo foi se multiplicando e se segmentando em diversos expoentes de serviço, de mercado e novamente tecnológicos. O Design enquanto disciplina se infiltrou ainda mais nas atuações humanas e sua multiplicidade “impede que se defina conceitualmente uma única morfologia” (Rossi; Moon, 2020). Conforme pontuado por Dorival Rossi e Rodrigo Moon:

[...] o design até agora se ampara, essencialmente, sobre um tripé de ciências que sustentam sua ontologia: as artes e a produção criativa que regimentam os processos de produção de imagens, formas e lida essencialmente com o eixo estético e figurativo; o eixo cultural e antropocêntrico, que lida com os sistemas humanos e geram coordenadas pelas quais o eixo artístico deriva suas metodologias e respectiva eficácia, que fornece a métrica para os projetos humanos; e por fim o eixo técnico, que lida com as tecnologias e práticas que realizam os projetos na atualidade. Assim, na intersecção arte-humanidades-tecnologias, deriva-se um projeto que se atualiza: projeta-se uma experiência para humanos (Rossi; Moon, 2020, p. 52).

No segmento disciplinar que se situa o Design, há um certo acervo discursivo pautado em “princípios” quase universais como “menos é mais”¹⁵ ou a “forma segue a função”¹⁶ que são praticamente intransitáveis e imutáveis (Moura, 2021, p. 11).

Percebe-se a necessidade de um Design plural e que esteja aberto às outras discussões contemporâneas. Um Design que seja transdisciplinar (termo explicado com maior profundidade no subcapítulo 1.3), que esteja aberto à colaboração, aos novos olhares e às modificações na estrutura dos meios de divulgação da informação (Contini, 2021).

¹⁵ Do original: “*less is more.*”

¹⁶ Do original: “*form follows function.*”

Em vez de simplesmente utilizar a expressão *Open Design*, termo que descreve a união do Design ao conceito de *open source*¹⁷, talvez seja importante e necessário começar a utilizar *open (your mind in) design*, ou, na tradução, “abrir sua mente no Design”, estar apto às constantes transformações do mundo atual.

A atitude transdisciplinar do designer e da designer, que se faz necessária ao projetar, reflete as mudanças da atualidade que impactam diretamente na forma, na função, na utilidade e na estética. Neste sentido, “[...] a crescente complexidade do cenário atual obriga o projetista a repensar velhos conceitos e a buscar novas respostas – ou, pelo menos, a reformular as perguntas de modo mais preciso” (Cardoso, 2013, p. 219).

Em seu livro *Design para um mundo complexo*, Rafael Cardoso (2013) colabora para o argumento da complexidade vivida mundialmente, na perspectiva do Design, a partir dos anos 2000. O cenário de globalização e da unificação do sistema fabril e de consumo não pode ser reduzido a uma definição simples, pois cerca um tema complexo e cheio de novas estruturações. Para ele, “[...] boa parte da história do Design passa pela configuração de redes, crescentemente complexas” (Cardoso, 2013, p. 180).

O Design é um campo de possibilidades imensas no mundo complexo em que vivemos. Por ser uma área voltada, historicamente, para o planejamento de interfaces e para a otimização de interstícios, ela tende a se ampliar à medida que o sistema se torna mais complexo e à medida que aumenta, por conseguinte, o número de instâncias de inter-relação entre suas partes (Cardoso, 2013).

A potencialização no modo de se fazer o projeto influencia, também, na aproximação com áreas mais distantes, a fim de valorizar a conexão de novos saberes destacados pelas complexidades contemporâneas (movimentações projetuais com profundidade teórica e estrutural).

Agora, descobrir se essa aproximação entre áreas é capaz de mudar a sociedade é um desafio substancial. A resposta depende do que se entende por

¹⁷ *Open source*, no português, significa código aberto.

“mudança”. Nas palavras de Bonsiepe (2022, p. 178, tradução minha) “a sociedade muda o Design, em vez do contrário”¹⁸.

A difícil questão de saber se o design pode mudar a sociedade levanta a preocupação de estarmos indo além do escopo do que o design pode realmente alcançar. A resposta depende do que entendemos por mudança e das demandas que surgem a partir dessa compreensão. Uma resposta provável, ainda que rápida: a sociedade muda o design, em vez do contrário. O design, de fato, influencia profundamente e transforma a vida cotidiana na sociedade, mas a profundidade e o alcance dessas mudanças continuam sendo objeto de debate (Bonsiepe, 2022, p. 178, tradução minha)¹⁹.

Ao debater sobre a possibilidade ou não do Design ser capaz de promover mudanças na sociedade, é necessário afastar radicalismos. Não se pode contentar-se com uma definição concreta e imutável sobre isso. Para perceber mudanças na sociedade promovidas pelo Design, é indispensável o entendimento do “cenário” da área. E por cenário, considera-se “uma situação projetada, uma sequência de potenciais eventos futuros, um conjunto de circunstâncias” (Oxford English Dictionary, 2019 *apud*, Potvin, 2019, p. 327).

O conceito de “cenário de Design” foi abordado por John Potvin em um capítulo de livro que ele escreveu em 2019, intitulado *Desestabilizando o cenário do Design*²⁰, e foi utilizado para explicar as formas com que o repertório do campo segue mantendo registros políticos e sociais universalizados. Como exemplo o registro sobre a neutralidade do gênero e do próprio Design. Conforme argumentado por Potvin:

Ao refletir tanto sobre os cenários quanto sobre os contracenários do design, objetos e espaços deixam de ser entendidos como vazios, frágeis, superficiais e destituídos de sentido, passando a ser compreendidos como agentes, poderosos, dinâmicos e significativos. Afinal, o design nunca é neutro (Potvin, 2019, p. 327, tradução minha)²¹.

¹⁸ Do original: “*society changes design rather than the other way around.*”

¹⁹ Do original: “*The loaded question of whether design can change society raises the concern if we are going beyond the scope of what design can actually achieve. The answer depends on what we understand as change and what demands arise with this understanding. A likely, if quick, answer: society changes design rather than the other way around. Design does indeed profoundly influence and change day-to-day life in society, but how deep the changes go and can reach remains a matter of debate.*”

²⁰ Do original: “*Desestabilizing the scenario of design.*”

²¹ Do original: “*By thinking through the scenarios as much as the counter-scenarios of design, objects and spaces are understood not as vacuous, flaccid, superficial, and devoid of meaning, but as agentic, powerful, dynamic, and meaningful. Design, after all, is never neutral.*”

Potvin analisou a forma como as instâncias trans, *queer* e não binárias têm impacto no Design em relação ao gênero e estão incorporadas no próprio alicerce do “cenário” do campo, criando algo como um “contracenário de Design”. Esses contracenários trazem desestabilizações sobre o universalismo e sobre as normatividades de gênero.

1.2.2. Imersão nos estudos *queer* e nas terminologias

Continuando com a construção de um Design *queer* dissidente, os próximos dois termos a serem conceituados são: “*queer*” e “*dissidente*”. Para isso, será resgatado um histórico terminológico até chegar neles.

O Design pode identificar as questões de gênero e sexualidade como um campo ilimitado e transversal. Isso também vale para as perspectivas *queer*. A fim de validar ainda mais as pesquisas e os projetos na área, antes de trazer o conceito de *queer* sob um olhar pós-identitário, é extremamente necessário o entendimento do que é **gênero** e as questões que o permeiam.

Um olhar desnaturalizado é resultado do diálogo, do debate e do pleno entendimento da profundidade alcançada pelas sistematizações de gênero que vêm sendo debatidas ao longo dos anos, alavancado depois da década de 80. Inclusive, segundo Vladimir Safatle (2015), o conceito de gênero inicialmente apareceu no campo clínico em 1968 em um livro de Robert Stoller chamado *Sexo e gênero* e, na sequência, essa distinção entre sexo e gênero foi utilizada pelas teóricas feministas na construção de uma identidade das mulheres (Figueiredo, 2018).

Muitos autores e autoras contemporâneos enriquecem os diálogos sobre as questões de gênero por meio de textos, reportagens, livros e artigos que escrevem ao desmistificar questões como, por exemplo, substantivos que são usados erroneamente em alguns momentos, tanto em contexto projetual quanto prático do que eles estão analisando.

Conceitualmente, é indispensável o entendimento do gênero fora das naturalizações. É necessário entendê-lo como uma construção social e cultural com marcas históricas e, portanto, variáveis (Pelúcio, 2014), ou mesmo como

crítica a uma “categoria diagnóstica” (Bento; Pelúcio, 2012, p. 570). O gênero, então, é fundamentalmente definido pela pesquisadora Guacira Lopes Louro:

[...] o conceito afirma o caráter social do feminino e do masculino, obriga aquelas(es) que o empregam a levar em consideração as distintas sociedades e os distintos momentos históricos de que estão tratando. Afasta-se (ou se tem a intenção de afastar) proposições essencialistas sobre os gêneros; a ótica está dirigida para um processo, para uma construção, e não para algo que exista a priori. O conceito passa a exigir que se pense de modo plural, acentuando que os projetos e as representações sobre mulheres e homens são diversos (Louro, 1997, p. 23).

Gênero, portanto, não é a mesma coisa que o determinante biológico e anatômico (o **sexo** ou, atualmente, **sexo biológico**, atribuído no momento do ultrassom ou do nascimento²²), ao contrário do que muitos pensam. E não está conectado às características normalizantes e biologizantes. Segundo Paul B. Preciado (2017, p. 29), “o gênero não é simplesmente performativo (isto é, um efeito das práticas culturais linguístico-discursivas) como desejaria Judith Butler. O gênero é, antes de tudo, prostético, ou seja, não se dá senão na materialidade dos corpos”. De certa forma, resulta em uma tecnologia que “fabrica corpos sexuais” (Preciado, 2017, p. 29).

Esse conceito de gênero prostético vêm da discussão de Preciado sobre o gênero como algo que não é inato, mas é produzido e reforçado por práticas, dispositivos e tecnologias. Algo fabricado e ajustável. Preciado (2017, p. 29) traz a metáfora da aproximação do gênero com o dildo: “o gênero se parece com o dildo. Ambos, afinal, vão além da imitação. Sua plasticidade carnal desestabiliza a distinção entre o imitado e o imitador, entre a verdade e a representação da verdade”. Ele reforça que o conceito não pode ser reduzido a uma performance, “uma forma de tecnoecologia política” (Preciado, 2018, p. 95).

O gênero é um programa operacional capaz de desencadear uma proliferação de percepções sensoriais sob a forma de afetos, desejos, ações, crenças e identidades. Um dos resultados característicos dessa tecnologia de gênero é a produção de um saber interior sobre si mesmo, de um sentido do eu sexual que

²² Dentro deste tema, foram encontradas as siglas AMAB (*assigned male at birth*, em inglês ou assinalada/o homem ao nascer, em português) e AFAB (*assigned female at birth*, em inglês ou assinalada/o mulher ao nascer, em português) para se referir ao sexo biológico. Em português, há correspondências menos conhecidas que são AHAN e AMAN, respectivamente.

aparece como uma realidade emocional para a consciência (Preciado, 2018, p. 95).

O termo gênero está ligado à percepção de si mesmo e à identidade individual, sendo ela binária ou não. E essa identidade (a identidade de gênero) se refere ao gênero com o qual uma pessoa se identifica.

Em outras palavras, a **identidade de gênero** pode ser um “senso de si mesmo” como pessoa trans, *genderqueer* (pessoas cuja expressão de gênero ou identidade de gênero está fora do binário e da cisnormatividade de gênero), cis (homem / mulher) ou alguma outra identidade que pode ou não corresponder ao sexo e ao gênero atribuídos ao nascer (influenciados pelo sexo biológico, pela genitália).

Voltando ao conceito de gênero, pode-se descrevê-lo como masculino ou feminino ao isolar a perspectiva binária. Mas há também quem não se identifica nem com um e nem com outro, o caso das pessoas não binárias ou com gênero fluído.

Gênero também pode ser observado através da ótica mais ampla quando se considera a divisão em Cisgênero, Transgênero e Agênero:

- Cisgênero é a pessoa que se identifica com o gênero atribuído ao nascer, através de características fisiológicas.
- Transgênero é a pessoa que não se identifica com esse gênero atribuído ao nascimento e tem sua identificação com outro gênero, que não esse.
- Agênero é a pessoa que não se identifica com nenhum dos gêneros que são naturalizados e atribuídos ao nascimento, sendo assim, uma pessoa não-binária.

Segundo Judith Butler (2014, p. 253), gênero é um mecanismo através do qual “as noções de masculino e feminino são produzidas e naturalizadas, mas gênero pode muito bem ser o aparato através do qual esses termos podem ser desconstruídos e desnaturalizados”. Ou seja, ao supor que o termo tem apenas essa distinção binária, perde-se de vista a crítica sobre o não pertencimento das “permutações de gênero” (Butler, 2014, p. 253) nos próprios binarismos.

Manter o termo “gênero” em separado de masculinidade e feminidade é salvaguardar uma perspectiva teórica que permite analisar como o binarismo masculino e feminino esgotou o campo semântico de gênero. Quer estejamos nos referindo à

“confusão de gênero”, “mistura de gêneros”, “transgêneros” ou “cross-gêneros”, já estamos sugerindo que gênero se move além do binarismo naturalizado (Butler, 2014, p. 254).

A complexidade do ser humano se estende ao gênero a partir do ponto em que analisamos discussões de caráter essencialista, nas quais o gênero é naturalizado e vinculado a um determinante biológico com enfoque transcultural e nada histórico. Do ponto de vista construcionista, os gêneros provêm de relações sociais e históricas, com dimensões culturais e constituídos simbolicamente.

Falou-se de gênero, de identidade de gênero, chegou a vez de conceituar os termos **expressão de gênero** e **performatividade**.

Se a identidade de gênero se refere a “quem somos”, expressão de gênero indica “como somos”, ou seja, como o indivíduo escolhe se apresentar e interagir com o mundo. A forma como uma pessoa se veste, produz seu cabelo, entona sua voz e os pronomes que usa para se referir a si mesma são exemplos de expressão de gênero.

Nem a orientação sexual, nem a identidade de gênero, precisam estar de acordo com a expressão de gênero e vice-versa. Uma pessoa pode se identificar como um homem cisgênero, mas se vestir de maneira tida como feminina, por exemplo.

Para facilitar, fica mais simples compreender o gênero como uma expressão ao pensarmos em *drag queens*, artistas que usam do “exagero” feminino ou masculino em suas performances. É o caso das artistas Pabllo Vittar e Gloria Groove, ambas são homens cisgênero que produzem sua arte enquanto se expressam “de forma feminina”.

No caso da **performatividade** ou dos atos performativos, para Butler (2003, p. 48), o “efeito substantivo” do gênero é “performativamente produzido e imposto pelas práticas reguladoras da coerência do gênero”. O gênero se mostra performativo quando é “constituente da identidade que supostamente é” (Butler, 2003, p. 48). Ainda segundo Butler (1988), a realidade do gênero é performativa

o que significa, de modo bastante simples, que ela é real apenas na medida em que é performada. Parece justo dizer que certos tipos de atos são geralmente interpretados como expressivos de um núcleo ou identidade de gênero, e que esses atos ou se

conformam a uma identidade de gênero esperada ou contestam essa expectativa [...] (Butler, 1988, p. 527, tradução minha)²³.

Por fim, antes de adentrar no que é dissidente e nas teorias do termo *queer*, se faz necessário conceituar o termo **sexualidade**, afinal os estudos de gênero e sexualidade podem traçar paralelos com os estudos *queer*. Mas vale ressaltar que nem todo estudo de gênero e sexualidade é, também, *queer*.

Segundo Foucault (1988a), a sexualidade é um modo de ser que foi incorporado a um corpo mediante algumas práticas e é diferente do sexo. A sexualidade é um dispositivo histórico (Foucault, 1988a), uma invenção social constituída historicamente a partir de diversos discursos sobre o sexo. Para Foucault (1988b) ela é vista como prática ética constantemente regulada – além de histórica, como já foi dito aqui – ao invés de pensar em algo identitário, ou um desejo interior.

Butler (2014), anos para frente, faz um alerta sobre os reducionismos do gênero à sexualidade, abrindo espaço para a discussão da teoria *queer* contemporânea:

Essa forma de reduzir gênero à sexualidade deu lugar assim a duas questões, distintas, mas vinculadas, no âmbito da teoria *queer* contemporânea. O primeiro movimento é separar sexualidade de gênero, de modo que ter um gênero não pressupõe que alguém se envolva numa prática sexual determinada, e envolver-se numa prática sexual determinada, sexo anal, por exemplo, não pressupõe que alguém seja de um gênero dado (Butler, 2014, p. 269).

Na sequência, ela analisa que o gênero não pode ser reduzido à heterossexualidade hierárquica, ele tem modificações quando contextualizado pelas sexualidades *queer*, e “é internamente instável, que as vidas dos transgêneros são evidência da quebra de quaisquer linhas de determinismo causal entre sexualidade e gênero” (Butler, 2014, p. 270).

Gênero e sexualidade podem se aproximar, porque a experiência de “ultrapassar os limites sociais binários do masculino e feminino pode estar relacionada com o desejo de amar, sentir e se expressar fora das normas

²³ Do original: *Gender reality is performative which means, quite simply, that it is real only to the extent that it is performed. It seems fair to say that certain kinds of acts are usually interpreted as expressive of a gender core or identity, and that these acts either conform to an expected gender identity or contest that expectation [...].*

impostas pela heterossexualidade” (Pelúcio, 2014, p. 108). Essa posição contranormativa dos estudos de gênero e sexualidade é uma das bases sólidas que pode nos levar à teoria *queer*.

Sobre a **contranormatividade**, sabe-se que ela nada mais é do que uma perspectiva e um movimento tanto de manutenção quanto de subversão das normas (Vidaurre, 2024), algo situado “entre normas”. A atitude contranormativa vai no caminho oposto das proposições essencialistas, busca uma ruptura com as normas binárias e com a cis(hetero)normatividade (os padrões cisgênero e heterossexuais). Ela está relacionada com a desconstrução do gênero e da normatividade cotidiana.

Um Design contranormativo, portanto, é um Design que desafia o senso comum criativo e as verdades absolutas da área. É um Design com postura crítica, questionadora, subversiva, dissidente e transgressora.

Por fim, antes de conceituar o termo *queer* com maior profundidade, há necessidade de desmistificar mais dois termos: dissidência e transgressão.

Por **dissidência**, compreende-se uma desavença ou conflito de opiniões ou ideais, uma separação de algo (Michaelis, 2025b). Daniel Boianovskyveller (2021) utiliza o termo “dissidências” ou “dissidências sexuais” ao se referir aos grupos, pessoas e subjetividades contrapostas à norma heterossexual.

Já o termo **transgressão**, no contexto do Design, pode ser compreendido como o desafio de ir além dos limites criativos, ir além do “design comum” e considerado como imutável. Transgressão é o ato de transgredir e “transgredir é ir além dos termos ou limites” (Michaelis, 2025cd).

Pode-se traçar um paralelo entre a transgressão e a subversão do Design, citada anteriormente, com a subversão da identidade, pontuada por Judith Butler em seu livro *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. E a partir desse conceito e desse livro, finalmente chega-se ao termo *queer* e ao universo que o rodeia.

O termo em inglês **queer**, citado acima, tem os significados de estranho, desviado, anormal, incomum ou esquisito, e foi especialmente utilizado para designar indivíduos de gêneros e orientações sexuais considerados como desviantes em relação à norma ou à cis(hetero)normatividade (Portinari, 2017).

Em sua etimologia, o termo vem da palavra “*twist*” (ou “*torcer*”) e, portanto, vem de um termo espacial, depois traduzido para uma sexualidade não linear, “*torcida*”. Conforme analisado por Sara Ahmed,

A própria sexualidade pode ser considerada uma formação espacial, não apenas no sentido de que os corpos habitam espaços sexuais (Bell; Valentine, 1995), mas também no sentido de que os corpos são sexualizados por meio da forma como habitam o espaço. O corpo se orienta no espaço, por exemplo, diferenciando entre “esquerda” e “direita”, “acima” e “abaixo”, e “perto” e “longe”, e essa orientação é crucial para a sexualização dos corpos. A fenomenologia nos ajuda a considerar como a sexualidade envolve modos de habitar e de ser habitado pelo espaço (Ahmed, 2006, p. 67, tradução minha)²⁴.

A reiteração dessa terminologia se dá para a conceituação das transgressões possíveis na aproximação entre as áreas que são o foco desta tese.

Em seus primeiros registros, o termo *queer* foi utilizado de forma depreciativa contra os homossexuais no século XIX (Safatle, 2015). A partir dos anos 1980 é que a palavra foi reivindicada e ressignificada por grupos LGBTs e teve seus valores invertidos, trazendo força ao movimento. O termo passou a fazer parte dos movimentos feministas que estudavam gênero e sexualidade, fortalecendo o que passou a ser chamado de “teoria *queer*”, e foi inicialmente utilizado pela feminista italiana Teresa de Lauretis (Safatle, 2015).

No campo da teoria *queer* não se buscam verdades absolutas, mas perspectivas, muitas vezes, interconectadas que abrangem contextos de classe, etnia e cultura. Buscam-se perspectivas pós-identitárias. Dessa forma, é problematizado sistematicamente aquilo “que é posto como norma e poder em relação à dominância cisheterossexual dos modos de vida” (Cunha; Borges, 2024, p. 65).

A estratégia da teoria *queer* tem como um de seus principais objetivos a derrubada constante das “fronteiras convencionais e a insistência decolonial em verdades pluriversais (em vez da verdade no singular como um universalismo abstrato)” (Xiang, 2024, p.156).

²⁴ Do original: “*Sexuality itself can be considered a spatial formation not only in the sense that bodies inhabit sexual spaces (Bell and Valentine 1995), but also in the sense that bodies are sexualized through how they inhabit space. The body orientates itself in space, for instance, by differentiating between “left” and “right,” “up” and “down,” and “near” and “far,” and this orientation is crucial to the sexualization of bodies. Phenomenology helps us to consider how sexuality involves ways of inhabiting and being inhabited by space.*”

Segundo Louro (2016, p. 7), o *queer* é o “sujeito da sexualidade desviante”, que muitas pessoas consideram como sujeito que não deve ser integrado ou tolerado na sociedade. O termo foi amplificado na década de 90, potencializado depois das publicações de Judith Butler, e começou a ser utilizado no campo teórico e político, como forma de demonstrar uma posição ou disposição de contestação em relação às normas de qualquer ordem no campo do gênero e sexualidade.

Além disso, *queer* pode ser considerado como uma atitude existencial direcionada ao comportamento transgressivo e que vai no sentido contrário à heteronormatividade, ou seja, *queer* é “uma teoria que busca estabelecer princípios e criar dispositivos que levem a uma ruptura de valores impostos” (Figueiredo, 2018, p. 43). Quando se expande os pensamentos e as práticas *queer* obtém-se a não normatização e o “fluxo livre de contestações em relação aos saberes que ocupam um lugar sólido” (Cunha; Borges, 2024, p. 64), saberes que são considerados imutáveis e cheios de normas e imposições sociais, culturais e históricas.

Com um posicionamento antinormativo, Ahmed defende que a teoria *queer* busca uma política de resistência a todas as normas, pressupondo que a heteronormatividade seria mais do que “simplesmente a presunção de que ser heterossexual é o normal” (Ahmed, 2014, p. 149, tradução minha)²⁵.

Muitas das teorias feministas sempre consideraram e deram ênfase a “categoria mulher”, categoria a qual passou quase a ser abominada por uma nova geração que colocou o binômio “feminismo/mulher” em um lugar de enfoque ultrapassado (Piscitelli, 2002, p.1). Butler não rejeitou a categoria, mas “colocou-a em xeque ao afirmar que não era possível conceber esse sujeito ‘em termos estáveis ou permanentes’” (Butler, 2010, p.18, *apud* Figueiredo, 2018, p. 41).

Desconstruindo toda consideração essencialista sobre o sujeito “mulheres”, Butler aponta para o fato de que, ao lado de gêneros inteligíveis, que têm relação de coerência e continuidade entre sexo, gênero e sexualidade, há aqueles que parecem ser falhados, como é o caso dos transgêneros e intergêneros. Sua proposta é, então, de criar e disseminar “matrizes rivais e

²⁵ Do original: “[...] heteronormativity refers to more than simply the presumption that it is normal to be heterosexual.”

subversivas de desordem do gênero” (Butler, 2010, p. 39, *apud* Figueiredo, 2018, p. 42).

Em *Problemas de gênero*, Butler (2003)²⁶ distribui questionamentos e promove a reflexão crítica sobre temas que fundamentaram a teoria *queer*: a identidade feminina quanto sujeito e sua representação política; a heterossexualidade compulsória; a linguagem falocêntrica; a dissonância subversiva entre sexo, gênero e desejo; a identidade *queer*; entre muitos outros. Ela também conclui que se tornou praticamente impossível “separar a noção de gênero das interseções políticas e culturais em que invariavelmente ela é produzida e mantida” (Butler, 2003, p. 20).

Butler também foi direta em criticar os binarismos de gênero ao pontuar que “a noção binária de masculino/feminino constitui não só a estrutura exclusiva em que essa especificidade pode ser reconhecida, mas de todo modo a ‘especificidade’ do feminino é mais uma vez totalmente descontextualizada” (Butler, 2003, p. 21), gerando um equívoco persistente sobre a noção singular de identidade.

Por falar em **identidade**, está aí um outro conceito que não pode ser deixado de lado, mesmo não sendo um foco de aprofundamento desta tese, já que ao falar do *queer* busca-se um olhar pós-identitário. O conceito apareceu aqui inicialmente no capítulo 1.1, com foco no campo do Design e agora será abordado sobre uma ótica mais ampliada.

Apesar de algumas partes da identidade terem conexões com a biologia, outras surgem em decorrência da sociedade, das escolhas sobre quem somos e como queremos que nos vejam (Tobias, 2023, p.17). Conforme definido por Louro (2007), o conceito de identidade é polissêmico, utilizado transdisciplinarmente em vários campos e é supostamente definido no âmbito histórico e cultural. Entende-se que os sujeitos são constituídos por diversas e distintas “identidades (de gênero, de raça, etnia, sexualidade, etc.), na medida em que são interpelados a partir de diferentes situações, instituições ou agrupamentos sociais” (Louro, 2007, p.240). Sobre identidade, Louro conclui:

Stuart Hall, um autor ao qual frequentemente recorreremos, diz que a identidade é um ponto de apego provisório a uma

²⁶ Aqui utiliza-se a versão traduzida para o português, em 2003, mas o livro original “*Gender Trouble*” é de 1990, corroborando com as afirmações sobre a teoria *queer* de Butler ter sido potencializada a partir da década de 90.

determinada posição de sujeito. Reconhecer-se numa identidade supõe, então, responder afirmativamente a uma interpelação e estabelecer um sentido de pertencimento (que pode significar reconhecer-se ligado a um grupo social de referência). [...] Supomos, então, que somos todos sujeitos de muitas identidades e que essas múltiplas identidades podem ser provisoriamente atraentes (portanto elas também podem ser, em algum momento ou por alguma circunstância, rejeitadas e abandonadas) (Louro, 2007, p. 240).

Outra discussão que surgiu a partir da teoria *queer* é a da independência dos termos gênero, sexo e sexualidade, já explicados aqui nesta tese. Butler (2003) defende que a construção do status do gênero é radicalmente independente do sexo, sendo flutuante. Como exemplo, ela diz que “homem e masculino podem, com igual facilidade, significar tanto um corpo feminino como um masculino, e mulher e feminino, tanto um corpo masculino como um feminino” (Butler, 2003, p. 24-25).

Ao mesmo tempo que gênero e sexo são prática e terminologicamente distintos, também não se pode dizer que gênero e sexualidade são a mesma coisa. Seu vínculo tem um dos pontos de entrada a teoria *queer* contemporânea. Prova disso são dois argumentos, segundo Butler (2014, p. 269-270): o primeiro movimento “é separar sexualidade de gênero, de modo que ter um gênero não pressupõe que alguém se envolva numa prática sexual determinada [...]”. O segundo [...] é argumentar que gênero não é redutível à heterossexualidade hierárquica”.

O binarismo de gênero não pode ser colocado totalmente fora das concepções heterossexuais, pois o gênero é internamente instável. Butler exemplifica com a análise sobre a vida dos transgêneros, que são prova “quebra de quaisquer linhas de determinismo causal entre sexualidade e gênero” (Butler, 2014, p. 270).

Em relação à centralização dos mecanismos sociais pelos estudos *queer*, Richard Miskolci (2009, p. 154) observa que essa relação se dá na “operação do binarismo hetero/homossexual para a organização da vida social contemporânea, dando mais atenção crítica a uma política do conhecimento e da diferença”. Segundo Seidman (1996, p. 13, *apud* Miskolci, 2009, p. 154),

o *queer* seria o estudo “daqueles conhecimentos e daquelas práticas sociais que organizam a ‘sociedade’ como um todo,

sexualizando – heterossexualizando ou homossexualizando – corpos, desejos, atos, identidades, relações sociais, conhecimentos, cultura e instituições sociais”.

Por fim, antes de aproximar definitivamente o conceito de *queer* ao Design, pode-se observar um último destaque de contribuição em relação à sociologia, à filosofia e à teoria *queer*. A argumentação sobre a desconstrução. É evidente a importância do termo ao buscar um Design que se descontrói perante as normas irredutíveis e designers que se utilizam de uma “política de enfrentamento” aos tabus que envolvem o *queer*, o gênero, a sexualidade e o sexo.

Miskolci (2009) analisou a contribuição do filósofo Jacques Derrida para o cerne da teoria *queer* com um olhar para o conceito de **suplementaridade** e à perspectiva da **desconstrução**:

A suplementaridade mostra que significados são organizados por meio de diferenças em uma dinâmica de presença e ausência [...], ou seja, o que parece estar fora de um sistema já está dentro dele e o que parece natural é histórico. [...] Este procedimento analítico que mostra o implícito dentro de uma oposição binária costuma ser chamado de desconstrução (Miskolci, 2009, p. 153-154).

Em outras palavras, desconstrução seria deixar explícita a diferença entre presença e ausência, ao mesmo tempo que a suplementaridade seria o “efeito da interpretação” (Miskolci, 2009, p. 154), ou seja, a percepção de que oposições binárias como hetero e homossexualidade estão em constante atualização e ressignificação. Ao tentar quebrar essa lógica binária, reescreve-se significados em suas bases.

Conforme analisou Preciado (2017), desconstrução seria a recepção mundial da filosofia de Jacques Derrida através da interpretação de Judith Butler, que culminou na teoria *queer*. Sendo assim, o termo desconstrução mostra-se como uma base para a teoria *queer* que se conhece atualmente, a teoria *queer* que se aproxima do Design e o sensibiliza.

1.2.3. Como o Design pode ser *queer*?

Como, portanto, o Design pode ser transgressivo, subversivo, dissidente, desconstruído para o mundo complexo contemporâneo?

Para isso é necessária, ao Design, uma imersão no *queer*, um “mergulho no desconhecido”, no desafio de deslocar a transdisciplinaridade para campos não comuns até então, no desafio aos clássicos irredutíveis da área.

Retomando duas perguntas que foram deixadas anteriormente: Será que o Design pode ser *queer*? Sim, ele pode ser *queer* e isso será explicado e exemplificado aqui. E ele pode ser feito por e para o *queer*? Também. O *queer* pode ser um caminho de sensibilização da área e pode ser o ponto de partida para que o Design se transforme e se contraponha à lógica normativa tão comum nos projetos.

Para compreender um Design *queer* dissidente é preciso, primeiro, queerizar o design (Portinari, 2017).

No campo dos estudos *queer*, Denise Portinari (2017) reiterou, durante os últimos anos, que era necessário “queerizar” o Design. Ou seja, era necessário sensibilizar o campo para os aspectos das subjetividades, das questões estéticas, políticas e culturais, sem transformar a estrutura radicalmente. Portinari propôs uma “[...] abertura e a potencialização de questionamentos, brechas, linhas de fuga e contaminações” (Portinari, 2017, p. 3) que promovessem práticas mais fluidas e eliminassem fronteiras disciplinares.

Parte disso ocorre quando o Design se coloca em uma posição contranormativa, de dissidência às heteronormatividades presentes no começo, no meio e no fim do desenvolvimento de um projeto. Nina Cortês e Denise Portinari (2022) associam isso a um “Design desacomodado”, em constante autocrítica e desconforto, pautado em “pesquisas e iniciativas ativistas, de estudos políticos e inspirações em movimentos sociais” (Cortês; Portinari, 2022, p. 59). Elas destacam a urgência de transviar²⁷, de “queerizar” o campo. A “queerização” se dá através da atribuição de responsabilidades políticas ao

²⁷ Segundo Cortês e Portinari (2021, p. 59), “o termo ‘transviar’ é utilizado por alguns autores como Berenice Bento (2015) e Guilherme Altmayer (2020) como uma possibilidade de tradução e aproximação do termo ‘*queer*’, sendo um conceito que diz respeito às ações da população LGBT/*queer*.”

Design, fazendo-o questionar os próprios processos (Portinari; Cortês; Souza, N. R.; Fagury; Souza, I. R., 2022).

Pode-se observar a correlação entre o potencial transdisciplinar do Design e os estudos *queer* a seguir. Começando pelo conceito da terminologia proposta por Denise Portinari e já citada anteriormente, a “Queerização do Design”, tem-se:

Queerizar o design seria, portanto, sensibilizar o campo para os aspectos e os efeitos políticos, éticos, estéticos e subjetivos do design na contemporaneidade, abordando-o enquanto processo social de configuração do sensível compartilhado, do espaço comum. Queerizar é ainda problematizar e transviar a participação do design na (re)produção e materialização das estratégias da normatividade [...] (Portinari, 2017, p. 3).

Por meio desta nova abordagem, percebe-se constatações essenciais para esta tese. A aproximação do *Queer* com o Design não tem o foco de transformar o campo em algo totalizante e imutável, o que vai inclusive contra os preceitos da teoria *Queer*, nem mesmo tem a pretensão de trazer mais um “sobrenome” ao Design. Conforme Portinari (2017, p. 3), “não se trata de propor uma transformação do design (que não é uno) pelo *queer* (que também não é um campo unificado), em uma abordagem totalizante que não poderia ser mais anti-*queer*”.

Trata-se antes de propor a abertura e a potencialização de questionamentos, brechas, linhas de fuga e contaminações. As estratégias, problematizações e (contra)metodologias *queer* têm atuado em diferentes áreas para promover práticas mais fluidas, borrar fronteiras disciplinares e introduzir na pesquisa acadêmica novas possibilidades de pensamento e de ação. Por outro lado, a perspectiva e os instrumentos do design, especialmente no que concerne o seu papel na materialização de imaginários, políticas, sensibilidades e relações sociais, podem trazer novas possibilidades de problematização e de agenciamento *queer* (Portinari, 2017, p. 3-4).

É dessa forma que o designer ou a designer podem incorporar essa sensibilização aos projetos e desenvolver um olhar antropológico necessário, independentemente do projeto executado ou do objeto de pesquisa, atuando sob a perspectiva *queer* ou sob a perspectiva de gênero e sexualidade com as respectivas ressignificações.

Estas ressignificações tornam efetiva a aproximação de um “olhar antropológico”. Além do olhar, o “pensar antropológico” resulta em inúmeros questionamentos sobre a própria realidade, a “antropologia do cotidiano” (Rodrigues, 2005, p. 1) e um Design que é centrado no ser humano, no corpo, nos objetos. O designer e a designers tornam-se, portanto, colaboradores do futuro social em vez de somente cidadãos, tornam-se “agentes construtores culturais” (Rodrigues, 2005, p. 3).

O processo de mudança de atitude por parte do ou da designer pode ser, ao mesmo tempo, promissor e problemático, baseado nas três prerrogativas que a relação Design e Antropologia assumiu: inserir as percepções antropológicas no Design; levar os ideais do Design à Antropologia (etnografia no Design); aplicar a teoria social crítica à prática dos projetos em Design (Escobar, 2018, p. 54). Sobre a “antropologia do Design”, Arturo Escobar analisou:

A mais relevante dessas tendências atualmente é a antropologia do design, que envolve o uso de conceitos e métodos antropológicos no design; as posições variam desde o design aplicado (orientado pelo mercado) até o design ativista (socialmente consciente). Grande parte da literatura sobre antropologia do design defende a incorporação da antropologia na prática do design com base em um argumento sobre relevância e oportunidades profissionais (Escobar, 2018, p. 54, tradução minha)²⁸.

Zoy Anastassakis (2013), coordenadora do Laboratório de Design e Antropologia (LaDA), pontua que uma Antropologia operacionalizada pelos processos de Design deve utilizar do imprevisto e da experimentação. A ideia de aproximar os dois campos não significa que “se esteja pretendendo, ali, formar antropólogos, nem tampouco instrumentar estudantes de Design com ‘métodos’ e ‘ferramentas’ retirados da Antropologia” (Anastassakis, 2013, p. 184). Na verdade, essa aproximação pretende criar o cenário de conformação sobre a atuação dos dois campos de forma simultânea, transdisciplinar, produzindo conhecimentos em diálogo com questões que dizem respeito a todos e todas.

²⁸ Do original: “The most salient of these trends at present is design anthropology, involving the use of anthropological concepts and methods in design; positions range from applied (market-driven) to activist (socially conscious) design. A good deal of the literature on design anthropology advocates for the incorporation of anthropology into design practice based on an argument about relevance and professional opportunities.”

No processo de intersecção entre Antropologia e Design, marcadores de identidade como gênero, classe, raça e colonialidade são peças indispensáveis na decolonização do Design (Escobar, 2018). Esses aspectos costumam ser adotados por pesquisadores que abordam e atuam através de perspectivas ativistas, geralmente em conexão com a comunidade, utilizando-se do Design Social.

No que diz respeito a um Design crítico e próximo das demandas sociais, existe uma abordagem importante de ser analisada e que pode contribuir consideravelmente para o entendimento de um Design *queer*: o Design como microprotesto. Como forma de ativismo colaborativo, o microprotesto ocorre dentro de uma comunidade, envolvendo a aproximação e mediação cautelosa de discursos político-sociais.

Os microprotestos no Design se associam à “mobilização contínua de atores e redes em processos de experimentação coletiva” (Cutler; Gothe; Crosby, 2018, parágrafo 4, tradução minha)²⁹, criando novos espaços de discussão e protesto, onde novas vozes podem ser escutadas. Portanto, a atuação do Design é “micropolítica e subjetiva, ela está envolvida nos aspectos ligados aos sujeitos” (Portinari; Nogueira, 2016, p. 43) e dotada de práticas subversivas.

Sob essa perspectiva, são os designers e as designers que se movem politicamente, sem estar necessariamente dentro do movimento político, de forma a trazer impactos positivos localizados. Uma atitude transformadora dentro de um processo micro, mas com um impacto que pode ser somatizado e se tornar macro.

Em uma análise publicada por Mariana Oliveira e Wellington Medeiros em 2020, no artigo *Design e dissidência queer: considerações sobre questões de gênero no design*, ao revisitarem diversos conceitos dos estudos *queer* e dos estudos de gênero, foram aproximados os conceitos de “*gender-sensitive design*” ou “design sensível ao gênero” (Buchmüller, *apud* Oliveira; Medeiros, 2020, local 9) e “*design justice*” ou “design justo” (Constanza-chock, *apud* Oliveira; Medeiros, 2020, local 9), como forma de chamar atenção às mudanças nas visões absolutistas sobre o gênero dentro da área. Justiça e sensibilidade

²⁹ Do original: “[...] continuous mobilization of actors and networks in processes of collective experimentation.”

fazem parte de uma intersecção necessária ao Design quando *queerizado*. Segundo Oliveira e Medeiros (2020, local 9), a atenção às dissidências *queer* “permite ao [ou à] designer examinar o caráter dinâmico das complexidades sociais, ligadas às estruturas de hierarquia, dominação e regulação dos corpos”. Indo ao encontro das análises desta tese, os autores também concluem que há urgência em redefinir conceitos e conteúdos apreendidos no processo de formação e na prática de designers.

De fato, a análise de alguns clássicos do Design nos subcapítulos anteriores nos mostrou o quanto eles são importantíssimos para discussões em algumas áreas específicas do próprio campo, mas não necessariamente trazem contribuições inovadoras sobre a temática *queer* ou a temática de gênero, por não considerarem essa aproximação ao Design na época em que foram escritos. As discussões sobre um Design *queer*, portanto, necessitam de análises históricas, mas com aplicações e práticas contemporâneas.

Em função disso, será dada sequência à argumentação sobre a dissidência *queer* dentro do Design.

Para validar a posição do designer ou da designer quanto pesquisador(a) e projetista *queer*, é importante resgatar mais uma constatação de Mário Moura (já citado aqui no subcapítulo 1.1). Moura (2021) analisou que um dos legados que o modernismo deixou, foi um Design universal e “neutro” que ainda reforçava uma identidade de base heterossexual. O que levou, quase como consequência, a um pós-modernismo teimoso, tentando a todo custo emplacar projetos com características ativistas e transgressoras, mas que ironicamente retomam valores modernistas (Francisco, 2022). No entanto, um ou outro projeto “pós-pós-modernista” surgiu, com intenção realmente subversiva, valorizando histórias de mulheres e de pessoas LGBTQIAP+, proveniente de localizações não ocidentais (Francisco, 2022), com histórias decoloniais de minorias silenciadas e identidades oprimidas que ganharam, lentamente, visibilidade dentro do Design (Canli, 2016).

Ao considerar esse cenário do Design, indo do modernismo ao “pós-pós-modernismo”, a designer e pesquisadora Susana João Francisco ponderou sobre como esses projetos realmente transgressores e subversivos foram

pautados em uma série de pensamentos críticos, principalmente sobre o papel político e social do Design. Francisco (2022, p. 71) concluiu que, ao criar um produto de Design, independentemente de qual seja, o(a) designer “inevitavelmente questiona-se sobre como o humano, o corpo e a mente do humano vão interagir com o seu design”.

A conexão humano-objeto perpassa a antropologia do Design, citada anteriormente, no que diz respeito à relação corpo-objeto.

Em função disso, é indispensável analisar atentamente o livro *Manifesto Contrassexual*, de Paul Preciado, e observar esse ponto estratégico da conduta do ou da designer que se aproxima da antropologia: a relação dos objetos com um corpo que é político, que é um espaço que carrega consigo potencial de resistência diante da opressão, um “local” biopolítico.

O *Manifesto* “ênfatiza exatamente aquelas zonas esquecidas pelas análises feministas e *queer*: o corpo como espaço de construção biopolítica, como lugar de opressão, mas também como centro de resistência” (Bourcier, 2014, p. 13). Por exemplo, um ou uma designer que projeta algo para o corpo e para o prazer não deve fazê-lo simplesmente por um ideal estético, mas deve considerar uma série de estigmatizações sobre corpos e entender as práticas relacionadas aos objetos de forma contrassexual. Segundo Preciado:

A resignificação contrassexual do corpo passa a vigorar com a introdução gradual de determinadas políticas contrassexuais: primeiro, com a universalização das práticas estigmatizadas como abjetas no âmbito do heterocentrismo. Segundo, será necessário colocar em movimento equipes de pesquisa contrassexuais high-tech, de maneira que se possa encontrar e propor novas formas de sensibilidade e de afeto (Preciado, 2014, p. 36).

No que diz respeito ao “projetar para o corpo”, o questionamento sobre sexo e prazer já se mostrou um grande desafio. Durante o projeto de mestrado deste autor, foi conceituado e explorado o campo do *Sex Design* que, de fato, mostra um Design em posição contranormativa, transgressora e mais próximo das questões *queer* e das questões de gênero e sexualidade.

Segundo Contini (2021), *Sex Design* vai além da junção dos termos “sexo” e “design” e pode ser considerado como uma vertente do Design que se preocupa com as questões de gênero, sexualidade, prazer, erotismo e desejo

aplicadas aos projetos criativos (sejam eles produtos gráficos, digitais, industriais, metodológicos, por exemplo).

O *Sex Design* não seria apenas uma transgressão temática, mas uma proposta que pretende recuperar algo essencial à humanidade, trazendo discussões consideradas “tabus” ao nível das pesquisas “comuns” e facilmente respeitadas e aceitas. É no ápice da “nova economia do desejo” (Miskolci, 2014, p. 271) que se percebe uma nova realidade, um mundo repleto de complexidades e de novas tecnologias, “onde corpos, prazeres, afetos e desafetos precisam estar em evidência nas pesquisas e projetos que envolvam, de alguma forma, a interface entre o gênero e os criativos” (Contini, 2021, p. 55).

Sobre os projetos que fazem parte deste campo, Contini pontuou:

Estão dentro desse campo projetos de *sex toys*, estudos sobre a influência dos *sex shops*, fetiches e ambientes de prazer, projetos gráficos de valorização das questões de gênero, *wearables* (os chamados vestíveis) voltados ao universo sexual, entre outros inúmeros projetos e pesquisas que se conectam, nem que brevemente, com qualquer questão dessas áreas. O fortalecimento do campo é necessário para uniformizar a busca por informação na área e para conectar os/as pesquisadores/as e os/as projetistas em ambientes físicos e digitais de suporte (Contini, 2021, p. 55).

Quando se toma como base a universalidade do “sexo”, chama a atenção a assertividade em direcionar esta área (o *Sex Design*) para o centro de convergência transdisciplinar dos projetos e análises sobre sexo, gênero e prazer no âmbito criativo.

Mesmo que em dado momento muitos pesquisadores e pesquisadoras possam se sentir intimidados em projetar e pesquisar temas que se envolvem com o feminismo e os estudos *queer* – muito por conta do viés heteronormativo errôneo que os considera historicamente controversos e problemáticos – ainda é possível desconstruir essa opinião infundada. “Comentários como ‘não olho raça’ ou ‘não olho gênero’ são afirmações que negam a realidade e evitam reconhecer a própria posição em relação às estruturas de poder” (Lupton *et al.*, 2023, p. 11).

Conforme analisado por Ellen Lupton no livro *EXTRA BOLD: um guia feminista, inclusivo, antirracista, não binário para designers*, um design feminista é uma prática que analisa os próprios sujeitos, ele evidencia “preconceitos e

privilégios, buscando representar diferentes maneiras de ser e abrindo vozes sub-representadas” (Lupton *et al.*, 2023, p. 11).

Isso acontece ao mesmo tempo que parte da contribuição dos e das designers para a construção social de gênero se consolida por meio das “pistas estilísticas para sugerir características masculinas e femininas” (Lupton; Xia, 2023, p.61), sem imposições de caráter totalizante.

E sobre a aproximação do Design com o *queer*, quem “queeriza” o Design, faz como? São sujeitos que buscam no *queer* um caminho de problematização?

Talvez. Se for considerado que o questionamento a ser problematizado é o das práticas normativas, dos conceitos reducionistas e dos projetos com marcadores unicamente binários e impositivos. Isso reflete a necessidade do Design de se livrar das amarras e dos binarismos que fazem com que as mesmas coisas sejam repetidas.

Por exemplo, no Design Gráfico, percebe-se uma avalanche de identidades visuais para representar a sensibilidade e a “fragilidade” das mulheres (o “único feminino possível”), elaboradas apenas em cores pastel, em tons de rosa, com elementos florais e curvas. Por outro lado, no Design de Produto, são identificados projetos de frascos de perfumes considerados masculinos, com fragrâncias “somente para homens”, que reforçam, através do Design, a solidez, a ausência de movimento sensível, a robustez, e as formas quadradas e bem lineares. Algo a se questionar cada vez mais.

Muitas vezes utiliza-se essa percepção semiótica contra o Design, contra o enfrentamento, reforçando elementos que já nos “gritavam” códigos binários e que agora só estão com outra roupagem.

E se fosse possível esquecer dos marcadores binários, esquecer da heteronormatividade excessiva para se projetar de forma inclusiva e preocupada com as diferenças? É o caminho ideal.

Esses problemas são transdisciplinares também, em termos de temáticas socioculturais. Não adianta falar que “a moda é sem gênero” se os marcadores estão potencializados ali, se continuam produzindo roupas diferenciadas para homens e mulheres, roupas “para meninas” e “para meninos”, roupas *slim* para

corpos padronizados, esquecendo-se dos corpos reais, os corpos considerados, por estes sujeitos projetistas, como “diferentes”.

Utilize “todos” ou “todes”, mas o que também importa é que tudo funcione para todo mundo que sentir que precisa que aquilo funcione. Os marcadores precisam ser redefinidos.

O **Design queer dissidente** é um Design sobre a realidade transversal, sobre os problemas e questões contemporâneas. Ao mesmo tempo em que a sociedade produz o Design, ele também produz a sociedade.

Os aportes teóricos aqui apresentados podem ser constantemente revisitados pelos e pelas designers a fim de refletir sobre os estudos *queer*. A partir da análise sobre os desafios desse Design contemporâneo, direciona-se o olhar para as diversidades e a perspectiva de inclusão, que podem ser um ponto de expansão do Design e, quem sabe, levar à imersão no *queer*.

1.3. Diversidade, inclusão e os desafios do Design atual

Para o Design se aproximar do universo dos estudos *queer* com suporte da diversidade e da inclusão, mais alguns conceitos e abordagens são determinantes. Em uma perspectiva contemporânea, não se pode falar em “queerizar” o Design (Portinari, 2017) sem sensibilizá-lo, também, às políticas de diferença e diversidade e aos parâmetros de inclusão. A começar pelo conceito de “**diversidade**”.

São considerados diversidade os múltiplos aspectos e características humanas que todas as pessoas apresentam. Ou seja, a diversidade inclui, e não apenas é, a pluralidade de etnias, gêneros, sexualidades, origens, corpos, culturas, classes sociais, religiões, idades, nacionalidade, entre outros. Segundo Fernando José Martins (2010) o debate sobre diversidade é multifacetado, é objeto de diferenças e, muitas vezes, pode ser pautado como sinônimo de diversidade cultural, bastante presente no contexto de políticas públicas. É fato que não se pode descartar essa vertente hegemônica, mas deve-se prestar atenção ao conceito em seu interior.

Ao ser utilizado para se referir ao amplo conjunto de diferenças, o termo diversidade é cheio de marcadores, como os citados anteriormente. Estes marcadores “têm sido tratados a partir de essencialismos, que desconsideram

dimensões históricas e culturais” (Machin, R.; Paulino, D. B.; Pontes, J. C.; Rodrigues, R. R. N., 2022, p. 3798). E o termo “diferença” está, muitas vezes, situado como constituintes dos corpos, por exemplo os “corpos biopolíticos” (Bourcier, 2014) citados no subcapítulo anterior.

Na sequência, quando se tem por premissa os parâmetros de inclusão, é possível visualizar o crescimento do impacto causado pela área do Design Inclusivo ao pensar em diversidade como base indispensável para alguns projetos. Observa-se, a seguir, o conceito de inclusão.

A palavra “**inclusão**” começou a ser mais utilizada a partir da década de 80, antes disso o Núcleo de Integração de Deficientes (NID) utilizava a palavra “integração” ao defender a necessidade de não separar pessoas (Sasaki, 2009b). Portanto, inclusão, como paradigma social, é o “processo pelo qual os sistemas sociais comuns são tornados adequados para toda a diversidade humana – composta por etnia, raça, língua, nacionalidade, gênero [...]” (Sasaki, 2009a, p. 10).

Adotar um pensamento inclusivo é necessário em diversas áreas existentes, reiterando a importância dos saberes plurais e acessíveis. Por exemplo, nas conexões transdisciplinares com os campos das Ciências Biológicas, como a Fonoaudiologia e a área da Psicologia, percebe-se a necessidade latente de ações afirmativas que efetivem a produção e as adaptações de produtos. Promove-se, assim, a comunicação direta com o público-alvo e o diálogo com os campos de gênero e sexualidade (invisibilizados frequentemente), sem deixar de lado algumas bases estruturais do Design utilizadas até hoje, como é o caso da universalidade.

Uma das pretensões da universalidade no Design é “unificar práticas distintas por meio da ideia de projeto” (Moura, 2021, p. 39, tradução minha)³⁰. Portanto, quando os projetos de Design são pautados no Design Universal, em que há um aumento da incorporação de certas minorias (ou por que não dizer maiorias invisibilizadas?!) ao mercado de consumo e ao desenvolvimento de produtos, o alcance dos projetos elaborados é ampliado. Segundo Itiro Iida

³⁰ Do original: “*unificar praticas distintas através da ideia de projecto.*”

(2005), “o projeto universal está preocupado em fazê-lo acessível à maioria da população”. Nas palavras de Symone Jardim:

O projeto universal preocupa-se em dotar o produto ou o ambiente com as características que facilitem o seu uso pela maioria das pessoas, incluindo certas minorias, como os canhotos, idosos e portadores de deficiências físicas [...]. Ele parte do princípio de que é mais barato desenvolver esse tipo de produto, desde o início, do que produzir aparatos especiais para as minorias (Jardim, 2002, *apud* Lida, 2005, p. 318).

Ou seja, se a prática do Design, por ser cultural, pode ser aplicada por todos e todas, o Design Universal é uma abordagem dos e das designers focada em “gerar um produto ou serviço que possa ser acessado por qualquer pessoa, independentemente de sua condição física, social ou cultural” (Cilli, 2017a).

Segundo pontuado por Ellen e Julia Lupton (2022), o Design Universal abrange pontos que não foram preocupações durante a primeira onda da teoria moderna no Design, são eles: o acesso comum à educação e ferramentas; padrões e protocolos catalogados para melhor intercâmbio de informação; projetos para usuários com capacidades físicas e cognitivas diversificadas; linguagem formal básica. Sobre a universalidade do campo no contexto pós-moderno, as autoras observaram:

O design universal, tal como está se delineando agora, em seguida ao pós-modernismo, não é um modo genérico e neutro de comunicação. Em vez disso, é uma linguagem visual emaranhada em um ambiente de comunicações em contínua evolução tecnológica, ampliado e testado por uma gama sem precedentes de pessoas. Os indivíduos podem lidar com essa linguagem em seus próprios termos, nela insuflando a sua própria energia e sensibilidade a fim de criar comunicações apropriadas a públicos e objetivos determinados (Lupton, E.; Lupton, J., 2022, p. 177).

Em um material chamado “*Manifesto para um Design Universal Queer*”³¹, Monika Myers e Jason Crockett (2013, p. 58, tradução minha)³² defenderam que a teoria do Design Universal é, também, “um modelo poderoso para o futuro ideal das minorias sexuais”. Eles estabeleceram um manifesto com base nos sete princípios do Design Universal, criando equivalências com base na orientação sexual e no olhar *queer*. Na tabela abaixo (Tabela 1) estão comparados os sete princípios, conforme analisado por Myers e Crockett (2013, p. 59-63).

³¹ Do original: “*Manifesto for Queer Universal Design*”

³² Do original: “*a powerful model for the ideal future of sexual minorities*”

Tabela 1 – Comparativo entre os sete princípios do Design Universal e os sete princípios do Design Universal Queer, segundo Myers e Crockett (2013)

7 Princípios do Design Universal	7 Princípios do Design Universal Queer
Princípio 1: Uso Equitativo O Design deve ser útil e comercializável para pessoas com diferentes habilidades.	Princípio 1: Uso Equitativo As instituições sociais devem estar equitativamente disponíveis para pessoas com diversas orientações de gênero e sexualidade.
Princípio 2: Flexibilidade no Uso O Design deve acomodar uma ampla variedade de preferências e habilidades individuais.	Princípio 2: Flexibilidade no Uso As instituições sociais devem acomodar uma grande variedade de preferências individuais, familiares e de estilo de vida.
Princípio 3: Uso Simples e Intuitivo O uso do Design deve ser de fácil compreensão, independentemente do conhecimento, das experiências, das habilidades linguísticas e/ou do nível de concentração do usuário.	Princípio 3: Simplicidade Os requisitos devem ser fáceis de compreender, sem exigências adicionais baseadas em gênero ou orientação sexual.
Princípio 4: Informação Perceptível O Design deve comunicar as informações necessárias de forma eficaz ao usuário, sem depender de condições ambientais ou de habilidades sensoriais dele.	Princípio 4: Informação A informação deve ser transmitida de forma clara e precisa, demonstrando consciência e sensibilidade em relação às vidas <i>queer</i> .
Princípio 5: Tolerância ao Erro O Design deve minimizar os riscos e as consequências adversas de ações acidentais ou não intencionais.	Princípio 5: Tolerância à Ambiguidade Orientações sexuais e de gênero ambíguas, conflitantes e mutáveis devem ser bem-vindas e vistas como normais.
Princípio 6: Baixo Esforço Físico O Design deve ser utilizado de maneira confortável e eficiente, com um mínimo de fadiga.	Princípio 6: Liberdade da Violência As pessoas devem estar livres da violência física e sexual, tanto dentro quanto fora das relações íntimas.
Princípio 7: Tamanho e Espaço para Aproximação e Uso O Design deve oferecer espaço e tamanho adequados para a aproximação, manipulação, alcance e uso, sem depender do porte físico, da postura ou da mobilidade do usuário.	Princípio 7: Privacidade As pessoas devem ter o direito à privacidade para revelar ou não sua identidade de gênero e orientação sexual.

Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

Esse aproveitamento de características e princípios do Design Universal para o contexto *queer* demonstra o aumento da preocupação de alguns pesquisadores do Design com a universalidade em um cenário subversivo e contranormativo. Cenário esse em que gênero, sexualidade e os estudos *queer* são cada vez mais reafirmados dentro dos projetos.

Apesar disso, o termo Design Universal deve ser utilizado com cautela. Atualmente o termo Design Inclusivo traz uma maior aproximação com a realidade ao se preocupar “em incluir indivíduos que não são contemplados normalmente em projetos de Design” (Alvarenga, 2006, *apud* Lanutti; Paschoarelli, 2016, p. 2762-2763). Por outro lado, o termo Design Universal tem a quase impossível pretensão de atingir todos os indivíduos que existem, mas é nítido que “atingir todos é uma tarefa difícil ao se pensar em um único produto” (Alvarenga, 2006, *apud* Lanutti; Paschoarelli, 2016, p. 2762-2763).

Para que o Design seja de fato feito para qualquer pessoa, as diretrizes e os estudos transdisciplinares são necessários como validação da melhor forma de inserção de diversos públicos e usuários na abrangência dos projetos.

Um Design feito “para todos” não significa que um mesmo produto servirá para qualquer pessoa, na verdade significa que qualquer pessoa pode ser incluída em um projeto de Design, não necessariamente ao mesmo tempo e no mesmo projeto. É um Design que reconhece as limitações ao mesmo tempo em que tenta ultrapassá-las quando possível. Projetos de Design podem ser inclusivos e se aproximarem de determinadas características físicas, de condições específicas, de necessidades e microprotestos relacionados ao gênero, à etnia ou mesmo pautadas por questões sociais, culturais e políticas coletivas ou individuais.

Analisando a interface criada entre o Design Inclusivo e a transdisciplinaridade, é possível reiterar terminologias e conceitos de cada uma das áreas. Partindo do Design Inclusivo, tem-se uma definição trivial para o desenvolvimento na área. Para Fernanda Henriques e Cássia Domiciano (2015), ao analisar as diretrizes da organização *Tiresias*³³, especializada em divulgação de pesquisas na área da acessibilidade e inclusão:

³³ www.tiresias.org

O design de produtos e/ou serviços do cotidiano devem ser acessíveis e utilizáveis por um número razoavelmente possível de pessoas de uma base global, e em uma ampla variedade de situações sem que [...] haja a necessidade de adaptações especiais [...] (Henriques; Domiciano, 2015, p.3).

Constata-se, portanto, que o Design de Serviço e/ou Produto deve ser para todos e todas, possibilitando aos e às designers apoio de profissionais de outras áreas, o que contempla a prática transdisciplinar.

Nas análises de Cátia Silva (2011) sobre as considerações de Edward Steinfeld (2004):

O design inclusivo tem como objetivo encontrar soluções que não atendam apenas a indivíduos portadores de deficiência permanente, mas que beneficiem o maior número possível de utilizadores independentemente das suas características. Os produtos e ambientes concebidos neste âmbito, ao abranger mais população alargam o público-alvo, sem esquecer as limitações existentes (Silva, C., 2011, p. 13).

Percebe-se que “todos os cidadãos se tornam público-alvo de projetos inclusivos” (Silva, C., 2011, p. 14) e devem ser lembrados pelos(as) designers no processo criativo, técnico e colaborativo de um projeto, tornando-os(as) parte do processo.

Como forma de proporcionar conexões entre o Design Inclusivo e os estudos *queer*, é indispensável analisar o nome dado para a metodologia que preza pela interligação entre áreas: a **transdisciplinaridade**.

Segundo Nicolescu (1999, p. 5), a transdisciplinaridade é “uma teia complexa cujos fios se entrelaçam e se conectam”. A organização em forma de rede faz com que essa relação seja efetiva e possibilite uma certa quantidade de resultados e articulações. Em pesquisas sobre a transdisciplinaridade, Nicolescu esclarece a respeito da origem do termo:

Tendo surgido, há três décadas, quase simultaneamente, nos trabalhos de pesquisadores diferentes como Jean Piaget, Edgar Morin, Eric Jantsch e muitos outros, este termo foi inventado na época para traduzir a necessidade de uma jubilosa transgressão das fronteiras entre as disciplinas, sobretudo no campo do ensino e de ir além da pluri e da interdisciplinaridade [...]. A transdisciplinaridade, como o prefixo “trans” indica, diz respeito àquilo que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além do mundo presente, para o qual um dos imperativos é a unidade do conhecimento (Nicolescu, 1999, p. 11-53).

Nesse sentido, existe uma abordagem que possibilita a transgressão e a associação disciplinar para a construção de novas análises sobre conhecimentos já existentes. Confirmando essa proposição, observa-se que:

A transdisciplinaridade é a transgressão da dualidade que opõe os pares binários sujeito/objeto, subjetividade/objetividade, matéria/consciência, natureza/divino, reducionismo/holismo, simplicidade/complexidade, diversidade/unidade. Esta dualidade é transgredida pela unidade aberta que engloba tanto o Universo como o ser humano (Nicolescu, 1999, p. 64-65).

A projeção transdisciplinar do ou da designer é descrita por alguns autores que tratam do potencial do Design enquanto transversal, à medida que os processos de um projeto ou pesquisa necessitem de contribuições de especialistas em diversas disciplinas. A transdisciplinaridade tende a buscar rupturas e “trata-se frequentemente de esquemas cognitivos que podem atravessar as disciplinas, às vezes com tal virulência, que as deixam em transe” (Morin, 2003, *apud* Cilli, 2017b, p. 31).

A análise do que é a transdisciplinaridade possibilita, para o âmbito do Design Inclusivo, identificar o potencial do projeto colaborativo com foco na inclusão e no desenvolvimento de produtos plurais e acessíveis. E é através da transdisciplinaridade que a conexão entre o Design e os estudos de gênero se estabelece, uma vez que ainda são recentes os diálogos entre esses dois campos. Essa constatação será confirmada e explorada no capítulo seguinte.

CAPÍTULO 2

Conexão Design e estudos de gênero, sexualidade e *queer*

Este capítulo explora a conexão entre o campo do Design e os estudos de gênero, sexualidade e *queer* através de três processos metodológicos: Estudo Exploratório para identificar iniciativas acadêmicas; Revisão Bibliográfica de Escopo (RBE) para mapear estudos existentes; e Entrevistas com pesquisadores, selecionados a partir dos estudos anteriores, para aprofundar a análise das práticas *queer* no Design.

2.1. Estudo exploratório: Design, universidade e estudos de gênero, sexualidade e *queer*

Uma pesquisa exploratória ou um estudo exploratório tem como objetivo principal conhecer uma variável de estudo da forma como ela se apresenta, conhecendo seu significado e o contexto em que ela está inserida (Piovesan; Temporini, 1995). Conforme explicado por Piovesan e Temporini (1995, p.321), “pressupõe-se que o comportamento humano é mais bem compreendido no contexto social onde ocorre”.

A Revisão Exploratória apresentada nesta tese teve como objetivo uma primeira análise sobre o cenário atual dos cursos de graduação e dos programas de pós-graduação em Design com relação a uma possível aproximação com os estudos de gênero e sexualidade e os estudos *queer*. Essa aproximação já é vista em projetos brasileiros quando se busca por referências em congressos da área, mas para obter dados substanciais e comprovados, optou-se por começar o estudo na base, conforme explicado nos materiais e métodos.

Portanto, essa revisão não foi um estudo com todas as universidades brasileiras (o que levaria vários meses, precisaria de uma equipe e poderia se transformar em uma nova tese de doutorado), mas um estudo onde foram selecionadas **34 universidades** de acordo com os critérios explicados abaixo. Além disso, ao conhecer as variáveis, foi possível desenvolver um segundo estudo, bem aprofundado, explicado no subcapítulo seguinte (2.2 Revisão Bibliográfica de Escopo).

Como ponto de partida, foram selecionadas universidades brasileiras com **cursos de graduação e programas de pós-graduação (PPG)** em Design que tiveram as maiores notas ou posições em rankings de avaliação mais recentes, mencionados a seguir.

A partir desta seleção, foi possível identificar grupos de pesquisa, projetos de extensão ou disciplinas da estrutura curricular que conectam temas do Design com os estudos de gênero e sexualidade e os estudos *queer*. A busca nessas esferas foi feita com base nas seguintes hipóteses: se os cursos ou PPGs trabalham diretamente com as temáticas em questão, é possível que contenham disciplinas fixas ou optativas na grade curricular que dialogam diretamente com

estudos de gênero, sexualidade e *queer*; ao mesmo tempo, grupos de pesquisa organizados pelos professores (dentro de suas respectivas linhas de pesquisa) e projetos de extensão desenvolvidos em conjunto com os alunos e as alunas podem, possivelmente, tratar das temáticas estudadas aqui. Ao final deste capítulo são avaliados os resultados.

A orientação básica definida para a revisão foi:

Etapas iniciais:

1. Definição da questão de pesquisa e dos objetivos;
2. Desenvolver e alinhar critérios de inclusão (palavras-chave e demais critérios);
3. Seleção de locais para extração dos dados.

Etapas finais e resultados:

4. Organização e análise de dados;
5. Apresentação dos resultados.

2.1.1. Etapas iniciais do estudo exploratório

A seleção para o estudo foi feita em **duas fases**. A **primeira** para a graduação e a **segunda** para a pós-graduação. Serão explorados aqui os itens 1 a 3, mencionados acima.

Em âmbito da graduação, foram consideradas as **20 universidades** com cursos de Design mais bem avaliados pelo Ministério da Educação (MEC) em 2021³⁴, ano da avaliação mais recente na área durante a elaboração desta tese³⁵, conforme a Tabela 2. Esta avaliação leva em conta obrigatoriamente os cursos de universidades federais e particulares, podendo incluir, também, as estaduais.

A lista de avaliação foi gerada com base no Conceito Preliminar de Curso (CPC) mais recente na área do Design. O Conceito Preliminar de Curso (CPC) faz parte do processo de avaliação anual da educação superior do Ministério da Educação (MEC) onde são estabelecidos critérios objetivos de qualidade dos

³⁴ Avaliação pelo CPC 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/aceso-a-informacao/dados-abertos/indicadores-educacionais/indicadores-de-qualidade-da-educacao-superior>. Acesso em 14 fev. 2025

³⁵ Durante a elaboração da tese, a avaliação mais recente disponibilizada, que contemplava a área do design, foi a de 2021.

curso (MEC, 2025). O CPC varia de 1 a 5 e, para validação desses valores, as comissões de avaliação fazem visitas *in loco* para corroborar ou alterar o conceito obtido. As avaliações são anuais, seguindo cronograma de áreas do MEC, ou seja, os cursos, individualmente, não são avaliados todo ano.

Tabela 2 – 20 primeiros cursos de Design mais bem avaliados pelo MEC em 2021

Ranking MEC CPC 2021 - Design		
Classificação	Universidades	Nota CPC faixa
1	Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC)	5
2	Universidade Franciscana (UFN)	5
3	Universidade de Brasília (UnB) (Design – Programação Visual)	4
4	Universidade de Brasília (UnB) (Design – Projeto de Produto)	4
5	Universidade Federal de Sergipe (UFS)	4
6	Universidade Estadual de Londrina (UEL)	4
7	Universidade Federal de Uberlândia (UFU)	4
8	Universidade Presbiteriana Mackenzie	4
9	Universidade do Estado da Bahia (UNEB)	4
10	Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE)	4
11	Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC)	4
12	Centro Universitário Sagrado Coração (UNISAGRADO)	4
13	Universidade Estácio de Sá (UNESA)	4
14	Universidade São Judas Tadeu (USJT)	4
15	Universidade Nove de Julho (UNINOVE)	4
16	Universidade Católica de Brasília (UCB)	4
17	Centro Universitário de Volta Redonda (UNIFOA)	4
18	Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL)	4
19	Centro Universitário São Judas Tadeu (CSJT)	4
20	Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC GOIÁS)	4

Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

Na sequência, os resultados foram associados às **20 universidades** com curso de Design mais bem colocadas no Ranking de Universidades da Folha³⁶ (RUF) em 2024³⁷ (conforme Tabela 3), que avalia todas as universidades, sem distinção. O ranking permite selecionar a avaliação considerando o curso.

Tabela 3 – 20 primeiros cursos de Design mais bem avaliados pelo RUF 2024

Ranking RUF 2024 - Design	
Classificação	Universidades
1	Universidade de São Paulo (USP)
2	Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
3	Universidade Federal do Paraná (UFPR)
4	Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)
5	Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
6	Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
7	Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
8	Universidade Federal de Goiás (UFG)
9	Centro Universitário Belas Artes de São Paulo
10	Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)
11	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC Rio)
12	Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP)
13	Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM)
14	Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR)
15	Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG)
16	Universidade de Brasília (UnB)
17	Universidade Federal de Uberlândia (UFU)
18	Universidade Estadual de Londrina (UEL)
19	Universidade Presbiteriana Mackenzie
20	Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

O RUF classifica as universidades de acordo com 5 indicadores separadamente, além de uma nota final. São eles: Pesquisa Científica: avalia os índices de produtividade e a qualidade das pesquisas realizadas; Internacionalização: avalia acordos de cooperação internacional com outras

³⁶ Jornal Folha de São Paulo.

³⁷ Até o momento final de análise desta revisão exploratória, no primeiro semestre de 2025, o RUF 2025 ainda não havia sido publicado.

instituições e com empresas; Inovação: avalia o número de patentes registradas pela instituição; Qualidade do Ensino: avalia a forma como os conteúdos são passados aos alunos, considerando a avaliação do Índice Geral de Cursos (IGC) do MEC e as notas do Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (ENADE); Avaliação do mercado de trabalho: avalia como os alunos formados na instituição se inserem no mercado de trabalho e como esses profissionais são avaliados pelos empregadores (Folha de S.Paulo, 2024)³⁸.

Foram selecionados no estudo cursos de Design de qualquer grau (bacharelado, licenciatura, tecnológico ou outros), estado brasileiro ou modalidade (presencial ou à distância). Sendo excluídos os cursos de graduação em processo de extinção, já extintos ou com nota menor que 4.

Abaixo, na Tabela 4, a lista final de instituições de ensino utilizadas na primeira fase do estudo exploratório (etapa de graduação), excluindo-se instituições repetidas para não aparecerem duplicadas. Ao total foram selecionadas **34 universidades**, identificadas abaixo em ordem alfabética.

Tabela 4 – Lista final de instituições de ensino utilizadas no estudo exploratório (etapa de graduação)

Lista de Universidades de Design para estudo exploratório	
Ordem	Universidades
1	Centro Universitário Belas Artes de São Paulo
2	Centro Universitário de Volta Redonda (UNIFOA)
3	Centro Universitário Sagrado Coração (UNISAGRADO)
4	Centro Universitário São Judas Tadeu (CSJT)
5	Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM)
6	Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC GOIÁS)
7	Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR)
8	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC Rio)
9	Universidade Católica de Brasília (UCB)
10	Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE)
11	Universidade de Brasília (UnB)
12	Universidade de São Paulo (USP)
13	Universidade do Estado da Bahia (UNEB)
14	Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG)

³⁸ Disponível em: <https://ruf.folha.uol.com.br/2024/ranking-de-cursos/design/>. Acesso em 13 fev. 2025.

15	Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)
16	Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC)
17	Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL)
18	Universidade Estácio de Sá (UNESA)
19	Universidade Estadual de Londrina (UEL)
20	Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP)
21	Universidade Federal da Bahia (UFBA)
22	Universidade Federal de Goiás (UFG)
23	Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
24	Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)
25	Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
26	Universidade Federal de Sergipe (UFS)
27	Universidade Federal de Uberlândia (UFU)
28	Universidade Federal do Paraná (UFPR)
29	Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
30	Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
31	Universidade Franciscana (UFN)
32	Universidade Nove de Julho (UNINOVE)
33	Universidade Presbiteriana Mackenzie
34	Universidade São Judas Tadeu (USJT)

Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

A estrutura da **primeira fase do estudo (Fase 1)**, sobre as universidades com cursos de graduação em Design, será delimitada a seguir, na Tabela 5, assim como os critérios de inclusão e exclusão.

Tabela 5 – Estrutura da Fase 1 do estudo exploratório

Fase 1 – Universidades com curso de graduação em Design	
Questão de pesquisa	Quais universidades brasileiras com cursos de graduação em Design mais bem avaliadas pelo MEC e RUF apresentam grupos de pesquisa, projetos de extensão ou disciplinas da estrutura curricular que se aproximam dos estudos de gênero, sexualidade e <i>queer</i> ?
Objetivo do estudo	Identificar grupos de pesquisa, disciplinas e professores que trabalham os estudos de gênero, sexualidade ou <i>queer</i> nos cursos de graduação em design brasileiros.

Fonte	Portal do MEC (índice CPC 2021) e RUF 2024
Palavras-chave	gênero; sexualidade; <i>queer</i> ; LGBTQ; LGBTQIAP+; diversidade; decolonial; feminismo; transgressão; dissidência.
Critérios de Inclusão	Grupos de pesquisa, projetos de extensão ou disciplinas da estrutura curricular que contenham as palavras gênero ou <i>queer</i> em seu nome ou descritivo.
Critérios de Exclusão	Não ter pelo menos uma das palavras-chave no nome ou descritivo; Não serem disciplinas, projetos de extensão ou grupos de pesquisa do departamento de design, mas de outros departamentos; Nota no MEC (índice CPC) menor que 4 e posição do ranking do RUF menor que o 20º lugar.

Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

A escolha das palavras-chave “gênero”, “sexualidade”, “*queer*”, “LGBTQ”, “LGBTQIAP+”, “diversidade”, “decolonial”, “feminismo”, “transgressão” e “dissidência” se deu com base em termos que muitas vezes são utilizados em pesquisas e projetos que fazem referência às temáticas combinadas. Apesar de existirem outros termos próximos a esses, considerou-se que em um estudo exploratório, que será combinado com estudos aprofundados na sequência, a quantidade e qualidade das escolhas está suficiente para alcançar os resultados pretendidos, sem deixar uma quantidade substancial de resultados de fora da pesquisa.

Foram buscados, entre as universidades selecionadas, grupos de pesquisas, projetos de extensão e a estrutura curricular mais recente, de acordo com o disponibilizado nos sites das instituições e que se relacionem com temáticas destacadas nas palavras-chave. Quando os dados não foram encontrados com livre acesso no site, optou-se por entrar em contato direto com as secretarias e as coordenações de curso para solicitar as informações.

Os resultados da primeira etapa, da graduação, serão apresentados no subcapítulo seguinte.

Para a **segunda fase do estudo (Fase 2)**, no âmbito de pós-graduação, foram selecionados os Programas de Pós-Graduação em Design (PPGs) com notas 3, 4, 5 ou 6 (não foi encontrado nenhum PPG nota 7, assim como nenhum com notas 1 e 2), de acordo com o último quadriênio de avaliação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) já disponibilizado (Quadriênio 2017-2020)³⁹.

A CAPES considera como área de avaliação Arquitetura, Urbanismo e Design. Portanto, foram desconsiderados os PPGs de Arquitetura e Urbanismo. Além disso, é importante ressaltar que, para os programas Mestrado e Doutorado acadêmicos (ME e DO) e para os programas de Mestrado e Doutorado Profissionais (MP e DP), a escala varia de 1 a 7. Porém, as “notas superiores a 5 são atribuídas somente aos programas com elevado padrão de excelência e que tenham cursos de mestrado e doutorado” (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, 2024). Ou seja, se o programa oferece apenas cursos de mestrado, a nota máxima que ele pode conseguir é 5.

Foram selecionados **22 PPGs**, indicados na Tabela 6, abaixo.

Tabela 6 – Lista de Universidades com Programas de Pós-Graduação em Design notas 3, 4, 5 e 6

Lista de Universidades com PPGs de Design para estudo exploratório	
Notas	Universidades
6	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC Rio)
6	Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
6	Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
6	Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP-Bauru)
5	Universidade Anhembi Morumbi (UAM)
5	Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG)
5	Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)
5	Universidade Federal do Paraná (UFPR)
5	Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)
5	Universidade de São Paulo (USP)

³⁹ Por conta da pandemia de COVID-19 os resultados da Avaliação Quadrienal (2017-2020) foram publicados apenas em 2022, o que gerou um atraso na avaliação do quadriênio seguinte. Por conta disto, durante o desenvolvimento da tese, os resultados do quadriênio (2021-2024) ainda não estavam disponíveis. O calendário oficial da CAPES considera a divulgação dos resultados até 29/05/2026. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/avaliacao/sobre-a-avaliacao/avaliacao-o-que-e/sobre-a-avaliacao-conceitos-processos-e-normas/calendario-2025>. Acesso em 14 fev. 2025.

5	Universidade da região de Joinville (UNIVILLE)
4	Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) – Design
4	Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)
4	Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)
4	Universidade Federal do Maranhão (UFMA)
4	Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
4	Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)
4	Universidade de Brasília (UnB)
4	Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) – Design de Vestuário de Moda
4	Universidade Federal do Amazonas (UFAM)
4	Centro Universitário Teresa D’Ávila (UNIFATEA) – Design, Tecnologia e Inovação
4	Centro de Estudos e Sistemas Avançados do Recife (CESAR)

Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

A estrutura da **segunda fase do estudo (Fase 2)**, sobre as pós-graduações em Design, será delimitada a seguir, na Tabela 7, assim como os critérios de inclusão e exclusão.

Tabela 7 – Estrutura da Fase 2 do estudo exploratório

Fase 2 – Universidades com Pós-Graduação em design	
Questão de pesquisa	Quais universidades brasileiras com Pós-Graduação em Design mais bem avaliadas pela CAPES apresentam grupos de pesquisa, projetos de extensão, linhas de pesquisa ou disciplinas que se aproximam dos Estudos de gênero, sexualidade e <i>queer</i> ?
Objetivo do estudo	Identificar grupos de pesquisa, projetos de extensão, linhas de pesquisa, disciplinas e professores que trabalham os estudos de gênero (ou estudos <i>queer</i>) nos PPGs de Design brasileiros.
Fonte	Avaliação CAPES Quadriênio 2017-2020
Palavras-chave	gênero; sexualidade; <i>queer</i> ; LGBTQ; LGBTQIAP+; diversidade; decolonial; feminismo; transgressão; dissidência.
Crítérios de Inclusão	Grupos de pesquisa, projetos de extensão ou disciplinas que contenham as palavras-chave em seu nome ou descritivo.
Crítérios de Exclusão	Não ter pelo menos uma das palavras-chave no nome ou descritivo; Nota na Avaliação CAPES menor que 3; PPGs de Arquitetura e Urbanismo.

Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

Entre os programas de pós-graduação selecionados, foram identificadas as disciplinas oferecidas e as linhas de pesquisa dos professores cadastrados, de acordo com as informações disponibilizadas nos sites dos programas e que também se relacionem com as temáticas de gênero.

Os resultados da segunda etapa, da pós-graduação, também serão apresentados no subcapítulo seguinte.

2.1.2. Resultados do estudo exploratório

Na sequência das etapas iniciais, em que foram delimitados a questão de pesquisa, os objetivos, os critérios de inclusão e exclusão e, finalmente, a extração dos dados, foi possível desenvolver as etapas finais da revisão exploratória. Abaixo serão analisados os dados coletados e serão apresentados resultados.

Após finalização da **Fase 1**, nos cursos de graduação em Design selecionados seguindo a classificação combinada do MEC (CPC 2021) e do RFU 2024, **6 Universidades foram desconsideradas** do estudo por aparecerem mais de uma vez na combinação das duas listas, ou seja, foi desconsiderada apenas a repetição, mantendo-se apenas uma vez. São elas: Universidade de Brasília (UNB), que apareceu repetida duas vezes, Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC), Centro Universitário São Jutas Tadeu (CSJT), Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Universidade Estadual de Londrina (UEL) e Universidade Presbiteriana Mackenzie, que apareceram repetidas uma vez cada uma.

Com base nos critérios de inclusão e exclusão do primeiro estudo, apresentados anteriormente, após a desconsideração de universidades repetidas, outros **20 resultados foram excluídos**, após a busca pelas palavras-chave nas informações do site das universidades não apresentar resultados. A procura foi feita nos grupos de pesquisa e nas disciplinas da estrutura curricular.

As palavras-chave não foram encontradas em nenhuma das instituições **excluídas**: Centro Universitário Belas Artes de São Paulo, Centro Universitário de Volta Redonda (UNIFOA), Centro Universitário Sagrado Coração (UNISAGRADO), Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM),

Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC GOIÁS), Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Universidade Católica de Brasília (UCB), Universidade de Brasília (UnB), Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Universidade Estácio de Sá (UNESA), Universidade Estadual de Londrina (UEL), Universidade Federal de Goiás (UFG), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade Federal de Sergipe (UFS), Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Universidade Federal do Paraná (UFPR), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Universidade Nove de Julho (UNINOVE).

Em relação às disciplinas da estrutura curricular, ao não serem encontradas as ementas, foi feito o contato com as secretarias e coordenações dos cursos de Design para solicitar a liberação delas. Sobre a ESPM, a ementa não foi liberada pela coordenação acadêmica para público externo, excluindo-a do estudo.

Foram **incluídas** nesta primeira fase **13 universidades**: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC Rio), Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE), Universidade de São Paulo (USP), Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ / ESDI), Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC), Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL), Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), Universidade Federal da Bahia (UFBA), Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Universidade Franciscana (UFN), Universidade Presbiteriana Mackenzie (Mackenzie) e Universidade São Judas Tadeu (USJT). Elas apresentaram pelo menos uma das palavras-chave nos grupos de pesquisa ou nos títulos e ementas das disciplinas da estrutura curricular.

Os dados sobre elas serão indicados na Tabela 8.

Tabela 8 – Resultados incluídos na Fase 1 do Estudo Exploratório

Resultados incluídos na Fase 1 do Estudo Exploratório		
Universidades	Grupo de Pesquisa	Disciplinas
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC Rio)	Foram identificadas as palavras-chave "gênero" e "sexualidade" no grupo de pesquisa "Barthes", coordenado pela Profa. Dra. Denise Portinari. O grupo faz parte do "LaRS -Laboratório de Representação Sensível", coordenado pela mesma docente, que busca desenvolver abordagens e métodos de leitura que permitam ultrapassar a tradicional análise dos artefatos em termos de suas características funcionais e/ou estéticas.	Não encontradas as palavras-chave.
Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE)	Não encontradas as palavras-chave.	Foi encontrada a palavra-chave "diversidade" na ementa da disciplina "Eixo Institucional II – Cidadania, Direitos Humanos e Justiça Social".
Universidade de São Paulo (USP)	Foi encontrada a palavra-chave "gênero" no grupo de pesquisa "Por um Design Relacional", que trata de práticas relacionais no design e que engloba áreas como educação, estudos culturais, decoloniais, de gênero e urbanos, sustentabilidade e outros domínios das ciências sociais e aplicadas. O grupo é coordenado pela Profa. Dra. Maria Cecília Loschiavo dos Santos.	Foi encontrada a palavra-chave "diversidade" na ementa da disciplina "Design, Cultura e Materialidade".
Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG)	Foi encontrada a palavra-chave "decolonial" no descritivo do grupo "Estudos em Design, Identidade e Território", liderado pelas professoras Nadja Maria Mourão e Rosilene Conceição Maciel, e a palavra-chave "gênero" no "Grupo Extensionista de Pesquisa em Design Social", da Profa. Dra. Wânia Maria de Araújo.	Foi encontrada a palavra-chave "gênero" na disciplina "Diversidade e Inclusão".
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ / ESDI)	Foi identificada a palavra-chave "gênero" no grupo de pesquisa "NUDE - Núcleo de design, corpo e tecnopolítica", do Prof. Dr. Guilherme Altmayer.	Não encontradas as palavras-chave.

Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC)	Foram encontradas as palavras-chave "gênero" e "diversidade" apenas nas respectivas áreas: Ciência Jurídica e Ciências da vida e saúde. O único grupo de pesquisa identificado em design é sobre cidades inteligentes e sustentáveis.	Foi encontrada a palavra-chave "diversidade" na ementa da disciplina "Ética, Cultura e Contemporaneidade".
Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL)	Não encontradas as palavras-chave.	As palavras-chave "gênero" e "diversidade" foram encontradas na ementa da disciplina "Meio Ambiente, Sustentabilidade e Análise Social".
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP)	Não encontradas as palavras-chave.	Foram encontradas as palavras-chave "diversidade" e "decolonial" na disciplina "Antropologia Cultural e Design".
Universidade Federal da Bahia (UFBA)	Não encontradas as palavras-chave.	Foi encontrada a palavra-chave "gênero" na disciplina "Introdução Sociologia I".
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)	Foi encontrada a palavra-chave "gênero" no "Grupo de Pesquisas Transdisciplinares sobre Estética, Educação e Cultura", liderado pelo Prof. Mario de Faria Carvalho.	"Foi encontrada a palavra-chave "diversidade" na ementa da disciplina "Design e Sociedade - Design e Cultura".
Universidade Franciscana (UFN)	Não encontradas as palavras-chave.	Foi encontrada apenas a palavra-chave "diversidade" na disciplina "Educação e Identidade Cultural".
Universidade Presbiteriana Mackenzie (Mackenzie)	Não encontradas as palavras-chave.	Foram encontradas as palavras-chave "gênero" e "diversidade" nas ementas das disciplinas "Fundamentos Sociais e Políticos e o Design II e III".
Universidade São Judas Tadeu (USJT)	Não encontradas as palavras-chave.	As palavras-chave "gênero" e "diversidade" foram encontradas na ementa da disciplina "Meio Ambiente, Sustentabilidade e Análise Social".

Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

Em relação à **Fase 2**, que identificou os **PPGs Design avaliados pela CAPES**, ao concluir a análise, de um **total de 22 programas** de Design avaliados foram **desconsiderados 2, excluídos 10 e incluídos 10**.

Os PPGs Design **desconsiderados** foram: PPG Design de Vestuário e Moda da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) e PPG Design, Tecnologia e Inovação do Centro Universitário Teresa Dzávila (UNIFATEA), pois ambos não são programas apenas do Design.

Os **10 PPGs Design excluídos** foram: PPG Design Universidade Anhembi Morumbi (UAM), PPG Design Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE), PPG Design Universidade de Brasília (UnB), PPG Design Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), PPG Design Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP - Bauru), PPG Design Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), PPG Design Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), PPG Design Universidade Federal do Paraná (UFPR), PPG Design Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e PPG Design Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Sobre eles, têm-se as seguintes considerações:

- Os PPGs Design da UFPR, da UFRGS, da UFSC, da UNESP, da UAM, da UnB, da UNISINOS e da UNIVILLE também não apresentaram a palavra-chave “gênero” em nenhum dos 3 itens pesquisados.
- Os PPGs Design da UFCG e da UFRN não apresentaram a palavra-chave “gênero” nos grupos de pesquisa e nas disciplinas. Nenhum deles disponibilizou no site uma lista de laboratórios didáticos para serem avaliados.
- Foram excluídos 3 PPGs com nota 6, 4 PPGs com nota 5, 2 PPGs com a nota 4 e 1 PPG com nota 3. Os 2 PPGs desconsiderados têm a nota 4.

Foram **incluídos** nesta segunda fase **10 PPGs**: PPG Design Centro de Estudos e Sistemas Avançados do Recife (CESAR), PPG Design Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC Rio), PPG Design Universidade de São Paulo (USP), PPG Design Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), PPG Design Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), PPG Design Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ / ESDI), PPG Design Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), PPG Design Universidade

Federal do Amazonas (UFAM), PPG Design Universidade Federal do Maranhão (UFMA) e PPG Design Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Eles apresentaram as palavras-chave “gênero”, “diversidade” ou “decolonial” em grupos de pesquisa, em laboratórios ou em disciplinas da matriz curricular.

Os dados obtidos sobre os PPGs **incluídos** serão indicados na Tabela 9.

Tabela 9 – Resultados incluídos na Fase 2 do Estudo Exploratório

Resultados incluídos na Fase 2 do Estudo Exploratório				
Nome PPG (Universidade)	Nota PPG	Grupo de Pesquisa	Laboratório	Disciplinas
PPG Design Centro de Estudos e Sistemas Avançados do Recife (CESAR)* *mestrado profissional	3	Foram identificadas as palavras-chave "gênero", "decolonial" e "diversidade" na descrição do grupo de pesquisa "SANKOFA", liderado pela Profa. Dra. Tatalina Cristina Silva de Oliveira. O grupo busca estabelecer a relação entre o design com a cultura material e imaterial, sua relação com a sociedade a partir de um viés decolonial, focando em estudos de gênero, diversidade e inclusão.	Indisponível	Não encontradas as palavras-chave.
PPG Design Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC RIO)	6	Foi encontrada a palavra-chave "gênero" no grupo de pesquisas Barthes, que pesquisa sobre imaginário, corpo, gênero e subjetividade. O grupo é liderado pela Profa. Dra. Denise Portinari.	Foi encontrada a palavra-chave "gênero" na descrição do laboratório "LaRS - Laboratório de Representação Sensível", coordenado pela Profa. Dra. Denise Portinari.	Não encontradas as palavras-chave.
PPG Design Universidade de São Paulo (USP)	5	Foram identificadas as palavras-chave "gênero" e "decolonial" na descrição do grupo de pesquisa "Por um Design Relacional", liderado pela Profa. Dra. Maria Cecília Loschiavo dos Santos. O grupo trabalha estudos culturais, decoloniais, de gênero e urbanos, sustentabilidade e outros	Não encontradas as palavras-chave.	Foi encontrada a palavra-chave "gênero" no título da disciplina "Design e Gênero", ministrada pela Profa. Dra. Maria Cecília Loschiavo dos Santos.

		domínios das ciências sociais e aplicadas.		
PPG Design Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG)	5	Não encontradas as palavras-chave.	Não encontradas as palavras-chave.	Foi encontrada a palavra-chave "diversidade" na disciplina "Tópicos Especiais - Design e diversidade: inclusão, cultura, sociedade e outros temas contemporâneos".
PPG Design Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)	4	Não encontradas as palavras-chave.	Foi identificada a palavra-chave "gênero" na descrição do laboratório "LABMAES - Laboratório de Pesquisa Moda e Sociedade", coordenado pela Profa. Dra. Mara Rúbia Sant'Anna.	Não encontradas as palavras-chave.
PPG Design Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ / ESDI)	4	Foi identificada a palavra-chave "gênero" no grupo de pesquisa "NUDE: Design - Corpo - Tecnopolítica", liderado pelo Prof. Dr. Guilherme Altmayer.	Não encontradas as palavras-chave	Foi identificada a palavra-chave "gênero" na ementa da disciplina "Design, corpo e tecnopolítica".
PPG Design Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)	5	Foi identificada a palavra-chave "gênero" no "Grupo de Pesquisas Transdisciplinares sobre Estética, Educação e Cultura", liderado pelo Prof. Dr. Mario de Faria Carvalho. O grupo tem uma linha de pesquisa sobre estética, gênero e representações sociais na contemporaneidade.	Não encontradas as palavras-chave.	Não encontradas as palavras-chave.
PPG Design Universidade Federal do Amazonas (UFAM)	4	Foi encontrada a palavra-chave "gênero" no grupo de pesquisa "Design, Gênero e Sustentabilidade - DeGS", liderado pela Profa. Dra. Larissa Albuquerque de Alencar e pela Profa. Dra. Sheila Cordeiro Mota.	Não encontradas as palavras-chave.	Não encontradas as palavras-chave.
PPG Design Universidade Federal do Maranhão (UFMA)	4	Foi identificada a palavra-chave "gênero" na descrição do grupo de pesquisa "NIDA - Narrativas em Inovação, Design e Antropologia", liderado pela Profa. Dra.	Foi identificada a palavra-chave "gênero" na descrição do "Laboratório NIDA - Narrativas em Inovação, Design e Antropologia" coordenado pela Profa.	Não encontradas as palavras-chave.

		Raquel Gomes Noronha. Vinculado à professora foi encontrada a ReLADyG - Rede Latinoamericana de Diseño y Género (Instagram: @reladyg).	Dra. Raquel Gomes Noronha. Foi encontrado o livro "Design e Género: experiências coletivas de ensino" no Instagram do grupo, que provavelmente fez parte dessa iniciativa.	
PPG Design Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)	4	Não encontradas as palavras-chave.	Não encontradas as palavras-chave.	Foi encontrada a palavra-chave "gênero" na ementa da disciplina "Visualização de Dados como Prática Crítica e Reflexiva", ministrada pela Profa. Dra. Doris Kosminsky, que aborda questões de gênero na crítica sobre visualização de dados.

Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

Com base nas duas fases do estudo realizado, foram identificadas algumas coincidências a partir de repetições entre universidades que têm cursos de graduação e PPGs Design, nos casos em que ambos foram identificados.

Algumas observações e os resultados parciais serão destacadas abaixo. Os dados aprofundados e relacionados entre o estudo exploratório e o próximo estudo – apresentado no subcapítulo seguinte – serão pontuados no capítulo 3. Os detalhes ampliados sobre as tabelas 8 e 9, apresentadas nas fases 1 e 2 do presente estudo, estão disponíveis nos Apêndices A e B.

As duas fases do *Estudo Exploratório: Design, gênero e universidade* selecionaram, ao todo, **56 resultados**⁴⁰ (34 para universidades com cursos de graduação em Design e 22 para PPGs Design).

Destes resultados, foram **incluídos 10 PPGs e 13 universidades**. Apenas 5 universidades que têm graduação em Design também apareceram com PPGs em Design que foram incluídos, são elas a PUC Rio, a UNIVILLE, a UERJ (ESDI), a USP e a UEMG. Isso demonstra que são fortes os indícios de que por terem alguma aproximação com os estudos de gênero, sexualidade ou

⁴⁰ Foram excluídos deste número as 6 universidades desconsideradas por estarem repetidas.

queer (em qualquer nível de profundidade), estas universidades levaram essa proximidade para a pós-graduação.

Em outros casos, por mais que existam nas universidades os cursos de graduação e pós-graduação em Design, em um deles é mais presente a participação das temáticas analisadas. Foi formulada a hipótese de que quando a proximidade é maior apenas na graduação, esta conexão entre Design e gênero, sexualidade ou *queer* está em estágio inicial. A hipótese será confirmada ou não após uma nova análise, mais aprofundada, que será apresentada no subcapítulo seguinte, considerando a produção acadêmica.

Ao analisar os resultados parciais exclusivamente da busca por grupos de pesquisa, constatou-se que dos 8 grupos encontrados, em apenas 1 deles uma das palavras-chave foram encontradas no nome do grupo, o caso da palavra “gênero” no grupo “Design, Gênero e Sustentabilidade – DeGS”, liderado pelas Profa. Dra. Larissa Albuquerque de Alencar e Profa. Dra. Sheila Cordeiro Mota da UFAM. Os grupos foram selecionados por apresentarem ou na descrição ou nas linhas de pesquisas a menção a “gênero”. Isso não significa que os demais grupos não trabalhem com as temáticas, pelo contrário, são grupos com temáticas amplas e que contemplam as temáticas dos estudos de gênero, sexualidade ou *queer* e, além disso, que apresentaram na descrição uma ou mais palavras-chave.

De maneira geral, o estudo exploratório em 2 fases trouxe à tona algumas considerações importantes sobre a realidade da aproximação do Design com temáticas transgressoras e dissidentes que envolvem os estudos de gênero e sexualidade e os estudos *queer*: apesar de outras áreas como a Antropologia, a Psicologia e a Literatura explorarem esses temas desde década de 1960, junto ao surgimento dos estudos feministas e ao movimento LGBT (citados anteriormente), no Design essa aproximação é ainda recente e está em constante construção. Por ser recente, as transformações dentro do Design acabaram de sair do seu estágio inicial de um questionamento na base.

O estudo exploratório demonstrou que, na seleção de **56 resultados, entre universidades e PPGs, 23 deles foram incluídos nos estudos**, pouco mais de 40% do total. Em relação aos motivos mais frequentes da inclusão, tanto

grupos de pesquisa quanto disciplinas apresentaram uma quantidade semelhante, respectivamente **13 e 15 resultados**. Destes, **apenas 4 dos cursos ou PPGs de Design** foram selecionados por apresentarem as palavras-chave tanto em grupos de pesquisas, quanto em disciplinas encontradas que incorporam as temáticas.

A incorporação de grupos de pesquisa, que trabalhem questões de gênero, sexualidade ou *queer*, aos cursos ou PPGs de Design demonstra um histórico de pesquisa na área por parte da ou do docente e que provavelmente foi construído ao longo dos anos e da trajetória dessa pesquisadora ou desse pesquisador. Portanto, existe uma maturidade acadêmica nos resultados que apresentaram grupos de pesquisas já consolidados.

Por outro lado, ao identificar-se um número substancial, dentro da amostra, de disciplinas que possibilitam a discussão de gênero, sexualidade ou *queer* nas graduações e pós-graduações de Design, percebe-se um movimento de incorporação de discussões decoloniais e transgressoras na formação de designers-pesquisadores críticos e brasileiros.

Após o estudo exploratório, uma hipótese surgiu como validação da continuidade desta pesquisa: se uma amostra relevante das universidades brasileiras com cursos de graduação em Design e, principalmente, das pós-graduações em Design nacionais, se mostra aberta a incorporar os estudos de gênero, sexualidade e *queer* nas matrizes curriculares e no desenvolvimento de pesquisas, significa que existe uma necessidade de continuidade dessa interface *Queer-Design* e, por outro lado, que existe uma história por trás dessa realidade de “queerização” da área. História essa que será contada através de um olhar sistematizado sobre a produção acadêmica e através de entrevistas com quem faz esse Design ser *Queer*: alunas e alunos, professores e professoras, pesquisadoras e pesquisadores, atuantes no mercado ou não.

Será explorada a seguir, na Revisão Bibliográfica de Escopo, a profundidade das conexões entre gênero e Design, Design e *Queer*, Design e sexualidade, considerando a produção científica em diversas esferas.

2.2.Revisão Bibliográfica de Escopo (RBE): Estudos de gênero, sexualidade, estudos *queer* e Design

No subcapítulo anterior, foram apresentadas argumentações que corroboraram com a seguinte afirmação: o campo do Design precisa se aproximar ainda mais dos estudos *queer* e, conseqüentemente, reduzir a dificuldade de se encontrar projetos desenvolvidos na interface entre essas áreas.

Este subcapítulo traz, portanto, estratégias metodológicas que podem confirmar ou não essa afirmação. Resposta esta que será detalhada a seguir.

A análise inicial sobre a conexão dos estudos de gênero e sexualidade e dos estudos *queer* ao Design possibilitou o entendimento sobre a necessidade latente de uma investigação mais aprofundada. Grande parte das conexões tem seu ponto de partida no campo dos estudos sobre gênero e sexualidade e as relações são estabelecidas com diferentes pontos estruturais do Design, historicamente utilizados para analisar e desenvolver áreas específicas do campo de pesquisa.

À medida que estas relações criadas formam argumentações consistentes, torna-se difícil produzir novos conhecimentos sem elaborar hipóteses que sustentem estas pesquisas ainda um pouco ausentes de referenciais históricos dentro do Design. Afinal, como afirmado anteriormente, ainda é relativamente recente o posicionamento do Design como área do conhecimento que também abarca as questões *queer* em seus projetos, pesquisas e ações.

Como forma de aprofundamento, decidiu-se buscar alternativas nas revisões bibliográficas para consolidar um estudo sistematizado e quantitativo sobre a temática. De forma geral, existem cinco grandes diferentes tipos de revisões para síntese de conhecimento. São elas: a Revisão de Escopo, a Revisão de Revisões, a Revisão Rápida, a Meta-análise em Rede e a Revisão Sistemática (Canto; Pauletto, 2020). Estas revisões são diferentes das já conhecidas Revisões Narrativas, segundo Graziela de Luca Canto e Patrícia Pauletto:

Importante destacar que esses métodos de síntese do conhecimento diferem das tradicionais Revisões Narrativas. Na Revisão Narrativa, não há o compromisso de utilizar um método explícito e reproduzível para sintetizar o conhecimento. É um tipo de abordagem mais ampla, com busca na literatura e seleção de estudos com métodos não

especificados, incorporando um potencial risco de viés (Canto; Pauletto, 2020, p. 25).

A revisão ideal para este tipo de estudo é alguma de caráter exploratório e que não exige um grande grupo de pessoas trabalhando em conjunto em um momento inicial.

Portanto, a revisão escolhida foi a Revisão Bibliográfica de Escopo (RBE), que possibilita uma “avaliação preliminar do tamanho do potencial e escopo da literatura de pesquisa disponível” (Canto; Pauletto, 2020, p. 25) e pretende identificar a natureza e a extensão das evidências de pesquisas, incluindo, também, pesquisas em andamento. No caso da revisão apresentada aqui, pretende-se buscar em artigos, trabalhos de conclusão de curso, dissertações de mestrado e teses de doutorado.

O instituto australiano *Joanna Briggs Institute (JBI)* elaborou um manual para a síntese de evidências denominado “*JBI Manual for Evidence Synthesis*” e que é atualizado frequentemente. Um dos tópicos analisados pelo manual são as revisões de escopo ou “revisões de mapeamento” (Aromataris; Lockwood; Porritt; Pilla; Jordan, 2024). Segundo o JBI, dois pesquisadores, Hilary Arksey e Lisa O’Malley, propuseram uma estrutura inicial para a realização de revisões de escopo em 2005. Anos depois, em 2010, a estrutura foi aprimorada por Danielle Levac *et al.* e, posteriormente, entre 2015 e 2020, foi refinada por um grupo de colaboradores da instituição como Micah Peters *et al.* e Aromataris *et al.* (2024). De 2020 a 2025 pequenos refinamentos aconteceram, mas as mudanças mais substanciais ocorreram até 2020. A conclusão foi uma metodologia mais rigorosa, transparente e confiável.

Ou seja, a Revisão Bibliográfica de Escopo (RBE) se mostrou essencial ao estudo aqui desenvolvido por seu potencial de mapeamento dos principais conceitos do campo de pesquisa. Ao contrário de outras revisões que tentam “abordar questões relativamente precisas (como uma revisão sistemática da eficácia de uma intervenção avaliada usando um conjunto predefinido de resultados)” (Aromataris *et al.*, 2024, p.163), a RBE objetiva o esclarecimento das definições de trabalho ou de limites conceituais de um tópico específico. A RBE é útil para examinar campos de pesquisa com potenciais evidências emergentes.

As revisões de escopo são úteis para examinar evidências emergentes quando ainda não está claro quais outras perguntas

mais específicas podem ser formuladas para sínteses de evidências e abordadas de forma valiosa. Por exemplo, embora haja poucos estudos sobre a sustentabilidade das intervenções de tradução do conhecimento na área de manejo de doenças crônicas, uma revisão de escopo forneceu a base para uma futura revisão sistemática a fim de investigar o impacto das intervenções sustentáveis de tradução do conhecimento nos resultados de saúde (Aromataris *et al.*, 2024, p. 163).

No caso da RBE pretendida sobre as conexões possíveis entre os estudos de gênero e sexualidade e os estudos *queer* e o Design, o projeto se configurou como uma conexão emergente entre as áreas, onde as buscas superficiais se mostraram dificultadas pela baixa quantidade de pesquisas nessa interface.

Antes de iniciar a RBE, foi necessário entendê-la, assim como identificar suas etapas. Estas etapas foram definidas pelo JBI, considerando adaptações de *frameworks* originalmente propostos por Arksey e O'Malley (2005) e aprimorados por Levac *et al.* (2010) e Peters *et al.* (2015, 2017, 2020). O *framework* está explicado a seguir, de acordo com a JBI e seus editores Aromataris *et al.* (2024, p. 165-166):

Framework de Arksey e O'Malley (2005, p. 22-23)

1. Identificação da questão de pesquisa
 - a. Aprimoramentos propostos por Levac *et al.* (2010, p. 4-8):
Clarificar e vincular o propósito e a questão de pesquisa.
 - b. Aprimoramentos propostos por Peters *et al.* (2015, 2017, 2020):
Definir e alinhar o(s) objetivo(s) e a(s) questão(ões).
2. Identificação de estudos relevantes
 - a. Aprimoramentos propostos por Levac *et al.* (2010, p. 4-8):
Equilibrar a viabilidade com a amplitude e abrangência do processo de revisão de escopo.
 - b. Aprimoramentos propostos por Peters *et al.* (2015, 2017, 2020):
Desenvolver e alinhar os critérios de inclusão com o(s) objetivo(s) e a(s) questão(ões).

3. Seleção de estudos
 - a. Aprimoramentos propostos por Levac *et al.* (2010, p. 4-8): Usar uma abordagem iterativa em equipe para selecionar estudos e extrair dados.
 - b. Aprimoramentos propostos por Peters *et al.* (2015, 2017, 2020): Descrever a abordagem planejada para busca, seleção, extração de dados e apresentação das evidências.
4. Organização dos dados
 - a. Aprimoramentos propostos por Levac *et al.* (2010, p. 4-8): Incorporar um resumo numérico e uma análise temática qualitativa.
 - b. Aprimoramentos propostos por Peters *et al.* (2015, 2017, 2020): Buscar evidências.
5. Compilação, resumo e relato dos resultados
 - a. Aprimoramentos propostos por Levac *et al.* (2010, p. 4-8): Identificar as implicações dos achados do estudo para políticas, práticas ou pesquisa.
 - b. Aprimoramentos propostos por Peters *et al.* (2015, 2017, 2020): Selecionar as evidências.
6. Consulta (opcional)
 - a. Aprimoramentos propostos por Levac *et al.* (2010, p. 4-8): Adotar a consulta como um componente obrigatório da metodologia de revisão de escopo.
 - b. Aprimoramentos propostos por Peters *et al.* (2015, 2017, 2020): Extração das evidências.
7. (Item inexistente para a primeira versão de Arksey e O'Malley)
 - a. Aprimoramentos propostos por Levac *et al.* (2010, p. 4-8): inexistente para Levac *et al.*
 - b. Aprimoramentos propostos por Peters *et al.* (2015, 2017, 2020): Análise das evidências.

8. (Item inexistente para a primeira versão de Arksey e O'Malley)
 - a. Aprimoramentos propostos por Levac *et al.* (2010, p. 4-8): inexistente para Levac *et al.*
 - b. Aprimoramentos propostos por Peters *et al.* (2015, 2017, 2020): Apresentação dos resultados.
9. (Item inexistente para a primeira versão de Arksey e O'Malley)
 - a. Aprimoramentos propostos por Levac *et al.* (2010, p. 4-8): inexistente para Levac *et al.*
 - b. Aprimoramentos propostos por Peters *et al.* (2015, 2017, 2020): Resumo das evidências em relação ao propósito da revisão, elaboração de conclusões e observação das implicações dos achados.

Na revisão de escopo pretendida, o *framework* anterior foi resumido e adaptado de acordo com as necessidades apresentadas no projeto e definidas nas etapas a seguir:

1. Definição da questão de pesquisa e dos objetivos;
2. Desenvolver e alinhar critérios de inclusão (palavras-chave e demais critérios);
3. Seleção de estudos e descrição da abordagem (para extração de dados);
4. Organização de dados e busca por evidências (qualitativa);
5. Seleção de evidências;
6. Consulta e extração de evidências;
7. Análise de evidências;
8. Apresentação dos resultados;
9. Resumo das evidências e conclusões a partir dos resultados.

Nos próximos 3 subcapítulos serão apresentadas todas as etapas acima, ou seja, foram definidos a questão de pesquisa e os objetivos, os critérios de inclusão e exclusão, a seleção de estudos e descrição das abordagens, além da organização dos dados para extração inicial de evidências, apresentação de resultados e conclusões.

2.2.1. Etapas iniciais da RBE (1 e 2)

Seguindo as etapas descritas anteriormente, serão definidas neste subcapítulo as **etapas 1 e 2**.

A **primeira etapa** refere-se à definição da questão de pesquisa e dos objetivos. Como o foco a ser analisado é a conexão entre os estudos de gênero e sexualidade e os estudos *queer* e o Design, foi necessário identificar um recorte de pesquisa e público que considerou as universidades e os pesquisadores brasileiros da área do Design, seja na graduação ou na pós-graduação. Portanto, a **questão de pesquisa da revisão de escopo** é: *Quais universidades e pesquisadores brasileiros fomentam a aproximação do design com os estudos queer e os estudos de gênero e sexualidade, na graduação e na pós-graduação?*

Como **objetivos**, pretendeu-se: identificar os projetos de pesquisa (artigos, trabalho de conclusão de curso de graduação, projeto de iniciação científica, dissertação de mestrado e tese de doutorado) que relacionem Design, estudos *queer* e estudos de gênero e sexualidade.

A **segunda etapa** consiste em desenvolver e alinhar critérios de inclusão (palavras-chave e demais critérios). No caso da RBE, foram definidos **cinco estudos** a serem desenvolvidos em algumas bases de dados. As bases de dados tradicionais: *Scopus*, *Web of Science* e *SCiELO*, e uma base de dados de literatura cinzenta: *Google Scholar*.

São consideradas “literatura cinzenta” as bibliografias que não são necessariamente convencionais e podem não ser encontradas nos canais comuns, por não terem sido completamente publicadas ainda. Como exemplo, as teses e dissertações encontradas nos repositórios das universidades. Segundo Toledo, Savi, Réus, Porporatti e Canto:

A literatura cinzenta consiste em publicações não convencionais, não sendo publicadas ou distribuídas nos canais convencionais, por este motivo geralmente não são indexadas em bases principais. Comumente, nesse tipo de literatura são encontrados estudos dos seguintes tipos: dissertações, teses, documentos pré- -impressos ou preliminares, documentos técnicos, relatórios estatísticos, memorandos, atas de conferências, entre outros. A busca na literatura cinzenta é uma parte que não pode ser esquecida nem negligenciada, pois ela identificará pesquisas que ainda

não foram publicadas, tornando-se essencial em uma busca sistemática da literatura (Toledo *et al.*, 2020, p. 54-55).

Cada estudo teve suas diferenças principalmente na combinação de palavras-chave, nas bases de dados escolhidas, nos idiomas considerados e nos critérios de inclusão e exclusão específicos. O recorte temporal foi considerado de 2010 a 2024 em todos os estudos, um recorte grande, porém necessário ao campo de estudo recente e ainda com poucos indícios de uma quantidade elevada de pesquisas na interface analisada.

Uma consideração importante sobre a escolha das palavras-chave é que se optou por distribuir entre os estudos escolhas mais simplificadas (com palavras provavelmente encontradas em maior quantidade) e mais complexas (com palavras mais específicas que poderiam não ser encontradas com facilidade, mas que se encontradas, demonstrariam a profundidade das pesquisas nas interfaces estudadas). Considera-se que se o material aborda os temas *queer*, as temáticas de gênero e sexualidade dentro desse universo e no campo do Design, ele precisa ter essas palavras-chave em algum momento, no título, no resumo, nas palavras-chave do material ou durante o texto. Diferentemente do estudo exploratório apresentado no subcapítulo anterior, esta revisão de escopo pretende estreitar as buscas e deixá-las com direcionamento bem específico.

Um resumo dos estudos será apresentado abaixo e os critérios mais detalhados serão organizados em sequência, nas tabelas 10 a 14.

O **Estudo 1** (tabela 10) foi mais direto e específico, desenvolvido nas bases de dados *Scopus*, *Web of Science*, *SciELO* e *Google Scholar*, considerando as palavras-chave “*design*”, “*estudos queer*” ou “*queer studies*” (em Português - BR e Inglês). O **Estudo 2** (tabela 11) foi desenvolvido nas bases de dados *Scopus*, *Web of Science*, *SciELO* e *Google Scholar*, considerando uma ampliação das palavras-chave buscadas para “*design*”, “*gênero*” ou “*gender*”, “*sexualidade*” ou “*sexuality*” (em Português - BR e Inglês). Já o **Estudo 3** (tabela 12) foi desenvolvido apenas na base de dados *Google Scholar* e com redução na combinação de palavras-chave para “*design*” e “*gênero*” (apenas em Português - BR), para que os resultados fossem amplificados pela combinação de palavras-chave, mas com a restrição do idioma. O **Estudo 4** (tabela 13) continuou sendo desenvolvido apenas na base de dados *Google Scholar* e teve como palavras-

chave um conjunto mais específico de busca, as palavras “design”, “queerização” e “queerizar” (apenas em Português - BR). Por fim, o **Estudo 5** (tabela 14) também foi desenvolvido apenas na base de dados *Google Scholar*, mas com a finalidade de trazer palavras que substituam o termo *queer* por termos em português, já comumente utilizado em pesquisas de outras áreas. Portanto as palavras-chave desse último estudo foram: “design”, “cuír” e “cuíer” (apenas em Português - BR).

Abaixo as tabelas que resumem os critérios e facilitam a identificação.

Tabela 10 - Critérios de inclusão e exclusão Estudo 1

ESTUDO 1 – palavras-chave design, queer e queer studies	
Questão de pesquisa	Quais universidades e pesquisadores brasileiros fomentam a aproximação do Design com os estudos <i>queer</i> , na graduação e na pós-graduação?
Objetivos do estudo	Identificar projetos de pesquisa (artigos, trabalho de conclusão de curso de graduação, iniciação científica, dissertação de mestrado e tese de doutorado) que relacionem Design e estudos <i>queer</i> .
Fonte	Base de dados tradicional: <i>Scopus</i> , <i>Web of Science</i> e <i>SciELO</i> . Base de dados literatura cinzenta: <i>Google Scholar</i> .
Idioma dos estudos	Português e Inglês
Palavras-chave	design; estudos <i>queer</i> OR <i>queer studies</i> ;
Recorte temporal	2010 até 2024
Critérios de Inclusão	Trabalhos que tratem de Design e estudos <i>queer</i> e possuam as palavras-chave do estudo no título, nas palavras-chave do material ou no resumo; Trabalhos originados no Design.
Critérios de Exclusão	Trabalhos que não relacionarem Design e estudos <i>queer</i> ; Trabalhos de fora da área do Design; Uso da palavra design em contextos que não relacionado à área, apenas pela tradução “desenho” ou similar; Trabalhos em outras línguas que não português e inglês.

Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

Tabela 11 - Critérios de inclusão e exclusão Estudo 2

ESTUDO 2 –palavras-chave design, gênero, <i>gender</i>, sexualidade, <i>sexuality</i>	
Questão de pesquisa	Quais universidades e pesquisadores brasileiros fomentam a aproximação do Design com os estudos de gênero e sexualidade, na graduação e na pós-graduação?
Objetivos do estudo	Identificar projetos de pesquisa (artigos, trabalho de conclusão de curso de graduação, iniciação científica, dissertação de mestrado e tese de doutorado) que relacionem Design e estudos de gênero e sexualidade.
Fonte	Base de dados tradicional: <i>Scopus</i> , <i>Web of Science</i> e <i>SciELO</i> . Base de dados literatura cinzenta: <i>Google Scholar</i> .
Idioma dos estudos	Português e Inglês
Palavras-chave	design; gênero <i>OR gender</i> ; sexualidade <i>OR sexuality</i> ;
Recorte temporal	2010 até 2024
Critérios de Inclusão	Trabalhos que tratem de Design e estudos de gênero e sexualidade e possuam as palavras-chave do estudo no título, nas palavras-chave do material ou no resumo; Trabalhos originados no design.
Critérios de Exclusão	Trabalhos que não relacionem Design e estudos de gênero e sexualidade; Trabalhos de fora da área do Design; Uso da palavra design em contextos que não relacionado à área, apenas pela tradução “desenho” ou similar; Trabalhos em outras línguas que não português e inglês.

Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

Tabela 12 - Critérios de inclusão e exclusão Estudo 3

ESTUDO 3 – palavras-chave design e gênero	
Questão de pesquisa	Quais universidades e pesquisadores brasileiros fomentam a aproximação do Design com os estudos de gênero, na graduação e na pós-graduação?
Objetivos do estudo	Identificar projetos de pesquisa (artigos, trabalho de conclusão de curso de graduação, iniciação científica, dissertação de mestrado e tese de doutorado) que relacionem Design e estudos de gênero.

Fonte	Base de dados literatura cinzenta: <i>Google Scholar</i> .
Idioma dos estudos	Português
Palavras-chave	design; gênero.
Recorte temporal	2010 até 2024
CrITÉRIOS de Inclusão	Trabalhos que tratem de Design e estudos de gênero e possuam as palavras-chave do estudo no título, nas palavras-chave do material ou no resumo; Trabalhos originados no Design; Trabalhos em Português.
CrITÉRIOS de Exclusão	Trabalhos que não relacionem Design e estudos de gênero; Trabalhos de fora da área do design; Uso da palavra design em contextos que não relacionado à área, apenas pela tradução “desenho” ou similar; Trabalhos em outras línguas que não português.

Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

Tabela 13 - CrITÉRIOS de inclusão e exclusão Estudo 4

ESTUDO 4 – palavras-chave queerizar e queerização	
Questão de pesquisa	Quais universidades e pesquisadores brasileiros fomentam a aproximação do Design com os estudos <i>queer</i> , na graduação e na pós-graduação?
Objetivos do estudo	Identificar projetos de pesquisa (artigos, trabalho de conclusão de curso de graduação, iniciação científica, dissertação de mestrado e tese de doutorado) que relacionem <i>queer</i> e Design.
Fonte	Base de dados literatura cinzenta: <i>Google Scholar</i> .
Idioma dos estudos	Português
Palavras-chave	design; queerização; queerizar.
Recorte temporal	2010 até 2024
CrITÉRIOS de Inclusão	Trabalhos que tratem de Design e estudos <i>queer</i> e possuam as palavras-chave do estudo no título, nas palavras-chave do material ou no resumo; Trabalhos originados no Design; Trabalhos em Português.
CrITÉRIOS de Exclusão	Trabalhos que não relacionem Design e <i>queer</i> ;

	Trabalhos de fora da área do design; Uso da palavra design em contextos que não relacionado à área, apenas pela tradução “desenho” ou similar; Trabalhos em outras línguas que não português.

Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

Tabela 14 - Critérios de inclusão e exclusão Estudo 5

ESTUDO 5 – palavras-chave design, cuír e cuíer	
Questão de pesquisa	Quais universidades e pesquisadores brasileiros fomentam a aproximação do Design com os estudos cuír, na graduação e na pós-graduação?
Objetivos do estudo	Identificar projetos de pesquisa (artigos, trabalho de conclusão de curso de graduação, iniciação científica, dissertação de mestrado e tese de doutorado) que relacionem <i>cuír</i> e Design.
Fonte	Base de dados literatura cinzenta: <i>Google Scholar</i> .
Idioma dos estudos	Português
Palavras-chave	design; cuír; cuíer.
Recorte temporal	2010 até 2025
Critérios de Inclusão	Trabalhos que tratem de Design e estudos cuír e possuam as palavras-chave no título ou resumo; Trabalhos originados no Design; Trabalhos em Português.
Critérios de Exclusão	Trabalhos que não relacionem Design e cuír; Trabalhos de fora da área do design; Uso da palavra design em contextos que não relacionado à área, apenas pela tradução “desenho” ou similar; Trabalhos em outras línguas que não português.

Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

2.2.2. Relato da etapa 3 da RBE

Seguindo as etapas anteriores, será definida neste subcapítulo a **terceira etapa** através de um relato baseado nas evidências encontradas. As análises sobre os resultados obtidos serão apresentadas no subcapítulo seguinte.

A RBE teve seu início com a definição dos critérios de inclusão e exclusão explicados no subcapítulo anterior e seguiu com as bases de dados tradicionais. Cada base de dados apresenta uma configuração própria de busca avançada, mas alguns critérios são universais, a começar pelos Operadores *Booleanos*, que consistem em palavras que geram ações específicas no sistema de acordo com as combinações realizadas (Centro de Apoio à Pesquisa no Complexo de Saúde⁴¹, 2020, n.d.). São considerados Operadores *Booleanos*: *AND* (E), *OR* (OU), e *NOT* (NÃO). Ao utilizar o *AND*, pretende-se mostrar somente materiais que contenham apenas as duas palavras indicadas. Já ao utilizar o *OR*, pretende-se mostrar a união de conjuntos, ou seja, mostrar materiais que contenham pelo menos uma das duas palavras destacadas. Por fim, ao utilizar o *NOT*, pretende-se excluir um termo das buscas. Vale destacar que em algumas bases de dados é preciso utilizar as palavras-chave entre aspas (") para indicar que a busca é sobre os termos exatamente como foram escritos, o que facilita na busca por palavras-chave compostas.

2.2.2.1. Estudo 1 – palavras-chave *design*, *queer* e *queer studies*

Inicialmente foi desenvolvido o **Estudo 1 para a base *Scopus*** utilizando a seguinte combinação de Operadores *Booleanos*:

TITLE-ABS-KEY("Design" AND "estudos *queer*" OR "*Queer studies*") AND PUBYEAR AFT 2010

Significa que a busca se restringiu às palavras-chave indicadas apenas no título, no resumo e nas palavras-chave dos materiais, considerando publicações a partir de 2010. O estudo apresentou **15 resultados**, nenhum deles dentro do campo do Design (tabela no Apêndice C). Por conta disso, **todos foram excluídos** da revisão.

Na sequência, aplicou-se o **Estudo 1 para a base *Web of Science*** utilizando a seguinte combinação de Operadores *Booleanos*:

TI=(design AND (estudos *queer* OR *queer studies*) OR AB=(design AND (estudos *queer* OR *queer studies*) OR AK=(design AND (estudos *queer* OR *queer studies*))

⁴¹ Centro de Apoio à Pesquisa no Complexo de Saúde (CAPCS – UERJ).

Foram programadas três buscas simultâneas: nos títulos (*Title* – TI), nos resumos (*Abstract* – AB) e nas palavras-chave (*Author Keywords* – AK). Foram adicionados os filtros sobre publicações com períodos entre 2010 e 2024, artigos em Português e Inglês e dentro das áreas de “Estudos Femininos” ou “Artes, Humanidades e Outros Tópicos”⁴². Nas buscas foram encontrados **22 resultados**. Destes, **19 foram excluídos** por estarem fora da área do design e **3 foram incluídos**, todos relacionados ao Design de Moda (tabela no Apêndice D).

Continuando o **Estudo 1**, aplicou-se para a base **SciELO** a seguinte combinação de Operadores *Booleanos*:

(design) AND (*queer*)

Foram retirados das palavras-chave os termos “estudos” e “*studies*” por não localizarem resultados nesta plataforma. O estudo apresentou **9 resultados**. Destes, **8 foram excluídos** por não pertencerem à área do Design e **1 foi incluído** (tabela no Apêndice E).

Por último, seguiu-se para o **Estudo 1** na base **Google Scholar**. A base permite selecionar apenas a busca em título ou no material todo, não permitindo incluir o resumo e as palavras-chave individualmente, como nos demais banco de dados. Neste caso, decidiu-se pela busca no material completo.

Um outro desafio em relação à literatura cinzenta identificada nessa plataforma é a constante identificação de materiais em inglês, onde muitas vezes a palavra “design” é utilizada no sentido literal da tradução ao invés de fazer referência ao campo de estudo do Design.

Com base nessas considerações, iniciou-se o **Estudo 1 para a base Google Scholar** utilizando a seguinte combinação de Operadores *Booleanos*:

design, *queer*

A plataforma **Google Scholar** adaptou o termo *AND* e substituiu pela vírgula, porém com a mesma função. O estudo rendeu **120 resultados**, obtendo a maior quantidade de resultados até então. Destes resultados, **43 foram**

⁴² Do original: “*Women Studies*” or “*Arts, Humanities Other Topics*”.

incluídos na revisão e **77 foram excluídos** (6 deles estavam indisponíveis), seguindo os critérios elaborados (tabela no Apêndice F).

Após obtenção de todos os dados do Estudo 1, foi dado início ao Estudo 2, apresentado na sequência.

2.2.2.2. Estudo 2 – palavras-chave design, gênero, gender, sexualidade, sexuality

Inicialmente, aplicou-se o **Estudo 2 para a base Scopus** com o filtro direcionado para a área de artes e humanidades⁴³. Foram utilizados os seguintes códigos e a combinação de Operadores *Booleanos*:

TITLE-ABS-KEY ("Design" AND "gênero" OR "gender" AND
"sexualidade" OR "sexuality") AND PUBYEAR > 2010 AND
(LIMIT-TO (SUBJAREA , "ARTS") AND (LIMIT-TO
(EXACTKEYWORD , "Sexuality") AND LIMIT-TO
(EXACTKEYWORD , "Gender") AND LIMIT-TO
(EXACTKEYWORD , "Design"))

A busca foi feita no título, no resumo e nas palavras-chave dos materiais disponíveis. Além do filtro de área, foi adicionado filtro para publicações a partir de 2010⁴⁴. O estudo apresentou **67 resultados**. **66 resultados foram excluídos** por não pertencerem à área do Design e **1 resultado da área de Design de Moda foi incluído** (tabela no Apêndice G).

Na sequência, foi desenvolvido o **Estudo 2 para a base Web of Science**. Os filtros adicionados foram para o período de 2010 a 2024, o tipo de trabalho buscado foi artigo, o idioma foi Português e Inglês e as áreas foram as mesmas do primeiro estudo: “Estudos Femininos” ou “Artes, Humanidades e Outros Tópicos”. Os operadores utilizados foram:

TI=(design AND (gênero OR gender) AND (sexualidade OR sexuality) OR
AB=(design AND (gênero OR gender) AND (sexualidade OR sexuality) OR
AK=(design AND (gênero OR gender) AND (sexualidade OR sexuality)

Foram obtidos 29 resultados. Destes, **5 foram incluídos e 24 foram excluídos** (tabela no Apêndice H).

⁴³ Do original: “*Arts and humanities*”.

⁴⁴ Foi considerado de 2010 a 2024, ano em que a busca foi efetuada. A busca aconteceu novembro.

Na sequência, aplicou-se o **Estudo 2 para a base SciELO** utilizando a seguinte combinação de Operadores *Booleanos*:

(design) AND (gênero OR *gender*) AND (sexualidade OR *sexuality*)

Foram adicionados os filtros sobre publicações com ano de lançamento a partir de 2010 e filtros para selecionar apenas pesquisas nas áreas: Ciências Sociais Aplicadas (onde tradicionalmente encontra-se o Design) Multidisciplinares e Linguística, Letras e Artes (onde trabalhos do Design seriam potencialmente encontrados). Foram excluídas áreas de Ciências Exatas e Ciências Biológicas. O estudo apresentou **14 resultados**. Destes, **2 foram incluídos** por não pertencerem à área do Design e **12 foram excluídos** (tabela no Apêndice I).

Por fim, seguiu-se com o **Estudo 2 para a base Google Scholar** utilizando a seguinte combinação de Operadores *Booleanos*:

allintitle: design, gênero OR *gender*, sexualidade OR *sexuality*

Neste estudo buscou-se nos títulos as palavras-chave design, gênero ou *gender*, sexualidade ou *sexuality* combinadas entre si. O estudo rendeu **11 resultados** (tabela no Apêndice J). Destes resultados, **5 foram incluídos** na revisão e **6 foram excluídos** de acordo com os critérios.

Optou-se por dar continuidade com estudos apenas na plataforma *Google Scholar* ao verificar a necessidade de explorar novas combinações de palavras-chave e o potencial positivo de busca na plataforma.

2.2.2.3. Estudo 3 – palavras-chave design e gênero

No Estudo 3, optou-se por selecionar uma nova combinação de palavras mais ampla, considerando “design” e “gênero”. As palavras-chave foram combinadas e foram selecionados apenas resultados em Português. Foram excluídas citações.

Iniciou-se o **Estudo 3 para a base Google Scholar** utilizando a seguinte combinação de Operadores *Booleanos*:

design, gênero

O estudo selecionou **83 resultados** (tabela no Apêndice K), sendo que **55 foram incluídos** e **28 foram excluídos** (4 deles estavam indisponíveis), seguindo os critérios. Ao finalizá-lo, foi identificada uma nova combinação de palavra-chave que se mostrou importante para ser investigada na sequência. As palavras “queerização” e “queerizar” associadas à palavra “design”. Portanto, foi desenvolvido um quarto estudo na plataforma Google Scholar.

2.2.2.4. Estudo 4 – palavras-chave queerizar e queerização

Neste estudo, foi permitida a busca pelas palavras-chave em todo o material, não apenas no título. O **Estudo 4 para a base Google Scholar** utilizou a seguinte combinação de Operadores *Booleanos*:

design, queerização OR queerizar

O estudo rendeu **98 resultados** (tabela no Apêndice L). Apenas **17 materiais foram incluídos** e **81 foram excluídos** (3 destes estavam indisponíveis), seguindo os critérios.

Um último estudo se mostrou importante para que os resultados fossem efetivamente esgotados: a busca por palavras-chave em referência aos neologismos da palavra *queer*, respectivamente “cuír” e “cuier”.

2.2.2.5. Estudo 5 – palavras-chave design, cuír e cuier

Para este estudo foi permitida a busca pelas palavras-chave em todo o material, não apenas no título. O **Estudo 5 para a base Google Scholar** utilizou a seguinte combinação de Operadores *Booleanos*:

"design" AND ("cuir" OR "cuier")

O estudo rendeu **179 resultados** (tabela no Apêndice M). Apenas **2 materiais foram incluídos** e **177 foram excluídos** (3 foram desconsiderados por já terem sido incluídos no Estudo 4, evitando a repetição do resultado), seguindo os critérios.

2.2.3. Análise de resultados preliminares nas etapas 4 a 9 da RBE

As etapas 4 a 9 consistem na organização dos dados para uma busca, seleção, extração e análise de evidências, além da apresentação dos resultados e das conclusões a partir deles.

Foram identificados **647 resultados** no total. Destes, **512 resultados foram excluídos** por diversos critérios, entre eles: artigos duplicados; artigos em inglês que utilizaram a palavra *design* na tradução literal e, portanto, eram estudos de outras áreas; artigos escritos em idioma diferente de Inglês e Português (nos Estudos 1 e 2); artigos escritos em idioma diferente de Português (no Estudos 3 e 4); artigos fora da área do design; citações (identificadas nos estudos da base de dados *Google Scholar*); artigos com palavras-chave encontradas apenas nas referências.

Após comparativos entre os estudos, **135 resultados foram incluídos**. Os materiais incluídos foram lidos e verificados.

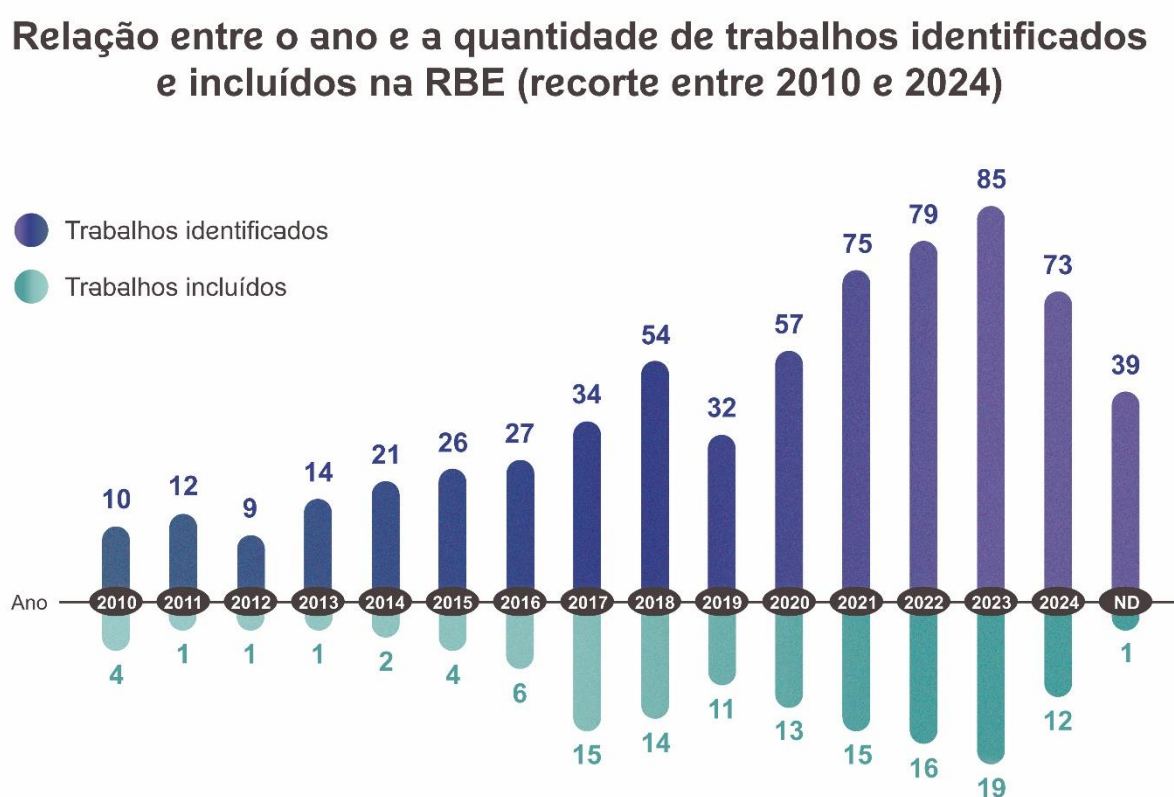
Algumas considerações sobre as pesquisas incluídas serão relacionadas a seguir, levando em conta o ano, as universidades os tipos de trabalhos e as repetições de autores.

Sobre a quantidade de trabalhos em relação ao ano de publicação (Figura 4), nota-se uma crescente em pesquisas identificadas começando em **2010**, com **apenas 4 trabalhos incluídos** e evoluindo para uma quantidade maior principalmente a partir de **2017 (15 trabalhos incluídos)**. Entre os anos de **2017 e 2024**, houve uma crescente e uma estabilidade entre os materiais incluídos, **em média foram pouco mais de 14 trabalhos**. Essa estabilidade se mostrou importante para o desenvolvimento de pesquisas nas interfaces Design e estudos *queer*, e Design e estudos de gênero e sexualidade, por demonstrar constância na articulação de pesquisas sobre as temáticas.

O ponto mais alto em relação à quantidade de trabalhos incluídos foi **2023**, com **19 trabalhos** que dialogam com as temáticas *queer* e de gênero e sexualidade. O ano de **2024** teve sua contabilização finalizada em novembro com **12 trabalhos selecionados** e apenas 1 trabalho incluído não teve a data identificada.

Vale notar também que há uma diferença substancial entre os trabalhos identificados e os trabalhos incluídos, devido aos critérios de inclusão e exclusão apresentados anteriormente. O crescimento de trabalhos identificados a partir de 2018 (54 trabalhos) com pico em 2023 (85 trabalhos) demonstra o aumento constante de produção científica nacional e internacional publicada na área do Design ao longo dos anos, potencialmente influenciado pelo aumento dos meios de divulgação digital da informação e pela consistência da área.

Figura 4 - Gráfico 1 - Relação entre o ano e a quantidade de trabalhos identificados e incluídos na RBE (recorte entre 2010 e 2024)



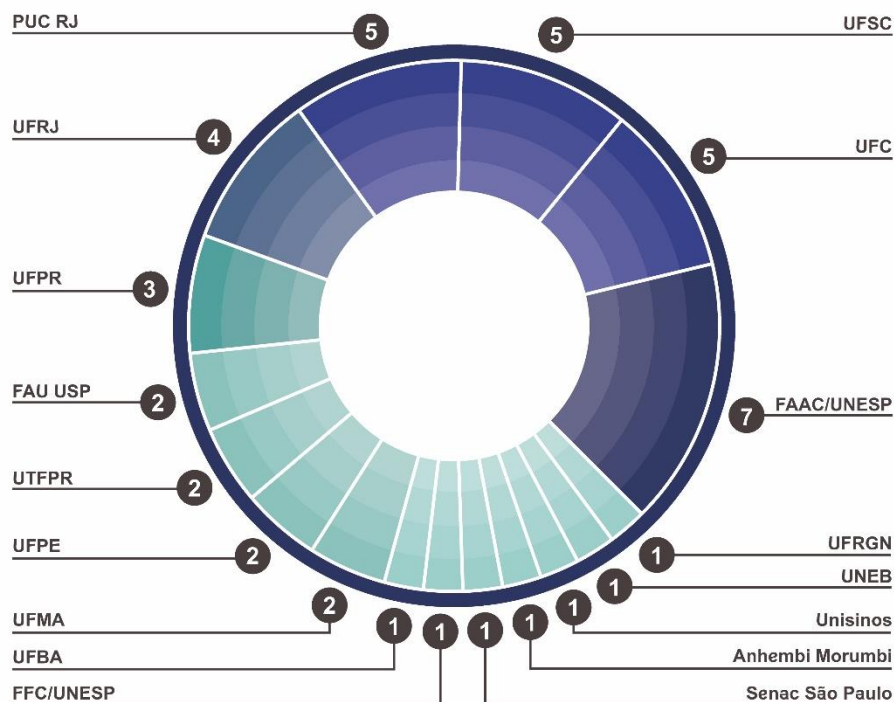
Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

Ao analisar as universidades brasileiras relacionadas aos materiais (Figura 5), apesar de alguns trabalhos não terem esse dado, é possível identificar as universidades que mais aparecem entre os trabalhos incluídos. No total, **foram identificadas 23 universidades diferentes** (considerando também as internacionais) entre os trabalhos incluídos no estudo, e 89 trabalhos sem identificação de vínculo com alguma universidade. Dos 135 trabalhos incluídos, 46 deles tiveram vínculo identificado com alguma dessas 17 universidades brasileiras: Anhembi Morumbi (1 trabalho incluído), Senac

São Paulo (1 trabalho incluído), FAAC/UNESP (7 trabalhos incluídos), FAU USP (2 trabalhos incluídos), FFC/UNESP (1 trabalho incluído), PUC RJ (5 trabalhos incluídos), UFBA (1 trabalho incluído), UFC (5 trabalhos incluídos), UFMA (2 trabalhos incluídos), UFPE (2 trabalhos incluídos), UFRJ (4 trabalhos incluídos), UFPR (3 trabalhos incluídos), UFRGN (1 trabalho incluído), UFSC (5 trabalhos incluídos), UNEB (1 trabalho incluído), Unisinos (1 trabalho incluído) e UTFPR (2 trabalhos incluídos).

Figura 5 - Gráfico 2 – Relação entre as universidades brasileiras identificadas e a quantidade de trabalhos incluídos (universidades com mais de um trabalho)

Relação entre as universidades brasileiras identificadas e a quantidade de trabalhos incluídos

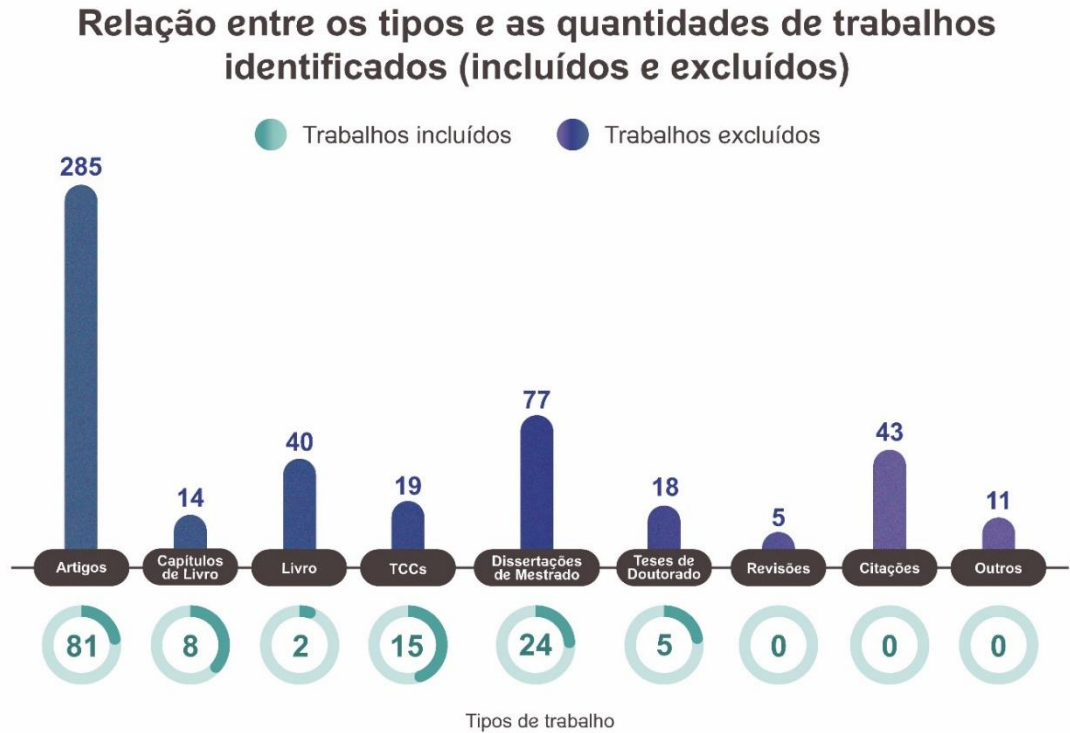


Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

Sobre os tipos de trabalho (Figura 6 e 7), foram considerados: artigos, capítulos de livro, livros, Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC), dissertações de mestrado, teses de doutorado, revisões e citações. No total foram identificados **366 artigos (81 incluídos e 285 excluídos)**, **22 capítulos de livro (8 incluídos e 14 excluídos)**, **42 livros completos (2 incluídos e 40 excluídos)**, **34 TCCs (15 incluídos e 19 excluídos)**, **101 dissertações de mestrado (24**

incluídas e 77 excluídas), **23 teses de doutorado** (5 incluídas e 18 excluídas), **5 revisões** (todas as 5 excluídas), **43 citações** (todas as 43 excluídas) e **11 outros materiais** (todos excluídos).

Figura 6 - Gráfico 3 – Relação entre os tipos e as quantidades de trabalhos identificados (incluídos e excluídos)



Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

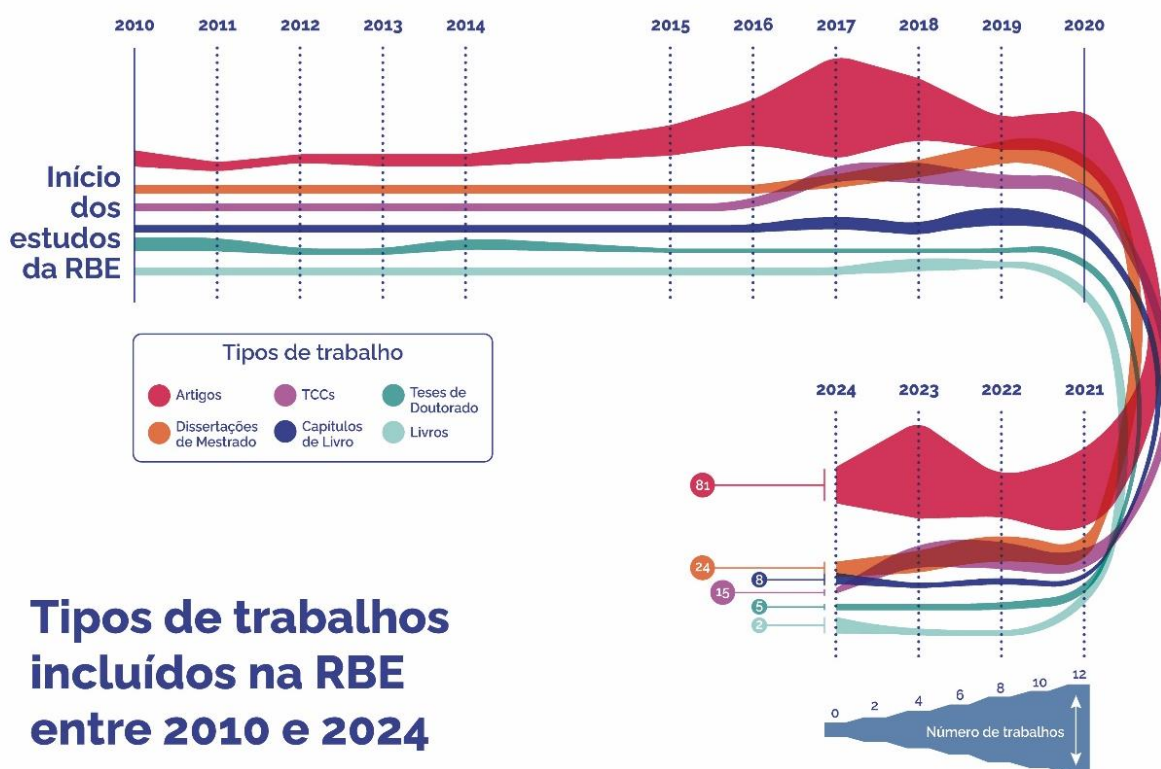
Figura 7 - Gráfico 4 – Tipos de trabalhos incluídos



Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

Conforme esperado, foram identificados e incluídos mais artigos do que os demais tipos de trabalhos, já que a maioria das bases de dados considera prioritariamente esse tipo de publicação. Vale destacar também a quantidade elevada de TCCs e dissertações de mestrado selecionadas, comparando com os demais tipos de trabalho, reflexo de um possível período intermediário da produção de conhecimento nessas interfaces. É possível que com mais alguns anos as produções dentro de mestrados e doutorados aumentem no que diz respeito à conexão entre temáticas de Design, estudos *queer* e estudos de gênero e sexualidade. Na Figura 8 são identificadas as quantidades de trabalhos incluídos em cada tipo ao longo dos anos pesquisados.

Figura 8 – Infográfico – Quantidade e tipos de trabalhos identificados por ano na RBE

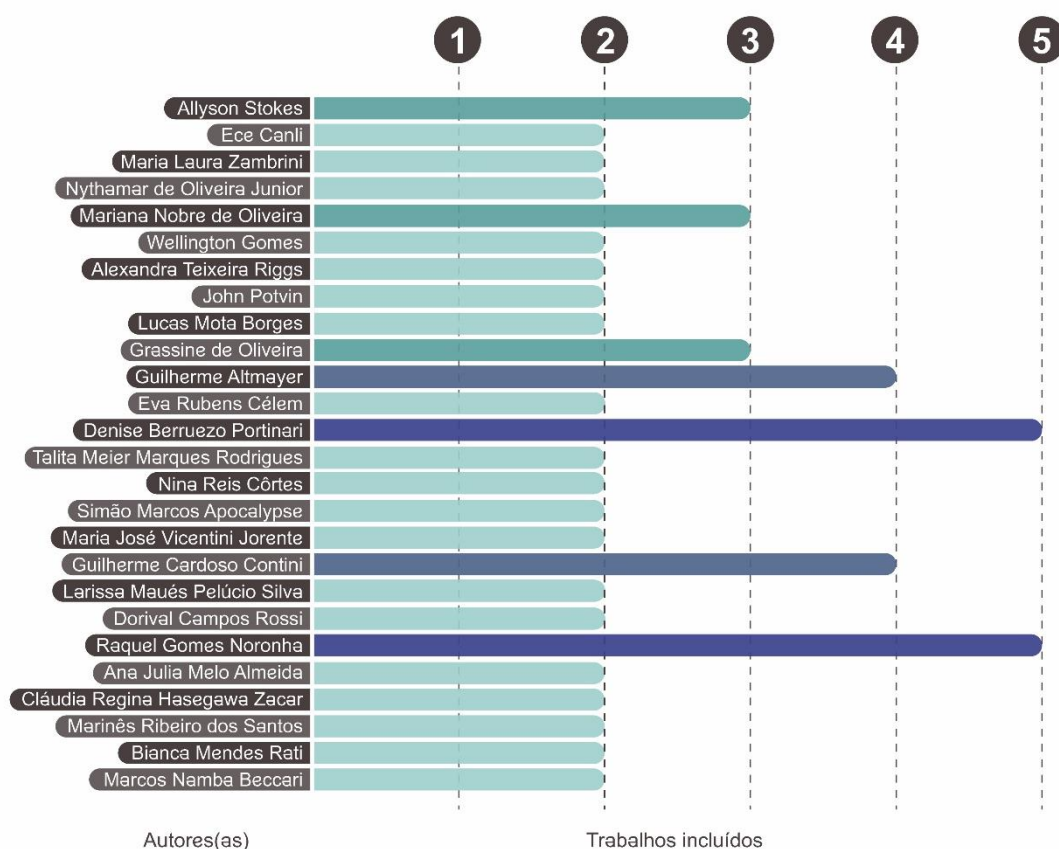


Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

Por fim, ao analisar a repetição de autores entre os trabalhos incluídos na RBE (Figura 9) foram feitas algumas constatações relevantes para a pesquisa.

Figura 9 – Gráfico 5 – Relação entre os autores com mais de um trabalho incluído

Relação entre os autores com mais de um trabalho incluído



Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

Dentro do montante de trabalhos incluídos, **27 autores foram incluídos mais de uma vez** na revisão. Destes, 5 foram pesquisadores estrangeiros: Alexandra Teixeira Riggs, com 2 publicações, Allyson Stokes, com 3 publicações e Ece Canli, Maria Laura Zambrini e John Potvin, com duas publicações cada um. Sobre a instituição a qual estão conectados e os trabalhos identificados, tem-se:

- **Alexandra Teixeira Riggs** (Georgia Institute of Technology): **2 publicações incluídas** e repetidas (*Queer Archival Design in Tangible Embodied Interactive Experiences*; *For queer lovers and friends: an exploration of queer connection by design in the Lex Mobile App*);
- **Allyson Stokes** (University of Texas at Austin and University of Waterloo): **3 publicações incluídas** e repetidas (*The Glass Runway: How Gender and Sexuality Shape the Spotlight in Fashion Design*);

- **Ece Canli** (Universidade do Porto): **2 publicações incluídas** (*Binary by Design: Unfolding Corporeal Segregation at the Intersection of Gender, Identity and Materiality; What Is at Stake with Decolonizing Design? A Roundtable*);
- **Maria Laura Zambrini** (Universidad de Palermo): **2 publicações incluídas** (*Diseño e indumentaria: una mirada histórica sobre la estética de las identidades de género; Olhares sobre moda e design a partir de uma perspectiva de gênero*);
- **John Potvin** (universidade não identificada): **2 publicações incluídas** (*Destabilizing the Scenario of Design: Queer/Trans/Gender - Neutral; Through the Looking Glass: Thom Browne and the Tailoring of a Queer Design*).

Entre os pesquisadores e as pesquisadoras brasileiros, foram identificados 22 autores(as) e suas respectivas quantidades de aparições, além da universidade e do nome das publicações:

- **Nythamar Hilario Fernandes de Oliveira Junior** (PUC RJ): **2 publicações incluídas** e repetidas (*Design de moda e cultura Queer: o devir-drag como expressão de gênero*);
- **Maximiliano Zapata** (PUC RJ): **2 publicações incluídas** e repetidas (*Design de moda e cultura Queer: o devir-drag como expressão de gênero*);
- **Mariana Nobre de Oliveira** (UFCG): **3 publicações incluídas** e uma delas repetida (*Design e Dissidência Queer: considerações sobre questões de gênero no design; Representação de gênero no design de embalagem: expressão de neutralidade nos atributos visuais de produtos dermocosméticos nacionais*);
- **Wellington Gomes de Medeiros** (UFCG): **2 publicações incluídas** e repetidas (*Design e Dissidência Queer: considerações sobre questões de gênero no design*);
- **Lucas Mota Borges** (UFC): **2 publicações incluídas** (*Laboratório de design queer: experimentação de práticas contra-normativas no design; Queer designers: Experimentações não-conformativas na geração de uma rede dissidente*);

- **Felipe Grassine de Oliveira** (ESDI/UERJ): **3 publicações incluídas** (*Design abjeto: o queer eu tenho a ver com isso?*; *Design e gênero: marcações binárias na Ergonomia*; *Podem pessoas transgêneras ocuparem banheiros públicos? Placas de banheiro e suas regulações de corpos dissidentes*);
- **Guilherme Altmayer** (ESDI/UERJ): **4 trabalhos incluídos** (*Design é coisa de veado: estratégias para o desenho de uma plataforma digital para memórias sexo e gênero dissidentes*; *Design e gênero: marcações binárias na Ergonomia*; *Pesquisa-Corpo: Percursos e Desvios Metodológicos de Pesquisas Sobre Estética, Política e Subjetividade*; *TROPICUIR: Estético-Políticas Transviadas-Memória, Arquivo, Design*);
- **Eva Rubens Célem** (PUC RJ): **2 publicações incluídas** (*Pesquisa-Corpo: Percursos e Desvios Metodológicos de Pesquisas Sobre Estética, Política e Subjetividade*; *Descolando Gênero e Sexualidade: uma investigação sobre processos feministas de subjetivação e o fenômeno do Consciousness-Raising*);
- **Denise Berruezo Portinari** (PUC RJ): **5 publicações incluídas** (*Design, Corpos e Política: gênero, sexualidade e performatividade*; *Gênero no Design: a reprodução dos ideais de masculinidade e feminilidade*; *Queerizar o design*; *Por um design desacomodado: reflexões e análises do campo* e *Pesquisa-Corpo: Percursos; Desvios Metodológicos de Pesquisas Sobre Estética, Política e Subjetividade*);
- **Talita Meier Marques Rodrigues** (PUC RJ): **2 publicações incluídas** (*Gênero no Design: a reprodução dos ideais de masculinidade e feminilidade*; *Design, Corpos e Política: gênero, sexualidade e performatividade*);
- **Nina Reis Côrtes** (PUC RJ): **2 publicações incluídas** (*Por um design desacomodado: reflexões e análises do campo*; *Diálogos e oficinas feministas: reflexões sobre os movimentos contemporâneos e a prática do design*);
- **Simão Marcos Apocalypse** (FFC/UNESP): **2 publicações incluídas** (*Contribuições do Design da informação para a visibilidade de conteúdos que perpassem a temática LGBT, diversidade de gênero e sexualidade*);

convergidos em Repositórios Digitais; DESIGN DA INFORMAÇÃO EM REPOSITÓRIOS INSTITUCIONAIS: contribuições para a visibilidade de trabalhos referentes à comunidade LGBT, diversidade de gênero e sexualidade);

- **Maria José Vicentini Jorente (FFC/UNESP): 2 publicações incluídas** (*Contribuições do Design da informação para a visibilidade de conteúdos que perpassem a temática LGBT, diversidade de gênero e sexualidade convergidos em Repositórios Digitais; DESIGN DA INFORMAÇÃO EM REPOSITÓRIOS INSTITUCIONAIS: contribuições para a visibilidade de trabalhos referentes à comunidade LGBT, diversidade de gênero e sexualidade);*
- **Guilherme Cardoso Contini (FAAC/UNESP): 4 publicações incluídas** (*Paralelos de Gênero e Sex Design: Transdisciplinaridade dos Artefatos; Género y Diseño: binarismo, transgresiones y transdisciplinariedad; Erótica LAB: reconfigurações dos espaços para projetos de gênero, prazer e tecnologia; Erótica LAB);*
- **Larissa Maués Pelúcio Silva (FAAC/UNESP): 2 publicações incluídas** (*Paralelos de Gênero e Sex Design: Transdisciplinaridade dos Artefatos; Género y Diseño: binarismo, transgresiones y transdisciplinariedad);*
- **Dorival Campos Rossi (FAAC/UNESP): 2 publicações incluídas** (*Paralelos de Gênero e Sex Design: Transdisciplinaridade dos Artefatos; Género y Diseño: binarismo, transgresiones y transdisciplinariedad);*
- **Raquel Gomes Noronha (UFMA): 5 publicações incluídas** (*Design, gênero e metaprojeto: a construção de uma ferramenta para fotoelicitação em uma comunidade artesã; Design Anthropology e a construção do diálogo sobre gênero em uma escola de ensino médio; Design participativo, gênero e artesanato: reflexões sobre a lacuna de equidade de gênero entre mulheres artesãs; Narrativas em design e gênero: crítica e especulação para futuros possíveis; Design e gênero: experiências coletivas de ensino);*

- **Ana Julia Melo Almeida (UFMA): 2 publicações incluídas** (*Gênero como modo de leitura para a história do design; Design e gênero: experiências coletivas de ensino*);
- **Cláudia Regina Hasegawa Zacar (UFPR): 2 publicações incluídas** (*Contribuições dos feminismos para a metodologia do design; O design de interiores como prótese de gênero: um estudo sobre ambientes projetados para casais e para crianças*);
- **Marinês Ribeiro dos Santos (UFSC): 2 publicações incluídas** (*O design de interiores como prótese de gênero: um estudo sobre ambientes projetados para casais e para crianças; O design Pop no Brasil dos anos 1970: domesticidades e relações de gênero na revista Casa & Jardim*);
- **Bianca Mendes Rati (UFPR): 2 publicações incluídas** (*Estereótipos de gênero e apelos retóricos no design gráfico: um modelo de análise; Gênero neutro e design gráfico: uma análise discursiva das marcas de cosméticos Simple Organic e Fluide*);
- **Marcos Namba Beccari (UFPR): 2 publicações incluídas** (*Estereótipos de gênero e apelos retóricos no design gráfico: um modelo de análise; Gênero neutro e design gráfico: uma análise discursiva das marcas de cosméticos Simple Organic e Fluide*).

Alguns destes pesquisadores e pesquisadoras apareceram desenvolvendo o mesmo trabalho (em coautoria). A tabela completa com os trabalhos incluídos e a correspondência dos autores pode ser encontrada nos Apêndice N.

Possivelmente a quantidade reduzida de autores com mais de um trabalho, nesse recorte de 14 anos de pesquisa, reforça a hipótese de que a conexão entre o Design e os estudos *queer* e os estudos de gênero e sexualidade ainda é relativamente recente, com uma quantidade não tão elevada de resultados para o recorde temporal definido na revisão.

Os autores e as autoras apresentados acima, com mais de um trabalho, provavelmente são pesquisadores(as) que se dedicaram ao tema nos últimos anos em artigos, TCCs, dissertações de mestrado e teses de doutorado na área

e que devem estar dando continuidade aos trabalhos, fazendo com que os números apresentados aqui aumentem nos próximos anos.

Conclui-se que os resultados apresentados nessas 9 etapas da Revisão Bibliográfica de Escopo são mais do que suficientes para demonstrar o potencial de importância deste estudo e a necessidade de continuidade dele. A seguir, através de entrevistas com os pesquisadores e as pesquisadoras selecionados, serão feitas análises qualitativas baseadas nos resultados identificados entre os 2 processos metodológicos já apresentados neste capítulo 2.

A conexão entre Design, os estudos *queer* e os estudos de gênero e sexualidade se mostrou muito nova, com uma quantidade reduzida de pesquisas elaboradas em um recorte de 14 anos e em um estágio inicial de construção e desenvolvimento. Apesar de necessários, os estudos nessas áreas ainda não são muitos, portanto, espera-se que esta tese possa auxiliar nos desdobramentos futuros desta interface.

Os trabalhos e pesquisadores aqui identificados fazem parte da construção da base dessa interface e sua relevância é substancial.

2.3. Entrevistas com quem queeriza o Design

No subcapítulo anterior foram documentados e organizados os materiais selecionados e revisados durante a Revisão Bibliográfica de Escopo. Entre os selecionados, foram identificados 22 autores(as) pesquisadores(as) brasileiros(as) com mais de uma aparição na RBE: 16 apareceram 2 vezes, respectivamente, Ana Julia Melo Almeida, Bianca Mendes Rati, Cláudia Regina Hasegawa Zacar, Dorival Campos Rossi, Eva Rubens Célem, Larissa Maués Pelúcio Silva, Lucas Mota Borges, Marcos Namba Beccari, Maria José Vicentini Jorente, Marinês Ribeiro dos Santos, Maximiliano Zapata, Nina Reis Côrtes, Nythamar Hilario Fernandes de Oliveira Junior, Simão Marcos Apocalypse, Talita Meier Marques Rodrigues e Wellington Gomes de Medeiros; 2 apareceram 3 vezes, respectivamente: Grassine de Oliveira e Mariana Nobre de Oliveira; 2 apareceram 4 vezes, são eles: Guilherme Altmayer e Guilherme Cardoso Contini. Por fim, 2 pessoas apareceram 5 vezes, são elas: Denise Berruezo Portinari e Raquel Gomes Noronha.

Todas essas pessoas identificadas tornaram-se destaques em potencial dentro das áreas de pesquisa em Design, com enfoque em estudos de gênero, de sexualidade e/ou de temáticas *queer*. Por conta de sua trajetória acadêmica e profissional, elas foram pré-selecionadas para aplicação da terceira etapa metodológica, que consiste em entrevistas qualitativas do tipo História Oral (Alberti, 2013), sendo temáticas e “de informação” (Oyama, 2014).

Com foco no objetivo desta tese de mapear e descrever as interseções entre o Design e os estudos *queer* através de quem os pratica e pesquisa, as entrevistas tornaram-se um ponto-chave para escutar as reflexões sobre o campo e compreender a trajetória dessas pessoas. Ao escutá-las foi possível identificar práticas, ferramentas e metodologias que contribuem para a inclusão de temáticas *queer* nos projetos de Design.

Antes de analisar os resultados e identificar os pontos em comum, são necessárias algumas explicações técnicas sobre o processo de preparo que antecedeu as entrevistas.

O projeto de pesquisa para as entrevistas foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da FAAC (Faculdade de Artes, Arquitetura, Comunicação e Design) da UNESP e aprovado sob o parecer consubstanciado número 7.786.236 (Parecer disponível no Apêndice O) no dia 22 de agosto de 2025. Junto ao projeto de pesquisa foi elaborado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), apresentado e assinado por todos os participantes entrevistados (TCLE disponível no Apêndice P). O Termo consiste na apresentação das diretrizes da pesquisa, além do detalhamento das atividades e o plano para minimizar os riscos. Além disso, ele permite que sejam veiculadas as informações obtidas, assim como os registros de transcrição.

Foram elaboradas perguntas em 3 níveis: Perguntas de Confirmação de Dados, Perguntas Comuns e Perguntas Direcionadas Específicas.

As Perguntas de Confirmação de Dados servem para identificação de dados importantes dos participantes. São elas:

1. Qual o seu nome completo?
2. Você concorda com os parâmetros de pesquisa apresentados na TCLE?

3. Qual a sua formação?
4. Qual é a universidade e/ou o(s) programa(s) de graduação e pós-graduação de Design que você faz parte atualmente?

As Perguntas Comuns, como o nome diz, são comuns a todos os entrevistados e representam a grande parte dos interesses da pesquisa. Através delas foram identificadas as maiores contribuições para a tese. A seguir, a lista de Perguntas Comuns:

5. Você sempre pesquisou sobre os estudos *queer* ou os estudos de gênero e sexualidade dentro do Design, ou você teve algum ponto de virada em relação à sua pesquisa ou à sua trajetória acadêmica?
6. Você tem familiaridade com o termo “queerização do Design”?

Se responder **Não**, seguir com a pergunta 7, se responder Sim, adicionar uma pergunta pedindo para a pessoa explicar o termo e depois seguir com a pergunta 7, sem a definição rápida.
7. Em uma definição rápida, “‘queerizar o Design’ seria sensibilizar o campo para os aspectos das subjetividades, das questões estéticas, políticas, sociais e culturais do Design na contemporaneidade” (Portinari, 2017, p. 3). Em que momento você “queerizou o Design” através de suas pesquisas e/ou projetos?
8. O que você acha que falta no Design para a sensibilização às temáticas *queer* e às temáticas de gênero e sexualidade realmente acontecerem?
9. Você já realizou projetos práticos com a temática *queer*? Se sim, que metodologias ou práticas do Design você utilizou?
10. Você já realizou pesquisas com a temática *queer*? Se sim, que metodologias ou práticas do Design você utilizou?
11. Quando você pensa na literatura do Design, vem algo à mente que dialoga com os estudos *queer*?

12. Quando você pensa na literatura *queer*, vem algo à mente que dialoga com os estudos do Design?

13. O que esperar do futuro dessa relação entre Design e *queer*?

As Perguntas Direcionadas Específicas são feitas aos casos em que as próprias perguntas anteriores geraram questionamentos momentâneos ou quando as pesquisas selecionadas na RBE suscitaram a possibilidade de questionamentos direcionados, potencialmente relevantes à tese. Não são feitas obrigatoriamente a todas as pessoas entrevistadas. Alguns exemplos de perguntas direcionadas são:

- Em que momento você fez essa costura do *queer* com o Design, a “queerização do Design”? Como que foi isso para você? (para Denise Portinari)
- Você consegue inserir nas disciplinas que você dá na graduação alguma discussão ou provocação dessa temática ou essa abertura acaba acontecendo mais na pós-graduação? (para Raquel Noronha)
- Você percebe alguma mudança lá de 2015-2017 para agora, em termos de alunos ou alunas indo atrás dessas temáticas e vindo do Design? (para Larissa Pelúcio)

O processo de pré-produção das entrevistas começou por meio do contato por e-mail com os participantes. Os e-mails foram encontrados nos materiais selecionados na RBE ou identificados nos sistemas de busca, através de sites institucionais ou do currículo Lattes.

Ao realizar o contato, foram fornecidas duas opções: a realização da entrevista através de chamada de vídeo pela plataforma Google Meet ou através do preenchimento de um formulário do Google com as mesmas perguntas (modelo no Apêndice Q). Das 22 pessoas selecionadas, 14 foram entrevistadas (A transcrição de todas as entrevistas completas está disponível nos Apêndices R ao DD); 2 pessoas decidiram responder pelo formulário e 12 ao vivo, por chamada de vídeo. Das 8 pessoas que não foram entrevistadas, 3 não tiveram disponibilidade até a defesa desta tese, 1 é o próprio autor e as 4 restantes não responderam aos contatos feitos por e-mail.

Todas as entrevistas realizadas ao vivo foram gravadas através da plataforma Google Meet e, para a transcrição, foi utilizada a extensão para o navegador Google Chrome chamada Tactiq. Essa ferramenta utiliza inteligência artificial para elaborar transcrições automáticas e ao vivo, auxiliando no processo de elaboração dos arquivos. Posteriormente as transcrições obtidas pela ferramenta foram submetidas a uma revisão humana, feita pelos designers Ander Haruo, Bianca Sena e Lorena Chiaperini.

Por fim, utilizando a base das perguntas e a relevância das respostas obtidas, através da Análise de Conteúdo de Bardin (2011) foram categorizados os seguintes eixos temáticos: Desafios na aplicação das práticas *queer* no Design; Impactos das metodologias identificadas nos projetos acadêmicos e profissionais; Percepção sobre os estudos de gênero, sexualidade e *queer* no Design; Futuro da relação Design e *Queer*.

A seguir, serão discutidos os eixos e destacadas algumas das respostas das pessoas entrevistadas.

As entrevistas realizadas foram extremamente enriquecedoras e auxiliaram na resposta aos questionamentos feitos anteriormente sobre a aproximação do Design aos estudos *queer*.

2.3.1. Apresentação dos entrevistados

Neste subcapítulo serão apresentados brevemente os 14 por meio das respostas dadas em relação às formações de cada um e à sua trajetória profissional atual.

- **Ana Julia Melo Almeida**

É graduada em Design-Moda pela Universidade Federal do Ceará (UFC), com mestrado em Têxtil e Moda pela Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH/USP) e doutorado em Design pela Faculdade de Arquitetura, Urbanismo e Design da Universidade de São Paulo (FAU-USP). Atualmente faz pós-doutorado no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB-USP, 2024-2027).

- **Bianca Mendes Rati**

Formada em Design Gráfico e Mestra pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Atualmente dá aulas no curso de Jogos Digitais na Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR).

- **Cláudia Regina Hasegawa Zacar**

Possui graduação em Design de Produto e mestrado em Design pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Seu doutorado foi em Design no PPGTE da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Atualmente é docente no curso de Design de Produto da UFPR e no programa de pós-graduação da mesma instituição.

- **Marinês Ribeiro dos Santos**

Formada em Design de Produto pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), com mestrado em Design pela mesma instituição no PPGTE e doutorado em Ciências Humanas na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Atualmente é docente na Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) no curso Bacharelado em Design e Tecnologia em Design Gráfico. Além disso é docente no PPGTE.

- **Eva Rubens Célem**

Tem graduação e mestrado em Design na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ) e atualmente está em programa de comunicação *Rhetoric, Media and Publics* na *Northwestern University* em Chicago, Illinois nos Estados Unidos.

- **Larissa Maués Pelúcio Silva**

Possui graduação, mestrado e doutorado na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e um primeiro pós-doutorado na Unicamp no Núcleo de Estudos de Gênero Pagu. Atualmente é docente na UNESP Bauru no Departamento de Ciências Humanas, ministrando aulas de antropologia em cursos como Design, Rádio, Televisão e Internet, Psicologia e Educação Física.

- **Dorival Campos Rossi**

Graduado e mestre em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (USP). Doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Atualmente é docente do curso de graduação em Design da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (FAAC) da UNESP Bauru e do programa de pós-graduação em Mídia e Tecnologia (PPGMIT) da mesma instituição.

- **Nina Reis Côrtes**

Possui graduação em Moda na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e mestrado em Design pela mesma instituição.

- **Simão Marcos Apocalypse**

Possui graduação em Biblioteconomia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), mestrado em Ciência da Informação na UNESP Marília e é doutorando na mesma instituição.

- **Grassine de Oliveira**

É graduada em Design de Produto pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), mestra em Design pela Escola Superior de Desenho Industrial (ESDI) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e doutoranda em Design pela mesma instituição. Atualmente é professora substituta pela UERJ no departamento de Design de Produto.

- **Mariana Nobre de Oliveira**

Graduada em Design pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e mestra em design pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

- **Guilherme Altmayer**

Possui graduação em Administração pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), duas pós-graduações em Marketing e em Sociopsicologia pela Fundação de Sociologia de São Paulo (FESPSP), mestrado e doutorado em Design pela Pontifícia

Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Atualmente é docente na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), na Escola Superior de Desenho Industrial (ESDI) onde atua nos cursos de graduação e pós-graduação em Design (PPDESDI).

- **Denise Berruezo Portinari**

Possui graduação em Psicologia, mestrado e doutorado em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), com período sanduíche pela New School for Social Research nos Estados Unidos. Atualmente é docente nos programas de graduação (Departamento de Artes e Design) e pós-graduação em Design na PUC-Rio.

- **Raquel Gomes Noronha**

Graduada em Desenho Industrial na Escola Superior de Desenho Industrial (ESDI) da UERJ. Mestra em Ciências Sociais na Universidade Federal do Maranhão (UFMA) e doutora em Ciências Sociais na UERJ. Atualmente é docente nos programas de graduação e pós-graduação em Design da UFMA.

2.3.2. Percepções sobre os estudos de gênero, sexualidade e *queer* com o Design

Ao longo das entrevistas, ficou perceptível a importância de incorporar os estudos *queer* ao Design quando se trata de projetos e problemáticas sociais e dissidentes. Cada um dos entrevistados fez um rápido resgate de sua história na pesquisa e prática *queer* ao responderem se eles sempre pesquisaram sobre os estudos de gênero e sexualidade e os estudos *queer* ou se houve algum ponto de virada na trajetória acadêmica ou pessoal. Em muitos casos esse ponto de virada foi a graduação, o mestrado ou o doutorado, ao se aproximarem do campo de estudo através das práticas acadêmicas do Design.

Para Bianca Rati (2025), houve um momento da sua trajetória acadêmica, especificamente na graduação, em que ela teve o pleno entendimento de que o feminismo não era somente uma demanda do passado e sim uma demanda do presente, começando a inserir as temáticas de gênero nos projetos que ela fazia.

Rati (2025, p. 3) pontuou sobre os desafios da articulação das temáticas dentro dos cursos de Design: “uma das principais dificuldades que eu tive foi justamente, porque o curso de Design não costuma ser muito teórico, ele não dá muito aporte teórico para a gente”.

Nina Reis Côrtes (2025) também considerou a graduação como um momento determinante. Ela mencionou o cenário político do Brasil e seu engajamento político com temáticas como o feminismo a partir de leituras específicas, como um livro de Heloísa Buarque de Hollanda. Segundo relatado por Côrtes (2025, p. 3): “acabei fazendo uma pesquisa bem aprofundada [...] sobre os movimentos feministas, sobre as ondas de feminismo e me encantei muito com a Quarta Onda, que é o momento que a gente vive”.

Um pouco mais adiante, Grassine de Oliveira (2025) mencionou que a transição da graduação para o mestrado proporcionou uma trajetória em direção às temáticas *queer*, que também se mistura com sua jornada pessoal. Segundo ela,

Teve um ponto de virada que foi no mestrado, mas antes do mestrado, quando estava na graduação, eu ainda me entendia como um homem gay afeminado, eu não acho que ali eu pensei sobre gênero e sexualidade, mas talvez sobre uma corporeidade que tá um pouco atrelado com as questões de gênero, que foi ao fazer um TCC assim,... eu sempre participei de muitas coisas e eu nunca deixei de me vestir ou agir, independente da área que eu estivesse [...] no final da graduação, foi quando eu comecei a entender o que é uma pessoa trans não binária. Então assim, ali na pandemia eu já me entendi como aquela pessoa trans. E aí eu falei, poxa, foi muito difícil achar esse processo de identificação do que seria uma pessoa não binária (GRASSINE, 2025, p. 4).

Grassine relatou que foi durante o mestrado que ela aprendeu a queerizar e percebeu que muito antes disso ela já queerizava.

Nesse âmbito pessoal, Denise Portinari (2025) considerou que seu interesse pelas questões de gênero e sexualidade começou desde cedo, porque isso corria em paralelo com sua vida pessoal: “Acho que muitas vezes é o caso. A gente acaba encaminhando a pesquisa para aquelas coisas que nos tocam mais de perto” (Portinari, 2025, p. 2).

Em relação à Cláudia Zacar e à Marinês Ribeiro dos Santos (2025), que foram entrevistadas conjuntamente, o doutorado foi um ponto de virada sobre a

produção dentro do Design com essas temáticas dissidentes. Para Santos (2025), em seu doutorado interdisciplinar existia uma linha de pesquisa muito forte com os estudos de gênero, o que a fez utilizar uma perspectiva histórica com seu objeto de estudo: as revistas Casa e Jardim. Ela utilizou esse olhar histórico “para pensar o Design Pop no Brasil [...] e a pessoa que poderia me orientar, que era da linha de História, estava vinculada ao Laboratório de Pesquisas de Gênero” (Santos, 2025, p. 4). Já para Zacar (2025), o trabalho com a Marinês (também sua orientadora no doutorado), durante a tese, fez a diferença, destacando a atuação relevante dela nas pesquisas e projetos da temática no Paraná.

Outras perspectivas foram mencionadas, como por exemplo a “encruzilhada epistemológica” vista por Raquel Noronha (2025) ao perceber questões fortes de gênero atravessando a vida de mulheres que trabalhavam com artesanato, sob um olhar para as relações de produção e consumo, ou a aproximação com as temáticas *queer* através das próprias práticas artísticas de Guilherme Altmayer (2025), quando ele trabalhava com performance e fotografia em suas práticas ativistas em meados de 2013. Ainda assim, para Altmayer (2025), esse “ponto de partida” fez com que na pós-graduação, no mestrado e no doutorado, ele trouxesse como projeto de pesquisa o trabalho com gênero e sexualidade dentro do Design.

Independentemente da história de cada um, que é extremamente pessoal, fica claro que as pessoalidades influenciaram diretamente a decisão de trabalhar com gênero, sexualidade e os estudos *queer* ou mesmo a forma espontânea como esses temas chegaram em cada um dos entrevistados.

Cada um deles, a seu momento, sensibilizou o Design às temáticas transgressivas e potencializou a queerização da área. Ao serem questionados sobre em que momento eles perceberam que conseguiram sensibilizar o Design ao *queer*, a reflexão sobre seus projetos e pesquisas foi determinante.

Bianca Rati (2025) destacou que suas pesquisas sobre o gênero neutro a fizeram perceber que a forma de subverter o gênero seria através do *queer*; Mariana Nobre de Oliveira (2025) mencionou sua pesquisa sobre a análise dos códigos sociais de gênero e a estética do gênero neutro como um momento seu de destaque para a sensibilização e para a identificação de um Design contrariando normas; por fim, Eva Célem (2025) trouxe um contraponto ao relatar que não sabe exatamente

se ela conseguiu queerizar, uma vez que o *queer* “é também não entender um ponto fechado de destinação” (Célem, 2025, p. 4).

2.3.3. Desafios na aplicação das práticas *queer* no Design

Todos os entrevistados foram questionados sobre o que falta no Design para a queerização e a sensibilização da área de fato acontecer. Na grande maioria das respostas o ensino em Design foi colocado em foco e as maiores ausências foram relatadas na inserção das temáticas de gênero e sexualidade e das temáticas *queer* no âmbito das graduações em Design.

Segundo Altmayer:

A primeira resposta que me vem à mente: levar essas discussões para o nível de graduação. Primeira coisa, eu acho que isso precisa entrar em currículos de graduação de certa maneira a partir de disciplinas mais críticas e teóricas que estão pensando as questões que orbitam em torno do fazer Design, as questões políticas e as implicações políticas que orbitam em torno de fazer Design (Altmayer, 2025, p. 4).

Altmayer (2025) reconheceu a necessidade de trazer disciplinas mais críticas ao campo, além de ter, nas universidades, mais professores e professoras trans, mais docentes abertamente lésbicas ou gays articulando a bandeira de maneira ativa, desmontando o pensamento de que “academia não é lugar para levantar bandeira”. Segundo ele, o pensamento é o contrário, a academia “é um lugar para levantar a bandeira, levantar a bandeira com rigor, com trabalho bem-feito e bem aprofundado” (Altmayer, 2025, p. 5).

Côrtês (2025, p. 7) está alinhada com a crítica sobre os currículos de grande parte das graduações em Design, colocando-os como “muito engessados”, principalmente nas formações mais básicas. Segunda ela, falta “abrir um pouco a mente” (Cortês, 2025, p. 7) para temáticas de gênero e sexualidade, além de “valorizar e entender que o campo do Design pode ter outras conexões, que a gente pode falar mais de subjetividade” (Côrtês, 2025, p. 7), considerando que a sociedade ainda é muito normatizada. Apesar disso, ela reconhece que algumas mudanças já estão acontecendo.

Por outro lado, Rati (2025) analisa que os estudantes têm trazido parte dessas demandas para os cursos, falando especialmente de onde ela atua, no

Paraná. Ela compreende a dificuldade relacionada à questão educacional do Design, muitas vezes atrelado às demandas mercadológicas.

É evidente como as adaptações serão cada vez mais necessárias por parte das coordenações dos cursos de graduação em Design, estando abertos a escutar as representações estudantis e analisar com atenção as novas demandas, permitindo um caminhar em direção à aplicação de mudanças estruturais e, possivelmente, duradouras.

Santos (2025, p. 7) acredita que a prática profissional “precisa ser crítica e consciente da cumplicidade do Design com as normas e as hierarquias sociais que naturalizam e justificam desigualdades”. Além disso, a aproximação com pautas de luta e movimentações sociais é uma questão importante.

A partir daí, eu acho que é possível pensar em intervenções capazes de combater ou transgredir essas normativas múltiplas, inclusive as hierarquias de gênero e a naturalização da heterossexualidade. Mas eu acho que isso envolve uma série de fatores, um deles seria a aproximação, que eu já comentei antes, com as Ciências Humanas e Sociais na formação acadêmica. [...] Acho que seria muito importante a gente ter uma intensificação disso nos currículos, que acabam tendo um viés cada vez mais tecnicista, embora, a gente tenha resistências a isso (Santos, 2025, p. 7)

Outra análise feita por Santos (2025) na entrevista foi sobre o perfil docente da área. Ela considera que há muitas mulheres, sobretudo brancas, atuando como professoras no Design, mas quase nenhuma mulher aparece como referência nos livros de teoria e história do Design. Algumas dessas ausências estruturais contribuem diretamente para o olhar construído sobre a profissão “que é bastante comprometido com valores ligados a posições de sujeitos hegemônicos, ou seja, com valores que são masculinos, heterocentrados, brancos, elitizados” (Santos, 2025, p. 8).

Aliado ao que foi pontuado por Santos, Zacar (2025) reforça que a questão da educação, certamente, é central. Além da reflexão sobre como pode acontecer um avanço, a começar pelo desmonte de uma parte dessa tradição impositiva, com perspectiva modernista e eurocêntrica. Ela reforça a importância de pensar os movimentos sociais e desmontar movimentos retrógrados. Ana Julia Almeida (2025, p. 6) relata que “falta uma abordagem teórica mais densa, que inclua essas

questões de maneira transversal nas práticas de projeto e nas disciplinas. As temáticas, infelizmente, ainda ficam muito restritas a alguns circuitos”.

Um fator determinante para o avanço ainda lento para dentro das temáticas *queer* é uma certa falta de reconhecimento dessas discussões no próprio campo. Noronha (2025) trouxe um relato forte e pessoal sobre esse tópico: “Eu costumo escutar piadinhas, eu costumo escutar desqualificação de professores que chegam em sala de aula e falar ‘Isso não é Design’, ‘Aqui não tem esse negócio de queerizar, de Trans Design, não tem nada disso aqui’” (Noronha, 2025, p. 5). Ela é incisiva em dizer que faz parte sim de um machismo, de um “patriarcado que existe em todos os campos da ciência” (Noronha, 2025, p. 5) e que ainda vai levar um longo tempo para ele ser desestruturado e para que novas perspectivas ocupem esses espaços.

Dorival Rossi (2025) argumenta que fazer certas analogias com as questões de gênero e as questões *queer* dentro do Design é algo muito inusitado, não é nato do próprio campo fazer algo assim, se considerar o histórico. Ele compreende que ainda são poucas as pessoas que fazem projetos sobre isso e que tem a coragem de enfrentar o tema, fazendo novas analogias com o Design. Um movimento de desafiar normas do próprio campo.

Ao articular temáticas *queer* dentro da graduação, é comum sentir-se “sozinho ou sozinha”, pois não são todos os cursos de Design que têm professores ou professoras que pesquisam efetivamente as temáticas. Muitas vezes existem professores abertos a trabalhar com elas, mas que não construíram suas bases de pesquisa com essas inserções. Nem sempre existe um grupo de pesquisa dentro do curso de Design que desenvolve uma aproximação entre o Design e os estudos de gênero e os estudos *queer*. Ao traçar uma jornada solitária, muitos alunos e alunas acabam sendo atraídos por textos famosos e complexos, como textos de Judith Butler, que, em muitos casos, não são os primeiros caminhos indicados para uma iniciação nas temáticas dissidentes. Existem bases para dar os primeiros passos e evitar um certo desânimo com leituras complexas que podem gerar certa confusão terminológica. São leituras importantes e potentes, mas que ganham força ao serem inseridas em um segundo momento, após uma maturidade acadêmica nos temas.

Portinari (2025) colabora com essa discussão ao visualizar um dos cerne do problema, relacionado à epistemologia do próprio Design:

Você sabe qual é o problema? Mas isso lá atrás que falei, na epistemologia do Design, porque o texto da Butler, é um texto difícil, é um texto para quem tem uma formação em Ciências Sociais e Humanas, e infelizmente a formação em Design não dá esse tipo de lastro, deveria dar, essa é a minha batalha desde sempre dentro do Design. Por que o aluno de Design não tem uma formação tão séria nesse sentido, tão bem fundamentada teoricamente, quanto outros alunos da Ciências Sociais e Humanas? (Portinari, 2025, p. 12).

Ainda que existam disciplinas relacionadas à Filosofia, à Sociologia ou à Antropologia em grande parte das matrizes curriculares das graduações em Design brasileiras, nem sempre há espaço para discussões aprofundadas ou transdisciplinares, principalmente nos anos finais dos cursos.

Por fim, Célem (2025) traz a perspectiva de que ainda falta o interesse por parte dos e das designers em fazer esse estudo sobre a história e a teoria do Design em uma perspectiva crítica, “porque essa é a perspectiva crítica – da teoria crítica – que expõe o papel do Design na criação e perpetuação das desigualdades” (Célem, 2025, p. 5). Por exemplo, uma rejeição às teorias que procuram problematizar a relação entre o Design e o capitalismo. Ainda segundo Célem (2022, p. 5), isso acaba “transformando o público LGBTQ+ em segmento de mercado, público-alvo”.

2.3.4. Impactos das metodologias identificadas nos projetos

Os entrevistados foram questionados sobre os projetos práticos ou projetos de pesquisa que já realizaram na temática *queer* e sobre as metodologias ou práticas que utilizaram. Mais algumas reflexões interessantes foram feitas e serão compartilhadas a seguir.

Grassine (2025, p. 4) considera o Design como uma “ferramenta submetida às questões de gênero [...] então o que vai reger o projeto é a queerização”. A queerização enquanto processo metodológico diz respeito a uma certa analítica da normatividade inserida no Design, seja no processo ou mesmo no produto. Célem (2025, p. 7) trouxe uma visão semelhante, dizendo que utilizar “essa perspectiva *queer* já é uma decisão metodológica [...] que vai

moldar suas escolhas [...] isso de certa forma já é um *framework* que ajuda a gente a definir os nossos métodos de pesquisa”.

Dando sequência, Côrtes (2025) utilizou como exemplo seu projeto de mestrado, onde ela promoveu reflexões críticas sobre os movimentos contemporâneos e a prática do Design e relatou sobre a etapa de campo. Foi uma etapa de campo on-line, por conta da pandemia de Covid-19. Côrtes realizou encontros on-line com mulheres e chamou de Oficinas de Sensibilização. Essas oficinas foram, de certa forma, um processo metodológico escolhido para sensibilização de temáticas e aproximação com o público de sua pesquisa.

Essa aproximação com o público também pode ser entendida como um processo participativo dentro do Design. Santos (2025) relatou que vem notando uma maior discussão e atenção às temáticas citadas aqui a partir de práticas mais coletivas. Noronha (2025) cita o Design Participativo como metodologia utilizada por ela em seus projetos com temáticas de gênero ou temáticas *queer*. Em seu projeto intitulado *Under Hubs*, ela utiliza da metodologia participativa e de uma cartografia social para falar do “espaço universitário como *locus* da pesquisa” (Noronha, 2025, p. 6). Ela também utiliza a prototipação como forma de construção de um conhecimento, mas não a prototipação tradicional do Design de Produto, uma prototipação do Design Participativo “em que você cria *provótipos*, coisas que voltam para o campo, para provocar a conversação social” (Noronha, 2025, p. 6). Noronha contextualizou o exemplo dentro do seu projeto:

Não sei se você conhece, se você se lembra, as bonequinhas, vinha em umas revistinhas, a gente recortava o corpinho e vinha as roupinhas de papel que você dobrava assim, ela ficava meio precariazinha vestida. E a gente fez essa ferramenta e deu para os alunos do Design, para que eles pudessem interferir nesses corpos e nas roupas... A gente fez um kit básico de roupas básicas que se vão para universidade e a gente fez três perguntas: Como você vem para Universidade? Como você gostaria de vir para a Universidade? E como você nunca viria para a Universidade? ... a galera interferiu nos corpos porque eram corpos padrões das bonequinhas, então isso também virou uma questão, os próprios corpos (Noronha, 2025, p. 6-7).

Um outro método relatado nas entrevistas foi a análise de imagens. Zacar (2025) pesquisou, em seu doutorado, a partir da noção de prótese de gênero. Sua ideia foi “problematizar como nesses ambientes estavam sendo constituídos esses estereótipos de feminilidade e masculinidade” (Zacar, 2025, p. 10), além

de avaliar também marcadores como geração, idade, raça e etnia através da análise de imagens.

Já Altmayer (2025) traz dois processos metodológicos importantes em sua trajetória de pesquisa: a pesquisa-ação e a autoetnografia, onde o pesquisador está presente e “invocado no próprio objeto, no desenvolvimento daquilo que está sendo pesquisado/desenvolvido/aplicado ou até mesmo em práticas políticas ativistas” (Altmayer, 2025, p. 6). A ideia de buscar metodologias que também evidenciem as limitações e falhas, para Altmayer (2025), é uma forma de incorporar uma metodologia queerizada.

Ao responder essa pergunta, Portinari (2025) seguiu a linha de pensamento de Altmayer ao pontuar que a própria ideia de utilizar a teoria *queer* como metodologia na verdade é uma “antimetodologia” (Portinari, 2025, p. 9), uma metodologia que não é fixa.

2.3.5. Futuro e percepções sobre um Design *queer*

Ao final das entrevistas, foi possível elencar algumas percepções gerais dos entrevistados sobre um Design *queer*, sensibilizado, dissidente.

Santos (2025) fez uma analogia bastante relevante sobre a normatividade e o Design. Na organização cotidiana e sob uma ótica normativa, o gênero traz posições binárias que afetam diretamente a prática do Design e, consequentemente, muitos projetos e pesquisas da área acabam colocando em circulação estereótipos de feminilidade e masculinidade nos próprios produtos. Segundo ela, é preciso “pensar o Design como algo que atua na produção de diferenças de gênero ou na constituição dessas diferenças, na incorporação dessas diferenças” (Santos, 2025, p. 5). Sendo essas diferenças hierarquizadas, o Design acaba participando ativamente na manutenção dessas desigualdades e contribuindo para a “compreensão da heterossexualidade como normal” (Santos, 2025, p. 6).

E como a gente tem essa classificação a partir de um esquema binário, a materialidade, o Design, atuam na constituição de mulheres femininas e homens masculinos, nesse processo sustenta a heterossexualidade como normal. Por isso a interdição das ambiguidades, que quando são provocados, pelas transgressões nos usos, por exemplo, quando os artefatos

são usados de formas que não correspondem as expectativas sociais em relação ao sexo anatômico, isso incomoda, porque produz os corpos de formas que eles desafiam o imperativo da heterossexualidade (Santos, 2025, p. 6).

Ao aproximar o Design com o *queer*, Célem (2025) concluiu que este está diretamente ligado ao fazer, ao devir e considerou que “o *queer* tem mais a ver com o caminho do que com a linha de chegada” (Célem, 2025, p. 12), com uma reta final. Conforme argumentado por Almeida (2025), os estudos *queer* fornecem alguns aportes importantes para o entendimento sobre como os mecanismos que produzem desigualdades atuam na fabricação dos corpos e das materialidades e visualidades. Dessa forma, deve-se considerar que “os marcadores sociais participam das práticas de design, sejam elas projetuais ou historiográficas” (Almeida, 2025, p. 5).

Esse processo de queerização do Design foi reforçado por Portinari (2025) durante a entrevista. Quando ela trouxe o termo no seu artigo para a *Revista Arcos* em 2017, o queerizar seria “trazer uma analítica da normatividade para o campo do Design” (Portinari, 2025, p. 7) e sua proposta naquele momento foi não tanto sensibilizar o Design para as temáticas relatadas aqui, uma vez que ele é rápido em se apropriar de temáticas emergentes. A ideia foi a de “sensibilizar o Design para essa autocrítica, para esse aprofundamento da reflexão sobre o seu próprio papel na produção de subjetividades e de reprodução de valores sociais” (Portinari, 2025, p. 8).

Dando sequência ao argumento, Noronha (2025) relacionou a queerização do campo com a subversão metodológica, algo citado no subcapítulo anterior. Essa subversão poderia ser na forma de construção da pesquisa, no questionamento sobre a linearidade do processo de pesquisa, nos estigmas fundamentais para o “paradigma moderno do Design” (Noronha, 2025, p. 4). Em outras palavras, Côrtes (2025) argumentou que o queerizar o campo seria o ato de desafiar o que a própria sociedade entende como Design. Com certo alinhamento com Portinari, Noronha e Côrtes, Altmayer (2025) respondeu que queerizar é passar por certo estranhamento e desconfiança, um caminhar crítico.

Por fim, Simão Marcos Apocalypse (2025) trouxe uma percepção dentro da lógica abordada pelos entrevistados anteriores, mas direcionada a uma dificuldade em relação ao reconhecimento das temáticas dissidentes no campo

científico, por meio das revistas acadêmicas. Apocalypse (2025, p. 13) analisou o quanto é difícil um trabalho ser aprovado:

Quando você faz um trabalho em que você trata especificamente do Design, o trabalho entra, e quando você faz um trabalho no qual você trata do Design e aborda a perspectiva de gênero, de dissidência, esse trabalho tem uma grande dificuldade em ser publicado. Isso é um reflexo do quão a área é conservadora na verdade.

A última pergunta feita para todos os entrevistados foi sobre o que eles pensam sobre o futuro da relação Design e gênero e Design e *queer*. As respostas trouxeram revelações pertinentes sobre diversos aspectos.

Rati (2025) destacou uma visão otimista, enxergando que cada vez mais os assuntos sobre gênero estão sendo falados, ao mesmo tempo que as pessoas têm expressado mais suas identidades. A visão otimista quase sempre vem acompanhada de certa apreensão com os diversos cenários políticos ao redor do mundo, mas ainda assim Rati (2025, p. 11) considera que estamos em “um ponto de não retorno”.

Para Zacar (2025), há certa esperança de que existam mais fóruns para encontros e conversas sobre os temas, além de maior aprofundamento teórico, como também foi reforçado por Santos (2025), ao relatar a dificuldade em acessar literaturas direcionadas e a expectativa sobre um corpo docente mais heterogêneo, que olhe um pouco mais “para essa relação com o Design como processo social” (Santos, 2025, p. 19). Santos (2025) também imagina um futuro em que seja dada mais ênfase para práticas de resistência e de questionamento de lógicas binárias.

Côrtes (2025) enfatiza que existe uma certa esperança e expectativa sobre a nova geração para alavancar mais temáticas de gênero na educação escolar e nos currículos acadêmicos, abrindo espaço para mais pessoas debaterem e sensibilizarem.

Sobre os recortes da transgeneridade e da não-binaridade abordado por Grassine durante a entrevista, ela compreende a longa jornada que ainda será necessária para um avanço dos temas dentro do Design e mesmo da própria comunidade.

Na visão de Larissa Pelúcio (2025), o que ela espera e imagina é um estreitamento das relações Design e *queer*. Não apenas um Design que dialoga com o *queer*, mas um Design que seja efetivamente *queer*, que se aproprie dessa perspectiva para produzir uma teoria própria “que tem essa marca *queer*, mas que é produzida pelos[as] designers e para o Design” (Pelúcio, 2025, p. 8). Alinhada a isso, Portinari (2025) chama a atenção ao que ela não gostaria de ver futuramente: uma metodologia do Design *queer* tal qual aconteceu com o Design Emocional ou o Design Thinking, um certo reducionismo.

Altmayer (2025) reconhece que ainda falta muito amadurecimento das pesquisas nessa interface, no entanto ele compreende que isso se dá com o tempo, com pesquisas e projetos atuais, que estão sendo desenvolvidos aqui e agora e que vão inspirar ainda mais projetos, abrindo caminhos e ganhando espaços. Por fim, Célem (2025) traz um argumento que complementa a resposta de Altmayer, chamando a atenção para o fato de que, como tudo que é *queer*, esse amadurecimento da área estará, provavelmente, às margens. Ela considera que existe uma potência de estar à margem e finaliza com o questionamento: “Se o *queer* virar norma, ele vai continuar sendo o *queer*?” (Célem, 2025, p. 12).

CAPÍTULO 3

Discussões sobre um Design *queer*

Este capítulo explora os impactos práticos da pesquisa, identificados a partir das constatações feitas após a análise dos resultados da Revisão Exploratória, da Revisão de Escopo e das entrevistas (Capítulo 2). Esses resultados são combinados com as descobertas feitas a partir da revisão bibliográfica (Capítulo 1).

3.1. Aonde vamos chegar ao “queerizar” o Design?

Já foram elaboradas, nesta tese, algumas análises sobre Design e transgressão com base em uma revisão bibliográfica que possibilitou o entendimento de algumas perspectivas como: o Design indo ao encontro da subversão e dos temas dissidentes quando se aproxima das temáticas de gênero e sexualidade e das temáticas *queer*; as complexidades contemporâneas e o próprio conceito do Design; uma imersão em terminologias dos estudos de gênero e sexualidade, assim como olhares sobre os estudos *queer*; os conceitos de inclusão, diversidade, Design inclusivo e Design Universal associados às complexidades contemporâneas; e a de uma análise sobre como o Design pode ser *queer*.

Ao conectar essa imersão em diferentes perspectivas com os resultados apresentados após a Revisão Exploratória, a Revisão Bibliográfica de Escopo e as entrevistas estruturadas, abre-se um novo paradigma para discutir o Design *queer* investigado e redescoberto nos capítulos anteriores.

Se foi possível analisar uma série de terminologias, ações transgressoras e atitudes dissidentes diante dos desafios contemporâneos enfrentados pelo Design, também é possível discutir sobre as consequências e os objetivos de “queerizar” o campo.

Aonde vamos chegar ao ‘queerizar’ o Design? é um subcapítulo que responde a essa pergunta através de uma intersecção entre novos estudos, perspectivas transgressoras e exemplificações metodológicas já colocadas em prática pelo Design e descobertas durante os dois primeiros capítulos desta tese.

O ponto de partida desta discussão é o livro interinstitucional *Design e Gênero: experiências coletivas de ensino*, publicado em 2024 pelas docentes e pesquisadoras em Design Ana Julia Melo Almeida, Griselda Flesler, Maria Cecília Loschiavo dos Santos e Raquel Gomes Noronha. O livro é uma coletânea de textos, recortes e sistematizações de aulas ministradas desde a primeira edição da disciplina Design e Gênero.

Antes de falar mais sobre o livro, será abordada a história das disciplinas que o originaram. A primeira vez que a disciplina ocorreu foi em 2021, de forma experimental, e ela foi organizada apenas pela professora Maria Cecília Loschiavo dos Santos e sua orientanda de doutorado na época, Ana Julia Melo

de Almeida, na Faculdade de Arquitetura, Urbanismo e Design da Universidade de São Paulo (FAUD – USP), registrada sob o nome “Design, artefatos e relações de gênero” (Almeida; Flesler; Santos; Noronha, 2024, p. 14).

Em conjunto, Maria Cecília e Ana Julia reestruturaram a disciplina para pós-graduação, de forma a abordar “o gênero como ferramenta teórica e metodológica nas investigações em Design” (Almeida; Flesler; Santos; Noronha, 2024, p. 14).

Em 2022, em parceria com as professoras e pesquisadoras Raquel Noronha (Universidade Federal do Maranhão – UFMA) e Griselda Flesler (Universidade de Buenos Aires – UBA), a ideia da disciplina evoluiu e tornou-se oficialmente *Design e Gênero*. Essa nova disciplina aconteceu de forma integrada entre as três instituições (FAUD, UFMA e UBA) e em novo formato, incorporando perspectivas decoloniais e *queer* nos projetos de Design.

O livro e a disciplina foram iniciativas que buscaram inserir no ensino em Design a preocupação com as temáticas de gênero e as dissidências, algo inovador na área. Isso foi constatado também a partir da busca por disciplinas nas matrizes curriculares dos cursos de Design feita nas revisões apresentadas no capítulo 2. Apesar das edições de 2021 e 2022 não terem aparecido nas buscas da revisão exploratória, a edição de 2025 da disciplina *Design e Gênero* foi encontrada nos registros curriculares da pós-graduação da FAUD-USP.

Almeida, Flesler, Santos e Noronha consideram que o campo do Design ainda está longe de promover novas subcategorias permanentes, tal qual “‘Design feminista’ ou ‘Design *queer*’ ou ‘Design decolonial’” (2024, p. 13). As práticas do Design estão em vias de serem, em grande parte, decolonizadas, queerizadas e feminizadas através de novos processos metodológicos como o proposto aqui.

Apesar dos materiais selecionados nas revisões anteriores estarem atrelados, em qualquer nível, às pesquisas que envolvem gênero, sexualidade ou os estudos *queer*, nem todos são, de fato, materiais sobre um Design *queer*.

É imprescindível concordar com Almeida (2024) quando ela destaca que as práticas de representação de gênero por meio do Design estão associadas à binarismos e dicotomias fabricados pelo próprio campo. Alguns exemplos disso são: bom Design/mau Design, industrial/artesanal, moderno/popular, pessoal/coletivo,

colaborativo/individualista. Segundo ela, no cerne das práticas de Design essas dicotomias “aparecem em aplicações variadas, seja em pictogramas de sinalização, a partir da definição gráfica dos corpos, seja na identificação de produtos de acordo com usos generificados” (Almeida, 2024, p. 39).

O processo contínuo de “queerização” do Design está diretamente relacionado com a intersecção entre os desejos e as problemáticas sociais dos sujeitos, que são constantemente interpretados pelos e pelas designers e estão em diálogo com o que é estudado aqui e em outros campos.

Portanto, os designers e as designers têm um papel crucial na construção social do gênero. Sendo protagonistas do processo de Design, além de reconstruírem e idealizarem produtos, constroem e repensam o gênero a partir desses produtos.

É fato que a teoria *queer* pode servir como inspiração aos processos de Design, mas colocar isso em prática não é tarefa simples. Subverter o Design é como indisciplinar o campo, por isso é tão difícil transgredir as normativas de gênero (Denz; Eggink, 2019). E, ao transgredi-las, utilizam-se práticas não convencionais para considerar as identidades *queer* durante um projeto.

Ece Canli (2014) questiona o que significaria “queerizar” o Design e seus métodos para transformar o conhecimento científico normativo em um método subversivo. Sob a ótica de Silas Denz e Wouter Eggink (2019), Canli associa esse método subversivo ao processo de desconstrução ou reconstrução das normas de gênero, como forma de deslocar as barreiras em direção às pessoas *queer*.

Sem dúvidas o processo de “queerização” ou sensibilização da área é um “desejo permanente e um ato potencial em direção a um futuro não normativo” (Canli, 2014, local 5). Esse futuro não normativo é parte de onde pretende-se chegar com um Design *queer* e dissidente.

Como parte da análise sobre os processos metodológicos dentro do Design e como isso pode contribuir para o cenário de “queerização”, Denz e Eggink (2019) adaptaram uma ferramenta criada por Ellen Van Oost em 2014 para auxiliar na análise da relação entre um produto e as inscrições de gênero: uma matriz multidimensional. Baseado no *Esquema heurístico para análise de scripts de*

*gênero em produtos*⁴⁵ de Van Oost, a matriz de Denz e Eggink (Figura 10) “serve para identificar *scripts* de gênero implícitos no Design de Produtos” (Denz; Eggink, 2019, p. 4) seguindo as divisões: forma, função e interface dos usuários.

Por “*script* de gênero” entende-se como os papéis ou roteiros sociais e culturais que indicam como homens, mulheres e pessoas não binárias deveriam agir, se comportar, e até utilizar produtos. Ou seja, são padrões de comportamento esperados com base no gênero. Por exemplo, no universo dos produtos para crianças, quando bonecas são consideradas brinquedos “para meninas” e carrinhos “para meninos”, ou no universo dos utensílios domésticos, quando itens de cozinha são considerados femininos e ferramentas são consideradas produtos masculinos.

Figura 10 - Matriz de Scripts de Gênero para Design de Produto baseada no “Esquema heurístico para análise de scripts de gênero em produtos” (van Oost, 2014)

Dimensões do Produto	Dimensões do Script de Gênero			
	Simbolismo de Gênero (dicotomias) Ex.: controlar/obedecer	Estrutura de Gênero (Contexto) Ex.: localização (doméstico/público)	Identidade de Gênero (Características Pessoais) Ex.: audacioso	Efeito no Gênero Ex.: perpetuação do estereótipo de gênero
Forma (Linguagem de Design) Ex.: Símbolo sobre identidades	...	...	...	...
Função Ex.: atividades generificadas	...	...	...	...
Interface do Usuário Ex.: Competências pressupostas	...	...	...	...

Fonte: Denz; Eggink (2019, p. 4, tradução minha)⁴⁶

A ideia da matriz é que ela auxilie na análise das quatro dimensões dos *scripts*⁴⁷ de gênero (simbolismo, estrutura, identidade e efeito) em comparação com as dimensões dos produtos (forma, função e interface), para validar os possíveis efeitos sobre os usuários de gêneros específicos. Em relação aos *scripts* de gênero, o simbolismo está relacionado às dicotomias, por exemplo “controlar/obedecer”, em que a função de controlar, nesse sistema, estaria mais associada aos homens e a de obedecer, às mulheres. Em relação à estrutura analisa-se o contexto. Por exemplo, ao considerar a localização do projeto, pode-

⁴⁵ Do original: “*Heuristic scheme for product gender script analysis.*”

⁴⁶ Figura original no Anexo 1.

⁴⁷ Os *scripts* de gênero podem ser entendidos como os papéis do gênero.

se estabelecer que o contexto é doméstico ou público. Sobre a identidade de gênero são avaliadas as características pessoais, por exemplo se o produto for direcionado a características da masculinidade ele pode ser considerado audacioso. Por último, o efeito no gênero diz respeito à forma como se é queerizado ou não, como na perpetuação de estereótipos.

Sobre as dimensões do produto, a forma seria o aspecto físico e visual do produto, assim como a função teria como foco a usabilidade, por exemplo quando a funcionalidade segue condições generificadas. Por último a interface com o usuário, que seria o sistema de interação e uso, por exemplo a análise sobre competências pressupostas ao usuário do produto.

Em uma exemplificação prática tem-se o caso da binaridade nos banheiros considerados masculinos e femininos. Em relação à forma, percebe-se que os ícones carregam simbolismos de gênero quando são representados por uma figura de saia, um salto alto ou um lábio para direcionar o que seria um banheiro feminino. Ao mesmo tempo que uma figura sem saia, um tênis, um chapéu ou um bigode seriam representações de um banheiro masculino.

Ainda sobre a forma, e estrutura leva a um contexto do ambiente público, onde essas dicotomias aparecem, já que em um banheiro dentro da própria casa não costuma ter distinções. Sobre a identidade de gênero, a forma apresentaria os marcadores simbólicos demonstrado anteriormente e sobre os efeitos, a iconografia binária colocaria pessoas de fora dos binarismos, como pessoas trans e não binárias, em posição de desconforto, excluindo-as do uso dos banheiros públicos.

Em relação à função, poderia ser analisado o uso dos banheiros. Pelas convenções binárias sociais é esperado que o produto “vaso sanitário” seja utilizado de formas diferentes. Aos homens é esperado o uso em pé, às mulheres, o uso sentado, e a forma não favorece nenhum outro tipo de utilização.

E para exemplificar a interface, será dado o exemplo dos brinquedos para crianças, ainda muito divididos pelas características binárias que colocam indicações ora para um público masculino ora para um público feminino. Dessa forma, são considerados para os simbolismos os produtos com estereotipações de agressividade, rigidez e força aos produtos tidos como “para meninos” e estereotipações de delicadeza, fragilidade e fofura aos produtos tidos como “para meninas”.

A matriz foi adaptada nesta tese para: “**Matriz dos papéis de gênero para projetos de Design**” e pode ser identificada na Figura 11.

Figura 11 – Matriz dos papéis de gênero para projetos de Design

Matriz dos Papéis de Gênero para projetos de Design			
Dimensões dos Papéis de Gênero	Dimensões do Produto de Design		
	FORMA (linguagem)	FUNÇÃO (como se usa)	INTERFACE (do usuário)
SIMBOLISMO DE GÊNERO (dicotomias)			
ESTRUTURA DE GÊNERO (Contexto)			
IDENTIDADE DE GÊNERO (Características)			
EFEITOS NO GÊNERO			

Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

Considerando as aplicabilidades metodológicas sobre um Design *queer*, Denz e Eggink promoveram, em 2018, um workshop de co-design⁴⁸ intitulado *Queerizando o Design*⁴⁹ (Figura 12), com o tema *Traga seu objeto* (Denz; Eggink, 2019). A ideia da atividade foi trazer informações básicas sobre o Design e a teoria *queer* e, por meio de práticas de análises dos objetos, compreender e desconstruir os *scripts* de

⁴⁸ O termo “co-design” refere-se ao design participativo e colaborativo, onde os usuários fazem parte da dinâmica projetual em qualquer nível.

⁴⁹ Do original: “*Queering Design*.”

gênero que envolvem o objeto escolhido. “Os participantes foram incentivados a compreender como os atos repetitivos de performatividade de gênero sustentam a norma binária de gênero” (Denz; Eggink, 2019, p. 7).

**Figura 12 – Cartaz do Workshop de co-design
“Queering Design” de Silas Denz e Wouter Eggink**



Fonte: Denz; Eggink (2019, p. 7)

Para resumir a abordagem com os participantes, os pesquisadores elaboraram um infográfico representativo do “processo simplificado do Design de gênero” (Denz; Eggink, 2019, p. 8, tradução minha)⁵⁰ aplicado no workshop (Figura 13). Logo em seguida, eles resumiram as “ações performativas repetitivas na construção do gênero” (Denz; Eggink, 2019, p. 8, tradução minha)⁵¹ em outro infográfico (Figura 14).

Os dois materiais têm uma grande importância para esta tese, na busca de práticas, ferramentas e metodologias de suporte à diversidade, aos estudos *queer* e aos estudos de gênero e sexualidade quando interseccionam o campo do Design, principalmente no que diz respeito à potencialização dentro do ensino em Design.

⁵⁰ Do original: “Simplified gendered design process.”

⁵¹ Do original: “Repetitive performative acts constructing gender.”

Figura 13 – Processo simplificado do Design de gênero (Denz; Eggink, 2019)



Fonte: Denz; Eggink (2019, p. 8, tradução minha)⁵²

Figura 14 – Ações performativas repetitivas na construção do gênero (Denz; Eggink, 2019)



Fonte: Denz; Eggink (2019, p. 8, tradução minha)⁵³

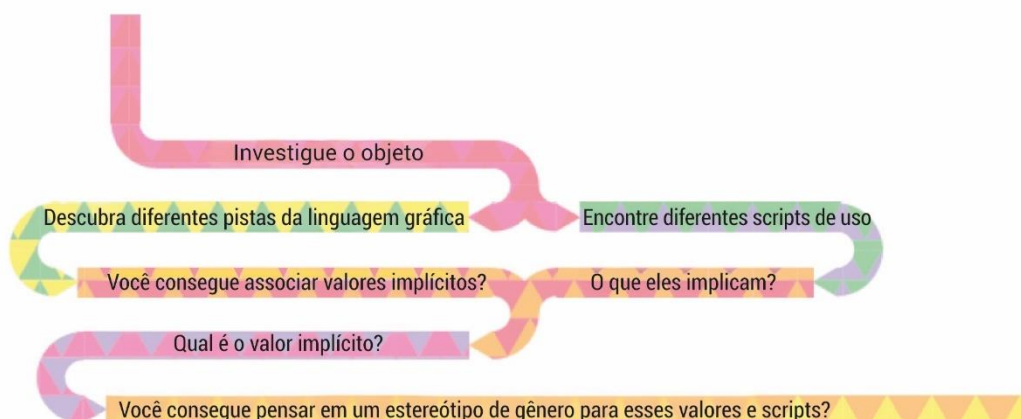
Principalmente em relação à Figura 14, sobre as ações performativas, é importante analisar o que ela significa. À medida que o gênero é capaz de produzir binaridade, os binarismos predefinem o gênero, através de atos performativos, que são ações cotidianas como gestos, modo de falar e de vestir, por exemplo, e que produzem e reafirmam o gênero. Quando relacionado aos projetos de Design, é necessário estar sempre atento aos dois momentos desse ciclo.

⁵² Figura original no anexo 2.

⁵³ Figura original no anexo 3.

Em relação à continuidade do workshop, Denz e Eggink elaboraram um fluxo de trabalho para explicar o que seria desenvolvido e dar instruções diretas aos participantes (Figura 15).

Figura 15 – Orientando o fluxo de trabalho para descobrir roteiros de gênero (Denz; Eggink, 2019)



Fonte: Denz; Eggink (2019, p. 9, tradução minha)⁵⁴

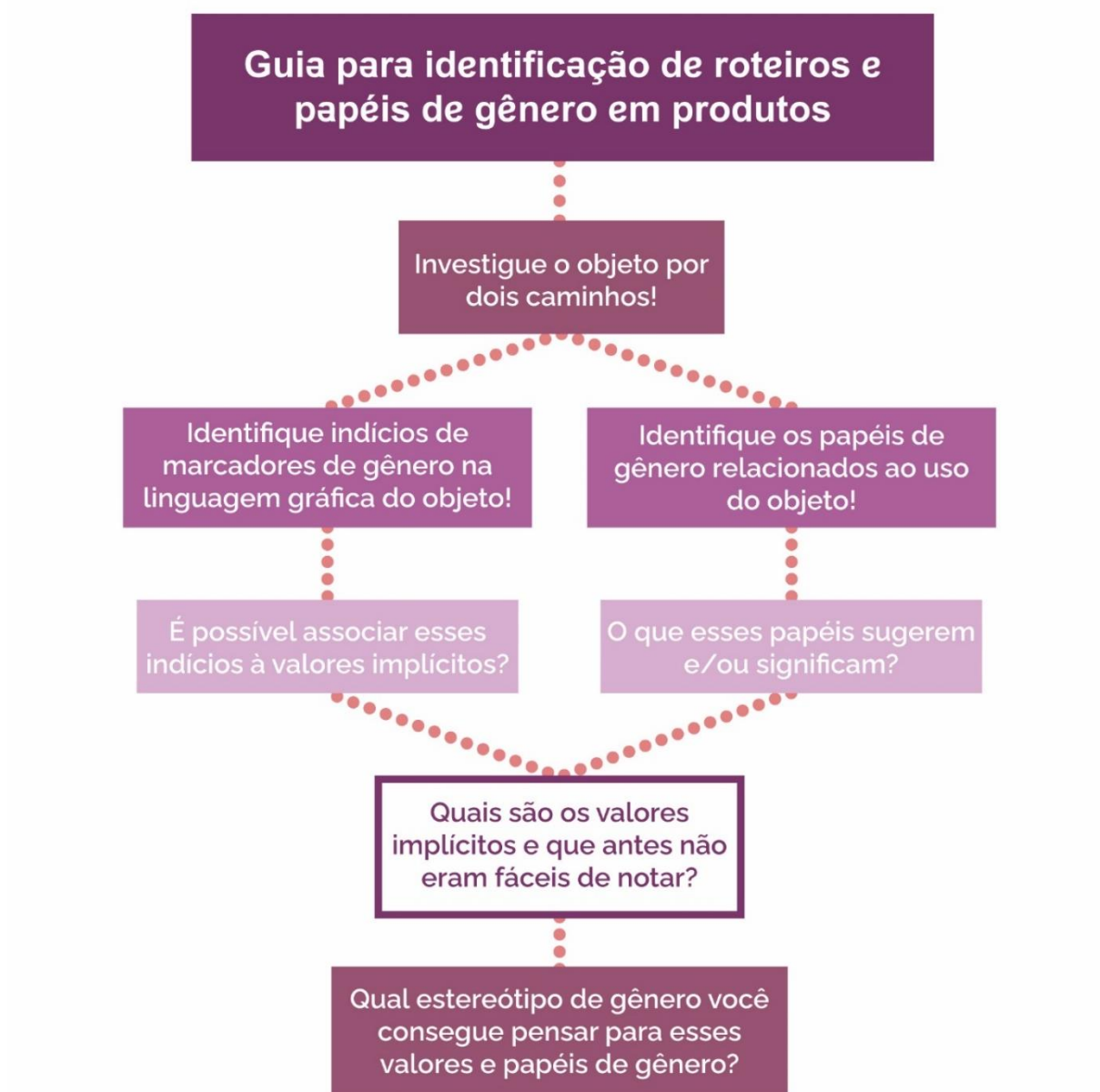
O interessante sobre esse método desenvolvido para analisar a relação do gênero com os produtos é exatamente a forma como o participante traça relações entre o objeto e o usuário. Ao investigar o objeto, é preciso compreender se alguma pista na linguagem gráfica leva à associação com valores implícitos ou se quem leva a esses valores são os *scripts* de gênero identificados. Ao final, esses valores e *scripts* são conectados com os estereótipos de gênero identificados pelos participantes.

A forma como o gênero é percebido e materializado depende muito do contexto em que o objeto está inserido. Essa percepção pode mudar de pessoa para pessoa, mas é necessário que designers se atentem a ela e tenham o cuidado de fazer esse tipo de reflexão durante o desenvolvimento de qualquer projeto. Isso no caso dos exemplos citados, os projetos de Design de Produtos, mas vale para qualquer esfera ou área dentro do Design.

O fluxo de trabalhado foi traduzido e adaptado ao contexto dos projetos e produtos de Design. Ele será apresentado a seguir, na Figura 16.

⁵⁴ Figura original no anexo 4.

Figura 16 – Guia para identificação de roteiros e papéis de gênero em produtos



Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

As variáveis identificadas nas pesquisas e projetos que se atentam às relações entre Design e gênero e Design e *queer* são incertas e não são fixas (Noronha, 2024, p. 119). Em função dessas incertezas, pode-se incorporar processo e metodologias a fim de facilitar e potencializar o desenvolvimento e execução dos projetos e das pesquisas, como foi o caso das citadas nos infográficos anteriores. Raquel Noronha utiliza um processo alternativo à realização dos protótipos, chamado “provótipo”.

Um protótipo é uma espécie de teste de algo que se tornará produto, já o “provótipo” tem papel fundamental em um cenário projetual com respaldo do

Design Participativo e de um Design antropológico (Noronha, 2024). O “provótipo” tem o papel de “provocar a imaginação, a conversa e a reflexão crítica” (Noronha, 2024, p. 120). Segundo Noronha:

[...] muitas vezes passamos, em uma abordagem metodológica, por uma fase de prototipação, em que o produto gerado não é o resultado final, mas sim um elemento que permitirá expandir o processo de criação e imaginação, para abrir a discussão sobre o problema (Noronha, 2024, p. 120).

Conforme analisado por Zoy Anastassakis e Barbara Szaniecki, protótipos são vistos como soluções em Design aplicadas às práticas colaborativas. Essa ferramenta estabelece “relações entre as práticas passadas e presentes com possibilidades futuras, provocando debates sobre questões latentes ou alternativas emergentes” (Anastassakis; Szaniecki, 2023 p. 28).

Um “provótipo”, portanto, é outro mecanismo que poderia ser utilizado de forma crítica, ao “queerizar” o Design.

Embora os processos metodológicos exemplificados até agora possam ser adaptados a outras áreas do Design que não o Design de Produtos, onde se originaram, existem metodologias aplicadas originalmente em outros tipos de projetos, como projetos de Design Gráfico.

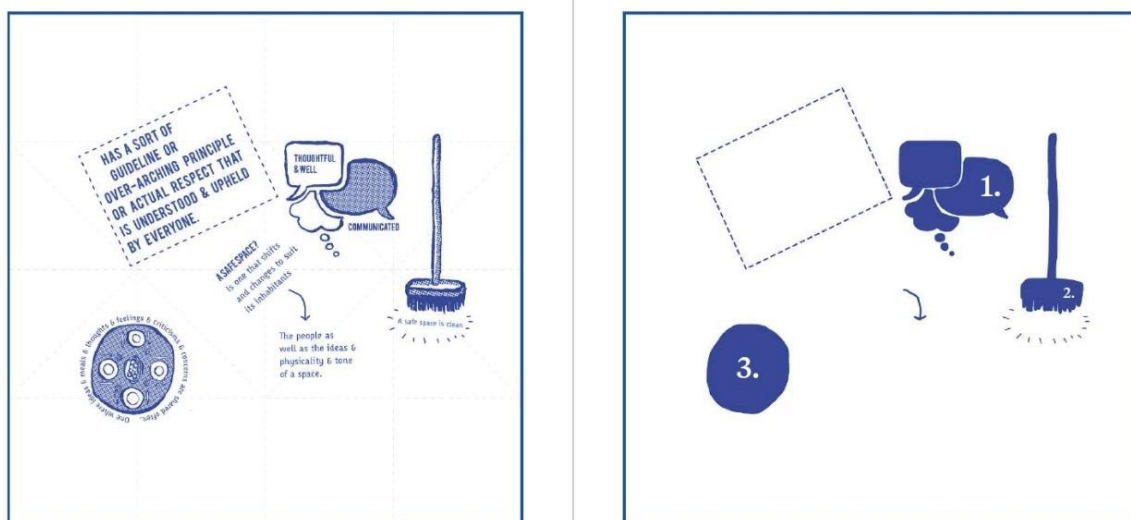
Um exemplo é o projeto de doutorado elaborado na Universidade de Tecnologia de Sydney por Ella Cutler, designer e pesquisadora. Cutler é autora da tese *Just Spaces: Towards a Queer Methodology in Visual Communication Design* (2019), ou, na tradução para o Português, *Espaços Justos: Por uma Metodologia Queer no Design de Comunicação Visual*.

A tese de Cutler teve como motivação a experiência pessoal com microagressões diárias contra pessoas LGBTQIAP+ para investigar os efeitos dessas microagressões à saúde mental e física dessa comunidade. Ela utilizou métodos do Design Gráfico para promover diálogos sobre como criar e imaginar espaços seguros para mulheres LBPQ (Lésbicas, Bissexuais, Pansexuais ou *queer*) e pessoas não binárias.

Foram realizados dois workshops com pessoas da comunidade, que refletiram sobre momentos de insegurança e reimaginaram os espaços seguros para si. A partir desses encontros e dos dados coletados, Cutler (2019) produziu

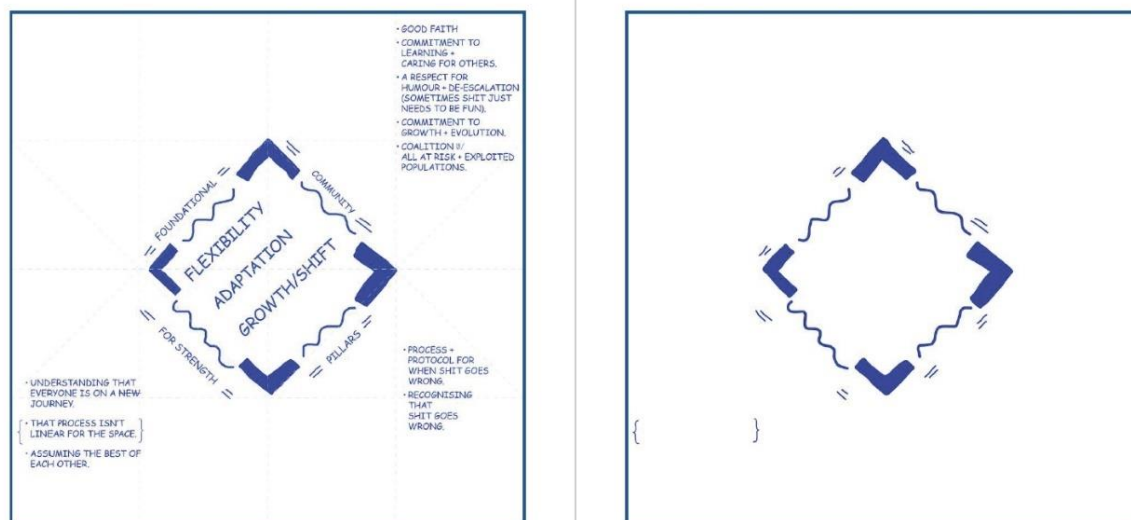
seis impressões em risografia que traduzem visualmente as histórias, soluções e narrativas que surgiram nos workshops. Um exemplo de tradução visual são as Figuras 17 e 18.

Figura 17 – Imagem 1.B. produzida no workshop *Just Spaces* de Ella Cutler



Fonte: Cutler (2019, p. 134-135)

Figura 18 – Imagem 2.B. produzida no workshop *Just Spaces* de Ella Cutler



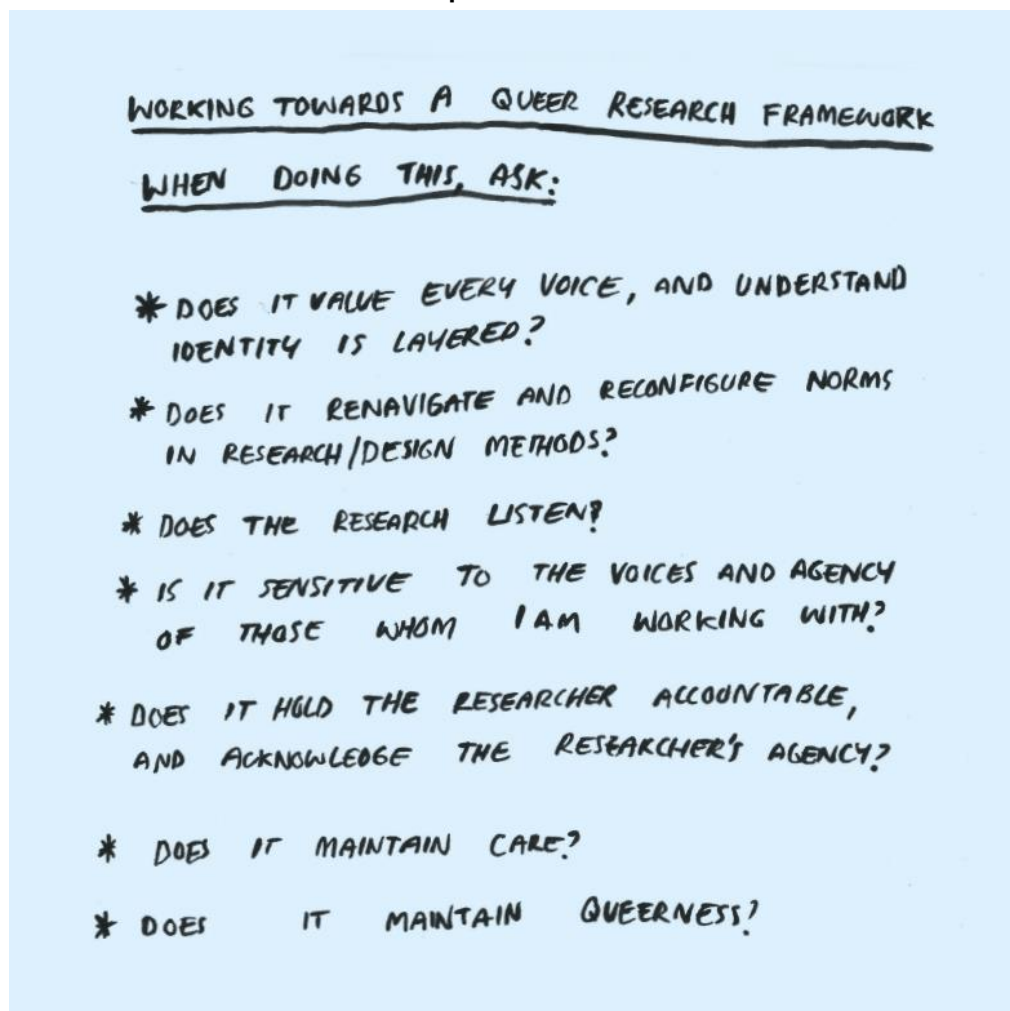
Fonte: Cutler (2019, p. 138-139)

As duas imagens são representações visuais desenvolvidas a partir dos workshops. A imagem 1.B. (Figura 17) diz respeito às discussões sobre respeito, espaços seguros, que acolhem sentimentos e emoções. A imagem 2.B. (Figura 18) relata as discussões sobre flexibilidade, adaptação e reconhecimento, além da compreensão da nova jornada traçada por quem estava presente no workshop.

Após o desenvolvimento das imagens, o projeto se transformou em uma instalação artística na escadaria da biblioteca da Universidade de Tecnologia de Sydney e trouxe como foco a luta contra ambientes heteronormativos, utilizando o Design como forma de “microprotesto” (Cutler; Gothe; Crosby, 2018), termo explicado no subcapítulo 1.2.3 desta tese.

Pensando no futuro do Design *queer*, é importante avaliar a Metodologia *Queer* utilizada por Cutler durante todo o projeto. Cutler esboçou um quadro de perguntas para organizar o método durante a aplicação (Figura 19).

Figura 19 – Estrutura de Questões para uma Metodologia *Queer* por Ella Cutler



Fonte: Cutler (2019, p. 36)

Neste quadro intitulado *Trabalhando em direção a um quadro de pesquisa queer*, Cutler (2019) elenca algumas perguntas a serem feitas quando se projeta priorizando o *queer*. São elas:

- Isso valoriza toda voz e compreende que a identidade é múltipla e estratificada?
- Isso renavega e reconfigura normas nas pesquisas e nos métodos de Design?
- A pesquisa escuta?
- Ela é sensível às vozes e à forma de agir daquelas (pessoas) com quem estou trabalhando?
- Ela responsabiliza o pesquisador e reconhece sua forma de agir?
- Mantém o cuidado?
- Mantém a dissidência *queer*?

Por meio dessas perguntas, Cutler (2019) pode estruturar o workshop e pensar em como desenvolver as comunicações visuais. A metodologia *queer* utilizada por ela envolve abordagens de Design que procuram: se fundamentar em uma escuta aprofundada (escuta ativa), utilizar as ações práticas como forma de microprotestos, traduzir narrativas em linguagens visuais e reconfigurar normas e pesquisas (subverter métodos normativos).

A apropriação desse processo metodológico para o contexto desta tese revela a importância em subverter métodos do Design para aplicação em um cenário de dissidência, de transgressão do *queer*.

O quadro de questões foi traduzido e adaptado ao contexto dos projetos em Design brasileiros. Ele será apresentado na página seguinte, na Figura 20.

Figura 20 – Quadro de perguntas para alguns projetos de Design *queer*

Quadro de perguntas para alguns projetos de Design <i>queer</i>	
1	A ideia valoriza toda voz e compreende que a identidade é múltipla e estratificada?
2	O projeto renavega e reconfigura normas nas pesquisas e nos métodos de Design?
3	Essa pesquisa valoriza a voz da comunidade <i>queer</i> ?
4	O projeto se sensibiliza às vozes e à forma de agir daquelas pessoas com quem estou trabalhando?
5	Você, como pesquisador(a) ou designer, se reconhece como responsável pelo projeto e por suas ações dentro dele?
6	Você promove o cuidado com a comunidade <i>queer</i> ?
7	E mantém a dissidência <i>queer</i> no projeto?

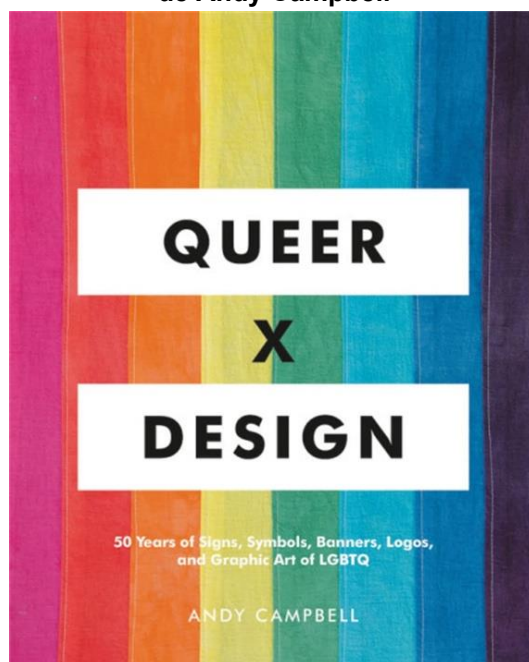
Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

Seguindo com as exemplificações, mais um projeto chamou a atenção, não pela metodologia, mas pela curadoria. Não costumam ser frequentes os projetos que resgatam a memória gráfica da comunidade *queer*, em intersecção entre os marcadores históricos LGBTQIAP+ e os projetos gráficos do Design.

O livro *QUEER X DESIGN: 50 anos de sinais, símbolos, banners, logos e artes gráficas LGBTQ*⁵⁵ (Figura 21) de Andy Campbell⁵⁶, resgata e celebra marcadores revolucionários, icônicos e subversivos do Design Gráfico que representaram (e ainda representam) o movimento *queer* e a comunidade LGBTQ como um todo, ao longo de cinco décadas. O material é uma curadoria e um resgate da história visual potente, que promove inspiração a partir do ativismo, do orgulho e da política dissidente.

Conforme Campell (2019, p. xv, tradução minha)⁵⁷, o Design LGBTQ “é sobre ousadia, experimentar coisas novas e, às vezes, falhar”. Muitos dos projetos e produtos de Design presentes no livro trazem em suas histórias de origem semelhanças com o histórico LGBTQ: constantemente privados de posições de poder político e econômico. Muitos deles foram feitos por pessoas e grupos corajosos, trabalhando de forma colaborativa para reimaginar horizontes políticos e sociais (Campbell, 2019, p. xv).

Figura 21 – Capa do livro *Queer x Design*, de Andy Campbell



Fonte: Campbell (2019)

⁵⁵ Tradução minha. Do original: “*QUEER X DESIGN: 50 Years of Signs, Symbols, Banners, Logos and Graphic Art of LGBTQ*.”

⁵⁶ Andy Campbell é doutor e pesquisador americano, professor assistente em Estudos Críticos na USC-Roski School of Art and Design, historiador e crítico de arte, com ampla experiência com instituições de educação e museus.

⁵⁷ Do original: “*LGBTQ design is about audacity, trying things out, and sometimes failing.*”

Ao longo do livro, Campbell (2019) reuniu exemplos de produtos gráficos de Design LGBTQ, a começar pelo período de pré-libertação, antes da década de 70, quando pessoas LGBTQ ainda eram vistas sob uma perspectiva criminalizada em relação à sua identidade e quando ainda não havia um movimento visível e organizado para lutar pelos seus direitos. Um dos projetos destacados nesse período são os cartazes em que Florence Tempest (nascida como Claire Lillian Ijames) aparece (Campbell, 2019). Nos cartazes é possível ver as habilidades de Florence como *crossdresser* ao performar músicas como *I Love the Ladies* e *I Want a Boy to Love Me* (Figura 22).

Na sequência são relatados os projetos da década de 70, onde as pessoas LGBTQ anunciaram de forma incisiva sua presença na esfera pública⁵⁸, reivindicando sua libertação (Campbell, 2019). “Expressar-se ou viver abertamente como pessoa LGBTQ era colocar a própria vida e sustento em risco” (Campbell, 2019, p. 40). Um dos exemplos é o símbolo Lambda⁵⁹ de Tom Doerr, ativista pela liberação gay (Figura 23), e a famosa bandeira do “arco-íris” de Gilbert Baker (Figura 24), um símbolo de celebração, orgulho, diversidade e “heterogeneidade das comunidades LGBTQ” (Campbell, 2019, p. 82, tradução minha)⁶⁰.

⁵⁸ Vale ressaltar que o contexto base é estadunidense, considerando a origem do autor do livro.

⁵⁹ Lambda significa a letra grega λ e o símbolo foi escolhido por Doerr para apresentar a filial de Nova York da Aliança de Ativistas Gays, em 1970.

⁶⁰ Do original: “An enduring symbol of celebration and pride, Gilbert Baker’s rainbow flag is, above all, a reflection of the diversity and heterogeneity of LGBTQ communities.”

Figura 22 – Cartaz com representação de Florence Tempest para performance de *I Love the Ladies*



Fonte: Campbell (2019, p. 9)

Figura 23 – Símbolo Lambda de Tom Doerr



Fonte: Campbell (2019, p. 9)

Figura 24 – Bandeira de Gilbert Baker



Fonte: Campbell (2019, p. 84-85)

Seguindo para a década de 80, Campbell (2019) destaca o período de surgimento do que é chamado HIV (Vírus da Imunodeficiência Humana) e AIDS (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida), além dos preconceitos com as terminologias. Um dos trabalhos gráficos apresentados no livro é o *Pink Triangle*⁶¹ (Figura 25). O triângulo rosa e preto refere-se às manifestações diretas do ódio genocida das “políticas nazistas em relação aos homossexuais” (Campbell, 2019, p. 98, tradução minha)⁶².

Figura 25 – Pink Triangle



Fonte: Campbell (2019, p. 99)

⁶¹ Em português, “triângulo rosa.”

⁶² Do original: “The pink and black triangles are direct embodiments of genocidal hatred vile and contemptible symbols of Nazi policies toward homosexuals.”

Continuando para a década de 90, com a declarada “guerra cultural” promovida pela política legislativa dos EUA e as incessantes tentativas da *American Family Association*⁶³ de “envergonhar publicamente e destruir as vidas e carreiras de artistas LGBTQ” (Campbell, 2019, p. 144, tradução minha)⁶⁴. O Design LGBTQ fez parte do movimento de contra-ataque às situações discriminatórias e violentas, dando início a uma série de produtos gráficos, um deles sendo a bandeira da comunidade transgênero e a bandeira bissexual (Figura 26).

Figura 26 – Páginas do livro com a Bandeira Bissexual



Fonte: Campbell (2019, p. 170-171)

Por fim, Campbell (2019) trouxe uma série de produtos gráficos desenvolvidos durante os primeiros vinte anos do século 21. O destaque para as duas primeiras décadas traz marcas de derrotas e conquistas para a comunidade LGBTQ. Exemplo de conquista é o surgimento dos movimentos globais: o movimento *queer* e o *Black Lives Matter*. Além disso, destacam-se também temáticas críticas que perduram até hoje, como a questão dos banheiros de uso comum, sem gênero. Campbell (2019) exemplifica com a lei criada na Califórnia que tornou obrigatório, a partir de 2017, que todas as sinalizações dos banheiros do estado identificassem que os banheiros são para todos os gêneros (Figura 27).

⁶³ A *American Family Association* é uma organização conservadora e religiosa dos Estados Unidos, fundada em 1977, com o objetivo declarado de promover “valores familiares tradicionais.”

⁶⁴ Do original: “*American Family Association were dogged in their attempts to publicly shame and destroy the lives and careers of LGBTQ artists, and LGBTQ people more generally.*”

Figura 27 – Placas de banheiro “para todos os gêneros”, na Califórnia



Fonte: Campbell (2019, p. 211)

Nesta linha de exemplificações com objetivo de realizar uma curadoria de projetos no campo do Design em interface com o campo *queer*, destaca-se o projeto *Tropcuir* de Guilherme Altmayer. O projeto é fruto de sua dissertação de mestrado intitulada *Tropicuir - (Re)existências políticas transviadas de corpos performáticos no Rio de Janeiro* e apresentada em 2016.

A pesquisa de Altmayer (2016) destacou um “percurso no campo das artes e suas promíscuas e tesudas relações com práticas e políticas transviadas” (Altmayer, 2022, p. 27), fazendo uma reflexão teórica apoiada nos estudos *queer*, ou como ele mesmo utiliza, “cuír”⁶⁵. O autor também utiliza do referencial sobre biopolítica e normatividade de Foucault, traçando paralelo com estudos sobre sexualidade, corpos e política “transviada”⁶⁶.

Em resumo, um dos produtos da dissertação de mestrado foi a plataforma *Tropcuir.org*⁶⁷ (Figura 28) e o projeto dentro dele *Memórias em rede* (Figura 29). A plataforma de memórias consiste em um espaço para dar visibilidade às

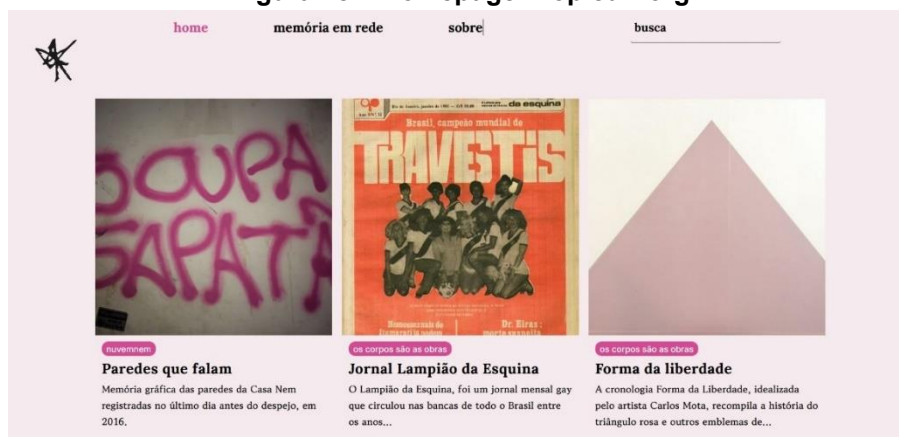
⁶⁵ “Cuír” é um neologismo equivalente em português à palavra *queer*.

⁶⁶ “O termo ‘transviado’ [...] é trazido da pesquisadora Berenice Bento (2015) para designar estudos/ativismos trasviados – se aproxima do significado do termo ‘*queer*’, uma tradução considerada pertinente pela autora para pensar um termo ‘guarda-chuva’ para ações sexo e gênero dissidentes [...]” (Altmayer; Veras, 2021, p. 103).

⁶⁷ <https://www.tropcuir.org/>

“manifestações transviadas, construída através de uma série de ações de curadoria artística praticadas em interação com coletivos ligados a movimentos sociais” (Altmayer; Veras, 2021, p. 103).

Figura 28 – Homepage Tropicuir.org



Fonte: Tropicuir.org (2025)

Figura 29 – Tropicuir.org – projeto Memórias em Rede

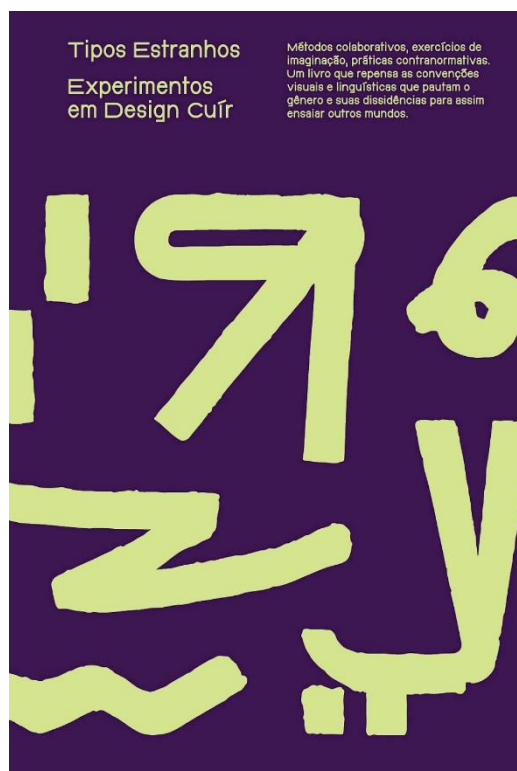


Fonte: Tropicuir.org (2025)

Tropicuir vai no sentido oposto a “cooptação dos dissidentes pelos mecanismos neoliberais” (Altmayer, 2022, p. 34) e tem grande importância nas práticas curatoriais e no processo de arquivamento e registro das manifestações artísticas *queer* e do ativismo político dos movimentos sociais.

Dando continuidade aos destaques deste capítulo, o último exemplo de material apresentado é o livro *Tipos estranhos: experimentos em Design cuir* (Figura 30), organizado por Laura Daviña e Marina Zilbersztein em 2024.

Figura 30 – Capa do livro *Tipos estranhos: experimentos em Design cuír*, de Laura Daviña e Marina Zilbersztejn



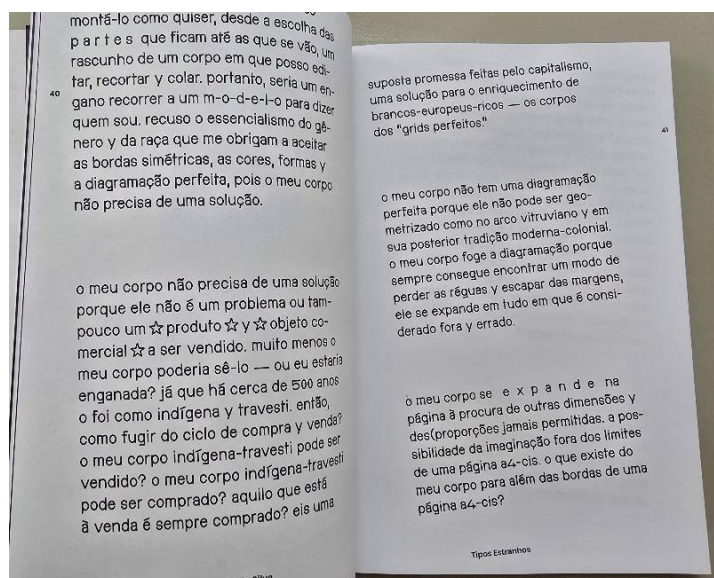
Fonte: Publication Studio São Paulo (2024)

O livro teve origem a partir do projeto *Práticas coletivas em Design queer: gestos rumo a um futuro pós-binário (PCDQ)*, uma oficina aberta ao público, motivada pelos desenhos de glifos (letras, números e símbolos) na representação *queer* da linguagem escrita. As autoras estavam utilizando o desenho da escrita e os experimentos gráficos contranormativos como forma de vislumbrar novos mundos, produzindo uma linguagem mais inclusiva (Daviña; Zilbersztejn, 2024).

Tipos estranhos foi a continuação da busca por uma linguagem inclusiva, neutra e não binária, reunindo ensaios textuais, narrativas *queer* e experimentos gráficos (exemplo na Figura 31) do projeto anterior com base nos estudos sobre tipografia. Conforme Daviña e Zilbersztejn,

“[...] a busca por uma linguagem inclusiva ou não-binária mostrou-se uma discussão inadiável. A que vocabulário visual as identidades não-binárias podem recorrer? Quais táticas léxico-gramaticais podem ser viabilizadas por novas proposições gráficas e tipográficas? Como o design pode apoiar, com recursos expressivos visuais da comunidade LGBTI+, o desenvolvimento de uma escrita visualmente *queer*, em complemento e para além do sistema elu?” (Daviña; Zilbersztejn, 2024, p. 11).

**Figura 31 – Experimento de Yala Silva presente no livro
*Tipos estranho: experimentos em Design cuír***



Fonte: Daviña; Zilbersztein (2024)

Daviña e Zilbersztein levaram iniciativas das pesquisas acadêmicas para o contexto prático, valorizando artistas e designers *queer* e utilizando das estratégias do co-design para desenvolver um projeto participativo, representativo, subversivo e contranormativo.

Tanto o livro *Tipos estranhos*, quanto a tese de Altmayer fazem parte de um novo caminho pós-*queer* (ou pós-cuír) em evidência nestes últimos anos. O termo “pós” não é utilizado em termos de linearidade ou tempo, mas “como uma ideia para além do *queer* que foi estabelecido no Brasil, principalmente pela via acadêmica” (Sousa; Colling; Casteleira, 2024, local 2).

Esse caminho pós-*queer* faz com que sejam conectados às iniciativas acadêmicas os cenários artísticos marginais, periféricos e dissidentes de tantos artistas e designers *queer* (Sousa; Colling; Casteleira, 2024). *Queer* esse que representa toda uma pluralidade do Brasil através de um Design *queer* dissidente e múltiplo, feito de forma colaborativa e contranormativa, com atitude transgressora e sem medos.

Vale ressaltar que os resultados obtidos nas pesquisas e nos estudos do capítulo 2 desta tese têm como base algumas palavras-chave específicas, mas é possível ampliá-las futuramente para considerar processos, metodologias ou ferramentas utilizadas em contextos diferentes. Mais resultados podem ser obtidos, por exemplo, ao considerar os feminismos e sua importância para os estudos *queer*.

3.2. Guia visual e metodológico para um Design dissidente

Como forma de centralizar os resultados da tese e explorar os capítulos 1, 2 e 3 em uma linguagem mais direta e acessível, foi desenvolvido um material gráfico impresso e digital.

Intitulado *O QUE(ER) NOS MOVE? Guia visual e metodológico para um Design dissidente* (Figura 32), o guia apresenta os resultados da pesquisa utilizando recursos do design da informação como infográficos e dataviz.

Figura 32 – O QUE(ER) NOS MOVE? Guia visual e metodológico para um Design dissidente



Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

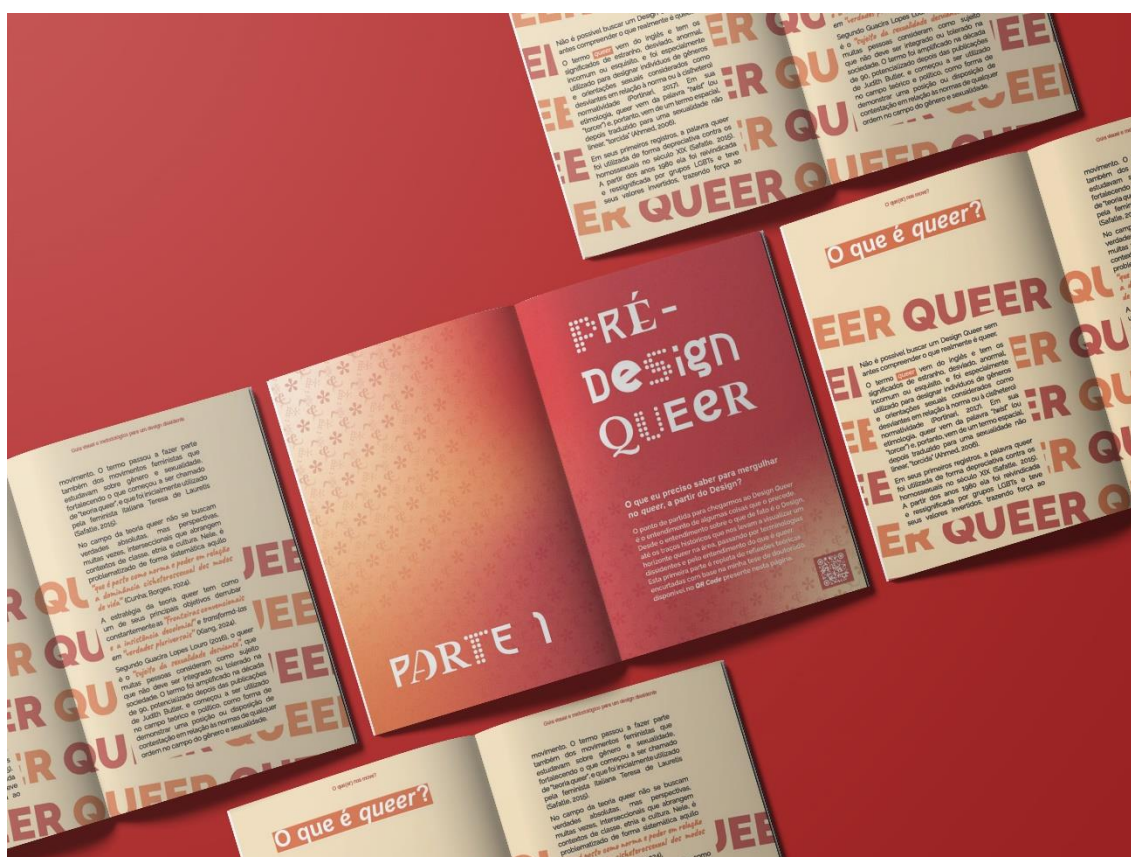
Tanto infográficos quanto dataviz estão dentro do escopo da visualização da informação. Partindo do pressuposto de que toda informação representa dados com propósito, percebe-se o infográfico como uma narrativa visual não linear, com funções como: facilitar a cognição, atrair a percepção visual e explicar algo para um público, seja ele mais ou menos específico. Por outro lado, um termo menos conhecido é o dataviz, ou visualização de dados, que nada mais é do que “o uso de representações visuais e interativas de dados com objetivo de

ampliar a cognição” (Card; Mackinlay; Shneiderman *apud* Kominsky; Esperança, 2023, p. 50).

O guia foi dividido em 3 partes: Pré-Design *queer*, Design *queer* e Pós-Design *queer*.

Na primeira parte (Pré-Design *queer*) foram explorados: algumas definições de Design, o conceito de *queer*, a busca por indícios, na história do Design, de uma aproximação com os estudos *queer*, a análise sobre a subversão, a transgressão e a dissidência, além de um painel com as terminologias dissidentes. Um exemplo da diagramação pode ser visto na Figura 33.

Figura 33 – Páginas iniciais do capítulo Pré-Design *queer*



Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

Na segunda parte (Design *queer*) foi feita uma análise sobre a revisão exploratória e a RBE presentes no capítulo 2 da tese. Os dados foram apresentados de forma visual, incorporando os mesmos gráficos elaborados aqui e foram desenvolvidos infográficos para facilitar o entendimento sobre os resultados. Ao final, foi feita a reflexão sobre a pergunta *Como o Design pode ser queer?* Um exemplo da diagramação pode ser visto na Figura 34.

Figura 34 – Páginas iniciais do capítulo Design *queer*



Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

Por último, a terceira parte (Pós-Design *queer*) traz uma reflexão, iniciada no Capítulo 3 desta tese, sobre o futuro da aproximação do Design com os estudos *queer* e os estudos de gênero e sexualidade. Foram questionadas as possibilidades futuras ao queerizar o Design e, na sequência, foram apresentados exemplos de metodologias dissidentes identificadas a partir da RBE e das entrevistas. Ao final, alguns projetos que queerizam o Design foram destacados. Um exemplo da diagramação pode ser visto na Figura 35.

Figura 35 – Páginas iniciais do capítulo Pós-Design *queer*



Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

Os resultados da tese foram transformados nesse guia visual e algumas iniciativas, metodologias ou ferramentas apresentadas e adaptadas para o contexto brasileiro estão elencadas no capítulo 3, são elas: Matriz dos Papéis de Gênero para projetos de design; Guia para identificação de roteiros e papéis de gênero em produtos; Provótipos; Quadro de perguntas para alguns projetos de Design *queer*.

Junto ao guia foram desenvolvidos 15 cards (Figura 36) destacando os entrevistados e as entrevistadas, uma rápida informação biográfica e uma frase de cada um (uma), retirada das entrevistas. Os cards, além do material impresso do guia, são importantes ferramentas para começar a discussão também em sala de aula, levando para o ensino em Design uma perspectiva gamificada e interativa.

Com o guia, pretende-se atingir um público de docentes e discentes do campo do Design e campos adjacentes que estejam em busca de informações centralizadas sobre um Design *queer* e dissidente. O guia atua como facilitador, um ponto inicial para quem quer começar e avançar nas discussões nessa

interface. A versão digital do guia pode ser encontrada no link:
<https://drive.google.com/drive/folders/1XPSPU-LdIC2hjeNpFf37DLhZC-YRvzlp?usp=sharing>.

Figura 36 – Cards das entrevistas



Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

Conclusão

O percurso para finalizar esta tese não foi fácil, pelo contrário, foi um processo árduo, cheio de descobertas e redescobertas sobre os caminhos do fazer Design e do pensamento por uma ótica *queer*. Após meses de leituras, argumentações, entrevistas, reconfigurações de dados e experimentações a partir dos resultados, inicia-se aqui o fim dessa jornada, para que novos caminhos sejam escolhidos em seguida.

Esta tese de doutorado intitulada ***QUEM FAZ UM DESIGN QUEER? Formação política e metodologia em Design dissidente*** monta suas bases em uma linha cronológica sobre um foco analíticos de projetos e pesquisas dissidentes. Nesta conclusão serão resgatados os aspectos mais relevantes para se certificar de que todas as questões foram respondidas e que não existem “pontas soltas”.

A questão de pesquisa foi: Quais são as principais ferramentas e estudos no campo do Design, utilizados entre 2010 e 2025, para práticas de suporte à diversidade, aos estudos *queer* e aos estudos de gênero e sexualidade em universidades brasileiras e quais são as pesquisadoras e os pesquisadores por trás deles?

Esta questão foi tão complexa, que foi respondida parte por parte.

Em relação aos principais estudos no campo do Design brasileiro para práticas que dão suporte às temáticas de diversidade, aos estudos *queer* e aos estudos de gênero e sexualidade, o capítulo 2 da tese, *Conexão Design e estudos de gênero, sexualidade e queer*, foi determinante. Ao desenvolver uma revisão exploratória sobre as universidades e as conexões com as temáticas estudadas, foi possível identificar uma quantidade pequena de grupos de pesquisa e inserções de palavras-chave como: gênero; sexualidade; *queer*; LGBTQ; LGBTQIAP+; diversidade; decolonial; feminismo; transgressão e dissidência.

Essa revisão foi importante para um mapeamento inicial, uma identificação de possíveis problemáticas para serem esmiuçadas. Ao mesmo tempo, ficou nítida a necessidade de avançar nos estudos, e o reconhecimento de que a análise de 56 resultados (entre Programas de Pós-Graduação em Design e

Cursos de Graduação em Design) não representa 100% das universidades e cursos de Design que existem no Brasil.

Para contemplar essas observações e verificar os questionamentos encontrados até aquele momento, foi utilizada uma Revisão Bibliográfica de Escopo (RBE) como recurso metodológico para validar as dúvidas encontradas e as hipóteses destacadas até ali. Nas buscas feitas durante o desenvolvimento inicial da tese, não foram encontrados estudos iguais ou minimamente parecidos com o que se pretendia fazer, o que confirmou a necessidade de realizá-lo.

Durante a RBE foram analisados 14 anos de pesquisa (entre 2010 e 2024), e foram buscadas algumas palavras-chave específicas distribuídas em 5 estudos feitos em 4 bases de dados, explicados e detalhados também no capítulo 2, no subcapítulo 2.2., *Revisão Bibliográfica de Escopo (RBE): estudos de gênero, sexualidade e queer e Design*. O estudo rendeu uma quantidade de material muito menor do que o imaginado para este recorte temporal: 647 materiais identificados. Desses, 135 foram incluídos com base nas palavras-chave, um mapeamento que não havia sido feito antes.

Os resultados obtidos a partir dessas duas metodologias possibilitam selecionar pesquisadores e pesquisadoras que apareceram com maior recorrência (22 selecionados) para realizar entrevista (14 ao total) e responder o segundo e o terceiro item da questão de pesquisa: quais são as ferramentas utilizadas no campo do Design para práticas de suporte à diversidade, aos estudos queer e aos estudos de gênero e sexualidade; quais os pesquisadores ou pesquisadoras por trás delas.

Ficaram evidenciados, ao final do capítulo 2, no subcapítulo 2.3., *Entrevistas com quem queeriza o Design*, os nomes desses pesquisadores e as universidades às quais cada um está conectado no momento, seja como discente ou docente.

A hipótese de que utilizar metodologias e ferramentas do Design associadas aos estudos queer é benéfico para os projetos de diversidade e inclusão na universidade foi confirmada ao longo dos 3 capítulos desta tese. Os resultados obtidos com a RBE, combinados com os resultados obtidos a partir das entrevistas, trouxeram arcabouço teórico e científico suficientes para

comprovar e responder a questão de pesquisa e para trazer um desenvolvimento ainda recente do que foi chamado aqui de Design *queer*.

O uso de ferramentas como a prática do Design Inclusivo e Participativo, os provótipos (destacados por Raquel Noronha), a história oral (como método para explorar entrevistas na área), a pesquisa-ação participativa (para intervenção de práticas e resolução de problemáticas sociais), a auto-etnografia (combinando a prática etnográfica com a experiência pessoal do pesquisador em relação a aspectos sociais e culturais, por exemplo) ou mesmo a queerização como metodologia, ou até antimetodologia (como disse Portinari na entrevista), foram determinantes para os projetos e pesquisas de Design desenvolvidas pelos pesquisadores entrevistados.

Sobre a última parte da questão de pesquisa: quais são as pesquisadoras e os pesquisadores por trás das ferramentas e estudos, foi possível fazer a identificação no capítulo 2, com aprofundamento durante as entrevistas. São eles: Ana Julia Melo Almeida, Bianca Mendes Rati, Cláudia Regina Hasegawa Zacar, Denise Berruezo Portinari, Dorival Campos Rossi, Eva Rubens Célem, Guilherme Cardoso Contini, Guilherme Altmayer, Grassine de Oliveira, Larissa Maués Pelúcio Silva, Lucas Mota Borges, Marcos Namba Beccari, Maria José Vicentini Jorente, Mariana Nobre de Oliveira, Marinês Ribeiro dos Santos, Maximiliano Zapata, Nina Reis Côrtes, Nythamar Hilario Fernandes de Oliveira Junior, Raquel Gomes Noronha, Simão Marcos Apocalypse, Talita Meier Marques Rodrigues e Wellington Gomes de Medeiros.

Analísada a questão de pesquisa, será retomado o cerne da tese, através do título, para continuidade das conclusões.

A tese proporcionou a reflexão sobre as aplicações do Design nos estudos *queer*, assim como nos estudos de gênero e sexualidade, e possibilitou a identificação de ferramentas e metodologias utilizadas nessas interfaces.

A formação política a que o subtítulo se refere diz respeito à articulação entre ambas as áreas exploradas. Ao longo do capítulo 1, *Design e transgressão: um olhar fora do comum*, foi possível resgatar na história do Design, indícios de que temáticas dissidentes já estavam sendo posicionadas nos bastidores de projetos, pesquisas e mesmo no ensino. A exemplo o livro *The bases of design*

de Walter Crane que, em 1898, já trazia indícios de que o olhar para as questões de raça (e posteriormente de gênero) se tornaria um caminho possível para o ensino em Design.

O avanço desta investigação crítica possibilitou um olhar sobre a modernidade e a pós-modernidade no âmbito do Design, com foco no entendimento sobre a aproximação do gênero e do *queer*. Ao atentar-se ao discurso contemporâneo do campo, foi possível concluir a necessidade de um olhar contranormativo às temáticas marginalizadas. Um Design *queer* dissidente foi a forma de combater binarismos enraizados no Design através de práticas transdisciplinares e decoloniais.

O reconhecimento da aplicação do Design como microprotesto valorizou uma atitude ativista do projetista que se utiliza de ferramentas participativas para, ao mesmo tempo, se colocar ativamente nos projetos e pesquisas e tornar o público parte do processo.

Essa formação política atravessa o campo do Design e se fixa nas bases dos estudos de gênero e sexualidade e dos estudos *queer* da metade para o meio do capítulo 1. A revisão bibliográfica torna-se discussão teórica e promove-se uma imersão nos estudos *queer* e em terminologias dissidentes necessárias para a formação de uma nova base prática-teórica-metodológica que se consolida como Design *queer*.

Ao longo da tese foi possível responder uma pergunta determinante: Como o Design pode ser *queer*? A resposta para ela foi discutida inicialmente no subcapítulo 1.5.3, de mesmo nome. O Design pode ser *queer* ao desafiar normas e composições binárias, ao questionar a própria área e questionar verdades “absolutas”, ao subverter o campo às dissidências, desconstruindo e reconstruindo métodos para adaptá-los aos desafios contemporâneos, como já avaliado por Cardoso (2013). E o Design consegue ser *queer* quando se mostra aberto às dissidências em um mergulho profundo e, ao mesmo tempo, honesto em uma área que não é exatamente pertencente ao campo: a área dos estudos *queer*. O Design é *queer* quando sua prática também é transversal.

As entrevistas com quem queeriza o Design ajudaram a responder o título da tese: Quem faz um Design *queer*?

Neste momento, ao olhar a perspectiva do ensino em Design, quem faz um Design *queer* (ou quem queeriza o Design) são docentes e discentes que, em nível de graduação, mestrado ou doutorado, potencializaram o discurso dissidente em pesquisas ou práticas.

Ao questionar e desestabilizar o *modus operandi* do Design, queeriza-se projetos e pesquisas para subverter metodologias e desafiar escolhas tradicionalmente pragmáticas. O ponto central dessa queerização é uma abordagem aberta, crítica, contranormativa, transgressora e fluida, questionando métodos e revisitando a teoria do Design, do histórico ao contemporâneo.

Conforme relatado nas entrevistas, há uma necessidade latente de atualização e de uma curricularização crítica, principalmente dos cursos de graduação em Design, no contexto brasileiro analisado aqui. O primeiro passo é uma organização em rede e em polos de pesquisa que conectem pesquisadores em Design *queer* de todo o Brasil, algo que ainda não acontece de forma substancial. Uma iniciativa relatada nas entrevistas foi a Rede Latino-americana de Design e Gênero (ReLADyG), que é uma iniciativa extremamente relevante, mas ainda com limitações de acesso. Foi relatado que a rede, no momento, não insere novos membros. Os pesquisadores se conectam a partir de parcerias e não através, puramente, da plataforma.

Por fim, esta tese termina essa jornada aprofundada por um Design *queer* dissidente com um Guia para facilitar o acesso do público a essas informações. Público esse do próprio Design: consiste em discentes e docentes interessados em pesquisar gênero, sexualidade ou temáticas *queer*.

O Guia intitulado *O QUE(ER) NOS MOVE? Guia visual e metodológico para um Design dissidente* explorou exatamente os pilares dessa pesquisa em 3 esferas: pré-Design *queer* (histórico e formação ativa sobre as terminologias dissidentes), Design *queer* (estudo, dados e infografia para aproximar o público das dores e os questionamentos da área) e Pós-Design *queer* (reflexão sobre projetos e metodologias já aplicadas na prática e um olhar para o futuro).

O Guia foi desenvolvido como ferramenta contranormativa para o ensino em Design, que nem sempre se mostra aberto às transgressões e às temáticas dissidentes.

Dessa forma, ao refletir criticamente sobre os desafios e as potencialidades da aplicação do Design *queer* na prática do campo, pode-se responder uma última pergunta: Será que tem mais de um *queer* que constitui o Design? E a resposta é que sim. Um Design *queer* não é único e não é imutável, pelo contrário, ele é plural e constituído pela transdisciplinaridade das ações do próprio Design e pela transversalidade das dissidências incorporadas no processo de projeto ou pesquisa.

Encerra-se esta tese com perspectivas futuras:

- O estudo aqui aplicado considerou, por conta de sua extensão, apenas pesquisas brasileiras ou com pelo menos um pesquisador brasileiro. Apesar de nítida a importância do estudo para o cenário nacional, é relevante o desenvolvimento de um estudo futuro incorporando pesquisas e projetos com temática de gênero, sexualidade ou *queer* realizadas no Design em âmbito internacional;
- É indispensável a continuidade da pesquisa para construir uma linha do tempo relacionando a aproximação dos estudos *queer* ao Design através do mapeamento de mais projetos em anos anteriores aos avaliados na RBE;
- Será de extrema importância a identificação de quem faz um Design *queer* fora do campo acadêmico, buscando analisar iniciativas que podem ter começado fora das universidades, como alguns dos projetos relatados no capítulo 3 da tese.

Referências

AHMED, Sara. **Queer Phenomenology: Orientations, Objects, Others**. Durham: Duke University Press, 2006.

AHMED, Sara. Queer Feelings. *In: The Cultural Politics of Emotion*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014, p. 144-167.

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 3.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

ALMEIDA, Ana Julia Melo. Entrevista concedida a Guilherme Cardoso Contini. On-line (Google Forms), 13 out. 2025. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice R desta tese].

ALMEIDA, Ana Julia Melo. Gênero como modo de leitura para a história do design. *In: ALMEIDA, Ana Julia Melo; FLESLER, Griselda; SANTOS, Maria Cecília Loschiavo dos; NORONHA, Raquel Gomes. Design e gênero: experiências coletivas de ensino*. São Luís: EDUFMA, 2024. p. 34-61 Disponível em: <https://www.edufma.ufma.br/index.php/produto/design-e-genero-experiencias-coletivas-de-ensino/>. Acesso em: 28 ago. 2025.

ALMEIDA, Ana Julia Melo; FLESLER, Griselda; SANTOS, Maria Cecília Loschiavo dos; NORONHA, Raquel Gomes. **Design e gênero: experiências coletivas de ensino**. São Luís: EDUFMA, 2024. Disponível em: <https://www.edufma.ufma.br/index.php/produto/design-e-genero-experiencias-coletivas-de-ensino/>. Acesso em: 28 ago. 2025.

ALTMAYER, Carlos Guilherme Mace. **Tropicuir: estético-políticas transviadas – memória, arquivo, design**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Numa Editora, 2022. Disponível em: <https://www.esdi.uerj.br/ppdesdi/programa/producoes/11147/tropicuir-estetico-politicas-transviadas-memoria-arquivo-design>. Acesso em: 8 set. 2025.

ALTMAYER, Guilherme. Entrevista concedida a Guilherme Cardoso Contini. On-line (Google Meet), 20 out. 2025. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice BB desta tese].

ALTMAYER, Guilherme; VERAS, Leno. Design é coisa de veado: estratégias para o desenho de uma plataforma digital para memórias sexo e gênero dissidentes. **Estudos em Design**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 3, p. 102-116, 2021. Disponível em: <https://estudosemdesign.emnuvens.com.br/design/article/view/1276>. Acesso em: 4 set. 2025.

ANASTASSAKIS, Zoy; SZANIECKI, Barbara. Dispositivos de conversação: por uma abordagem transdisciplinar e antropológica do design. *In: Imaginação, participação e correspondência: experiências do Laboratório de Design e Antropologia*. Rio de Janeiro: PPDES DI, 2023, p. 18-45. Disponível em: <https://www.esdi.uerj.br/ppdesdi/programa/producoes/8694/imaginacao-participacao-e-correspondencia>. Acesso em: 26 set. 2025.

ANASTASSAKIS, Zoy. Laboratório de Design e Antropologia: preâmbulos teóricos e práticos. **Arcos Design**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 178-193, 2013. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/arcosdesign/article/view/10004/7879>. Acesso em: 4 set. 2025.

APOCALYPSE, Simão Marcos. Entrevista concedida a Guilherme Cardoso Contini. On-line (Google Meet), 1º out. 2025. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice Y desta tese].

ARMSTRONG, Helen. **Teoria do design gráfico**. São Paulo: UBU Editora, 2022.

AROMATARIS Edoardo, LOCKWOOD Craig, PORRITT Kylie, PILLA Bianca, JORDAN Zoe. **JBI Manual for Evidence Synthesis**. Austrália: JBI, 2024. Disponível em: <https://synthesismanual.jbi.global>. Acesso em: 10 nov. 2024.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BECCARI, Marcos N. Design e tecnologia sexual: breve panorama a partir de Foucault e Preciado. **Revista Periódicos**, v. 3, n. 16, p. 63-81, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicos/article/view/38614>. Acesso em: 2 set. 2025.

BENTO, Berenice; PELÚCIO, Larissa Maués. Despatologização do Gênero: a politização das identidades abjetas. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 20, n. 2, p. 569-581, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/issue/view/1905>. Acesso em: 19 mar. 2025.

BOIANOVSKYKVELLER, Daniel. **DISSIDÊNCIAS SEXUAIS, TEMPORALIDADES QUEER: uma crítica ao imperativo do progresso e do orgulho**. 2021. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/235461?show=full>. Acesso em: 25 ago. 2025.

BONSIEPE, Guilherme. **Design, cultura e sociedade**. São Paulo: Blucher, 2011.

BONSIEPE, Guilherme. Identidade e contra-identidade no design. **Cadernos de Estudos Avançados em Design**. p. 63-74, 2016, 2. Ed, Belo Horizonte: EDUEMG, 2016.

BONSIEPE, Gui. **The Disobedience of Design**. Grã-Bretanha: Bloomsbury, 2022.

BOURCIER, Marie-Hélène. Prefácio. In: PRECIADO, Paul B. **Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual**. São Paulo: Editora N-1 edições, 2014.

BRANDES, Uta. Designing Gender oder Gendered Design? Zur Geschlechtersprache in der Gestaltung Dr. **Forum Holz|Bau|Frau**, p. 1-9, 2010. Disponível em: http://events.forum-holzbau.com/pdf/meran10_Brandes.pdf. Acesso em: 3 set. 2025.

BUCKLEY, Cheryl. **Design no patriarcado**. Trad. Mariana Delfini. 1. ed. São Paulo: Clube do Livro do Design: Bikini Books, 2025.

BUTLER, Judith. Performative Acts and Gender Constitution: An Essay in Phenomenology and Feminist Theory. **Theatre Journal**. v. 40, n. 4, p. 519-531, 1988. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/3207893>. Acesso em: 19 mar. 2025.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade** [Gender Trouble – Feminism and the Subversion of Identity]. Traduzido por Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, Judith. Regulações de gênero. **Cadernos Pagu**, [S.l.], n. 42, p. 249-274, jun. 2014. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/0104-8333201400420249>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/Tp6y8yyyGcpfdbzYmrc4cZs/?lang=pt>. Acesso em: 14 mar. 2025.

CAMARGO, Liriane Soares de Araújo; FAZANI, Alex Jose. Explorando o Design Participativo como prática de desenvolvimento de sistemas de informação. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, Ribeirão Preto, Brasil, v. 5, n. 1, p. 138-150, 2014. DOI: 10.11606/issn.2178-2075.v5i1p138-150. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/incid/article/view/64103>. Acesso em: 21 mar. 2025.

CAMPBELL, Andy. **Queer X Design: 50 Years of Signs, Symbols, Banners, Logos, and Graphic Art of LGBTQ**. 1. ed. New York: Black Dog & Leventhal Publishers, 2019.

CANLI, Ece. Design History Interrupted: A Queer-Feminist Perspective. *In: The Responsible Object: A History of Design Ideology for the Future*. Amsterdam: Valiz, 2016, p. 178-207. Disponível em: <https://archive.org/details/the-responsible-object/page/n105/mode/2up>. Acesso em: 8 nov. 2025.

CANLI, Ece. QUEERING DESIGN: A Theoretical View on Design and Gender Performativity. **UD14: 1º Encontro Ibérico de Doutoramentos em Design, 3º Encontro Nacional de Doutoramentos em Design**, 2014. Disponível em: https://www.academia.edu/12246562/Queering_Design_A_Theoretical_View_o_n_Design_vs_Gender_Performativity_2014. Acesso em: 30 ago. 2025.

CANTO, Graziela de Luca. **Revisões sistemáticas da literatura: guia prático**. Curitiba: Brazil Publishing, 2020.

CARDOSO, Rafael. **Design para um mundo complexo**. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

CARDOSO, Rafael. **Uma introdução à história do design**. 1. ed. São Paulo: Edgar Blucher, 2000.

CÉLEM, Eva Rubens. Entrevista concedida a Guilherme Cardoso Contini. On-line (Google Meet), 19 set. 2025. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice U desta tese].

CENTRO DE APOIO À PESQUISA NO COMPLEXO DE SAÚDE (CAPCS – UERJ). **Você sabe o que são Operadores Booleanos?** 2020. Disponível em: <http://www.capcs.uerj.br/voce-sabe-o-que-sao-operadores-booleanos/>. Acesso em 18 mar. 2025.

CILLI, Thaís Lari Braga. **O design como saber transversal na formação profissional e tecnológica.** 2017. São Paulo. Dissertação (Mestrado Profissional) – Centro de Educação Tecnológica Paula Souza, São Paulo. Disponível em: <http://www.pos.cps.sp.gov.br/dissertacao/o-design-como-saber-transversal-na-formacao-profissional-e-tecnologica>. Acesso em: 21 mar. 2025.

CILLI, Thaís Lari Braga. O Design Universal como ferramenta de inclusão educacional. In: GIORDANO, C. V.; LANGHI, C.; CILLI, T. L. B. (Org.). **A tecnologia da informação e comunicação nas práticas educacionais.** São Paulo: Edição Independente, 2017. Edição Kindle, cap. 4.

CLARKSON, P. John; COLEMAN, Roger. History of Inclusive Design in the UK. In: **Applied Ergonomics.** p.1-13, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.apergo.2013.03.002> . Acesso em: 11 fev. 2025.

COLEMAN, Roger. The Case for Inclusive Design: an overview. In: **12 Triennial Congress The International Ergonomics Association and The Human Factors Association of Canada.** Toronto, 1994. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/712869947/THE-CASE-FOR-INCLUSIVE-DESIGN>. Acesso em: 11 fev. 2025.

COMO é feito o Ranking Universitário Folha. **Folha de S.Paulo**, 2024. Disponível em: <https://ruf.folha.uol.com.br/2024/noticias/como-e-feito-o-ranking-universitario-folha.shtml>. Acesso em: 13 fev. 2025.

CONTINI, Guilherme Cardoso. **Erótica LAB: reconfigurações dos espaços para projetos de gênero, prazer e tecnologia.** 2021. Dissertação (Mestrado em Mídia e Tecnologia) – Faculdade de Artes, Arquitetura, Comunicação e Design (FAAC), Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Bauru, 2021. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/entities/publication/2f4ffe80-4288-439e-a7af-d6869f76629c>. Acesso em: 20 mar. 2025.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR. **Avaliação da Pós-graduação.** 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/acesso-a-informacao/perguntas-frequentes/avaliacao-da-pos-graduacao>. Acesso em: 25 fev. 2025.

CÔRTEZ, Nina Reis. Entrevista concedida a Guilherme Cardoso Contini. On-line (Google Meet), 19 set. 2025. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice X desta tese].

CÔRTEZ, Nina Reis; PORTINARI, Denise Berruezo. Por um design desacomodado: reflexões e análises do campo. **Arcos Design**, v. 15, n. 2, p. 57-75, 2022. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/arcosdesign/article/view/67809>. Acesso em: 3 ago. 2025.

CRANE, Walter. **The Bases of Design**. 2. ed., 4a reimpressão. London: G. Bell and Sons, LTD., 1920.

CUNHA, Aura Celeste Santana; BORGES, Lucas Mota. Queer designers: experimentações não-conformativas na geração de uma rede dissidente. **Arcos Design**, v. 17, n. 1, p. 60-78, 2024. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/arcosdesign/article/view/78885>. Acesso em: 22 ago. 2025.

CUTLER, Ella; GOTHE, Jacqueline; CROSBY, Alexandra. Design Microprotests. **M/C Journal**, [S. l.], v. 21, n. 3, 2018. DOI: 10.5204/mcj.1421. Disponível em: <https://journal.media-culture.org.au/index.php/mcjjournal/article/view/1421>. Acesso em: 18 ago. 2025.

CUTLER, Ella. **Just Spaces: Towards a Queer Methodology in Visual Communication Design**. Dissertação (Mestrado em Design), School of Design at the University of Technology, Sydney, 2019. Disponível em: <https://opus.lib.uts.edu.au/handle/10453/140185>. Acesso em: 3 set. 2025.

DAVIÑA, Laura; ZILBERSZTEJN, Marina. **Tipos estranhos: experimentos em Design Cuír**. 1. ed. São Paulo: Publication Studio São Paulo, 2024.

DENZ, Silas; EGGINK, Wouter. Queer-Sensible Designing: Challenging Normative Gender through an Industrial Design Practice. **Event Academy for Design Innovation Management Conference 2019: Research Perspectives in the Era of Transformations – Loughborough University, London**, p. 1-15, 2019. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/334031940_Queer-Sensible_Designing_Challenging_Normative_Gender_through_an_Industrial_Design_Practice. Acesso em: 30 ago. 2025.

DESIGN. In: Dicionário Michaelis, 2025. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=design>. Acesso em: 19 mar. 2025.

DESIGN. In: DLP – Dicionário da Língua Portuguesa. Academia Brasileira de Letras, 2025. Disponível em: <https://servbib.academia.org.br/dlp/verbete.xhtml?entrada=design>. Acesso em: 19 mar. 2025.

DISSIDÊNCIA. In: Dicionário Michaelis, 2025. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/Dissidência/>. Acesso em: 25 ago. 2025.

ESCOBAR, Arturo. **Designs for the Pluriverse: Radical Interdependence, Autonomy, and the Making of Worlds**. Durham: Duke University Press, 2018.

FERREIRA, Shagaly. Mais da metade das empresas no Brasil fizeram ajustes em ações de diversidade após pressões anti-ESG. **Estadão**. S.l. 26 jun. 2025. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/economia/governanca/empresas-brasil-politicas-diversidade-pesquisa-teamhub/>. Acesso em 02 jan. 2026.

FIGUEIREDO, Eurídice. Desfazendo o gênero: a teoria queer de Judith Butler. **Revista Criação & Crítica**, São Paulo, Brasil, n. 20, p. 40-55, 2018. DOI: 10.11606/issn.1984-1124.v0i20p40-55. Disponível em: <https://revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/138143>. Acesso em: 17 mar. 2025.

FORTY, Adrian. **Objetos de Desejo**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade. Volumes I**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade. Volumes II**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FRANCISCO, Susana João. **Meta-morfose: em busca de um design gráfico queer-feminista**. Dissertação (Mestrado), Instituto Politécnico de Leiria – Escola Superior de Arte e Design, 2022. Disponível em: <https://iconline.ipleiria.pt/entities/publication/7b64de81-6306-45b6-87bf-91464ab16836>. Acesso em: 27 ago. 2025.

GRASSINE. Entrevista concedida a Guilherme Cardoso Contini. On-line (Google Meet), 11 set. 2025. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice Z desta tese].

HENRIQUES, Fernanda; DOMICIANO, Cassia Letícia Carrara. Design gráfico e fonoaudiologia: uma proposta de articulação interuniversitária e transdisciplinar voltada para ações de design gráfico inclusivo. *In: Projética: Revista Científica de Design*. Londrina, v.6 n.2, p.09-25, 2015. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/projetica/article/view/23293>. Acesso em: 19 mar. 2025.

IIDA, Itiro. **Ergonomia: projeto e produção**. São Paulo, Edgard Blücher, 2005.

INDICADORES de Qualidade da Educação Superior. **Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira | Inep**, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/acesso-a-informacao/dados-abertos/indicadores-educacionais/indicadores-de-qualidade-da-educacao-superior>. Acesso em: 13 fev. 2025.

IN THE US, DEI is under attack. But under a different name, it might live on. **BBC**, 1º mar. 2025. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/articles/c24110m30ddo>. Acesso em: 24 mar. 2025.

JARDIM, Symone Rodrigues. **Avaliação do conforto do ônibus urbano: estudo de caso Distrito Federal**. Brasília, 2002.

JOANNA BRIGGS INSTITUTE. **JB I Manual for evidence synthesis – 2024 Edition**. 2024. Disponível em: <https://jbi-global-wiki.refined.site/space/MANUAL>. Acesso em: 21 mar. 2025.

KOSMINSKY, Doris; ESPERANÇA, Claudio. Reflexões sobre colaboração e interdisciplinaridade em ações de ensino e de pesquisa em visualização de dados.

In: Dataviz em perspectiva: ensino e prática profissional da visualização de dados no design brasileiro. Rio de Janeiro: Rio Books, 2023, p. 48-59.

LAGO, Lílían; BATISTA, Murilo André Pessoa; DOMICIANO, Cassia Letícia Carrara. Processos projetuais em design gráfico e editorial: um estudo de caso da Revista Galileu. **Projetica**, Londrina, v. 10, n. 3, p. 9-26, 2019. DOI: 10.5433/2236-2207.2019v10n3p9. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/projetica/article/view/27351>. Acesso em: 21 mar. 2025.

LANUTTI, Jamille Noretza de Lima; PASCHOARELLI, Luís Carlos. Design universal aplicado a material didático para crianças com deficiência visual: uma experiência didática. *In: 12º P&D 2016 – Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design*, v.9, n.2, 2016, Belo Horizonte. Belo Horizonte: Blucher, 2016. Disponível em: <https://www.proceedings.blucher.com.br/article-details/design-universal-aplicado-a-material-didtico-para-crianas-com-deficincia-visual-uma-experincia-didtica-24472>. Acesso em: 21 mar. 2025

LGBTQIA Resource Center Glossary. **LGBTQIA Resource Center**. 21 jul. 2023. Disponível em: <https://lgbtqia.ucdavis.edu/educated/glossary>. Acesso em: 19 mar. 2025.

LIMA, José Leonardo Oliveira; MANINI, Miriam Paula. Metodologia para Análise de Conteúdo Qualitativa integrada à técnica de mapas mentais com o uso dos softwares Nvivo e FreeMind. **Informação & Informação**, [S. l.], v. 21, n. 3, p. 63-100, 2017. DOI: 10.5433/1981-8920.2016v21n3p63. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/23879>. Acesso em: 21 mar. 2025.

LOURO, Guacira Lopes. Conhecer, pesquisar, escrever... **Educação, Sociedade & Cultura**, Porto Alegre, n.25, p. 235-245, 2007. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/574043561/LOURO-Guacira-Lopes-Conhecer-pesquisar-escrever>. Acesso em: 19 mar. 2025.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997. Disponível em: <https://www.ufpb.br/escolasplurais/contents/noticias/e-books/secao-1-10-32-de-de-finibus-bonorum-et-malorum-escrita-por-cicero-em-45-ac>. Acesso em: 17 mar. 2025

LOURO, Guacira Lopes. Um corpo estranho. **Ensaio sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

LUPTON, Hellen; LUPTON, Julia. A vingança da Univers. *In: Teoria do design gráfico*. São Paulo: UBU Editora, 2022, p. 171-177.

LUPTON, Ellen; KAFEI, Farah; TOBIAS, Jennifer; HALSTEAD, Josh A.; SALES, Kaleena; XIA, Leslie; VERGARA, Valentina. **Extra Bold: um guia feminista, inclusivo, antirracista, não binário para designers**. São Paulo: Olhares, 2023.

LUPTON, Ellen; XIA, Lelsie. Estruturas binárias. *In: LUPTON, Ellen. et al. Extra Bold: um guia feminista, inclusivo, antirracista, não binário para designers*. São Paulo: Olhares, 2023.

MACHIN, Rosana; PAULINO, Danilo Borges; PONTES, Júlia Clara de; RODRIGUES, Raphaela Rezende Nogueira. Diversidade e diferença: desafios para a formação dos profissionais de saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 27, p. 3797-3806, 16 set. 2022. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/csc/2022.v27n10/3797-3806/#>. Acesso em: 17 mar. 2025.

MARTINS, Fernando José. DIVERSIDADE: CONCEITOS E PRÁTICAS PRESENTES NA EDUCAÇÃO, GESTÃO E MOVIMENTOS SOCIAIS. **Revista Inter-Ação**, Goiânia, v. 36, n. 1, p. 245-262, 2011. DOI: 10.5216/ia.v36i1.15039. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/interacao/article/view/15039>. Acesso em: 21 mar. 2025.

MARTINS, Ricardo. **Design e desenvolvimento de uma almofada anatômica para o assento e encosto de cadeira de rodas, direcionado para pessoas com paralisia cerebral**. 2022. 142 f. Matosinhos. Dissertação (Mestrado em Design de Produto) – ESAD - Escola Superior de Artes e Design, Matosinho – Portugal, 2022. Disponível em: <https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/40306>. Acesso em: 13 fev. 2025.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. MEC. **Indicadores de Qualidade da Educação Superior**. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/aceso-a-informacao/dados-abertos/indicadores-educacionais/indicadores-de-qualidade-da-educacao-superior>. Acesso em: 20 mar. 2025.

MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**, [S. l.], v. 11, n. 21, 2009. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/sociologias/article/view/8863>. Acesso em: 14 mar. 2025.

MISKOLCI, Richard. São Francisco e a Nova Economia do Desejo. In: **Lua Nova**: Revista de Cultura e Política, São Paulo, n.91, p.269-295, 2014. DOI: 10.1590/S0102-64452014000100010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ln/a/QCkk8fTjbdXs4j4Nm9z9nq/?lang=pt>. Acesso em: 21 mar. 2025.

MORAES, Dijon de. **Limites do design**. 3. ed. São Paulo: Studio Nobel, 1999.

MORANGAS, Vicente Junqueira. Você sabe a diferença entre sexo biológico e gênero? **TJDFT – Tribunal de Justiça do Distrito Federal dos Territórios**, 02 maio 2023. Disponível em: <https://www.tjdft.jus.br/acesibilidade/publicacoes/sementes-da-equidade/voce-sabe-a-diferenca-entre-sexo-biologico-e-genero>. Acesso em: 18 mar. 2025.

MOURA, Mário. **O design que o design não vê**. 2. ed. Lisboa: Orfeu Negro, 2021.

MOURA, Rayane. Programas de diversidade estão acabando? Entenda como o movimento dos EUA pode chegar ao Brasil. **G1**. São Paulo, 04 jul. 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/trabalho-e-carreira/noticia/2025/07/04/programas-de-diversidade-estao-acabando-entenda-como-o-movimento-dos-eua-pode-chegar-ao-brasil.ghtml>. Acesso em 02 jan. 2026.

MYERS, Monika; JASON, Crockett. Manifesto for Queer Universal Design. **SQS – Suomen Queer-tutkimuksen Seuran lehti**, v. 6, n. 1-2, p. 58-64, 2013. Disponível em: <https://journal.fi/sqs/article/view/50853>. Acesso em: 28 ago. 2025.

NIEMEYER, Lucy. Identidade e Significações: design atitudinal. *In: Cadernos de Estudos Avançados em Design: Design e Identidade*. Belo Horizonte: Eduemg, 2016, p. 75-85. Disponível em: <https://editora.uemg.br/component/k2/item/213-cadernos-de-estudo-avancados-em-design-identidade-vol-4-2ed>. Acesso em: 18 ago. 2025.

NICOLESCU, Bassarab. **O manifesto da transdisciplinaridade**. São Paulo: TRIOM, 1999.

NORONHA, Raquel Gomes. Entrevista concedida a Guilherme Cardoso Contini. On-line (Google Meet), 19 set. 2025. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice DD desta tese].

NORONHA, Raquel Gomes. Narrativas em design e gênero: crítica e especulação para futuros possíveis. *In: ALMEIDA, Ana Julia Melo; FLESLER, Griselda; SANTOS, Maria Cecília Loschiavo dos; NORONHA, Raquel Gomes. Design e gênero: experiências coletivas de ensino*. São Luís: EDUFMA, 2024. p. 92-126. Disponível em: <https://www.edufma.ufma.br/index.php/produto/design-e-genero-experiencias-coletivas-de-ensino/>. Acesso em: 28 ago. 2025.

OLIVEIRA, Mariana Nobre de. Entrevista concedida a Guilherme Cardoso Contini. On-line (Google Forms), 14 out. 2025. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice AA desta tese].

OLIVEIRA, Mariana Nobre de; MEDEIROS, Wellington Gomes de. Design e Dissidência Queer: considerações sobre questões de gênero no design, p. 528-539. *In: Colóquio Internacional de Design 2020*, v.8, n.5, 2020, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Blucher, 2020. Disponível em: <https://www.proceedings.blucher.com.br/article-details/design-e-dissidencia-queer-consideraes-sobre-questes-de-gnero-no-design-35866>. Acesso em: 26 ago. 2025.

ONU. **Agenda de 2030**. 2015. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/91863-agenda-2030-para-o-desenvolvimento-sustent%C3%A1vel>. Acesso em: 19 mar. 2025.

ONU. **Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 4 – Educação de qualidade**. 2025. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs/4>. Acesso em: 19 mar. 2025.

ONU. **Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 5 – Igualdade de gênero**. 2025. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs/5>. Acesso em: 19 mar. 2025.

O QUE É “DEI”, programa de diversidade que Trump pôs fim nos EUA. **CNN Brasil**, 23 jan. 2025. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/o-que-e-dei-programa-de-diversidade-que-trump-pos-fim-nos-eua/>. Acesso em 24 mar. 2025.

OYAMA, Thaís. **A arte de entrevistar bem**. 2.ed. São Paulo: Editora Contexto, 2014. E-book.

PAPANEK, Victor. **Design for the Real World: Human Ecology and Social Change**. New York: Pantheon Book, 1971.

PELÚCIO, Larissa Maués. Desfazendo o gênero. *In*: MISKOLCI, Richard; LEITE JÚNIOR, Jorge. (Org.). **Diferenças na educação**: outros aprendizados. São Carlos: Editora EdUFSCar, 2014, p.101-152. Disponível em: https://www.academia.edu/35371127/livro_Diferen%C3%A7as_na_educa%C3%A7%C3%A3o_outros_aprendizados_Richard_Miskolci_e_Jorge_Leite_Jr_org_s. Acesso em: 19 mar. 2025.

PELÚCIO, Larissa Maués. Entrevista concedida a Guilherme Cardoso Contini. São Paulo, 19 set. 2025. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice V desta tese].

PETERS, Micah Dj; GODFREY, Christina; MCINERNEY, Patricia; MUNN, Zachary; TRICCO, Andrea C.; KHALIL, Hanan. Scoping reviews. *In*: AROMATARIS, Edoardo; LOCKWOOD, Craig; PORRITT, Kylie; PILLA, Bianca; JORDAN, Zoe (ed.). **JBI Manual for Evidence Synthesis**. Austrália: Jbi, 2020. Cap. 10. p. 160-190. Disponível em: <https://synthesismanual.jbi.global>. Acesso em: 10 nov. 2024.

PIOVESAN, Armando; TEMPORINI, Edméa Rita. Pesquisa exploratória: procedimento metodológico para o estudo de fatores humanos no campo da saúde pública. **Revista Saúde Pública**. v. 29, n. 4, p. 318-325, 1995. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsp/a/ff44L9rmXt8PVYLNvphJgTd/?lang=pt>. Acesso em: 21 mar. 2025.

PISCITELLI, Adriana. Recriando a (categoria) mulher?. *In*: ALGRANTI, Leila Mezan (org.). **A prática feminista e o conceito de gênero**. Textos didáticos. Campinas, IFCH, 2002. Disponível em: www.culturaegenero.com.br/download/praticafeminina.pdf&ved=2ahUKEwj4eKy5eMAXV9RLgEHfKCAHEQFnoECAkQAQ&usq=AOvVaw0K0vYpcHTnF-zwPOaH9WZH. Acesso em 19 mar. 2025.

PORTINARI, Denise; ALTMAYER, Guilherme; CÔRTEZ, Nina Reis; SOUZA, Rafael Ricarte; FAGURY, Sumaya Lima; SOUZA, Isis Reis. Design, Corpos e Política: gênero, sexualidade e performatividade. *In*: **Anais do 14o Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design**, v. 10, n. 5, p. 8357-8366, 2022. Disponível em: <https://www.proceedings.blucher.com.br/article-details/design-corpos-e-politica-gnero-sexualidade-e-performatividade-38365>. Acesso em: 4 set. 2025.

PORTINARI, Denise Berruezo; NOGUEIRA, Pedro Caetano Eboli. Por um design político. **Estudos em Design**, v. 24, n. 3, p. 32-46, 2016. Disponível em: <https://estudosemdesign.emnuvens.com.br/design/article/view/379>. Acesso em: 2 set. 2025.

PORTINARI, Denise Berruezo. Entrevista concedida a Guilherme Cardoso Contini. On-line (Google Meet), 11 out. 2025. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice CC desta tese].

PORTINARI, Denise Berruezo. Queerizar o Design. **Revista Arcos Design**. Rio de Janeiro, v. 10, n.1, p.1-19, 2017. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/arcosdesign/article/view/30937>. Acesso em: 21 mar. 2025.

POTVIN, Jhon. Destabilizing the Scenario of Design Queer/Trans/Gender-Neutral. In: MASSEY, Anne. (Org.). **A Companion to Contemporary Design since 1945**. Nova Jersey: John Wiley & Sons, Inc, 2019. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/332534696_Destabilizing_the_Scenario_of_Design_QueerTransGender-Neutral. Acesso em: 29 ago. 2025.

PRECIADO, Paul B. **Manifesto Contrassexual** [Manifesto contra-sexual]. Traduzido por Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2017.

PRECIADO, Paul B. **Testo Junkie: sexo, drogas e biopolítica**. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2018.

PROVIN, Ana Paula; CUBAS, Anelise Leal Vieira; DUTRA, Ana Regina de Aguiar. Alternativas de materiais e processos mais sustentáveis para a indústria têxtil atual: uma revisão. In: **ModaPalavra**. Florianópolis, v. 14, N. 32, p.122-149, 2021. Disponível em: DOI: <http://dx.doi.org/10.5965/1982615x14322021122>. Acesso em: 13 fev. 2025.

RAND, Paul. Good design is goodwill. In: ARMSTRONG, Helen (Org.). **Graphic Design Theory: Readings from the Field**. New York: Princeton Architectural Press, 2009, p. 64-69.

RANKING de cursos de graduação 2024 – design. **Folha de S.Paulo**, 2024. Disponível em: <https://ruf.folha.uol.com.br/2024/ranking-de-cursos/design/>. Acesso em: 13 fev. 2025.

RATI, Bianca Mendes. Entrevista concedida a Guilherme Cardoso Contini. On-line (Google Meet), 07 out. 2025. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice S desta tese].

RESULTADO da Avaliação Quadrienal 2017-2020. **CAPES**. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/avaliacao/avaliacao-quadrienal/avaliacao-quadrienal-2017-2020/resultado-da-avaliacao-quadrienal-2017-2020>. Acesso em: 13 fev. 2025.

RODRIGUES, Irene G. **Antropologia e Design: o olhar antropológico do designer**. 2005. 13p. Disponível em: <https://pdfcoffee.com/o-olhar-antropologico-do-designer1-pdf-free.html>. Acesso em: 19 mar. 2025.

ROSSI, Dorival Campos. Entrevista concedida a Guilherme Cardoso Contini. On-line (Google Meet), 25 set. 2025. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice W desta tese].

ROSSI, Dorival Campos; MOON, Rodrigo Malcolm de Barros. O design contemporâneo: as premissas epistemológicas acerca do agora. Um estudo do design que se faz em tempo real. **La Trama de la Comunicación**. Argentina, v. 25, n. 1, p. 49-71, 2021. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/3239/323968002003/>. Acesso em: 18 mar. 2025.

SAFATLE, Vladimir. Posfácio. Dos problemas de gênero a uma teoria da despossessão necessária: ética, política e reconhecimento em Judith Butler. *In*: BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo: Crítica da violência ética**. Tradução de Regina Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

SANTOS, Marinês Ribeiro dos. Entrevista concedida a Guilherme Cardoso Contini. On-line (Google Meet), 17 set. 2025. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice T desta tese].

SASSAKI, Romeu Kazumi. Inclusão: acessibilidade no lazer, trabalho e educação. **Revista Nacional de Reabilitação (Reação)**, São Paulo, Ano XII, mar./abr. 2009, p. 10-16. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/211/o/SASSAKI_-_Acessibilidade.pdf%3F1473203319&ved=2ahUKEwj8psf835GMAxX4pZUCHbNRHFsQFnoECBcQAQ&usq=AOvVaw1cbrPqfcOxZLeFY3Smf6fH. Acesso em: 17 mar. 2025.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão: construindo uma sociedade para todos**. 7ª edição. Rio de Janeiro: WVA, 2009.

SERPA, Bibiana Oliveira. Objetos de luta cotidiana: Design e feminismos na América Latina. *In*: **Design no patriarcado**. São Paulo: Clube do Livro do Design: Bikiki Books, 2025, p. 7-31.

SILVA, Cátia Sofia Morgado Rafael. **Design de produto para crianças autistas**. 2011. Dissertação (Mestrado em Design de Produto) – Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa. Lisboa, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ulisboa.pt/handle/10400.5/4695>. Acesso em: 17 mar. 2025.

SOUSA, Christian Gustavo de; COLLING, Leandro; CASTELEIRA, Rodrigo Pedro. Provocações iniciais para pensar o pós-queer/cuir no Brasil da atualidade. **Conceição/Conception**, Campinas, SP, v. 13, n. 00, p. e024005, 2024. DOI: 10.20396/conce.v13i00.8677692. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conce/article/view/8677692>. Acesso em: 15 ago. 2025.

STEINFELD, Edward. **What Is Universal Design?** 2012. Disponível em: <http://idea.ap.buffalo.edu/about/universal-design/>. Acesso em: 14 mar. 2025.

STRAUB, Ericson Luiz. Design Subversivo. **Revista abc Design**. Curitiba, n.34, p. 28-32, fev. 2011. Disponível em: https://issuu.com/rogeriowielewski/docs/revistaabc_34. Acesso em: 18 de mar. 2025.

TOBIAS, Jennifer. Interseccionalidade. *In*: LUPTON, Ellen. *et al.* **Extra Bold: um guia feminista, inclusivo, antirracista, não binário para designers**. São Paulo: Olhares, 2023.

TRANSGREDIR. *In*: Dicionário Michaelis, 2025. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=transgredir>. Acesso em: 19 mar. 2025.

TRANSGRESSÃO. *In*: Dicionário Michaelis, 2025. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?id=vkGN7>. Acesso em: 19 mar. 2025.

TRUMP pede que Apple elimine políticas de diversidade e inclusão após acionistas votarem a favor de iniciativas. **G1 – Tecnologia**, 26 fev. 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2025/02/26/trump-pede-que-apple-acabe-com-politicas-de-diversidade-e-inclusao-apos-acionistas-decidirem-manter-iniciativa.ghtml>. Acesso em: 24 mar. 2025.

VAN DER LINDEN, Julio Carlos de Sousa; LACERDA, Andre Pedroso. Metodologia projetual em tempos de complexidade. *In*: MARTINS, Rosane Fonseca de Freitas; VAN DER LINDEN, Julio Carlos de Sousa. (Org.). **Pelos caminhos do design: metodologia de projeto**. Londrina: EDUEL, 2012.

VIDAURRE, Lara Baptista. Uma análise contranormativa de gênero a partir de Antígona. **Revista Periagoge**. v.7, 2024. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/periagoge/article/view/15394>. Acesso em: 19 mar. 2025.

XIANG, Zairong. **Antigos caminhos queer: uma exploração decolonial**. Trad. Paula Faro; Gil Vicente Lourenção. 1. ed. São Paulo: n-1 edições, 2024.

ZACAR, Cláudia Regina Hasegawa. Entrevista concedida a Guilherme Cardoso Contini. On-line (Google Meet), 17 set. 2025. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice T desta tese].

Apêndices

Apêndices A - Lista final universidades estudo exploratório

Classificação	Tr	Universidades	Grupo de pesquisa	Disciplinas	Status Pesquisa	Data de pesquisa	Link	Inclusão / Exclusão	Tr	Observações
1		Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC)	Foram encontradas as palavras-chave "gênero" e "diversidade" apenas nas respectivas	Foi encontrada a palavra-chave "diversidade" na ementa da disciplina "Ética, Cultura e Contemporaneidade".	Concluída	07/08/2025	https://www.unoesc.edu.br/cursos/cursos/design/	Incluída		Observações
2		Universidade Franciscana (UFN)	Não encontradas as palavras-chave.	Foi encontrada apenas a palavra-chave "diversidade" na disciplina "Educação e Identidade Cultural".	Concluída	07/08/2025	https://site.ufn.edu.br/pagina/design	Incluída		Observações
3		Universidade de Brasília (UNB)	Não encontradas as palavras-chave	Não encontradas as palavras-chave.	Concluída	17/02/2025	https://design.unb.br/	Excluída		Observações
4		Universidade de Brasília (UNB)			Desconsiderado	17/02/2025	https://design.unb.br/	Excluída		Repetido
5		Universidade Federal De Sergipe (UFS)	Não encontradas as palavras-chave	Não encontradas as palavras-chave	Concluída	17/02/2025	https://www.sigaa.ufs.br/sigaa/public/departamento/portal.js?cid=431	Excluída		Observações
6		Universidade Estadual De Londrina (UEL)	Não encontradas as palavras-chave	Não encontradas as palavras-chave	Concluída	17/02/2025	https://graduacao.uel.br/design-grafico/	Excluída		Observações
7		Universidade Federal De Uberlândia (UFU)	Não encontradas as palavras-chave	Não encontradas as palavras-chave	Concluída	07/08/2025	https://faued.ufu.br/graduacao/design	Excluída		Observações
8		Universidade Presbiteriana Mackenzie (Mackenzie)	Não encontradas as palavras-chave	Foram encontradas as palavras-chave "gênero" e "diversidade" nas ementas das disciplinas "Fundamentos Sociais e Políticos e o Design II e III".	Concluída	07/08/2025	https://www.mackenzie.br/graduacao/disco-public-bienopolis/design	Incluída		Observações
9		Universidade do Estado da Bahia (UNEB)	Não encontradas as palavras-chave	Não encontradas as palavras-chave	Concluída	07/08/2025	https://dget.salvador.uneb.br/design/	Excluída		Observações
10		Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE)	Não encontradas as palavras-chave	Foi encontrada a palavra-chave "diversidade" na ementa da disciplina "Eixo Institucional II – Cidadania, Direitos Humanos e Justiça	Concluída	07/08/2025	https://seja.univille.br/cursos/presencial/design-grafico-digital/	Incluída		Observações
11		Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC)			Desconsiderado	17/02/2025	https://www.unoesc.edu.br/cursos/cursos/design/	Excluída		Repetido
12		Centro Universitário Sagrado Coração (UNISAGRADO)	Não foram encontradas as palavras-chave em grupos de pesquisa vinculados ao departamento	Não encontradas as palavras-chave	Concluída	07/08/2025	https://unisagrado.edu.br/graduacao/design	Excluída		Observações
13		Universidade Estácio de Sá (UNESA)	Não encontradas as palavras-chave	Não encontradas as palavras-chave	Concluída	07/08/2025	https://estacio.br/cursos/graduacao/design	Excluída		Observações
14		Universidade São Judas Tadeu (USJT)	Não encontradas as palavras-chave	As palavras-chave "gênero" e "diversidade" foram encontradas na ementa da disciplina "Meio Ambiente, Sustentabilidade e Análise Social".	Concluída	07/08/2025	https://www.usjt.br/graduacao/design-2/	Incluída		Observações
15		Universidade Nove de Julho (UNINOVE)	Não encontrado	Sem resultados pelas palavras-chave nos títulos das disciplinas. A instituição não disponibilizou ementas em contato por e-mail.	Concluída	07/08/2025	https://graduacao.uninove.br/?course=design	Excluída		Observações
16		Universidade Católica de Brasília (UCB)	Não encontradas as palavras-chave	Não encontradas as palavras-chave	Concluída	07/08/2025	https://uch.catolica.edu.br/cursos/presencial/design-visual	Excluída		Observações

Classificação	Tr	Universidades	Grupo de pesquisa	Disciplinas	 Status Pesquisa	 Data de pesquisa	Link	Inclusão / Exclusão	Tr	Observações
17		Centro Universitário de Volta Redonda (UNIFOA)	Não encontradas as palavras-chave	Não encontradas as palavras-chave	Concluída	07/08/2025	https://www.unifoa.edu.br/graduacao/design/	Excluída		Observações
18		Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL)	Não encontradas as palavras-chave	As palavras-chave "gênero" e "diversidade" foram encontradas na ementa da disciplina "Meio Ambiente, Sustentabilidade e Análise Social".	Concluída	07/08/2025	https://www.unisul.br/graduacao/design-2/	Incluída		Observações
19		Centro Universitário São Judas Tadeu (CSJT)			Desconsiderado	07/08/2025	https://www.usjt.br/graduacao/design-2/	Excluída		Repetido
20		Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC GOIÁS)	Não foram encontradas as palavras-chaves.	Sem resultados pelas palavras-chave nos títulos das disciplinas. A instituição não disponibilizou ementas em contato por e-mail.	Concluída	07/08/2025	https://www.pucgoias.edu.br/cursos/graduacao/design/	Excluída		Observações
21		Universidade de São Paulo (USP)	Foi encontrada a palavra-chave "gênero" no grupo de pesquisa "Por um Design Relacional", que	Foi encontrada a palavra-chave "diversidade" na ementa da disciplina "Design, Cultura e Materialidade".	Concluída	07/08/2025	https://www.fau.usp.br/ensino/graduacao/design/	Incluída		Observações
22		Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)	Não encontradas as palavras-chave	Não encontradas as palavras-chave	Concluída	07/08/2025	https://www.ufmg.br/sa/ensino/cursos/design/	Excluída		Observações
23		Universidade Federal do Paraná (UFPR)	Não encontradas as palavras-chave	Não encontradas as palavras-chave	Concluída	07/08/2025	https://saood.ufpr.br/coordesign/	Excluída		Observações
24		Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)	Foi encontrada a palavra-chave "gênero" no "Grupo de Pesquisas Transdisciplinares sobre	"Foi encontrada a palavra-chave "diversidade" na ementa da disciplina "Design e Sociedade - Design e Cultura".	Concluída	07/08/2025	https://www.ufpe.br/design-bacharelado-saa	Incluída		Observações
25		Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)	Não encontradas as palavras-chave	Sem resultados pelas palavras-chave nos títulos das disciplinas. A instituição não disponibilizou ementas em contato por e-mail.	Concluída	07/08/2025	https://designindustrial.eba.ufrj.br/	Excluída		Observações
26		Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)	Não encontradas as palavras-chave	Não encontradas as palavras-chave	Concluída	07/08/2025	https://www.ufrgs.br/comgrad/dsg/	Excluída		Observações
27		Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)	Não encontradas as palavras-chave	Não encontradas as palavras-chave	Concluída	07/08/2025	https://design.ufsc.br/	Excluída		Observações
28		Universidade Federal de Goiás (UFG)	Não encontradas as palavras-chave	Não encontradas as palavras-chave	Concluída	07/08/2025	https://fav.ufg.br/p/design-grafico-e-digital	Excluída		Observações
29		Centro Universitário Belas Artes de São Paulo	Não encontradas as palavras-chave	Não encontradas as palavras-chave	Concluída	07/08/2025	https://www.belasartes.br/graduacao/matriz-cursos-de-graduacao/design-grafico/	Excluída		Observações
30		Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ / ESDI)	Foi identificada a palavra-chave "gênero" no grupo de pesquisa "NUDE - Núcleo de design, corpo e Foram identificadas as	Não encontradas as palavras-chave	Concluída	07/08/2025	https://www.esdi.uerj.br/design/graduacao/cursos	Incluída		Observações
31		Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUCRio)	palavras-chave "gênero" e "sexualidade" no grupo de pesquisa	Não encontradas as palavras-chave	Concluída	07/08/2025	https://www.puc-rio.br/etnoinpesa/ccq/design.html	Incluída		Observações
32		Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP)	Não encontradas as palavras-chave	Foram encontradas as palavras-chave "diversidade" e "decolonial" na disciplina "Antropologia Cultural e Design".	Concluída	07/08/2025	https://www.faac.unesp.br/#!/graduacao/cursos/design/	Incluída		Observações
33		Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM)	Foi encontrado um único grupo de pesquisa com a palavra-chave "gênero", o grupo "JUVENÁLIA:	Não foram encontradas as palavras-chave a partir dos nomes das disciplinas. Ao consultar a coordenação, não foram liberadas as	Concluída	07/08/2025	https://www.espm.br/cursos-de-graduacao/design/	Excluída		Observações
34		Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR)	Não encontradas as palavras-chave	Sem resultados pelas palavras-chave nos títulos das disciplinas. A instituição não disponibilizou ementas em contato por e-mail.	Concluída	07/08/2025	https://www.pucpr.br/cursos-graduacao/design/	Excluída		Observações
35		Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG)	Foi encontrada a palavra-chave "decolonial" no descritivo do grupo "Estudos em Design, Identidade e	Foi encontrada a palavra-chave "gênero" na disciplina "Diversidade e Inclusão".	Concluída	07/08/2025	https://www.uemg.br/graduacao/cursos2/course/design	Incluída		Observações
36		Universidade de Brasília (UnB)			Desconsiderado	24/02/2025	https://design.unb.br/	Excluída		193 Repetido

Classificação	T _r	Universidades	Grupo de pesquisa	Disciplinas	 Status Pesquisa	 Data de pesquisa	Link	Inclusão / Exclusão	T _r	Observações
37		Universidade Federal de Uberlândia (UFU)			Desconsiderado	24/02/2025	https://faued.ufu.br/graduacao/design	Excluída		Repetido
38		Universidade Estadual de Londrina (UEL)			Desconsiderado	24/02/2025	https://graduacao.uel.br/design-grafico/	Excluída		Repetido
39		Universidade Presbiteriana Mackenzie			Desconsiderado	24/02/2025	https://www.mackenzie.br/graduacao/sao-paulo-higienopolis/design	Excluída		Repetido
40		Universidade Federal da Bahia (UFBA)	Não encontradas as palavras-chave	Foi encontrada a palavra-chave "gênero" na disciplina "Introdução Sociologia I".	Concluída	07/08/2025	http://www.belasartes.ufba.br/cursos/graduacao/design/	Incluída		Observações

Apêndices B - Lista final PPG Design nota 3, 4, 5 ou 6 CAPES 2017-2020

Ordem	Tr	Universidades	Nota PPG Acadêmico (1 a 6)	Nota PPG Profissional (1 a 5)	Grupo de pesquisa	Laboratórios	Disciplinas	Inclusão / Exclusão
1		Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC RIO)	6	-	Foi encontrada a palavra-chave "gênero" no grupo de pesquisas Barthes, que pesquisa sobre imaginário, corpo, gênero e subjetividade. O grupo é liderado pela Profª. Drª. Denise Portinari.	Foi encontrada a palavra-chave "gênero" na descrição do laboratório "LaRS - Laboratório de Representação Sensível", coordenado pela Profª. Drª. Denise Portinari.	Não encontradas as palavras-chave.	Incluída
2		Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)	6	-	Não encontradas as palavras-chave.	Não encontradas as palavras-chave.	Não encontradas as palavras-chave.	Excluída
3		Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)	6	-	Não encontradas as palavras-chave.	Não encontradas as palavras-chave.	Não encontradas as palavras-chave.	Excluída
4		Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP - Bauru)	6	-	Não encontradas as palavras-chave.	Não encontradas as palavras-chave.	Não encontradas as palavras-chave.	Excluída
5		Universidade Anhembi Morumbi (UAM)	5	-	Não encontradas as palavras-chave.	Indisponível	Não encontradas as palavras-chave.	Excluída
6		Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG)	5	-	Não encontradas as palavras-chave	Não encontradas as palavras-chave	Foi encontrada a palavra-chave "diversidade" na disciplina "Tópicos Especiais - Design e diversidade: inclusão, cultura, sociedade e outros temas contemporâneos".	Incluída
7		Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)	5	-	Foi identificada a palavra-chave "gênero" no "Grupo de Pesquisas Transdisciplinares sobre Estética, Educação e Cultura", liderado pelo Prof. Dr. Mario de Faria Carvalho. O grupo tem uma linha de pesquisa sobre estética, gênero e Representações sociais na contemporaneidade.	Não encontradas as palavras-chave.	Não encontradas as palavras-chave.	Incluída
8		Universidade Federal do Paraná (UFPR)	5	-	Não encontradas as palavras-chave	Não encontradas as palavras-chave	Não encontradas as palavras-chave	Excluída
9		Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)	5	-	Não encontradas as palavras-chave	Não encontradas as palavras-chave	Não encontradas as palavras-chave	Excluída

Ordem	Tr Universidades	Nota PPG Acadêmico (1 a 6)	Nota PPG Profissional (1 a 5)	Grupo de pesquisa	Laboratórios	Disciplinas	Inclusão / Exclusão
10	Universidade de São Paulo (USP)	5	-	Foi identificada as palavras-chave "gênero" e "decolonial" na descrição do grupo de pesquisa "Por um Design Relacional", liderado pela Profª. Drª. Maria Cecília Loschiavo dos Santos. O grupo trabalha estudos culturais, decoloniais, de gênero e urbanos, sustentabilidade e outros domínios das ciências sociais e aplicadas.	Não encontradas as palavras-chave	Foi encontrada a palavra-chave "gênero" no título da disciplina "Design e Gênero", ministrada pela Profª. Drª. Maria Cecília Loschiavo dos Santos.	Incluída
11	Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE)	-	5	Não encontradas as palavras-chave.	Não encontradas as palavras-chave.	Não encontradas as palavras-chave	Excluída
12	Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)	4	-	Não encontradas as palavras-chave.	Foi identificada a palavra-chave "gênero" na descrição do laboratório "LABMAES - Laboratório de Pesquisa Moda e Sociedade", coordenado pela Profª. Drª. Mara Rúbia Sant' Anna.	Não encontradas as palavras-chave.	Incluída
13	Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ / ESDI)	4	-	Foi identificada a palavra-chave "genero" no grupo de pesquisa "NUDE: Design - Corpo - Tecnopolítica", liderado pelo Prof. Dr. Guilherme Altmayer.	Não encontradas as palavras-chave	Foi identificada a palavra-chave "gênero" na ementa da disciplina "Design, corpo e tecnopolítica".	Incluída
14	Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)	4	-	Não encontradas as palavras-chave.	Indisponível	Não encontradas as palavras-chave	Excluída
15	Universidade Federal do Maranhão (UFMA)	4	-	Foi identificada a palavra-chave "gênero" na descrição do grupo de pesquisa "NIDA - Narrativas em Inovação, Design e Antropologia", liderado pela Profª. Drª Raquel Gomes Noronha. Vinculado à professora foi encontrada a ReLADyG - Rede Latinoamericana de Diseño Y Género (Instagram: @reladyg).	Foi identificada a palavra-chave "gênero" na descrição do "Laboratório NIDA - Narrativas em Inovação, Design e Antropologia" coordenado pela Profª. Drª Raquel Gomes Noronha. Foi encontrado o livro "Design e Gênero: experiências coletivas de ensino" no Instagram do grupo, que provavelmente fez parte dessa iniciativa.	Não encontradas as palavras-chave.	Incluída
16	Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)	4	-	Não encontradas as palavras-chave.	Não encontradas as palavras-chave.	Foi encontrada a palavra-chave "gênero" na ementa da disciplina "Visualização de Dados como Prática Crítica e Reflexiva", ministrada pela Profª. Drª. Doris Kosminsky, que abordar questões de gênero na crítica sobre visualização de dados.	Incluída

Ordem	Tr Universidades	Nota PPG Acadêmico (1 a 6)	Nota PPG Profissional (1 a 5)	Grupo de pesquisa	Laboratórios	Disciplinas	Inclusão / Exclusão
17	Universidade de Brasília (UNB)	4	-	Não encontradas as palavras-chave.	Não encontradas as palavras-chave.	Não encontradas as palavras-chave.	Excluída
18	Universidade do Estado de Santa Catarina (PPG Design de Vestuário e Moda)	-	4	-	-	-	Excluída
19	Universidade Federal do Amazonas (UFAM)	-	4	Foi encontrada a palavra-chave "gênero" no grupo de pesquisa "Design, Gênero e Sustentabilidade - DeGS", liderado pelas Profa. Dra. Larissa Albuquerque de Alencar e Profa. Dra. Sheila Cordeiro Mota.	Não encontradas as palavras-chave.	Não encontradas as palavras-chave.	Incluída
20	Centro Universitário Teresa Dzávila (UNIFATEA) (PPG Design, Tecnologia e Inovação)	-	4	-	-	-	Excluída
21	Centro de Estudos e Sistemas Avançados do Recife (CESAR)	-	3	Foram identificadas as palavras-chave "gênero", "decolonial" e "diversidade" na descrição do grupo de pesquisa "SANKOFA", liderado pela Profª. Drª. Tatalina Cristina Silva de Oliveira. O grupo busca estabelecer a relação entre o design com a cultura material e imaterial, sua relação com a sociedade a partir de um viés decolonial, focando em estudos de gênero, diversidade e inclusão.	Indisponível	Não encontradas as palavras-chave.	Incluída
22	Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)	-	3	Não encontradas as palavras-chave.	Indisponível	Não encontradas as palavras-chave.	Excluída

Apêndices C - RBE - Estudo 1 (Scopus)

Tr	Autores	Tipo	Título publicação	Palavras-chave	Universidade	Ano	Status Leitura	Data de leitura	Link	Inclusão / Exclusão	Tr	Observações
	Mary J. deLeon, C. Cryss Brunner	Artigo	Cycles of Fear: A Model of Lesbian and Gay Educational Leaders' Lived Experiences	ND	ND	2013	Desconsiderado	13/11/2024	https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/001316112454982	Excluída		Fora do campo do design. palavra design usada na tradução literal.
	Eng-Beng Lim	Artigo	Asian megastructure and queer futurity	ND	ND	2016	Desconsiderado	13/11/2024	https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0921374816681871	Excluída		Fora do campo do design. palavra design usada na tradução literal.
	Gormy, R. A., van den Heuvel, D.	Artigo	Introduction: New figurations in architecture theory: From queer performance to becoming trans	ND	ND	2017	Desconsiderado	13/11/2024	ND	Excluída		Fora da área. Arquitetura
	Luzon, D.	Artigo	Exiled from Exile Itself: Jewish Privilege and the Feminist Afterlives of Yiddish in Crazy Ex-Girlfriend and Broad City	ND	ND	2022	Desconsiderado	13/11/2024	https://scholarlypublishingcollective.org/sonup/sall/article-abstract/4177211/118745488/0?from=fulltext&redirectedFrom=fulltext	Excluída		Fora do campo do design. palavra design usada na tradução literal.
	Kuang-Yi Ku; Liang-Kai Yu	Artigo	Between Art, Science, and Queer Ecology: A Conversation Between Kuang-Yi Ku and Liang-Kai Yu	ND	ND	2022	Desconsiderado	13/11/2024	https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/18752160.2022.2035260	Excluída		Fora do campo do design. palavra design usada na tradução literal.
	Díaz Alarcón, S.	Artigo	Ambivalence as a subversive strategy of identity construction in the translation of Nina Bouraoui's <i>Garçon manqué</i> L'Ambivalence comme une stratégie subversive de construction de l'identité dans la traduction de	ND	ND	2023	Desconsiderado	13/11/2024	https://doi.org/10.17533/uaea.mut.v16n1a06	Excluída		Artigo fora da temática
	Tanja Kubes	Artigo	New materialist perspectives on sex robots. A feminist dystopia/utopia?	new materialism; sex robots; robot sex; transversalism; human-machine interaction; sex-positive; diffractive design; queer studies	Technical University of Munich	2019	Desconsiderado	13/11/2024	https://www.mdpi.com/2076-0760/9/8/724	Excluída		Fora do campo do design. palavra design usada na tradução literal.
	Ignacio Elpidio Domínguez Ruiz; Olga Jubany; Malin Roiha; Alexia Rué;	Artigo	Beyond Ambiguity: Mixed Methods for the Design of a Queer Victimisation Survey	Queer studies; mixed methods; victimization	Universidade de Barcelona e Universidade de Santiago de Compostela	2024	Desconsiderado	13/11/2024	https://www.scielo.br/scp/article/doi/10.1590/0035-0010038540gscen8mrcro8ktingen	Excluída		Fora do campo do design. palavra design usada na tradução literal.
	Wolfe, J.	Capítulo de livro	Woolf, Bloomsbury, and Intimacy	ND	ND	2016	Desconsiderado	13/11/2024	https://online.library.oxley.com/234p-intue	Excluída		Fora do campo do design. palavra design usada na tradução literal.
	Kate O'Riordan	Capítulo de livro	Queer Digital Cultures	queer studies; digital media; cyberqueer; sexuality studies	ND	2020	Desconsiderado	13/11/2024	https://www.cambridge.org/core/books/queer-digital-cultures/competition-for-queer-studies-queer-digital-cultures/F23AFAE736A43580CA30A4E14F25386	Excluída		Não conecta as palavras-chave
	Karen Van Godtsenhoven	Capítulo de livro	Affect, haptics, and heterotopia in fashion curation	ND	ND	2021	Desconsiderado	13/11/2024	https://www.bloisfrances.com/chapters/doi/10.4324/9781032444002-7/affect-haptics-heterotopia-fashion-curation-karen-van-godtsenhoven	Excluída		Capítulo de livro com artigos que não conectam as palavras-chave. São encontradas em momentos diferentes.
	Compton, D., Meadow, T., Schilt, K.	Livro	Other, please specify: Queer methods in sociology	ND	ND	2018	Desconsiderado	13/11/2024	ND	Excluída		Fora do campo do design. palavra design usada na tradução literal.
	Amelia Walker, Helen Grimmett, Alison L. Black	Livro	Ludic Inquiries Into Power and Pedagogy in Higher Education: How Games Play Us	ND	ND	2024	Desconsiderado	13/11/2024	https://www.bloisfrances.com/books/doi/10.4324/9781032444002-7/affect-haptics-heterotopia-fashion-curation-karen-van-godtsenhoven	Excluída		Livro com artigos que não conectam as palavras-chave. São encontradas em capítulos diferentes dentro dele.
	Mateusz Stępień, Anna Juzaszek	Livro	Relationships Rights and Legal Pluralism: The Inadequacy of Marriage Laws in Europe	ND	ND	2024	Desconsiderado	13/11/2024	https://www.bloisfrances.com/books/doi/10.4324/9781032444002-7/affect-haptics-heterotopia-fashion-curation-karen-van-godtsenhoven	Excluída		Livro não relacionado com o tema
	Jefferies, Kaisha; Richards, Tiffany; Blinn, Nicole; Sim, Meaghan; Kirk, Sara F.L.; Dhami, Gurmeet; Helwig, Melissa; Iduye, Damilola; Moody, Elaine; Macdonald, Marilyn; Tomblin Murphy, Gail; Martin-Misener, Ruth	Revisão	Food security in African Canadian communities: a scoping review	ND	ND	2022	Desconsiderado	13/11/2024	https://journals.hogrefe.com/doi/abstract/2022/10/00/food_security_in_african_canadian_communities_a3.aspx	Excluída		Revisão fora da temática

Apêndices D - RBE - Estudo 1 (Web of Science)

Tr	Autores	Tipo	Tr	Título publicação	Palavras-chave	Universidade	Ano	Status Leitura	Data de leitura	Link	Inclusão / Exclusão	Tr	Observações
	Everhart, Avery; Hunnicutt, Gwen	Artigo		INTIMATE PARTNER VIOLENCE AMONG SELF-IDENTIFIED QUEER VICTIMS: TOWARDS AN INTERSECTIONAL AWARENESS IN SCHOLARSHIP AND ORGANIZING SURROUNDING GENDER-BASED VIOLENCE	ND	ND	2013	Desconsiderado	10/06/2025	http://dx.doi.org/10.1108/S1528-2126(2013)00015A0007	Excluída		Fora da área do design
	Sigalow, Emily	Artigo		REFLECTIONS ON TEACHING A COURSE ON JEWISH IDENTITIES	ND	ND	2014	Desconsiderado	10/06/2025	http://dx.doi.org/10.1333/ncs.2014.0041	Excluída		Fora da área do design
	Tarasoff, Lesley A.; Epstein, Rachel; Green, Dorteje C.; Anderson, Scott; Ross, Lori E.	Artigo		Using interactive theatre to help fertility providers better understand sexual and gender minority patients	ND	ND	2014	Desconsiderado	10/06/2025	http://dx.doi.org/10.1136/mchm-2014-010616	Excluída		Fora da área do design
	Angeles, Leonora C.; Robertson, Jennifer	Artigo		Empathy and inclusive public safety in the city: Examining LGBTQ+voices and experiences of intersectional discrimination	ND	ND	2020	Desconsiderado	10/06/2025	http://dx.doi.org/10.1016/j.aist.2019.102313	Excluída		Fora da área do design
	Choi, Yeomi; Slaker, Janine S.; Ahmad, Nida	Artigo		Deep strike: playing gender in the world of Overwatch and the case of Geguri	ND	ND	2020	Desconsiderado	10/06/2025	http://dx.doi.org/10.1080/14480777.2019.1643384	Excluída		Fora da área do design
	Mokhtar, Hasnaa; Foley, Ellen E.	Artigo		Advisor-advisee feminist relational mentoring: A heartfelt autoethnographic conversation	ND	ND	2020	Desconsiderado	10/06/2025	http://dx.doi.org/10.1080/02671203	Excluída		Fora da área do design
	Bryant-Lees, Kinsey B.; Kite, Mary E.	Artigo		Evaluations of LGBT job applicants: consequences of applying out	ND	ND	2021	Desconsiderado	10/06/2025	http://dx.doi.org/10.1172/wpsp.2022-0048	Excluída		Fora da área do design
	Brown, Elspeth; McKinney, Cait; Guadagnolo, Dan; Gonzalez, Juan Carlos Mezo; Cunningham, Sid; Inman, Caleigh; Freeman, Zohar; Khuram, Amal; Krishna, Alisha; Stewart, Mackenzie	Artigo		Transmediation as Radical Pedagogy in Building Queer and Trans Digital Archives	ND	ND	2022	Desconsiderado	10/06/2025	https://www.digitalhumanities.org/dhac/vol16/2/000616/000616.html	Excluída		Fora da área do design
	Salter, Nicholas P; Sasso, Thomas	Artigo		The positive experiences associated with coming out at work	ND	ND	2022	Desconsiderado	10/06/2025	http://dx.doi.org/10.1108/EJH-01-2020-0022	Excluída		Fora da área do design
	Marashi, Maryam; Malouka, Sabrina; den Houdyker, Tahlia; Sabiston, Catherine M.	Artigo		Advocating for Gender Equity in Sport: An Analysis of the Canadian Women and Sport She's Got It All Campaign	ND	ND	2023	Desconsiderado	10/06/2025	http://dx.doi.org/10.1172/wpsp.2022-0045	Excluída		Fora da área do design
	Nieves, Angel David	Artigo		For the master's [DH] tools will never dismantle the master's house: An Alternative Primer for a Critical Black DH Praxis	ND	ND	2023	Desconsiderado	10/06/2025	https://www.digitalhumanities.org/dhac/vol16/2/000633/000633.html	Excluída		Fora da área do design
	Ocha, Witchayanee	Artigo		Buddhism, gender, and sexualities: queer spiritualities in Thailand	ND	ND	2023	Desconsiderado	10/06/2025	http://dx.doi.org/10.1108/EJH-01-2020-0025	Excluída		Fora da área do design
	Toh, Gerard W. W.; Koh, Wee Ling; Ho, Jack Chia; Jackson; Maulod, Ad; Tirtajana, Irene; Yang, Peter; Lee, Mathia	Artigo		Experiences of conflict, non-acceptance and discrimination are associated with poor mental well-being amongst LGBTQ-identified individuals in Singapore	ND	ND	2023	Desconsiderado	10/06/2025	http://dx.doi.org/10.1108/EJH-01-2021-0225	Excluída		Fora da área do design
	Ueno, Koji; Ritter, Lacey J.; Ingram, Randi; Jackson, Taylor M.; Saras, Emily Daina; D'Amours, Jason, V; Grace, Jessi	Artigo		Customer harassment against LGBTQ workers: highlighting its uniqueness as a group-based customer harassment	ND	ND	2023	Desconsiderado	10/06/2025	http://dx.doi.org/10.1108/EJH-07-2021-0165	Excluída		Fora da área do design
	Connerty, Michael; Round, Julia	Artigo		Introduction: Comics, Conscience and Gender	ND	ND	2024	Desconsiderado	10/06/2025	http://dx.doi.org/10.1386/soc.20115_4	Excluída		Fora da área do design
	Dutta, Debolina; Srinivasan, Vasanthi	Artigo		Inclusion for LGBTQ talent: a practice theory approach	ND	ND	2024	Desconsiderado	10/06/2025	http://dx.doi.org/10.1108/EJH-05-2020-0236	Excluída		Fora da área do design
	Maji, Sucharita; Rajeev, Devu	Artigo		They kill us mentally: exploring microaggression towards LGBTQIA+ employees in Indian workplaces	ND	ND	2024	Desconsiderado	10/06/2025	http://dx.doi.org/10.1108/EJH-03-2024-0107	Excluída		Fora da área do design
	Obbard, Kiera; Mclean, Lauren	Artigo		Queering the System from within: Autostraddle as a Method for Future Digital Worlds	ND	ND	2024	Desconsiderado	10/06/2025	http://dx.doi.org/10.1080/08144649.2024.2306648	Excluída		Fora da área do design
	Takashino, Nina; Davidson, Robert Joseph; Keeni, Minakshi	Artigo		Traditional family system, local government recognition and citizens' perceptions of homosexuality in Japan: an exploratory study	ND	ND	2024	Desconsiderado	10/06/2025	http://dx.doi.org/10.1108/EJH-05-2023-0151	Excluída		Fora da área do design
	Brajato, Nicola	Artigo		Queer(ing) tailoring: Walter Van Beirendonck and the glorious bastardization of the suit	ND	ND	2020	Concluída	10/06/2025	http://dx.doi.org/10.1386/crit.20005_1	Incluída		Artigo de investigação das práticas de vestuário de Van Beirendonck através de uma análise da sua abordagem queer na alfaiataria
	Hansson, Karin	Artigo		visual methods for desire and wonder in the digital heritage	ND	ND	2023	Concluída	10/06/2025	http://dx.doi.org/10.1177/01417789231201860	Incluída		Artigo sobre uso do design especulativo para explorar imagens do Europeana, o arquivo digital que agrega dados de instituições de memória de toda a Europa.
	Younger, Dean-Henry; Sellars, Nick; James, Alana	Artigo		Mind and muscle: Deconstructing the uniform of masculinity in the time of AIDS	ND	ND	2023	Concluída	10/06/2025	http://dx.doi.org/10.1386/crit.20067_1	Incluída		Artigo sobre a mudança na imagem do vestuário masculino e como a semiótica gay foi associada ao desenvolvimento da postura gay masculina moderna por meio do vestuário e do www.queertheoryjournal.org/

Apêndices E - RBE - Estudo 1 (SciELO)

Tr	Autores	Tipo	Tr	Título publicação	Palavras-chave	Universidade	Ano	Status Leitura	Data de leitura	Link	Inclusão / Exclusão	Tr	Observações
	Souza, Eloisio Moulin de; Carrieri, Alexandre de Pádua	Artigo		A analítica queer e seu rompimento com a concepção binária de gênero	Análítica queer; Pós-estruturalismo; Relações sociais de sexo; Gênero; Foucault	Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)	2010	Desconsiderado	13/11/2024	https://www.scielo.org.br/j/ara/a/g27m5959dnp55a8dNXLq6M/71angpq/	Excluída		Trabalho fora da área do design e palavra designlizada no título em inglês, tradução literal.
	Ezequiel Lozano	Artigo		La intermedialidad en el centro de las propuestas escénicas de Diego Casado Rubio	Cine; Dramaturgia; Intermedialidad; Queer; Tecnología.	Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Buenos Aires	2014	Desconsiderado	13/11/2024	Termo design aparece apenas no abstract	Excluída		Termo design aparece apenas no abstract
	Nicolás Cuello	Artigo		Interrupciones queer: estrategias visuales de desorganización tecnosexual	Culturas Visuales; Tecnologías de Género; Disidencia Sexual; Redes Sociales.	Universidad Nacional de la Plata	2017	Desconsiderado	13/11/2024	https://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1514-16942017000200059&lng=en&tl=pt	Excluída		Termo design aparece apenas no abstract
	Dylan Kukardi; Richard van Rensburg	Artigo		Identity in interaction: sub-cultural intersubjectivities in popular radio conversation on Inxeba	Conversation analysis, queerness, radio, reflexivity, talk, Inxeba, research identity.	University of the Witwatersrand	2018	Desconsiderado	13/11/2024	http://www.scielo.org.za/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1601-1697201800020007&lng=en&tl=pt	Excluída		Termo design aparece apenas no abstract
	Miguel Peraza	Artigo		Planificación urbana, covid-19 y diversidades sexogenéricas en Pereira, Colombia	covid-19; diversidad sexo	FLACSO	2022	Desconsiderado	13/11/2024	http://scielo.senecol.edu.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1124920202000200077&lng=en&tl=pt	Excluída		Artigo da área de arquitetura
	Raikane J. Seretto; Mathildah M. Mokgatle	Artigo		Practice, attitudes and views of right to access of sexual and reproductive health services by LGBTQI among primary health care nurses in Tshwane	experiences; perceptions; primary health care nurses; sexual and reproductive healthcare services; LGBTQI.	Health Sciences University	2023	Desconsiderado	13/11/2024	https://www.scielo.org.za/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2238202023000100013&lng=en&tl=pt	Excluída		Termo design aparece apenas no abstract
	Simone Rossi, Priscila Lena Farias	Artigo		QUEER SCRAPSCAPE: HUDINILSON JR.'S CADERNOS DE REFERÊNCIAS	Hudinilson Jr.; Scrapbooking; Ephemera; Self-design; Narcissus	Universit� luav di Venezia; Universidade de São Paulo (USP)	2023	Desconsiderado	13/11/2024	https://www.scielo.br/j/ara/a/7f23ga6n71p656havyvntf0s/71angpq/	Excluída		Duplicado
	Mg. Diana Mediavilla-Lomas, Dr. Juan-José Igartua	Artigo		CÓMO LOS COMPORTAMIENTOS DE TRANSGRESI�N SOCIAL QUEER INFLUYEN EN LAS AUDIENCIAS	LGBT/LGTBIQ+; entretenimiento; recepción; experimento; emociones; identificación con el protagonista	Universidad de Salamanca	2024	Desconsiderado	13/11/2024	https://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-48572024000100029&lng=en&tl=pt	Excluída		Termo design aparece apenas no abstract
	Simone Rossi, Priscila Lena Farias	Artigo		QUEER SCRAPSCAPE: HUDINILSON JR.'S CADERNOS DE REFERÊNCIAS SCRAPSCAPE JR.S JRS JR. S. S JR	Hudinilson Jr.; Scrapbooking; Ephemera; Self-design; Narcissus	Universit� luav di Venezia; Universidade de São Paulo (USP)	2023	Concl�ida	13/11/2024	https://www.scielo.br/j/ara/a/7f23ga6n71p656havyvntf0s/71angpq/	Incl�ida		O artigo estuda as recorrências formais e estratégias narrativas identificadas em páginas duplas, revelando como elas condensam a poética queer do artista. Apesar de não se aprofundar em muitas terminologias dos estudos

Apêndices F - RBE - Estudo 1 (Google Scholar)

[illegible]

T _r	Autores	 Tipo	T _r	Título publicação	Palavras-chave	Universidade	Ano	 Status Leitura	 Data de leitura	Link	 Inclusão / Exclusão	T _r	Observações
Miano, Leomar;	Artigo	Development and Design of Help Alleviating Poverty Among Lesbian, Gay, Bisexual, Transgender, and Queer (LGBTQ) Through Amplifying Skills (HAPLAS) Extension Project	ND	ND	2022	Desconsiderado	14/11/2024	Excluída	Fora da área do design				
Robbins, Riley;	Artigo	Creating Safe Spaces for Women Through Architecture and Interior Design-Expressed Through the Design of a Queer Women's Bar	ND	ND	2022	Desconsiderado	14/11/2024	Excluída	Fora da área do design				
Alexandersson, Sandra;	Artigo	Queer game design: What kind of game design practices are favored by queer players?	ND	ND	2022	Inacessível	14/11/2024	Excluída	Link indisponível. As palavras-chave estão presentes no título, muito provavelmente ele dialoga com a temática, mas não é possível obter a confirmação com a leitura do artigo completo.				
Alexandersson, Sandra;	Artigo	A Taxonomy of Queer Game Design Experiences in MMOGames	ND	ND	2022	Inacessível	14/11/2024	Excluída	Link indisponível. As palavras-chave estão presentes no título, muito provavelmente ele dialoga com a temática, mas não é possível obter a confirmação com a leitura do artigo completo.				
Ruberg, Bo;	Artigo	Hungry Holes and Insatiable Balls: Video Games, Queer Mechanics, and the Limits of Design	ND	ND	2022	Inacessível	14/11/2024	Excluída	Apesar de abordar a temática queer em estudos de dois vídeo games, o artigo está inacessível.				
Schröder, Rieke;	Artigo	Scandinavian design. The continuous closet and queer refugees in Denmark	ND	ND	2023	Concluída	14/11/2024	Excluída	Fora da área do design. Da área de arquitetura				
Betts, David; Herb, Annika;	Artigo	Queer connections and fostering inclusion: Reflections on qualitative focus group design	ND	ND	2023	Desconsiderado	14/11/2024	Excluída	Fora da área do design				
Liang, Calvin A;	Artigo	Transforming Queer Health Technologies Through Community-Based Systems Design	ND	ND	2023	Desconsiderado	14/11/2024	Excluída	Fora da área do design				
Martínez, Alexandra Samper; Legeyen-Lago, Beatriz; Toro, Diana Moisés;	Artigo	Designing Games in the Margin: Queer and Intersectional Feminist Meanings of Gender Perspective in Videogames Design	ND	ND	2023	Desconsiderado	14/11/2024	Excluída	Fora da área do design				
Reichel, Hanna;	Artigo	After Method: Queer Grace, Conceptual Design, and the Possibility of Theology	ND	ND	2023	Desconsiderado	14/11/2024	Excluída	Fora da área do design				
Valentza, Anna-Maria; Tsagkaropoulou, Antigoni;	Artigo	Service Pet Robot Design: Queer, Feminine and Sexuality Aspects	ND	ND	2023	Desconsiderado	14/11/2024	Excluída	Fora da área do design				
Bettergarcia, Jay; Matsuno, Em; Conner, Kristin J; Geilhuft, Benjamin; Burnes, Theodore R;	Artigo	Effectiveness of a 9-month queer-and trans-affirming training for mental health providers: A waitlist control group design.	ND	ND	2024	Concluída	14/11/2024	Excluída	Fora da área do design				
Axalan, Micah;	Artigo	Queer Public Architecture: Inclusive Public Space Design for Queer Communities in Hawai'i	ND	ND	2024	Desconsiderado	14/11/2024	Excluída	Fora da área do design				
Coulter, Robert Ws; Mahal, Isabella Kaur; Lin, Clarisse A; Schneider, Shari Kessel; Mathias, Aaryn S; Baral, Karuna; Miller, Elizabeth; Abebe, Kaleab Z;	Artigo	Providing lesbian, gay, bisexual, transgender, nonbinary, and queer adolescents with nurturance, trustworthiness, and safety: protocol for pilot cluster randomized controlled trial design	ND	ND	2024	Desconsiderado	14/11/2024	Excluída	Fora da área do design				
Domínguez, Ignacio; Jubany, Olga; Roïha, Malin; Rué, Alexia;	Artigo	Superando la ambigüedad: métodos mixtos para el diseño de una encuesta de victimización queer (Beyond Ambiguity: Mixed Methods for the Design of a Queer Victimisation Survey)	ND	ND	2024	Desconsiderado	14/11/2024	Excluída	Fora da área do design				
Wistow, Hollie;	Artigo	The Stupid, the Ridiculous, the Camp: How Goat Simulator's "Messy" Design Facilitates Queer Play	ND	ND	2024	Desconsiderado	14/11/2024	Excluída	Fora da área do design				
Act, Hatch;	Artigo	LEAD21, 259 Leadership in Energy and Environmental Design (LEED), 82 LENA Start, 111 lesbian, gay, bisexual, transgender, and queer	ND	ND	ND	Desconsiderado	14/11/2024	Excluída	Fora da área do design				
Mitchell, Don; Scott, D Travers;	Artigo	Towards a Queer Urban Design Methodology	ND	ND	ND	Desconsiderado	14/11/2024	Excluída	Fora da área do design				
Pandya, Shemal; Kachru, Tanishka; Beniwal, Sucharita;	Artigo	Developing Queer Pedagogies for Design Education in India	ND	ND	ND	Desconsiderado	14/11/2024	Excluída	Fora da área do design				
Ruiz, Ignacio Elpidio Domínguez; Jubany, Olga; Roïha, Malin; Rué, Alexia;	Artigo	Superando la ambigüedad: métodos mixtos para el diseño de una encuesta de victimización queer Beyond Ambiguity: Mixed Methods for the Design of a Queer Victimisation Survey	ND	ND	ND	Desconsiderado	14/11/2024	Excluída	Fora da área do design				
Series, C;	Artigo	SOEP-Core-2019: Design, Nonresponse, and Weighting in the Sample Q (Queer)	ND	ND	ND	Desconsiderado	14/11/2024	Excluída	Fora da área do design				
Ferreri, V, Galluzzo, L;	Capítulo de livro	La città Queer. Come il design può intervenire nella progettazione di spazi pubblici queer attraverso pratiche partecipative e di innovazione sociale. The Queer City. How to design queer public spaces through participatory	ND	ND	2024	Concluída	14/11/2024	Excluída	Trabalho em Italiano, dentro da temática e com indícios de ser voltado para arquitetura				

Tr	Autores	Tipo	Tr	Título publicação	Palavras-chave	Universidade	Ano	Status Leitura	Data de leitura	Link	Inclusão / Exclusão	Tr	Observações
	Brice, Mattie;	Citação		Queer as in Fuck Me—A Design Manifesto	ND	ND	2014	Desconsiderado	14/11/2024		Excluída		É citação de um artigo não acadêmico
	Panitz, Matthias;	Citação		This is queer Berlin: ein neuartiger Berliner Gay Guide für das Jahr 2015; Gibt es eine schwule Ästhetik? Hat die sexuelle Orientierung Einfluss auf das gestalterische Handeln? Wie entwickelten sich Printmedien für Homosexuelle seit der	ND	ND	2015	Desconsiderado	14/11/2024		Excluída		É citação
	Squinkifer, D;	Citação		Well, This Is Awkward... A radically inclusive, queer theory-inspired approach to game design	ND	ND	2015	Desconsiderado	14/11/2024		Excluída		É citação
	Choi, Min-Hui; Park, Ji-Yeong; Oh, Hyo-Jung; Kim, Yong;	Citação		A Study on the Design of Archival Description Elements for Sexual Minorities Archives: Focus on the Korean Queer Archives	ND	ND	2016	Desconsiderado	14/11/2024		Excluída		É citação
	Yin, Nicci;	Citação		Beyond the here and now: speculative design, feminist queer futurity, and critical utopianism	ND	ND	2016	Desconsiderado	14/11/2024		Excluída		É citação
	Canli, Ece;	Citação		Design History Interrupted. A Queer-Feminist Perspective	ND	ND	2017	Desconsiderado	14/11/2024		Excluída		Não é uma pesquisa, é um site.
	Huttunen, H;	Citação		Visual feminism in Finland. Teoksessa Feminism and Queer in Art Education. Aalto-yliopiston julkaisusarja ADA 7/2018. School of Arts, Design and Architecture	ND	ND	2018	Desconsiderado	14/11/2024		Excluída		É citação
	Killian, N;	Citação		How will we queer design education without compromise?	ND	ND	2018	Desconsiderado	14/11/2024		Excluída		É citação
	Pozo, TD;	Citação		Queer feelings after empathy: Consent, cuteness, haptics, and feminist film theory in queer game design	ND	ND	2018	Desconsiderado	14/11/2024		Excluída		É citação
	Pusa, Tiina; Suominen, Annila;	Citação		Feminism and queer in the art education. Aalto University publication series ADA 7/2018. School of Arts, Design and Architecture	ND	ND	2018	Desconsiderado	14/11/2024		Excluída		É citação
	Granell Vendrell, I;	Citação		Video Games As a Queer Platform. Breaking Past Heteronormative Design. Tampere University of Applied Sciences	ND	ND	2019	Desconsiderado	14/11/2024		Excluída		É citação
	Müller, Henk;	Citação		Queer design	ND	ND	2020	Desconsiderado	14/11/2024		Excluída		É citação
	Van Jaarsveld, Jan-Hendrik;	Citação		Queer(r)ing architecture: The exploration of Queer space through the design of a precinct in Pretoria.	ND	ND	2020	Desconsiderado	14/11/2024		Excluída		É citação
	Beare, Z; Stone, M;	Citação		By Queer People, For Queer People: The 39th ACM International Conference on Design of Communication	ND	ND	2021	Desconsiderado	14/11/2024		Excluída		É citação
	De Vries, L; Fischer, M; Kroh, M; Kühne, S; Richter, D;	Citação		Design, nonresponse, and weighting in the 2019 Sample Q (Queer) of the Socio-Economic Panel	ND	ND	2021	Desconsiderado	14/11/2024		Excluída		É citação
	De Vries, Lisa; Fischer, M; Kroh, Martin; Kühne, Simon; Richter, David;	Citação		SOEP-Core-2019: Design, nonresponse, and weighting in the sample Q (Queer). SOEP Survey Papers 940: Series C	ND	ND	2021	Desconsiderado	14/11/2024		Excluída		É citação
	de Vries, Lisa; Fischer, Mirjam; Kroh, Martin; Kühne, Simon; Richter, David;	Citação		SOEP-Core-2019: Design, nonresponse, and weighting in the Sample Q (queer)	ND	ND	2021	Desconsiderado	14/11/2024		Excluída		É citação
	Harvard, GSD;	Citação		Black in Design 2021: "Black Matter", Designing for Black Queer Pleasure, Joy, and Intimacy	ND	ND	2021	Desconsiderado	14/11/2024		Excluída		É citação
	Kirsch, L; Steidler, M;	Citação		She* s Going Places: An (incomplete) Collection and Design Analysis of Lesbian and Queer Places	ND	ND	2021	Desconsiderado	14/11/2024		Excluída		É citação
	Minden, Jake;	Citação		Corte: assembléias queer para futuros de design alternativo	ND	ND	2021	Desconsiderado	14/11/2024		Excluída		É citação
	Studio, Polymode; Key, J;	Citação		BIPOC Design History: Black Queer Stories in Print: 19th Century to the Harlem Renaissance	ND	ND	2021	Desconsiderado	14/11/2024		Excluída		É citação
	Al Ibrahim, Ibrahim;	Citação		Trauma-informed Design Interventions for Queer Communities Experiencing SUD	ND	ND	2022	Desconsiderado	14/11/2024		Excluída		É citação

[illegible]

Tr	Autores	📄 Tipo	Tr	Título publicação	Palavras-chave	Universidade	Ano	📄 Status Leitura	📅 Data de leitura	Link	📄 Inclusão / Exclusão	Tr	Observações
	Francisco, Susana João;	Dissertação Mest		Meta-morfose: em busca de um design gráfico queer-feminista	ND	ND	2023	Concluída	14/11/2024	https://online.lolaia.pt/jspui/bitstream/10472/64948/1/06-4345-876714554916835	Incluída		Dissertação sobre um design queer feminista através de um ensaio visual
	Oliveira, Felipe Grassine de;	Dissertação Mest		Design abjeto: o queer eu tenho a ver com isso?	ND	ND	2023	Concluída	14/11/2024	https://www.bnd.univ.br/84830/wmlde/720013	Incluída		Dissertação de mestrado que investiga práticas no campo do design que colaboram com o apagamento de corpos dissidentes, tendo como limite a pessoa trans, travesti e não binária.
	Burns, Andrew Simon;	Dissertação Mest		Queer Eye for Costume Design: An Insight into the Creative Process from the Perspective of an LGBTQ+ Designer	ND	ND	2024	Concluída	14/11/2024	https://scholarcommons.us.edu/bit/7759/	Incluída		Dissertação de mestrado que relata o processo criativo e um olhar queer para o design de figurino.
	de Teixeira Mateus, Ricardo Jorge;	Dissertação Mest		Queerzine-As Fanzines como Design de Identidade Queer	ND	Universidade do Porto	2018	Concluída	14/11/2024	https://repositorio.abcp.pt/bitstream/10216/117792/1/tese.pdf	Incluída		Estudo sobre as fanzines como design de identidade queer
	Black, Anthea; Chherawala, Shamina;	Livro		Handbook: Supporting queer and trans students in art and design education	ND	ND	2018	Concluída	14/11/2024	https://www.academia.edu/33347731/101818606_CK_Supporting_Queer_and_Trans_Students_in_Art_and_Design_Education	Incluída		Livro sobre educação, arte e design relacionado ao queer
	Idrees, Afrah;	TCC		The Brown Stripe In Pride: Exploring South Asian Queer Liberation Through Graphic Design	ND	ND	2020	Concluída	14/11/2024	https://www.torontomu.ca/comm/images/Commstu/Theses/2020/IDRES14DESIGN.pdf	Incluída		Tcc sobre uma reflexão do design gráfico desenvolvido pela comunidade queer sul asiática
	Borges, Lucas Mota;	TCC		Laboratório de design queer: experimentação de práticas contra-normativas no design	ND	ND	2022	Concluída	14/11/2024	https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/77386	Incluída		TCC que traz uma proposta de projeto chamado Laboratório de Design Queer e elabora conclusões à partir de conexões entre pensamentos do design e os estudos queer.
	Castro, João Lucas de Sá;	TCC		Design queer e embalagem: um estudo aplicado ao mercado de cervejas artesanais	ND	ND	2023	Concluída	14/11/2024	https://repositorio.bib.pucsp.br/handle/123456789/5879	Incluída		TCC sobre um design queer em embalagem de cerveja
	SILVA, Daniel Oliveira;	TCC		Representatividade queer nos games: tradução intersemiótica do documentário "Stonewall Uprising" para jogo digital	ND	Universidade Federal do Ceará	2019	Concluída	14/11/2024	https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/49746	Incluída		Tcc sobre a representatividade queer nos games
	Edwards, Sally J;	Tese Doutorado		Towards a queer design practice for menswear: Disrupting historical gender (Ed) narratives	ND	ND	2021	Concluída	14/11/2024	https://eprints.qut.edu.au/207207/	Incluída		Tese de doutorado sobre as maneiras pelas quais narrativas históricas de gênero no Ocidente são construídas na história e reforçadas pela moda e pelo vestuário

Apêndices G - RBE - Estudo 2 (Scopus)

Tr	Autores	Tipo	Tr	Título publicação	Palavras-chave	Universidade	Ano	Status Leitura	Inclusão / Exclusão	Tr	Observações
	Lüscher J.; Scholz U.	Artigo		Does social support predict smoking abstinence in dual-smoker couples? Evidence from a dyadic approach	APIM; couples; dyadic data analysis; gender differences; provided social support; Received social support; smoking abstinence	Applied Social and Health Psychology, Department of Psychology, University of Zurich, Zurich, Switzerland	2017	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Shah-Beckley I.; Clarke V.; Thomas Z.	Artigo		Therapists' and non-therapists' constructions of heterosex: A qualitative story completion study	anal sex; BDSM; gender; heteronormativity; heterosexuality; kink; sexual difficulties	Avon and Wiltshire Mental Health Partnership Trust, Bath, United Kingdom; Department of Health and Social Sciences, Faculty of Health and	2020	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Unger R.; Dottolo A.L.	Artigo		III. Historical significance of Shields' 1975 essay: A brief commentary on four major contributions	power; science; second-wave feminism; Stephanie Shields; value free	Brandeis Women's Studies Research Center, United States; Rhode Island College, United States	2016	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Jiang Y.; Reilly-Chammat R.; Cooper T.; Viner-Brown S.	Artigo		Disparities in Health Risk Behaviors and Health Conditions Among Rhode Island Sexual Minority and Unsure High School Students	health risk behavior; high school students; sexual contact; sexual identity; sexual minority; Youth Risk Behavior Survey	Center for Health Data and Analysis, Rhode Island Department of Health, Three Capitol Hill, Providence, 02908, RI, United States; Department of	2018	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Petersson McIntyre M.	Artigo		Gender by Design: Performativity and Consumer Packaging	gendered consumption; gendered design; masculinity; packaging; performativity; sexuality	Centre for Consumer Research, University of Gothenburg, Sweden	2018	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Tarasoff L.A.; Epstein R.; Green D.C.; Anderson S.; Ross L.E.	Artigo		Using interactive theatre to help fertility providers better understand sexual and gender minority patients		Dalla Lana School of Public Health, University of Toronto, Toronto, ON, Canada; Social and Epidemiological Research Department,	2014	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Lim E.-B.	Artigo		Asian megastructure and queer futurity	Architecture; Asia; Megastructure; Performance; Queer; Urban	Dartmouth College, United States	2016	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Jiang Z.; Riggs D.W.; Wang Y.; Chapman A.; Mate S.	Artigo		Beyond generic support: Contextual influences on careers of gender and sexuality diverse groups in higher education	career development; diversity; gender; LGBTQIA+; sexuality; students	Department of Business Administration, Graduate School of Business and Law, RMIT University, Melbourne, Australia; Department of Child and Family Studies, College of Education, Health, and Human Sciences, The University of Tennessee, 115 Jessie	2024	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Olmstead S.B.; Anders K.M.	Artigo		Are the Developmental Features of Emerging Adulthood Associated with Willingness to Engage in Consensually Nonmonogamous Relationships?	Consensual nonmonogamy; Emerging adulthood; Relationship education; Sexual exploration; Sexual identity	Department of Clinical Psychological Science, Maastricht University, Universiteitssingel, 40, Maastricht, 6229 ER, Netherlands; Institute of Psychology;	2022	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Dewitte M.; Mayer A.	Artigo		Exploring the Link Between Daily Relationship Quality, Sexual Desire, and Sexual Activity in Couples	Daily diary; Gender differences; Relationship satisfaction; Sexual activity; Sexual desire	Department of Human Development and Family Studies, University of Wisconsin-Madison, United States; Kinsey Institute, Indiana Department of Medical Social Sciences, Northwestern University Feinberg School of Medicine, 625 N. Michigan Avenue, Suite 2700,	2018	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Ibañez G.E.; Whitt E.; Avent T.; Martin S.S.; Varga L.M.; Cano M.A.; O'Connell D.J.	Artigo		'Love and trust, you can be blinded': HIV risk within relationships among Latina women in Miami, Florida	condom; gender roles; Hispanic; HIV; machismo; marianismo; relationship; women	Department of Epidemiology, Florida International University, Miami, FL, United States; Center for Drug and Health Studies, University of	2017	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Samra R.; Lucassen M.F.G.; Núñez-García A.; Brown K.E.; Rimes K.A.; Wallace L.M.	Artigo		Adult stakeholders' perspectives on supporting or undermining the mental health of sexual and gender minoritised adolescents	adolescents; adult perspectives; gender; gender minority; LGBTQ+; mental well-being; sexual minority; sexuality; support	Department of Health and Social Care, School of Health, Wellbeing and Social Care, The Open University, Milton Keynes, United Kingdom; Department of Human Development and Family Studies,	2024	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Blumenstock S.M.	Artigo		Expectations and Sexual Desire in Romantic Relationships: An Experimental Investigation of Pleasure and Emotional Closeness Expectancies among Young Adults		University of Wisconsin-Madison, United States; Kinsey Institute, Indiana Department of Medical Social Sciences, Northwestern University Feinberg School of Medicine, 625 N. Michigan Avenue, Suite 2700,	2022	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Macapagal K.; Coventry R.; Arbeit M. R.; Fisher C.B.; Mustanski B.	Artigo		"I Won't Out Myself Just to Do a Survey": Sexual and Gender Minority Adolescents' Perspectives on the Risks and Benefits of Sex Research	Adolescence; Parental consent; Research ethics; Sexual behavior; Sexual orientation	Department of Philosophy and Religious Studies, Simon Muzenda School of Arts, Culture and Humanities, Great Zimbabwe University,	2017	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Chibango C.; Chibango S.T.	Artigo		Prevalence and under-reporting of sexual abuse in Ruwa: A human rights-based approach	culture; gender; human rights; religion; sexual abuse; under-reporting; Zimbabwe	Department of Psychological Interventions, School of Psychology, University of Surrey, Surrey, Guildford, United Kingdom	2022	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Lumsdale G.S.; Frith H.; Hale L.	Artigo		'Cheering on from the side-lines': The perceived impact of romantic partners' commentary and behaviour on maintaining women's appearance anxiety	appearance anxiety; body dysmorphic disorder; CBT; cognitive Behavioural therapy; eating disorders; romantic partner's; women	Department of Psychology, Georgia State University, Atlanta, GA, United States; Department of Counseling and Human Development, Department of	2024	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Parrott D.J.; Bresin K.; Hequembourg A.; Vella B.; Swartout K.M.; Stappenbeck C.A.; Masyn K.E.; Grom J.L.	Artigo		Dyadic effects of minority stress and problematic alcohol use on sexual intimate partner violence in same sex couples	alcohol use; domestic violence; gender minority; minority stress; sexual minority	Department of Psychology, Georgia State University, Atlanta, GA, United States; Department of Counseling and Human Development, Department of	2023	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Bergeron S.; Vaillancourt-Morel M.-P.; Pélouquin K.; Rosen N.O.	Artigo		Intimacy Promotes Couples' Sexual Well-Being on a Daily Basis and Over One Year: The Role of Positive Sexual Cues	Couples; Dyadic; Intimacy; Positive sexual cues; Sexual well-being	Psychology, Université de Montréal, C.P. 6128, Succursale Centre Ville, Montréal, H3C 3J7, QC, Canada; Department of	2024	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Milani S.; Armstrong T.; Dalmaijer E.; Anwyl-Irvine A.; Dawson S.J.	Artigo		Examining Attentional Biases Elicited by Sexual Stimuli Using MouseView.js: An Online Paradigm to Mimic Eye Movements		Department of Psychology, University of British Columbia, Canada; Department of Psychology, Whitman College, United States; School of	2023	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design

Tr	Autores	Tipo	Tr	Título publicação	Palavras-chave	Universidade	Ano	Status Leitura	Inclusão / Exclusão	Tr	Observações
	Thompson A.E.; Byers E.S.	Artigo		An Experimental Investigation of Variations in Judgments of Hypothetical Males and Females Initiating Mixed-Gender Threesomes: An Application of Sexual Script Theory	Consensual nonmonogamy; Heteronormativity; Mixed-gender threesomes; Mononormativity; Sexual double standard	Department of Psychology, University of Minnesota Duluth, 320 Bohannon Hall 1207, Ordean Court, Duluth, 55812-3010, MN, United States;	2021	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Sewell K.K.; McGarrity L.A.; Strassberg D.S.	Artigo		Sexual Behavior, Definitions of Sex, and the Role of Self-Partner Context Among Lesbian, Gay, and Bisexual Adults		Department of Psychology, University of Utah, United States	2017	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Rehman U.S.; Tran V.; Byers E.S.; Rosen N.O.	Artigo		A Mixed-Method Analysis of Women's Attributions about Their Partner's Pornography Use		Department of Psychology, University of Waterloo, Canada; Department of Psychology, University New Brunswick, Canada; Department of Department of Public Health, Pacific University, Forest Grove, OR, United States; School of Social Work, University of Washington, Seattle, Department of Reader in Health Psychology, School of Health Sciences and Social Care, Brunel University, Uxbridge, Middlesex, United Kingdom; Department of Shariah Economic Law, Faculty of Shariah and Law, Universitas Islam Negeri Syarif Hidayatullah, Jakarta, Indonesia; Department	2021	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Town M.A.; Walters K.L.; Orellana E. R.	Artigo		Discriminatory distress, HIV risk behavior, and community participation among American Indian/Alaska Native men who have sex with men	American Indian/Alaska Native (AI/AN); community participation; discriminatory distress; HIV risk behavior; men having sex with men		2021	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Reynolds F.; Shepherd C.	Artigo		Young women's accounts of intimate partner violence during adolescence and subsequent recovery processes: An interpretative phenomenological analysis			2011	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Alimin; Gunawan F.; Muttaqin A.; Boulahneane S.	Artigo		Sexuality communication ethics in the Qur'an: A semantic analysis on coitus verses	coitus verses; communication ethics; linguistics; Qur'anic; semantics; sexuality		2022	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Thomas B.	Artigo		Attitude towards Sexuality: Perceptions of Male University Students in Gujarat	Feminist Theory; Gender	Department of Social Work, Sardar Patel University, Gujarat, India	2023	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Dubé S.; Lavoie F.; Blais M.; Hébert M.	Artigo		Consequences of Casual Sex Relationships and Experiences on Adolescents' Psychological Well-Being: A Prospective Study		École de psychologie, Université Laval, Canada; Département de sexologie, Université du Québec à Montréal, Canada	2017	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Souleymanov R.; Brennan D.J.; George C.; Utama R.; Ceranto A.	Artigo		Experiences of racism, sexual objectification and alcohol use among gay and bisexual men of colour	alcohol use; Ethnoracialized gay and bisexual men; racism; sexual objectification	Factor-Inwentash Faculty of Social Work, University of Toronto, Toronto, ON, Canada; Faculty of Health Sciences, University of Ontario Institute of	2020	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Halstead J.; Rolvsjord R.	Artigo		The gendering of musical instruments: what is it? Why does it matter to music therapy?	electric guitar; Feminism; gender; material culture; music therapy; sexuality	GAMUT – The Grieg Academy Music Therapy Research Centre, University of Bergen, Bergen, Norway	2017	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Matthiesen S.; Pietras L.; Bode H.; Cholmakow-Bodechtel C.; Cerwenka S.; Pfister M.; von Rüden U.; Steinacker G.; Wiessner C.; Briken P.; Dekker A.	Artigo		Methodology of the German National Sex Survey–GeSID (German Health and Sexuality Survey)		Institute for Sex Research, Sexual Medicine and Forensic Psychiatry, University Medical Centre Hamburg-Eppendorf, Germany; Kantar	2021	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Bhattacharjee P.; Campbell L.; Thalinja R.; Nair S.; Doddamane M.; Ramanaik S.; Isac S.; Beattie T.S.	Artigo		Understanding the Relationship Between Female Sex Workers and Their Intimate Partners: Lessons and Initial Findings From Participatory Research in North Karnataka, South India	condom; female sex worker; HIV; intimate partner; violence	Karnataka Health Promotion Trust, Bangalore, India; University of Manitoba, Winnipeg, MB, Canada; University of Bristol, Bristol, United Kingdom	2018	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Zhang H.; Liu Y.; Wang X.; Cui Z.; Wang H.; Liu X.; Wagner U.; Echtermoff G.	Artigo		Benefits of collaborative remembering in older and younger couples: the role of conversation dynamics and gender	Collaborative remembering; conversation dynamics; gender; intimate couples; transactive memory systems	Key Research Base of Humanities and Social Sciences of the Ministry of Education, Academy of Psychology and Behavior, Tianjin	2023	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Samakao M.; Manda H.	Artigo		Effects of gender-based violence on students' well-being: A case of Mufulira College	academic and non-academic effects; comprehensive sexual and reproductive health; effects of GBV; GBV; sexuality; student well-being; students' health	Kwame Nkrumah University, Kabwe, Zambia; Faculty of Theology and Religion, University of Pretoria, Pretoria, South Africa; Department of Matthew Goniwe	2023	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Chinangure F.; Mutekwe E.	Artigo		Exploring university students' gender role attitudes and their effects on sexuality and behaviour towards hiv/aids prevention: A case study	Abuse; Attitudes; Behaviour change; Gender discourses; Sexuality	School of Leadership and Governance, South Africa; Vaal University of Technology, Department of Communication and	2014	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Vallerand O.	Artigo		Living pictures: Dragging the home into the gallery	Domesticity; Elmgreen and Dragset; Gender; Installations; Mark Robbins; Queer space theory; Sexuality	McGill University's School of Architecture, Canada	2013	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Ciston S.	Artigo		Intersectional artificial intelligence is essential: Polyvocal, multimodal, experimental methods to save AI	Algorithms; Artificial Intelligence; Bias; Computational Media; Critical Race Theory; Experimental Practice; Feminism; Gender; Intersectionality;	Media Arts + Practice, School of Cinematic Arts, University of Southern California, United States	2019	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Straayer C.	Artigo		Trans men's stealth aesthetics: navigating penile prosthetics and 'gender fraud'	disclosure; gender dysphoria; gender fraud; penile prosthetic; sexuality; stealth aesthetics; transgender; Transsthetics	ND	2020	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Hart I.	Artigo		May Morris, Dorothy Walker, and the Legacies of the Arts and Crafts Interior	Arts and Crafts; gender; historic preservation; history; interiors; inclusion; research methods; historical	ND	2023	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design

Tr	Autores	Tipo	Tr	Título publicação	Palavras-chave	Universidade	Ano	Status Leitura	Inclusão / Exclusão	Tr	Observações
	Vernon F.	Artigo		The adventure (sex)pedition: revisiting Kurt Hahn's educational aims	Adventure education; Conversion therapy; Critical pedagogy; Experiential education; German history; Homophobic pedagogies; Kurt Hahn;	Northern Arizona University, Flagstaff, AZ, United States	2020	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Lau C.K.	Artigo		Taste and Transgression: Gender and Sexuality in the Contemporary Avant-Garde Fashion of Bernhard Wilhelm	avant-garde; Bernhard Wilhelm; gender; sexuality; transgression	Parsons School of Design, NY, United States	2020	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Sparrow R.; Horn E.; Eyssel F.	Artigo		Do Robots Have Sex? A Prolegomenon	Ethics; Gender; Human-robot interaction; Robots; Sex; Social robotics	Philosophy Program, Faculty of Arts, Monash University, Melbourne, Australia; Center for Cognitive Interaction Technology (CITEC), Bielefeld Postgraduate Institute of Medical Education and Research (PGIMER), Chandigarh, India; Centre for Sexuality and Health Research and Policy	2023	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Chakrapani V.; Kaur M.; Tsai A.C.; Newman P.A.; Kumar R.	Artigo		The impact of a syndemic theory-based intervention on HIV transmission risk behaviour among men who have sex with men in India: Pretest-posttest non-equivalent comparison group trial		Psychology Department, Pace University, New York, NY, United States; Department of Psychology, Stony Brook University, Stony Brook	2022	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Rosenthal L.; Lobel M.	Artigo		Gendered racism and the sexual and reproductive health of Black and Latina Women	African American; black; discrimination; disparities; gendered racism; hispanic; intersectionality; Latina; mistrust; pregnancy; reproductive health;	Department of Psychology, Stony Brook University, Stony Brook	2020	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Crankshaw T.L.; Voce A.; Butler L.M.; Darbes L.	Artigo		Expanding the relationship context for couple-based HIV prevention: Elucidating women's perspectives on non-traditional sexual partnerships	Couple-based; Dyads; HIV disclosure; Pregnant women; Prevention of mother-to-child transmission; Trust	Medicine, School of Nursing and Public Health, University of KwaZulu-Natal 236 George Campbell Building, Howard	2016	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Boston J.	Artigo		Voice Praxis: Social Positionality in UK Spoken Word Practice	gender; intersectionality; pedagogy; pitch; praxis; prosody; race; speech; Voice	Royal Central School of Speech and Drama, London, United Kingdom	2023	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Schouten V.; Henrickson M.; Cook C. M.; McDonald S.; Atefi N.	Artigo		Intimacy for older adults in long-term care: a need, a right, a privilege—or a kind of care?		School of Humanities, Media and Communication, Massey University, Palmerston North, 4474, New Zealand; School of Humanities, School of Psychological Science, Oregon State University, 2950 SW Jefferson Way, Corvallis, 97331, OR, United States; Collee	2021	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Lamb K.M.; Stawski R.S.; Dermody S.S.	Artigo		Religious and Spiritual Development from Adolescence to Early Adulthood in the U.S.: Changes over Time and Sexual Orientation Differences	Adolescence; Religiosity; Sexual orientation; Sexuality; Spirituality	School of Social Sciences, Monash University, Melbourne, Australia	2021	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Young M.; Roberts S.	Artigo		"Shifting old-fashioned power dynamics"? women's perspectives on the gender transformational capacity of the dating app, Bumble	conversation initiation; Dating app; digitally mediated; gender roles; online dating; sexuality	School of Social Sciences, Monash University, Melbourne, Australia	2023	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Adams J.; Neville S.	Artigo		Exploring talk about sexuality and living gay social lives among Chinese and South Asian gay and bisexual men in Auckland, New Zealand	bisexual; Chinese; gay; HIV; men's health; Sexuality; South Asian	SHORE & Whānaki Research, College of Health, Massey University, Auckland, New Zealand; Department of Nursing, Auckland University of Social Medicine and Global Health, Department of Clinical Sciences, Clinical Research Centre, Lund University, Jan Waldenströms gata 35, Sodzo International, School of Public Health, University of Texas, Houston, United States; Division of Management, Policy and Community Health.	2020	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Asamoah B.O.; Agardh A.	Artigo		Individual- and Family-Level Determinants of Risky Sexual Behavior Among Swedish- and Foreign-Born Young Adults 18–30 Years of Age, Residing in Skåne, Sweden	Family-level determinants; Foreign-born; Individual-level determinants; Sexual behavior; Swedish-born; Young people	School of Public Health, University of Texas, Houston, United States; Division of Management, Policy and Community Health.	2018	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Goodman M.L.; Selwyn B.J.; Morgan R.O.; Lloyd L.E.; Mwongera M.; Gitari S.; Keiser P.H.	Artigo		Sexual Behavior among Young Carers in the Context of a Kenyan Empowerment Program Combining Cash-Transfer, Psychosocial Support, and Entrepreneurship		School of Public Health, University of Texas, Houston, United States; Division of Management, Policy and Community Health.	2016	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Low R.	Artigo		Beyond zero-sum thinking in teacher education: cognitive science, educational neuroscience, and the history of education	Cognitive load theory; Culture; Gender; History of education; Neuroscience; Sex; Sexuality; Teacher education	Sydney School of Education and Social Work, University of Sydney, Camperdown, Australia	2023	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Wirth M.	Artigo		Creationism and anti-gender: About theology of creation and moral discomfort; [Kreationismus und Anti-Gender über Schöpfungstheologie und moralisches Unbehagen]	Binarität; Enzyklika Amoris Laetitia; Ethik; Freiheit; Gender; Genesis 1; Intelligent Design; Kreationismus; LGBTQI; Naturwissenschaften;	Systematische Theologie (Ethik), Institut für Systematische Theologie, Theologischen Fakultät, Universität	2023	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Vallerand O.	Artigo		Learning from... (or "the need for queer pedagogies of space")	Design education; feminist pedagogy; gender; queer pedagogy; sexuality; student support	The Design School, Arizona State University, United States	2018	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Ayouch T.	Artigo		Psychoanalysis and trans-identities: Heterotopias; [Psychanalyse et transidentités: Hétérotopies]	Foucault M.; Gender; Heterotopias; Psychoanalysis; Sexual difference; Trans-identities; Trans-sexuality	Université Charles de Gaulle - Lille 3, UFR de psychologie, Domaine du Pont-de-Bois, BP 60149, Villeneuve d'Ascq, 59653, France; Universidade de São	2015	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Hardon A.; Ilmi Idrus N.	Artigo		Magic Power: Changing gender dynamics and sex-enhancement practices among youths in Makassar, Indonesia	gender; Indonesia; sexuality	University of Amsterdam, Amsterdam, Netherlands; Hasanuddin University, Makassar, Indonesia	2015	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Fantone L.	Artigo		Video games and queerness in California	design; gender; independent production; sexuality; video games	University of California Berkeley, United States	2014	Concluída	Excluída		Apesar de inicialmente incluído, o artigo é um relato sobre uma conferências de games e cultura queer, sem aprofundamento teórico, metodológico ou prático. Por isto, foi desconsiderado.

Tt	Autores	Tipo	Tt	Título publicação	Palavras-chave	Universidade	Ano	Status Leitura	Inclusão / Exclusão	Tr	Observações
	Crosby R.A.; Milhausen R.R.; Graham C.A.; Yarber W.L.; Sanders S.A.; Charnigo R.; Strier L.A.	Artigo		Likelihood of Condom Use When Sexually Transmitted Diseases Are Suspected: Results From a Clinic Sample	condoms, health protective behavior; perceived susceptibility; sex behavior	University of Kentucky, Lexington, KY, United States; Indiana University, Bloomington, IN, United States; University of	2014	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Bushard A.J.	Artigo		What to do over the week-end: Towards an understanding of distraction, advertising and newspaper coverage of the Kansas City jazz scene in the 1930s	Advertising; Aesthetics; Gender; Interior design; Jazz; Journalism; Kansas City; Kansas City jazz; Media; Race; Sexuality	University of Nebraska, Lincoln, United States	2019	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Canli E.	Artigo		Binary by Design: Unfolding Corporeal Segregation at the Intersection of Gender, Identity and Materiality	Binarism; coloniality; design; gender and sexuality; material practices	University of Porto, Porto, Portugal	2018	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Hruz P.W.	Artigo		Deficiencies in Scientific Evidence for Medical Management of Gender Dysphoria	Cross-sex hormones; Evidence-based medicine; Gender dysphoria; Gender identity; Medical research; Puberty blockade; Risk-benefit	Washington University School of Medicine, St. Louis, MO, United States	2020	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Potvin J.	Capítulo de livro		Destabilizing the scenario of design: Queer/trans/gender-neutral	Gender; Gender neutral; Modernism; Object; Performance; Queer; Sexuality; Space; Trans; Universal	Concordia University, Montreal, Canada	2019	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Daley A.; Costa L.; Ross L.E.	Capítulo de livro		Sexing up the Psychiatric Record: A Pilot Study of the Documentation of Women's Sexuality in Psychiatric In-Patient Charts	Gender; medical record; mental health; sexuality; women	School of Social Work, York University, Toronto, Canada; Psychiatric Survivor Archives of Toronto, Canada; Department of Psychiatry, University	2020	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Drucker D.J.	Capítulo de livro		The Vaginal Photoplethysmograph and Devices for Women: Gauging Female Arousal	Labial thermistor; Sex research; Sexual arousal; Sexuality; Vaginal photometer; Vaginal photoplethysmograph	Technische Universität Darmstadt, Caroline-Herschel-Str. 14, Darmstadt, 64293, Germany	2014	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	O'Donnell A.T.; Foran A.-M.	Revisão		The link between anticipated and internalized stigma and depression: A systematic review	Anticipated stigma; Depression; Internalized stigma; Self-stigma; Systematic review	Centre for Social Issues Research, Department of Psychology, Faculty of Education and Health Sciences, University of Limerick, Limerick, Departments of Psychology and Women's Studies, Reproductive Sciences Program, University of Michigan, Ann Arbor, MI 48109, 530 Church	2024	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Van Anders S.M.; Goldey K.L.; Bell S. N.	Revisão		Measurement of testosterone in human sexuality research: Methodological considerations	Androgen; Gender; Saliva; Sexuality; Testosterone	Centre for Social Issues Research, Department of Psychology, Faculty of Education and Health Sciences, University of Limerick, Limerick, Departments of Psychology and Women's Studies, Reproductive Sciences Program, University of Michigan, Ann Arbor, MI 48109, 530 Church	2014	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Stokes A.	Artigo		The Glass Runway: How Gender and Sexuality Shape the Spotlight in Fashion Design	culture; fashion; gender; inequality; work	USA University of Waterloo, Canada; University of Texas, Austin, United States	2015	Concluída	Incluída		Aborda questões sobre homens e mulheres terem mais ou menos destaque no campo da moda.

Apêndices H - RBE - Estudo 2 (Web of Science)

Tr	Autores	Tipo	Tr	Título publicação	Palavras-chave	Universidade	Ano	Status Leitura	Inclusão / Exclusão	Tr	Observações
	Birke, Lynda	Artigo		Structuring relationships: On science, feminism and non-human animals	ND	ND	2010	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Hastie, Brianne; Rimmington, David	Artigo		'200 years of white affirmative action': White privilege discourse in discussions of racial inequality	ND	ND	2014	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	De Ridder, Sander	Artigo		Are digital media institutions shaping youth's intimate stories? Strategies and tactics in the social networking site Netlog	ND	ND	2015	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Rydstrom, Helle	Artigo		Politics of colonial violence: Gendered atrocities in French occupied Vietnam	ND	ND	2015	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Sloan, Colleen A.; Berke, Danielle S.; Zeichner, Amos	Artigo		Bias-motivated Aggression against Men: Gender Expression and Sexual Orientation as Risk Factors for Victimization	ND	ND	2015	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Fielden, Sandra L.; Jepson, Hannah	Artigo		An exploration into the career experiences of lesbians in the UK	ND	ND	2016	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Unger, Rhoda; Dottolo, Andrea L.	Artigo		III. Historical significance of Shields' 1975 essay: A brief commentary on four major contributions	ND	ND	2016	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Kamenou, Nayla	Artigo		Sexuality, gender and the (re)making of modernity and nationhood in Cyprus	ND	ND	2019	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Popa-Velea, Ovidiu; Diaconescu, Liliana Veronica; Ion, Florentina Alexandra; Stefancu, Denisa; Trutescu, Carmen	Artigo		Attachment style and perceived discrimination: Associations with depression among young lesbian, gay, and bisexual Romanian adults	ND	ND	2019	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Taylor, Evan T.; Bryson, Mary K.; Boschman, Lorna; Hart, Tae L.; Gahagan, Jacqueline; Rail, Genevieve; Ristock, Janice	Artigo		The Cancer's Margins Project: Access to Knowledge and Its Mobilization by LGBTQ/T Cancer Patients	ND	ND	2019	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Mainiero, Lisa	Artigo		Workplace romance versus sexual harassment: a call to action regarding sexual hubris and exploitation in the #MeToo era	ND	ND	2020	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Bishop, Sophie	Artigo		Influencer Management Tools: Algorithmic Cultures, Brand Safety, and Bias	ND	ND	2021	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Cushman, Ellery G.; Avramov, Kiril	Artigo		Eurosodom: Specifics of Weaponized Sexuality and Gender-Based Narratives in Contemporary Russian and Pro-Russian Disinformation	ND	ND	2021	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Formato, Federica	Artigo		Production and reception of father's construction of their daughter's sexuality on Twitter	ND	ND	2021	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Hall, Lucy	Artigo		Programming the machine: gender, race, sexuality, AI, and the construction of credibility and deceit at the border	ND	ND	2021	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Allen, Laura L.; Johnson, Gavin P.	Artigo		Driving Innovation: Analyzing Mobile Ridesharing App Interfaces and Moving Toward Community-Based User Experience (CBX)	ND	ND	2023	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Camenius, Robin; Sandman, Tua	Artigo		Women in the Malestream Study of Crime: Exploring Three Swedish Journals throughout the Last Century	ND	ND	2023	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Ocha, Witchayanee	Artigo		Buddhism, gender, and sexualities: queer spiritualities in Thailand	ND	ND	2023	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Racine, Elise E.	Artigo		Sexuality and gender within Afghanistan's bacha bereesh population	ND	ND	2023	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design

T _r	Autores	Tipo	T _r	Título publicação	Palavras-chave	Universidade	Ano	Status Leitura	Inclusão / Exclusão	Observações
	Smith, Chelsie J.; Dupre, Kathryn E.; Dionisi, Angela M.	Artigo		Sexual misconduct reporting: the silencing effects of hegemonic masculinity	ND	ND	2023	Desconsiderado	Excluída	Fora da área do design
	Wang, Yiming; Tan, Jia	Artigo		Participatory Censorship and Digital Queer Fandom: The Commercialization of Boys' Love Culture in China	ND	ND	2023	Desconsiderado	Excluída	Fora da área do design
	Coe, Georgia	Artigo		Writing themselves in: Indigenous gender and sexuality diverse Australians online	ND	ND	2024	Desconsiderado	Excluída	Fora da área do design
	Mata-Nunez, Almudena	Artigo		Age representations of older women in TV fiction. Fleabag as a case study	ND	ND	2024	Desconsiderado	Excluída	Fora da área do design
	Riggs, Alexandra Teixeira	Artigo		For queer lovers and friends: an exploration of queer connection by design in the Lex Mobile App	ND	ND	2024	Desconsiderado	Excluída	Fora da área do design
	Stokes, Allyson	Artigo		THE GLASS RUNWAY: How Gender and Sexuality Shape the Spotlight in Fashion Design	ND	ND	2015	Concluída	Incluída	Artigo que analisa o design de moda como uma ocupação feminizada
	McBrinn, Joseph	Artigo		'The work of masculine fingers': the Disabled Soldiers' Embroidery Industry, 1918-1955	ND	ND	2018	Concluída	Incluída	Artigo sobre a inter-relação entre masculinidade, deficiência, artesanato e modernidade no período entre guerras na Grã-Bretanha, com base na história do design, na teoria de gênero e sexualidade e ~~este artigo analisa~~
	McIntyre, Magdalena Petersson	Artigo		Gender by Design: Performativity and Consumer Packaging	ND	ND	2018	Concluída	Incluída	Artigo que traça a representação de gênero em embalagens produzidas em massa durante uma época em que o privilégio masculino está sendo desafiado e a objetificação visual feminina está sendo ~~performatizada~~
	Schultz, Tristan; Abdulla, Danah; Ansari, Ahmed; Canli, Ece; Keshavarz, Mahmoud; Kiern, Matthew; Martins, Luiza Prado de O.; de Oliveira, Pedro J. S. Vieira	Artigo		What Is at Stake with Decolonizing Design? A Roundtable	ND	ND	2018	Concluída	Incluída	Artigo sobre uma mesa redonda foi conduzida pelos oito membros fundadores do Decolonising Design. Group em outubro de 2017, por meio de uma plataforma de mensagens online. Cada membro abordou o design e a ~~descolonialidade da mesma~~
	Canli, Ece	Artigo		Binary by Design: Unfolding Corporeal Segregation at the Intersection of Gender, Identity and Materiality	Binarism; Coloniality; design; gender and sexuality; material practices	Universidade do Porto	2018	Concluída	Incluída	Artigo que propõe uma mudança epistemológica e metodológica para designers e pesquisadores de design como uma forma possível de desafiar regimes binários dentro da disciplina de design

Apêndices I - RBE - Estudo 2 (SciELO)

Tr	Autores	Tipo	Tr	Título publicação	Palavras-chave	Universidade	Ano	Status Leitura	Inclusão / Exclusão	Tr	Observações
	Philippa Klug; Debbie Vigar-Ellis	Artigo		Gender differences in student attitudes towards sexual appeals in print advertising	sexual appeals, gender differences	University of KwaZulu-Natal	2012	Desconsiderado	Excluída		Termo design aparece apenas no abstract
	Leticia Suárez-López, Catherine Menkes Bancet	Artigo		¿Cuáles son los contextos que favorecen el uso del condón en adolescentes?	adolescente; condón; sexualidad; inequidad de género; México	Instituto Nacional de Salud Pública Dirección de Salud Reproductiva Cuernavaca, México; Universidad Nacional Autónoma de México	2024	Desconsiderado	Excluída		Termo design aparece apenas no abstract
	Barragán-Pérez, Virginia; Fouilloux-Mo	Artigo		Generaciones centenal y milenial: actitudes hacia la sexualidad	ND	ND	2021	Desconsiderado	Excluída		Termo design aparece apenas no abstract
	León A. Damián	Artigo		Arquitecturas, cuerpos y poder: reflexiones teóricas sobre el trazado de cartografías sexuales urbanas Facebook Twitter	sexualidad; urbanidad; poder; deseo; heterotopias	Universidad Autónoma de Querétaro	2021	Desconsiderado	Excluída		termo design refere-se a desenhos de arquitetura, área da publicação
	Julio Cesar Huamani-Cahua, Estefany Cecilia Ojeda-Flores, Walter L Arias-Gallegos, Ferdinand Eddington Ceballos Bejarano, José Manuel Calizaya López	Artigo		Análisis psicométrico de la Escala de Machismo Sexual (EMS-Sexismo-12) en estudiantes universitarios de Arequipa, Perú	Machismo sexual; Sexismo; Sexualidad; Psicometria	Universidad Católica San Pablo; Universidad Nacional de San Agustín de Arequipa	2023	Desconsiderado	Excluída		Termo design aparece apenas no abstract
	Mar Venegas	Artigo		Un modelo sociológico para investigar las relaciones afectivosexuales	teoría sociológica, género, sexualidad, afectividad, amor, cuerpo, feminismo, educación afectivosexual, educación sexual.	Universidad de Granada, España	2011	Desconsiderado	Excluída		Termo design aparece apenas no abstract
	Gerardo Macías-Valadez-Márquez, María Gabriela Luna-Lara	Artigo		Validación de una Escala de Mandatos de Género en universitarios de México	mandatos de género; escala; medición; validez; jóvenes adultos	Universidad de Guanajuato	2018	Desconsiderado	Excluída		Termo design aparece apenas no abstract
	Ana Magdalena Solis Calvo	Artigo		Nociones, conceptos y preocupaciones del profesorado bilingüe en Chiapas. Una aproximación desde la perspectiva de género	tesis profesionales; género; análisis de contenido; educación intercultural; docentes	Universidad Nacional Autónoma de México	2024	Desconsiderado	Excluída		Termo design aparece apenas no abstract
	Maria Carmen Aires Gomes	Artigo		Identidades de gênero no movimento funk: um estudo explanatório crítico de notícias jornalísticas brasileiras	ADC; Identidades de Género; Midia; Corpo	Universidade Federal de Viçosa	2016	Desconsiderado	Excluída		Palavra design aparece como parte de outras como "designar"
	Eloisio Moulin de Souza, Alexandre de Pádua Carriari	Artigo		Análitica queer e seu rompimento com a concepção binária de gênero	Análitica queer; Pós-estruturalismo; Relações sociais de sexo; Género; Foucault	Universidade Federal do Espírito Santo; Universidade Federal de Minas Gerais	2010	Desconsiderado	Excluída		Palavra design aparece como parte de outras como "designar"
	Gicela Muñoz Gañana/ Dayan López B	Artigo		Sistematización de experiencias de coeducación en la educación básica alternativa en Colombia	edagogia experimental; rol sexual; estereotipos	Universitaria Minuto de Dios-UNIMINUTO, I.E. Pbro Antonio José Bernal Londoño S.J. Colombia	2022	Desconsiderado	Excluída		Termo design aparece apenas no abstract
	Ashnie Mahadewi; Dipane Hlalelell	Artigo		Challenging Gender Certainties in Early Childhood Care and Education: A Participatory Action Learning and Action Research Study	early childhood care and education, gender, certainties, participatory action learning and action research	University of KwaZulu-Natal	2022	Desconsiderado	Excluída		Termo design aparece apenas no abstract
	Bethan Jones	Artigo		Producing and Branding Gender in Comics: My So-Called Secret Identity and the Ambivalence of an Alternative Address	ND	ND	2017	Concluída	Incluída		O artigo analisa como os processos de produção e branding da HQ selecionada foram utilizados em para textos para comercializar MSCSI para as mulheres como audiências especificamente de gênero. Apesar de não se analfinutar
	Laura Zambrini	Artigo		Diseño e indumentaria: una mirada histórica sobre la estética de las identidades de género	Gender; Dressing; Society; Desing; Aesthetics	Universidad de Buenos Aires; Doctorado en Diseño de la Universidad de Palermo	2019	Concluída	Incluída		O artigo busca uma discussão histórica sobre identidade de gênero no campo do design de moda.

Apêndices J - RBE - Estudo 2 (Google Scholar)

Tr	Autores	Tipo	Tr	Título publicação	Palavras-chave	Universidade	Ano	Status Leitura	Inclusão / Exclusão	Tr	Observações
	Lucinda Grummitt1 Author Orcid Image ; Sasha Bailey1 Author Orcid Image ; Erin V Kelly1 Author Orcid Image ; Louise Birrell1 Author Orcid Image ; Lauren A Gardner1 Author Orcid Image ; Jillian Halladay1, 2, 3 Author Orcid Image ; Cath	Artigo		Refining the Universal, School-Based OurFutures Mental Health Program to Be Trauma Informed, Gender and Sexuality Diversity Affirmative, and Adherent to Proportionate Universalism: Mixed Methods Participatory Design Process	ND	ND	2024	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	E Lamontagne, S Howell, A Yakusik	Citação		Preprint: Sexuality Research and Social Policy The global survey on happiness, health, and well-being among sexual and gender minority: design and ...	ND	ND	2022	Desconsiderado	Excluída		É citação
	Matthew Wood	Dissertação Mest		Bodies, cultures and health: young people constructing and contesting gender and sexuality through design and digital technology	ND	Newcastle University	2021	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Maicantis, Phaedra Maria	Dissertação Mest		Gender and Sexuality in Design: Discourses on Gender, Sexuality and Inclusivity in Community Design and Analysis of Theoretical Frameworks for Gender-Neutral and Gender-Sensitive Design	ND	University of Guelph	2016	Concluída	Excluída		A dissertação não é da área do design, mas da área de arquitetura
	Merry E. Wiesner-Hanks, Urmi Engineer Willoughby	Livro		A Primer for Teaching Women, Gender, and Sexuality in World History: Ten Design Principles	ND	ND	2018	Concluída	Excluída		O livro não é da área do design
	Adam Kozaczka	Revisão		A Primer for Teaching Women, Gender & Sexuality in World History: Ten Design Principles	ND	ND	2018	Concluída	Excluída		A revisão de livro já foi listada
	Simão Marcos Apocalypse Maria José Vicentini Jorente	Artigo		DESIGN DA INFORMAÇÃO EM REPOSITÓRIOS INSTITUCIONAIS: contribuições para a visibilidade de trabalhos referentes à comunidade LGBT, diversidade de gênero e sexualidade	Erebd. Informação e Tecnologia. Design da Informação. Repositório Institucional Digital. LGBT.	ND	2018	Concluída	Incluída		Artigo que analisa o design da informação em repositórios institucionais para a busca de conteúdos com temática LGBT
	PORTINARI, Denise ; ALTMAYER, Guilherme ; CÔRTEZ, Nina Reis ; SOUZA, Rafael Ricarte ; FAGURY, Sumaya Lima ; SOUZA, Isis Reis	Artigo		Design, Corpos e Política: gênero, sexualidade e performatividade	Design; gênero e sexualidade; ativismo,	ND	2022	Concluída	Incluída		Artigo sobre a relação entre design, corpos e política através do conceito de gênero, sexualidade e performatividade
	Maria José Vicentini Jorente, Simão Marcos Apocalypse	Artigo		Contribuições do Design da informação para a visibilidade de conteúdos que perpassem a temática LGBT, diversidade de gênero e sexualidade convergidos em Repositórios Digitais.	Design da Informação, Repositórios institucionais, LGBT, Diversidade de Gênero e Sexualidade.	UNESP	2019	Concluída	Incluída		Artigo que analisa as contribuições do design da informação para a visibilidade de conteúdos com temática LGBT no repositório da unesp
	Allyson Stokes	Artigo		The Glass Runway: How Gender and Sexuality Shape the Spotlight in Fashion Design	ND	University of Texas at Austin, University of Waterloo	2015	Concluída	Incluída		Artigo sobre como gênero e sexualidade moldam os holofotes do design de moda
	Pasqualotto, Felipe Petik	Dissertação Mest		Estratégias de design para comunicação de marca voltadas ao público LGBT: considerações sobre sexualidade e identidade de gênero para a metodologia "TXM branding"	ND	Universidade Federal de Santa Catarina	2018	Concluída	Incluída		Dissertação sobre estratégias de design para comunicação de marca voltadas ao público LGBT
				Título publicação							Observações

Apêndices K - RBE - Estudo 3 (Google Scholar)

Tr	Autores	Tipo	Tr	Título publicação	Palavras-chave	Universidade	Ano	Status Leitura	Inclusão / Exclusão	Tr	Observações
	Ramos, Rosinda de Castro Guerra;	Artigo		Gênero, IFA e design de cursos: relato de uma experiência	English for Academic Purpose; EAP; Textual genres; Course design	ND	2017	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Apocalypse, Simão Marcos; Jorente, Maria José Vicentini;	Artigo		DESIGN DA INFORMAÇÃO EM REPOSITÓRIOS INSTITUCIONAIS: contribuições para a visibilidade de trabalhos referentes à comunidade LGBT, diversidade de gênero e sexualidade	Erebd. Informação e Tecnologia. Design da Informação. Repositório Institucional Digital. LGBT.	ND	2018	Concluída	Excluída		Artigo que analisa o design da informação em repositórios institucionais para a busca de conteúdos com temática LGBT. Foi excluído pois já apareceu no estudo anterior: Estudo 2 Google Scholar.
	Dias, Jaciluz; Ferreira, Helena Maria;	Artigo		UMA ANÁLISE DO GÊNERO CAPA DE JORNAL: UMA LEITURA DOS (NÃO) DITOS NO DIA INTERNACIONAL DA MULHER À LUZ DA GRAMÁTICA DO DESIGN VISUAL	ND	ND	2018	Desconsiderado	Excluída		Fora da área de gênero
	FERNANDES, MARINA PIQUET;	Artigo		O INTERIOR À MARGEM: O PAPEL DO GÊNERO NO PROCESSO DE PROFISSIONALIZAÇÃO DO DESIGN DE INTERIORES	ND	ND	2018	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Lima, Erick Bergamini da Silva;	Artigo		Quest Design Canvas: um modelo de criação de quests para jogos digitais de gênero RPG	ND	ND	2018	Desconsiderado	Excluída		Fora área do design
	Pasqualotto, Felipe Petik;	Artigo		Estratégias de design para comunicação de marca voltadas ao público LGBT: considerações sobre sexualidade e identidade de gênero para a metodologia "TXM branding"	ND	ND	2018	Desconsiderado	Excluída		Fora da área de gênero
	Ribeiro, Otávio Leonídio;	Artigo		O papel do gênero no processo de profissionalização do Design de Interiores	ND	ND	2018	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Jorente, Maria José Vicentini; Apocalypse, Simão Marcos;	Artigo		Contribuições do Design da informação para a visibilidade de conteúdos que perpassem a temática LGBT, diversidade de gênero e sexualidade convergidos em Repositórios Digitais.	ND	ND	2018	Indisponível	Excluída		Desconsiderado por falta de acesso
	Nepomuceno, Arlete Ribeiro; de Paes, Vera Lucia Viana;	Artigo		Gramática sistêmico-funcional & gramática do design visual: metafunções da linguagem na análise do gênero publicitário digital	ND	ND	2019	Desconsiderado	Excluída		Não fala sobre gênero
	Zacar, Cláudia Regina Hasegawa; dos Santos, Marinês Ribeiro;	Artigo		Relações de gênero no design de interiores: o uso de referências à natureza na configuração de ambientes femininos e masculinos expostos na Casa Cor Paraná	ND	ND	2019	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	de Oliveira, Mariana Nobre; de Medeiros, Wellington Gomes;	Artigo		Design e Dissidência Queer: considerações sobre questões de gênero no design	Design; Queer; Gênero; Normatividade	ND	2021	Desconsiderado	Excluída		Artigo Duplicado
	PORTINARI, Denise; ALTMAYER, Guilherme; CÔRTEZ, Nina Reis; SOUZA, Rafael Ricarte; FAGURY, Sumaya Lima; SOUZA, Isis Reis;	Artigo		Design, Corpos e Política: gênero, sexualidade e performatividade	Design; gênero e sexualidade; ativismo	ND	2022	Concluída	Excluída		Artigo sobre a relação entre design, corpos e política através do conceito de gênero, sexualidad e performatividade. Excluído pois já apareceu no Estudo 2 Google Scholar.
	Santana, Juliana Bezerra de Melo Pereira;	Artigo		Distinção de gênero à luz da tributação no Brasil: um policy design para redução de desigualdades	ND	ND	2023	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Minchilo, Paula Márcia Alves Quinaud; Safar, Gisele Hissa; Rezende, Edson José Carpintero;	Artigo		Design, gênero e sociabilidade urbana no Baixo Centro de Belo Horizonte	Design, mulheres	ND	2024	Concluída	Excluída		Fora do campo do design, pesquisa da arquitetura
	Minchilo, Paula Márcia Alves Quinaud; Safar, Gisele Hissa; Rezende, Edson José Carpintero;	Artigo		Design, gênero e sociabilidade urbana no Baixo Centro de Belo Horizonte	Design, mulheres	ND	2024	Desconsiderado	Excluída		Artigo duplicado
	Lage, Bárbara Dias;	Artigo		A evolução das receitas culinárias Uma discussão sobre comportamento, gênero textual e design.	ND	ND	ND	Desconsiderado	Excluída		Fora da área de gênero
	VERÍSSIMO, LUCAS DANIEL;	Artigo		DIRETRIZES DE DESIGN PARA PROJETO DE JOGOS DO GÊNERO "ESCAPE ROOM" BASEADO NA GERAÇÃO DE EMOÇÕES	ND	ND	ND	Desconsiderado	Excluída		Fora do campo de gênero
	Verissimo, Lucas Daniel; Felinto, Alan Salvany;	Artigo		Diretrizes de design para projeto de jogos do gênero "escape room" baseado nas suas emoç oes geradas	ND	ND	ND	Desconsiderado	Excluída		Fora do campo de gênero
	Zacar, Cláudia Regina Hasegawa; dos Santos, Marinês Ribeiro;	Artigo		O COZINHAR GOURMET COMO PRÁTICA MARCADA PELO GÊNERO NO DESIGN DE INTERIORES DOMÉSTICOS EM EXIBIÇÃO NA CASA COR PARANÁ	ND	ND	ND	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design

Tr	Autores	Tipo	Tr	Título publicação	Palavras-chave	Universidade	Ano	Status Leitura	Inclusão / Exclusão	Tr	Observações
	Barreto, Carol; Soares, Leandro;	Artigo		NARRATIVAS DA APARÊNCIA: A MATERIALIZAÇÃO DO GÊNERO NO DESIGN DE MODA	Estudos de Gênero, Design de Moda, Processos Criativos	UFBA, UNEB	2013	Desconsiderado	Excluída		Artigo Duplicado
	Oliveira, Talita Pellissari; Gosch, Maruan Coltro, Junior, Aleteonir Jose Tomasoni;	Artigo		TODOS: O DESIGN COMO ESTRATÉGIA EM UM APLICATIVO INTERATIVO PARA CONSCIENTIZAÇÃO DA IGUALDADE DE GÊNERO	ND	Unoesc Xanxerê	2018	Indisponível	Excluída		Artigo indisponível
	Rezende, Alexandre Cantini; de Almeida Chagas, Maria das Graças; de Souza, Tamyres Lucas Manhães; Silva, Tathiana Sanches Tavares;	Capítulo de livro		Design de personagens voltado para reflexões sobre diversidade e representatividade de gênero em games	ND	ND	2017	Desconsiderado	Excluída		Artigo duplicado
	Ruviaro, Almerly Junior; Lisbôa, Maria da Graça Portela;	Capítulo de livro		coleção de design de moda sem gênero e a teoria queer	ND	ND	ND	Indisponível	Excluída		Capítulo indisponível
	DE LINGUAGENS, E SUAS TECNOLOGIAS;	Dissertação Mestrado		UMA PROPOSTA DE ABORDAGEM DA INCLUSÃO SOCIAL NO ENSINO FUNDAMENTAL A PARTIR DA GRAMÁTICA DO DESIGN VISUAL POR MEIO DO GÊNERO CURTA-METRAGEM	ND	ND	ND	Desconsiderado	Excluída		Fora do campo de gênero
	Cunha, Andreia Honório da;	Dissertação Mestrado		Tiras e gramática do design visual: a produção de sentidos no gênero multimodal	Gênero de tiras, Artes gráficas, Sociossemiótica	PUC SP	2017	Desconsiderado	Excluída		Fora da área dos estudos de gênero
	de Paulo Aggio, Maria Victoria; Reuter, Verônica Andrade de Oliveira Santos;	TCC		Design de moda sem gênero: feita para pessoas	ND	ND	2022	Indisponível	Excluída		Link indisponível e não foi encontrado em outros links
	Santos, Ycaro Kayk Fernandes Ferreira dos;	TCC		Métodos e fórmulas de game design que fomentaram o sucesso dos jogos digitais do gênero RPG	Prototipagem, Jogos digitais, Teste, RPGs, Pré-produção, Modelagem	PUC Goiás	2022	Desconsiderado	Excluída		Fora da área dos estudos de gênero
	Zacar, Cláudia Regina Hasegawa;	Tese Doutorado		O design de interiores como prótese de gênero: um estudo sobre a Casa Cor Paraná (1994-2017)	ND	ND	2018	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design, é da arquitetura.
	Rocha, Gustavo; Santos, Silva; Mesquita, Cristiane;	Artigo		Design de aparência da Pombagira: cruzos entre corpos e representações de gênero na Umbanda	Appearance design, body, Umbanda, Pombagira	Anhembi Morumbi University	2023	Concluída	Incluída		Artigo sobre design e a representação de gênero na Umbanda
	Blanco, Beatriz;	Artigo		Representatividade de gênero no game design: conceitos e problemáticas	game design, gênero, queer, representatividade	Centro Universitário Senac São Paulo	2017	Concluída	Incluída		Artigo sobre a representatividade de gênero no game design
	Paschoarelli, Luis Carlos; Menin, Mariana; Silva, Danilo Corrêa; de Albuquerque Campos, Livia Flávia; da Silva, José Carlos Plácido;	Artigo		Antropometria da mão humana: influência do gênero no design ergonômico de instrumentos manuais	Ergonomic Design, Anthropometry; Handle Instruments	FAAC/UNESP	2010	Concluída	Incluída		Artigo sobre a influência do gênero no design ergonômico de instrumentos manuais
	Rocha, Michael Garcia; Goya, Cláudio Roberto Y;	Artigo		Design de leques: uma coleção de leques artesanais ambivalentes de gênero	Design, Moda, Artesanato	FAAC/UNESP	2017	Concluída	Incluída		Artigo sobre design de leques
	Contini, Guilherme Cardoso; Rossi, Dorival Campo; Silva, Larissa Maués Pelúcio;	Artigo		PARALELOS DE GÊNERO E SEX DESIGN: TRANSDISCIPLINARIDADE DOS ARTEFATOS	Sex Design; Queerização; Mercado Erótico; Tecnologia; Transdisciplinaridade	FAAC/UNESP	2021	Concluída	Incluída		Artigo com reflexões sobre sex design na trajetória de artefatos
	Alves, Aline Kedma Araujo; Taralli, Cibele Haddad;	Artigo		Relações de gênero no design de interiores	design de interiores; relações de gênero; profissionalização	FAU USP	2022	Concluída	Incluída		Artigo que investiga as relações de gênero no design de interiores
	da Silva Oliveira, Jéssica Lane; de Freitas, Ana Paula Nazaré;	Artigo		GÊNERO E IDENTIDADE NO DESIGN DE BRINQUEDOS DO GRUPO LEGO®	Design, Epistemologia do Design, Gênero, Design de Brinquedos.	ND	2016	Concluída	Incluída		Artigo com análise sobre o papel do designer nos processos de construção de identidades de gênero através de uma análise da representação de características associadas a homens e mulheres em brinquedos do Grupo LEGO.
	Lima, Ana Gabriela Godinho;	Artigo		A questão do gênero no processo de projeto em arquitetura e design	ND	ND	2016	Concluída	Incluída		Artigo que analisa a questão do gênero no processo de projeto em arquitetura e design
	Safar, Giselle Hissa; Dias, Maria Regina Alvares Correia;	Artigo		Estudos de gênero e seu impacto na história do design	ND	ND	2016	Concluída	Incluída		Artigo sobre os estudos de gênero e a contribuição para a história do design
	Zambrini, Maria Laura;	Artigo		Olhares sobre moda e design a partir de uma perspectiva de gênero	Gênero , Design , Cultura , Moda	ND	2016	Concluída	Incluída		Artigo considerando os olhares sobre moda e design a partir de uma perspectiva de gênero

Tr	Autores	Tipo	Tr	Título publicação	Palavras-chave	Universidade	Ano	Status Leitura	Inclusão / Exclusão	Tr	Observações
	Caldeira, Aline; Soares, Astreia;	Artigo		DESIGN CONTEMPORÂNEO DE BRINQUEDOS E A EXPOSIÇÃO DA CRIANÇA A ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO	Gênero. Criança. Brinquedo.	ND	2017	Concluída	Incluída		Artigo sobre crianças, brinquedo, educação e o design contemporâneo
	Pezzin, Olivia Chiavareto;	Artigo		Pictogramas para banheiros de gênero neutro- exercício acadêmico em design social	pictograma, banheiro neutro, design social, educação em design	ND	2017	Concluída	Incluída		Artigo com estudo de pictogramas para banheiros de gênero neutro
	Portela, Raiama Lima; Noronha, Raquel Gomes; de Araújo, Mariana Gomes Lúcio; de Pádua Aboud, Camila; Souza, Frank William;	Artigo		Design, gênero e metaprojeto: a construção de uma ferramenta para fotolicitação em uma comunidade artesã	design; artesanato; fotolicitação; metaprojeto; tecnologias de gênero.	ND	2017	Concluída	Incluída		Artigo sobre a construção de uma ferramenta para fotolicitação em uma comunidade artesã
	Siqueira, Leonardo Coelho;	Artigo		Design como formador de opinião: uma breve discussão entre a construção social de gênero e a estética.	ND	ND	2017	Concluída	Incluída		Artigo sobre a discussão entre a construção social de gênero e a estética
	Braga, Virginia Reis; da Silva, Flávio Silvério, Caetano, Paulo Henrique;	Artigo		Desafios para uma Cidadania Plena: A Questão do Design Urbano sem Gênero	Design sem gênero, Cidadania plena, Sustentabilidade, Direitos das mulheres, Direitos LGBTQ	ND	2018	Concluída	Incluída		Artigo com reflexões sobre o design urbano de gênero considerando campo da moda, da publicidade e da música
	de Oliveira Zabotti, Manoela; Lima, Vanessa Wendhausen; Maurilio, Rafael Hoffmann;	Artigo		O DESIGN DE CAPAS DE LIVROS INFANTIS E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA REFORÇAR A CONSTRUÇÃO DE ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO	Design Social; Esteréotipos de Gênero; Livros Infantis	ND	2018	Concluída	Incluída		Artigo sobre o design de capas de livros infantis e os estereótipos de gênero
	Castro, Fabiane Rodrigues; Oliveira, Corina Minsky; Lima, Paula Garcia;	Artigo		Memória do gênero feminino e do design gráfico através de periódicos do século XX	gênero; impresso; memória	ND	2019	Concluída	Incluída		Artigo que analisa memória do gênero feminino e do design gráfico através de periódicos do século XX
	Zacar, Cláudia Regina Hasegawa; dos Santos, Marinês Ribeiro;	Artigo		O design de interiores como prótese de gênero: um estudo sobre ambientes projetados para casais e para crianças	História do Design, Teoria do Design, Design de interiores, Relações de Gênero	ND	2020	Concluída	Incluída		Artigo sobre o design de interiores como prótese de gênero na CASACOR
	Altmayer, Guilherme; Veras, Leno;	Artigo		Design é coisa de veado: estratégias para o desenho de uma plataforma digital para memórias sexo e gênero dissidentes	design político, gênero e sexualidade, políticas de memória	ND	2021	Concluída	Incluída		Artigo que analisa o design como meio que dá forma a discursos e investiga possibilidades de uma queerização, ou estranhamento do Design para dar a ver algumas implicações políticas e reconhecibilidades étnicas etc.
	de Menezes, Laisleine Bezerra; Barros, Camila Bezerra Furtado;	Artigo		QUESTÕES DE GÊNERO E DESIGN CRÍTICO: TRADUÇÃO INTERSEMÍOTICA NO LIVRO CORPOS QUE IMPORTAM, DE JUDITH BUTLER	design editorial; gênero; design crítico; tradução intersemiótica	ND	2021	Concluída	Incluída		Artigo com análise e tradução intersemiótica do livro Corpos que Importam de Judith Butler
	Ferro, Débora; Correia, Walter; Araújo, Kátia;	Artigo		Design, gênero e poder: opressão do discurso hegemônico sobre o corpo feminino e estratégias de transgressão por mulheres com câncer de mama	artefatos; corpo feminino; câncer de mama; autoimagem; tecnologias de gênero,	ND	2021	Concluída	Incluída		Artigo com análise da opressão do discurso hegemônico sobre o corpo feminino e estratégias de transgressão por mulheres com câncer de mama
	Habeck, Sofia Zancanaro; Ferreira, Leticia Schneider;	Artigo		O USO DE EDIÇÃO DE IMAGEM E DESIGN NA DIVULGAÇÃO DE PROJETOS DE PESQUISA E UMA ANÁLISE DA BUSCA POR CONTEÚDO SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE	Edição de imagem, NEPGS, Design	ND	2021	Concluída	Incluída		Artigo sobre o uso da edição de imagens e do design na divulgação de projetos de pesquisa, analisando a busca por conteúdo sobre gênero e sexualidade
	Oliveira, Maria Eliane de Andrade; Cavalcanti, Virginia Pereira;	Artigo		Design e gênero: o sexismo dentro do universo das relações capitalistas	Design; Gênero; Capitalismo	ND	2021	Concluída	Incluída		Artigo sobre o sexismo dentro do universo das relações capitalistas sob a ótica do design e dos artefatos
	Oliveira, Mariana Nobre de; Medeiros, Wellington Gomes de;	Artigo		Design e Dissidência Queer: considerações sobre questões de gênero no design	Design; Queer; Gênero; Normatividade	ND	2021	Concluída	Incluída		Artigo sobre questões de gênero no design
	Maia, Alessandra Maria Silva Santos; Maia, Dante Oliveira; Dominici, Marcos Aurélio; Noronha, Raquel Gomes;	Artigo		Design Anthropology e a construção do diálogo sobre gênero em uma escola de ensino médio	Design Anthropology; gênero; educação; teatro; práticas de correspondência	ND	2022	Concluída	Incluída		Artigo sobre design, antropologia e a construção do diálogo sobre gênero em uma escola de ensino médio
	Souza, Paulo Vitor Araujo; Farias, Luiza Gomes Duarte de; Noronha, Raquel Gomes;	Artigo		Design participativo, gênero e artesanato: reflexões sobre a lacuna de equidade de gênero entre mulheres artesãs	design participativo; gênero; artesanato	ND	2022	Concluída	Incluída		Artigo com reflexões sobre a lacuna de equidade de gênero entre mulheres artesãs
	Menezes, Yasmin; Grassine, Felipe; Altmayer, Guilherme;	Artigo		Design e gênero: marcações binárias na Ergonomia	design e política, teoria queer, Ergonomia, práticas de design, opressão	ND	2023	Concluída	Incluída		Artigo que apresenta um olhar queerizado sobre alguns aspectos de bibliografias de Ergonomia usualmente utilizadas em disciplinas de graduação em design, com ênfase em produto, em universidades etc.
	Cresto, Lindsay Jemima; França, Maureen Schaefer;	Artigo		"Aqui não bordamos almofadas": estereótipos de gênero na trajetória de mulheres na História do Design	ND	ND	2024	Concluída	Incluída		Artigo sobre os estereótipos de gênero na trajetória de mulheres na História do Design
	Ferreira, Thaciana Caroline Belarmino; Araújo, Kátia Medeiros de; Mendes, Leticia Teixeira;	Artigo		Design, gênero e fabricação digital: reflexões sobre atividades e projetos do laboratório universitário Grea3D (UFPE)	ND	ND	2024	Concluída	Incluída		Artigo sobre a participação de mulheres nos ambientes de fabricação digital

Tr	Autores	Tipo	Tr	Título publicação	Palavras-chave	Universidade	Ano	Status Leitura	Inclusão / Exclusão	Tr	Observações
	Talita Meier Marques Rodrigues; Denise Berruezo Portinari;	Artigo		Gênero no Design: a reprodução dos ideais de masculinidade e feminilidade	gênero, desenho industrial, cultura material, semiologia	PUC RJ	2016	Concluída	Incluída		Artigo sobre a reprodução dos ideais de masculinidade e feminilidade no design de produtos para cuidado pessoal
	de Oliveira Junior, Nythamar Hilario Fernandes; Zapata, Maximiliano;	Artigo		Design de moda e cultura Queer: o devir-drag como expressão de gênero	ND	PUC RJ	2017	Concluída	Incluída		Artigo sobre design de moda e cultura queer
	de Lima, Caroline Barreto; da Silva, Leandro Soares;	Artigo		Narrativas da Aparência: a materialização do gênero no design de moda	Estudos de Gênero, Design de Moda, Processos Criativos	UFBA, UNEB	2013	Concluída	Incluída		Artigo que estuda as relações entre os Estudos de Gênero e os Processos Criativos empreendidos na criação de obras artísticas e de design de moda
	Ferreira, Wilton Carvalho;	Artigo		Discurso, design e informação: performatividades de gênero na série Power Rangers	ND	UFPE	2023	Concluída	Incluída		Artigo com análise sobre design da informação e performatividade de gênero na série Power Rangers
	Bianca Mendes Rati; Marcos Namba Beccari;	Artigo		Esteréotipos de gênero e apelos retóricos no design gráfico: um modelo de análise	Design gráfico, gênero, retórica, modelo analítico	UFPR	2020	Concluída	Incluída		Artigo sobre estereótipos de gênero e apelos retóricos no design gráfico
	Bianca Mendes Rati; Marcos Namba Beccari;	Artigo		Gênero neutro e design gráfico: uma análise discursiva das marcas de cosméticos Simple Organic e Fluide	discurso, gênero-neutro, design gráfico, cosméticos	UFPR	2020	Concluída	Incluída		Artigo com análise crítica sobre design e gênero neutro em duas marcas de cosmético analisadas
	Rezende, Alexandre Cantini; de Almeida Chagas, Maria das Graças; de Souza, Tamyres Lucas Manhães; Silva, Tathiana Sanches Tavares;	Capítulo de livro		DESIGN DE PERSONAGENS VOLTADO PARA REFLEXÕES SOBRE DIVERSIDADE E REPRESENTATIVIDADE DE GÊNERO EM GAMES	ND	ND	2017	Concluída	Incluída		Artigo sobre a representatividade de gênero em games
	Almeida, Ana Julia Melo;	Capítulo de livro		Gênero como modo de leitura para a história do design	ND	ND	2024	Concluída	Incluída		Capítulo que apresenta o gênero como modo de leitura para a história do design
	Noronha, Raquel Gomes;	Capítulo de livro		Narrativas em design e gênero: crítica e especulação para futuros possíveis	ND	ND	2024	Concluída	Incluída		Capítulo que apresenta narrativas sobre design e gênero
	MOTTA, FELIPE EIRAS GEOFFROY;	Dissertação Mestrado		REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE DIVERSIDADE DE GÊNERO POR ALUNOS DE CURSO SUPERIOR DE DESIGN DE MODA NO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO	ND	ND	2020	Concluída	Incluída		Dissertação sobre representações sociais de gênero no curso de design de moda
	OLIVEIRA, Mariana Nobre de;	Dissertação Mestrado		Representação de gênero no design de embalagem: expressão de neutralidade nos atributos visuais de produtos dermocosméticos nacionais.	ND	ND	2022	Concluída	Incluída		Dissertação sobre a representação de gênero no design de embalagem
	Melo, Fabiana Maffezzolli de;	Dissertação Mestrado		Gestão de design e abordagem sistêmica como ferramentas para construção de moda sem gênero	ND	ND	2024	Concluída	Incluída		Dissertação que analisa abordagens sistêmicas em moda sem gênero
	Gonçalves, Eduardo Barros;	Dissertação Mestrado		Design, heteronormatividade e condições de trabalho: reflexões sobre corpo, gênero e precarização do designer	Design, Heteronormatividade, Gênero, Materialidades, Condições de trabalho, Precarização do trabalho	UFRJ	2020	Concluída	Incluída		Dissertação sobre heteronormatividade e condições de trabalho
	Maestri, Desirée Sant'Anna;	Dissertação Mestrado		Ux design, gênero e tecnologia: a mídia do conhecimento como instrumento para inclusão de mulheres	ND	UFSC	2019	Concluída	Incluída		Dissertação sobre Ux design, gênero e tecnologia
	Soares, Rafaela Gonçalves Manini;	Dissertação Mestrado		Sustentabilidade no Design de Moda um Contributo com a Moda Minimalista e Moda sem Gênero	ND	Universidade da Beira Interior (Portugal)	2021	Concluída	Incluída		Dissertação sobre design e moda sem gênero
	Comparin, Jaqueline Freitas;	Dissertação Mestrado		Desconstrução dos estereótipos de gênero na primeira infância: uma abordagem guiada pelo design estratégico	Design estratégico, Educação, Gênero, Infância	Universidade do Vale do Rio dos Sinos	2023	Concluída	Incluída		Dissertação sobre a desconstrução do estereótipo de gênero na primeira infância
	Costa, Julio Teodoro da;	Dissertação Mestrado		Qual é o babado? O design gráfico como tecnologia de gênero em um periódico LGBTQIA+ de Campinas (1996-1998)	Desenho industrial, Tecnologia, Identidade de gênero, Homossexualidade, Fotografias, Periódicos Design	Universidade Tecnológica Federal do Paraná	2021	Concluída	Incluída		Análise sobre o design gráfico como tecnologia de gênero em periódico de Campinas
	Ana Julia Melo Almeida, Griselda Flesler, Maria Cecilia Loschiavo dos Santos e Raquel Gomes Noronha.	Livro		Design e gênero: experiências coletivas de ensino	ND	UFMA	2024	Concluída	Incluída		Livro que aborda diversas perspectivas da conexão design e gênero
	COUTO, Heitor Dias;	TCC		Design e Representações De Gênero Em Jogos Eletrônicos: recorte do cenário internacional a partir do estudo de caso de Dragon Age-Inquisition	Representação de Gênero, Game Arte, Design de Jogos	UFMA	2017	Concluída	Incluída		Tcc sobre design e representação de gênero em jogos

T _r	Autores	Tipo	T _r	Título publicação	Palavras-chave	Universidade	Ano	Status Leitura	Inclusão / Exclusão	Observações
	LIMA, Breno Mateus Gomes de;	TCC		A inclusão da identidade de gênero e orientação sexual no design gráfico contemporâneo e seu possível papel como agente de reflexão na sociedade.	ND	UFPE	2023	Concluída	Incluída	TCC sobre a inclusão da identidade de gênero e orientação sexual no design gráfico através de uma análise semiótica de de 3 campanhas no Instagram
	Rodas, Diego;	TCC		Fluid solúvel em arte: um estudo sobre gênero e antropomorfologia aplicado à fotografia, moda, arte e design gráfico	Fluid, Gênero, Antropomorfologia, Fotografia, Design gráfico, Arte, Moda	UFRJ	2017	Concluída	Incluída	TCC sobre um estudo sobre gênero e antropomorfologia aplicado à fotografia, moda, arte e design gráfico
	Cavalcante, Leticia dos Santos;	TCC		Design faz gênero?: reflexões na criação de um livro-objeto	Linguagem visual; Gênero; Transgênero; Design gráfico; Livro-objeto	Universidade Federal do Ceará	2022	Concluída	Incluída	Tcc que analisa o design na construção de noções de gênero através da criação de um livro objeto
	Herrera, Thaís;	TCC		Representações de gênero no mundo dos games: design como ferramenta contra a misoginia	Design de jogos; Gênero; Feminismo; Representações de gênero	Universidade Federal do Rio Grande do Norte	2018	Concluída	Incluída	Tcc sobre a representação de gênero nos games
	Bezerra, Marcela Fernanda de Carvalho Galvao Figueiredo;	Tese Doutorado		Design e gênero: diretrizes metodológicas para validação do uso da linguagem visual na roupa infantil	Desenho industrial, Moda, Vestuário, Moda - Estilo, Criança, Industrial design	FAAC/UNESP	2014	Concluída	Incluída	Tese sobre diretrizes metodológicas para validação do uso da linguagem visual na roupa infantil
	Diniz, Carmen Regina Bauer;	Tese Doutorado		Representações de gênero de docentes do Instituto de Artes e Design da Universidade Federal de Pelotas	ND	ND	2011	Concluída	Incluída	Tese com análise da representações de gênero de docentes do Instituto de Artes e Design da Universidade Federal de Pelotas
	Santos, Marinês Ribeiro dos;	Tese Doutorado		O design Pop no Brasil dos anos 1970: domesticidades e relações de gênero na revista Casa & Jardim	ND	UFSC	2010	Concluída	Incluída	Tese sobre design e relações de gênero na revista Casa & Jardim

Apêndices L - RBE - Estudo 4 (Google Scholar)

Tr	Autores	Tipo	Tr	Título publicação	Palavras-chave	Universidade	Ano	Status Leitura	Inclusão / Exclusão	Tr	Observações
	Blanco, Beatriz;	Artigo		Representatividade de gênero no game design: conceitos e problemáticas	game design, gênero, queer, representatividade	Centro Universitário Senac São Paulo	2017	Concluída	Excluída		Excluída, pois já foi identificada no estudo 3 Google Scholar
	Contini, Guilherme Cardoso; Rossi, Dorival Campo; Silva, Larissa Maués Pelúcio;	Artigo		PARALELOS DE GÊNERO E SEX DESIGN: TRANSDISCIPLINARIDADE DOS ARTEFATOS	Sex Design; Queerização; Mercado Erótico; Tecnologia; Transdisciplinaridade	FAAC/UNESP	2021	Concluída	Excluída		Excluído, pois já foi selecionado no Estudo 4 Google Scholar
	Blanca, Rosa Maria;	Artigo		Arte a partir de uma perspectiva queer arte desde lo queer	ND	ND	2011	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Mortimer-Sandilands, Catriona;	Artigo		Paixões desnaturadas? Notas para uma ecologia queer	ND	ND	2011	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Mortimer-Sandilands, Catriona;	Artigo		Unnatural passions: notes for a queer Ecology	ND	ND	2011	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	GARCIA, Lorelay Gomes;	Artigo		A Mensuração de Sujeitos Flúidos e Provisórios	ND	ND	2012	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	MELO, Glenda Cristina Valim de; LOPES, Luiz Paulo da Moita;	Artigo		A performance narrativa de uma blogueira: "tornando-se preta em um segundo nascimento"	ND	ND	2014	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Pereira, Pedro Paulo Gomes;	Artigo		Queer decolonial: quando as teorias viajam	ND	ND	2015	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Bebiano, Adriana; Ramalho, Maria Irene;	Artigo		A Revista Crítica de Ciências Sociais e o Feminismo (1978-2017)	ND	ND	2018	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	de Matos Cruz, Maria Augusta; Coutinho, Angelo Augusto Peixoto; de Almeida Mattos, Andréa Machado;	Artigo		Identidade e diferença em narrativas de professores de inglês em formação	ND	ND	2018	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	PEREIRA, Livia;	Artigo		Que femininos são esses?: O "anti-camp" das drag queens brasileiras na música	ND	ND	2019	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	dos Santos, Rafaela Ferreira; Wardenski, Rosilaine; Giannella, Tais Rabetti;	Artigo		Educação, Corpos e suas Resistências na Cultura Digital: Análise de uma narrativa audiovisual sobre gênero	ND	ND	2020	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Júnior, José Maria de Aguiar Sarinho; Bezerra, Fábio Alexandre Silva;	Artigo		Investigando representações identitárias em charges no contexto da sala de aula: multimodalidade, leitura crítica e interseccionalidade	ND	ND	2020	Desconsiderado	Excluída		Fora da área de gênero
	Ranniery, Thiago;	Artigo		Vivendo no Mundo deles: currículo a partir de um apelo geontológico	ND	ND	2020	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Silva, Danillo da Conceição Pereira;	Artigo		Queer: o insulto, os movimentos e as linguísticas	ND	ND	2020	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Altmayer, Guilherme; Veras, Leno;	Artigo		Design é coisa de veado: estratégias para o desenho de uma plataforma digital para memórias sexo e gênero dissidentes	design político, gênero e sexualidade, políticas de memória	ND	2021	Concluída	Excluída		Artigo excluído por já ter aparecido no Estudo 1 Google Scholar versão 2
	Oliveira, Mariana Nobre de; Medeiros, Wellington Gomes de;	Artigo		Design e Dissidência Queer: considerações sobre questões de gênero no design	ND	ND	2021	Concluída	Excluída		Excluído, pois já foi selecionado no Estudo 4 Google Scholar
	dos Santos, Rafaela Ferreira; Giannella, Tais Rabetti;	Artigo		Diálogos sobre diversidade: Discutindo corpo e gênero na escola	ND	ND	2021	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Oliveira, Mariana Nobre de; Medeiros, Wellington Gomes de;	Artigo		Design e Dissidência Queer: considerações sobre questões de gênero no design	ND	ND	2021	Desconsiderado	Excluída		Duplicado

Tr	Autores	Tipo	Tr	Título publicação	Palavras-chave	Universidade	Ano	Status Leitura	Inclusão / Exclusão	Tr	Observações
	PORTINARI, Denise; ALTMAYER, Guilherme; CÔRTEZ, Nina Reis; SOUZA, Rafael Ricarte; FAGURY, Sumaya Lima; SOUZA, Isis Reis;	Artigo		Design, Corpos e Política: gênero, sexualidade e performatividade	Design; gênero e sexualidade; ativismo	ND	2022	Concluída	Excluída		Exluido, pois já foi registrado no Estudo 4 Google Scholar
	Bittencourt, Izadora Casquero;	Artigo		O queer define você? entendendo a Teoria Queer a partir da reportagem longform	ND	ND	2022	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	CORTES, NINA REIS;	Artigo		DIÁLOGOS E OFICINAS FEMINISTAS: REFLEXÕES SOBRE OS MOVIMENTOS CONTEMPORÂNEOS E A PRÁTICA DO DESIGN	ND	ND	2022	Indisponível	Excluída		Link indisponível
	Menezes, Yasmin; Grassine, Felipe; Altmayer, Guilherme;	Artigo		Design e gênero: marcações binárias na Ergonomia	design e política, teoria queer, Ergonomia, práticas de design, opressão	ND	2023	Concluída	Excluída		Exluido, pois já foi registrado no Estudo 3 Google Scholar
	de Oliveira, Danilo Araujo; Ferrari, Anderson; de Souza, Marcos Lopes; Ribeiro, Paula Regina Costa;	Artigo		Sobre o queer podemos pesquisar em currículo e educação?: Notas sobre expansões, obstáculos e imaginações	ND	ND	2023	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Faria, João Henrique Fernandes;	Artigo		Queer_ Espacialidades de resistência. Notas para um território mais inclusivo	ND	ND	2023	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Leite, Flávia Lucchesi de Carvalho;	Artigo		Queer ingovernável: da conservadora assimilação ao fogo anarquista	ND	ND	2023	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Mendes, Hernani Guimarães;	Artigo		Send Nudes: estudos para corpos-imagens	ND	ND	2023	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Silva, Daniel Oliveira;	Artigo		No meio do faroeste, tinha uma montanha: paisagens queerizadas	ND	ND	2023	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	da MOITA LOPES, Luiz Paulo;	Artigo		A PERFORMANCE NARRATIVA DE UMA BLOGUEIRA: "TORNANDO-SE PRETA EM UM SEGUNDO NASCIMENTO"	ND	ND	ND	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Dallaqua, Matheus Silva;	Artigo		Hominário transviado: sobrevivências da Antiguidade e ficções de masculinidade nos nudes pós-pornográficos do Projeto Chicos	ND	ND	ND	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	MAKER, O QUE SERIA MAIS; DO QUE, CRIAR SUA PRÓPRIA;	Artigo		BITCOIN E BLOCKCHAIN: MINERANDO IDEIAS E CONSTRUINDO CONCEITOS	ND	ND	ND	Desconsiderado	Excluída		Fora da área de gênero
	Martins, Marcelo Machado; da Silva Costa, Maria de Fatima; de Mattos, Garcia; de Queiroz, Cyntia Tavares Marques;	Artigo		5º. Dossiê Especial do Colóquio de Moda	ND	ND	ND	Desconsiderado	Excluída		Excluído, pois direciona para artigo sobre o colóquio de moda
	Santana Cunha, Aura Celeste; Mota Borges, Lucas;	Artigo		Queer Designers: Experimentações não-conformativas na geração de uma rede dissidente.	ND	Universidade Federal do Ceará (UFC)	2024	Desconsiderado	Excluída		Duplicado
	QUEER, ARTE DESDE LÓ;	Citação		CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS	ND	ND	2011	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Editora, IFB;	Citação		Caderno de Resumos da II Semana de Reflexões sobre Negritude, Gênero e Raça-SERNEGRA	ND	ND	2013	Desconsiderado	Excluída		É citação
	Design, ARCOS;	Citação		Apresentação do número especial Seminário Design Com	ND	ND	2017	Desconsiderado	Excluída		É citação que faz referência ao texto Queerizar o Design da Denise Portinari
	Woelke, Erika Canal;	Citação		RIDH V. 7, N. 2, JUL./DEZ. 2019 (13)	ND	ND	2019	Desconsiderado	Excluída		É citação
	Vieira Jr, Erly;	Citação		Rasuras: 40 anos de vídeo experimental no Espírito Santo	ND	ND	2021	Desconsiderado	Excluída		É citação

Tr	Autores	📄 Tipo	Tr	Título publicação	Palavras-chave	Universidade	Ano	📄 Status Leitura	📄 Inclusão / Exclusão	Tr	Observações
	MARTINS, ORLANDO RUFINO;	Citação		"RUA DE BERNE, 39": Tradução comentada e enqueirizada do romance de Max Lobe	ND	ND	2022	Desconsiderado	Excluída		É citação
	Côrtes, Nina Reis; Portinari, Denise Berruezo;	Citação		arcos	ND	ND	ND	Desconsiderado	Excluída		É citação que faz referência ao texto Queerizar o Design da Denise Portinari
	Ferreira, Milena Mignossi;	Citação		ENSINO DE INGLÊS NA EDUCAÇÃO ESPECIAL	ND	ND	ND	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Gorczevski, Deisimer; Szafir, Milena; Assumpção, Pablo; Rocha, Thereza;	Citação		Disciplinas Semestre 2022.2	ND	ND	ND	Desconsiderado	Excluída		É citação
	LIMA, FRANCIELLE ELISABET NOGUEIRA;	Citação		SETOR DE CIÊNCIAS JURÍDICAS FACULDADE DE DIREITO	ND	ND	ND	Desconsiderado	Excluída		É citação
	Möller, Eliza Dias;	Citação		BACHARELADO EM MODA	ND	ND	ND	Desconsiderado	Excluída		É citação
	RESENDE, MARCELO BRANQUINHO MASSUCATTO;	Citação		TRANSATLÂNTICAS	ND	ND	ND	Desconsiderado	Excluída		É citação
	Barreto, Carla Conceição;	Dissertação Mest		Visualidades queer de Matthew Barney: o ciclo cremaster	ND	ND	2012	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Teixeira, Marcelo Augusto de Almeida;	Dissertação Mest		Presença Incômoda: corpos dissidentes na cidade modernista	ND	ND	2013	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Santo Neves, João Pedro do Espírito;	Dissertação Mest		O Turismo Gay-Oferta Turística das Cidades de Lisboa e do Porto	ND	ND	2015	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Ricart, Paola María Marugán;	Dissertação Mest		Transarquivo: uma escrita revolucionária de relatos da história da arte	ND	ND	2016	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	NARDI, DIEGO LUIZ;	Dissertação Mest		QUEER me	ND	ND	2018	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Campos, Baga de Bagaceira Souza;	Dissertação Mest		Choquer de Monstro: Tikal Babado e Pai Amor e os modos de sentir e perceber suas vestes em Cachoeira-BA	ND	ND	2019	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Freitas, Mayanne Julia Tomaz;	Dissertação Mest		Mulheres na computação: experiências, trajetórias e perspectivas de estudantes universitárias	ND	ND	2019	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Yokoyama, Sérgio Henrique Martins;	Dissertação Mest		Negociando orientação sexual e identidade de gênero no Conselho de Direitos Humanos das Nações Unidas: o caso do Brasil	ND	ND	2019	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Lopes, Pâmela Fogaça;	Dissertação Mest		Poner la Cuerpa: mulheres e dissidências latino-americanas em atos performáticos	ND	ND	2021	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	OLIVEIRA, Mariana Nobre de;	Dissertação Mest		Representação de gênero no design de embalagem: expressão de neutralidade nos atributos visuais de produtos dermocosméticos nacionais.	ND	ND	2022	Concluída	Excluída		Excluído, pois já foi selecionado no Estudo 4 Google Scholar
	Barbosa, Maicon Fernando Oliveira;	Dissertação Mest		A culpa é do cárcere-um olhar queer para visualidades da cena teatral	ND	ND	2022	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Goncalves, Italo Vinicius;	Dissertação Mest		Projetos poliamorosos em rede: narrativas de casais não monogâmicos em busca de um novo amor	ND	ND	2022	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design

Tr	Autores	Tipo	Tr	Título publicação	Palavras-chave	Universidade	Ano	Status Leitura	Inclusão / Exclusão	Tr	Observações
	Lage, Mariana Pitombeira;	Dissertação Mestrado		"Eu sou uma conversa": tessituras entre o queer e o plasmático nos corpos animados de Steven Universe	ND	ND	2022	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Oliveira, Jefferson Martinelli de;	Dissertação Mestrado		O dançarino e a dança: homossexualidade, forma e sociedade em Dancer from the Dance, de Andrew Holleran	ND	ND	2022	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Oliveira, Felipe Grassine de;	Dissertação Mestrado		Design abjeto: o queer eu tenho a ver com isso?	ND	ND	2023	Concluída	Excluída		Excluído, pois já foi selecionado no Estudo 1 Google Scholar versão 2
	Delgado, João Henrique Machado;	Dissertação Mestrado		Corpos que fal (h) am: reconhecimento e politização da vida sob a perspectiva cotidiana de drag queens de Belo Horizonte	ND	ND	2023	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Silva, Emanuel Bruno Carioca;	Dissertação Mestrado		Da subalternidade à resignificação: a (tecn) carnavaização à guisa da Web 2.0 em Stickers-Libras	ND	ND	2023	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Silvério, Susana MG;	Dissertação Mestrado		ba llr oo m_cosmogonia trans de um baile	ND	ND	2023	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	BRITO, Robson José de Oliveira;	Dissertação Mestrado		Viver a universidade em tempos neoconservadores: o currículo político-cultural do Núcleo LGBT e as experiências de estudantes LGBTQIAPN+ no Agreste de Pernambuco	ND	ND	2024	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Guzman, Henyerson Jesus Angulo;	Dissertação Mestrado		Linguagem inclusiva e/ou não binária: inclusão de alunes LGBTQIA+ no ensino de Espanhol como língua estrangeira	ND	ND	2024	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Meneghetti, Amália Ferreira;	Dissertação Mestrado		O posicionamento institucional do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli diante da produção de artistas mulheres (entre 1983 e 2022)	ND	ND	2024	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Sumaya Lima Fagury	Dissertação Mestrado		A colagem como possibilidade de expressão feminista. Uma Reflexão sobre design, feminismo e arte	ND	PUC RJ	2023	Indisponível	Excluída		Excluída pois o acesso estava indisponível
	Rayner, Francesca;	Livro		Teatro português Contemporâneo-crítica e performance (2010-2016)	ND	ND	2017	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Foster, David William; Ourique, João Luis Pereira; Calegari, Lizandro Carlos;	Livro		Sexualidades e identidades culturais	ND	ND	2020	Desconsiderado	Excluída		Sem as palavras-chave no texto
	Colaça, Joyce Palha;	Livro		A LÍNGUA ESPANHOLA NO 'IDIOMAS SEM FRONTEIRAS'	ND	ND	2021	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Preciado, Paul B;	Livro		Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual	ND	ND	2022	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Werlang, Alessandra Pereira;	TCC		Práticas cibernéticas de recodificação do sexo: experimento e análise a partir da hashtag "Free the Nipple" no Instagram	ND	ND	2018	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Costa, Iago Marichi;	TCC		Trans*, arte e identidade: reflexões acerca da criação artística independente	ND	ND	2024	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Santos, Eliézer Gavilinski dos;	TCC		Jogos Queer no mercado brasileiro potencial e caminhos de publicização	ND	ND	2024	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Fernández Méndez, Maria Del Rosario Tatiana;	Tese Doutorado		O evento artístico como pedagogia	ND	ND	2016	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Melo, Rogério Amador de;	Tese Doutorado		Palavras-sopros de corpos em trânsitos: uma cartografia de experiências queers e seus não-lugares	ND	ND	2021	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design

Tr	Autores	Tipo	Tr	Título publicação	Palavras-chave	Universidade	Ano	Status Leitura	Inclusão / Exclusão	Tr	Observações
	Leitão, Catarina Pereira;	Tese Doutorado		Weatherproof: incursões no pós-natural a partir da minha prática artística	ND	ND	2022	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Resende, Marcelo Branquinho Massucatto;	Tese Doutorado		Transatlânticas: personagens trans nas literaturas de língua portuguesa do século XXI	ND	ND	2023	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Matos, Samuel de Souza;	Tese Doutorado		A noção de sujeito em linguística textual: práticas (con) textuais e identitárias das dissidências sexuais e de gênero	ND	ND	2024	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Santos, Manuela Rodrigues;	Tese Doutorado		Da corpo-política ao corpo-texto: transescritura, existência e resistência na narrativa transvestigênera brasileira contemporânea	ND	ND	2024	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Pelúcio Silva, Larissa Maués; Campos Rossi, Dorival; Henriques, Fernanda; Cardoso Contini, Guilherme;	Artigo		Género y Diseño: binarismo, transgresiones y transdisciplinariedad.	ND	FAAC/UNESP	2023	Concluída	Incluída		Artigo sobre binarismos de gênero, transgressões e design
	Grassine, Felipe;	Artigo		Podem pessoas transgêneras ocuparem banheiros públicos? Placas de banheiro e suas regulações de corpos dissidentes	banhos públicos, letreiros de baño	ND	2024	Concluída	Incluída		Artigo sobre placas de banheiro e transgênero
	Portinari, Denise;	Artigo		Queerizar o design	Queer, Design, Normatividade	PUC RJ	2017	Concluída	Incluída		Artigo sobre relação queer e design
	Côrtes, Nina Reis; Portinari, Denise Berruezo;	Artigo		Por um design desconfortado: reflexões e análises do campo	design, política, educação, trabalho	PUC RJ	2022	Concluída	Incluída		Artigo que propõe problematizar o campo do design, buscando se afastar de abordagens essencialistas, que situam o designer como um gênio criador ou que definem o design a partir de abstrair-se das realidades
	Zacar, Cláudia Regina Hasegawa; Jaco, Hadassa Demejeun; Pandini, Julia Raniero;	Artigo		Contribuições dos feminismos para a metodologia do design	Design, Feminismo, Metodologia	UFPR	2022	Concluída	Incluída		Artigo sobre as contribuições do feminismo para metodologia do design
	Rodrigues, Leticia; Merkle, Luiz Ernesto;	Artigo		Uma perspectiva feminista sobre a invisibilização recorrente de mulheres no game design	Comunidades de prática, Saberes localizados, Historiografia, Tecnologias de gênero	UTFPR	2023	Concluída	Incluída		Artigo sobre invisibilização mulheres no campo do game design
	Epaminondas, Natalia Rosa; Junior, Paulo de Oliveira Rodrigues;	Artigo		Notas para queerizar os estudos sobre modas não binárias	LGBTQIAPN , não-binariedade, designer de moda	Universidade Federal de Juiz de Fora	2023	Concluída	Incluída		Artigo sobre queerização e modas não binárias
	Cunha, Aura Celeste Santana; Borges, Lucas Mota;	Artigo		Queer designers: Experimentações não-conformativas na geração de uma rede dissidente	ND	Universidade Federal do Ceará (UFC)	2024	Concluída	Incluída		Artigo que explora a relação design e dissidência
	Portinari, Denise Berruezo; Célem, Eva; Altmayer, Guilherme; Ramiro, Maria; Eboil, Pedro Caetano;	Capítulo de livro		Pesquisa-Corpo: Percursos e Desvios Metodológicos de Pesquisas Sobre Estética, Política e Subjetividade	ND	ND	2022	Concluída	Incluída		Capítulo sobre design, estética, política e subjetividade
	Contini, Guilherme Cardoso;	Dissertação Mestr		Erótica LAB: reconfigurações dos espaços para projetos de gênero, prazer e tecnologia	Transdisciplinaridade, Gênero, Sex Design, Prazer, Espaços Contemporâneos	FAAC/UNESP	2021	Concluída	Incluída		Dissertação sobre a reconfigurações dos espaços para projetos de gênero, prazer e tecnologia
	Eva Rubens Célem	Dissertação Mestr		Descolando Gênero e Sexualidade: uma investigação sobre processos feministas de subjetivação e o fenômeno do Consciousness-Raising	ND	ND	2020	Concluída	Incluída		Dissertação que buscou empreender uma genealogia e análise crítica de processos feministas de subjetivação
	Nina Reis Côrtes	Dissertação Mestr		Diálogos e oficinas feministas: reflexões sobre os movimentos contemporâneos e a prática do design	Design; feminismo; oficina; subjetivação; ativismo.	PUC RJ	2022	Concluída	Incluída		Dissertação sobre os movimentos contemporâneos, as oficinas feministas e as práticas do design
	Contini, Guilherme Cardoso;	TCC		Erótica LAB	Design, Sex design, Sexo, Gênero, Transdisciplinaridade	FAAC/UNESP	2018	Concluída	Incluída		TCC sobre um laboratório de estudos de gênero, prazer, tecnologia e design
	Araújo, Eduardo Madureira Lins de;	TCC		ABC LGBT+: diversidade de A a Z	Abecedário; Comunidade LGBT+; Design digital; Tipografia	UFC	2021	Concluída	Incluída		TCC sobre o projeto de abecedário incluindo elementos que remetem a comunidade LGBT+
	Silva, Bruno Gentil Nascimento da;	TCC		Coleção Transvia: o toque como deflagrador de dinâmicas binárias para corpos dissidentes	Desenho industrial, Teoria Queer, Trajes, Toque, Corpos dissidentes, Design, Industrial	UFRJ	2023	Concluída	Incluída		TCC sobre moda queer

Tr	Autores	Tipo	Tr	Título publicação	Palavras-chave	Universidade	Ano	Status Leitura	Inclusão / Exclusão	Tr	Observações
	Dezotti, Luiza;	TCC		FLAMA: Aplicativo de trocas e conexões sáficas	ND	UFSC	2022	Concluída	Incluída		TCC sobre o desenvolvimento de um protótipo mobile voltado para a conexão de pessoas sáficas, com base na ideia de queerizar o design
	Silva, Erich Armondes da;	TCC		Amaré: um app de psicoterapia para pessoas LGBTQs	ND	UFSC	2022	Concluída	Incluída		TCC sobre o desenvolvimento de o app de psicoterapia para pessoas LGBTQs
	ALTMAYER, CARLOS GUILHERME MACE;	Tese Doutorado		TROPICUIR: ESTÉTICO-POLÍTICAS TRANSVIADAS-MEMÓRIA, ARQUIVO, DESIGN	ND	ND	2020	Concluída	Incluída		Tese sobre práticas estético-políticas nos campos das artes e dos ativismos

Apêndices M - RBE - Estudo 5 (Google Scholar)

Tr	Autores	Tipo	Tr	Título publicação	Palavras-chave	Universidade	Ano	Status Leitura	Inclusão / Exclusão	Tr	Observações
	DROUVOT, Hubert; PICCININI, Valmíria;	Artigo		OS CALÇADOS BRASILEIROS DE COURO NO MERCADO FRANCÊS: A OPINIÃO DOS IMPORTADORES	ND	ND	2010	Desconsiderado	Excluída		Fora da área dos estudos queer
	Silvai, Camila Assis Peres; Lima, Guilherme da Silva Cunha;	Artigo		A relação entre perfume e design de embalagens no Brasil	ND	ND	2011	Desconsiderado	Excluída		Fora da área dos estudos queer. Palavra-chave cuir com significado de couro
	Chacham, Vera;	Artigo		Paisagem, passado, projeto: o "olhar escrito" de Lamartine sobre o Levante	ND	ND	2011	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Júnio, José Almir FM; Campêlo, Robson A; Tabosa, Márcia M; Carneiro, Ana H de S;	Artigo		Inclusão Digital e Tecnologia Assistiva: Avaliação da Usabilidade e Acessibilidade para Deficientes Visuais em Redes Sociais online e Celulares	ND	ND	2011	Indisponível	Excluída		Site indisponível
	Divert, Nicolas;	Artigo		O mercado das escolas de estilismo	ND	ND	2012	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Nunes, Wolney A; Koetz, Paulo; Faria, Osvaldo;	Artigo		Tratamento de efluentes homogeneizados de curtume por digestão anaeróbia em reatores de fluxo ascendente	ND	ND	2012	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Vilela, Ana Luísa;	Artigo		Cortesias acacias: ironia e boas-maneiras	ND	ND	2013	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Pereira, Fernando Oliveira; Seica, Raquel;	Artigo		Competências de alunos com síndrome de Asperger e diferenciação pedagógica: estudo de dois perfis com base na percepção que os docentes têm do desempenho dos alunos	ND	ND	2014	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Pereira, Pedro Paulo Gomes;	Artigo		Queer decolonial: quando as teorias viajam	ND	ND	2015	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Soares, Doutora Lilliana; Domingues, Doutor Nuno;	Artigo		O design como catalisador de criatividade e inovação no desenvolvimento da Spin-off WICLA: os acessórios de moda associados à mobilidade urbana	ND	ND	2015	Desconsiderado	Excluída		Fora da área dos estudos queer
	Oprescu, Eugenia; Fulău, Leonard;	Artigo		40 ANI DE RESTAURARE ÎN ROMÂNIA	ND	ND	2015	Desconsiderado	Excluída		Artigo em italiano
	Condruz, Claudia;	Artigo		Restaurarea unei învelitori din piele ascunse sub o legătură nouă	ND	ND	2015	Desconsiderado	Excluída		Artigo em italiano
	Pierre, Alix;	Artigo		De la «manawa» à la prescriptrice de mode: la contribution des Dominicaines à l'esthétique de la Guadeloupe	ND	ND	2015	Desconsiderado	Excluída		Artigo em francês
	Brunelière, Jean-François;	Artigo		Empréstimos em catálogos automotivos brasileiros: contribuição dos Estudos Descritivos da Tradução à compreensão do fenômeno	ND	ND	2016	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	de Held, Maria Silvia Barros; Sanches, Regina; Coutinho, Caroline Oliveira Pimentel; Ferreira, Daniela Ester; Toshio, Jonas Oji Wada; Hubner, Paula; Araújo, Yasmin;	Artigo		Sustentabilidade Ambiental e Responsabilidade Social na cadeia de moda Brasileira: uma proposta de aproveitamento de sobras de tecido	ND	ND	2017	Desconsiderado	Excluída		Fora da área dos estudos queer
	Brunelière, Jean-François;	Artigo		"Apresentações do Peugeot 2008 na França, em Portugal e no Brasil: tradução e adaptação"	ND	ND	2017	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Sena, Taisa Vieira;	Artigo		Os sujeitos perfumados da publicidade: uma proposta de tipologia	ND	ND	2017	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Santana, Janayna Medeiros Pinto;	Artigo		SUDACAS –Corpos Insurgentes	ND	ND	2018	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Niang, Amy;	Artigo		THE CHINESE IN SENEGAL: AND THE CHALLENGE OF NEW ENTREPRENEURIAL PRACTICES	ND	ND	2018	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design

T _r	Autores	 Tipo	T _r Título publicação	Palavras-chave	Universidade	Ano	 Status Leitura	 Inclusão / Exclusão	T _r Observações
	Peres, Marcos Flaminio;	Artigo	Peri em brocéliande: O deserto-floresta n'O Guarani, de José de Alencar	ND	ND	2019	Desconsiderado	Excluída	Fora da área do design
	da Silva Reis, Jaqueline Nascimento; Pereira, Luiz Pedro;	Artigo	Discurso e biopolítica: subjetividades e resistências	ND	ND	2020	Desconsiderado	Excluída	Fora da área do design
	da Silva Carvalho, Dannel;	Artigo	As genitálias da gramática	ND	ND	2020	Desconsiderado	Excluída	Fora da área do design
	Leite Filho, Vicente de Paula Nascimento; de Freitas, Gabriela Pereira;	Artigo	Ao sul do corpo: abordagens não hegemônicas que abalam a masculinidade tóxica vigente	ND	ND	2020	Desconsiderado	Excluída	Fora da área do design
	dos Santos, Thiago Henrique Ribeiro; Migliano, Milene;	Artigo	Um sopro de cura: fruição estética e afetação em corpos audiovisuais para cuidar de traumas coloniais	ND	ND	2020	Desconsiderado	Excluída	Fora da área do design
	Peres, Marcos Flaminio;	Artigo	Peri em Brocéliande: o deserto-floresta em O Guarani, de José de Alencar	ND	ND	2020	Desconsiderado	Excluída	Fora da área do design
	Altmayer, Guilherme; Veras, Leno;	Artigo	Design é coisa de veado: estratégias para o desenho de uma plataforma digital para memórias sexo e gênero dissidentes		ND	2021	Concluída	Excluída	Repetido. Já foi selecionado no estudo 4 Google Scholar
	dos Santos, Daniela Guedes; da Rosa, Ketti Maria Cardozo; Bertollo, Guilherme Vieira; da Silva, Mário Ferreira;	Artigo	Corpos, família e afetos: reflexões sobre o documentário Domingo	ND	ND	2021	Desconsiderado	Excluída	Fora da área do design
	Bidet, Alexandra; Sarnowski, Solène;	Artigo	"Há sempre algo para se pensar ou fazer de melhor". Momentos de colapso e ativismo cotidiano diante de uma catástrofe ecológica.Sociedade e Estado	ND	ND	2021	Desconsiderado	Excluída	Fora da área do design
	dos Santos, Daniela Guedes; da Rosa, Ketti Maria Cardozo; Bertollo, Guilherme Vieira; da Silva, Mário Ferreira;	Artigo	Existência, resistência e ativismo: entrevista com Vi Grunvald	ND	ND	2021	Desconsiderado	Excluída	Fora da área do design
	Serra, Victor Siqueira;	Artigo	Fractos corpografados: uma experiência de arte abolicionista ou estilhaços de dor também podem refletir um arco-íris	ND	ND	2021	Desconsiderado	Excluída	Fora da área do design
	BRAGA, NATÁLIA DOS SANTOS TORALLES; PEREIRA, FRANCIELE FRAGA; DA SILVEIRA, ALINE MONTAGNA;	Artigo	CINEMA, PATRIMÔNIO E ARTE: EXPERIÊNCIAS REMOTAS INTERDISCIPLINARES NO ENSINO DE ARQUITETURA E URBANISMO CINEMA	ND	ND	2021	Desconsiderado	Excluída	Fora da área do design
	Ruvalcaba, Hector Dominguez;	Artigo	O olhar queer diante da violência, em três casos de performance mexicana	ND	ND	2021	Desconsiderado	Excluída	Fora da área do design
	da Silva Júnior, Joseildo; da Silva, Francisco Vieira;	Artigo	Joga pedra e cancela a Geni: a constituição do dispositivo de suplicio midiático em linchamentos de mulheres famosas	ND	ND	2021	Desconsiderado	Excluída	Fora da área do design
	Altmayer, Guilherme;	Artigo	De tropicamp a tropicuir: escritas das histórias da arte sexo e gênero dissidentes	ND	ND	2022	Desconsiderado	Excluída	Fora da área do design
	Augusto, Pedro;	Artigo	Pensar o vestuário da Nazaré a pretexto da fotografia de Georges Dambier	ND	ND	2022	Desconsiderado	Excluída	Fora da área dos estudos queer
	Back, João Vinícius Chiesa;	Artigo	Entre pessoas e artefatos: boleadeiras e bolas líticas na arqueologia brasileira	ND	ND	2022	Desconsiderado	Excluída	Fora da área do design
	de Pina, Oliveira Pompeu; Pedro, João;	Artigo	VAGA-LUMES: A CIDADE NOTURNA E OS CORPOS DISSIDENTES: A pegação no Aterro do Flamengo	ND	ND	2023	Desconsiderado	Excluída	Fora da área do design
	Junior, Attilio Butturi; Perusso, Angelo Gabriel Cassariego; dos Santos Raymundo, Manoela Beatriz; de Lavega, Danieli Karolaine; Pereira, Ingrid Giovanna Lima; da Silva Quarezemin, Sofia; Klug, Débora; Serafim, Laíara Machado;	Artigo	As ações do PET-Letras da UFSC no retorno presencial	ND	ND	2023	Desconsiderado	Excluída	Fora da área do design

Tr	Autores	📄 Tipo	Tr Título publicação	Palavras-chave	Universidade	Ano	📄 Status Leitura	📄 Inclusão / Exclusão	Tr Observações
	Pichler, Michalis;	Artigo	Publicando os manifestos da publicação	ND	ND	2023	Desconsiderado	Excluída	Fora da área do design e dos estudos queer
	de Sousa, Christian Gustavo; Colling, Leandro; Casteleira, Rodrigo Pedro;	Artigo	Provocações iniciais para pensar o pós-queer/cuir no Brasil da atualidade	ND	ND	2024	Desconsiderado	Excluída	Fora da área do design
	Mueller, Andressa; Reyes, Paulo Edison Belo; Mello, Bruno César Euphrasio de;	Artigo	O corpo e a rua: uma exploração de gênero e performance através do carnaval; Píxo: revista de arquitetura, cidade e contemporaneidade	ND	ND	2024	Desconsiderado	Excluída	Fora da área do design
	Schmid, Giselle; Godinho, Paula;	Artigo	FÊTE DES VIGNERONS DE VEVEY (SUISSE): REFLEXIONS AUTOUR DES TENSIONS ENTRE LES PRINCIPES DE L'ORGANISATION COMMUNAUTAIRE ET L'EXPANSION DE LA LOGIQUE MARCHANDE	ND	ND	2024	Desconsiderado	Excluída	Fora da área do design
	Figueredo, Henrique Grimaldi; Novaes, Bru;	Artigo	O MUNDO COMO ATELIÉ, O DESENHO ENQUANTO MÉTODO: A ARTE-ETNOGRAFIA DE BRUNØVAES	ND	ND	2024	Desconsiderado	Excluída	Fora da área do design
	Grimaldi Figueredo, Henrique; Novaes, Bru;	Artigo	O MUNDO COMO ATELIÉ, O DESENHO ENQUANTO MÉTODO: A ARTE-ETNOGRAFIA DE BRUNØVAES	ND	ND	2024	Desconsiderado	Excluída	Repetido
	Fiabane, Caroline;	Artigo	"Retrato de Tenius e Joyce" por João Fahriön: o que se encontra por trás da visão de um retratista	ND	ND	2024	Desconsiderado	Excluída	Artigo de opinião em site, fora da área do design
	Soares, Luiz Henrique Moreira;	Artigo	Práticas multilíngues-decoloniais de Iván Monalisa Ojeda: gestando o próprio texto e o próprio nome	ND	ND	2024	Desconsiderado	Excluída	Fora da área do design
	Brunelière, Jean-François;	Artigo	EMPRÉSTIMOS EM CATÁLOGOS AUTOMOTIVOS BRASILEIROS: CONTRIBUIÇÃO DOS ESTUDOS DESCRITIVOS DA TRADUÇÃO À COMPREENSÃO	ND	ND	ND	Desconsiderado	Excluída	Fora da área do design
	Migliano, Milene; dos Santos, Thiago Henrique Ribeiro;	Artigo	Um sopro de cura: fruição estética e afetação em corpos audiovisuais para cuidar de traumas coloniais	ND	ND	ND	Desconsiderado	Excluída	Repetido
	Arbex, Márcia; do Lago, Izabela Baptista,	Artigo	Espaço de criação	ND	ND	ND	Desconsiderado	Excluída	Fora da área do design
	BOURDAREAU, Jules; DUPLAIS, Léo; GIRARD-VAURILLON, Paul; SELLAM, Mikaël;	Artigo	Economia circular: Um modelo a ser mais utilizado em nossas empresas!	ND	ND	ND	Indisponível	Excluída	Site indisponível
	Mayer, Guilherme; Lignelli, César; Lucas, João;	Artigo	DESEJOS DA MÁQUINA EM A MÁQUINA DESEJANTE: voz esquizofônica e tecnologias low-tech	ND	ND	ND	Indisponível	Excluída	Site indisponível
	Pelucio, Larissa; Duque, Tiago;	Artigo	Queer call-out	ND	Universidade de São Carlos	2020	Desconsiderado	Excluída	Fora da área do design
	Bringas-Masgo, Cira René; Unilen-Marcina, Carolina;	Artigo	Setor da construção: avaliação de luvas de proteção contra riscos mecânicos fabricadas no Peru	ND	Universidade do Porto	2020	Desconsiderado	Excluída	Fora da área do design
	PEREIRA, Eduardo Alves; GIRALDES, Eduardo Welter;	Artigo	Análise dos parâmetros do processo de beneficiamento de couro para o setor automotivo com foco na melhoria da qualidade dos produtos	ND	Universidade Federal de Campina Grande	2017	Desconsiderado	Excluída	Fora da área ds estudos queer
	CASTANHA, Ana Amélia Albuquerque de Oliveira;	Artigo	Avaliação da intervenção do design no processo produtivo de uma cooperativa de couro situada no Estado da Paraíba	ND	Universidade Federal de Campina Grande	2022	Desconsiderado	Excluída	Fora da área do design
	Reyes Novaes, André; Nunes Pereira, Sérgio;	Capítulo de livro	Circulação das ideias e história dos saberes geográficos 2	ND	ND	2015	Desconsiderado	Excluída	Fora da área do design
	Góes, José Cristian;	Capítulo de livro	O encontro da comunicação em Paulo Freire para tempos de desencontro	ND	ND	2021	Desconsiderado	Excluída	Fora da área do design

Tr	Autores	📄 Tipo	Tr	Título publicação	Palavras-chave	Universidade	Ano	📄 Status Leitura	📄 Inclusão / Exclusão	Tr	Observações
	Portinari, Denise Berruezo; Célem, Eva; Altmayer, Guilherme; Ramiro, Maria; Eboil, Pedro Caetano;	Capítulo de livro		Pesquisa-Corpo: Percursos e Desvios Metodológicos de Pesquisas Sobre Estética, Política e Subjetividade	ND	ND	2022	Concluída	Excluída		Repetido. Já foi selecionado no estudo 4 Google Scholar
	Logatto, Thiago;	Capítulo de livro		Desafios da democracia no capitalismo dependente: revisando o dilema latino-americano de Theotônio dos Santos	ND	ND	2022	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	MATESCO, VIVIANE;	Capítulo de livro		Corpo/imagem da mulher na arte contemporânea brasileira atual, IMAGENS INSURGENTES	ND	ND	2023	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Ferreira, Patrícia dos Santos;	Citação		Projeto de redesenho para um catálogo de produtos	ND	ND	2014	Desconsiderado	Excluída		É citação
	Medeiros, Juliane Peixoto;	Citação		Expressões Imagéticas e Migração	ND	ND	2021	Desconsiderado	Excluída		É citação
	GUIMARÃES, ANDERSON FONTES PASSOS;	Citação		PERFORMANCES E PERFORMATIVIDADES DE GÊNERO POR CORPOS	ND	ND	ND	Desconsiderado	Excluída		É uma citação, não um material publicado
	Ribeiro, Ana;	Citação		À volta dos livros: o que revelam as cintas	ND	Universidade da Coruña	2012	Desconsiderado	Excluída		É citação
	Pires, Maria Inês Nunes;	Dissertação Mestrado		O ensino da música erudita ocidental contemporânea: o estudo de dois casos	ND	Instituto Politécnico de Castelo Branco (Portugal)	2020	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Alves, Cristiana Melanda;	Dissertação Mestrado		Reconciliação: novos contextos e linguagens para a indústria do couro	ND	Instituto Politécnico de Leiria (Portugal)	2020	Desconsiderado	Excluída		Fora da área dos estudos quer e sem identificação completa das palavras-chave
	Neves, César Daniel Couto;	Dissertação Mestrado		Economia circular: Caracterização e valorização de resíduos para a aplicação na indústria de curtumes	ND	Instituto Politécnico do Porto (Portugal)	2019	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Avelino, Maria Beatriz Ramos;	Dissertação Mestrado		Asas ou gaiolas: comparando os benefícios da aprendizagem cooperativa em duas metodologias de ensino	ND	Instituto Superior de Psicologia Aplicada (Portugal)	2021	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Borges, Priscila Rodrigues;	Dissertação Mestrado		Cara de pele, efeito de pele: uma etnografia do debate sobre o uso de peles animais nas indústrias do vestuário e da moda a partir da campanha Boicote Arezzo	ND	ND	2013	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Souza, Elisson Andrade de;	Dissertação Mestrado		Aproveitamento de luz solar na produção fotocatalítica de hidrogénio a partir de águas residuais provenientes de curtume de couro	ND	ND	2016	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	NARDI, DIEGO LUIZ;	Dissertação Mestrado		QUEER me	ND	ND	2018	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	DE LINGUAGENS, E; ORLAN, ORLAN E;	Dissertação Mestrado		ORLAN E ORLAN: Dobras, desdobras e redobras pela performatividade e edição	ND	ND	2018	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	SOLANO, RODRIGO;	Dissertação Mestrado		Comunicação Intercultural de Organizações: Potencial competitivo de brasilidades na composição signica de marcas em mercados internacionais	ND	ND	2020	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Axt, Bryan;	Dissertação Mestrado		Devires multitudinários: a metamorfose dos sujeitos em insurgências contrafarmacopornográficas	ND	ND	2021	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	RIBEIRO, BRUNO;	Dissertação Mestrado		PROCESSOS DE CRIAÇÃO PÓS-PORNÔ: AUTOGESTÃO, EXIBICIONISMO E INTERNET	ND	ND	2021	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Pinto, Cláudia Filipa Gonçalves;	Dissertação Mestrado		Marketing de conteúdo: a importância do contexto. O caso da indústria portuguesa de calçado	ND	ND	2022	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design

Tr	Autores	📄 Tipo	Tr Título publicação	Palavras-chave	Universidade	Ano	📄 Status Leitura	📄 Inclusão / Exclusão	Tr Observações
	Silva, Isadora Ravena Teixeira da;	Dissertação Mestrado	Por traveçametodologias de criação em arte contemporânea	ND	ND	2022	Desconsiderado	Excluída	Fora da área do design
	Mendes, Eduarda Gabriela da Silva;	Dissertação Mestrado	Da tradução e localização à comunicação digital: um estágio na Bloomidea	ND	ND	2023	Desconsiderado	Excluída	Fora da área do design
	da Gama, Vannie Aurin Pavelski;	Dissertação Mestrado	Sociedade tecnológica: natureza, modernidade e os anos de 2020-irrigações através da diversa arte visual contemporânea brasileira	ND	ND	2024	Desconsiderado	Excluída	Fora da área do design
	Souza, Camila Fernandes de;	Dissertação Mestrado	Sustentabilidade em indústrias deve ir muito além de uma "embalagem verde"	ND	ND	2024	Desconsiderado	Excluída	Fora da área do design
	Ferreira, Hênrica da Silva;	Dissertação Mestrado	Atraveçamentos: uma experiência transcênica em travaturgismo	ND	ND	2024	Desconsiderado	Excluída	Fora da área do design
	Rodrigues, Amanda Shelle Paula;	Dissertação Mestrado	Eu sou a minha arte: representação social lésbica em Cassandra Rios (1979-1983)	ND	ND	2024	Desconsiderado	Excluída	Fora da área do design
	DA SILVA, KARINA MORAIS;	Dissertação Mestrado	USO DA LISOLECITINA NA ALIMENTAÇÃO DE JUVENIS DE PIRARUCU, Arapaima gigas (SCHINZ, 1822) DE 3, 7 A 5, 5 KG DE PESO VIVO	ND	ND	ND	Desconsiderado	Excluída	Fora da área do design
	Lima, Suome Matheus Vilela de;	Dissertação Mestrado	Multidões transviadas: a encruzilhada de saberes, narrativas e localizações de gêneros	ND	UNESP	2022	Desconsiderado	Excluída	Fora da área do design
	Kerche, Laura Lima;	Dissertação Mestrado	Disputas discursiva no G1: gênero e sexualidade e os usuários-mídia no caso do humorista Paulo Gustavo	ND	UNESP	2024	Desconsiderado	Excluída	Fora da área do design
	Messias, Carolina Carrolo;	Dissertação Mestrado	A pornografia como tecnologia de gênero: as problemáticas de uma sexualidade feminina pautada pelo olhar masculino	ND	UNESP	2024	Desconsiderado	Excluída	Fora da área do design
	Dias, Tatiana São Marcos;	Dissertação Mestrado	Participação Famílias e Escolas: Relatório de Estágio na Culturgest	ND	Universidade de Aveiro (Portugal)	2018	Desconsiderado	Excluída	Fora da área do design
	Costa, Daniela Filipa Monteiro;	Dissertação Mestrado	Aplicação de técnicas de melhoria da qualidade no contexto da indústria automóvel	ND	Universidade de Aveiro (Portugal)	2018	Desconsiderado	Excluída	Fora da área do design
	da Silva Barbosa, Cristiano Joaquim;	Dissertação Mestrado	"Sozinhos em Casa com.": Proposta de Criação e Implementação de uma Sebenta de Apoio ao Estudo Individual do Instrumento em Casa	ND	Universidade de Aveiro (Portugal)	2020	Desconsiderado	Excluída	Fora da área do design
	Silva, Ana Filipa Santos;	Dissertação Mestrado	Otimização do Planeamento e dos Fluxos Logísticos de Reposições Numa Empresa de Marroquinaria de Luxo	ND	Universidade de Aveiro (Portugal)	2023	Desconsiderado	Excluída	Fora da área do design
	Camões, Marina Sofia Guimas;	Dissertação Mestrado	Políticas públicas para a juventude	ND	Universidade de Coimbra (Portugal)	2014	Desconsiderado	Excluída	Fora da área do design
	Zribi, Nada;	Dissertação Mestrado	La broderie en Tunisie	ND	Universidade de Évora	2019	Desconsiderado	Excluída	Fora da área do design
	Beker, Cora Cristina;	Dissertação Mestrado	Mise en Valeur du Patrimoine Hydraulique à L'échelle Territoriale Dans la Zone Métropolitaine de Córdoba, Argentina	ND	Universidade de Evora (Portugal)	2022	Desconsiderado	Excluída	Fora da área do design e publicação em Francês
	Frattini, Paula Caldas;	Dissertação Mestrado	Walter Scott e Balzac: romancistas da história	ND	Universidade de São Paulo	2010	Desconsiderado	Excluída	Fora da área do design
	Carmona, Jaime Solares;	Dissertação Mestrado	Gênero e sexualidade na teoria da arquitetura	ND	Universidade de São Paulo	2020	Desconsiderado	Excluída	Fora da área do design

Tr	Autores	Tipo	Tr	Título publicação	Palavras-chave	Universidade	Ano	Status Leitura	Inclusão / Exclusão	Tr	Observações
	Fruchi, Heloise Christine Specie;	Dissertação Mest		Gênero ao (contra) ataque: práticas da autodefesa cuir em São Paulo	ND	Universidade de São Paulo	2021	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	de Sousa, Carla Maria Moreira;	Dissertação Mest		Do espaço de aprendizagem para uma nova dinâmica de comunicação no AECE	ND	Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (Portugal)	2020	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Silva, Camila Assis Peres;	Dissertação Mest		Perfume, história e design: o papel das embalagens no mercado brasileiro de perfumaria	ND	Universidade do Estado do Rio de Janeiro	2012	Desconsiderado	Excluída		Fora da área dos estudos queer
	Assumpção, Juliana Gama de Brito;	Dissertação Mest		Práticas literárias, feminismos zineiros: Nós, as poetas! E os papéis dos fanzines	ND	Universidade do Estado do Rio de Janeiro	2023	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Cordeiro, Letícia de Souza ;	Dissertação Mest		Análise de moda de rua através de informações das agências de tendências	ND	Universidade do Minho (Portugal)	2013	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Cordeiro, Letícia de Souza;	Dissertação Mest		Análise de moda de rua através de informações das agências de tendências	ND	Universidade do Minho (Portugal)	2013	Desconsiderado	Excluída		Repetido
	dos Santos, Isaac Nogueira;	Dissertação Mest		Aplicação do Lean Office na Gestão da Produção de um Atelier Subcontratado	ND	Universidade do Minho (Portugal)	2020	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	dos Santos, Isaac Nogueira;	Dissertação Mest		Aplicação do Lean Office na Gestão da Produção de um Atelier Subcontratado	ND	Universidade do Minho (Portugal)	2020	Desconsiderado	Excluída		Repetido
	Carneiro, Justina Marisa da Silva;	Dissertação Mest		A tradução, a comunicação digital e a criação de conteúdos como fatores de globalização de uma marca	ND	Universidade do Minho (Portugal)	2022	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Carneiro, Justina Marisa da Silva;	Dissertação Mest		A tradução, a comunicação digital e a criação de conteúdos como fatores de globalização de uma marca	ND	Universidade do Minho (Portugal)	2022	Desconsiderado	Excluída		Repetido
	da Silva Mendes, Eduarda Gabriela;	Dissertação Mest		Da Tradução e Localização à Comunicação Digital: Um Estágio na Bloomidea	ND	Universidade do Minho (Portugal)	2023	Desconsiderado	Excluída		Repetido
	Pinto, Luísa Inês Nogueira Miranda;	Dissertação Mest		Le Corbusier e a Janela: do vão tradicional ao brise-soleil	ND	Universidade do Porto (Portugal)	2014	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Moreira, Gabriela Ferreira;	Dissertação Mest		Fine Papers no Design. Os 3P e a Dimensão Háptica e Sensorial dos Papéis Criativos	ND	Universidade do Porto (Portugal)	2022	Desconsiderado	Excluída		Fora da área dos estudos queer
	Gouveia, Ana Elisabete de;	Dissertação Mest		Os Microplanos de Montez Magno e os infra-minces de Duchamp: a hipersensível vastidão de um ínfimo intervalo	ND	Universidade Federal da Paraíba	2012	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	LOPES JÚNIOR, Luiz Gervázio;	Dissertação Mest		"Contra a moral e os bons costumes": a emergência do movimento homossexual paraibano nos anos 1980	ND	Universidade Federal de Campina Grande	2023	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Delgado, João Henrique Machado;	Dissertação Mest		Corpos que fal (h) am: reconhecimento e politização da vida sob a perspectiva cotidiana de drag queens de Belo Horizonte	ND	Universidade Federal de Minas Gerais	2023	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Morais, Paulo Fernando Guarato de;	Dissertação Mest		O sentido da produção de artistas contemporâneos LGBTQIA+: articulações entre arte, sociedade e cultura de resistência numa perspectiva queer	ND	Universidade Federal de Uberlândia	2024	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Pinto, Marina Rainho;	Dissertação Mest		(In) surgir com Tita Mavilha: Arte e Corporeidade Política de ser Mulher Trans-Imigrante	ND	Universidade NOVA de Lisboa (Portugal)	2023	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	De Andrade, Mário;	Livro		Obra imatura	ND	ND	2011	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design

Tr	Autores	📖 Tipo	Tr	Título publicação	Palavras-chave	Universidade	Ano	📖 Status Leitura	📖 Inclusão / Exclusão	Tr	Observações
	Maria Teresa Estrela, Cármen Cavaco, Patrícia Rosado Pinto, Maria João Cardona, Belmiro Cabrito, Fernando Albuquerque Costa, João Pinhal, Júlia Ferreira e Patrícia Figueiredo.	Livro		Formação Profissional: Investigação Educacional sobre teorias, políticas e práticas	ND	ND	2013	Desconsiderado	Excluída		Arquivo das atas do XX Colóquio Formação Profissional, fora da área do design
	Cutler, Aaron;	Livro		IMAGINANDO O MUNDO: O TRABALHO SONORO DE ERNST KAREL COM O SENSORY ETHNOGRAPHY LAB	ND	ND	2015	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Barros, Amândio Jorge Moraes; Verbum, Ad; Ferreira, Daniela;	Livro		Os descobrimentos e as origens da convergência global	ND	ND	2015	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design e dos estudos queer
	Horta, Nina;	Livro		O frango ensopado da minha mãe	ND	ND	2015	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Nicolau, Jairo;	Livro		SISTEMAS ELEITORAIS ED. 6	ND	ND	2015	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Rónai, Paulo;	Livro		Encontros com o Brasil	ND	ND	2018	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Mariot, Gilberto;	Livro		Fashion Law-A moda nos tribunais	ND	ND	2020	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	TE, E; PEREIRA, A ÉRIKA LEMOS; SAMP, YNÁ;	Livro		Esses seres vivemos	ND	ND	2020	Indisponível	Excluída		Site indisponível
	Mombaça, Jota;	Livro		Não vão nos matar agora	ND	ND	2021	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	ND	Livro		PORTUGAL E O SUL DE MARROCOS: CONTACTOS E CONFRONTOS (SÉCULOS XV-XVIII)	ND	ND	2021	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Carpeggiani, Schneider; Barbosa, Dudley; Porto, Maria Helena; Santos, Janio; Luzia, Hana; Santa Rosa, André; de Lima, Guilherme; Olinto, Rafael;	Livro		Suplemento Pernambuco# 185: Um choque rápido! Ou o Brasil morre de infarto	ND	ND	2021	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Neves, Herbert; Barreto Filho, Ricardo Rios; Fernandes, Otávia Pinheiro Pedrosa; de Lima Becker, Mariana;	Livro		Dossiê temático: Estudos linguísticos a partir de perspectivas sociointeracionais	ND	ND	2022	Desconsiderado	Excluída		Dossiê temático: Estudos linguísticos a partir de perspectivas sociointeracionais
	Canclini, Nestor García;	Livro		O mundo inteiro como lugar estranho	ND	ND	2022	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Weller, Fernando;	Livro		PENSAR O DOCUMENTÁRIO VOL. 2	ND	ND	2022	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	da Silva Carvalho, Danniel; de Lima, Pedro Eduardo;	Livro		Língua (gem) e sexualidade: perspectivas do século XXI	ND	ND	2022	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Gravier–UNAM–México, Marina Garone; DA CENA, ARTES; Rocco, Marcelo; Adverse, Angélica; Wasem, Marcelo; Falci, Carlos Henrique Rezende; Vasconcelos, Virgílio;	Livro	33		ND	ND	2023	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Pianowski, Fabiane;	Livro		Miradas Enredadas 2023: ativismo	ND	ND	2023	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Barros, Arnoldo;	Livro		Como Tomar Sua Organização Eficaz Priorizando a Administração de Recursos Humanos	ND	ND	2023	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Ramos, Armando Dias;	Livro		O Agente Encoberto Digital-Meios Especiais e Técnicos de Investigação Criminal	ND	ND	2023	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design

T _r	Autores	Tipo	T _r	Título publicação	Palavras-chave	Universidade	Ano	Status Leitura	Inclusão / Exclusão	Observações
	Carvalho, Carla; de Freitas Zirolto, Pedro, José; da Rosa, Luciane Oliveira;	Livro		CORPO (S) 2: cultura, estética, discurso	ND	ND	2023	Desconsiderado	Excluída	Fora da área do design
	de Matos, Thais Adriane Vieira;	Livro		DOS CORPOS EM IN/EXCLUSÃO	ND	ND	2023	Desconsiderado	Excluída	Fora da área do design
	de Andrade, Anyelle Karine; de Carvalhaes, Flávia Fernandes; Silva, Rafael Bianchi;	Livro		Infâncias e Adolescências nas Tramas das Políticas Públicas: olhares interdisciplinares	ND	ND	2023	Desconsiderado	Excluída	Fora da área do design
	Baxter-Wright, Emma;	Livro		Chanel	ND	ND	2024	Desconsiderado	Excluída	Fora da área do design
	Guerra, Paula; Campos, Ricardo;	Livro		COMbART: Arte, ativismo e cidadania. Revoluções, protestos, ativismos estético-políticos: livro de resumos	ND	ND	2024	Desconsiderado	Excluída	Fora da área do design
	Guerra, Paula; Campos, Ricardo;	Livro		COMbART: Arte, ativismo e cidadania. Revoluções, protestos, ativismos estético-políticos: livro de resumos	ND	ND	2024	Desconsiderado	Excluída	Repetido
	Ferreira, Milena Mignossi;	Livro		ENSINO DE INGLÊS NA EDUCAÇÃO ESPECIAL	ND	ND	ND	Desconsiderado	Excluída	Fora da área do design
	Perista, Heloisa;	Livro		Margarida Chagas Lopes Candida Ferreira - Les femmes d'Europe dans le marché du travail	ND	ND	ND	Desconsiderado	Excluída	Fora da área do design
	de Melo Souza, Arley Antonio; Xypas, Rosiane;	Livro		Análise de atividades de compreensão oral em FLE: do livro didático ao ambiente virtual	ND	ND	ND	Desconsiderado	Excluída	Fora da área do design
	Pessoa, Emerson;	Livro		Encarnando a europeia	ND	ND	ND	Desconsiderado	Excluída	Fora da área do design
	Belinassi, Wellington;	Outros		O PERFUME E A ESTRATÉGIA DAS GRIFES	ND	ND	2011	Desconsiderado	Excluída	Fora da área do design
ND		Outros		Entrevista Carlos Brito	ND	ND	2015	Desconsiderado	Excluída	É uma entrevista e não um material completo publicado
	Robert, Emerson;	Outros		Programa Interuniversitário d Conhecimento para soci	ND	ND	2020	Desconsiderado	Excluída	É um programa universitário e é fora da área do design
	Darmaros, Marina;	Outros		Estágio de Pós-Doutorado	ND	ND	2022	Desconsiderado	Excluída	Refere-se a um estágio de pós-doutorado, sem publicação
	Baraúna, Danilo; Hosni, Cássia; Celeste, Hosana; Maneschy, Orlando; Paiva, Anderson;	Outros		APRESENTAÇÃO>>> CONTEXTOS E PRÁTICAS DO AUDIOVISUAL EXPERIMENTAL PARTE I	ND	ND	ND	Desconsiderado	Excluída	É uma apresentação e não um trabalho publicado
	Cyrino, João; Danneli Carvalho	Outros		ND	ND	ND	ND	Desconsiderado	Excluída	Identificado apenas os autores
ND		Outros		CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM MODA, CULTURA DE MODA E ARTE	ND	ND	ND	Desconsiderado	Excluída	É um curso de especialização e é fora da área do design
	Vida, Rui; da Silva, Correia;	Outros		Bibliografia publicada, de 1999 a 1993	ND	ND	ND	Desconsiderado	Excluída	Fora da área do design
	Áraujo, Carlos Alberto Ávila; Crippa, Giulia; Melgaço, Lucas; Almeida, Marco Antônio; Rojas, Miguel Ángel Rendón; Capurro, Rafael; Marques, Rodrigo Moreno, Marteletto, Regina Maria; Misse, Michel; Cabral, Adilson;	Outros		COMITÉ CIENTÍFICO AD HOC	ND	ND	ND	Desconsiderado	Excluída	É um comitê científico e não um material publicado

Tr	Autores	Tipo	Tr	Título publicação	Palavras-chave	Universidade	Ano	Status Leitura	Inclusão / Exclusão	Tr	Observações
	de Sousa, Sara Marina Paiva Pinto;	Outros		O Viajante Imóvel Estudo Sobre a Vida aa Obra de Yves Saint Laurent	ND	Universidade do Porto (Portugal)	2010	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	OLIVEIRA, Rennan Rodrigues da Costa de;	Outros		Calçado ortopédico para crianças com pé plano valgo	ND	Universidade Federal de Campina Grande	2015	Indisponível	Excluída		Site indisponível
	Giordani, Luiza;	TCC		A marca Chanel como objeto de desejo e de consumo	ND	ND	2013	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Silva, Nilton Luiz Feijó;	TCC		Uma Flor de Dama: performatividades e (r) existências de corpos trans	ND	ND	2018	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Maciel, Luane Pinheiro; Branco, Giovanna de Moraes; Mendi Silva, Nay;	TCC		Fronteriza	ND	ND	2021	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Branco, Giovanna; Maciel, Luane; Mendi, Nay;	TCC		Fronteriza	ND	ND	2021	Desconsiderado	Excluída		Repetido
	Mello, Sue Gonçalves de;	TCC		Uma pesquisa obscena: recorte sobre a censura e a cautela em exposições de Porto Alegre	ND	ND	2023	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Silva, Beatriz Trindade da;	TCC		Como identificar um capitão: o uniforme como ferramenta de representação no jogo "Return of the Obra Dinn	ND	ND	2024	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Santos, Nádia Pereira dos;	TCC		Que cheiro é esse que vejo e ouço?	ND	ND	ND	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Sartorelli, Leo Laura Carvalho;	TCC		Recorto, rasgo, guardo e faço disso um pouco meu também: colagem como prática artística metodológica	ND	UNESP	2024	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	MARTINS, ORLANDO RUFINO;	TCC		"RUA DE BERNE, 39": Tradução comentada e enqueirizada do romance de Max Lobe	ND	Universidade Federal da Bahia	2022	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Neto, Cavalcante; Rocha, Euclides;	TCC		Itinerários desejanates cartografando dissidências no Recife-PE	ND	Universidade Federal de Alagoas	2022	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Junior, Ataides; Rodrigues, Jorge;	TCC		Transexperiências espaciais: proposta geocartográfica queer/transviada a partir do mapeamento dos assassinatos de pessoas trans no Brasil entre 2017 e 2022	ND	Universidade Federal de Mato Grosso-Araguaia	2022	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	MÉRCEZ, Cristiano Paiva;	TCC		Aracna Swan: espetacularidade, performance do feminino e subversão de gênero na técnica de pontas	ND	Universidade Federal do Pará	2018	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Maia, Ana Clara Oliveira;	TCC		Produção de cosméticos baseados no microbioma da pele	ND	Universidade Federal do Rio de Janeiro	2021	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Grangeiro, Rebeca da Rocha;	Tese Doutorado		O trabalho do artesão do Cariri cearense: sua história, práticas e significados da atividade profissional	ND	ND	2016	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Altmayer, Carlos Guilherme Mace;	Tese Doutorado		TROPICUIR: ESTÉTICO-POLÍTICAS TRANSVIADAS-MEMÓRIA, ARQUIVO, DESIGN		ND	2020	Concluída	Excluída		Repetido. Já foi selecionado no estudo 4 Google Scholar
	Pessoa, Emerson;	Tese Doutorado		Encarnando a europeia: biografias corporais,(i) mobilidades e subjetividades de trabalhadoras do sexo trans e travestis em Lisboa	ND	ND	2020	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design
	Favero, Sofia;	Tese Doutorado		Lapidar os sentidos da infância: reimaginando o cuidado com crianças trans	ND	ND	2024	Desconsiderado	Excluída		Fora da área do design

T _r	Autores	Tipo	T _r	Título publicação	Palavras-chave	Universidade	Ano	Status Leitura	Inclusão / Exclusão	Observações
	Melo, Rogério Amador de;	Tese Doutorado		Palavras-sopros de corpos em trânsitos: uma cartografia de experiências queers e seus não-lugares	ND	UNESP	2021	Desconsiderado	Excluída	Fora da área do design
	Soares, Luiz Henrique Moreira;	Tese Doutorado		La misma nota, forever e Las biuty queens: travestilidades em trânsito nas narrativas de Iván Monalisa Ojeda	ND	UNESP	2024	Desconsiderado	Excluída	Fora da área do design
	de Araujo Pessoa, Emerson Roberto;	Tese Doutorado		Encarnando a europeia: biografias corporais,(i) mobilidades e subjetividades de trabalhadoras do sexo trans e travestis em Lisboa	ND	Universidade de Lisboa (Portugal)	2019	Desconsiderado	Excluída	Fora da área do design
	Mendes, Hernani Guimarães;	Tese Doutorado		Send Nudes: estudos para corpos-imagens	ND	Universidade do Estado do Rio de Janeiro	2023	Desconsiderado	Excluída	Fora da área do design
	dos Santos Carreira, Cátia Andreia;	Tese Doutorado		Optimização de um Sistema Plasma Para a Modificação de Superfícies	ND	Universidade do Porto (Portugal)	2015	Desconsiderado	Excluída	Fora da área do design
	Romano, Sandra Nodari;	Tese Doutorado		A voz feminina nas reportagens televisivas: um estudo comparativo entre os jornais televisivos de Portugal e do Brasil a partir do Lugar de Fala	ND	Universidade Fernando Pessoa (Portugal)	2021	Desconsiderado	Excluída	Fora da área do design
	Junior, Jurandir Eduardo Pereira;	Artigo		Figurino TransAverso: processos de rupturas em gênero na criação e ensino do figurino cênico	ND	ND	2023	Concluída	Incluída	Artigo da área da moda sobre o conceito de Figurinos TransAverso à partir da perspectiva de autores de gênero, autores queer/cuir
	Melo, Pedro Henrique Pires de;	TCC		Lampião da esquina: tabloide cuir da resistência	queer design; tabloide; lgbtqiapn+; publicações alternativas	Universidade Federal do Rio de Janeiro	2023	Concluída	Incluída	TCC sobre estudo e produção gráfica e editorial de uma publicação alternativa no mercado editorial brasileiro, tomando base no resgate histórico do jornal, Lampião da Esquina, uma das primeiras publicações com temática

Apêndices N - RBE - Trabalhos incluídos e selecionados com mais de 2 materiais

T _T Autores	Tipo	T _T Título publicação	Universidade	Ano	Inclusão / Exclusão
Stokes A.	Artigo	The Glass Runway: How Gender and Sexuality Shape the Spotlight in Fashion Design	USA University of Waterloo, Canada; University of Texas, Austin, United States	2015	Incluída
Stokes, Allyson	Artigo	THE GLASS RUNWAY: How Gender and Sexuality Shape the Spotlight in Fashion Design	ND	2015	Incluída
Schultz, Tristan; Abdulla, Danah; Ansari, Ahmed; Canli, Ece ; Keshavarz, Mahmoud; Kiem, Matthew; Martins, Luiza Prado de O.; de Oliveira, Pedro J. S. Vieira	Artigo	What Is at Stake with Decolonizing Design? A Roundtable	ND	2018	Incluída
Canli, Ece	Artigo	Binary by Design: Unfolding Corporeal Segregation at the Intersection of Gender, Identity and Materiality	Universidade do Porto	2018	Incluída
Laura Zambrini	Artigo	Diseño e indumentaria: una mirada histórica sobre la estética de las identidades de género	Universidad de Buenos Aires; Doctorado en Diseño de la Universidad de Palermo	2019	Incluída
de Oliveira Junior, Nythamar Hilario Fernandes; Zapata, Maximiliano;	Artigo	Design de moda e cultura Queer: o devir-drag como expressão de gênero	ND	2017	Incluída
Oliveira, Mariana Nobre de; Medeiros, Wellington Gomes de;	Artigo	Design e Dissidência Queer: considerações sobre questões de gênero no design	ND	2021	Incluída
Riggs, Alexandra Teixeira;	Artigo	Queer Archival Design in Tangible Embodied Interactive Experiences	ND	2024	Incluída
Teixeira Riggs, Alexandra;	Artigo	For queer lovers and friends: an exploration of queer connection by design in the Lex Mobile App	ND	2024	Incluída
Potvin, John;	Capítulo de livro	Destabilizing the Scenario of Design: Queer/Trans/Gender-Neutral	ND	2019	Incluída
Potvin, John;	Capítulo de livro	Through the Looking Glass: Thom Browne and the Tailoring of a Queer Design	ND	2020	Incluída

Tt Autores	Tipo	Tt Título publicação	Universidade	Ano	Inclusão / Exclusão
Oliveira, Felipe Grassine de;	Dissertação Mest	Design abjeto: o queer eu tenho a ver com isso?	ND	2023	Incluída
Borges, Lucas Mota;	TCC	Laboratório de design queer: experimentação de práticas contra-normativas no design	ND	2022	Incluída
Simão Marcos Apocalypse Maria José Vicentini Jorente	Artigo	DESIGN DA INFORMAÇÃO EM REPOSITÓRIOS INSTITUCIONAIS: contribuições para a visibilidade de trabalhos referentes à comunidade LGBT, diversidade de gênero e sexualidade	ND	2018	Incluída
Talita Meier Marques Rodrigues; Denise Berruezo Portinari;	Artigo	Design, Corpos e Política: gênero, sexualidade e performatividade	ND	2022	Incluída
Simão Marcos Apocalypse Maria José Vicentini Jorente	Artigo	Contribuições do Design da informação para a visibilidade de conteúdos que perpassem a temática LGBT, diversidade de gênero e sexualidade convergidos em Repositórios Digitais.	UNESP	2019	Incluída
Allyson Stokes	Artigo	The Glass Runway: How Gender and Sexuality Shape the Spotlight in Fashion Design	University of Texas at Austin, University of Waterloo	2015	Incluída
Contini, Guilherme Cardoso; Rossi, Dorival Campo; Silva, Larissa Maués Pelúcio;	Artigo	PARALELOS DE GÊNERO E SEX DESIGN: TRANSDISCIPLINARIDADE DOS ARTEFATOS	FAAC/UNESP	2021	Incluída
Zambrini, Maria Laura;	Artigo	Olhares sobre moda e design a partir de uma perspectiva de gênero	ND	2016	Incluída
Portela, Raiama Lima; Noronha, Raquel Gomes; de Araújo, Mariana Gomes Lúcio; de Pádua Aboud, Camila; Souza, Frank Willian;	Artigo	Design, gênero e metaprojeto: a construção de uma ferramenta para fotoelicitação em uma comunidade artesã	ND	2017	Incluída
Zacar, Cláudia Regina Hasegawa; dos Santos, Marinês Ribeiro;	Artigo	O design de interiores como prótese de gênero: um estudo sobre ambientes projetados para casais e para crianças	ND	2020	Incluída
Altmayer, Guilherme; Veras, Leno;	Artigo	Design é coisa de veado: estratégias para o desenho de uma plataforma digital para memórias sexo e gênero dissidentes	ND	2021	Incluída

Tt Autores	🔗 Tipo	Tt Título publicação	Universidade	Ano	🔗 Inclusão / Exclusão
Oliveira, Mariana Nobre de; Medeiros, Wellington Gomes de;	Artigo	Design e Dissidência Queer: considerações sobre questões de gênero no design	ND	2021	Incluída
Maia, Alessandra Maria Silva Santos; Maia, Dante Oliveira; Dominici, Marcos Aurélio; Noronha, Raquel Gomes;	Artigo	Design Anthropology e a construção do diálogo sobre gênero em uma escola de ensino médio	ND	2022	Incluída
Souza, Paulo Vitor Araujo; Farias, Luiza Gomes Duarte de; Noronha, Raquel Gomes;	Artigo	Design participativo, gênero e artesanato: reflexões sobre a lacuna de equidade de gênero entre mulheres artesãs	ND	2022	Incluída
Menezes, Yasmin; Grassine, Felipe; Altmayer, Guilherme;	Artigo	Design e gênero: marcações binárias na Ergonomia	ND	2023	Incluída
Talita Meier Marques Rodrigues; Denise Berruezo Portinari;	Artigo	Gênero no Design: a reprodução dos ideais de masculinidade e feminilidade	PUC RJ	2016	Incluída
de Oliveira Junior, Nythamar Hilario Fernandes; Zapata, Maximiliano;	Artigo	Design de moda e cultura Queer: o devir-drag como expressão de gênero	PUC RJ	2017	Incluída
Bianca Mendes Rati; Marcos Namba Beccari;	Artigo	Estereótipos de gênero e apelos retóricos no design gráfico: um modelo de análise	UFPR	2020	Incluída
Bianca Mendes Rati; Marcos Namba Beccari;	Artigo	Gênero neutro e design gráfico: uma análise discursiva das marcas de cosméticos Simple Organic e Fluide	UFPR	2020	Incluída
Rezende, Alexandre Cantini; de Almeida Chagas, Maria das Graças; de Souza, Tamyres Lucas Manhães; Silva, Tathiana Sanches Tavares;	Capítulo de livro	DESIGN DE PERSONAGENS VOLTADO PARA REFLEXÕES SOBRE DIVERSIDADE E REPRESENTATIVIDADE DE GÊNERO EM GAMES	ND	2017	Incluída
Almeida, Ana Julia Melo;	Capítulo de livro	Gênero como modo de leitura para a história do design	ND	2024	Incluída
Noronha, Raquel Gomes;	Capítulo de livro	Narrativas em design e gênero: crítica e especulação para futuros possíveis	ND	2024	Incluída

Tt Autores	Tipo	Tt Título publicação	Universidade	Ano	Inclusão / Exclusão
OLIVEIRA, Mariana Nobre de;	Dissertação Mest	Representação de gênero no design de embalagem: expressão de neutralidade nos atributos visuais de produtos dermocosméticos nacionais.	ND	2022	Incluída
Ana Julia Melo Almeida, Griselda Flesler, Maria Cecília Loschiavo dos Santos e Raquel Gomes Noronha.	Livro	Design e gênero: experiências coletivas de ensino	UFMA	2024	Incluída
Santos, Marinês Ribeiro dos;	Tese Doutorado	O design Pop no Brasil dos anos 1970: domesticidades e relações de gênero na revista Casa & Jardim	UFSC	2010	Incluída
Pelúcio Silva, Larissa Maués; Campos Rossi, Dorival; Henriques, Fernanda; Cardoso Contini, Guilherme;	Artigo	Género y Diseño: binarismo, transgresiones y transdisciplinariedad.	FAAC/UNESP	2023	Incluída
Grassine, Felipe;	Artigo	Podem pessoas transgêneras ocuparem banheiros públicos? Placas de banheiro e suas regulações de corpos dissidentes	ND	2024	Incluída
Portinari, Denise;	Artigo	Queerizar o design	PUC RJ	2017	Incluída
Côrtes, Nina Reis; Portinari, Denise Berruezo;	Artigo	Por um design desacomodado: reflexões e análises do campo	PUC RJ	2022	Incluída
Zacar, Cláudia Regina Hasegawa; Jaco, Hadassa Demenjeon; Pandini, Julia Raniero;	Artigo	Contribuições dos feminismos para a metodologia do design	UFPR	2022	Incluída
Cunha, Aura Celeste Santana; Borges, Lucas Mota;	Artigo	Queer designers: Experimentações não-conformativas na geração de uma rede dissidente	Universidade Federal do Ceará (UFC)	2024	Incluída
Portinari, Denise Berruezo; Célem, Eva; Altmayer, Guilherme; Ramiro, Maria; Eboli, Pedro Caetano;	Capítulo de livro	Pesquisa-Corpo: Percursos e Desvios Metodológicos de Pesquisas Sobre Estética, Política e Subjetividade	ND	2022	Incluída
Contini, Guilherme Cardoso;	Dissertação Mest	Erótica LAB: reconfigurações dos espaços para projetos de gênero, prazer e tecnologia	FAAC/UNESP	2021	Incluída

 Autores	 Tipo	 Título publicação	Universidade	Ano	 Inclusão / Exclusão
Eva Rubens Célem	Dissertação Mestrado	Descolando Gênero e Sexualidade: uma investigação sobre processos feministas de subjetivação e o fenômeno do Consciousness-Raising	ND	2020	Incluída
Nina Reis Côrtes	Dissertação Mestrado	Diálogos e oficinas feministas: reflexões sobre os movimentos contemporâneos e a prática do design	PUC RJ	2022	Incluída
Contini, Guilherme Cardoso;	TCC	Erótica LAB	FAAC/UNESP	2018	Incluída
ALTMAYER, CARLOS GUILHERME MACE;	Tese Doutorado	TROPICUIR: ESTÉTICO-POLÍTICAS TRANSVIADAS-MEMÓRIA, ARQUIVO, DESIGN	ND	2020	Incluída



FACULDADE DE
ARQUITETURA, ARTES E
COMUNICAÇÃO -
UNESP/FAAC



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: QUEM FAZ UM DESIGN QUEER? Identificação de metodologias e práticas contranormativas no design

Pesquisador: GUILHERME CARDOSO CONTINI

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 89558625.0.0000.5663

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JULIO DE MESQUITA FILHO

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 7.786.236

Apresentação do Projeto:

Trata-se de uma pesquisa de doutorado em Design, que envolve a realização de 10 a 20 entrevistas com docentes, estudantes ou profissionais com produção acadêmica ou prática relevante na área em estudo.

Objetivo da Pesquisa:

O objetivo geral da pesquisa é analisar as aplicações do Design nos estudos queer para a identificação de práticas e ferramentas utilizadas na construção de práticas de suporte à diversidade e inclusão.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os riscos e benefícios foram relatados pelo pesquisador, conforme abaixo.

- Potenciais riscos da pesquisa: riscos de origem psicológica como desconforto; possibilidade de constrangimento ao responder o questionário; vergonha; estresse; cansaço ou aborrecimento durante a as gravações de áudio e vídeo da entrevista; evocação de memórias pessoais; alterações sobre a visão de mundo e de comportamentos em função das reflexões sobre gênero e sexualidade; medo de não saber responder as perguntas; imprecisão na divulgação dos resultados.

- Potenciais benefícios: "contribuição indireta no desenvolvimento de mais pesquisas na área de design com ênfase em estudos queer e estudos de gênero".

Endereço: Avenida Engenheiro Luiz Edmundo Carrijo Coube nº 14-01, Prédio da Seção Técnica de PósGraduação da
Bairro: VARGEM LIMPA **CEP:** 17.033-360
UF: SP **Município:** BAURU
Telefone: (14)3103-4880 **Fax:** (14)3103-6050 **E-mail:** cep.faac@unesp.br



Continuação do Parecer: 7.786.236

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Como o projeto envolve a coleta de dados por meio de entrevistas, deve atender aos preceitos éticos previstos nas Resoluções Nº 510/16 e Nº 466/12 do CNS.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O TCLE foi apresentado, contendo todas as informações obrigatórias previstas nas resoluções. O esboço do roteiro de entrevista também foi incluído no projeto completo.

Recomendações:

Não há.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Parecer favorável.

Considerações Finais a critério do CEP:

O Comitê acata o parecer e aprova o Projeto.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2578773.pdf	10/06/2025 11:19:58		Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto_Guilherme_Cardoso_Continiassinado.pdf	10/06/2025 11:16:51	GUILHERME CARDOSO CONTINI	Aceito
Declaração de concordância	declaracao_relatorio_final_Guilhermeassinado.pdf	10/06/2025 11:16:39	GUILHERME CARDOSO CONTINI	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tcle_5101_divulgacao_dados_2025.pdf	09/06/2025 16:39:13	GUILHERME CARDOSO CONTINI	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_de_pesquisa_detalhado_2025.pdf	09/06/2025 15:51:25	GUILHERME CARDOSO CONTINI	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Avenida Engenheiro Luiz Edmundo Carrijo Coube nº 14-01, Prédio da Seção Técnica de PósGraduação da
Bairro: VARGEM LIMPA **CEP:** 17.033-360
UF: SP **Município:** BAURU
Telefone: (14)3103-4880 **Fax:** (14)3103-6050 **E-mail:** cep.faac@unesp.br



FACULDADE DE
ARQUITETURA, ARTES E
COMUNICAÇÃO -
UNESP/FAAC



Continuação do Parecer: 7.786.236

BAURU, 22 de Agosto de 2025

Assinado por:
Luiz Antonio Vasques Hellmeister
(Coordenador(a))

Endereço: Avenida Engenheiro Luiz Edmundo Carrijo Coube nº 14-01, Prédio da Seção Técnica de PósGraduação da
Bairro: VARGEM LIMPA **CEP:** 17.033-360
UF: SP **Município:** BAURU
Telefone: (14)3103-4880 **Fax:** (14)3103-6050 **E-mail:** cep.faac@unesp.br

Apêndices P - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação - Câmpus de Bauru

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO/ ANUÊNCIA DE DADOS

Gostaríamos de convidar você a participar como voluntário (a) da pesquisa **"QUEM FAZ UM DESIGN QUEER? Identificação de metodologias e práticas contranormativas no design"**.

O motivo que nos leva a realizar esta pesquisa é **"a investigação da relação entre o Design e os Estudos Queer, analisando práticas e pesquisas contranormativas no Design"**. Nesta pesquisa pretendemos **"analisar, através de revisão bibliográfica e entrevistas, as aplicações do Design nos estudos queer para a identificação de práticas e ferramentas utilizadas na construção de projetos de suporte à diversidade e/ou inclusão"**.

Caso você concorde em participar, vamos fazer as seguintes atividades com você **"entrevista qualitativa sobre a relação entre o histórico, os materiais e os projetos de design em desenvolvimento ou já desenvolvidos pelo(a) pesquisador(a) selecionado(a) e sua conexão com os estudos "queer" e os estudos de gênero"**. Esta pesquisa tem alguns riscos, que são: **"riscos de origem psicológica como desconforto; possibilidade de constrangimento ao responder o questionário; vergonha; estresse; cansaço ou aborrecimento durante a as gravações de áudio e vídeo da entrevista; evocação de memórias pessoais; alterações sobre a visão de mundo e de comportamentos em função das reflexões sobre gênero e sexualidade; medo de não saber responder as perguntas; imprecisão na divulgação dos resultados."** Mas, para diminuir a chance desses riscos acontecerem, **"será proporcionado um ambiente físico ou digital acolhedor e tranquilo, restrito ao pesquisador, ao entrevistado e à equipe de gravação. Serão feitas pausas entre as perguntas e sempre que solicitado pelo entrevistado. Além disso, o(a) participante tem plena liberdade de recusar-se a responder alguma pergunta ou de interromper a entrevista"**. A pesquisa pode ajudar **"a trazer contribuições substanciais para à área do design ao mapear as pesquisas e os projetos já realizados ou em desenvolvimento que se conectem com os estudos queer ou os estudos de gênero. A reunião desses dados coletados pode acelerar e facilitar, futuramente, o desenvolvimento de novas pesquisas na área."**

Para participar deste estudo você não vai ter nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, se você tiver algum dano por causadas atividades que fizemos com você nesta pesquisa, você tem direito de solicitar indenização. Você terá todas as informações que quiser sobre esta pesquisa e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Mesmo que você queira participar agora, você pode voltar atrás ou parar de participar a qualquer momento. A sua participação é voluntária e o fato de não querer participar não vai trazer qualquer penalidade ou mudança na forma em que você é atendido. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável e a outra será fornecida a você. Os dados coletados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos. Decorrido este tempo, o pesquisador avaliará os documentos para a sua destinação final, de acordo com a legislação vigente. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais, atendendo as legislações brasileiras (Resoluções Nº 510/16 e Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Mediante ao disposto no Artigo 9º da Resolução 510/16 CNS no que diz: **"São direitos dos participantes": "V – decidir se sua identidade será divulgada e quais são, dentre as informações que forneceu, as que podem ser tratadas de forma pública;"**. Declaro que concordo em participar da pesquisa, que me foi dada à oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas e que minha identidade e os (as) **dados e informações apresentados** poderão ser divulgados. Recebi uma via original deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada à oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Bauru, _____ de _____ de 20 ____.

Assinatura do participante
Nome do participante
RG: _____

Assinatura do Pesquisador
RG: _____

Pesquisador Responsável: Guilherme Cardoso Contini
Instituição: FAAC/UNESP - Bauru
Contato: _____ e e-mail: guilherme.contini@unesp.br
Orientadora: Fernanda Henriques
Instituição: FAAC/UNESP - Bauru
Contato: _____ e e-mail: fernanda.henriques@unesp.br

Apêndices Q - Formulário Google (modelo)

Quem faz um Design Queer?

Meu nome é Guilherme Contini, sou doutorando do PPG Design da UNESP de Bauru e este questionário faz parte do meu projeto de doutorado **“QUEM FAZ UM DESIGN *QUEER*?**

Identificação de metodologias e práticas contranormativas no design”, sobre as aproximações do ensino e pesquisa em Design com as temáticas *queer*, de gênero e de sexualidade. Sou orientado pela Prof^ª. Dr^ª. Fernanda Henriques e coorientado pela Prof^ª. Dr^ª. Cassia Carrara Domiciano, docentes da graduação e pós-graduação em Design da UNESP.

Reforço a importância da sua contribuição para a área de pesquisa e será uma honra poder entrevista-lo(a), através das perguntas a seguir, para saber um pouco mais sobre as origens dessa conexão Design-gênero-sexualidade e Design-*queer*.

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (FAAC) da UNESP, campus Bauru. CAAE: 89558625.0.0000.5663.

Pesquisador Responsável: Guilherme Cardoso Contini

Orientadora Responsável: Professora Dr^ª. Fernanda Henriques

Instituição a qual pertence o Pesquisador Responsável e a Orientadora: UNESP (campus Bauru)

Caso tenha alguma dúvida ou interesse em saber mais informações sobre a pesquisa, entre em contato comigo pelo e-mail guilherme.contini@unesp.br ou pelo telefone/Whatsapp

████████████████████

Ao continuar você concorda em dar acesso às respostas do formulário e utilizá-las na pesquisa, incluída a possibilidade de identificação de entrevistado(a) na apresentação e nos materiais derivados do doutorado.

* Indica uma pergunta obrigatória

1. E-mail *

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Gostaríamos de convidar você a participar como voluntário(a) da pesquisa **“QUEM FAZ UM DESIGN *QUEER*? Identificação de metodologias e práticas contranormativas no design”**.

O motivo que nos leva a realizar esta pesquisa é a investigação da relação entre o Design e os estudos *queer*, analisando práticas e pesquisas contranormativas no Design. Nesta pesquisa pretendemos analisar, através de revisão bibliográfica e entrevistas, as aplicações do Design nos estudos *queer* para a identificação de práticas e ferramentas utilizadas na construção de projetos.

Caso você concorde em participar, vamos fazer as seguintes atividades com você via formulário ou Google Meet, conforme sua disponibilidade: entrevista qualitativa sobre a relação entre o histórico, os materiais e os projetos de design em desenvolvimento ou já desenvolvidos pelo(a) pesquisador(a) selecionado(a) e sua conexão com os estudos “*queer*” e os estudos de gênero”.

Esta pesquisa tem alguns riscos mínimos, que são: riscos de origem psicológica como desconforto; possibilidade de constrangimento ao responder o questionário; vergonha; estresse; cansaço ou aborrecimento durante a as gravações de áudio e vídeo da entrevista (caso seja realizada via Google Meet); evocação de memórias pessoais; alterações sobre a visão de mundo e de comportamentos em função das reflexões sobre gênero e sexualidade; medo de não saber responder as perguntas; imprecisão na divulgação dos resultados. Mas, para diminuir a chance desses riscos acontecerem, será proporcionado um ambiente físico ou digital acolhedor e tranquilo, restrito ao pesquisador, ao entrevistado e à equipe de apoio (se necessária para gravação do Google Meet, quando escolhida essa modalidade). Serão feitas pausas entre as perguntas sempre que solicitado pelo entrevistado. Além disso, o(a) participante tem plena liberdade de recusar-se a responder alguma pergunta ou de interromper a entrevista”. A pesquisa pode ajudar a trazer contribuições substanciais para a área do design ao mapear as abordagens metodológicas, as pesquisas e os projetos já realizados ou em desenvolvimento que se conectem com os estudos *queer* ou os estudos de gênero. A reunião desses dados coletados pode acelerar e facilitar, futuramente, o desenvolvimento de novas pesquisas na área.

Para participar deste estudo você não vai ter nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, se você tiver algum dano por causadas atividades que fizermos com você nesta pesquisa, você tem direito de solicitar indenização. Você terá todas as informações que quiser sobre esta pesquisa e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Mesmo que você queira participar agora, você pode voltar atrás ou parar de participar a qualquer momento. A sua participação é voluntária e o fato de não querer participar não vai trazer qualquer penalidade ou mudança na forma em que você é atendido. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável e a outra será fornecida a você. Os dados coletados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos. Decorrido este tempo, o pesquisador avaliará os documentos para a sua destinação final, de acordo com a legislação vigente. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais, atendendo as legislações brasileiras (Resoluções Nº 510/16 e Nº 466/12 do Conselho Nacional de

Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Mediante ao disposto no Artigo 9º da Resolução 510/16 CNS no que diz: “São direitos dos participantes”: “V – decidir se sua identidade será divulgada e quais são, dentre as informações que forneceu, as que podem ser tratadas de forma pública;”.

2. Ao selecionar uma das opções abaixo, você declara que concorda em participar da pesquisa, que lhe foi dada à oportunidade de ler e esclarecer as suas dúvidas e que sua identidade e os dados e informações apresentados poderão ser divulgados. *

Marcar apenas uma oval.

☐ Li, compreendi e aceito as condições dispostas no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Afirmo concordar em participar da pesquisa e que me foi dada a oportunidade de esclarecer minhas dúvidas. *Pular para a pergunta 3*

☐ Não aceito as condições dispostas no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Desta forma, me recuso a participar da pesquisa.

Cadastro / Dados pessoais

Os dados de cadastro serão utilizados exclusivamente para a pesquisa de doutorado e não serão utilizados para outros fins, respeitando assim a Lei nº 13.853, de 8 de Julho, Lei Geral de Proteção de Dados.

3. **Nome completo** *

4. **Nº Documento de Identidade** *

Você pode optar por incluir seu RG ou CPF. Este dado será coletado com objetivo exclusivo de confirmação do consentimento do respondente quanto ao uso de respostas na pesquisa de doutorado. Esse dado não será utilizado para outros fins e não será divulgado, respeitando, assim, a Lei nº 13.853, de 8 de julho, Lei Geral de Proteção de Dados.

5. Identidade de Gênero *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Mulher Cisgênero
- ☐ Mulher Transgênero
- ☐ Homem Cisgênero
- ☐ Homem Transgênero
- ☐ Pessoa Não-binária
- ☐ Prefiro não declarar
- ☐ Outro: _____

6. Qual é a sua formação? *

7. Qual é a universidade e/ou o(s) programa(s) de graduação e pós-graduação de Design que você faz parte atualmente? *

Questionário

O questionário é composto por perguntas, em sua maioria, qualitativas.

Se em algum momento você decidir não responder, por favor indique: "Prefiro não responder!".

8. **Você sempre pesquisou sobre os estudos de gênero e sexualidade dentro do Design, ou você teve algum ponto de virada em relação à sua pesquisa ou à sua trajetória acadêmica?** *

9. **Você também pesquisa os estudos queer? Essa aproximação começou antes, depois ou ao mesmo tempo em que se aproximou dos estudos de gênero e sexualidade?** *

10. **Você tem familiaridade com o termo “queerização do Design”? ***

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim *Pular para a pergunta 11*
- ☐ Não *Pular para a pergunta 19*

Questionário

11. **Você respondeu "Sim" à pergunta anterior. Por favor, explique em suas palavras o que é "queerização do Design".** *

12. **Em que momento você “queerizou o Design” através de suas pesquisas e/ou projetos?** *

13. **O que você acha que falta no Design para a sensibilização às temáticas *queer* e às temáticas de gênero e sexualidade realmente acontecerem?** *

14. **Você já realizou PROJETOS PRÁTICOS com a temática *queer*? Se sim, que metodologias ou práticas do Design você utilizou?** *

15. **Você já realizou PESQUISAS com a temática *queer*? Se sim, que metodologias ou práticas do Design você utilizou?** *

16. **Quando você pensa na literatura do Design, vem algo à mente que dialoga com os estudos *queer*?** *

17. **Quando você pensa na literatura *queer*, vem algo à mente que dialoga com os estudos do Design?** *

18. **O que esperar do futuro dessa relação entre Design e *queer*?** *

19. Em uma definição rápida, “queerizar o Design seria sensibilizar o campo para os aspectos das subjetividades, das questões estéticas, políticas, sociais e culturais do Design na contemporaneidade” (Portinari, 2017). *

Em que momento você “queerizou o Design” através de suas pesquisas e/ou projetos?

20. O que você acha que falta no Design para a sensibilização às temáticas *queer* e às temáticas de gênero e sexualidade realmente acontecerem? *

21. Você já realizou PROJETOS PRÁTICOS com a temática *queer*? Se sim, que metodologias ou práticas do Design você utilizou? *

22. **Você já realizou PESQUISAS com a temática *queer*? Se sim, que metodologias ou práticas do Design você utilizou?** *

23. **Quando você pensa na literatura do Design, vem algo à mente que dialoga com os estudos *queer*?** *

24. **Quando você pensa na literatura *queer*, vem algo à mente que dialoga com os estudos do Design?** *

25. **O que esperar do futuro dessa relação entre Design e *queer*?** *

Quem faz um Design Queer?

Meu nome é Guilherme Contini, sou doutorando do PPG Design da UNESP de Bauru e este questionário faz parte do meu projeto de doutorado **“QUEM FAZ UM DESIGN *QUEER*? Identificação de metodologias e práticas contranormativas no design”**, sobre as aproximações do ensino e pesquisa em Design com as temáticas *queer*, de gênero e de sexualidade. Sou orientado pela Prof^a. Dr^a. Fernanda Henriques e coorientado pela Prof^a. Dr^a. Cassia Carrara Domiciano, docentes da graduação e pós-graduação em Design da UNESP.

Reforço a importância da sua contribuição para a área de pesquisa e será uma honra poder entrevista-lo(a), através das perguntas a seguir, para saber um pouco mais sobre as origens dessa conexão Design-gênero-sexualidade e Design-*queer*.

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (FAAC) da UNESP, campus Bauru. CAAE: 89558625.0.0000.5663.

Pesquisador Responsável: Guilherme Cardoso Contini

Orientadora Responsável: Professora Dr^a. Fernanda Henriques

Instituição a qual pertence o Pesquisador Responsável e a Orientadora: UNESP (campus Bauru)

Caso tenha alguma dúvida ou interesse em saber mais informações sobre a pesquisa, entre em contato comigo pelo e-mail guilherme.contini@unesp.br ou pelo telefone/Whatsapp (19)98228-2222.

Ao continuar você concorda em dar acesso às respostas do formulário e utilizá-las na pesquisa, incluída a possibilidade de identificação de entrevistado(a) na apresentação e nos materiais derivados do doutorado.

E-mail *

ajuliamalmeida@gmail.com

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Gostaríamos de convidar você a participar como voluntário(a) da pesquisa **“QUEM FAZ UM DESIGN QUEER? Identificação de metodologias e práticas contranormativas no design”**.

O motivo que nos leva a realizar esta pesquisa é a investigação da relação entre o Design e os estudos *queer*, analisando práticas e pesquisas contranormativas no Design. Nesta pesquisa pretendemos analisar, através de revisão bibliográfica e entrevistas, as aplicações do Design nos estudos *queer* para a identificação de práticas e ferramentas utilizadas na construção de projetos.

Caso você concorde em participar, vamos fazer as seguintes atividades com você via formulário ou Google Meet, conforme sua disponibilidade: entrevista qualitativa sobre a relação entre o histórico, os materiais e os projetos de design em desenvolvimento ou já desenvolvidos pelo(a) pesquisador(a) selecionado(a) e sua conexão com os estudos “*queer*” e os estudos de gênero”.

Esta pesquisa tem alguns riscos mínimos, que são: riscos de origem psicológica como desconforto; possibilidade de constrangimento ao responder o questionário; vergonha; estresse; cansaço ou aborrecimento durante a as gravações de áudio e vídeo da entrevista (caso seja realizada via Google Meet); evocação de memórias pessoais; alterações sobre a visão de mundo e de comportamentos em função das reflexões sobre gênero e sexualidade; medo de não saber responder as perguntas; imprecisão na divulgação dos resultados. Mas, para diminuir a chance desses riscos acontecerem, será proporcionado um ambiente físico ou digital acolhedor e tranquilo, restrito ao pesquisador, ao entrevistado e à equipe de apoio (se necessária para gravação do Google Meet, quando escolhida essa modalidade). Serão feitas pausas entre as perguntas sempre que solicitado pelo entrevistado. Além disso, o(a) participante tem plena liberdade de recusar-se a responder alguma pergunta ou de interromper a entrevista”. A pesquisa pode ajudar a trazer contribuições substanciais para a área do design ao mapear as abordagens metodológicas, as pesquisas e os projetos já realizados ou em desenvolvimento que se conectem com os estudos *queer* ou os estudos de gênero. A reunião desses dados coletados pode acelerar e facilitar, futuramente, o desenvolvimento de novas pesquisas na área.

Para participar deste estudo você não vai ter nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, se você tiver algum dano por causadas atividades que fizermos com você nesta pesquisa, você tem direito de solicitar indenização. Você terá todas as informações que quiser sobre esta pesquisa e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Mesmo que você queira participar agora, você pode voltar atrás ou parar de participar a qualquer momento. A sua participação é voluntária e o fato de não querer participar não vai trazer qualquer penalidade ou mudança na forma em que você é atendido. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável e a outra será fornecida a você. Os dados coletados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos. Decorrido este tempo, o pesquisador avaliará os documentos para a sua destinação final, de acordo com a legislação vigente. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais, atendendo as legislações brasileiras (Resoluções Nº 510/16 e Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Mediante ao disposto no Artigo 9º da Resolução 510/16 CNS no que diz: “São direitos dos participantes”: “V – decidir se sua identidade será divulgada e quais são, dentre as informações que forneceu, as que podem ser tratadas de forma pública;”.

Ao selecionar uma das opções abaixo, você declara que concorda em participar da pesquisa, que lhe foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as suas dúvidas e que sua identidade e os dados e informações apresentados poderão ser divulgados. *

- ☒ Li, compreendi e aceito as condições dispostas no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Afirmando concordar em participar da pesquisa e que me foi dada a oportunidade de esclarecer minhas dúvidas.
- ☐ Não aceito as condições dispostas no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Desta forma, me recuso a participar da pesquisa.

Cadastro / Dados pessoais

Os dados de cadastro serão utilizados exclusivamente para a pesquisa de doutorado e não serão utilizados para outros fins, respeitando assim a Lei nº 13.853, de 8 de Julho, Lei Geral de Proteção de Dados.

Nome completo *

Ana Julia Melo Almeida

Nº Documento de Identidade *

Você pode optar por incluir seu RG ou CPF. Este dado será coletado com objetivo exclusivo de confirmação do consentimento do respondente quanto ao uso de respostas na pesquisa de doutorado. Esse dado não será utilizado para outros fins e não será divulgado, respeitando, assim, a Lei nº 13.853, de 8 de julho, Lei Geral de Proteção de Dados.

68797632-7

Identidade de Gênero *☒ Mulher Cisgênero☐ Mulher Transgênero☐ Homem Cisgênero☐ Homem Transgênero☐ Pessoa Não-binária☐ Prefiro não declarar☐ Outro: _____**Qual é a sua formação? ***

Doutorado em Design

Qual é a universidade e/ou o(s) programa(s) de graduação e pós-graduação de Design que você faz parte atualmente? *

Universidade de São Paulo

Questionário

O questionário é composto por perguntas, em sua maioria, qualitativas.

Se em algum momento você decidir não responder, por favor indique: "Prefiro não responder!".

Você sempre pesquisou sobre os estudos de gênero e sexualidade dentro do Design, ou você teve algum ponto de virada em relação à sua pesquisa ou à sua trajetória acadêmica? *

Desde a graduação, investigo as relações de trabalho no campo do design, sobretudo as práticas que envolvem produções elaboradas por mulheres. Durante o doutorado, as teorias feministas e os estudos de gênero ganharam centralidade em minhas análises e o gênero foi mobilizado como conceito crítico, tendo perpassado todos os capítulos da tese, de maneira transversal.

Você também pesquisa os estudos queer? Essa aproximação começou antes, depois ou ao mesmo tempo em que se aproximou dos estudos de gênero e sexualidade? *

Os estudos queer estão presentes em minhas investigações como aporte teórico e metodológico para repensar as práticas de design. A aproximação ocorreu por meio de autoras e autores que mobilizam suas pesquisas a partir dos estudos de gênero.

Você tem familiaridade com o termo “queerização do Design”? *

☒ Sim

☐ Não

Questionário

Você respondeu "Sim" à pergunta anterior. Por favor, explique em suas palavras o que é "queerização do Design". *

Os estudos queer nos fornecem importantes aportes na compreensão de como os mecanismos de produção de desigualdades atuam na fabricação dos corpos, assim como na fabricação de materialidades e visualidades. Nesse sentido, é importante considerar como os marcadores sociais participam das práticas de design, sejam elas projetuais ou historiográficas.

Em que momento você “queerizou o Design” através de suas pesquisas e/ou projetos? *

Em pesquisa de doutorado, investiguei o trabalho de mulheres no campo do design. O conjunto analisado se refere a mulheres brancas e, provavelmente, heterossexuais. Os estudos de gênero embasaram a diluição de fronteiras nas práticas de trabalho mobilizadas por elas. Dessa maneira, foi possível observar, um pensamento em diálogo e complementar, relacionando diversos campos de atuação (design, arte, arquitetura, ciências etc.).

O que você acha que falta no Design para a sensibilização às temáticas *queer* e às temáticas de gênero e sexualidade realmente acontecerem? *

Falta uma abordagem teórica mais densa, que inclua essas questões de maneira transversal nas práticas de projeto e nas disciplinas. As temáticas, infelizmente, ainda ficam muito restritas a alguns circuitos.

Você já realizou PROJETOS PRÁTICOS com a temática *queer*? Se sim, que metodologias ou práticas do Design você utilizou? *

Não

Você já realizou PESQUISAS com a temática *queer*? Se sim, que metodologias ou práticas do Design você utilizou? *

Não

Quando você pensa na literatura do Design, vem algo à mente que dialoga com os estudos *queer*? *

Em relação à literatura clássica do design, nada me vem à mente.

Quando você pensa na literatura *queer*, vem algo à mente que dialoga com os estudos do Design? *

Teresa de Lauretis, Paul Preciado e Jota Mombaça.

O que esperar do futuro dessa relação entre Design e *queer*? *

Que essa relação possa esclarecer os mecanismos projetuais que participam da fabricação dos corpos, assim como dos objetos e espaços. Além da importância de considerar um conjunto de elementos que também atua na produção de desigualdades de maneira mais ampla e relacional (classe, raça, gênero, sexualidade, localização geográfica, idade etc.).

Questionário

Em uma definição rápida, “queerizar o Design seria sensibilizar o campo para os aspectos das subjetividades, das questões estéticas, políticas, sociais e culturais do Design na contemporaneidade” (Portinari, 2017). *

Em que momento você “queerizou o Design” através de suas pesquisas e/ou projetos?

O que você acha que falta no Design para a sensibilização às temáticas *queer* e às temáticas de gênero e sexualidade realmente acontecerem? *

Você já realizou PROJETOS PRÁTICOS com a temática *queer*? Se sim, que metodologias ou práticas do Design você utilizou? *

Entrevista Bianca Mendes Rati

Data da entrevista: 7 de Outubro de 2025

Duração da entrevista: 52 minutos

Participantes: Guilherme Cardoso Contini, Bianca Mendes Rati

Transcrição

00:00 **Guilherme Cardoso Contini:** Bom, Bianca, queria te agradecer aqui na gravação também, a gente conversou um pouquinho antes. Agradecer pela sua participação, por ter topado estar aqui comigo conversando e ter tirado um pouquinho do tempo do seu dia para a gente poder fazer essa entrevista que vai ser super importante no processo da minha pesquisa de doutorado e para as pesquisas na área de Design e estudo *queer*, de Design e estudos de gênero.

00:32 **Guilherme Cardoso Contini:** Eu vou começar com algumas perguntas mais para termos esses dados registrados. Então umas perguntas mais iniciais para a gente começar. **Primeiro falar para você repetir seu nome completo e dizer se você concorda com essa entrevista, com os termos do TCLE que eu enviei para você.**

01:01 **Bianca Mendes Rati:** Meu nome completo é Bianca Mendes Rati e eu concordo com todos os termos, com a entrevista e com a gravação também.

01:10 **Guilherme Cardoso Contini:** Obrigado, Bianca. Acho que a ideia de ter o TCLE como base para entrevista, foi para realmente conseguir documentar tudo certinho, só que diferente de outras entrevistas mais técnicas, às vezes da ergonomia ou que tem dados humanos, testes e tal, aqui como a gente tá entrevistando com base na conversa, na visão da pessoa sobre esse universo, a ideia é divulgar o nome, ter divulgação das pesquisas e não esconder esses dados. Eu acho que vai ser relevante mesmo para as pessoas. Então, a gente vai fazer a divulgação do nome, mas dados pessoais não, só o nome mesmo.

01:48 **Guilherme Cardoso Contini:** Dando sequência nessas perguntas de dados, **queria saber um pouquinho da sua formação e quais são as universidades ou programas de graduação ou pós, que você faz parte atualmente, então contextualizar um pouquinho sobre a sua formação.**

01:48 **Bianca Mendes Rati:** Beleza. Eu sou formada em Design Gráfico pela Universidade Federal do Paraná (UFPR).

02:11 **Bianca Mendes Rati:** E depois eu fiz o mestrado em Design no programa de pós da mesma universidade. eu fiz esse programa, eles também têm o doutorado lá e eu agora estou pleiteando não para esse programa, mas para outros programas, principalmente o da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) para o doutorado, mas não sei ainda se passei ou não, mas estou nesse processo.

02:59 **Bianca Mendes Rati:** E atualmente eu dou aula no curso de Jogos Digitais na Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR) e tem uma certa aproximação

com o Design porque o professor, meu colega do curso, ele também é formado na mesma universidade, no mesmo pós que eu, que é o professor Maurício Perin e foi através dele que eu acabei entrando na PUC, porque eu acabei indo trabalhar na indústria de jogos e aí ele falou “poxa, que legal, acho que pode ser interessante para os alunos”. O curso de jogos lá tem, digamos, trilhas, então tem a trilha da programação e a trilha de arte. E eu acabei entrando na trilha de arte, porque tem muita conexão com o Design de várias maneiras assim. Então atualmente eu sou docente lá e tô aí tentando o doutorado, mas a formação em si foi essa.

03:55 **Guilherme Cardoso Contini:** Obrigado, Bianca. Ficamos na torcida que vai dar certo esse doutorado. Eu aqui em Bauru, tenho dado aula como professor bolsista na UNESP. Acho que esse contato com a graduação, imagino que para você também, traz uma perspectiva muito legal nossa sobre o Design invertendo um pouquinho essa nossa posição, de aluno para docente, então é um caminho interessante. Vou dar continuidade com as perguntas, vamos dizer assim, comuns. No geral eu quando sobra um espacinho de tempo, aí a gente consegue fazer perguntas mais específicas, mas no geral as perguntas comuns já trazem assuntos específicos. E aí já contempla tudo.

04:43 **Guilherme Cardoso Contini:** Acho que a forma como eu cheguei no seu nome, no nome do Marcos Beccari, através das suas pesquisas, foi muito interessante, eu li os trabalhos, eu consegui emergir um pouquinho nas temáticas, mas obviamente ninguém melhor que você para trazer isso um pouquinho para conversa. E percebi como foi importante tudo que você fez, durante graduação e mestrado, para essa discussão de Design e Gênero e teoria *queer*. Então caminhando pelas perguntas comuns, eu queria te perguntar: **Você sempre pesquisou os estudos *queer* ou os estudos de gênero e sexualidade dentro do Design ou teve algum ponto de virada na sua vida acadêmica/profissional?**

05:38 **Bianca Mendes Rati:** Obrigada pelas generosas palavras em relação à pesquisa. Então, eu entrei na faculdade e eu entrei no Design porque eu amava ler e eu amava livros e editoriais e revistas, só que quando eu entrei na faculdade em 2014, a gente estava vivendo, digamos assim, o fim do fim do editorial como a gente conhecia. Então, eu lembro que uma parte que me marcou muito foi quando a Cosac Naify fechou, eu acho que eu tava no primeiro ou segundo ano da faculdade e para mim foi um grande marco isso.

06:15 **Bianca Mendes Rati:** E aí, dentro da universidade, uma particularidade da UFPR, é que o curso de Design fica no câmpus das humanas, geralmente pode ficar com Arquitetura ou ficar com o curso de Artes, mas ele estava no câmpus das humanas, História, Sociologia, Letras, enfim, todos esses cursos mais de humanas. E o câmpus ali, que é o câmpus da reitoria, é muito efervescente politicamente, como tem a reitoria incluso ali então todas as demandas dos estudantes, todas as coisas ali que os estudantes estão fazendo, aparece ali no câmpus e há um adendo ainda a tudo isso, que em 2013, 2014 e 2015, a gente chamou de uma certa Primavera Feminista e principalmente nas redes sociais.

07:19 **Bianca Mendes Rati:** Então, eu lembro desse momento como grande momento que eu entendi que o feminismo não havia sido uma demanda do passado e sim ainda era uma demanda do presente. E comecei a ter muita noção, eu tava vindo do interior

para uma cidade grande, eu tava tendo muita mudança. Então eu fui ao longo da minha graduação, sempre que possível, inserindo esse tema de gênero nos projetos que eu fazia. Então, tinha um projeto de interação humano e computador, de um aplicativo que a gente ia fazer,... como é que a gente vai trabalhar isso, Design da Informação, eu lembro que a gente fez... era bem na época que saiu os coletores menstruais, que estavam assim muito em voga. E aí não tinha muito material instrucional sobre como utilizar, então a gente fez um material instrucional. Então, um grupo de amigas e eu começamos a pensar muito nessa questão de gênero.

08:10 **Bianca Mendes Rati:** Contando agora de fazer o TCC, eu queria juntar minha paixão pelo editorial com essa discussão de gênero. E quando eu fiz o projeto, era um projeto bem Design e História, eu queria analisar revistas Capricho dos anos 90/2000. Mas eu confesso para você que acho que uma das principais dificuldades que eu tive foi justamente, porque o curso de Design não costuma ser muito teórico, ele não dá muito aporte teórico para gente.

08:44 **Bianca Mendes Rati:** Então, o meu projeto de pesquisa ele estava bem fraco teoricamente, porque eu sabia o que eu queria pesquisar, mas eu não sabia que aporte teórico que eu queria utilizar para pesquisar, não sabia como fazer essa pesquisa e além de tudo existia um certo, na época, hoje não existe, mas existia um certo desincentivo de fazer TCC teórico, eles queriam muito que a gente fizesse TCC com projeto, com um projeto prático e eu queria muito fazer um TCC teórico.

09:10 **Bianca Mendes Rati:** E aí, eu indiquei três possíveis orientadores/orientadoras e nenhum dos três quis pegar o projeto e acabou que na reunião da coordenação o Beccari acabou falando “Não, achei interessante a proposta de fazer um teórico, vou tentar”. E eu lembro até que ele falou para mim “Ô, eu já te aviso que os alunos que trabalham e tentam fazer TCC teórico, geralmente não terminam, porque é muito pesado.”. Ele tem uma forma de ser “sincericida”. E aí eu falei “não, quer saber, eu vou conseguir, eu vou terminar”.

09:50 **Bianca Mendes Rati:** E aí, através dele, ele me ajudou a construir esse aporte teórico e a gente acabou mudando o foco para estereótipos de gênero, porque conversando ele falou “Tá? Mas o que que você tá tão interessada?”. E eu tinha na minha cabeça essa coisa do “Porquê que os signos e os ícones e as ideias que a gente tem sobre feminilidade/masculinidade, como que eles aparecem no Design?”. E eu conseguia ver isso muito claramente, mas eu sentia falta de alguma coisa que discutisse isso. E obviamente existiam já trabalhos discutindo, eu só não tinha acesso a eles. Então a gente acabou trabalhando no TCC os estereótipos de gênero e apelos retóricos, essa ideia da retórica do Design Gráfico, que é algo que a gente vê bastante também no Design.

10:40 **Bianca Mendes Rati:** Aí eu fiz o TCC, foi muito legal essa experiência, adorei pesquisar e quando chegou a hora de fazer o mestrado, de novo, muito uma coisa do momento para mim, eu tenho péssimo hábito de pesquisar coisas que estão acontecendo agora e ter muita dificuldade de achar material, de falar sobre, mas eu comecei a me interessar muito por essa história do gênero neutro do agênero. Isso me intrigava muito, porque se, por um lado, no TCC, eu tava muito interessada nos estereótipos masculino e feminino e como que essas duas coisas se chocavam, então, de repente, eu fiquei muito interessada em como é que subverte isso ou como é que

os designers estão subvertendo isso para criar o que a gente chama de Design e gênero neutro. Então foi assim que eu fui parar, digamos, nessa parte mais ou menos final até aqui, da trajetória de pesquisa, porque tem muita relação com o meu envolvimento pessoal e político nessa questão de gênero.

11:52 **Guilherme Cardoso Contini:** Muito interessante. Sim, você comentou isso da questão dos orientadores e as pessoas que você indicou não aceitaram nesse primeiro momento. Eu lembro que na minha graduação, eu tive uma situação parecida. Tanto no meu TCC quanto no meu mestrado, eu estava trabalhando mais com uma área de *Sex Design*, falava um pouquinho de sexualidade, erotismo no Design, tentando entender quem são as pessoas que desenvolvem projetos para *sex shops*, etc. Então, era uma temática um pouquinho tabu, porque a gente tinha, principalmente olhando para a UNESP e apesar da gente ter muitos professores e professoras abertos a muitas temáticas, na hora de tentar encontrar alguém para me orientar, ninguém queria ou indicava que trabalhava com a temática diretamente.

12:52 **Guilherme Cardoso Contini:** Nesse caso, não tinha essa relação da questão do teórico, mas eu acho que se eu tivesse falado poderia ter sido uma barreira também, porque no fim meu TCC foi bem teórico. Mas essa primeira barreira foi de temática muito diferente, todo mundo olhava e “Ah, não sei se eu vou conseguir te ajudar.”. E no fim eu tava sem orientação. E aí acabei indo assim, teve um professor que falou “Não, eu topo, eu topo e gosto de assuntos diferentes”. Não era exatamente a pessoa que trabalhava com temáticas de gênero ou dissidentes e tal, mas aí com a coorientação, acho que eu consegui complementar. Então foi uma trajetória mais ou menos por esse caminho. É legal saber que você levou isso para uma pesquisa de mestrado, com uma outra profundidade também, com outros detalhamentos técnicos, e mesmo no campo teórico, traz grande importância, é isso que você comentou são temáticas muito do agora.

13:47 **Guilherme Cardoso Contini:** É difícil a gente achar referências, principalmente do Design, que fazem essa costura naquela época e até hoje em dia ainda é difícil para a gente ter esse respaldo e a gente fica nadando em clássicos do Design que não falam disso, mas que a gente tenta conectar, então acho que esse é o grande desafio. E através das entrevistas, eu tenho visto essas trajetórias de pesquisa desses últimos anos, dessas pessoas e pesquisadoras, que tem trazido essa contribuição teórica que faltava. É o seu caso e o caso de outras pessoas que eu entrevistei também.

14:28 **Guilherme Cardoso Contini:** Dando continuidade. A minha pesquisa ela pauta bastante no Design com os estudos *queer*, a gente sabe que tem a relação com os estudos de gênero e sexualidade, mas não necessariamente todos os estudos de gênero e sexualidade trabalham com questões *queer*. Mas dentro dessa perspectiva, primeiro eu queria te perguntar, se **você tem familiaridade com o termo “queerização do Design”?** E se não tiver eu trago uma definição e a gente discute em cima.

14:56 **Bianca Mendes Rati:** Eu acho que esse termo em particular eu não tenho familiaridade não, então se você puder definir, agradeço.

15:03 **Guilherme Cardoso Contini:** A queerização, queerizar o Design, de uma definição rápida da Denise Portinari, seria sensibilizar o campo do Design para aspectos de subjetividade, questões estéticas, políticas, sociais e culturais do Design nesse perfil contemporâneo. Claro que a Denise tem um foco grande nos estudos *queer*, o termo vem daí, mas de maneira geral, fala dessa sensibilização. Então, eu acho que isso ajuda a gente na discussão de **em que momento você imagina que você “queerizou o Design”, que você conseguiu sensibilizar o Design para suas temáticas de pesquisa, um ponto de virada ou durante o mestrado ou na própria graduação?**

15:49 **Bianca Mendes Rati:** Para mim foi durante o mestrado mesmo. Eu lembro muito bem do ponto de virada, porque quando eu entrei no mestrado eu não tinha como corpus da pesquisa a questão do gênero neutro. E quando eu fiz o processo de encontrar isso, perceber que era isso que me interessava, eu precisava de um arcabouço teórico também e de um arcabouço de práxis mesmo, de como abordar isso. E aí eu inevitavelmente me deparei com autores/autoras, enfim, pessoas que trabalhavam com o que a gente chama de teoria *queer*.

16:35 **Bianca Mendes Rati:** Foi aí que eu percebi que o único jeito de eu falar sobre subverter gênero, seria através do *queer* e talvez até hoje eu pense que gênero neutro, agênero, enfim, são termos que têm sua validade, eles existem, mas parece que nada definiu muito bem ainda esse espírito do que é essa subversão, do que é esse termo *queer*, parece que ele é um termo guarda-chuva suficiente para falar sobre isso e para pegar a essência do que está sendo proposto assim. Então foi aí, esse ponto de virada foi justamente no mestrado mesmo, quando eu encontrei com essa curiosidade de pesquisa, que foi justamente o gênero neutro.

17:34 **Guilherme Cardoso Contini:** Que legal! Geralmente cada um tem marcadores, pontos de virada super interessantes para a gente analisar em que momento isso muda a trajetória de vocês, em que momento vocês percebem que estão impactando. É óbvio que desde a graduação se for analisar o projeto, claro que ele impacta e traz muita questão relevante para quem lê o projeto agora e se aproxima do tema, mas sempre tem um ponto de virada pessoal que a gente percebe isso, então é legal você ter contado. E se a gente olhar de uma forma geral para o Design a gente percebe que ainda tem muita dificuldade, a gente tem muita barreira ainda, então queria te perguntar, **o que você acha que falta no Design para essa sensibilização de fato acontecer mais, isso aparecer mais em outros projetos?**

18:32 **Bianca Mendes Rati:** Eu acho que de certa forma a gente avançou e é muito interessante, porque na parte não gravada estava falando um pouquinho sobre essa busca por ementas e disciplinas e como isso se insere na educação em Design. Eu sinto que é onde menos se insere, o que é curioso. Apesar de eu não estar docente em um curso de Design, eu consigo acompanhar muito isso e me interessa muito pelos trabalhos, os TCCs que estão saindo, é justamente por esse interesse de ver o que está sendo pesquisado pelos alunos. E eu sinto que são realmente os estudantes que estão trazendo essas demandas ainda para maior parte dos cursos, é totalmente anedótico, do que eu vejo aqui, principalmente na minha região.

19:21 **Bianca Mendes Rati:** E eu fico pensando que talvez o que falte, que eu fico muito feliz que estou vendo aumentar, seja justamente esse interesse acadêmico em

trazer essas questões para dentro da sala de aula no nível da graduação, porque a gente vê isso sendo muitas vezes trazido para sala de aula no nível da pós, mas não no nível da graduação e eu acho que existem algumas discussões, porque todo mundo que discutir Design tem esse dilema com o aspecto mercadológico, o aspecto político.

20:02 **Bianca Mendes Rati:** E foi uma coisa que eu debati muito na minha dissertação, essa questão o capitalismo está se apropriando disso ou não e como que a gente trabalha todas essas coisas. Eu sinto que em vários momentos a práxis projetual que é ensinada nos cursos, ela é mais superficial, porque ela não aborda, ela não complexifica, talvez com o interesse de simplificar para o estudante da graduação, para que ele aprenda de uma maneira mais técnica, só que daí esses estudantes saem com uma visão muito tecnicista e pouco crítica, de uma práxis crítica do seu projeto de Design. Então a gente vai falar sobre o público-alvo e é tratado de uma maneira totalmente maniqueísta, o que é isso, e isso é aquilo e essas são as caixinhas e tudo mais.

20:56 **Bianca Mendes Rati:** Sendo que faz muito tempo que essas caixinhas não fazem mais sentido. Eu sinto que parte da dificuldade está justamente nessa questão educacional do Design e parte, obviamente, eu sinto que tem a ver com demandas mercadológicas. Curiosamente, eu acho que nas demandas mercadológicas, foi onde a gente mais avançou.

21:34 **Bianca Mendes Rati:** E na educação foi onde a gente menos avançou. Muito curioso, mas um fato. Eu lembro que em 2017 - 2018, não sei, por aí, teve o N Design, o congresso de estudantes aqui em Curitiba e eu escrevi um *workshop* para falar sobre mulheres na História do Design da Informação.

21:55 **Bianca Mendes Rati:** E que hoje, digamos, o editorial segue sempre sendo uma paixão, mas o Design da Informação me cativou muito. Era super cedo, de manhã num dia super frio aqui em Curitiba e eu me impressionei, porque foi enchendo de gente no *workshop*, muito além do que eu tinha planejado, porque eu descobri que era um dos pouquíssimos *workshops* que trabalhavam com esse tema. Então, eu vejo que existe sim o interesse dos estudantes, mas eu não sei se os cursos estão atentos a responder esse interesse por parte dos estudantes. E aí, por isso que eu acho que a gente forma muitas vezes as pessoas que estão tendo uma prática projetual acrítica ou pouco crítica. E aí, combinado com as demandas mercadológicas, que tem todas as questões que a gente já sabe, juntando tudo isso nós temos o que o Flusser vai chamar de o servo da máquina, daquele que vive em função da máquina.

23:12 **Bianca Mendes Rati:** Então, eu acho que seria por aí, não sei se te respondi, mas eu acho que seria por aí.

23:32 **Guilherme Cardoso Contini:** Respondeu sim. É interessante a gente analisar essa questão do ensino e como ele parece que evoluiu menos nesse sentido. Eu fiz essa pesquisa com as universidades em 2024, então foi ano passado, mas eu refiz no meio desse ano, porque eu percebi que muitos currículos estavam mudando nesse ano e foi positivo, porque realmente encontrei mais questões, eu pude explorar mais essas informações. Mas no geral, de todas as universidades pesquisadas, foram mais de 40.

24:08 **Guilherme Cardoso Contini:** Teve uma única disciplina que tinha as palavras-chaves. Então ela era bem direta para estudo de gênero e era uma disciplina colaborativa entre universidades, foi uma perspectiva mais ampla, a gente percebe que foi um esforço para que ela fosse aceita. Até, não sei se você chegou a conhecer essa disciplina chamada Design e Gênero. Ela era online em parceria com a FAU de São Paulo e com a Federal do Maranhão e uma outra universidade. Foi uma parceria bem legal, porque era multi-região, é bem interessante. As professoras que começaram, que fizeram pela primeira vez essa disciplina, elas até relatam que não chamava Design e Gênero. Tinha algum outro nome, mas elas chamavam de Design e Gênero e hoje elas já conseguiram fortalecer o nome. Então, são barreiras que a gente vai encontrando.

25:01 **Guilherme Cardoso Contini:** E eu achei legal você comentar dessa experiência no N Design. Aqui em Bauru a gente tem uma versão menorzinha nossa, que a gente chama de Interdesigners, que é uma versão da cidade mesmo, a gente organiza no curso e o curso destinou uma verba todo ano para que os próprios alunos organizem esse mini evento. E aí, eu lembro, acho que foi lá para 2015 para 2016, quando eu tava fazendo as pesquisas na temática do *Sex Design* e tal, que eu me inscrevi para fazer um bate-papo sobre o tema. E aconteceu uma situação esquisita. Os próprios alunos que avaliavam, se entrava ou não uma proposta de palestra ou *workshop*, e geralmente o evento tem uma temática geral e tal. E aí o meu trabalho não foi aceito. E hoje em dia, quando a gente olha para esse evento que é organizado por alunos, não tem nenhum trabalho que fique de fora, se você se inscrever, você tá dentro, porque é muito amplo. Mas naquela época, por algum motivo, a comissão achou que não encaixava na temática do evento uma temática sobre gênero. E aí, eu lembro que esse meu professor que me orientava já na época, ele era conhecido como um professor bem descolado, fora da caixa.

E ele tinha uma proximidade com o aluno. E ele era muito ligado às tecnologias *makers*, fabricação digital, então ele organizava uma Feira Maker, paralela a esse Interdesigners e ele falou “Gui, vamos colocar na Feira Maker, se não deixaram no Inter, vamos fazer na feira.”. E aí, eu me surpreendi igual a você, porque foi num horário aleatório, tipo você comentou da questão do frio, no nosso também, era um horário bem ruim, que geralmente o aluno não ia e lotou. E foi legal saber que tinham um interesse. Então, pautado nessa perspectiva, as pessoas estão interessadas, os alunos querem falar. Aí que a gente montou o grupo e conseguiu voltar a discutir. E aí, a gente começou a ser inserido, mas se a gente olhar pelas barreiras, até nesses detalhes simples, organizado por alunos, a gente sabe que com certeza nenhum aluno falou assim “Nossa odiamos gênero, não queremos esse trabalho.”. Mas aí que veio aquela ideia “Não tá na temática do evento.”. E hoje em dia não, hoje em dia a gente consegue colocar uma pesquisa, um *workshop* assim em qualquer momento desse evento.

27:44 **Guilherme Cardoso Contini:** Realmente é legal a gente compartilhar esse ponto de vista. Dando sequência, eu vou juntar essas duas próximas perguntas que eu acho que você já começou a respondê-las, mas primeiro, eu pergunto num olhar para pesquisa e um olhar para projeto prático, porque tem muito disso que você falou, tem muito projeto prático atrelado ao Design das universidades e às vezes é o que é mais estimulado. **Quer saber se você já realizou um projeto prático ou pesquisa,**

dentro dessa temática *queer*, e que metodologias você utilizou, que práticas você utilizou para isso?

28:32 **Bianca Mendes Rati:** Eu infelizmente não tive muita oportunidade de fazer isso dentro do momento que eu estava inserida no mercado. Mas durante a faculdade, eu fiz muitos trabalhos que envolviam essa questão de gênero. Eu falei que o termo *queer*, acho que as coisas que estão mais envolvidas com o *queer* em si, veio mais no mestrado para mim. Mas, como eu falei, durante a faculdade, sempre que havia uma oportunidade de inserir isso, a gente inseria, eu lembro que fizemos um folheto... Eu falo a gente, porque eu sempre trabalho muito em grupo no Design e aí é o meu grupo que sempre fazia trabalhos, a gente sempre tentava inserir. Eu lembro que a gente fez um folheto informativo para pais sobre a vacina do HPV. Porque existe muitos pais que têm essa visão equivocada de que "Porque o HPV é uma IST, então eu não vou vacinar minha filha.". Mas aí perde o momento mais importante de desenvolver essa imunidade que é quando a criança é jovem ainda.

29:28 **Bianca Mendes Rati:** E a gente fez um folheto informativo, então tudo que a gente podia inserir dessa temática, a gente inseria ali. Na época, não mais, mas na época eu era muito envolvida e cresci num contexto religioso, que pode te surpreender por eu ter vindo parar aqui, mas durante um tempo eu tive um projeto justamente de falar sobre gênero nesse contexto religioso.

30:09 **Bianca Mendes Rati:** E a gente fazia muitas coisas de Design para esse projeto, muitas campanhas para redes sociais com colagens, era um projeto envolvido com o cristianismo. Então, eu lembro muito da gente fazer... a gente pegou várias personagens da Bíblia e a gente pegou fotos de pessoas que participavam, de mulheres que participavam do projeto, e aí a gente fazia uma colagem entre pinturas clássicas bem medievais dessas personagens bíblicas e a gente colava com o corpo de uma mulher real, porque a gente pegava a história bíblica para discutir um problema de gênero atual.

31:01 **Bianca Mendes Rati:** E apesar de não estar mais envolvida com essa temática, eu acho que ela é super importante, trazer essa discussão para esses contextos onde é tão rechaçado. E então, quais eram as metodologias que a gente utilizava... eu não sei se existe um termo técnico, mas muito dessa prática de colagem mesmo, de subverter signos, de tentar entender quais signos que são atrelados a determinadas coisas socialmente. Então, eu noto muito que até hoje o ornamento é do feminino e o racional minimalista do masculino. Então a gente tentava subverter isso, tentava entender como que a gente poderia subverter. Então eu acho que para mim não tem palavra que se aplica mais ao *queer* do que essa subversão. Então, dentro da prática projetual, eu acho que quando a gente tenta subverter, é quando a gente traz essa "queerização" para dentro dos nossos projetos.

E, obviamente, ouvindo as pessoas. Quando a gente fala de Design centrado no usuário, Design centrado no humano, na pessoa, parece que essa abordagem pode ser sim mais aprofundada e a gente pode ouvir mais as pessoas para as quais a gente está desenvolvendo. Eu, por exemplo, não me encaixo em, digamos assim, que as pessoas chamariam de uma identidade *queer*, para mim é um interesse genuíno na transformação que isso traz na sociedade. Então eu acho que na hora de você pesquisar sobre isso e fazer os projetos, ouvir as pessoas que estão no dia a dia, vivendo isso.

33:02 **Bianca Mendes Rati:** No meu caso, quando a gente estava fazendo produções muito mais atreladas ao gênero feminino e ao feminismo e etc, já tinha a minha vivência ali e a vivência de pessoas muito próximas a mim, que a gente buscava trazer para ler, mas quando eu comecei a trabalhar com *queer*, aí eu precisei cada vez mais fazer esse exercício de ouvir aqueles que justamente estavam vivendo as dores e as delícias dessa vivência *queer*. Então, eu acho que são esses dois métodos, a subversão de signos, de ideias, esse tentar pensar fora do que é esperado. Eu acho que depois você tem uma pergunta sobre o que do Design junta com que pode ser interessante para pensar *queer*, eu acho que Design Especulativo é muito interessante para pensar a questão do que seria centrado nessa pessoa, no humano, na ideia de projetar, não para uma abstração, mas para a vivência real das pessoas.

34:16 **Guilherme Cardoso Contini:** Legal, essa foi uma perspectiva muito interessante para a gente trazer para análise, para conversa. É de fato esse se colocar no lugar e ter o exercício da escuta, de você incorporar essas pessoas, não só nos projetos, mas na pesquisa também, poder realmente entender o contexto de quem tá vivendo aquilo e até de certa forma trazer para participação da construção teórica ou metodológica essas pessoas também, que eu acho que é um ponto que faz a diferença, é algo que eu tento incorporar no meu doutorado, que eu tento falar um pouquinho sobre isso também na minha escrita. A gente tá na reta final das perguntas. Então, você trouxe as perguntas seguintes, acho que dá para combiná-las, que aí você responde junto.

35:17 **Guilherme Cardoso Contini:** Quando você pensa nessa literatura do Design ou na literatura *queer*, o que você traz de um e de outra para sua pesquisa, para a construção disso?

35:28 **Bianca Mendes Rati:** Eu tenho gostado muito do Design Especulativo, como eu falei, até tentei trabalhar com ele no doutorado, talvez ainda consiga. Mas ele também é bem pouco falado aqui no Brasil. Eu sinto que, pelo menos, eu não encontrei muito sobre Design Especulativo, principalmente a recepção dele em programas de pós-graduação. Então, eu acabei não super abordando ele como metodologia, mas eu acho que como metodologia principalmente prática, talvez não de pesquisa, mas de práxis projetual, ele seja muito interessante, porque especular futuros possíveis é algo que... bom, eu amo ficção científica e eu acho que ficção científica e Design combinam tanto. E aí eu acho que o Design Especulativo nos provoca a pensar sobre o “e se?” e esse “e se?” é muito interessante, porque quando a gente fala de gênero a gente fala de um...

36:26 **Bianca Mendes Rati:** Eu gosto muito que o Preciado fala de uma cartografia, de um jeito que tá estabelecida as coisas, com as direções totalmente definidas, de uma cartografia muito binária, então eu gosto do especulativo por causa disso, porque ele faz a gente pensar em possibilidade. Aí falando de autores, falando sobre a literatura. E então, acho que Dunne e Raby são os que mais falam do especulativo, que são autores britânicos.

37:08 **Bianca Mendes Rati:** E tem também, obviamente, o Design Feminista, que fala muito sobre isso. E aí, a gente tem uma história toda aí de pesquisadoras. Eu gosto muito de falar sobre Modernismo, então eu gosto muito da Helen Armstrong, que fala

muito sobre essa dimensão do quanto o Modernismo é ainda tido como o auge do Design, mas as limitações desse projeto modernista. Então, eu acho que são ideias que se conectam muito. E da literatura *queer*, que você comentou. Bom, eu já citei várias vezes e vou continuar citando, Paul Preciado, eu gosto muito assim da maneira com que ele faz filosofia e ele é arquiteto, eu acho que tem muita confluência com o Design, é muito interessante, ele pensa de uma maneira muito material sobre as coisas, no *Manifesto Contrassexual*.

38:21 **Bianca Mendes Rati:** Para mim acho que a obra que eu uso muito na minha dissertação e que eu gosto muito, é o Teste Junkie, que ele vai falar muito sobre várias tecnologias e essa ideia da prótese, a ideia é genial quando tá falando sobre as primeiras pílulas anticoncepcionais e a ideia da pílula parecer uma embalagem de maquiagem de pó compacto, então assim, os cliques desse materialismo também, do *queer*, é muito interessante. Obviamente, você leu a pesquisa e eu trabalho bastante com o Foucault como base metodológica, mas eu não sei se a gente poderia considerar o Foucault dentro de uma literatura queer. Ainda que para mim faça sentido, não sei se academicamente a gente poderia considerar, então o Paul Preciado e Donna Haraway, também eu acho que faz todo sentido. Acho que falar sobre os Ciborgues, falar sobre essa questão pós-humanista, entra muito, tem muita conexão.

39:21 **Bianca Mendes Rati:** Eu acho interessante citar alguns esforços, por exemplo, a Ellen Lupton, que aí ela né, a gente que faz Design lê em tipografia, lê em *storytelling*, lê um monte de coisa da Ellen Lupton, eu acho que ela tem feito nos últimos anos, um trabalho muito legal de discutir gênero de uma maneira mais prática. Eu acho que cai um pouco naquela...

39:52 **Bianca Mendes Rati:** É um pouco mais superficial, só que eu acho que tudo bem, porque eu acho que o objetivo dela é justamente trazer isso para o dia a dia do designer e acho que isso é um esforço super interessante. Então recentemente eu até comprei, lançou um livro chamado *Extra Bold*, que é justamente uma coletânea de coisas. Eu achei o livro no formato super gostoso de ler, super prático e talvez nós assim da academia, a gente acha isso mais superficial, mas eu penso que é super útil, sabe? É muito interessante, é um esforço muito interessante.

40:21 **Bianca Mendes Rati:** Eu acho que seriam esses, de cabeça assim, eu acho que são conexões muito boas, mas eu acho que definitivamente um autor que deveria ser lido no Design, que não é do Design, seria Paul Preciado, eu acho que traz muita coisa legal para dentro do Design.

40:52 **Guilherme Cardoso Contini:** Muito obrigado, por trazer essas referências aqui para nós e realmente fez muito sentido. É uma coisa que é importante, que eu acho que fora dessa lógica só do acadêmico, acho que a contribuição dele para outras pessoas também vai ser grandiosa, vai trazer esse pequeno questionamento e que pode levar pessoas a expandir esse estudo, essa preocupação. Então, eu também tive essa visão, acho que ele (o livro *Extra Bold* da Ellen Lupton) tem a sua força ali.

41:31 **Bianca Mendes Rati:** É, porque eu gostei muito como traz as definições mais acadêmicas mesmo dos termos que estão sendo discutidos, mas aí traz profissionais que estão trabalhando com isso e aí traz os projetos. Então é uma coisa muito didática.

Eu vi que dá para usar como base para uma disciplina, por exemplo, é muito acessível para a gente passar isso para os estudantes. Então eu achei que foi um esforço muito bacana do livro, sabe?

42:03 **Guilherme Cardoso Contini:** Eu concordo com você. E para encerrar, queria saber um pouco dessa sua visão do futuro, **o que você espera do futuro dessa relação Design e gênero, Design e *queer*, é uma visão otimista, uma visão um pouco pessimista?**

42:22 **Bianca Mendes Rati:** Sabe que essa pergunta é muito difícil, porque eu acho que durante todo o processo de escrever a dissertação do mestrado, eu flutuei muito e eu acho que quem lê os resultados, vê que eu flutuei muito. Eu sinto que depois dessa pesquisa, eu comecei a tentar olhar as coisas com muito mais nuance, então eu tinha uma visão, por exemplo, muito mais crítica dessa apropriação capitalista de certos termos, etc, mas com a própria pesquisa, eu percebi que as coisas elas são mais cinzas do que preto e branco e tem ganhos.

43:12 **Bianca Mendes Rati:** Tem ganhos em ver esses avanços num aspecto mercadológico e tem também pontos a serem criticados. Nem tão ao céu, nem tão ao inferno. Então, eu acho que a minha visão é otimista no campo de que eu acho que cada vez mais a gente tem não só falado sobre isso, mas também as pessoas têm se expressado mais identitariamente, a gente tem visto que isso tem sido de uma certa forma mais aceita, ainda que em nenhum momento eu possa dizer que seja fácil, é mais fácil, mas não necessariamente que é fácil.

44:02 **Bianca Mendes Rati:** No entanto, eu vejo alguns dados sobre as novas gerações, e isso me preocupa um pouco, talvez seja um movimento normal da história humana que às vezes o pêndulo é chutado para um lado e depois ele vai para o outro e é difícil ele ficar no meio ali, e obviamente politicamente, especialmente quando a gente fala do cenário político dos Estados Unidos que acaba influenciando muito o resto do mundo.

44:32 **Bianca Mendes Rati:** Dá medo, não é nenhuma visão pessimista, é uma visão temerosa mesmo pela vida prática das pessoas. Então, é uma mistura dos dois talvez, eu sinto que a gente atingiu um ponto de não retorno, mas as feministas da história sempre nos avisaram que os direitos das mulheres, e aí eu expando para os direitos das pessoas dentro desse guarda-chuva, das identidades *queer*, estão sempre sobre ameaça, eles não estão solidificados.

45:21 **Bianca Mendes Rati:** Então, essa ideia de atingir um ponto de não retorno, porque a gente já construiu muita coisa, é muito legal, muito importante, mas ao mesmo tempo a gente ainda tem batalhas nessa guerra. Vamos colocar assim. Ainda que eu acho que digamos não é essa coisa de dois lados da guerra e tal, mas eu acho que ainda tem continuidade de processos e processos políticos e históricos que estão para acontecer. E alguns me deixam mais temerosa, mas ao mesmo tempo, quando a gente tem esse tipo de conversa, a gente vê essas pesquisas acontecendo. Eu acho que você talvez nessa visão histórica desses últimos 14 anos. Tenha visto um aumento provavelmente dessa discussão e como isso foi sendo construído. Então, eu tenho essa visão de nuance, sabe?

46:18 **Bianca Mendes Rati:** Eu acho que é da história humana o pêndulo balançar, mas ao mesmo tempo tem um lado, tem um bloqueio agora de tudo que a gente já construiu, que é um ponto de não retorno, para apagar tudo isso, é um quase impossível, porque o conhecimento e tudo aquilo que a gente construiu não vai morrer. Agora, politicamente, em termos de vida prática das pessoas, em termos de direitos, que eu acho que invariavelmente a gente discute isso quando a gente fala de *queer*, *Design Queer* e etc. Às vezes alguns cenários são temerosos, digamos assim, é óbvio que se politicamente isso se tornar muito forte, programas de graduação, pesquisadores, universidades podem sofrer, enfim coisas que definitivamente a gente não quer ver acontecendo, mas que politicamente me preocupam, mas ao mesmo tempo eu olho com uma visão otimista pelo conhecimento construído, por tudo que foi construído até aqui. Uma visão com nuance, digamos assim.

47:35 **Guilherme Cardoso Contini:** Obrigado, Bianca. Gostei que você falou que não dá para a gente apagar o que foi feito até agora e é praticamente impossível que isso assuma. Então, a gente tem esse ponto de esperança de que vai acontecer uma continuidade. Que pessoas, alunos, pessoas da comunidade, podem ser impactadas por essas pesquisas, esses projetos. E realmente, nessa pesquisa que eu fiz, tem um marcador que é exatamente assim, você comentou que você entrou na graduação em 2014. Então, tem um marcador de pessoas que entraram exatamente no momento que você, foi quando eu entrei também.

48:24 **Guilherme Cardoso Contini:** E no momento que a gente concluiu, então ali entre 2017 e 2018, onde foi um grande ponto de virada, porque as nossas pesquisas finalizaram e a gente começou a pensar o que a gente vai fazer com isso. Tipo “Vamos no mestrado? Ou é um projeto prático?”. E aí, tem esse segundo momento que é quando a gente termina o nosso mestrado. Então, é interessante porque aconteceu quase tudo ao mesmo tempo, quando a gente tem pesquisas anteriores a isso, geralmente antes desse período, entre 2010 e 2014, as únicas pesquisas que aparecem nos estudos ou elas são da Moda ou elas são de *Game Design*.

49:29 **Bianca Mendes Rati:** Caramba, depois quero ver essa lista aí então.

49:41 **Guilherme Cardoso Contini:** Depois eu vou te dar acesso aos materiais. Até já deixo avisado que me comprometo a divulgar os resultados e acho que vai ser legal, porque foi uma análise que me surpreendeu, eu não imaginava que nessa perspectiva da área de *games*, que é uma área recente, que já existisse essa curiosidade lá atrás, porque algumas áreas que hoje trabalham gênero de um jeito muito forte, não estavam nem perto de ter esse indício lá atrás. E claro, essa pesquisa usou uma série de bases de dados, muitas das pesquisas não estão nas bases de dados, tem muita coisa escondida que não aparece e que é difícil achar. Na pesquisa com as universidades, eu tentei procurar um pouquinho disso e complementou um pouco do estudo, mas a gente sabe que tem muita coisa que ficou escondida. Mas é um marcador interessante. E bom, de qualquer forma, eu sei que a gente tá em cima do horário. Queria aproveitar para finalizar te agradecendo pela última conversa. Muito obrigada por contribuir tanto assim nessa entrevista, com a minha pesquisa. Acho que vai fazer total diferença. E assim que terminar, com certeza eu vou divulgar, passo todas as informações e espero que você tenha ficado contente também com a entrevista. Foi muito bom ter você aqui, Bianca. Obrigado.

50:59 **Bianca Mendes Rati:** Imagina, eu que agradeço. Boa sorte aí na reta final do doutorado e tô super interessada em ver os resultados, eu acho que tanto educação, quanto temas de gênero, *queer*, enfim, são termos que me interessam muito e estou super animada para ver o impacto que com certeza a sua pesquisa vai ter no futuro.

Entrevista Cláudia Regina Hasegawa Zacar e Marinês Ribeiro dos Santos

Data da entrevista: 19 de Setembro de 2025

Duração da entrevista: 78 minutos

Participantes: Guilherme Cardoso Contini, Cláudia Regina Hasegawa Zacar, Marinês Ribeiro dos Santos

Transcrição

00:00 **Guilherme Cardoso Contini:** Bom dia Cláudia e Marinês! Obrigado por aceitarem participar da entrevista.

O primeiro ponto são algumas perguntas de dados mais pessoais. Só para confirmar que vocês tiveram acesso ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, entenderam as questões relacionadas à pesquisa, os desafios, as possibilidades. Então, **a primeira pergunta é só para vocês repetirem o nome de vocês e dizerem se vocês concordam com essa entrevista, se vocês estão confortáveis com a entrevista.**

00:35 **Cláudia Regina Hasegawa Zacar:** Bom, eu Cláudia Regina Hasegawa Zacar, estou de acordo com a entrevista.

00:41 **Marinês Ribeiro dos Santos:** Marinês Ribeiro dos Santos, estou de acordo com a entrevista.

01:07 **Guilherme Cardoso Contini:** Obrigado Cláudia, obrigado Marinês. Ainda nessa parte dos dados pessoais, eu queria perguntar para cada uma de vocês, **qual é a formação de vocês e se vocês atuam em alguma faculdade como professoras, como alunas, se estão ligadas mais a graduação do que a pós-graduação?** Então, contar um pouquinho dessa trajetória acadêmica de vocês.

01:13 **Cláudia Regina Hasegawa Zacar:** Quer começar, Marinês?

01:16 **Marinês Ribeiro dos Santos:** Pode ser, Cláudia. Então vou lá eu. Bom, eu sou professora na Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), comecei dando aulas nos cursos técnicos de Design, Desenho Industrial, que a instituição oferecia. Depois eu fui acompanhando todo o processo de transformação do Centro Federal em Universidade, e nesse processo participei da implementação dos cursos superiores. Hoje eu trabalho no Departamento Acadêmico de Desenho Industrial, nos cursos superiores de Tecnologia em Design Gráfico e no curso de Bacharelado em Design. Você estava comentando na questão das disciplinas que envolvem gênero. Então... nesse processo de implementação dos cursos, a gente implementou uma disciplina que se chama Design e Cultura, onde a gente trabalha temáticas, não só de gênero e sexualidade, mas também de raça, etnia ou outras discussões ligadas à

diversidade funcional, a questão de outros marcadores sociais, de idade... a gente trabalha essas questões nessa disciplina. Então, a gente tem essas discussões curricularizadas, tanto no curso de bacharelado quanto no curso de tecnologia.

02:45 **Marinês Ribeiro dos Santos:** Também dou aulas no programa de pós-graduação em Tecnologia e Sociedade (PPGTE), onde eu trabalho na linha de Mediações e Culturas dando bastante ênfase para discussões ligadas a articulação entre cultura material, Design, e gênero e sexualidade na perspectiva da Teoria *Queer* e também dou bastante ênfase para discussões que envolvem cultura material e raça e etnia. Comentar que, por exemplo, Cláudia foi a minha primeira orientanda de doutorado. Então ela foi um “debu” para mim. Foi a primeira doutoranda que eu orientei, então é um super prazer tá aqui na companhia dela.

03:33 **Cláudia Regina Hasegawa Zacar:** Agradeço, Marinês, também para mim é muito bom estar aqui. Agradeço ao Guilherme também, pelo convite. Vou falar um pouquinho da minha formação. Eu sou formada em Design de Produto pela UFPR. Aí eu fiz o meu mestrado aqui na UFPR também. No mestrado, eu não estudei as questões de gênero, eu fui orientada pela professora Maristela Ono, que tinha uma sensibilidade para essas questões, mas não era o tema da minha pesquisa. E aí o doutorado, fiz lá no PPGTE, com orientação da Marinês e hoje eu atuo como docente também aqui no curso de Design de Produto da UFPR, na graduação e desde 2021 que eu ingressei também no programa de pós-graduação em Design aqui da instituição. Os meus temas de trabalho na graduação e na pós-graduação são um pouco diferentes. Na graduação eu entrei para lecionar disciplinas de Projeto, então geralmente tomo essas disciplinas, e às vezes algumas disciplinas mais técnicas, como Materiais e Processos e Representação Tridimensional.

04:50 **Cláudia Regina Hasegawa Zacar:** E aí, de vez em quando eu ministro uma optativa sobre Design e Relações de Gênero, não teve ainda muitas edições, mas eu tenho tentado trazer essa discussão para graduação, principalmente ali, também de forma transversal, quando possível, nas disciplinas de Projeto. E aí, na pós-graduação eu tô vinculada na linha de Teoria e História do Design. E aí, as questões de gênero aparecem também como transversais ali, aí eu tenho trabalhado junto com a professora Yasmin Fabris, na disciplina de Fundamentos de Teoria e História, e que um dos tópicos são as questões de gênero. É isso.

05:30 **Marinês Ribeiro dos Santos:** Aí eu não falei da minha formação, não sei se você quer que eu complemente, Guilherme.

05:35 **Guilherme Cardoso Contini:** Ah, pode ser, Marinês, obrigado.

05:37 **Marinês Ribeiro dos Santos:** Eu sou formada em Design de Produto pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), fiz mestrado no PPGTE no programa que atualmente eu dou aulas, em Tecnologia e Sociedade e depois fui fazer o doutorado na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) no interdisciplinar em Ciências Humanas, a escolha do doutorado foi em função de participar em conjunto com outras colegas de um grupo de estudos que a gente fundou... o que? 25 anos já, Cláudia? Fez 20 anos, quase 25 anos, de Design e Cultura. É que era um grupo de estudos que depois originou essas disciplinas que eu estava comentando com você. Onde a gente começou a pensar nas aproximações entre o Design e a dimensão cultural.

06:37 **Marinês Ribeiro dos Santos:** E a partir disso eu fui vendo que a formação que a gente tinha na área de ciências humanas era muito superficial. Então, eu procurei um doutorado interdisciplinar em Ciências Humanas justamente para complementar essa parte, porque a gente estava sentindo falta para poder desenvolver pesquisas e discussões mais aprofundadas sobre essas relações entre Design e a interferência do Design na vida cotidiana.

07:01 **Guilherme Cardoso Contini:** Obrigado, Marinês. Obrigado, Cláudia. É muito interessante saber dessa trajetória de vocês e vocês comentaram dessa questão das disciplinas. Quando eu iniciei a pesquisa com as universidades. Isso foi no começo de 2024, no começo do ano passado e do ano passado para esse ano, eu repeti essa fase da busca, porque eu percebi que muitas matrizes curriculares se alteraram nesses últimos anos. Então, eu fiquei feliz de ter repetido, porque teve um crescente importante aí nas disciplinas, se eu não tô bem enganado, eu cheguei nessa disciplina que você comentou, Marinês, e pude incluir a universidade na pesquisa. Eu falo até da minha universidade (UNESP), que a gente fez também uma mudança. E hoje nós temos uma disciplina para a graduação, que tangencia esses estudos que a gente não tinha antes. Então eu tenho percebido essa mudança importante e como vocês, as professoras e as pesquisadoras que dialogam com esse tema estão cada vez mais trazendo isso para a graduação também. Tem um foco legal na pós-graduação, mas tem aumentado na graduação também.

08:19 **Guilherme Cardoso Contini:** Eu vou começar com algumas perguntas comuns que são perguntas que eu tenho feito para todos os entrevistados e entrevistadas, e eu acho que elas tomam conta do tema de uma forma legal. Acho que provavelmente não vamos precisar de perguntas tão específicas, para também não estender o tempo limitado. Nessa primeira pergunta vocês já começaram a responder falando um pouco da formação de vocês, mas talvez vocês possam complementar com algum outro detalhe que vem à mente.

09:04 **Guilherme Cardoso Contini:** Então, nessa área das pesquisas sobre estudos *queer* e estudos de gênero, **vocês sempre pesquisaram sobre estudos *queer* e estudos de gênero em todo momento da carreira de vocês no Design?** A Cláudia comentou de alguns marcadores como na graduação, no mestrado era diferente ou teve algum ponto de virada assim, então vocês sempre pesquisaram isso, **teve algum ponto de virada na trajetória profissional acadêmica de vocês ou pessoal que fez com que vocês trabalhassem com os estudos *queer* ou os estudos de gênero?**

09:28 **Cláudia Regina Hasegawa Zacar:** Para mim o ponto de virada foi o doutorado mesmo, foi o trabalho com a Marinês. Então, acho que é importante destacar a atuação dela mesmo aqui no Paraná, acho que como meu meio fundamental para fomentar essas pesquisas. Depois de mim tiveram várias outras orientações também com essa perspectiva. Eu comecei a estudar de fato essas teorias no doutorado. E eu cheguei até o PPGTE, acho que é bem importante destacar. A Marinês comentou do grupo de estudo de Design e Cultura, que também tem sido um espaço importante, acho que para as pessoas que pesquisam, se interessam pelo tema. Como a minha orientadora de mestrado atuava nos dois programas, eu acabei me aproximando do Design e Cultura por meio dela.

10:29 **Cláudia Regina Hasegawa Zacar:** E aí, quando fui decidir o que fazer no doutorado, tive essa intenção mesmo de fazer no PPGTE, direcionei meu projeto para trabalhar com a Marinês pelo interesse nesse tema. Mas que até então eu não tinha explorado mesmo.

10:42 **Marinês Ribeiro dos Santos:** No meu caso, o ponto de virada foi o doutorado também, porque, como eu comentei com você, essas temáticas não eram comuns, imaginamos, se não era no período da Cláudia, no período que eu fiz a graduação então, muito menos. Eu fui para esse doutorado indisciplinar, lá tem uma linha muito forte de estudos de gênero e eu fui trabalhar a partir de uma perspectiva histórica com as revistas Casa e Jardim, para pensar o Design Pop no Brasil, que era o que eu queria pesquisar, e a pessoa que poderia me orientar, que era da linha de História, estava vinculada ao Laboratório de Pesquisas de Gênero.

11:27 **Marinês Ribeiro dos Santos:** Eu tive que adaptar o meu trabalho. Então, na verdade, num primeiro momento, foi um espaço de negociação, do tipo “Ah, eu quero estudar Design Pop”, ela “Tudo bem, eu deixo você estudar Design Pop, mas eu quero estudar gênero, então eu insiro gênero no meio do Design Pop.”. Então foi uma negociação que eu fiz com a professora Joana e a partir daí, eu comecei a frequentar o laboratório e estudar... teorias feministas. E cheguei na área da teoria *queer*, que foi a que me capturou nesse processo, a que me interessou mais, que me mobilizou. E, a partir disso, eu fui tentando explorar essas possibilidades. Então foi o doutorado também.

12:21 **Guilherme Cardoso Contini:** Muito legal saber também desse detalhe, tem sempre algum marcador que faz a diferença e como a Cláudia comentou, professoras como você, Marinês, que acabam nesse momento centralizando esses alunos/essas alunas com interesse na temática e tornando essa área cada vez mais importante dentro do Design. Eu tenho identificado essas professoras que fazem esse trabalho tão interessante como o seu em algumas regiões aí do Brasil e como isso vai irradiando, vai chegando nos orientandos/nas orientandas e chegando até nas matrizes curriculares, o que é tão legal, tão grande.

13:23 **Marinês Ribeiro dos Santos:** É... Só complementar uma coisa, é um trabalho importantíssimo, dessas redes de pesquisa que a gente vai constituindo, porque, por exemplo, a Cláudia agora faz esse trabalho lá na Universidade Federal. Então, ela também tá lá, como professora da graduação e da pós, desenvolvendo esses estudos lá e ramificando, criando, amplificando a rede. E a gente participa de bancas comuns, de trabalho de final de curso, de trabalho de Mestrado e Doutorado. Então é bem importante pensar que esse trabalho é multiplicador. Então, Cláudia também está fazendo esse papel agora.

13:50 **Guilherme Cardoso Contini:** Com certeza. Interessante isso, durante as entrevistas e durante essa pesquisa, a gente tem então, vamos dizer assim, essa segunda leva de pesquisadoras que estão potencializando ainda mais, como o caso da Cláudia, e centralizando em outros lugares, vai expandindo a rede. Com certeza, é um foco principal, identificar essa rede. Em algumas áreas, a gente sabe que tem redes já bem estabelecidas no Brasil e congressos, eu acho que nesse campo da intersecção Design e *Queer*, Design e Gênero, isso já vem de um tempo, mas eu acho

que tá potencializando mais nesses últimos anos mesmo. E dando continuidade, queria perguntar se **vocês têm familiaridade com um termo que tem sido usado com bastante frequência que é “queerização do Design”?**

14:57 **Cláudia Regina Hasegawa Zacar:** Ai ó, vou arriscar então. Eu acho que esse termo “queerização”, eu associo bastante aqui no Brasil ao texto da Denise Portinari, que acho que ela trouxe essa ideia de pensar o *queer* como um verbo, formalizou isso nesse texto, que eu acho que é bastante lido hoje. Então, acho que parte dessa noção, tanto de uma compreensão do Design, como uma instância, é importante para a gente pensar a constituição das identidades e subjetividades de gênero, tanto no sentido de reforçar, quanto também intencionar as normatividades, tanto a partir das suas práticas, quanto do resultado dessas práticas também, as materialidades, aquilo que é projetado.

15:49 **Cláudia Regina Hasegawa Zacar:** Então, acho que é esse exercício de pensar como essas materialidades estão atuando na construção desses corpos, subjetividades, analisar e deixar explícito como que isso acontece. E, também, esse esforço de buscar maneiras diferentes de projetar, pensando na construção desses tensionamentos, as normatividades, construção dessas contra narrativas. Então, acho que é interessante pensar nesse sentido de um processo de problematização, questionamento e proposição também de caminhos para pensar o Design e em relação a essas questões de gêneros e sexualidade. Não sei se eu fui muito clara.

16:45 **Marinês Ribeiro dos Santos:** Eu concordo com a Cláudia e só vou complementar algumas questões. Eu entendo Design como algo que constitui os fenômenos sociais, e cuja produção vai ganhar sentido na intercessão das práticas cotidianas, então, tanto os designers, quanto os artefatos, eles estão enredados nesses sistemas simbólicos que vão informar e sustentar práticas que materializam valores, que produzem imaginários, que sugerem comportamentos. Então, dialogando lá com a cultura material, a gente pensa os artefatos como algo que é produzido pelas pessoas, mas que também produzem pessoas. E eu acho que essas questões meio que sim, se tangenciam lá com a discussão da Denise Portinari.

17:44 **Marinês Ribeiro dos Santos:** É importante só a gente pensar que essa ideia de que os artefatos nos constituem não é algo determinista, mas vai localizar o Design no campo das relações de poder, que pode ser articuladas não só questões de gênero, mas também nas questões de sexualidade, de raça e etnia, de diversidade funcional, de neurodiversidade, de classe social, sei lá, outros marcadores múltiplos de diferença. Pensando especificamente no gênero, dá para a gente pensar em alguns aspectos. Em termos normativos, o gênero vai organizar a vida cotidiana a partir de posições binárias, essa lógica ela informa a prática do Design, que frequentemente vai colocar em circulação estereótipos e feminilidades e masculinidades, que vão estar materializadas nos próprios produtos. E uma vez em uso, esses produtos eles vão operar na construção dos corpos, como femininos ou masculinos. Então, pensar o Design como algo que atua na produção de diferenças de gênero ou na constituição dessas diferenças, na incorporação dessas diferenças.

18:42 **Marinês Ribeiro dos Santos:** E como elas são diferenças hierarquizadas, a gente pode pensar que o Design participa ativamente da manutenção de desigualdades entre masculinidades e feminilidades muito frequentemente, não sempre, mas muito frequentemente. Além disso, a afirmação da lógica binária também

contribui para compreensão da heterossexualidade como normal. Então, “queerizar” o Design, para mim, significa questionar e desestabilizar esse *modus operandi*, essa forma de funcionamento.

19:19 **Marinês Ribeiro dos Santos:** Na prática do Design, frequentemente as categorias homem e mulher são naturalizadas pela ligação com o sexo anatômico, e a heterossexualidade não é necessariamente problematizada. Em função disso, eu passei a explorar a possibilidade de pensar os artefatos como tecnologias de gênero. Em um primeiro momento, a partir da Teresa de Lauretis e depois em diálogo com Paul Preciado. E daí, eu me aproximei da noção de prótese de gênero que perpassa aí as pesquisas que a gente tem desenvolvido no PPGTE, que nos interessa muito pensar gênero como tecnologia, como uma tecnologia política.

19:55 **Marinês Ribeiro dos Santos:** Então, para o Paul Preciado, as materialidades funcionam como próteses e feminilidades/masculinidades, elas são códigos de identificação social que vão produzir os corpos como femininos e masculinos. E o reconhecimento desse sujeito, como homens e mulheres, seria um efeito dessa identificação. Daí a gente tem uma desnaturalização também do gênero, não como algo biológico, move-se como algo que é produzido pelas materialidades cotidianas, onde o Design está inserido. Então, a identidade de gênero é resultado de uma ficção política e não de uma manifestação da natureza biológica.

20:35 **Marinês Ribeiro dos Santos:** E como a gente tem essa classificação a partir de um esquema binário, a materialidade, o Design, atuam na constituição de mulheres femininas e homens masculinos, nesse processo sustenta a heterossexualidade como normal. Por isso a interdição das ambiguidades, que quando são provocados, pelas transgressões nos usos, por exemplo, quando os artefatos são usados de formas que não correspondem as expectativas sociais em relação ao sexo anatômico, isso incomoda, porque produz os corpos de formas que eles desafiam o imperativo da heterossexualidade.

21:13 **Marinês Ribeiro dos Santos:** Mas, só queria reforçar para terminar, a importância de pensar gênero sempre como articulação com outras marcações sociais. Então, eu acho que “queerizar” também tem a ver com a gente pensar essas articulações, que a gente tá falando de corpo, e o corpo é atravessado sempre por essas múltiplas marcações. As posições de gênero normativas, elas sempre se articulam com raça e etnia, com idade, com capacidade funcional, com classe social etc. Então, o Design precisa considerar todos esses aspectos de forma interseccional se quiser efetivamente desestabilizar a constituição dessas múltiplas alteridades subordinadas, ao que é classificado ou produzido culturalmente como norma. Então, acho que é mais ou menos isso.

21:58 **Guilherme Cardoso Contini:** Obrigado pelas respostas. Eu acho que o objetivo de trazer realmente esse termo, é porque é um termo que vem aparecendo com cada vez mais frequência e como vocês falaram, ele vem desse texto da Denise e ele vai perpassando as pesquisas de todo mundo, como um ponto de inflexão sobre o assunto com outras temáticas, como você bem disse, Marinês e trouxe aqui para nossa conversa. E acho que o objetivo era visualizar isso que vocês trouxeram, esses marcadores, esses momentos em que essas pesquisas do Design sensibilizam,

“queerizam” a nossa área, através dessa mudança de perspectiva ou dessa atenção a perspectivas binárias.

23:13 **Guilherme Cardoso Contini:** Ainda nessa linha, queria perguntar para vocês, analisando essa trajetória de vocês dentro do contexto do Design, com as pesquisas, com os projetos. **O que vocês acham que falta no Design para essa sensibilização sobre as temáticas queer e as temáticas de gênero realmente acontecerem? Tem acontecido já, mas o que vocês acham que falta para isso se potencializar ou chegar em outras áreas, não ficar restrito às nossas pesquisas e poder, por exemplo, chegar em pesquisas da ergonomia, chegar em pesquisas do Design Social, expandir para outras áreas do Design?** Que nem sempre a gente tá vendo esses focos de pesquisa acontecerem em todas as universidades.

23:42 **Marinês Ribeiro dos Santos:** Quer que eu comece, Cláudia? Você quer começar?

23:45 **Cláudia Regina Hasegawa Zacar:** Pode ser, vamos alternando.

23:47 **Marinês Ribeiro dos Santos:** Vamos alternando então. Olha, eu acredito que a prática profissional ela precisa ser crítica e consciente da cumplicidade Design com normas e hierarquias sociais que naturalizam e justificam desigualdades. Então, a partir daí, eu acho que é possível pensar em intervenções capazes de combater ou transgredir essas normativas múltiplas, inclusive as hierarquias de gênero e a naturalização da heterossexualidade. Mas, eu acho que isso envolve uma série de fatores, um deles seria a aproximação, que eu já comentei antes, com as Ciências Humanas e Sociais na formação acadêmica.

24:30 **Marinês Ribeiro dos Santos:** Acho que seria muito importante a gente ter uma intensificação disso nos currículos, que acabam tendo um viés cada vez mais tecnicista, embora, a gente tenha resistências a isso, mas tem uma tendência atual que joga para uma visão mais tecnicista, como se a questão técnica não fosse premiada de questões culturais e sociais. Então, acho que os currículos dos cursos de graduação e pós-graduação em Design, deveriam valorizar mais o diálogo com essas áreas de conhecimento.

25:24 **Marinês Ribeiro dos Santos:** Outra questão importante é a aproximação com as pautas de luta, mas também a produção de conhecimento, que é importantíssima, dos movimentos sociais, uma aproximação com os movimentos sociais. Muito importante também. Para o desenvolvimento e abordagens mais comprometidas com o questionamento de assimetrias sociais. Agora, só inserir Ciências Humanas no currículo, não basta, tem que ser uma inserção crítica, porque a gente pode também pensar nas Ciências Humanas reforçando visões normativas, dependendo de que vertente a gente se afilia. Então, eu acho que essa aproximação precisa acontecer também junto com uma perspectiva crítica emancipatória.

25:58 **Marinês Ribeiro dos Santos:** E, também, com uma problematização da falta de diversidade no campo profissional, acho que é outra questão para pensar no cenário atual. Embora, a gente também, já esteja vendo mudanças acontecendo, as teorias que embasam a prática projetual ainda são majoritariamente euro centradas. Além disso, a gente tem poucas pessoas negras como docentes nos cursos de

Design. Aqui no Brasil, isso é muito problemático, porque é um grupo social que compõe mais da metade da população do país, menor ainda é a presença de pessoas indígenas ou de pessoas transgênero. Temos muitas mulheres, sobretudo brancas, como professoras, porém quase nenhuma mulher aparece como referência nos livros de Teoria e História do Design, que estão nas bibliografias. E são ausências estruturais, que contribuem para a construção de um olhar sobre a profissão, que é bastante comprometido com valores ligados a posições de sujeitos hegemônicos, ou seja, com valores que são masculinos, esses hétero centrados, brancos, elitizados.

27:14 **Marinês Ribeiro dos Santos:** O adensamento, diálogo, com as Ciências Humanas e com os movimentos sociais, para ser transgressor, ele tem que ser capaz de propiciar bases conceituais e metodológicas para crítica e para transformação desse panorama normativo. A gente já tem visto um aumento de estudantes com a questão das cotas, pelo menos na universidade que eu dou aula, a gente tem visto um aumento bastante grande de estudantes que se autodeclaram negros, negras ou negres, dependendo de como as pessoas se identificam nos cursos.

27:51 **Marinês Ribeiro dos Santos:** Isso eu acho que, em média ou a longo prazo, se a gente voltar a ter concurso para professores, talvez mude um pouco esse quadro, porque o corpo docente ainda é muito embranquecido, classe média, centrado, isso acho que precisaria mudar. Uma terceira questão que eu posso destacar, é a lógica da segmentação de mercado, que tem uma divisão de produtos por gênero, que isso já se tornou convencional. A gente precisa aprender a discernir quando que isso realmente faz sentido e quando apenas está a serviço de aumentar os lucros das empresas e muitas vezes mediante o reforço de estereótipos.

28:28 **Marinês Ribeiro dos Santos:** A gente também percebe que algumas empresas têm adotado formas alternativas de lidar com esse direcionamento de produtos, mas ainda é bastante comum a ideia do gênero neutro, que é uma opção que já demonstra uma preocupação com o tema, mas é uma abordagem conservadora, porque o neutro ainda tá lá dentro da lógica binária, neutro em relação aos polos e é uma posição intermediária que geralmente entende que o masculino é universal, porque se você tiver qualquer proposta que envolva elementos entendidos como femininos, dificilmente é considerado como neutro.

28:57 **Marinês Ribeiro dos Santos:** Então, talvez uma opção mais interessante seja postar nos trânsitos, nos atravessamentos, características entendidas como femininas e masculinas se misturem, que elas possam coexistir, que isso dificulte a classificação dos artefatos em categorias bem delimitadas, um Design que medite ter o questionamento dessa lógica binária em vez de acomodar, incomode, confunda, estabiliza essas categorias normativas. Acho que isso talvez pudesse contribuir de uma maneira mais efetiva para a promoção de mudanças. Mas é multifatorial, porque essas questões são questões estruturais.

29:46 **Cláudia Regina Hasegawa Zacar:** Eu vou só concordar e trazer alguns pontos também que reforçam esses argumentos da Marinês um pouco a partir da experiência aqui na UFPR e, também, de uma pesquisa que eu fiz, acho que é muito a partir das interpretações que você também traz, Guilherme, na tua pesquisa, que era justamente de pensar como que as pessoas que trabalham com essas abordagens feministas, *queer*... estão trazendo isso para educação em Design. Então, eu fiz algumas

entrevistas também com docentes de várias regiões do país e ficou bem evidente nas falas dessas pessoas que há uma percepção de mudança importante nos últimos anos no sentido de notar no próprio corpo docente uma sensibilidade maior, uma demanda maior em relação a discussão dessas temáticas.

30:47 **Cláudia Regina Hasegawa Zacar:** E eu acho que isso tem a ver com uma mudança social mais ampla, de fortalecimento dessas discussões e como a Marinês pontuou, o sistema de cotas que vem transformando o perfil do corpo docente de forma bem importante. Então, acho que isso é perceptível. Mas eu concordo que em relação ao corpo docente a gente ainda tem bastante limitação em relação a essa diversidade de perspectivas. Mas acho que isso também esperamos que vá mudando. E a gente nota que as últimas pessoas, por exemplo, que ingressaram aqui no curso nos últimos concursos já passaram, por exemplo, tem ex-alunas da Marinês, tem pessoas que já trazem na sua formação de graduação um olhar um pouco mais atento para essas questões e isso vai impactando o ensino por mais que, por exemplo, no nosso curso ainda não existe uma disciplina obrigatória e que essa temática fica evidenciada, mas ela tá aparecendo de modo transversal, muito por conta dessas pessoas que foram ingressando como docentes nos últimos anos.

31:56 **Cláudia Regina Hasegawa Zacar:** Então, acho que a questão da educação nesse sentido é bem central, e como a gente vai desmontando um pouco essa tradição muito forte que tem dessa perspectiva modernista, eurocêntrica, como a Marinês trouxe. Inclusive para gente que teve essa formação ainda bem nesses moldes bauhausianos, enfim.... Então, acho que isso tem se transformado na educação, mas ainda tem bastante coisa para a gente fazer. E aí, tem a questão de como as pessoas com essa formação em Design estão levando isso para prática profissional mesmo. Isso é uma coisa interessante, que nessa optativa de Design e Relações de Gênero, eu percebo assim uma inquietação por parte dos estudantes de “Como eu insiro isso no meu estágio, no meu trabalho?”. Às vezes uma percepção de uma resistência também por parte das pessoas que entregam. Então, acho que é bem importante a gente pensar em formar as pessoas com essa consciência e, também, com recursos para poder trazer essa argumentação, essa fundamentação para ir aos poucos transformando essa prática profissional, que não é necessariamente fácil, dependendo da indústria vai ser mais difícil, mas acho que com pequenas ações cotidianas e com essa formação que dá esses recursos, isso vai se tornando mais possível também. E acho que é isso. Aí nesse âmbito mais geral, como a Marinês comentou, bem importante essa articulação, a pensar os movimentos sociais, para que a gente também colabore para desmontar esses movimentos retrógrados, esses cursos complicados que a gente tá vendo que tem ganhado força nos últimos anos. Então, nessa dimensão mais amplo estrutural, acho que a gente também tem que pensar em como articular para fortalecer essa contraposição.

34:20 **Guilherme Cardoso Contini:** Obrigado pela resposta de vocês. De fato, acho que vocês costuraram muito bem como essas relações vão sendo estabelecidas e o que irradiam disso. Em relação à universidade, falando um pouquinho aqui da UNESP, acho que a gente tem uma situação bem parecida. Um período grande sem concurso, sem entrada de novos professores e sem essa efetiva mudança com o começo da política de cotas por aqui também. A gente tem uma mudança no perfil da graduação, que eu acho que se a gente conseguir inserir mais concursos ao longo desses

próximos anos, a gente consegue mudar um pouquinho essa estrutura do nosso também, que eu acho que reflete um pouquinho isso que vocês comentaram.

35:16 **Guilherme Cardoso Contini:** Eu percebo por aqui, em alguns momentos, uma abertura interessante para essa discussão, que tem melhorado na graduação, tem potencializado na graduação, mas até um certo momento a gente não tinha realmente essas professoras e pessoas como vocês centralizando essa conversa em um grupo. Muitas vezes, eu percebi que aqui, a gente precisava buscar fora do Design quem tava pesquisando e conectar com a gente. Hoje, nesse meu período de doutorado, eu senti que teve uma mudança, hoje a gente tem bastante professor e professora aberta as temáticas de gênero, aberto as temáticas *queer*, mas ainda assim não necessariamente que eles/elas estão trabalhando isso nas suas pesquisas, tem sempre um foco maior e às vezes a pesquisa do orientando, da orientanda que conecta e é aceita e continua e acontece. Então, é legal quando a gente vê esses polos, como eu tenho enxergado através da fala de vocês, que consegue agrupar mais, formar essa rede de um jeito mais intenso, que tem esse reflexo no ensino de uma forma bem interessante. Obrigado por compartilharem um pouquinho sobre isso.

36:33 **Guilherme Cardoso Contini:** A próxima pergunta, na verdade, as duas próximas perguntas, elas são bem parecidas. Eu acho que dá para eu fazer essas perguntas juntas, porque elas mudam um detalhe ali e aí de repente facilita até no processo da articulação das respostas, mas é voltado para um lado, projetos práticos, por outro lado, pesquisas. As pesquisas de vocês foram o ponto que me fez encontrar vocês, chegar até vocês, entender um pouquinho desse trabalho que vocês realizam e a pergunta vem nesse sentido.

37:06 **Guilherme Cardoso Contini:** Seja em pesquisas, em uma produção acadêmica, uma produção prática dentro do Design, o que vocês já realizaram dentro dessa temática *queer* e que metodologias e que práticas do Design vocês utilizaram para, ou essas pesquisas, ou para essas práticas?

37:31 **Marinês Ribeiro dos Santos:** Quer começar, Cláudia, agora?

37:32 **Cláudia Regina Hasegawa Zacar:** Ai, agora é minha vez, a gente já instituiu uma ordem. Então, vamos lá. Em relação à pesquisa, vou começar falando do doutorado, que foi quando eu me aproximei mesmo dessas questões. No doutorado, eu pesquisei, a partir, principalmente, da noção de prótese de gênero, que a Marinês já trouxe, os ambientes da CASACOR Paraná.

38:11 **Cláudia Regina Hasegawa Zacar:** Então, a minha ideia era problematizar como nesses ambientes estavam sendo constituídos esses estereótipos de feminilidade e masculinidade, um pouco em relação a outros marcadores também, principalmente idade, geração, em alguma medida também, raça e etnia. Na tese, eu trabalhei essencialmente com análise de imagens. Então, eu recorri a estudos de imagem afiliados a cultura visual também a própria história, para poder acessar as fotografias desses ambientes. Trabalhei basicamente com esse material e produzir essa análise.

39:00 **Cláudia Regina Hasegawa Zacar:** Então, eu elaborei um roteiro adaptado a partir dessas diferenças e pensando muito em como fazer essas relações também

com as posturas corporais, imaginando um pouco como que era esse corpo idealizado para habitar esses ambientes, que tem um caráter comercial, de venda, em alguns casos eles são até meio... como que eu posso dizer... uma cara meio de *showroom* mesmo, mas de todo modo fica bem evidente como essas relações de gênero estão presentes nessas idealizações desses espaços. E aí, depois do doutorado, eu montei esse projeto de pesquisa, que eu falei um pouquinho na resposta anterior, que tinha um pouco essa ideia de fazer um mapeamento geral, como que a gente pode pensar os impactos dos feminismos dos gênero no Design, que era uma ideia de pensar a educação e métodos projetuais, principalmente porque acho que na teoria e na história, a gente felizmente nos últimos anos tem tido bastante material assim, ou crescente número de pesquisas que se dedicam a analisar isso na historiografia, na teoria do Design e eu senti um pouco de falta de entender como que eu podia trazer isso para minha prática como educadora mesmo, especialmente nas disciplinas de Projeto, que são os que eu costumo ministrar. Então, foi um projeto de pesquisa que durou um pouco mais de cinco anos. E aí, foi nele que eu realizei essas entrevistas que eu mencionei, porque eu comecei a perceber que em relação a educação em Design, a gente tinha pouco registro, de poucos textos falando sobre isso, alguns em âmbito internacional.

40:56 **Cláudia Regina Hasegawa Zacar:** Mas aí achei que seria interessante a gente tentar mapear um pouco como as pessoas estavam fazendo isso. E aí o método que eu usei, o principal, foi baseado na história oral e nessa perspectiva de realização das entrevistas mesmo. Em relação aos métodos, o projeto acabou abarcando mais uma revisão bibliográfica, a gente nessa frente não avançou tanto, mas foi um ponto que eu senti necessidade também de fazer esse levantamento mais geral.

41:31 **Cláudia Regina Hasegawa Zacar:** E aí agora eu estou iniciando um novo projeto de pesquisas, ele está bem no comecinho, mas é uma ideia de tentar identificar e discutir um pouco representações de designers, como que profissionais da área do Design estão sendo representados na mídia especializada, mas também em outras instâncias, levando em conta as questões de gênero, mas também raça, etnia, classe, enfim... Pensar um pouquinho nessa maneira como a gente tem construído essa figura do designer.

42:08 **Cláudia Regina Hasegawa Zacar:** Acho que é isso nas pesquisas. Daí é para juntar já com a prática, né?

42:15 **Guilherme Cardoso Contini:** Isso.

42:17 **Cláudia Regina Hasegawa Zacar:** Em relação a isso, me ocorreu mais comentar sobre alguns trabalhos que eu tenho orientado na graduação, principalmente, é como a gente falou, nos últimos anos tem tido uma procura maior por parte de estudantes de trabalhar com essas temáticas, por exemplo, no Trabalho de Conclusão de Curso e tal. Então, eu propriamente, não tenho realizado esses trabalhos práticos, mas nas orientações, lembrei de alguns trabalhos recentes que tenham abordado um pouco essa perspectiva.

43:01 **Cláudia Z.:** Então teve um TCC, por exemplo, da Bruna e da Leila, que elas vieram com a ideia de fazer um *sex toy* e a partir das conversas e das pesquisas que elas foram fazendo, elas acabaram desenvolvendo um conjunto de objetos para estimular o conhecimento, o autoconhecimento corporal, focado para mulheres cis,

mas a partir de uma perspectiva ampla de modo de viver a sexualidade e um pouco na ideia de tirar um certo falocentrismo, que elas perceberam nesse tipo de produto. E aí, em relação ao método de desenvolvimento desse projeto, foi mais uma perspectiva de Design centrado nas pessoas, mas com um olhar atento e cuidadoso, para como trabalhar essas questões de sexualidade.

43:49 **Cláudia Regina Hasegawa Zacar:** E daí, um outro projeto que eu lembrei foi de duas Júlias, que era uma dupla de Júlias, e elas queriam trabalhar de alguma maneira com as questões de pessoas LGBTQIA+. E aí, eu propus para elas experimentar um processo diferente, projetual mesmo, a partir de uma abordagem que tem sempre chamado em inglês de *Soma Design*, que é uma ideia de projetar a partir do corpo. Então, achei que seria uma experiência legal e elas toparam fazer. Elas fizeram uma série de *workshops* com umas pessoas para tentar materializar a sensação de segurança para mulheres e pessoas LGBT, a partir desse processo bem centrado no corpo. Foi uma questão mais importante pensar o método e o modo de fazer do que necessariamente o resultado, foi, acho que um processo interessante.

45:18 **Cláudia Regina Hasegawa Zacar:** Então, o que eu venho notado em relação às pessoas que estão discutindo essa questão metodológica, os modos de projetar com atenção a essas questões, partem muito dessa perspectiva de construir práticas mais coletivas e acho que essa questão do corpo como central também aparece bastante. Acho que é isso.

45:33 **Marinês Ribeiro dos Santos:** No meu caso, as pesquisas que eu tenho feito são, de uma forma bem perceptível, desdobramentos da pesquisa de doutoramento. Então, a partir do momento em que eu defendia tese, eu parei para pensar sobre algumas questões que me incomodavam um pouco ainda na redação do trabalho, que eu ainda achava que, embora eu estivesse trabalhando com a noção de gênero a partir da Judith Butler, a maneira de lidar com a questão ainda me parecia um tanto quanto binária ainda, então eu fui tentar resolver esse aspecto a partir de uma incorporação de outras perspectivas de outras autoras.

46:23 **Marinês Ribeiro dos Santos:** Então, a ideia de Tecnologia de Gênero entrou nesse sentido e daí o Paul Preciado, para mim foi muito importante, porque o Paul Preciado, ele nos dá um atalho imenso quando ele fala da importância das materialidades na produção do corpo e daí para pensar Design é bastante fácil da gente conseguir construir um diálogo a partir da ideia de próteses de feminilidades/masculinidades, a ideia do gênero como algo que nos produz, produz corpo.

47:08 **Marinês Ribeiro dos Santos:** Então, foi nesse sentido. E uma das maneiras com que eu comecei a trabalhar foi pensando na relação entre roupas e decoração. Então, como as roupas e a decoração se articulam de uma maneira a incorporar o corpo feminino na paisagem doméstica, produzir uma feminilidade colada na casa, então foi fazendo essas discussões a partir de imagens que eu ia encontrando ainda nas revistas e que eu fui pensando nessas atualizações desse artifício de construir uma relação de homologia entre o corpo feminino e a casa, a partir dessa articulação entre a roupa e decoração.

47:59 **Marinês Ribeiro dos Santos:** Nas orientações isso se desdobrou de múltiplas outras formas. As orientações são espaços fantásticos para a gente aprender, estudar, pesquisar e ir expandindo também a nossa forma de pensar a parte de testar a teoria mesmo, de pensar como ela funciona e no que ela nos ajuda, no que elas nos atrapalham, enfim. Então, aqui eu queria destacar alguns trabalhos que eu acho que foram bem importantes. O trabalho do Vinícius sobre a Barbearia Clube, onde ele questiona a ideia da constituição na materialidade do espaço da barbearia de uma figura muito específica que estava no briefing de Design, que era o homem clássico. Então, “Como que na materialidade?”, “O que que significava esse homem clássico no briefing?”, e começa a materialidade traduzia essa figura e nesse processo também produzia masculinidades no próprio ambiente da Barbearia Clube, a tese da Cláudia sobre a CASACOR, onde ela trabalhou com a noção de prótese de gênero. Então, foi um trabalho bem importante para mim junto com ela pensar nessa categoria e como usar essa categoria para discutir Design. A tese da Lindsay sobre o blog Homens da Casa, também que vai mais ou menos no mesmo da mesma pegada que a da Cláudia. Recentemente, eu queria destacar uma dissertação da Caroline, sobre Casas de *Swing*, sobre iluminação e materialidade em casa de *swing*, como elas propiciam certas formas de usos do corpo por meio da iluminação. Muito, muito bacana foi esse trabalho e ela trabalhou basicamente aqui com a ideia do *Manifesto Contrassexual* do Paul Preciado, foi bem, bem interessante. Na graduação, dá para a gente falar de um exercício que a gente fez... daí já pensando nos desdobramentos mais de trabalhos práticos numa experiência que a gente fez durante a pandemia que foi o *Confronta: o Laboratório de Intervenções Visuais*, onde a gente trazia temáticas e pedia para as pessoas envolvidas desenvolverem contra narrativas que tensionassem essas visões normativas, produzindo pequenas intervenções gráficas que deveriam circular da forma com que as pessoas achassem mais interessante, mas a ideia era que fosse uma intervenção no espaço público, das mais diversas formas. Foi um exercício bem bacana.

51:18 **Marinês Ribeiro dos Santos:** A partir desse exercício, eu comecei a trazer também... já fazia isso antes, porque a disciplina da graduação era um espaço de experimentação muito bacana também, então já desenvolvi alguns pequenos projetos como esse do *Confronta* lá, que a gente resolveu aplicar daí, no *Confronta*, nesse período específico da pandemia expandindo isso e melhorando a questão metodologicamente, depois eu reinseri na graduação a partir da experiência do *Confronta* essa ideia de a gente trazer temáticas e que os estudantes construíssem contra narrativas, a partir das temáticas com que eles se identificassem, e a partir disso a gente gerasse um resultado material que tivesse relacionado com um tipo de intervenção e que questionasse padrões normativos. Então dá para falar dessas questões. E de TCCs... Poxa, eu devia ter me preparado melhor, porque eu sou péssima para lembrar das coisas assim.

52:17 **Marinês Ribeiro dos Santos:** Mas, eu posso falar de um que eu tô orientando agora, que tem a ver com pensar maquiagem como uma forma de produzir corpos fora de uma lógica binária e questionando também os imperativos raciais que têm na maquiagem e de gordofobia, a ideia de você emagrecer a pessoa e vendo artifícios de luz e sombra, a ideia de você afinar o nariz. Então, essas coisas estão sendo discutidas junto com um tensionamento de gênero na produção do corpo. Então, a ideia de produzir o corpo por meio da maquiagem.

52:50 **Marinês Ribeiro dos Santos:** Eu só esqueci de falar de duas coisas da pesquisa que eu acho que é importante. Só para comentar contigo, que essa ideia de pensar de sair... de não ficar... não é sair, porque eu ainda sou fã e trabalho muito com Judith Butler, mas a ideia de expandir a noção de performatividade de gênero a partir da leitura do Paul Preciado na crítica que ele faz a respeito dessa noção por meio de discutir a ideia do gênero como protético. Eu publiquei dois textos um ensaiando essa questão, pensando na ideia de pensar o Design...

54:01 **Marinês Ribeiro dos Santos:** Nesse primeiro, que foi um texto publicado na REF, na Revista Estudos Feministas, que é *Gênero e Cultura Material: a Dimensão Política dos Artefatos Cotidianos*, tem um ensaio de, pensando um pouco nas questões metodológicas agora, de pensar o Design a partir da noção de situacionalidade, como a gente cita gênero reiteradamente, a partir dos artefatos que a gente usa para produzir o nosso corpo, para produzir nossas práticas, então foi aí um pequeno exercício. E apontando para a ideia de pensar prótese de gênero do Paul Preciado, mas sem aprofundar, que eu vou trabalhar num outro texto posterior que é *o Azul para Meninos e Rosa para Meninas: Design como Tecnologia de Gênero*, onde eu expando um pouquinho a noção de próteses, já deveria estar produzindo um terceiro texto sobre isso, porque eu já estou num outro lugar para pensar essas noções.

54:48 **Marinês Ribeiro dos Santos:** Mas enfim, não tem dado muito tempo de escrever, mas pretendo fazer isso ainda, produzir um terceiro texto aprofundando mais a noção de prótese e articulação com o campo do Design. Acho que é isso então.

54:59 **Guilherme Cardoso Contini:** Obrigado também pelas respostas. Eu fui anotando aqui agora enquanto a Marinês falava os nomes dos textos, buscando, tentando achar e eu fiquei impressionado com a quantidade de projetos e conexões, sejam nessa parte das pesquisas teóricas, das pesquisas práticas e acho que contemplam um universo amplo de temáticas. Eu vou contar essa história meio rápido para não me estender muito também, que eu sei que vocês têm o horário apertado. Mas, durante o meu mestrado fiz esse trabalho desse salto da Butler para o Preciado, analisando esse universo dos *sex shop*, dos *sex toys*. E aí, conecta um pouco com um exemplo que a Cláudia deu, até eu ia te pedir, Cláudia, se depois, eu não consegui achar rapidamente aqui, se você puder me passar esse projeto, se ele já tiver publicado. Porque eu tenho trabalhado com isso, eu tenho dado aula como professor bolsista nesses últimos quatro anos e tem essa possibilidade de coorientar projetos junto aos professores e as professoras daqui. E eu achei legal você ter destacado esse projeto que que você orientou, das alunas e tal, porque recentemente, acho que foi no fim do semestre passado, nós tivemos e, também, a nosso primeiro projeto, que eu estive junto, coorientando, relacionado a produção de um *sex toy* e eu achei legal.

56:29 **Guilherme Cardoso Contini:** Essa minha aluna aqui, tem olhado agora para a pós-graduação, após terminar a graduação dela e buscar dessas conexões e ela tava realmente olhando assim “Nossa, onde será que tem gente fazendo projetos relacionados aos *sex toys* também no Design?”, e você falando já me acendeu esse alerta “Legal, posso passar essa referência para ela também!”. Então, eu te agradeço se puder me enviar depois no e-mail ou passar o nome. E os textos que a Marinês citou agora no final, eu consegui localizar os seus textos. Acho que o primeiro e o segundo que você falou, para eu poder ler, porque não eram textos que eu tive contato

antes na pesquisa e eu acho que são discussões essenciais para um começo de conversa e acho que trabalhar isso com os alunos, as alunas daqui para frente, acho que é essencial. Então, obrigado.

57:24 **Marinês Ribeiro dos Santos:** É bem começo de conversa, porque são ensaios mesmo. Mas é bacana. Sabe que com relação à questão dos *sex toys*, tem o trabalho do Lucas Alameda também, que a gente podia te passar, que é bem interessante, ele fez uma intervenção artística. Também dá para passar para você, é bem bacana.

57:45 **Guilherme Cardoso Contini:** Eu agradeço, muito obrigado mesmo. Bom, como a gente passou um pouquinho de uma hora que eu combinei, eu acho que a gente pode juntar essas duas últimas perguntas que são parecidas, vou deixar a última para finalizar, mas a 10 e a 11 que eu passei para vocês. Vocês já começaram, vocês já responderam sobre ela, vocês já passaram um pouquinho sobre as literaturas, Marinês citou Butler, Preciado também, mas eu acho que dá para juntar se vocês quiserem complementar. **Quando vocês pensam na literatura do Design o que vem em mente para dialogar com os estudos *queer* e o inverso, na literatura *queer*, o que vocês usam para dialogar com os estudos de Design dentro do que vocês pesquisam.**

58:33 **Marinês Ribeiro dos Santos:** Então, olha, literatura do Design, não tenho muita coisa para te dizer. Recentemente, localizei alguns textos, entre eles um que você é autor junto com a Larissa Pelúcio e como é o nome do outro professor?

59:07 **Guilherme Cardoso Contini:** Dorival?

59:08 **Marinês Ribeiro dos Santos:** Isso! Dorival Rossi. Esse é o desdobramento do teu mestrado?

59:09 **Guilherme Cardoso Contini:** É desdobramento do mestrado, legal saber que você chegou nele.

59:10 **Marinês Ribeiro dos Santos:** Ah que legal, olha só. E daí bom, a gente já citou a Denise Portinari. Eu tenho participado de algumas bancas de mestrado, doutorado que tão discutindo gênero, mas não necessariamente numa perspectiva *queer*, mas muitas vezes pensando a ideia do gênero neutro ou Design Agênero. Então, de certa maneira tão ali tentando questionar a questão dos binarismos. Vi que tem um texto também da Universidade Federal do Ceará, sobre coletivos, designers *queer*, daí também é uma outra coisa bacana da gente pensar. Dá para citar o livro da Ellen Lupton.

01:00:18 **Marinês Ribeiro dos Santos:** Como é que é o nome do livro? Agora não vou lembrar também, você lembra, Cláudia? Bom, se for o caso, depois eu complemento.

01:00:29 **Guilherme Cardoso Contini:** Eu acho que eu tô quase lembrando, mas acho que eu sei, é um que foi lançado recentemente, né?

01:00:34 **Cláudia Regina Hasegawa Zacar:** *Extra Bold*, não é?

01:00:34 **Marinês Ribeiro dos Santos:** Isso! *Extra Bold*, é que tem alguma coisa ali, mas acho não sei, às vezes eu fico achando que são abordagens um pouco superficiais assim. Ai, não sei, eu não tenho lido muito Design para ser bem sincera contigo. Eu tenho estado muito preocupada ultimamente em entender a discussão contemporânea sobre raça, que daí eu vou te dizer uma coisa, que é uma literatura que não acaba mais, porque tá saindo muita coisa nova, não só de textos contemporâneos, mas de reedições, relançamentos de livros importantes, de pessoas que a gente precisa ler, também no campo dos estudos de gênero, a gente está tendo muita produção, então para você conseguir ficar atualizada nessa área não tá muito fácil, então não tem sobrado muito tempo para eu ir atrás de coisas do campo do Design, porque eu sou conhecida como a maluca dos conceitos. Então, eu preciso pensar nos conceitos e tal. Não que isso resulte numa questão, numa compreensão muito aprofundada, mas eu tento bastante, eu estudo bastante, então eu fico atrás dessa literatura, eu tenho lido bastante transfeminismo, agora tem me interessado bastante o que tem saído na área do transfeminismo.

01:02:10 **Marinês Ribeiro dos Santos:** Tamo aí na luta por conseguir produzir dentro do tempo que nos resta com o aumento de burocracia que a gente tem na universidade e tal. As autoras do campo dos estudos *queer*, que eu acho que são importantes para pensar Design, já comentei com você, podemos chamar a Guacira Louro também, para pensar um pouco nas produções brasileiras. Berenice Bento. Guacira Louro, acho bem importante no que diz respeito à questão das pedagogias de gênero, dá para fazer uma ponte interessante com o Design. A Teresa de Lauretis, pensando em tecnologias de gênero, que me parece mais interessante do que a ideia de pedagogia da Guacira. A Butler, com a performatividade de gênero, a ideia da citacionalidade que a gente também consegue fazer uma aproximação com Design. Paul Preciado com próteses de gênero. São basicamente essas/esses que eu acho que a gente consegue fazer uma aproximação mais direta com as temáticas.

01:03:19 **Marinês Ribeiro dos Santos:** E que funciona, por exemplo, com estudantes, porque eles conseguem enxergar a relação. A Guacira Louro como porta de entrada para estudantes de graduação, é muito interessante, porque ela tem uma forma muito didática de escrever. Então, acho que ela é uma boa oportunidade nos estudos *queer*. Mas enfim, dali a gente vai para outras autoras, para Butler, para Preciado. Acho que é isso.

01:03:56 **Cláudia Regina Hasegawa Zacar:** Eu vou só complementar um pouco em relação a literatura do Design, porque da literatura *queer*, pela minha formação também junto com Marinês, são essas mesmas referências que eu tenho acessado. Em relação a textos do Design, acho que destacar os trabalhos que a Marinês tem orientado, ela já mencionou vários, eu lembrei só de acrescentar, Marinês, o da Maureen também, né? Que trabalhou com a Revista Pop, com moda.

01:04:26 **Marinês Ribeiro dos Santos:** Muito importante.

01:04:30 **Cláudia Regina Hasegawa Zacar:** Aí, eu tenho acompanhado um pouco também o pessoal ali do Rio. Então, além da Denise Portinari. Agora tem o Guilherme Altmayer, lá na ESDI, que ele tem procurado trabalhar essas temáticas também. Eu

participei há algum tempo também de uma banca lá da USP, de uma mestrandia que estava trabalhando com questões da tipografia, a Marina Zilbersztejn, acho que assim que fala o nome dela. E aí, ela junto com um grupo, publicou um livro sobre os tipos estranhos para narrar um pouco esses experimentos.

01:05:13 **Cláudia Regina Hasegawa Zacar:** E daí, em âmbito internacional, eu lembrei da Griselda Flesler, que tem até ministrado uma disciplina junto com a Raquel Noronha e a Loschiavo ali na USP. E ela tem alguns textos, que nessa busca sobre as práticas na educação em Design, eu encontrei, em que ela fala de algumas experiências em sala de aula, também de projetos inspirados, por exemplo, num texto do Paul Preciado, também daquele livro *Um apartamento em Urano*, que ele fala dos corpos dissidentes, um texto que eu lembrei também. E tem uma tese, eu não sei se eu pronuncio o nome dela certo, Ece Canli, não sei se já viu algum texto dela, ela já publicou alguns artigos e na tese ela trabalha bem com essa ideia de pensar processo de Design a partir da teoria *queer*. Foram essas referências que eu lembrei.

01:06:20 **Guilherme Cardoso Contini:** Agradeço novamente. Acho que a gente conseguiu ter esse olhar amplo, tanto no Brasil quanto fora do Brasil em termos de literatura e que a gente consegue conectar. E de fato, quando a gente olha para os clássicos do Design, eles não falam de gênero diretamente. E eu recentemente tive a minha qualificação, e aí tentei fazer algumas amarrações e tal. E tinha uma professora que participou da banca e que ela é especialmente da área de Ergonomia, mas traça em umas relações com gênero e ela olhou, ela pesquisa moda também, e ela falou “Nossa! Tem autores que para minha área fizeram muito sentido e que eu realmente vejo a gente tentando colocar na discussão de Design e Gênero e eles são do Design e nossa, eles não pesquisavam isso, né?”.

01:07:20 **Guilherme Cardoso Contini:** Então, como a gente tá traçando muitas vezes com os clássicos pontes meio invisíveis e talvez os clássicos da discussão Design e Gêneros, são os que estão surgindo agora, nesses últimos anos, como essas pesquisas que vocês foram citando nessas últimas duas décadas, acho que a gente tem uma crescente e uma importância dessas pesquisas de uma maneira bem variada. E eu achei legal, Cláudia, você citou a pesquisa da Marina, *os tipos estranhos*, e o quanto foi difícil eu conseguir chegar nesse livro, mas eu consegui chegar.

01:07:50 **Guilherme Cardoso Contini:** E que interessante, as experimentações que ela fez e que o pessoal na oficina fez, eu achei sensacional, acho que foi um livro muito legal que eu tive contato bem recentemente, não faz nem um mês, que eu consegui falar com ela e que ela conseguiu me enviar o livro, para eu ter o acesso, muito, muito legal. Obrigado pela contribuição de vocês com essa parte. Vou amarrar a última pergunta para a gente não estender demais com vocês, não quero atrasá-las, mas é um fechamento. **O que vocês esperam desse futuro, dessa relação Design e queer, Design e gênero?**

01:08:32 **Cláudia Regina Hasegawa Zacar:** Ah, eu acho que é assim, a gente tem visto esse movimento, muito legal, de ampliação das discussões sobre esse tema. Então, a gente vê que nos Congressos isso já tá como uma temática mais presente. E acho que essas trocas entre nós, que estamos pesquisando essas coisas, também são muito importantes e muito ricas. Então, espero que a gente consiga construir mais fórum para ter esses encontros e conversas.

01:09:09 **Cláudia Regina Hasegawa Zacar:** Acho que tem uma questão que a Marinês destaca bastante, trabalho bastante, que é fundamental da gente ir buscando esse adensamento, aprofundamento teórico mesmo, que não é fácil, porque como ela comenta, a gente tem que ficar abarcando essa produção muito ampla e fazendo esse exercício de trazer para o Design, mas acho que isso é bem fundamental. E é isso, espero que a tendência seja de consolidação dessas discussões também nos cursos de Design, seja em disciplinas mais especificamente dedicadas a isso, que eu acho importante, mas também de maneira transversal.

01:10:01 **Cláudia Regina Hasegawa Zacar:** Os programas de pós-graduação, cada vez mais a gente tem linhas de pesquisa que abarcam um pouco essa temática e a gente espera que, de novo, cada vez mais com esse aprofundamento teórico, que é importante. Acho que é isso. Lógico, daí pensando em longo prazo imaginar esses reflexos também na prática profissional. Um pouco ligado com que a gente comentou sobre aquela pergunta da maior sensibilização e tal. Espero que isso aconteça por meio desses caminhos.

01:10:40 **Marinês Ribeiro dos Santos:** Acho que a Cláudia respondeu lindamente, eu não sei nem se eu tenho que complementar. Talvez no sentido de ver com vocês, se vocês pensam assim também, mas eu acho que pela fala do Guilherme já dá para perceber que sim, como é difícil a gente acessar essa literatura, porque a gente procura coisas, mas nem sempre encontra, por exemplo, alguns textos que vocês comentaram aí, nunca chegaram pelas minhas buscas.

01:11:14 **Marinês Ribeiro dos Santos:** Então, acho que isso é complicado também. Se a gente pudesse ter uma forma mais eficaz da gente encontrar essa literatura. Daí, um trabalho como teu, Guilherme, é bem importante, porque pode nos dar algumas dicas, alguns atalhos do que procurar, onde procurar. Enfim, tô muito interessado em ler o teu trabalho, depois você avisa para a gente quando você for defender, para a gente poder acompanhar os desdobramentos da tua pesquisa.

01:11:43 **Marinês Ribeiro dos Santos:** Então, uma questão que eu acho que seria importante para o futuro, é a gente achar formas de facilitar o acesso a essa literatura. Outra questão, além das que eu já comentei antes, de pensar um corpo docente mais heterogêneo, em pensar em como que a gente pode intencional essas próprias diretivas de mercado conservadoras e tal, também no que diz respeito a escolha das temáticas de pesquisa, isso tá mudando, mas, ainda, eu encontro muitas vezes nas propostas que aparecem uma certa postura de denúncia dos binarismos.

01:12:38 **Marinês Ribeiro dos Santos:** Então, a pesquisa vai ser para mostrar para a gente que existem os binarismos de gênero, que existem as hierarquias. Eu acho que essa fase, ela foi muito importante, mas eu acho que essa questão já está posta. A gente, talvez, precisa mudar um pouco também a abordagem, no sentido de pensar algumas formas de discutir a superação dessas desigualdades, explorar estratégias de questionamento e resistência a essas dicotomias hierarquizadas. Então, mudar um pouco o enfoque, não ficar só na coisa da denúncia. E pensar muitas vezes essas questões dentro de uma lógica estrutural. É que vai mais ao encontro da perspectiva da teoria *queer* mesmo, de pensar “Tá, mas o que é que tá dando sustentação para isso? Como é que essas questões estão se organizando dentro da lógica das relações

sociais? O que está sustentando essas formas de fazer Design que estão postas?”. Então, olhar um pouco mais para essa relação com o Design como processo social.

01:13:52 **Marinês Ribeiro dos Santos:** Dentro de todas essas problemáticas que a gente tá... atravessado por todas essas problemáticas. Pensar o designer como alguém que tá dentro da própria pessoa profissional, essas normativas. A gente é constituído a partir dessas normativas, porque muitas vezes também me parece que a perspectiva que se coloca do Design, alguém que tá de fora, que olha os fenômenos culturais, e a partir disso resolve problemas. Bom, os problemas estão dentro da gente. Então, acho que essas questões da perspectiva *queer* nos ajuda a desmontar um pouco algumas visões tanto quanto romantizadas da profissão e do profissional.

01:14:41 **Marinês Ribeiro dos Santos:** E acho que dar ênfase para as práticas de resistência, pensar nas práticas de resistência, nas práticas de questionamento, nessas estratégias que estão sendo desenvolvidas para questionar essas lógicas. Isso pode nos ajudar a pensar em outras formas de fazer Design, como a gente vai adaptando essas estratégias. Mas isso, acho que Cláudia também já comentou antes. É isso.

01:15:04 **Guilherme Cardoso Contini:** Muito obrigado, Marinês, Cláudia. Acho que a gente tá bem alinhado e de acordo com essa ideia e essa constatação do quanto é difícil chegar nesses materiais. Eu fico feliz de ter conseguido fazer esse um ano de trabalho para chegar em vocês, em outros polos, que são pessoas que já estão há bastante tempo trabalhando com isso. Com certeza, no meio do caminho, muitas pesquisas menores não apareceram, ficaram de fora dessa busca. E realmente fica essa reflexão de como chegar e facilitar um encontro dessa informação, especificamente quando a gente está falando de gênero, de *queer*, porque outras áreas do Design, a gente acaba tendo uma facilidade maior de chegar lá. Para não me prolongar demais, eu queria de novo agradecer vocês. É uma honra para mim tá conversando com vocês, ter o contato com a pesquisa de vocês. Foi com certeza muito enriquecedor para minha pesquisa.

01:16:04 **Guilherme Cardoso Contini:** Estar junto nessa rede com vocês me deixa ainda mais contente também. Me comprometo em passar os resultados da pesquisa, avisar sobre essa reta final para vocês terem acesso aos materiais e deixar vocês a par disso, assim como eu também quero estar acompanhando as pesquisas e os trabalhos de vocês. Muito obrigado mesmo. Obrigado por dedicarem esse tempo, porque eu sei o quanto é corrido.

01:16:34 **Guilherme Cardoso Contini:** Minhas orientadoras comentam muito sobre o aumento das burocracias, que você comentou, Marinês. Então, eu sei o quanto qualquer meia horinha faz a diferença.

01:16:46 **Marinês Ribeiro dos Santos:** Essas meia horinhas são as que fazem a diferença mesmo, porque é nesse espaço que a gente devia estar mesmo, discutindo e trocando ideias, trocando pesquisas. Enfim, as burocracias a gente tem que dar um jeito de fazer em outros momentos, porque senão não sobra nada, daí é melhor jogar a toalha.

01:17:47 **Marinês Ribeiro dos Santos:** Eu que agradeço a oportunidade de conversar, de estar junto com Cláudia também, uma honra.

01:18:00 **Cláudia Regina Hasegawa Zacar:** Sim, muito bom. Obrigada também, Guilherme. Também fico na expectativa de ter acesso a pesquisa assim que possível e fico à disposição. Vou te mandar o TCC, vou ver se eu acho o arquivo, porque os nossos TCCs não ficam fáceis de encontrar online. E aí qualquer outra questão também, só entrar em contato.

01:18:15 **Guilherme Cardoso Contini:** Muito obrigado.

01:18:17 **Marinês Ribeiro dos Santos:** Tchau, tchau então. Bom trabalho, boa pesquisa.

01:18:19 **Guilherme Cardoso Contini:** Tchau, boa tarde para vocês.

01:18:21 **Cláudia Regina Hasegawa Zacar:** Para vocês também. Tchau, tchau.

01:18:23 **Guilherme Cardoso Contini:** Muito obrigada.

Entrevista Eva Rubens Célem

Data da entrevista: 07 de Outubro de 2025

Duração da entrevista: 49 minutos

Participantes: Guilherme Cardoso Contini, Eva Rubens Célem

Transcrição

00:00 **Guilherme Cardoso Contini:** Bom, queria te agradecer então oficialmente, muito obrigado por conseguir estar aqui. fazer essa entrevista junto comigo, é um prazer estar falando com você e foi um prazer ter chegado nos seus trabalhos durante esse processo aí de pesquisa do doutorado. Para começar, **eu queria pedir para você falar seu nome completo e falar se você concorda com essa entrevista, com os termos que eu te enviei, se tá ok para você.**

00:31 **Eva Rubens Célem:** Meu nome completo é Eva Rubens Célem e eu concordo com os termos na entrevista sim.

00:37 **Guilherme Cardoso Contini:** Eva, ainda nesse bloco inicial, que é mais para coleta de dados, para mapeamento, queria saber um pouquinho da **sua formação e se você faz parte de alguma pós-graduação ou se você já fez, contar um pouquinho dessa trajetória sua.**

00:55 **Eva Rubens Célem:** Bom eu tenho graduação e mestrado em Design na PUC e atualmente eu tô num programa de comunicação nos Estados Unidos. É um programa específico de retórica, que não é uma área que a gente tem muito aqui, mas que eu cheguei por causa do Design mesmo. Então foca mais no estudo de discursos, é um programa chamado *Rhetoric, Media and Publics* na *Northwestern University* que fica em Chicago, Illinois nos Estados Unidos. E tinha mais alguma coisa na pergunta? Além da minha atual.

01:39 **Guilherme Cardoso Contini:** Era isso mesmo, não obrigado Eva, complementando assim, eu fiz o meu mestrado, não foi em design, foi em Mídia e Tecnologia numa área de comunicação aqui da Unesp. E eu acho que fez um mix legal assim nas minhas pesquisas e agora no doutorado eu tenho retornado para o design, para conectar essa conversa, sobre gênero no design, mas o que eu tenho achado legal das entrevistas, é que muitas pessoas com alguma

conexão com design, em algum momento da trajetória, tem trazido essas contribuições aqui para a conversa e uma outra pessoa igual comentei lá, né? Uma pessoa de outra área, bem mais distante, mas que utilizou de ferramentas do Design para falar de gênero, acho que é legal que esse mapeamento traz, engloba tudo isso e é muito interessante saber da sua trajetória.

02:36 **Guilherme Cardoso Contini:** Bom, tem algumas perguntas mais direcionadas que eu tenho feito para todas as pessoas que eu tô entrevistando e geralmente essas perguntas já dão conta de entender as particularidades, que às vezes eu pensei em fazer perguntas específicas depois, mas geralmente os detalhes específicos dos projetos das pesquisas já estão sendo tratadas nelas. E vou tentar também não passar muito do tempo para não te atrasar, sei que está corrida com o tempo. Queria saber um pouquinho, dentro da sua trajetória de pesquisa, se **Você sempre pesquisou sobre estudos queer ou estudos de gênero e sexualidade dentro do Design ou de áreas criativas? Ou se teve algum ponto de virada assim na sua trajetória, que contribuiu para você começar a pesquisar?**

03:32 **Eva Rubens Célem:** Quando eu entrei na minha graduação em design, que foi, acabou sendo bem longa na verdade, eu não tinha uma particular afinidade com o tema, uma proximidade muito grande com o tema. Eu fui bem exploratória, eu acho, na minha graduação, explorei muitos caminhos, na época eu tava, por volta assim de 2012 por aí, eu tava começando a me interessar já, comecei a me envolver com feminismo e começar a me interessar por essa temática, eu comecei a introduzir em alguns projetos de disciplinas que eu tinha. Principalmente foi durante um intercâmbio, em 2013 que eu fiz, durante o *Ciência Sem Fronteiras*, e quando eu tava lá eu comecei assim, os projetos lá eram bem diferentes dos projetos da PUC, os projetos da PUC eles normalmente têm parceiros, então assim, sempre tão trabalhando com, pelo menos no meu, na minha época, né? Já mudou muito o currículo. A gente tinha uma coisa muito design participativo, então eu tava sempre envolvida com questões problemáticas, sociais e o design, mas com gênero isso foi aparecendo no meu intercâmbio, porque lá era uns projetos mais abertos, então assim eu podia literalmente escolher o que eu queria fazer, diferente daqui que eu sentia que era mais, é isso, participativo, o tema se desenvolvia junto com um parceiro e não necessariamente do que eu queria fazer. E a partir dessas experiências iniciais, quando eu voltei para o Brasil, eu tava meio decidida a me envolver com pesquisa, eu tava bem interessada em estudar mais teoria, eu achava que apesar do meu currículo já ter um pouco de teoria, eu tinha disciplinas de teoria do Design, de filosofia, eu ainda sentia necessidade de estudar mais, eu sentia que era um até as disciplinas teóricas elas tinham um viés meio, não todas mas algumas, até um pouco mais superficiais, existia uma resistência a teoria, até dos meus colegas, né? Então assim eu acho que até uma coisa que é difícil para

professores de design trabalhar teoria às vezes. E aí eu comecei a buscar bolsas de pesquisa.

06:07 **Eva Rubens Célem:** Eu fiquei um tempo num laboratório de Design e Educação, e aí abriu uma vaga no laboratório da Denise Portinari, que é o Laboratório de Representação Sensível, no grupo Barthes. E eu comecei na verdade, inicialmente, nem tinha uma vaga propriamente para mim, ela tinha anunciado que tinha uma vaga, mas enfim, acabou que não rolou isso e eu fiquei indo nos grupos de estudo, pesquisando. Indo, só lendo junto e a partir disso abriu a vaga, ela me chamou. E nisso eu fui entrando, a gente escreveu um projeto de pesquisa que tinha a ver com gênero e sexualidade a partir das leituras que a gente estava fazendo, que eram Foucault e Barthes principalmente, foi minha primeira exposição assim mais densa à teoria, eu já tinha feito uma aula de Sociologia que não era para design antes, que de certa forma, eu acho que me preparou para esse momento de leitura e enfim, a partir do Foucault que eu acabei também trazendo essa, o estudo de gênero e sexualidade, eu acho que meu, vieram muito a partir do Foucault, apesar do meu interesse ter vindo do feminismo, quando eu li Foucault, eu acho que foi, a História da Sexualidade I é um livro que pega muito, ele faz a gente questionar tudo que a gente entende pelas dimensões de poder e relações de poder, então esse foi um livro assim, que meio que marcou muito minha trajetória e meu envolvimento com essa temática, a partir da leitura desse livro, eu acho que foi quando eu comecei mais seriamente a escrever projetos de pesquisa, e definir os temas do projeto final também, que tiveram bastante, foram bastante atravessados pela leitura desse livro.

08:06 **Guilherme Cardoso Contini:** Não, legal Eva. Eu achei interessante, você citou a questão do grupo, citou a Denise, e o que o que eu tenho percebido apesar da Denise não ser de formação designer, ela pelo que eu entendi, o que eu conversei um pouco com ela, se estabeleceu ali na pós-graduação de design, criou esses laços com grupo de pesquisa, com laboratório e acho que isso tornou ela e vocês, as pessoas interligadas ao grupo, um foco muito interessante de estudo sobre dissidência, sexualidade, gênero de maneira ampla e eu tenho percebido isso durante a pesquisa, numa coincidência bem legal, a Denise foi minha banca do mestrado e acabei conhecendo ela antes, mas assim, sem ter ideia da dimensão disso tudo que tinha por trás do grupo e agora no doutorado que eu pude explorar um pouquinho mais, eu tô até marcando a entrevista com a Denise também, para a gente conversar para além do meu mestrado e explorar um pouquinho, mas é legal saber o quanto todas as pessoas que apareceram no estudo, que tem essa conexão com os grupos da Denise fazem parte de uma rede, né? Num bom sentido, uma rede de conexões aí para trabalhar, isso cada um com o seu tema, dali saem outras pessoas. E achei legal também você comentar da questão das teorias, muitas vezes no design, eu tenho percebido isso também, que a gente não tem tantas pessoas, tantos professores abertos a

discussões de teoria e várias vezes quando eles são originariamente do Design, tem menos, quando a gente pega a Denise, outros professores que vêm de outras áreas, que criam outras interlocuções ali, geralmente isso acontece mais e eu tava até entrevistando esses dias uma outra pesquisadora, lá Curitiba. que ela relatou isso mesmo assim, só que num viés pessoal da pesquisa dela, que ela teve uma certa dificuldade em conseguir um orientador que topasse uma pesquisa muito mais teórica. E aí assim né, com grande incentivo às pesquisas práticas, nada contra, mas a importância dessa base teórica para essa área de discussão.

10:27 **Guilherme Cardoso Contini:** E aí, como eu faço essa interlocução com as questões queer, eu tenho perguntado para todo mundo se as pessoas **Tem familiaridade com o termo queerização do design?**, provavelmente por conta do grupo, né, mas vou perguntar só para a gente se certificar. E aí eu continuo com a entrevista.

10:49 **Eva Rubens Célem:** Pera, cê quer o que? Que eu diga se eu tenho...

10:54 **Guilherme Cardoso Contini:** Se você tem familiaridade com esse termo.

10:57 **Eva Rubens Célem:** Sim, é um termo que a gente trabalhava bastante lá no laboratório, na época, a Denise tem até um artigo publicado "Queerizar o Design".

11:08 **Guilherme Cardoso Contini:** Eu acho que essa base da Denise e essa construção junto com vocês no grupo, têm irradiado uma coisa muito legal dentro dos estudos de gênero no design, que é essa perspectiva da sensibilização da área, então baseado nessa sua resposta, **Em que momento você percebeu que você conseguiu queerizar o design, que você conseguiu sensibilizar através dos seus projetos ou das pesquisas?**

11:40 **Eva Rubens Célem:** Bom, não sei se eu consegui queerizar, porque eu acho que a parada do queer, é também não entender um ponto fechado de destinação, eu não sei dizer, mensurar o impacto que o meu projeto teve ou vai ter ou o que for, na vida das pessoas que participaram, mas assim, em termos dessa intercessão da teoria com a minha prática projetual, eu acho que ela se deu muito também a partir desse entendimento, de eu não chegar já sabendo o quê que eu queria fazer no meu projeto final e no meu mestrado, que eu acho que foram momentos em que eu pude, tive mais liberdade para explorar isso, eu acho que eu parti da perspectiva, da ideia que ter uma perspectiva queer sobre projetar. já era uma era uma decisão metodológica que ia guiar a maneira, como eu que eu ia interagir com o fazer, sem pensar no depois. Então eu acho que o design, ele dá muita abertura para também, para fazer isso, apesar do design ter muitas questões no que tange essas temáticas principalmente pelo histórico e a relação com o desenvolvimento do capitalismo. Ele também dá muito. ele é muito um campo muito interdisciplinar, então a partir do momento que você acha uma

brecha, você consegue ter um aval ali mais institucional, que permite que você explore, que permite que você, que isso foi uma coisa que eu tive muita dificuldade, porque o meu projeto ele não tinha um produto, o meu projeto ele era o processo, eu fiz um workshop com mulheres, que eram de um EJA, que na época que tava rolando várias ocupações estudantis e tinha um buraco na grade curricular dessa escola e eu quis pensar justamente um espaço de problematização do ser mulher. Então assim, eu criei ferramentas, que eu acho que numa terminologia muito antiga, não mais usada do design, seriam chamado de iscas, os objetos, experimentações que eu colocava na mesa e deixava que as participantes interagissem, e que eles provocassem os discursos sobre gênero, pra gente poder problematizar e questionar esses discursos no processo. Então eu acho que assim, esse projeto em particular foi um que eu consegui, eu acho, mais viver essa, algo mais próximo de uma metodologia queer de maneira prática, para além do fazer da pesquisa, mas é isso. Não sei se eu obtive algo, um projeto queer, porque eu acho que é muito complicado falar isso, porque eu acho que o queer tá justamente muito ligado ao fazer, ao devir, ao entender, não é uma reta final e é difícil mensurar essas coisas, porque ela foi uma experiência, foi um experimento.

15:18 **Guilherme Cardoso Contini:** Com certeza, não obrigado pela resposta. Conectado um pouco com isso e pensando nesses desafios que você trouxe, falou dos desafios, o que que você acha que falta no design para que essa sensibilização realmente aconteça, porque a gente sabe que os projetos têm aumentado, isso é legal, isso é positivo, mas se a gente compara com outras áreas de pesquisa, que tem assim milhares de projetos recentes acontecendo, essa área dos estudos de gênero e sexualidade no design ainda é recente, né comparado. **O que você acha que falta de repente para o design evoluir mais nesse sentido, conseguir sensibilizar mais a área para essas questões?**

16:10 **Eva Rubens Célem:** Eu acho que como eu comentei, né? Eu acho que de maneira geral, falta o interesse por parte dos designers em estudar história e teoria do design e eu acho que especialmente com uma perspectiva crítica, porque essa é a perspectiva crítica, da teoria crítica, que expõe o papel do design na criação e perpetuação das desigualdades. Eu acho que existe uma grande rejeição às teorias que se atentam a problematizar essa relação entre o design e o capitalismo. Eu acho que é muito fácil, designers caírem numa lógica de uma reprodução do capitalismo, das lógicas do capitalismo neoliberal, principalmente no que tange os discursos de gênero e sexualidade. E aí acaba transformando o público LGBTQ+ em seguimento de mercado, público-alvo, aquele consumidor. Agora vai ter lá a jornada do usuário, em que um usuário vai ser negra, vai ser uma mulher negra, lésbica, periférica, mas não tá questionando as estruturas que colocam essa mulher lá, essa pessoa lá e reproduzindo na verdade, todo o sistema que abjeta a pessoa. E transveste isso com discurso de ser positivo, inclusivo, um design para inclusão, e eu acho que isso acaba acontecendo pela

falta da leitura, do estudo e porque a maioria das pessoas que tem o mínimo de consciência política não quer admitir que seu trabalho tem algum efeito negativo no mundo. Então é mais fácil você aceitar que você tá, na verdade, sendo inclusiva, sendo positiva e isso ser uma coisa meio acessória ali. Um tema mais acessório do que um engajamento mais aprofundado. É mais fácil, né? Pensar no design, como algo puro, histórico, do que pensar o design como um processo social, apesar de que a gente tem teóricos, já do design, há muito tempo falando sobre isso, um é o Adrian Forty, que ele demonstra muito bem como design molda nossa forma de pensar, de viver o mundo e materializa, as ideologias e diferenças, mas as pessoas eu acho que elas têm muita resistência em engajar seriamente com esse tipo de texto. Por exemplo, que pensa no design em relação com a sociedade industrial, com o capitalismo e tudo mais.

18:41 **Guilherme Cardoso Contini:** Tem uma coisa interessante que conecta com isso, quando a gente olha para os clássicos do Design, você citou alguns, mas quando a gente olha para os clássicos que muitas vezes eles funcionam muito bem para outras áreas, quando a gente traz para o nosso estudo de gênero e sexualidade, a gente tem que ficar puxando umas amarrações ou não necessariamente esses clássicos do design, falaram sobre gênero lá atrás, mas a gente tenta puxar uns ganchos assim para conectar é difícil ter uma literatura puramente design e gênero, design e sexualidade de alguns anos atrás, a gente vê isso nos últimos anos, né? Pelo que eu tenho investigado, não sei.

19:23 **Eva Rubens Célem:** Eu acho que o Adrian Forty ele faz isso muito bem sabe, não é porque ele usa ele não usa os termos de hoje, ele tem em *Objetos do Desejo*, ele tem um capítulo fantástico, eu nem me lembro de que ano é esse livro, mas já é um livro antigo e ele tem um capítulo fantástico que eu acho que é Diferenciação no Design o nome do capítulo que ele analisa assim, justamente como através das roupas, dos materiais, tem uma sessão que ele analisa canivetes, o que é um canivete para mulheres, o que é um canivete para homens e ali ele tá falando com muita seriedade sobre a reprodução de normatividade que, enfim tem tudo a ver com a temática de gênero e sexualidade, ele faz isso em vários âmbitos, da vida e eu acho que é muito interessante assim, eu acho que a gente consegue sim encontrar textos antigos, mas é isso, foi o que eu falei assim, eu acho que não existe muito interesse em levar esses textos seriamente, às vezes também eles são vistos como textos históricos do design e não como algo extremamente relevante para atualidade, mas assim por exemplo, eu lembro de ter lido Forte na minha aula de história do Design, mas não como mentalidade problematizadora, mas para ler sobre o William Morris para entender uma história assim do Design, de maneira geral, como disciplina, mas de uma maneira muito superficial, não fazendo essa conexão com o hoje, mas como de uma forma só plenamente histórica, mas não problematizar o atual e as conexões que a gente faz hoje com essa história.

21:03 **Guilherme Cardoso Contini:** Com certeza, obrigado por essa conexão, acho que ela faz todo sentido colocar no contexto, essa literatura e assim, baseado nisso, as duas próximas perguntas acho que a gente pode combinar elas assim e eu acho que você já até respondeu, então acho que talvez você vá conseguir complementar alguma informação extra assim. Você falou um pouquinho do seu projeto e como ele teve uma parte prática bem interessante, além da parte teórica, então misturando a questão da prática com a questão de pesquisa, olhando para esse projeto **Que metodologias você conseguiu aplicar ou você utilizou para prática do seu projeto e que você acha que a gente pode incorporar em outros projetos relacionados a gênero sexualidade, por exemplo?**

21:59 **Eva Rubens Célem:** É assim, eu acho que na minha perspectiva, adotar essa perspectiva queer já é uma decisão metodológica, então ela que vai moldar as suas escolhas, então isso de certa forma já é, apesar de ter o nome de teoria queer, ele é um framework que ajuda a gente a definir os nossos métodos de pesquisa, porque eu acho que a gente escuta o queer a gente pensa logo na questão da identidade, que a gente está fazendo uma coisa para algo que é muito reduzido a uma identidade de gênero, uma identidade de gênero sexual, tá pensando em inclusão em coisas assim, mas para mim adotar uma metodologia queer é nada mais do que problematizar e subverter as normas, ela tá uma posição de problematizar as normas, tendo uma postura anti assimilacionista, tem relação ao design, em relação aos processos do design, porque como a Guacira você deve conhecer, coloca o queer, ele é uma diferença que não quer ser assimilada, não quer ser tolerada, ele é então para queerizar o design, como a Denise colocou, significa necessariamente você operar pelas brechas, borrando fronteiras normativas e indisciplinadas e assim nesse sentido isso vai de encontro com design que é um campo muito interdisciplinar e isso ajuda em alguns aspectos, a gente ter essa postura interdisciplinar, pegar coisas que de uma disciplina, uma coisa de outra disciplina, porque essa metodologia queer, ela vai abarcar tudo que é abjeto, tudo que é considerado tradicionalmente errado e usa o que é abjeto, o que não é tá dentro da norma, como ponto de partida e local de problematização e consequentemente resistência, então ela tem uma exploração do que é estranho, eu acho que é isso, eu acho que difícil pensar assim uma metodologia fechada do design que eu peguei, e usei, e apliquei porque eu tive a sensibilidade de prestar atenção, o que que estava acontecendo na minha frente e a partir de um olhar, de uma perspectiva de uma metodologia queer, que recusa, uma metodologia queer é quase uma contra metodologia, ela explora o potencial dessas coisas que são estranhas e não aceitáveis numa pesquisa normal, ela combina métodos que são incompatíveis, eu acho que o Rabestan fala isso, que ela combina métodos incompatíveis e ela recusa uma coerência, então é isso, eu acho que eu tenho um pouco de dificuldade de te dizer assim especificamente aí foi metodologia x, y e z. porque para mim é isso, foi um abraçar um não método, um contra método

e ler sobre esses tipos de entendimento de metodologia, o Barthes ajuda muito nisso, tem o (Paul) Feyerabend também, eles pensam justamente sobre o que que é você fazer pesquisa e não ter um método e isso não significa desprezar todos os meus conhecimentos, eu tenho aqui tudo que eu fui construindo na meu curso de design e são coisas que eu fui usando aqui ali nas brechas, mas não de maneira sistematizada e eu acho que a questão é essa, um método ele normalmente exige uma sistematização, seja qual for o método de design, ele tem uma prescrição, de você vai fazer isso, depois você vai fazer aquilo, depois você vai fazer isso, por mais que tenha abertura e eu não abordei meu projeto assim.

26:07 **Eva Rubens Célem:** Sabe? Eu fiz coisas muito amplas, muito exploratórias, então eu acho que não sei se eu respondi ou não respondi, mas eu acho que é por aí, sobre se permitir viver a coisa ali, como ela tá se desdobrando e ter esse acúmulo de conhecimento, para na hora conseguir navegar e com nuance e entendimento. principalmente quando você tá trabalhando com pessoas, porque eu tava fazendo um projeto que era um workshop, que eu tava ali conversando com pessoas e foram coisas aparecendo que eu nunca poderia ter previsto que não teriam aparecido se eu tivesse chegado lá com um métodozinho fechado, eu acho que foi justamente essa abertura que me permitiu ter os resultados sensibilizadores, sei lá, e isso eu tô falando para mim, porque isso eu não posso nem dizer da experiência da outras pessoas, que eu espero que essa experiência tenha tocado elas também, eu imagino que tenha tocado. mas eu só posso falar da dimensão da minha experiência e para eu poder ter isso eu não podia chegar lá com as respostas, entendeu? Que o método prescreve. não podia chegar com nada para escrito. senão como eu ia me sensibilizar. eu já chegava pronta para escutar o que eu queria ouvir, então eu acho que é por isso que tem essa coisa da metodologia queer com estranhamento. porque é estranho, é difícil você chegar lá e você se colocar no local de mediadora, de pesquisadora, mas também de não detentora de nenhuma resposta e deixar pessoas falarem e fazerem coisas que você em outro contexto acharia que não tá certo, mas é justamente lutar também por esse entendimento de, essa pessoa não pode falar isso, por que que essa pessoa não pode falar isso, isso não é um espaço para as pessoas falarem que tiver na cabeça delas, porque que me incomoda que essa pessoa fale isso, entendeu? Então discursos que possam parecer politicamente incorretos, mas esse discurso ele reflete a realidade dessa pessoa, então eu acho que para poder ter essa sensibilidade no projetar com e levar em consideração a outra pessoa sem reproduzir esse mecanismo de exclusão, é preciso também estar, operar nesse lugar da incerteza.

28:35 **Guilherme Cardoso Contini:** Eu acho que você conseguiu responder sim essa pergunta, eu acho que a ideia dessa pergunta é isso, é explorar cada uma dessas pessoas, cada uma de vocês que trabalhou pesquisas nessa área, que

fez projetos práticos nessa área, que caminhos que vocês utilizaram a medida que não existe uma forma, um jeito certo e na verdade você sensibilizar nesse olhar, nesse paradigma que você colocou é realmente você não chegar com uma receita pronta e que as pessoas tenham que seguir e não possam responder coisas fora daquilo, e em alguns casos a gente tem métodos mais restritos que não favorecem esse tipo de pesquisa, então ter essa abordagem, vamos dizer assim, ampla, aberta e questionadora, eu acho que que torna ainda mais interessante a gente pensar como utilizar isso em outros projetos que também falem com esse público ou que tragam essas temáticas sem achar que a gente tem que estar amarrado num jeito certo de fazer e eu tenho visto isso nas respostas assim, acho que de maneira geral, todo mundo explorou a partir de vivências ,ferramentas práticas, pessoais ou questões do próprio design que puderam ser conectadas no projeto, algumas pessoas com projetos mais práticos outras menos, mais teóricos. mas que que essa pluralidade de metodologias ou usos ou formas de fazer. contribuíram certa forma com a pesquisa de gêneros. então acho que você conseguiu responder super bem, é com certeza. A gente tem mais três perguntas já caminhando mais para o final, e as duas próximas perguntas você já foi respondendo durante a conversa eu vou fazer elas combinadas, se você quiser acrescentar alguma coisa então assim primeiro, dentro dos estudos de gênero e sexualidade, **Quando você pensa nessa literatura de gênero e sexualidade, o que que vem a mente que te ajudou a conectar com os estudos no design e o inverso, quando você pensa no design, o que que te ajudou a conectar com os estudos de gênero e sexualidade?**

30:56 **Eva Rubens Célem:** Eu acho que sim, acho que o Forty, eu já falei dele, mas eu acho que ele realmente faz essa ponte de uma maneira muito clara ele ilustra, eu acho assim, o livro *Objetos de Desejo* realmente muito bom, porque eu acho que ele deixa muito ilustrado os efeitos normatizantes do design e eu acho que antes da gente pensar em como a gente vai subverter as normas, a gente precisa entender como a norma opera, então assim, o Foucault ele tá falando sobre isso, na *História da Sexualidade I*, ele tá falando lá sobre os dispositivos, da sexualidade e como a gente é muito mais fácil a gente acreditar que a gente é muito reprimido, ao invés de, e assim essa perspectiva entre mudar entre a hipótese repressiva e pensar em produção, em processos de subjetivação e entender o papel, é fácil posicionar o design nesse momento quando você entende essas conexões entre o design e o capitalismo, o design e o mercado, e ainda que hoje em dia é mais fácil ainda, o número de anúncios que a gente vê, que são claramente conectados, feitos para a população LGBT, feito para mulheres, a gente consegue enxergar muito claramente a operação do sistema capitalista nesses corpos e nos efeitos normalizantes dessa produção, então eu acho que é isso, quando você estuda a teoria do design, e entender, não ver o design como um processo histórico, quando você consegue ver o design como um processo social e como ele tem um papel na produção e

reprodução de normatividades, e aí você estuda teoria queer, eu acho que as coisas elas começam a fazer muito sentido, eu acho que ela as pontes são formadas é muito facilmente, então eu diria que, por exemplo textos como esse do Forty da *Diferenciação em Design* que tá no *Objetos de Desejo*, eles deixam muito claro essa relação, então para mim, como eu tive um contato já muito jovem na minha carreira acadêmica com esse texto, eu acho que foi ele, agiu com uma grande ponte articulador para mim dessas teorias, e aí como eu falei isso o design ele é tão interdisciplinar que ele abarca, a gente explorar também, então eu acho que acaba sendo uma via de mão dupla nesse sentido.

33:34 **Guilherme Cardoso Contini:** Obrigado pela resposta, Eva. Eu queria adicionar só uma pergunta rápida antes de fazer a pergunta final, que acho que faz um sentido agora, você comentou da sua trajetória, você comentou que agora você tá num doutorado um pouco fora do design, eu **queria que você contasse, só para gente fazer essa conexão assim, contasse um pouquinho sobre o que você tá fazendo no doutorado e se você continua, e se você levou com você os estudos sobre gênero sexualidade ou você está explorando uma outra coisa?**, só para saber qual a sua continuidade assim nisso.

34:23 **Eva Rubens Célem:** Eu ainda tô em gênero e sexualidade, eu estudo atualmente sobre movimentos sociais e foi um caminho que para mim totalmente desdobrou dessa minha interação, foi uma trajetória, para mim eu vejo com uma trajetória teórica que faz sentido, porque eu comecei justamente questionando o papel de reprodução normatividade do design, isso foi uma inquietação que eu tinha já na graduação e aí no meu mestrado eu contei da experiência do meu projeto final, que foi esse workshop e no mestrado eu tive oportunidade de pensar, da onde que saiu no meu imaginário essa ideia de fazer um workshop assim e explorar coisas que feministas já tinham feito, feministas de segunda onda, para pensar nesse processo de subjetivação, de tornar-se mulher e também de desconstruir e reconstruir o ser mulher ao longo do tempo, a partir de uma perspectiva feminista.

35:36 **Eva Rubens Célem:** E a partir dessa pesquisa que eu fiz, é engraçada porque eu acho que ela tem ela cabe numa pesquisa de um departamento de design, mas eu acho que ela também cabe muitos outros departamentos, eu acho que para ser aceito formalmente como uma pesquisa de design, eu tive que de fazer algumas conexões que eu acho que talvez nem poderiam ter ficado implícitas, mas que eu precisei deixar mais explícitas, por estar num programa de design, mas ainda assim eu acho que foi muito claro que eu estava analisando ali, era como os discursos circulavam dentro desses movimentos. e como que sim, objetos são produzidos, formas são feitas e o design ele é interpelado e participa ali desse processo, mas o que eu comecei a perceber que eu estava interessada nos discursos que estavam circulando atrás dessas práticas, atrás desses materiais gráficos produzidos, enfim desses movimentos sociais mesmo

então eu acabei estudando por uma determinação assim, que também teve a ver com contexto, eu acabei estudando o movimento feminista norte-americano durante o meu mestrado, porque a gente não tem uma história muito bem documentada dos nossos movimentos aqui por causa da ditadura, então assim a gente tem uma intercessão muito grande da história dos nossos movimentos sociais com a luta pela democratização e aí que eu fui parar, atualmente é isso que eu tô estudando, eu resolvi voltar para o Brasil e agora eu tô pesquisando o desenvolvimento das políticas figurativas e os ideais democráticos das mulheres brasileiras a partir da experiência com a constituinte. que teve uma campanha chamada. promovida por um órgão, o conselho nacional dos direitos da mulher, que foi para envolver mulheres no processo da constituinte, então eu tô analisando a circulação dos discursos sobre democracia que aconteceram nesse contexto e para mim realmente assim, eu não teria chegado aqui se não fosse por esse trajeto que eu fiz, entendeu? E que tem muito a ver com questionar também, o que que tá operando ali por trás dessas coisas que nós consideramos normal, o que que tá produzindo esse normal, esse nosso normal e minha pesquisa atual ela tem a ver com isso, do que que a gente considera uma democracia, o que é o normal, o valor da democracia liberal que ela tem para gente hoje e como os movimentos eles interagem com esse efeito normativo da democracia liberal em relação a ideais, talvez um pouco mais revolucionários do que a democracia liberal engloba e comporta, então assim, parece que eu fui para o mundo muito diferente, eu acho que em alguns aspectos da minha pesquisa hoje, ela é bem diferente das minhas pesquisas passadas, mas eu acho que ela de certa forma para mim ela desenvolveu muito naturalmente, a partir dessa bagagem que eu construí dessas outras pesquisas.

39:08 **Guilherme Cardoso Contini:** E mantém uma conexão, igual você contou, tem uma linha de conexão. Eva, muito obrigado por ter respondido essa pergunta extra, então vou fazer a pergunta final para a gente encerrar assim, **O quê que você espera desse futuro dessa relação do design com os estudos de gênero e sexualidade e se você tem uma visão otimista ou pessimista sobre esse futuro?**

39:36 **Eva Rubens Célem:** Infelizmente eu não sou muito otimista não, eu acho que é muito legal assim ver que, hoje em dia eu consigo ver, que existem mais laboratórios de pesquisa no design que levam bem a sério essa temática, eu acho que na época que a gente começou a estudar essas coisas era bem difícil, mesmo no design, achar era uma raridade a gente achava que ali pessoas que estavam pensando coisas parecidas com a gente. E eu acho que isso e nesse sentido assim o cenário mudou, eu acho que hoje assim, você provavelmente é mais capaz de fazer um horizonte do que tá acontecendo agora, mas assim, eu acho que justamente pensar que o capitalismo ele tá, a gente tá num momento tão complicado, eu acho em termos de desenvolvimento, o capitalismo, o liberalismo, eles estão tão perversos e eles operam tanto assim na maneira que

a gente pensa que a gente nem percebe, então eu acho que assim eu vejo cada vez mais uma cooptação dos discursos, mais de esquerda de discursos mais revolucionários e que tem mais a ver com abraçar a diferença e serem maquiados por uma coisa de iniciativas de inclusão e equidade, que na verdade são só maquiagens assim, e não operam lá na raiz do problema.

41:09 **Eva Rubens Célem:** Então assim, adoraria pensar que o design será um grande aliado para gente assim, mas eu acho que é isso, vão ter focos momentos e pessoas que vão estar ali sempre trabalhando e resistindo e fazendo coisas muito legais e avançando a maneira como a gente pensa essas relações, mas como tudo que é queer, tá sempre a margem e eu acho que existe uma potência de estar na margem também, e se isso fosse assimilado, seria tão potente assim? Não sei. Se o queer virar norma, ele vai continuar sendo o queer? Eu não sei, entende? Então assim, são coisas para se pensar, eu não sei se dá para se colocar um futuro fechado, eu acho que o queer tem mais a ver com o caminho do que com a linha de chegada, e em termos de caminho é isso, ver que tem mais pessoas estudando essas relações é muito legal, mas minhas expectativas são sempre tentando não ter muitas expectativas porque eu acho que é tudo sobre o processo, eu não sei se a gente vai, no futuro que a gente vai ter, que futuro que a gente vai chegar, eu acho que é isso, eu tendo a ser menos otimista do que otimista se for para escolher um caminho, mas que talvez esse não otimismo é produtivo, não otimismo que tá ali no lugar do estranhamento, que questiona.

42:28 **Guilherme Cardoso Contini:** Adorei isso que você falou do queer ser o caminho e não o ponto de chegada, eu acho que que é isso, não tem essa posição confortável de falar, ok? Tá tudo lindo, maravilhoso agora, a gente pode deixar de pesquisar isso? Não, não é bem assim. Mas o que eu vejo realmente, trazendo esse aspecto positivo do que você comentou no começo, antigamente a gente tinha essas pesquisas em algumas regiões muito solitárias, uma outra pessoa fazendo ou pesquisando sobre isso, num recorte de tempo, às vezes sem um núcleo de pesquisa que fortalecesse então, numa jornada mas solitária mesmo assim, da pesquisa individual, a gente sabe que na pós-graduação, no geral, a gente tem uma jornada solitária, mas quando a gente tem núcleos de pesquisa que fortalecem ou pessoas que que dialogam um pouquinho com a temática de gênero junto com a gente, isso pode dar uma fortalecida em certo ponto, então eu acho que uma visão positiva minha é isso, ter mais grupos, ter mais rede, pode ajudar a gente a ter essa motivação, mas eu também concordo com você que não dá para a gente ser 100% otimista e parar de repente de questionar sobre porque eu acho que essa falta do otimismo, essa visão “negativa” também vai fazer com que as pesquisas continuem a ser estimuladas, ou que a gente questione mais, leve esses questionamentos para raiz do problema, às vezes eu penso que assim, de nada adianta a gente está evoluindo essas pesquisas mas não ter professores levando isso lá para graduação, e aí o

discurso fica só na pós, mas não acontecer tanto na graduação. Com a minha pesquisa, eu tenho visto onde acontece mais na graduação, mas não são muitos lugares, e isso assim, um recorte até esse ano, então é tem esse lado meio triste de ver que poderia estar mais avançado, mas é isso, é a realidade, a gente tem que trabalhar com as margens e trabalhar com queer nessa posição, talvez possa potencializar? Não sei.

44:53 **Eva Rubens Célem:** É, mas só uma um comentário sobre os seus dados, que uma coisa precisa levar em consideração, que o que acontece dentro da sala de aula não tá sempre na ementa, a gente, a Denise teve uma disciplina por muitos anos, que era... qual que era o nome? Era sobre percepção no design, era uma disciplina de psicologia no design e a gente trabalhava muito, eu fui estagiária docência dela por muitos anos nossa disciplina e meu primeiro projeto de pesquisa de iniciação científica foi dentro dessa disciplina, e era justamente o módulo inteiro para sensibilização de gênero e sexualidade, mas se você procurasse isso no currículo, você não viria isso, porque é isso, trabalhar com essas temáticas muitas vezes também a trabalhar nas brechas, então às vezes não tá lá na ementa, não tá no título da disciplina, mas tem gente trabalhando como pode, dentro das brechas.

45:51 **Guilherme Cardoso Contini:** É mesmo, esse foi o ponto de partida e depois mesmo fazendo essa segunda parte da minha pesquisa, ainda não dá para dizer que essa é toda a história, porque não são todos os projetos que estão nas bases de dados, que estão publicados oficialmente, então a conversa com vocês, a conversa com as pessoas faz eu conseguir mais essa rede nos bastidores, que eu acho que até mais rico assim, é perceber que essas coisas aconteciam nessas brechas, igual você comentou, eu fiz uma entrevista com umas professoras que não sei se você já viu aquela disciplina design e gênero, que tem circulado atualmente nos últimos dois três anos, é uma parceria, chama Design e Gênero só, mas é uma parceria da FAU da USP, com a Federal do Maranhão e uma outra faculdade que agora eu não vou lembrar, mas é próximo ali, e essa parceria tem uma história de cinco anos atrás. aí até a gente fica até surpreso, cinco anos dessa disciplina, mas no começo da disciplina ela não podia chamar design e gênero. então ela funcionava numa brecha de uma outra disciplina e eu só fui descobrir chegando nessa conversa com essas pessoas, com essas professoras. então tem isso mesmo que você falou, tem um bastidor ali que a gente não vai saber através dessa pesquisa muito fechada, nesses dados metodológicos, porque tá escondido, não tá ali realmente na nossa frente tão fácil.

47:25 **Eva Rubens Célem:** É a pesquisa quantitativa ela não acaba abarcando muita coisa nessa temática ela tem, ela é importante, mas a gente precisa usar com cautela justamente por causa dessas coisas.

47:37 **Guilherme Cardoso Contini:** E um outro parênteses também, não vai caber dentro do meu doutorado nesse momento, mas que é assim, para além da pesquisa científica, pessoas que trabalham com isso na prática do design e às vezes nunca fizeram uma pós-graduação, eu esbarrei nesses casos também, é que não tá dando tempo de documentar toda essa parte, mas fica aí para um futuro essa primeira fase realmente aconteceu e é legal ver os indícios práticos, que às vezes não tem conexão nenhuma com o texto acadêmico, mas que tem uma prática queer super interessante para o design assim também.

48:13 **Eva Rubens Célem:** Legal.

48:15 **Guilherme Cardoso Contini:** Eva, para fechar, quero te agradecer de novo, muito obrigado por ter tirado um tempo do seu dia para estar conversando comigo, fiquei muito feliz de conseguir te incluir na entrevista não ficar sem essa entrevista, muito obrigado mesmo e eu me comprometo a divulgar os resultados dessa pesquisa, passar, né? Assim que ela que ela se encerrar, então te agradeço mesmo pela participação.

48:37 **Eva Rubens Célem:** Nada, muito obrigada pelo convite foi um prazer.

49:26 **Eva Rubens Célem:** Boa sorte com finalização aí da pesquisa.

49:29 **Guilherme Cardoso Contini:** Muito obrigado você também e obrigado mesmo por topa!

49:36 **Eva Rubens Célem:** Boa sorte com tudo aí, tchau, tchau.

Entrevista Larissa Pelúcio

Data da entrevista: 19 de Setembro de 2025

Duração da entrevista: 35 minutos

Participantes: Guilherme Cardoso Contini e Larissa Maués Pelúcio Silva

Transcrição

00:02 **Guilherme Cardoso Contini:** Bom, estou aqui com a entrevista com a professora Larissa Pelúcio. Queria primeiro perguntar, Lari, se você concorda com essa gravação. Depois eu vou te enviar o termo de consentimento, livre e esclarecido, a gente assina. Mas perguntar se você concorda com a gravação desta entrevista e com as perguntas que eu te apresentei.

00:25 **Larissa Maués Pelúcio Silva:** Sim, estou de acordo.

00:27 **Guilherme Cardoso Contini:** Lari, eu vou pedir pra **você falar seu nome completo e se apresentar primeiro e falar de qual universidade você é, se você é professora na graduação, na pós, pra gente ter esse contexto sobre a sua formação também.**

00:44 **Larissa Maués Pelúcio Silva:** Meu nome completo é Larissa Maués Pelúcio Silva, eu assino sempre Larissa Pelúcio, e eu me formei, fiz a graduação, mestrado e doutorado na UFSCar, e depois eu fiz um primeiro pós-doutorado na Unicamp, no Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, que eu já estava me aproximando dessa temática, o doutorado foi muito, assim, um ponto de inflexão mesmo na entrada, da minha entrada nos estudos de gênero,, e no pagu com o feminismo, e depois, durante esse pós-doutorado, prestei sete concursos e passei na UNESP em Bauru, onde não tem ciências sociais, mas isso foi muito legal, porque me aproximou de cursos para os quais, assim, eu nem imaginava dar aula, mas foi, eu acho que alargou muito minha formação, porque me trouxe outras questões, outras literaturas, ainda que eu dê aula de antropologia para design, para rádio e televisão, para psicologia, para Educação Física, já dei também. Isso me aproximou da grade curricular, detesto esse nome “grade”, mas do que esses estudantes estavam percorrendo ao longo do semestre que eu estava dando aula e eu fui sempre procurando ter algum um diálogo que fizesse sentido para eles uma aula de antropologia, por exemplo, para quem faz design.

02:39 **Larissa Maués Pelúcio Silva:** Então foi, achei muito bom ter ficado, ter conseguido entrar na UNESP, em Bauru, na FAAC e ter essa oportunidade.

02:51 **Guilherme Cardoso Contini:** Obrigado, Lari. Eu vou entrar em algumas perguntas específicas, comuns, que eu tô fazendo com os entrevistados, e saber um pouquinho sobre essa relação com a temática do projeto dentro do contexto tanto do design quanto do contexto dos estudos *queer* ou os estudos de gênero também. **Você sempre pesquisou sobre os estudos *queer*, sobre os estudos de gênero e sexualidade também, isso no contexto do design ou fora, e teve algum ponto de virada que te levou para pesquisar sobre estudos *queer*?**

03:27 **Larissa Maués Pelúcio Silva:** Com certeza que foi o doutorado, e foi no doutorado, estava no primeiro ano, o Richard Miskolci passou no concurso lá na UFSCar, fui fazer um curso com ele, que não tinha nada a ver com *queer*, era sobre identidade, subjetividade, eu acho que era alguma coisa assim, fiquei super impressionada com a didática, a aula dele mesmo, e fizemos uma amizade durante esse curso, e ele que me apresentou os estudos *queer*. Eu tinha dado um trabalho que eu tinha feito para uma disciplina de estudos feministas para ele ler, já era sobre minha pesquisa, que era a minha pesquisa do doutorado, era sobre o modelo preventivo de Aids e as travestis que se prostituem, então o nome final foi Abjeção e Desejo, que aí já era aproximação com o *queer*, e o subtítulo Uma Etnografia Travestis sobre o Modelo Preventivo de Aids, e quando o Richard leu esse trabalho, e releu com muito cuidado e afinho, ele pontuou várias coisas e disse, ah, eu acho que se você ler a Butler, teu trabalho vai, assim, brilhar e foi isso mesmo, assim, eu super, eu tenho até um texto que eu falo disso, né, como foi uma paixão, assim, que entre eu e essa leitura, da Butler, e eu digo que, como toda paixão, foi meio enlouquecedora, né? Porque você fica fascinada, mas, ao mesmo tempo, te atordoa muito. Eu tinha muita dificuldade de entender algumas coisas. Então, eu acho que esse foi o ponto de virada que me levou... Eu já estava... Tava patente pra mim que eu tinha que estudar gênero, feminismo, por isso que eu fui fazer essa disciplina, que era optativa, no doutorado, para qual eu produzi esse texto que o Richard leu, e, a partir daí, o *Queer*. Então, diria que o ponto de inflexão foi esse, sabe? Desse texto, que era um trabalho final, cheio de apontamentos feitos por ele, e me apresentar o *Cuerpos que Importan*, que só tinha em espanhol, né? Agora tem em português, da Butler. E aí, eu falei, nossa, é assim... Parece assim que eu vivia no cosmo aristotélico e conheci um universo, sabe?

06:25 **Guilherme Cardoso Contini:** Divisor de águas, né?

06:26 **Larissa Maués Pelúcio Silva:** Total!

06:28 **Guilherme Cardoso Contini:** Lari, você foi da minha banca de graduação, você me co-orientou no processo de mestrado junto com o professor Dorival Rossi, e nesse meio, nossos campos se cruzaram, a gente fez boas reflexões e conexões do campo da antropologia, no campo dos estudos *queer*, olhando para gênero, olhando para o design. No meio disso tudo, os trabalhos onde você

aparece também aparecem comigo, com Dorival, no estudo. E, a partir disso, eu queria te perguntar, nessa profundidade, assim, dessa conexão design e estudos *queer*, por mais que você não tá originalmente na área do design, mas tem essa conexão com o design nas orientações, os projetos, enfim. **Você tem familiaridade com o termo *queerização* do design?**

07:25 **Larissa Maués Pelúcio Silva:** Não tenho com esse termo, numa literatura, né? Mas eu acho que quando eu comecei a dar aula para o design, e também ter que pensar o que eu vou levar para o design, como antropóloga e também como uma pessoa que estuda gênero, sexualidade, várias questões foram se apresentando para mim, naquele passado ali de 15, faz 15 anos isso. O que que eu poderia trazer para criar um interesse no primeiro semestre da vida acadêmica daqueles estudantes, que eu acho que entravam muito a fim de fazer projetos, e não de estar ali com uma discussão, o que é cultura, o que é alteridade, mas eu acho que, consegui fazer essa aproximação pedindo que eles contribuíssem com aquilo que, se eu penso assim, tem que fazer esse parênteses, que o pessoal de design que eu conheço, que é lá da Unesp, eles entram, os estudantes entram para potencializar um dom, um talento, que eles já têm, elas já têm, e dão de cara com a teoria, mas tá todo mundo parece que muito afim de fazer projeto, de pôr a mão na massa, e não é isso, é isso também, mas é um curso que vai trazer teoria, mas eu também não queria perder esses estudantes num mar de conceitos, então fui pensando algumas coisas e uma das coisas era ligada aos *sex toys*, que foi como a gente começou a dialogar, eu e você, mas eu já tinha tido uma estudante antes que tinha ficado muito interessada nesse tema, mas ela era realmente muito jovem e ficava muito constrangida de entrar no *sex shop* sozinha e acabou desistindo do projeto e eu entendo, mas eu pensava, né, quem é que desenha isso. Como é que se pensa um produto para o prazer, que não seja sempre nesse formato fálico, que tenha outras formas de se conectar com o corpo. Mas eu estava muito nesse universo do sex shop, diferente de hoje que eu penso em acessibilidade visual, essa é uma coisa que, como professora, eu me preocupo bastante, que não era uma preocupação antes pra mim, de como que eu, qual é o fundo, qual é a fonte, qual contraste, então, que eu vou usar, por exemplo, numa apresentação de slides,.

10:42 **Larissa Maués Pelúcio Silva:** Hoje também penso muito mais em acessibilidade, em todos os sentidos. Penso muito em sinalização, mas não era uma coisa que eu pensava lá atrás, então, acho que, de alguma maneira, eu já estava assim afetada, vamos dizer, por uma querização, muito incomodada com o tipo de placa de banheiro, até foi um pessoal do design mesmo que se mobilizou para fazer o desmonte da binaridade dos banheiros, ter banheiros inclusivos, isso não foi muito para a frente. Ali perto das salas 50, a gente sempre teve os banheiros mais bonitos da universidade, mas eles acabaram se tornando feminino e masculino pelo próprio uso, não emplacou, mas essa era uma questão que também sempre me movimentava mentalmente, sempre essa

mulher de sainha, esse homem, ou então objetos tipo um chapéu mais feminino e um guarda-chuva, ou uma luvinha e um chapéu, muito binário sempre, e com uma iconografia pouco criativa. quando era muito criativa, era assim, um ator de cinema e uma atriz de cinema. Então, essas coisas me chamavam, me incomodavam, me chamavam a atenção, dentro do que eu posso identificar como design, pensando na minha formação nas ciências sociais, mas a questão das sinalizações sempre me mobilizou, sempre não, depois que eu comecei a estudar gênero. E lá na UNESP, a questão das sinalizações de chão, eu também ficava, e fico ainda um pouco chateada porque a gente não tem coisas básicas. A gente não tem uma arquitetura que proporcione acessibilidade, a gente não tem sinalizações que proporcionem acessibilidade, que comunique isso. Então, acho que essa minha aproximação, pensando em design *queer*, foi nesses dois pilares que eu acabei de falar para você, sinalização e os sex toys.

13:44 **Guilherme Cardoso Contini:** Obrigado, Lari. Eu vou adicionar uma pergunta que eu acho que vai contribuir, geralmente eu adiciono no final, mas acho que vai contribuir nesse momento. Eu sei que lá atrás, quando a gente estava em meados de 2015, entre 2015 e 2017, foi quando as parcerias iniciais aconteceram, o que eu percebi foi que não tinha um foco falando da FAAC, da UNESP, específico curso de design, não tinha um foco de um professor, uma professora que tivesse um grupo exatamente para discussão de gênero dentro do campo do design. Então, aonde quem quisesse pesquisar gênero e quisesse ir atrás das temáticas *queer*, geralmente a gente se deslocava para o seu grupo que não estava originalmente dentro do campo do design, estava dentro das ciências sociais, outros departamentos ali.

14:41 **Larissa Maués Pelúcio Silva:** Acho que é muito mais multidisciplinar, mas com certeza não era o foco do design, porque senão eu ia ser uma farsante.

14:51 **Guilherme Cardoso Contini:** E a gente sentia essa abertura no seu grupo, para trabalhar com outras pessoas e foi onde eu comecei também, onde o projeto aconteceu. Em algumas universidades, dentro desse estudo que eu venho fazendo agora no doutorado, eu percebo que poucas delas o foco começa dentro do design mesmo, e quando ele começa, obviamente, a gente tem uma rede de pesquisadores e pesquisadoras do design trabalhando com o gênero e que leva a gente hoje em dia a ter alguns polos identificáveis. Algumas pessoas são, entre aspas, “mentoras ou centralizadoras” dessa articulação entre design e gênero, às vezes em um grupo de pesquisa dentro do design. Então pensando em você, como essa pessoa centralizadora dessa conversa, ali no contexto do design UNESP, então, uma pessoa onde pessoas do design têm liberdade para ir até lá e construir um projeto sobre gênero, que pode acontecer em outros laboratórios, mas não é o foco, pensando em você nessa posição, **Você percebe alguma mudança lá de 2015, 2017, para agora em termos de alunos ou alunas indo atrás dessas temáticas e vindo do design?**

16:07 **Larissa Maués Pelúcio Silva:** Então, eu acho que o grupo tem uma... eu fechei um pouco o grupo, com orientandos, porque eu comecei a ter muitas orientandas e orientandos, e aí, assim, abrir o grupo nos últimos tempos, não foi uma coisa produtiva, mas o que eu percebo é que essa temática começa a aparecer muito no design pelas publicações. Então, acho que o que aconteceu, é que pessoas como você, por exemplo, estão chegando nessa maturidade acadêmica, que é o final do doutorado, pensando em vida acadêmica ou não, no seu caso pensando em vida acadêmica, mas que começam a produzir a partir de perspectivas que não estavam, pareciam descoladas do design, como a gente sabe que não é, né? Uma das primeiras coisas que eu li, assim, para me aproximar um pouco do design, dizia, tudo é design, e eu comecei a olhar em volta e é, pode ser o design mais espontâneo, mais, sei lá, que eu sempre dou o exemplo da cabaça, que a cabaça caiu da árvore, partiu-se no meio ali, um antepassado longínquo, e fala, isso serve para acomodar coisas. Mas, como nós somos seres culturais, a gente não para por aí, não tem a menor necessidade de adornar essa cabaça. ela vai ter a mesma serventia, mas não, precisa adornar, precisa... E aí o outro vai e fala, não, mas se fizer uma cavadinha aqui, faz uma alça, não exatamente com esses termos, que é uma viagem que eu me permito fazer em sala de aula, brincando, mas, realmente, tudo é design, e o design têm despertado para temáticas que estão muito latentes, elas estão muito presentes hoje. É muito difícil você, numa sala de aula, não ser confrontada com as questões de gênero, de inclusão, de acessibilidade, de sexualidade e agora até de neurodivergência. Então, isso, de alguma forma, te obriga a queerizar o olhar, a pensar, eu gosto muito de uma frase da Guacira Lopes Louro, que ela diz que “o *queer* é pensar para além dos limites do pensável”, eu falei, o que ela quer dizer com isso? Eu gostei da frase, mas eu custei entender, sabe? Que é isso, o nosso modelo de pensamento binário, ocidental, a partir de marcas do iluminismo, da racionalidade científica, o *queer* é muito mais disruptivo. Então, que te obriga a pensar para além dos limites do pensável, por exemplo, com essas questões, por exemplo, da neurodivergência, que é um tipo de pensamento, um tipo de atitude com o corpo e com o aprendizado, para o qual a gente está totalmente despreparado. A nossa pretensa normalidade não nos salva nesse momento, então a sala de aula também vai te provocando essa queerização, porque a gente vai saindo dessa norma hétero, dessa norma do pensamento ocidental, branco, masculino, e tendo que pensar para além do limite desse tipo de pensável, e romper com isso, eu vejo agora o design fazendo isso a partir de algumas publicações, outro dia apareceu no meu feed uma bem interessante sobre design e feminismo, hoje ganhei o livro sobre tipologia e *queer*, já com uma marca latino americana, uma marca mais regional, que dialoga mais com a gente. Te apresentei, mostrei para a Ferdi (Fernanda Henriques), a Ferdi levou para você um livro também que tem essa abordagem, então, eu tenho sido surpreendida por essa mudança, que eu acho que tem a ver com esse movimento que é muito mais amplo do que uma sala de aula,

universidade ou um campo de pesquisa ou um campo de formação como o design, por exemplo, são vários eixos que confluem e vão trazendo para a sala de aula, para a universidade, para a pesquisa, essas provocações. E aí a gente começa a ver isso formando pessoas, como você está formado já, porque formado você já está, agora você vai ser doutor e como você, outras pessoas e essas pessoas estão provocando muito essas outras perspectivas e produzindo e publicando.

22:20 **Guilherme Cardoso Contini:** Obrigado, Lari. As duas próximas perguntas acho que dá pra gente juntar, conectar, num âmbito de projetos práticos, assim, geralmente eu questiono sobre os projetos que as pessoas no design desenvolveram, as pesquisas que as pessoas desenvolveram, isso vale também para você, mas também pode ser uma observação sua sobre pesquisas que você já ouviu ou já escutou sobre, né? Então, fazendo as duas perguntas, **Você já realizou projetos práticos ou pesquisas com a temática queer ou já viu essas pesquisas com a temática queer inseridas no design?**, além da nossa, para além da nossa.

23:02 **Larissa Maués Pelúcio Silva:** Você sabe que quando uma aluna, quis fazer o TCC dela criando a identidade visual do grupo, eu não pensava que isso era um projeto que estava aplicando o *Queer*. Mas, quando eu comecei a fazer o briefing que ela me pediu, óbvio que era. Porque até o primeiro produto que ela me entregou vinha com as cores do arco-íris e isso remete muito à dimensão identitária, que não tem a ver com uma perspectiva *Queer*, mais originária ali dos anos 80, que justamente desafiar esses limites identitários e tal, e quando eu fui conversando, dialogando com ela, e depois o que ela me entregou, e tem a ver com tipografia também, foi muito interessante, porque o que ela fez, pegou uma fonte, que é uma fonte, digamos, muito *straight*, que é a Oswald, e queerizou essa fonte. E ela queerizou no sentido etimológico lá de trás, que vem do alemão, não sei do quê, que é torcer. Porque ela foi torcendo essa letra, uma letra que é normativa virou uma letra torcida, digamos assim, *queer*. E ela usou o laranja, o roxo, cores que são de oposição, então não cria um binário, mas cria uma disrupção eu acho que, no fim, esse projeto, que eu nem orientei, não fui eu quem orientei, mas eu ganhei de presente isso, foi o primeiro movimento que eu não sei nem se ela sabe que acabou fazendo, pensando de uma forma *queer*, mas eu acho que ela sabe.

25:22 **Guilherme Cardoso Contini:** É legal, é um ótimo exemplo, a gente tem visto ultimamente essa área da tipografia como uma área de retomada do criativo, retomada de projetos contemporâneos, contraste com essas tipografias tradicionais e de muita reinvenção e eu trouxe para a tese essa discussão, tenho trazido através de vários produtos que vem desse exemplo de um trabalho tipográfico, eu acho que é um contexto bem legal. Continuando também, juntando as duas próximas perguntas, quando eu faço essa pergunta para quem está diretamente na área do design e que vem do design para o *queer*, eu

pergunto o que do design essa pessoa traz em termos de teoria que considera que contribui para a conversa com a teoria *queer*. E aí eu queria te perguntar o inverso, **Nessa conversa nos estudos *queer* e também nos estudos de gênero, o que você traz de discussão teórica, quem que você pensa que pode ser legal numa conexão com o design?**, ou geral, né, também.

26:35 **Larissa Maués Pelúcio Silva:** Antes eu queria, antes de te responder, eu, completando a pergunta anterior, quando eu conheci a Rita Wu, eu pirei. Eu acho que o que ela faz é muito disruptivo, é muito sensacional, desde autonomia para você fazer seu próprio exame ginecológico, até roupas sensíveis, até próteses e prazer, muita coisa, então, acho que a Rita é um... para mim, assim, a explosão da... ao mesmo tempo que é uma explosão da criatividade e do pensar além, do pensar muito fora da caixa, é também uma pessoa que vai fazer de uma maneira muito prática, não que não tenha teoria também, mas muito prática, um exercício *Queer*. Agora, das contribuições, eu acho que sempre é muito válido voltar a algumas contribuições clássicas, acho que tem hoje uma literatura contra colonial, decolonial, que pode contribuir bastante com o *queer*. sempre que eu penso, por exemplo, no design ativista, o perfil, acho que é um perfil que consegue, a partir do design gráfico, trazer essa influência teórica na forma de executar mesmo, de apresentar ali uma provocação, uma denúncia e eu acho que esse é o perfil, não sei quem está por trás desse perfil, que reúne talentos muito especiais, que vêm pensando de maneira muito sensível com autoras e autores clássicos, desde assim, quando a gente fala de decolonialidade, ninguém ainda é clássico, mas talvez o Quirrano seja um clássico, o Minholo seja um clássico, e quando a gente vai para os estudos *queer*, eu acho que a gente tem Preciado mais que Butler. Porque Preciado, desde o Manifesto Contrasexual, está falando de alguma forma de produto, de dizer, olha esse dildo aqui, não só a forma como ele propõe que você assine ali um compromisso logo no começo do manifesto de disruptão e de experimentar o corpo de forma diferente, mas as próteses que ele vai desenhando. Então, acho que é uma inspiração, principalmente o Manifesto. Acho que é um bom... o Manifesto Contrasexual é um bom empurrão, e nessa edição da N-1, que é lindo, tudo que eles fazem é graficamente lindo, Acho que dá mais tesão de ler, assim, então, super recomendo e tem até um cuzinho, assim, na capa, muito bacana, a pessoa... E isso também é um projeto *queer*. Porque é metalinguístico, a pessoa que concebeu aquela capa, aquele design, toda aquela apresentação gráfica, ela está dialogando diretamente, imagina se... eu já li originalmente num modelo mais convencional de diagramação e tudo, não perde a força do conteúdo, mas quando você pega um projeto gráfico que dialoga diretamente, que põe na visualidade a teoria, é muito rico, então, acho que esse é um texto, um livro, na verdade, que eu acho fundamental e a gente tem muitas contribuições hoje de autoras e autores nacionais, e eu acho bem importante ler as transfeministas, sabe? Porque eu acho que elas têm provocado, a partir das fissuras que elas vão mostrando da cisgeneridade, um movimento de torção também, eu acho que

é interessante fazer esse movimento de conhecer essa discussão do transfeminismo, das propostas, de desafios à cis-heteronormatividade. Acho que é muito inspirador.

31:21 **Guilherme Cardoso Contini:** Muito obrigado, Lari. E a última pergunta, saber **Sobre a sua perspectiva para esse futuro da relação entre design e queer. O que você imagina, o que você espera disso?**

32:36 **Larissa Maués Pelúcio Silva:** Eu acho que, bom, o que eu espero e talvez esteja colado com o que eu imagino, é um estreitamento mesmo dessas relações, não ser o design que dialoga com o *queer*, mas um design *queer*, não é o design que vai lá e empresta da filosofia, das ciências sociais, sei lá, de outras disciplinas, um tipo de conhecimento que vai, teoricamente, fundamentar o que o design está fazendo, eu acho que a gente começa a ver um design que está apropriado dessa perspectiva e está produzindo uma teoria própria, que tem essa marca *queer*, mas que é produzida pelos designers e para o design e não o que a gente estava assistindo até bem pouco tempo, para eu fazer essa ponte, eu preciso atravessar o campus e ir lá no grupo da Larissa, eu preciso fazer uma disciplina em outro departamento, eu preciso ler algo que não é uma literatura do design, acho que cada vez mais a gente vai ter um design *queer*, não que o design vai se transformar nisso, mas que a gente vai ter essa área do design, o design abraçando, como o design vem abraçando os estudos de gênero e produzindo... bom, gênero é um tema transdisciplinar, mas que o design não precisa, só procurar fora, tem toda essa contribuição que vem dos estudos feministas, dos estudos de gênero, de muitas outras áreas, mas que o design já se apropriou para fazer algo mais autoral e eu vejo que esse movimento já está em curso quando a gente pensa em *queer* e design. É o que eu tenho assistido, então, eu imagino que isso vai tomar mais corpo ainda.

35:05 **Guilherme Cardoso Contini:** Lari, queria te agradecer muito pela conversa, pela entrevista, a gente pode trazer uma reflexão muito legal, acho que é importante para a tese, baseada nessa trajetória toda e no que tem de mais atual, sendo falado nas áreas e reflexões importantíssimas e atuais também, então muito obrigado por participar.

35:29 **Larissa Maués Pelúcio Silva:** Eu que te agradeço, você é meu querido forever.

Entrevista Dorival Campos Rossi

Data da entrevista: 25 de setembro de 2025

Duração da entrevista: 36 minutos

Participantes: Dorival Campos Rossi, Guilherme Cardoso Contini

Transcrição

00:37 **Guilherme Cardoso Contini:** Bom, primeiro, vou fazer algumas perguntas que são mais introdutórias assim para registrar. **Queria perguntar assim se você concorda em responder essas perguntas** e você repetir seu nome completo para estar no registro.

00:52 **Dorival Campos Rossi:** Sim sim, eu concordo em responder essas perguntas e o meu nome completo é Professor Dorival Campos Rossi.

01:03 **Guilherme Cardoso Contini:** Dori, obrigado, então por topar essa entrevista. Essa entrevista vem porque nós fizemos muitos projetos juntos nessa área de design e gênero, design queer, da mesma forma que eu entrevistei a Larissa, não tinha como a gente não conversar e saber um pouco a sua visão sobre tudo que a gente fez juntos e sobre coisas que você tem feito depois, eu já vi acontecendo no caso do trabalho, por exemplo da Bruna, eu acho que é um ponto muito legal para a gente falar sobre né? Ainda nessas perguntas introdutórias só para ter o registro, **queria que você contasse um pouquinho da sua formação e falar das Universidades e programas que você tem trabalhado**, eu já sei, mas é só para a gente ter registro.

01:45 **Dorival Campos Rossi:** Então Gui, a minha formação na verdade assim, eu sou professor do curso de Design da Unesp de Bauru a 35 anos, né? Então é bastante tempo e essa pesquisa que você iniciou, que nós iniciamos, na verdade ela começa com você essa pesquisa, ela tinha alguma coisa anteriormente, mas não era nada estruturado. Então quem chega para estruturar toda essa pesquisa de design, gênero, etc, foi você mesmo. Então foi você que inicia essa organização desse material, e aí a gente meio que sai na frente com essa pesquisa então, porque quase ninguém falava disso ainda no design, todo mundo falava de gênero tal etc, mas focado no design como você fez foi bastante inovador. Não tinha muito material acerca disso ainda. Então quem sai na frente, quem sai fazendo isso é você. Então você que tem a ideia de trabalhar com design e gênero, de trabalhar envolvendo o movimento Maker, envolvendo as nossas pesquisas e trabalhando com inovação, né Guilherme? Porque assim é completamente inovador esse tema, porque assim eu acho que quando você vai

fazer as suas pesquisas, você deve perceber também que não tinha muito material assim tão disponível, volto a dizer de gênero já tinha sim, muita gente pesquisando tal etc, mas trazer isso para o design, isso foi tarefa sua. E a minha tarefa como orientador, como pesquisador tal, de TCC de mestrado, é perceber a importância disso que você tava querendo fazer e agilizar, e proporcionar que você realmente pudesse deslanchar e fazer isso. Então eu acreditei que isso era extremamente importante para o design e que a gente tinha que fazer isso sim. E aí eu fui só empoderando, só autorizando para que você pudesse ir fazendo e desenvolvendo cada vez mais essa ideia que você mesmo tinha tido lá atrás.

04:14 **Dorival Campos Rossi:** Então essa ideia: Design, gênero, inovação. Então assim tá muito na área da inovação tudo isso, então é muito inovador o seu tema de pesquisa. E outra coisa também que eu não posso deixar de ressaltar é que assim, essa coragem, essa segurança de estar fazendo isso quando ninguém ainda fez de fato, então eu acho isso muito importante Guilherme. Acho que isso como pesquisador, que você é, eu acho isso bastante importante assim essa confiança e saber como conduzir esse tema. Então a gente acaba saindo na frente, acaba sendo importante para o design. Eu acho que é por isso que a gente é bastante citado também, né?

04:53 **Guilherme Cardoso Contini:** Obrigado Dorival E concordo com você. Acho que você até já respondeu um pouco da próxima pergunta que é que eu ia te perguntar realmente sobre isso assim, **como que se deu essa relação da pesquisa com gênero**. Então realmente isso começou quando a gente começou a conversar lá atrás, em torno de 2016, 2017 por aí, juntamos a Larissa no processo que já estudava gênero.

05:14 **Dorival Campos Rossi:** Foi super importante.

05:21 **Guilherme Cardoso Contini:** Com a inovação, né? E começamos essa trajetória dali, realmente foi aquilo que a gente percebeu, sem uma base assim dentro do Design para falar “ai e já teve tanta gente que fez isso, a gente vai continuar um estudo”, na verdade a gente foi começando, e naquele momento falando de *sex shop*, *sexy toys*, tratando desse assunto, que às vezes o pessoal acha que é meio tabu, mais delicado e a gente encarou e trabalhou de uma forma bem honesta assim, né?

05:45 **Dorival Campos Rossi:** Mas é importante.

05:58 **Guilherme Cardoso Contini:** Foi um trabalho super legal mesmo.

06:02 **Dorival Campos Rossi:** Eu não sei se eu posso completar, ou se isso vai estar numa outra pergunta depois também, mas assim a continuidade desses estudos é agora, ou a gente fala depois que você falou da Bruna, né? A gente fala agora ou depois?

06:15 **Guilherme Cardoso Contini:** Não, pode falar agora.

06:17 **Dorival Campos Rossi:** Porque assim, aí depois quando você atinge um patamar com essa pesquisa que foi extremamente importante, aí essa pesquisa, a sua própria pesquisa abre portas para que outras pessoas então, outros alunos possam vir e também pesquisar. Então você acaba abrindo um portal na verdade, para que outros alunos também pudessem reconhecer essa importância. Então hoje nós temos a Bruna Sung que também foi uma aluna de

Design, que também fez um TCC relacionado design e gênero. Só que aí cada aluno que chega também já dá uma contribuição em cima disso que você tinha começado, no caso da Bruna projetos mais assistivos ou projetos mais que envolve design e gênero, mas para alguma necessidade, para alguma faculdade, né? Quando falta alguma coisa. Então desenvolver, um exemplo bem básico assim, desenvolver uma forma de pegar esses objetos para pessoas que não tem muita segurança nas mãos, por exemplo, que é o caso da Bruna. Então a Bruna ela tá focada em design e gênero, que é esse portal que você abriu, e dentro desse portal ela tá focando mais nessas necessidades, focando mais para isso também.

07:48 **Dorival Campos Rossi:** Mas se você não tivesse aberto esse Portal antes, ficaria mais difícil de fazer essas pesquisas também. Então daí a importância e o impacto da sua própria pesquisa, que ela vai impactar os alunos futuros, os alunos que estão vindo. Então a Bruna, por exemplo, ela tá entrando no mestrado agora no PPG, ela tá participando do processo seletivo, e ela vai continuar essa pesquisa que é um braço da sua própria pesquisa. E aí com a Bruna, eu já propus isso para ela, a gente vai criar dentro do movimento Maker, dentro do FAB Lab o FAB Queer.

08:29 **Dorival Campos Rossi:** O que é o FAB Queer? É o FAB Lab especializado em Design em produtos de design gênero, e no caso da Bruna, nós teremos várias tecnologias, como impressoras 3D, para que ela possa desenvolver objetos assistivos, para que essas pessoas que têm alguma alguma deficiência, alguma faculdade para que ela possa então estar usando esses objetos. Então essa é a pesquisa da Bruna agora no nível de Mestrado, que também começa no TCC, né? Como você, mas lembrando que primeiro veio a sua própria pesquisa abrindo esse portal.

09:02 **Guilherme Cardoso Contini:** É muito legal Dori, realmente esse processo que a gente teve de orientar a Bruna no projeto e de perceber...

09:14 **Dorival Campos Rossi:** E que você participou do processo o tempo todo.

09:14 **Guilherme Cardoso Contini:** E de perceber assim que de 2016 para agora é, dentro assim dos nossos alunos, né? Ela foi a primeira aluna depois de mim que voltou a trabalhar nesses temas. Então olha como às vezes ainda é tabu.

09:23 **Dorival Campos Rossi:** E de forma séria.

09:26 **Guilherme Cardoso Contini:** E de forma muito séria, o trabalho dela é bem robusto, bem interessante. Acho que essa articulação em rede que a gente faz muito nas pesquisas com você, você nas conexões com FAB Lab, que estimula esse design aberto e que todo mundo participa junto, fortalece esse tipo de pesquisa. Então acho que isso é muito legal. E aí continuando nas perguntas, avançando um pouquinho no que você respondeu, **eu tenho perguntado para as pessoas se elas têm familiaridade com o termo *Queerização do Design*.** Você eu sei que tem, que a gente escreveu juntos os projetos, mas eu vou trazer uma definição rápida só para a gente fazer uma reflexão nessa linha que tem o projeto da Bruna também. Esse *Queerizar o design*, nas palavras da Denise Portinari que foi da banca do mestrado também, então que participou do projeto na reta final, seria uma sensibilização do design, desses aspectos de

subjetividade, onde a gente encontra o gênero. Então a gente fala de questão política, questão estética, social, cultural e queerizar é fazer o design se sensibilizar por essas áreas nesse design atual, que a gente vive, nesse design contemporâneo. **E aí eu queria te perguntar, além do projeto da Bruna olhando para essa trajetória para esses últimos anos em que momento você achou Dori, que você conseguiu *queerizar* o design, sensibilizar o design para essas temáticas políticas, através das suas pesquisas e dos seus projetos, ou dos projetos dos seus alunos. Você percebeu alguma coisa assim que mudou nos últimos anos?**

11:09 **Dorival Campos Rossi:** Olha Gui, eu percebi sim e na verdade, eu acho que eu vou focar no impacto da sua pesquisa, eu vou focar mais nisso que é uma coisa que inclusive tá em voga atualmente, falar do impacto que isso teve, eu acho que nós impactamos bastante. Resumindo, eu acho que foi de um impacto incrível assim e juntar design com teoria *queer*, juntar design e gênero foi uma tarefa sua, entendeu? Foi uma tarefa que começou na UNESP de Bauru, no curso de design da Unesp de Bauru essa junção, essa junção mesmo. Porque volta a dizer, essas coisas já existiam separadamente. Então qual foi a sua grande contribuição como pesquisador, como designer? Foi juntar as duas coisas, enxergar que as duas coisas tinham a ver e trazer essas duas coisas. Então quando você fala que é uma questão política, uma questão estética, é uma questão de impacto, né? E hoje em dia se fala muito em economia de impacto. A gente falava muito em economia circular, a gente falava muito em economia, mas economia de impacto é uma coisa que está começando agora a se falar disso agora, Então eu vejo essa sua pesquisa assim impactando o design, impactando a sociedade e empoderando as outras pessoas a continuarem a trabalhar neste caminho. Então toda vez que eu apresento para os alunos, que eu mostro para os alunos a sua pesquisa é impactante, e a continuação dessa sua pesquisa por outras pessoas, quer dizer que a sua pesquisa contamina outras pessoas também, e, também, empodera outras pessoas para também fazer. Então é de um impacto incrível assim, então ele tem uma questão estética, social, política, devido ao impacto da sua pesquisa, da junção dessas duas modalidades.

13:08 **Guilherme Cardoso Contini:** Muito obrigado Dorival, e acho que isso já reflete um pouquinho nessa próxima pergunta que eu vou te fazer. Não foi uma jornada fácil, a gente enfrentou muitas barreiras, eu lembro que a gente teve dificuldade de inserir a temática em iniciação científica, em avaliações por pares muitas vezes a gente recebia umas avaliações muito desconectadas dos nossos eixos de pesquisa. Então foi sempre um desafio. Hoje isso mudou bastante, isso melhorou um pouco, mas a gente sabe que nem todo professor, nem todo pesquisador e pesquisadora do Design está 100% aberto a isso. Aí eu queria fazer uma pergunta para a gente fazer essa reflexão também, **o que você acha que falta no design para a gente ficar aberto a essas temáticas assim, já que nem todos trabalham com isso, nem todos ainda “aceitam” projetos assim, o que você acha que tá faltando ainda no design e que às vezes a gente vê em outras áreas uma abertura maior a temáticas assim “meio tabus”?**

14:10 **Dorival Campos Rossi:** Gui, só uma questão para eu entender direitinho: no curso de design ou no design geral como um todo assim?

14:12 **Guilherme Cardoso Contini:** Pode ser no Design em geral assim.

14:10 **Dorival Campos Rossi:** Tá, entendi. É que na verdade fazer essas relações assim, essas analogias com outras áreas é algo muito inusitado, não é próprio do Design fazer isso assim. São poucas pessoas que fazem isso, são poucas pessoas que são corajosas e se atiram a fazer outras analogias com design. O pessoal fica preso ali no campo do Design mesmo, entendeu? Então na verdade o pessoal costuma fazer interdisciplinaridade. O que significa isso? Fica só entre as pessoas do design. Fica só entre as áreas do próprio design mesmo. Então a sua pesquisa, ela é impactante e ela é importante por vários motivos, e um dos motivos é por ela ser de fato e de verdade transdisciplinar. É uma pesquisa transdisciplinar, e aí pro design como um todo é impactante isso, porque todo mundo fala nesse momento, tá todo mundo falando em interdisciplinaridade ainda, então tem um detalhe aí. Aí vem uma pesquisa transdisciplinar de fato, onde as pessoas falam sobre transdisciplinar mas ninguém é transdisciplinar ainda, ninguém é transdisciplinar no design ainda como deveria ser. Então assim, a gente tá iniciando esse campo agora, o design trabalhando mais com a área da saúde, o design trabalhando mais com outras áreas. Inclusive com a área da saúde, nós fomos os precursores também, porque lá em 2009 nós começamos a trabalhar com a Rede-SANS, nós trabalhamos com a medicina de Botucatu, nós trabalhamos com o curso de nutrição de Botucatu. Então fomos nós que iniciamos isso, fomos nós os precursores de trabalhar design e saúde. Então assim na verdade eles é que descobriram a gente na época, porque a gente já era transdisciplinar, a gente era o único grupo de design que realmente tava sendo transdisciplinar, a gente realmente estava trabalhando com todas as outras áreas. Então para o design é de novo, é inovador, é impactante para o próprio design, se a gente estava falando da sociedade como um todo, para o próprio nicho dos designers é inovador também porque não é comum fazer essas analogias, fazer extrapolar, tá começando agora, quando eles estão começando a gente já tava fazendo a mais de 20 anos. A gente já tava fazendo bem antes. Então assim, por isso de novo a sua a sua importância, a importância da sua pesquisa, porque ela é o começo disso. A gente começa para que os portais possam se abrir e as outras pessoas fazerem isso também, então hoje as pessoas se sentem mais à vontade com pesquisas transdisciplinares. Então as pessoas sabem do conceito, entendem o conceito, mas não sabem exercitar o conceito. O conceito ele não é exercitado ainda, e nós exercitamos o conceito e a sua pesquisa todinha exercita o conceito da transdisciplinaridade com maestria assim, como maestria e também lidando com pontos muito delicados, como você mesmo fala: “nós tivemos que enfrentar isso, tivemos que enfrentar comitê, tivemos que enfrentar o pessoal avaliando os nossos artigos.” Tivemos que enfrentar tudo isso que não era normal. Só que a seriedade como isso estava sendo conduzido, então deixava muito mais tranquilo, porque ninguém estava brincando com nenhum né? Era muito sério trazer isso para o design e trabalhar com isso no design, então de novo aí a importância disso tudo.

18:14 **Guilherme Cardoso Contini:** Realmente Dori, acho que isso diz muito assim de como foi essa nossa trajetória. Apesar dos temas bem disruptivos e fora da caixinha, a gente sempre trabalhou com muita seriedade e a gente publicou tanto Dorival. Às vezes a gente olha para pesquisas de outras áreas que não publicaram tanto quanto a gente para fortalecer e falar assim, ó: “vocês

não têm como negar que esse tema existe e falar que não é do Design essa responsabilidade de conversar sobre isso.” E reflete essa parte do transdisciplinar que você falou. Eu acho que as duas próximas perguntas são feitas meio juntas, você já respondeu, que **eu costumo perguntar para as pessoas se elas já realizaram pesquisas e projetos na temática queer**. Então tá bem respondido, os nossos projetos, os projetos da Bruna...

18:53 **Dorival Campos Rossi:** Eu realizei com você que eu tinha te falado, e eu tinha realizado com alguns alunos antes, mas era muito superficial assim, era só uma oficina... A gente já conversou sobre isso, mas nunca foi uma pesquisa densa e profunda e séria como essa que você tava conduzindo. Eles eram mais assim uma pesquisa um pouco mais superficial ou uma abordagem do tema só, mas não tinha uma pesquisa muito fortificada assim, muito densa. Isso veio depois, isso veio depois com você. Então assim, eu posso dizer que o marco foi as pesquisas com você, esse foi o marco, só que a gente já vinha tateando antes um pouco esse tema, só que não tinha ninguém que conseguia

levar ele tão a sério, as próprias pessoas. Então eles não conseguiram entender também, mas aí depois nós conseguimos isso com a sua pesquisa, tal e aí consegue se solidificar tudo isso.

20:05 **Guilherme Cardoso Contini:** E agora a ponte com então com o projeto da Bruna, então acho que nessa nessa linha assim de projeto no Design UNESP, a gente pula do meu para o projeto da Bruna, nesse trabalho de gênero e estudos *queer*.

20:08 **Dorival Campos Rossi:** Já vai direto. Já vai direto sim.

20:20 **Guilherme Cardoso Contini:** E aí Dori, as três últimas perguntas, as duas últimas eu vou fazer ela juntas, que é assim: **quando você pensa nessa literatura do design que a gente usa, pode ser com foco nos seus temas de pesquisa, o que vem à mente quando você quer trabalhar com esses estudos de gênero assim?** Eu lembro que você me deu muitos insights e passou ideias de autores e que teoria seguir, a transdisciplinaridade foi uma delas, e eu queria que se você comentasse um pouquinho isso, se vem em mente algum outro exemplo, autor que é importantíssimo para a gente falar sobre isso.

20:57 **Dorival Campos Rossi:** Então Gui, no design é o seguinte, como toda a faculdade de design, como todo o curso de design, como todo designer a gente segue uma bibliografia que é meio que convencional e tradicional para qualquer curso assim de design, na verdade é o mesmo panorama, e isso é bom até, porque precisa ter um quase que o curso daqui seguindo uma bibliografia de um curso de outro lugar também. Enfim, as bibliografias que permeiam os cursos de design são praticamente sempre as mesmas né? Então os livros clássicos de design como Gui Bonsiepe, são livros importantes que são livros que são a bíblia do design, e que são importantes, não dá para a gente falar que não são importantes. Tem o Papanek também então, mas eles são clássicos, eles são tradicionais e tão falando de uma pré-fabricação, tão falando de uma industrialização. No máximo eles conseguem chegar falando da era digital, falando sobre as interfaces, etc. Só que eles pouco abordam as outras camadas, então tem a camada social, a camada política, e gênero é mais uma camada, sabe? Eles não falam disso, então a nossa bibliografia do design, nossa

bibliografia clássica, ela é muito clássica. Então a gente tem que procurar outros autores, a gente tem que procurar inclusive acerca do próprio design alguém que desenvolva o conceito de design, nem é design e gênero, ainda é um pouco anterior, alguém que desenvolva o conceito de design de uma outra forma que não seja essa forma clássica de definir design. Então aí tem uma bibliografia enorme para isso, tem desde vida influencer, que é o autor mais usado no mundo inteiro sobre design, é o cara que tava falando, é o autor, que tava falando sobre o design que a gente está fazendo agora, ele tava na década de 60 escrevendo sobre isso, e eu percebo que é um dos poucos autores que aborda várias camadas, não só da fabricação. Então assim, para concluir, a bibliografia dos autores clássicos, eles focam na fabricação somente e o design é um pouco maior que tudo isso. Design, ele é design afetivo, ele é design de gênero, ele tem outras camadas que a gente tem que abordar. Então não é somente a fabricação em si, uma fabricação em série, e com as novas tecnologias que foram surgindo hoje em dia é possível experimentar outros conceitos de design, né? Então eu percebo também que antigamente, há 10 anos atrás não dava talvez para a gente experimentar tanto assim. Por isso que hoje a sua pesquisa é mais viável, a pesquisa da Bruna hoje em dia é mais viável também. Por que são pesquisas mais viáveis? A Bruna por exemplo, ela pode imprimir todos esses objetos numa impressora 3D dentro da própria Unesp, enquanto que no passado a gente ia ter que convencer alguma indústria, convencer algum “não sei o que”, para que ela pudesse fazer alguma coisa para nós, então agora a fabricação digital, ela permite que nós mesmos fabricamos as nossas próprias coisas assim. Então é possível prototipar, é possível fazer testes, é possível ver se tá dando certo aquilo que a gente está projetando. E aí a gente consegue então ter mais tempo para se dedicar a outras camadas mais afetivas, as camadas de gênero, as camadas de um design mais social, a gente tem mais tempo para né..

24:49 **Dorival Campos Rossi:** E outra coisa também, hoje em dia o próprio conceito de design, a gente não é mais o designer sozinho fazendo a coisa. E no seu caso mesmo de pesquisa. Eu lembro que você criava grupos, você criava grupos de discussão, você criava vários momentos em que a sociedade participava da sua pesquisa. O tempo todo então, a sua pesquisa era você desenvolvendo a sua pesquisa, mas o tempo todo você tava colhendo opiniões, informações da própria sociedade, então a sociedade ela vinha meio que participando da sua pesquisa. Eu lembro quando você cria um grupo de pesquisa, um grupo de estudos, esse grupo tem 30 alunos interessados, e não é alunos de design, é alunos do campus inteiro, alunos de outras faculdades de Bauru que nem da Unesp eram...

25:48 **Dorival Campos Rossi:** Então por isso que o caráter transdisciplinar da sua pesquisa foi uma das coisas mais importantes. Porque se ela tivesse sido conduzida de forma diferente e você sozinho escrevendo umas coisinhas em cima de uns livrinhos e ia ser muito chato, porque ela não ia impactar, ela não ia. Então a sua pesquisa acaba impactando, as pessoas acabam conhecendo e participando da sua pesquisa desde o início, e não só colhendo os resultados lá no final, você não fez isso. Então desde o início você colhia as informações, a opinião das pessoas, a opinião de quem tava chegando, isso era ao mesmo tempo um espaço de escuta. Então você criava um espaço de escuta dentro da sua própria pesquisa para ouvir as pessoas e a partir disso produzir design. Isso

não tá no livro do nem do Gui Bonsiepe, nem do Papanek, sinto muito. Então isso tá em outros livros, tá em outras bibliografias, em outros autores

26:47 **Dorival Campos Rossi:** Então o design, resumindo, precisa abordar outros autores que estavam falando, eu acho que talvez no futuro os autores serão vocês mesmos: os livros do Gui, do Gui Contini. Se tem o Gui Bonsiepe, tem o Gui Contini. E tem os livros de vários outros pesquisadores que estavam junto com vocês. Acho que no futuro os livros serão o de vocês, serão essas pesquisas que vocês estavam realizando, que vocês estavam criando uma abertura no design. Então todos vocês que estiveram comigo lá atrás, o que vocês estavam fazendo era criando essa abertura, vocês estavam criando uma abertura para o design, era isso que estavam fazendo, e fizeram isso de forma brilhante, de forma competente e de forma séria. Isso é importante quando a gente faz um trabalho bem diferente. Sabe? Que ele seja sério, porque senão a gente perde a seriedade do próprio trabalho. Então tem que ser conduzido de forma séria com os cânones da pesquisa mesmo, científico, não é qualquer texto que a gente vai produzir, e não pode né? Já que é um assunto delicado que ele seja bem fundamentado, bem escrito. Então todo esse cuidado, todos vocês foram tendo desde lá de trás quando nós começamos isso, e termino dizendo que nós somos os precursores disso tudo e eu sinto muito feliz como professor de estar junto com vocês, desde aquela época que era a vontade de vocês. Na verdade essas pesquisas não eram minhas, eram de vocês, que tinha você, tinha vários outros alunos pesquisando também outros assuntos, e com a mesma seriedade, e eram vocês que estavam conduzindo essa pesquisa, e eu fico muito feliz, porque eu só tava trabalhando com abertura no design, o meu papel sempre foi abrir o design para outras áreas e vocês estavam fazendo isso de forma científica, não era de forma leviana, de qualquer jeito não, de forma dentro dos cânones da universidade mesmo, a gente abrindo as portas para que o design pudesse conversar com outras áreas.

29:29 **Guilherme Cardoso Contini:** Muito muito legal Dorival, acho que você trouxe essa grande importância assim por trás do projeto e de como a gente conseguiu fazer isso. Não deixar ser uma pesquisa isolada, sozinha, a gente envolveu a sociedade, escutou as pessoas, trouxe elas para dentro, aquela metodologia participativa, antes até da gente chamar disso.

29:44 **Dorival Campos Rossi:** Isso, nem tinha esses nomes e a gente já tava fazendo já.

29:47 **Guilherme Cardoso Contini:** E acho que você já respondeu praticamente a última pergunta, eu só vou fazer ela caso você queira complementar e **eu costumo perguntar para as pessoas nessa entrevista, o que que elas esperam do futuro dessa relação do design com gênero, design com queer,** você já trouxe uma visão super legal, então você tem alguma mensagem positiva para fechar Dorival, alguma mensagem final?

30:10 **Dorival Campos Rossi:** Ai nossa, eu acho que a mensagem é completamente positiva, viu Gui? Porque assim como eu participei, eu pude, eu tive a oportunidade de participar desse processo junto com você, junto com os

alunos, então eu consigo enxergar bem direitinho assim. Então assim, nossa, a expectativa é muito positiva, é muito benéfico, muitos alunos quando a gente toca nesse assunto se sentem interessados. Então assim, teoria de gênero hoje em dia de uma forma geral é uma coisa muito importante, e trazer essa teoria para o design também é extremamente importante, extremamente positivo, então assim o fato das pessoas se interessarem, o fato das pessoas continuarem essas pesquisas também é muito positivo e também não posso deixar de ressaltar que tem que ter uma coragem muito grande do pesquisador, tem que ter uma coragem do orientador também, uma vez abrindo um parêntese que eu acho bem interessante deixar registrado isso aqui:

31:15 **Dorival Campos Rossi:** Eu tava comentando com um professor do curso de arquitetura, que a gente participava de bastante bancas, era na verdade um parceiro de bancas, era o professor Sidney, e eu comentei com ele assim que a gente tava fazendo essas pesquisas, as suas pesquisas de design e gênero, falei “a gente tá indo para esse caminho agora, né?” Ele falou “nossa Dorival como você é corajoso”. Então eu trago isso para o Guilherme também, tipo “nossa Gui como você era corajoso, entendeu?” Então assim precisava de uma coragem para se fazer isso, porque como você mesmo disse era um tabu, ou então, corria todo o risco das pessoas entenderem de outra forma o que a gente estava fazendo, o que você tava fazendo, corria um monte de riscos assim de, ou então do próprio pesquisador de não chegar num produto sério, de não chegar num produto legal. Tem gente que acaba desistindo também no meio do caminho ou não levando tão sério assim, né? E aí não, então tem esse elogio de conseguir até o final, de chegar até o final com uma pesquisa séria, então assim os lados são completamente positivos, então se daqui para frente, a gente vai conseguir cada vez mais falar de design e gênero, é porque vocês estavam lá atrás começando isso. Então é muito positivo que foi assim, como avaliador disso tudo, olhando tudo isso agora de longe, foi muito positivo, está sendo muito positivo, porque a gente continua. Quando eu falo que a gente está criando o FAB Queer, eu só posso falar isso em 2025, porque em 2015/2016 a gente tava começando tudo isso lá atrás, não tinha como falar disso lá atrás.

33:12 **Dorival Campos Rossi:** Então primeiro precisava fazer a junção do Design Queer com tudo isso, a cultura queer com design e tal, para depois a gente sedimentar e solidificar isso e depois criar ambientes, para que isso possa ser exercitado, então quando eu falo hoje em 2025 no FAB Queer, o FAB Queer nada mais é que o espaço onde essa cultura pode ser exercitada, ela pode ser produzida, é só isso então, só que para eu ter o espaço eu precisava criar cultura antes, trazer essa cultura queer para o design. Então essa tarefa sua, é a tarefa da sua pesquisa, é a tarefa do Erótica Lab, é uma tarefa muito importante e muito positiva sim, muito positivo e daqui para frente muitas pessoas vão tá falando disso, vão tá cada vez mais, cada vez mais, cada vez mais.

34:06 **Dorival Campos Rossi:** Então assim... Deu certo, deu certo e parabéns pela ideia que você teve lá atrás, né?

34:22 **Guilherme Cardoso Contini:** Eu que te agradeço, te agradeço por conseguir um tempo para fazer essa entrevista comigo, eu sei que a gente conversa muito nos bastidores sobre isso e...

34:42 **Guilherme Cardoso Contini:** Então queria te agradecer muito Dori pela participação.

34:57 **Dorival Campos Rossi:** Eu não posso deixar de falar também Gui, que você juntou então um designer que era eu, e a Larissa, que também não podemos deixar de falar da importância da professora Larissa com as teorias de gênero que ela que estudava tudo isso, não era eu, eu só tinha a parte do Design que era o que ela não tinha. Aí chega você e você fala “eu vou juntar essas duas coisas, tá bom? E que vocês não sabem juntar, vocês ainda não juntaram, mas eu vou juntar essas duas coisas que eu acho que dá para sair projeto daí, dá para sair coisas legais dessa junção dessas duas coisas.” Quem viu a junção foi o aluno, foi você e aí eu acho que de novo é positivo. E aí o aluno é isso. O aluno é para é isso que ele tem que ver, né? O aluno não tem ficar respondendo questionário e tirando 10, o aluno tem que ver aquilo ali que você fez, aquilo você falou “meo, acho que dá para juntar essas coisas todas que você tá falando de design com essas coisas da professora Larissa e a gente cria um design totalmente.” Então foi isso Gui. Parabéns de novo também, viu? Parabéns.

35:54 **Guilherme Cardoso Contini:** Muito obrigado Dori!

Entrevista Nina Reis Côrtes

Data da entrevista: 19 de Setembro de 2025

Duração da entrevista: 45 minutos

Participantes: Guilherme Cardoso Contini, Nina Reis Côrtes

Transcrição

00:00 **Guilherme Cardoso Contini:** Nina, queria te agradecer por ter topado participar. Vou fazer algumas daquelas perguntas mais formais para estar constando no começo da entrevista. E aí a gente segue para ordem das perguntas. Acredito que do modelo que eu te mandei não tenha tantas modificações às vezes na construção da frase, mas o sentido ainda vai ser o mesmo, tá?

00:31 **Nina Reis Côrtes:** Beleza.

00:37 **Guilherme Cardoso Contini:** Para começar só para título de registro, **queria pedir para você falar seu nome completo e falar se você concorda em realizar essa entrevista, nos termos do TCLE**, que aliás agradeço por você ter assinado. Vou assinar e te devolvo também.

00:49 **Nina Reis Côrtes:** Tá bom, meu nome é Nina Reis Côrtes e eu aceito participar da pesquisa de acordo com os termos do TCLE.

01:05 **Guilherme Cardoso Contini:** Bom, obrigado, Nina. Começando com perguntas mais relacionadas a você. **Eu queria saber a sua formação e qual universidade ou programa que você pertence ou pertenceu, contar um pouquinho dessa história para nós**, por favor.

01:16 **Nina Reis Côrtes:** Beleza, eu fiz faculdade de Design de Moda na PUC Rio. Na PUC, a gente tem o ciclo básico de Design agora já até mudou, mas na minha época a gente tinha produto, mídia digital, comunicação visual e moda. E a gente afunilando em cada área mais para frente. Então eu tive um ciclo básico que eu acho que me ajudou muito a conseguir não ficar tão fechada assim no universo da moda. Hoje em dia eu nem trabalho com moda especificamente, mas a minha graduação me ajudou muito para ampliar um pouco esse horizonte e aí eu já emendei assim que eu terminei a faculdade.

01:52 **Nina Reis Côrtes:** Eu emendei o mestrado, terminei no meio do ano e ingressei no mestrado no início do ano seguinte, também na PUC. Aí dentro do Design da PUC, na parte do mestrado a gente tem vários laboratórios muito diversos. Eu entrei no

laboratório de representação sensível que na época era o Alberto Cipiniuk que ele não tá mais, e a Denise Portinari.

02:17 **Nina Reis Côrtes:** A Denise foi a minha orientadora e ela tem o Grupo Barthes que é nosso grupo de pesquisa, de leitura, que começou na intenção de ler Barthes, mas depois a gente foi ampliando. E é um grupo que todo mundo pesquisa sobre gênero, sobre sexualidade, sobre corpos, sobre movimentos sociais... E a gente tinha bastante contato com o grupo do Alberto, que era o Grupo Tamanduá, que pesquisava também um design mais crítico, mas mais voltado para o trabalho. Eles eram mais marxistas, uma visão mais anticapitalista do Design.

02:55 **Nina Reis Côrtes:** Eu ainda me considero do Grupo Barthes. Acho que todo mundo que participou é do grupo, eu ainda acompanho o pessoal, ainda tô no grupo de WhatsApp, mas eu não consigo mais frequentar as leituras, que são as quintas à noite. As leituras são online, é bem legal de participar. Mas com a correria do dia a dia eu acabei, depois que eu terminei, não estando mais tão presente, é isso.

03:32 **Guilherme Cardoso Contini:** Obrigado, Nina. Legal você comentar disso. Eu tive uma conexão com a Denise no meu mestrado, ela foi minha banca e conheci ela lá. Tinha conhecido literaturas da Denise antes e eu fiquei feliz de tanto ela quanto orientandos/orientandas, os parceiros de pesquisa dela terem aparecido muito nos meus resultados e são pessoas que eu vou entrevistar muito também, mas é muito legal enxergar nesse formato de rede, nessa visualização da pesquisa dentro desses grupos o quanto a gente potencializa essas discussões através da pesquisa do outro, da outra pessoa. Então, eu fiquei feliz de encontrar a Denise e quem circula a Denise, quem tá próximo ali das pesquisas. Obrigado por explicar um pouco sobre o grupo. Fiquei bem curioso. Quando eu vi também, o grupo aparece na busca, eu fiz uma primeira parte de busca em universidades analisando 40 universidades e as matrizes curriculares. E aí eu cheguei em algumas pessoas nessa análise preliminar e que foi confirmada na segunda etapa, na revisão de escopo. A Denise aparecia bastante, o grupo também, então sempre tive muita curiosidade. Obrigado, Nina.

04:47 **Guilherme Cardoso Contini:** Também queria reforçar, Nina, se algum momento você não quiser responder uma pergunta, não precisa responder, só me avisar e às vezes se você acabar envolvendo uma pergunta na outra e quiser pular alguma pergunta também não tem problema, tá?

05:03 **Guilherme Cardoso Contini:** Seguindo para as perguntas comuns e específicas. **Queria saber um pouquinho se você sempre pesquisou os estudos queer ou os estudos de gêneros e sexualidade dentro do Design ou teve algum ponto de virada na sua vida, na sua trajetória, que fez com que você chegasse nessas pesquisas.**

05:34 **Nina Reis Côrtes:** Eu tive uma virada bem grande no meu TCC. Na verdade, eu me formei no primeiro semestre de 2019. E eu me considero até então, eu acho que eu era uma pessoa muito desligada, meio alienada na vida, sabe? Então eu acho que principalmente com todo o cenário político do Brasil. Eleição do Bolsonaro. Acho que foi um momento que eu comecei a me engajar mais em questões políticas, prestar mais atenção no que estava acontecendo e tal. E aí em 2019, eu lembro que eu comprei um livro da Heloísa Buarque de Hollanda, que era básico de feminismo e eu fiquei pirada.

06:12 **Nina Reis Côrtes:** Aí eu comecei a estudar muito, o livro tinha várias referências de outras pessoas, eu comecei a ler e tal. E no meu projeto final da faculdade, apesar de ser moda podia ser qualquer projeto que você quisesse que envolvesse moda, podia ser um *fashion film*, podia ser uma coleção, podia ser um acessório e tal. E aí, eu resolvi seguir para esse lado mais teórico. Eu lembro que eu fui uma das poucas pessoas a entregar assim, você tinha que entregar um trabalho escrito, mas que não tinha muito obrigatoriedade de página ABNT, nada assim e o produto.

06:43 **Nina Reis Côrtes:** E aí eu me empolguei muito, eu acabei fazendo uma pesquisa bem aprofundada do que a média ali, sobre os movimentos feministas, sobre as ondas de feminismo e me encantei muito com a Quarta Onda, que é o momento que a gente vive. E foi um período que eu também comecei a me organizar politicamente. Eu descobri um coletivo que se chama Coletivo Juntas!, é um coletivo bem grande, tem em vários lugares do Brasil. Elas estão ligadas diretamente ao MES que é o movimento do PSOL.

07:15 **Nina Reis Côrtes:** E eu comecei me sentindo muito acolhida, eu nunca tinha participado de nada, sabe? Eu gostava de ir no 8 de Março, que aqui no rio é muito forte, é unificado. Mas eu ia meio à paisana, não tinha sabe muito nada. Aí foi tudo confluindo, de me organizar politicamente, de conhecer esses espaços de debate, de grupo de leitura, conhecer pessoas que eu achava meio distante, da política mesmo, tipo vereadores, deputadas, que eu achava que eu nunca ia ver pessoalmente, que estavam ali comigo no dia a dia também.

07:46 **Nina Reis Côrtes:** E aí eu fiz o TCC sobre os movimentos feministas, eu fiz dois parangolés, que é uma vestimenta do Hélio Oiticica, sempre falando sobre o corpo da mulher na cidade, era uma vibe bem de arte urbana, eu fiz uma série de lambe-lambes também, que eu coloquei em Santa Teresa, que é um bairro aqui do Rio. E eu fiz um vídeo com dois modelos interagindo com as roupas, com os cartazes e tal. E aí, a minha orientadora que era orientanda da Denise, de doutorado, falou “Cara, você tem que estudar mais isso, vamos aprofundar essa pesquisa, ficou muito bom...” ela ficou acho que impactada, porque eu acho que os projetos de certa forma eram um pouco rasos, tinha muita gente que só queria acabar, se formar. Enfim, a gente não tinha muito tempo também.

08:33 **Nina Reis Côrtes:** Aí eu falei “Pô, acho que pode ser uma boa, né?”. Eu também na época não tava estagiando em nenhum lugar que me desse essa segurança de que eu ia ser efetivada, eu tinha um projeto próprio meu, uma marca. Então tinha bastante tempo disponível e eu sempre gostei muito de estudar. Eu falei “Ah, vou tentar”. Aí ela me ajudou um pouco nesse caminho, eu meio que desdobrei o que eu já tinha feito no TCC para escrever como projeto, eu nem conhecia a Denise, eu nunca tinha visto ela pessoalmente.

09:04 **Nina Reis Côrtes:** Ela dá uma disciplina na graduação de Design, que é uma disciplina de Psicologia, que é no primeiro período. Porque a Denise ela é da psicanálise, na verdade, ela é psicanalista e ela atende como psicanalista. Só que no primeiro período você não escolhe os professores e eu dei o azar de não cair com ela, e eu diria que eu acho que se eu tivesse pego com ela no primeiro, tudo teria mudado, porque com certeza né? Depois eu fui monitora dela nessa matéria e eu vejo como a abordagem era diferente, ela botava o pessoal para pensar, ela fazia uma análise crítica. No primeiro período é um pouco difícil, mas assim já enviesava um pouco, por um lado mais politizado, mais crítico mesmo do fazer Design, e eu fico tipo “Nossa, teria sido maravilhoso se tivesse conhecido ela antes”.

09:53 **Nina Reis Côrtes:** Mas aí, enfim, eu me inscrevi, eu passei no processo eu conheci ela pessoalmente e aí eu me inscrevi muito no objetivo de estudar o movimento feminista, que é o foco da minha pesquisa. Porque eu era muito militante, ativa, eu tava ali no dia a dia, como eu tinha esse tempo livre também, eu pegava muito *freela* na época, eu ainda não tava como CLT, assim todo dia em um escritório. Então eu tinha bastante disponibilidade para participar das coisas e eu acho que isso enriqueceu muito minha pesquisa também, por estar ali dentro vivendo.

10:24 **Nina Reis Côrtes:** E aí foi com a Denise que eu que eu descobri essa parte *queer*, tipo queerizar o Design, a bibliografia dela. E o meu mestrado foi totalmente na pandemia, eu tive uma semana de aula presencial e a pandemia chegou. Então, eu acho que teve o lado bom e ruim, claro, de não poder interagir ali com o pessoal, ter aquela rotina. Mas eu sou uma pessoa focada. Então eu acho que para mim foi bom, porque eu mergulhei muito assim, né? Ninguém tinha muito nada para fazer e eu lia o dia inteiro, e eu demorava as coisas, e eu, cara, peguei muita referência, eu consegui ter essa rotina também de estudar e tal. Que eu sei que não é todo mundo que tem.

11:06 **Nina Reis Côrtes:** E enfim, toda disponibilidade de estar online com pessoal, de participar de várias reuniões, porque também não tinha que perder tempo no trajeto e tudo. Então, eu só fui conhecer mesmo aí e aí foi que eu falei “Não, tenho que incorporar isso também na minha pesquisa, levar em consideração e tal”. Mas até então, óbvio que eu já sabia que existia a palavra *queer*, mas não fazia parte do meu vocabulário do meu repertório nada.

11:31 **Guilherme Cardoso Contini:** Que legal, que trajetória interessante. É legal, quantas trajetórias as pessoas que eu tô entrevistando, elas refletem muito em como elas chegaram no que elas estão fazendo hoje, seja em mestrado, doutorado atuando na área como professor/professora. Nossa, muito legal. Aí só para confirmar. **O *Diálogo e Práticas Feministas* é a sua dissertação? Eu vi que você teve a orientação da Denise, você comentou agora, você teve coorientação com o Guilherme Altmayer, né?**

12:08 **Nina Reis Côrtes:** Sim.

12:28 **Guilherme Cardoso Contini:** Que legal, o que está engraçado é que das pessoas entrevistadas. Coincidentemente, né? Muitas têm ligação com um dos dois então. Eu fiz uma entrevista, acho que faz uma semana, mais ou menos, com a Grassine, né? Então está tudo interligado, que legal. E aí só para confirmar, **eu não tive contato, através da pesquisa, com o seu TCC. Qual que é o título?**

12:57 **Nina Reis Côrtes:** Gente, não lembro, mas eu posso resgatar aqui.

13:04 **Guilherme Cardoso Contini:** Depois você me passa, não tem problema, é só curiosidade, porque você falou bastante dessa trajetória de lá até a sua dissertação. E foi um material que eu não localizei.

13:13 **Nina Reis Côrtes:** Eu acho que não tá publicado mesmo. Acho que não, mas eu tenho o pdf, eu posso te mandar assim.

13:18 **Guilherme Cardoso Contini:** Ah, se não for um problema, eu agradeço. Tem alguns materiais ligados, principalmente aos repositórios. É que você falou que o seu não tá publicado, mas alguns publicados que eles não foram encontrados nessa parte assim da entrevista por não estarem associados às bases de dados que eu procurei. Mas, por isso que eu sempre tenho perguntado dos TCCs atualmente. Bom, vou continuar. E a gente tem algumas perguntas que vão se aprofundando mais.

13:53 **Guilherme Cardoso Contini:** **Em relação ao termo queerização do Design, você tem familiaridade com ele ou não? E queria pedir para você trazer uma definição sua, uma fala sua sobre o que seria queerizar o Design. E de repente, falar um pouquinho, em que momento que você, através das suas pesquisas, você acha que você pode ter queerizado ou não o Design?**

14:18 **Nina Reis Côrtes:** Sim. Eu acho tão difícil de explicar, vamos lá. Eu acho que para mim queerizar o Design é desafiar, sabe? Desafiar o que a sociedade entende como Design. Eu acho que o Design surgiu muito para servir o capitalismo. Aquela coisa de linha de produção, de padronização e tal. E depois foi um termo um pouco banalizado em todas as áreas. Tipo de salão de beleza, a decoração e tal. E acabou que ficou muito vazio, né? As pessoas não sabem muito explicar o que é Design, o

que um designer faz e tal. Eu acho que isso tem um lado legal, de talvez ser mais inclusivo.

14:58 **Nina Reis Côrtes:** Sei lá, da gente conseguir abarcar, né? Pessoas de lugares diferentes e tal, mas tem um lado ruim que a gente se enfraquece muito. A gente não consegue se ver no outro, se unir como classe para debater, para procurar melhorias e tal. Eu acho que tem muito uma narrativa de individualidade, de uma competição entre as pessoas. Eu acho que a gente tem dificuldade de entender um ao outro como designer, tem muita rixa e tal, e tem muitas áreas em que Design pode ser aplicado também, então isso fica muito solto.

15:34 **Nina Reis Côrtes:** E aí, enfim, estudando isso tudo, conversando muito com a Denise, lendo muitas coisas. Eu entendo o queerizar o Design, de tentar desafiar aquelas estruturas padrão, de tentar usar o design para falar de assuntos fora da bolha do Design, digamos assim, então assuntos contra normativos, tentar desafiar mesmo as normas, do que a gente entende como... Eu acho que o Design acaba reforçando, né? Muitas normas impostas, muitos preconceitos também. E é justamente tentar usar das metodologias do Design, do nosso conhecimento para agenciar movimentos contrários, gerar aquele ruído mesmo.

16:19 **Nina Reis Côrtes:** É meio que gerar um incômodo mesmo, para também gerar uma reflexão, para a gente conseguir mexer um pouco estruturalmente. Eu acho praticamente impossível a gente tentar queerizar o Design sem a gente olhar para outras fontes de inspiração, muito nos movimentos sociais, eu acredito. Então, o que que os movimentos podem ensinar também para a gente, enquanto organização, metodologia de trabalho. Esse foi o meu principal foco, como os movimentos feministas podiam me ajudar no dia a dia, como que as mulheres se organizam hoje em dia, como que são as estruturas.

16:59 **Nina Reis Côrtes:** Desde coisas mais óbvias, tipo uma estrutura de plenária até tipo “quais são os materiais que a gente usa na rua? Como é que as pessoas confeccionam as coisas? Quais são as relações entre as mulheres?”. É um ambiente desafiador e muito hostil, mas ao mesmo tempo tem uma irmandade ali, de você se sentir protegida e tal. Então eu acho que é também pensar, se inspirar mesmo em movimentos sociais em outras áreas que a gente não olharia dentro de uma escola tradicional de Design. Para aplicar no nosso dia a dia e para fazer essa fusão. Acho que seria isso.

17:35 **Guilherme Cardoso Contini:** Obrigado, eu faço essa pergunta, porque quando a gente vai a fundo nessa literatura dentro do Brasil e específico nesse termo, no queerizar, a gente chega na Denise com muita facilidade e para além da Denise, vocês que tiveram essa conexão com ela, outras pessoas que leram Denise, acho que praticamente todos os selecionados e selecionadas, têm alguma conexão bibliográfica com ela, ou citaram ou leram. E aí eu queria muito escutar dessas pessoas, escutar

das outras pessoas, essas visões que vão complementando a da Denise ou seguindo a via da Denise.

18:16 **Guilherme Cardoso Contini:** Então você comentou desse Design que desafia normas e questões contra normativas. Talvez seja legal emendar nessa próxima pergunta. **Você já falou um pouco disso, mas se você quiser trazer algum exemplo em relação ao que você acha que falta nessa sensibilização do Design para as temáticas queer ou temáticas de gênero e sexualidade, para elas de fato acontecerem?** Tem alguma coisa que você vê assim “Putz, isso é uma coisa que eu acho que falta”?

18:55 **Nina Reis Côrtes:** Cara, eu acho que as nossas formações são... falando assim de formação mais básica, tipo graduação ou até em escolas que tem esse espaço de... que hoje em dia tem mais, né? Tipo, Cultura Maker, quer falar de Design em escola e tal. Elas são meio que a base. E a gente ainda tem currículos muito engessados, a gente ainda tem currículos muito baseados nesse Design. Tipo, “Ah, Design de Produto, vamos fazer objetos”, “Ah, Design de Serviço”, “Ah Design UX”. Eu acho que falta abrir um pouco a mente para isso.

19:30 **Nina Reis Côrtes:** De valorizar e de entender que o campo do Design pode ter outras conexões, que a gente pode falar mais de subjetividade, que a gente pode ter.. Com a Denise a gente fala muito de psicanálise. A gente lê muito Foucault. É uma galera que lê Lacan. Eu ainda não cheguei nesse nível, mas um dia chegaremos.

20:00 **Nina Reis Côrtes:** Então assim, eu acho que essas formações mais básicas, elas ainda são muito engessadas, porque a gente tá inserido numa sociedade muito normatizada e tal. Mas eu já vejo mudanças. A PUC mesmo. Eu me formei há pouco tempo consideravelmente, me formei em 2019, não tem nem 10 anos e o currículo já mudou, hoje em dia não é mais esse esquema, tem alguns eixos de estudo. Eu não sei muito bem se eu posso tá falando besteira, mas eu acho que os eixos eles têm mais possibilidades de temas, aí você pode se especializar em sustentabilidade, você pode.. Aí, tem uma parte que é corpo e alguma outra coisa que eu imagino que a Desine esteja bem presente a Isabel também, que foi a minha orientadora do TCC.

20:45 **Nina Reis Côrtes:** Então a gente já vê que tem alguns lugares que estão abrindo mais essa pauta, mas eu acho que ainda tem muita coisa. Porque a gente não tem tantas faculdades com estudos de gênero, como a gente vê lá fora, com grupos de estudo que falem mais sobre essas questões de movimento social e tal. Eu acho que a gente já caminhou. Mas ainda tem muita coisa para melhorar. E apesar de ser um pouco elitista, eu acho que é um pouco papel da academia. Porque a gente não for fazer isso dentro. Eu não sei como a gente conseguiria de fora para dentro, sabe?

21:24 **Guilherme Cardoso Contini:** Com certeza. Você citou a Isabel de novo, eu ia pedir só para você dar um nome completo para eu conseguir achar, chegar num contato e se você puder passar o contato depois.

21:47 **Nina Reis Côrtes:** Posso passar, é Isabel Moreira, ela estava fazendo doutorado com a Denise. Ela tem muito essa vibe do corpo na Moda, ela tem muito essa parte também da vestimenta e tal. É super legal, eu posso te passar também o e-mail dela.

21:59 **Guilherme Cardoso Contini:** Obrigado. Mas acho que você respondeu super bem assim. E é um desafio, né? É um desafio para nós, nessa posição de pesquisador. E a gente sabe que tem muitas amarras acadêmicas. Você comentou das estruturas das matrizes, isso é uma coisa que eu percebi, eu comecei ano passado fazendo a primeira investigação nas matrizes. E aí esse ano eu falei “Bom, vou revisitar essa investigação”, muitas mudaram em um ano, né? E aí eu refiz o estudo e é interessante que estamos mais abertos a essas disciplinas, mas, pelo que eu tô concluindo, elas estão conectadas nesses polos onde está você, onde está a Denise, onde estão essas pessoas. Em outros lugares, muitos outros lugares, não tem ainda e isso eu posso falar também da minha. A UNESP tem aberturas, mas diferente da Denise que tem a ligação direta no Design, mesmo ela sendo de fora, mas ela tá ali estabelecida na pós. Do nosso lado a gente tem professores interessados na temática, que são abertos, que trabalham, mas não pesquisam isso essencialmente.

23:06 **Guilherme Cardoso Contini:** E aí, a gente tem alguns nomes como as pessoas que eu fui me conectando, que são de fora e não tem essa conexão que a Denise tem. Então, por exemplo, nessa análise das matrizes, eu não consegui selecionar completamente também nossa universidade, UNESP e tal, com todos esses grupos, toda essa amplitude que a gente vê em outras.

23:36 **Guilherme Cardoso Contini:** E tá mudando. A gente tá inserindo, mas é legal ver onde isso acontece um pouquinho mais ou tem uma base maior. Só de ter a Denise, o Guilherme, você citou a Isabel, e outras pessoas conectadas aí no grupo já é um grande avanço. Por aqui a gente tem grupos fora do Design que a gente consegue conversar que vem muito da Psicologia. Então vem dessa linha com professores da antropologia. Então é legal enxergar essa rede de conexões.

24:09 **Guilherme Cardoso Contini:** Bom, tem duas perguntas que se conectam. Eu vou fazê-las juntas, que é te perguntar. Você já falou um pouco da parte de pesquisa. Então talvez dê para focar nessa parte dos projetos práticos. **Se você já realizou projetos práticos ou, no caso, pesquisa, que você comentou, com a temática queer e se você utilizou alguma metodologia prática do Design dentro desses projetos?** Pode ser um projeto prático, de repente, que é um tópico que você citou um pouquinho, acho que vai conectar bem.

24:45 **Nina Reis Côrtes:** No meu mestrado eu tive uma etapa de campo, que foi um campo online, por causa da pandemia, mas enfim. Porque... Eu diria que a minha grande hipótese que eu queria provar no mestrado, era de que os problemas das mulheres são estruturais e não individuais e que todo mundo passa meio pelas mesmas coisas, óbvio com recortes de raça, classe e tal. Mas que a gente tem uma unidade ali, um sofrimento, uma dor e tal. Então, desde o início eu queria fazer encontro com as mulheres.

25:26 **Nina Reis Côrtes:** Que a gente chamou de Oficinas de Sensibilização. Inclusive, tem uma outra menina, que eu não sei se chegou aí para vocês pesquisas, a Eva, que ela era do Barthes também. Eva Celem.

25:40 **Guilherme Cardoso Contini:** Chegou, ainda não consegui entrevistá-la, mas chegou.

25:43 **Nina Reis Côrtes:** Eu li muito a Eva, porque o mestrado dela foi sobre os *Consciousness-Raising Groups*, que eram os grupos de sensibilização de mulheres na década de 60, 70 anos, nos Estados Unidos, que eram rodas de conversa. E foi um grupo que surgiu muito naquela época da ascensão do Movimento Negro também. Que as mulheres começaram a perceber que existia a interseccionalidade, que as experiências tinham diferenças, apesar de terem também similaridade.

26:15 **Nina Reis Côrtes:** E aí, eu fiz oficinas com mulheres online. Eu tinha tanto a ideia de criar um grupo para que as mulheres se inscrevessem, mas aí com a pandemia e tal, ficou muito complicado de fazer isso. Eu acabei me “inserindo” em um grupo, que era um grupo de leitura de mulheres, tipo um clube do livro, mulheres de vários lugares do Brasil. Eu tinha uma conhecida que participava. E aí, eu meio que apresentei a ideia, as meninas que toparam se reuniam comigo. Eu não lembro mais de quanto tempo, acho que era de 15 em 15 dias. A gente fez uns cinco ou seis grupos.

26:57 **Nina Reis Côrtes:** E eram de 4 a 5 pessoas. E aí, eu sempre tentava trazer alguma atividade principal para o dia, que eu acho que vem muito da metodologia do Design, de uma metodologia de uma atividade. Então, teve dia que a gente fez... Eu pedi para elas pegarem revistas, a gente fazer uma colagem. Teve dia que eu pedi para elas escreverem uma carta para elas mesmas.

27:23 **Nina Reis Côrtes:** Eu não lembro mais todas as dinâmicas, mas eu tenho isso anotado também. E era muito legal, porque isso na verdade era só para dar o gatilho da conversa. E aí elas falavam muito e aí a gente super se identificava, umas nas histórias das outras. Não foi um recorte tão diverso, porque a gente tá falando aí de mulheres que tinham disponibilidade na pandemia, que tinham recurso para estar online, que estavam no clube do livro e tal. Mas mesmo assim, a gente tinha uma diferença de idade, de formação. E a gente se deu super bem, foi muito legal.

27:56 **Nina Reis Côrtes:** Eu acho que esse foi o meu grande estudo de caso, que eu me preparei para isso, para fazer essas oficinas. E aí, foi uma grande mistura do que eu via do movimento feminista enquanto organização de ambientes, de discussão, de acolhimento e do que eu via também de oficinas de Design, de você usar recorte, colagem e língua linguagem verbal e visual, para intermediar conversas.

28:26 **Nina Reis Côrtes:** Então, acho que esse foi muito satisfatório. Eu até hoje tenho as meninas no Instagram, a gente criou laços mesmo e eu via que era impactante, tinha momentos que eram mais pesados, que elas se abriam mais sobre traumas, questões de relacionamento, tinha outros momentos super divertido. E a gente realmente conseguia se identificar uma na outra assim, que era muito do que eu queria meio que provar.

33:58 **Guilherme Cardoso Contini:** Quando você pensa nessa sua trajetória, com que você pesquisou. **Na literatura do Design e na literatura queer, o que você buscou para dialogar uma coisa com a outra?** Acho que principalmente a questão da literatura do Design é o nosso desafio. A gente não tem propriamente algo Design *Queer*, o tempo inteiro, fácil, clássicos da literatura do Design para a gente trabalhar. Mas o que que você usou, de um campo e de outro, que que vem em mente?

34:54 **Nina Reis Côrtes:** No Design eu usei muito aquele livro do Adrian Forty. Não lembro, é *Os Fundamentos do Design*¹? Fala uma coisa assim. Que é muito a parte da Revolução Industrial, que é um livro que o Alberto Cipiniuk, que compartilhava o laboratório com a Denise, ele tinha uma disciplina que a gente lia o livro todo com ele, um capítulo por semana. E como a gente tinha muito esse posicionamento também, de fazer uma leitura anticapitalista do Design, de certa forma, a gente usava muito para contrapor. Porque ele trazia muito esses argumentos de que o Design surgiu na Revolução Industrial, que o design surgiu para facilitar esses processos de padronização, de linha de montagem e tal. Porque acho que tem um pouco essa glamourização também, que o designer não se vê muito como trabalhador, que é uma coisa bizarra, então a gente usava muito ele para trazer esses pontos.

35:38 **Nina Reis Côrtes:** E até esses pontos antes capitalistas de “Será que as intenções realmente foram para o bem da sociedade, para diminuir o tempo das coisas ou não, né?”. Eu lembro que a gente tinha super um debate de um capítulo que falava da criação do aspirador de pó. Será que ele realmente veio para ajudar quem fazia faxina? Quem que faz a faxina, que normalmente é a mulher. Enfim, então tinham vários pontos sobre ele.

36:05 **Nina Reis Côrtes:** Eu acho que falando desse encontro do Design com a Teoria *Queer*, é a Denise, não tenho muitas referências além dela. Ela realmente é

¹ Apesar de citar o livro *Os Fundamentos do Design*, ele não é do Adrian Forty. Provavelmente estava se referindo ao livro *Objetos de Desejo*.

maravilhosa, uma grande inspiração. E aí falando de estudos de gênero e tal, eu acho a *História da Sexualidade* do Foucault, muito importante. Eu não li todos ainda. Eu acho que, eu não li o 3, eu li o 1 e o 2, eu não li o 3, li uma parte do 4. A gente tinha um grupo de estudo só para ler a *História da Sexualidade* que a gente se encontrava até em paralelo com Barthes.

36:42 **Nina Reis Côrtes:** E eu acho que é aquele livro que você pode ler mil vezes, cada vez você vai ler de um jeito e vai entender determinadas coisas e tal. Eu li também algumas coisas da Judith Butler, que eu acho que nessa parte da Teoria *Queer* também ajuda bastante. E acho que bem se fala isso, eu li muita coisa de educação também, foi até aí que eu me aproximei mais do Guilherme, porque o Gui ele é muito parceiro da Denise e ele tá na ESDI, que é a faculdade de Design da UERJ, que eu também amo, eu acho que eles têm um núcleo muito bom, em vários grupos de pesquisa muito bons, e eles tem esse lado bem forte da educação.

37:28 **Nina Reis Côrtes:** A gente tinha alguns espaços de disciplinas externas no mestrado e eu fiz duas matérias lá de educação. Que eu também tentava conectar um pouco, até para trazer essa educação contra normativa, eu acho que tudo dialoga muito. E aí na ESDI, eu li algumas coisas sobre isso e eu fiz as duas matérias foram, não sei se você conhece, a Bárbara Szaniecki. Ela é muito legal também, ela fala muito de arquitetura, ela fala muito de arquitetura urbana, da estrutura das cidades. Ela foi da minha banca, ela e o Cadu, da PUC. E ela tinha muito também, essa abertura sabe para esses estudos mais de gênero.

38:29 **Nina Reis Côrtes:** E aí eu conversei muito com ela na ESDI, com Ricardo Artur, que eu não sei se você conhece também. E a Bárbara, a Bárbara é bem voltada para educação, nem lembro sobrenome dela, é mais uma vibe de Design e Escola e tal. Acho que a matéria inclusive se chamava Design e Escola. E eu bebi muito da fonte dos Movimentos Feministas. Eu li muito a Verónica Gago, que eu não sei se você conhece, é uma autora Argentina, que fala muito do... Eu acho o Movimento Feminista da Argentina, tipo assim, inspiração, acho que a gente vai chegar lá.

38:57 **Nina Reis Côrtes:** E ela tem um livro que eu amo, que eu usei muito, que é *A Potência Feminista ou o Desejo de Transformar Tudo*. Ela fala muito do dia a dia mesmo e eu me reconhecia muito, porque eu vivia isso aqui também. Inclusive quando eu terminei o mestrado, eu tinha a intenção de emendar no doutorado, mas ao mesmo tempo eu estava cansada, de conseguir ler, absorver e tal. E eu tava pensando muito em ir para Argentina, porque eu acho muito demais. E eu acho que eu ainda tenho essa ideia. Talvez em algum momento da vida role, de estudar sobre o trabalho de cuidado das mulheres. E a Verónica Gago faz muito essa conexão com a dívida, a Teoria da Dívida, Dívida na Economia.

39:39 **Nina Reis Côrtes:** Eu lembro que eu cheguei a trocar até e-mail com ela e tal. Porque ela dá aula na faculdade. E eu acho que isso é um projeto que talvez ainda consiga quando for menos escrava do mundo corporativo. Vamos ver.

39:57 **Guilherme Cardoso Contini:** Obrigado por compartilhar essas referências, essa história e com certeza sempre é tempo. É difícil a gente se livrar dessas amarras do corporativo, do capitalismo, dessa roda toda, mas eu acho que sempre é tempo. Eu acho que é um campo muito legal. Acho que é uma ideia muito boa, então vou torcer para que dê certo. E a última pergunta. Acho que ela traz essa reflexão final **do que você espera desse futuro da relação entre Design Queer? O que que você tem de expectativa?**

40:38 **Nina Reis Côrtes:** Ah, eu acho que é um pouco do que a gente falou, de que a gente consiga se desamarrar mesmo dessa estrutura. Eu acho que é isso. A gente já vê evoluções em pouco tempo. Isso que você falou, que você viu os currículos, em um ano as coisas mudam e as faculdades de forma geral também estão tentando se atualizar. Eu sou uma pessoa muito otimista. Eu tenho um irmão, um adolescente de 16 anos e eu lembro que um professor de História dele me chamou para ir na aula falar sobre o Movimento Feminista, as meninas na época, elas tinham entre 13 e 14, super engajadas e tal. Eu acho que a gente tem uma nova geração por vir que tem muita...

41:22 **Nina Reis Côrtes:** Ah, eu acho que é um pouco do que a gente falou, de que a gente consiga se desamarrar mesmo dessa estrutura. Eu acho que é isso. A gente já vê evoluções em pouco tempo. Isso que você falou, que você viu os currículos, em um ano as coisas mudam e as faculdades de forma geral também estão tentando se atualizar. Eu sou uma pessoa muito otimista. Eu tenho um irmão, um adolescente de 16 anos e eu lembro que um professor de História dele me chamou para ir na aula falar sobre o Movimento Feminista, as meninas na época, elas tinham entre 13 e 14, super engajadas e tal. Eu acho que a gente tem uma nova geração por vir que tem muita muita, eu acho que é um sopro de esperança assim, eu acho que isso vai se mostrando, reverberando em todos os aspectos, da educação escolar que a gente já vê sendo mais falado, nos currículos acadêmicos e tal. Então, eu acho que o futuro é que isso vá sendo cada vez mais levado em consideração, a gente vá abrindo esses espaços para as pessoas sensibilizarem, debaterem. Tem um lado difícil, de perseguição, de ódio mesmo. Enfim, todo o cenário político, a gente sabe que isso também está diretamente ligado, na aceitação dessas matérias e tal. Acho que a gente já viveu muita coisa aí.

42:02 **Nina Reis Côrtes:** Mas eu acho que no geral eu sou otimista, eu acho que é isso, a gente que tá dentro, continuar pesquisando, publicando, se conectando com as pessoas, fazendo os eventos e abrindo esse espaço, porque é isso, atinge pessoas que podem se interessar, e vão querer também estudar. Isso vai furando a bolha com o tempo. Que eu acho que tem... A gente sempre falava isso também, tem que

começar de dentro, porque não existe um fora, então você tem que fazer, nunca vai ter também um momento perfeito para ser feito e é isso.

42:39 **Guilherme Cardoso Contini:** Obrigado, obrigado mesmo por ter respondido o desafio dessa pergunta. Mas que legal que você tem essa visão otimista. A gente sabe que tem complexidades, enfrentamentos, muita dificuldade, mas essa visão que você trouxe da participação ali, da sua fala com as meninas, adolescentes jovens e como tem uma preocupação maior delas em estar presente no movimento nas discussões e fazendo valer falas e posicionamentos. Enfim, eu acho que mostra uma ponta de esperança, de que isso vai mudar, a gente vai ter uma crescente.

43:23 **Guilherme Cardoso Contini:** Bom, para registrar aqui, te agradecer novamente por ter topado, dedicado seu tempo, o almoço, do dia a dia corrido para estar aqui falando comigo, eu vou te passar o termo assinado também, ao final da pesquisa, vou dar acesso, falar sobre o resultado, deixar vocês informados/informadas sobre o andamento. Se você tiver interesse em receber o link da gravação, eu posso te mandar, ou a transcrição também. Vai passar por revisão, talvez demore um pouquinho, mas eu posso te mandar, se tiver interesse para armazenar também. Queria te agradecer muito por participar e foi uma honra estar conversando com você e sabendo um pouco mais da trajetória.

44:12 **Nina Reis Côrtes:** Ah, obrigada, eu fiquei super feliz, como eu te falei, eu não esperava. Eu acho que eu tô muito enferrujada. Se a nossa conversa tivesse sido mais perto da pesquisa, eu acho que eu ia estar mais inspirada, porque eu tô muito parada assim. Não consegui engatar em nenhuma leitura desde que eu terminei o mestrado. Acho que eu tô meio... Mas, enfim, eu quero super ler a pesquisa no final e eu vou te passar esses contatos que eu te falei. Vou pegar meu TCC também e daí eu te mando tudo junto.

44:38 **Guilherme Cardoso Contini:** Combinado, muito obrigado, Nina. Bom fim de almoço, bom trabalho. Obrigada por participar.

44:39 **Nina Reis Côrtes:** Obrigada, para você também. Tchau, beijo.

44:49 **Guilherme Cardoso Contini:** Tchau.

Entrevista Simão Marcos Apocalypse

Data da entrevista: 01 de outubro de 2025

Duração da entrevista: 57 minutos

Participantes: Simão Marcos Apocalypse, Guilherme Cardoso Contini

Transcrição

00:00 **Guilherme Cardoso Contini:** Queria te agradecer, Simão, por topa participar, poder dedicar um tempo aí tão corrido do dia, e conseguir tá aqui conversando comigo, contribuindo para a pesquisa. Então, fica aqui o meu muito obrigado aí por você participar da pesquisa.

00:22 **Simão Marcos Apocalypse:** Eu que agradeço o convite, Guilherme, e tô aberto aí pro que você precisar.

00:29 **Guilherme Cardoso Contini:** Muito obrigado! Eu vou começar com as perguntas. Tem aquelas perguntas que são mais técnicas pra gente deixar registrado. Então, vou começar com elas e aí depois a gente vai passando para as outras. Eu vou de vez em quando fechar o meu microfone só para nenhum barulho meu te atrapalhar, enfim, e vou tentar não interromper tanto também, porque acho que o foco é a sua fala. Mas a gente vai conversando à medida que você for trazendo os tópicos, eu também vou contribuindo um pouquinho.

00:58 **Simão Marcos Apocalypse:** Eu peço que se você tiver alguma curiosidade específica, você vai indagando também, porque às vezes a gente fala, às vezes a gente acaba sendo meio sucinto, se você quiser saber algo específico pode me interromper e perguntar, beleza?

01:14 **Guilherme Cardoso Contini:** Combinado, obrigado. Bom acho que para começar, só para registro para gravação, eu queria pedir para você repetir seu nome completo e confirmar se você autoriza gravar, se você concorda com os termos da pesquisa e topa participar da entrevista.

01:30 **Simão Marcos Apocalypse:** Meu nome é Simão Marcos Apocalypse, eu autorizo a gravação e a transcrição dessa entrevista, e eu concordo com os termos e condições para que ela seja realizada.

01:48 **Guilherme Cardoso Contini:** Simão, muito obrigado. Ainda nessas perguntas um pouco mais de dados assim, para a gente conseguir visualizar esse cenário da minha pesquisa, queria saber um pouquinho mais sobre a sua formação. **Então que você contasse um pouquinho da sua formação e explorasse, falasse sobre a universidade, o programa de pós-graduação que você faz, se você dá aula ou não.** Acho que integrar um pouquinho essas perguntas mais técnicas para a gente ter o registro sobre você um pouquinho melhor.

02:18 **Simão Marcos Apocalypse:** Eu sou formado em biblioteconomia, inclusive, já conversei com pessoas do Design que acharam curioso, né? A gente tem um pézinho aí nessa área do Design, às vezes parece que não tem muita relação, mas tem. Então minha formação inicial é biblioteconomia. Eu fiz mestrado no programa de pós-graduação em ciência da informação na UNESP de Marília, que é um programa de pós-graduação interdisciplinar, por ser interdisciplinar a gente acaba recebendo pesquisadores de diversas áreas, inclusive no meu grupo de pesquisa, nós tínhamos pesquisadores que vinham da área do Design. Ainda temos pesquisadores que vêm de outras áreas, eu integro o Laboratório de Pesquisa em *Design e Recuperação da Informação*, que fica sob responsabilidade da professora Maria José Vicentini Jorente, que é minha orientadora atualmente, e o interesse principal pela área do Design vem da professora Maria José. Ela descobriu assim, eu não sei se é assim que eu posso dizer, mas ela teve esse interesse pela área do Design a um bom tempo já que ela pesquisa, ela já é uma referência na área e as demais pesquisas que derivam desse grupo de pesquisa tentam relacionar o Design com algum tema de interesse, do pesquisador, do orientando quando ele chega no grupo.

03:52 **Guilherme Cardoso Contini:** Obrigado Simão. É muito interessante você trazer essa questão da formação, acho que é um ponto muito legal e quando eu tive contato com suas pesquisas e cheguei no seu nome, no nome da Maria José, eu achei muito legal que vocês não eram originalmente do Design, porque o que é interessante nisso assim, que o Design é essa área aberta e naturalmente interdisciplinar, transdisciplinar, só que nem sempre as pessoas se conectam com ele, né? E eu achei muito legal que o nome de vocês apareceu bastante durante a pesquisa, mesmo vocês não sendo da área do Design, mas estando nessa interlocução com Design, o que é igualmente importante para a área, para pesquisa, e eu também vim de um mestrado num programa interdisciplinar, então é uma característica muito interessante. Igual você comentou, o quanto a gente se conecta com pessoas de outras áreas e pode participar nesses laboratórios desses projetos em comum, e interessante também saber de você dessa iniciativa da Maria José, que não tá aqui com a gente na entrevista, você já explicou acho, que o grande foco da pesquisa vem do que você desenvolvia com o suporte da professora, e mesmo ela não podendo participar eu sei que ela tá, vamos dizer assim, que suas palavras contemplam, o que vocês desenvolveram juntos, então está igualmente válido para entrevista. Já fica agradecimento para sua participação com o apoio também da professora Maria José. Então muito legal saber dessa interlocução de área, eu acho que isso vai ajudar a conduzir um pouco assim entrevista que algumas perguntas, elas vão no cerne aí de algumas questões e dificuldades do Design que eu acho que quem vem de fora e trabalha com Design tem uma

aproximação interessante assim. Acho que traz contribuições super interessantes também.

5:59 **Guilherme Cardoso Contini:** Vou começar uma lista de perguntas que elas são comuns aos entrevistados. Às vezes a gente tem um tempinho no final para falar específico sobre alguma questão dos projetos em si, mas muitas vezes durante a fala os entrevistados já vão incorporando essas falas sobre si, sobre os projetos e nem sempre é preciso entrar em questões específicas, às vezes durante as perguntas, eu vou complementando alguma curiosidade que eu acho importante saber para minha pesquisa também. Então acho que dá para a gente iniciar e sabendo que você vem de uma outra área, vou fazer algumas adaptações às vezes na fala, às vezes eu me refiro que a pessoa é da área do Design, então dá para fazer essas pequenas adaptações.

06:46 **Guilherme Cardoso Contini:** Queria saber então um pouquinho dentro dessa sua trajetória, quanto pesquisador se **você sempre pesquisou os estudos queer, ou estudos de gênero e sexualidade com olhar para o Design, da sua área então olhando para o Design ou teve algum ponto de virada na sua pesquisa, ou na sua trajetória acadêmica, em alguns casos até trajetória profissional?**

07:11 **Simão Marcos Apocalypse:** Essa pergunta é ampla, é difícil de responder, mas a gente tenta condensar. Quando eu iniciei na minha graduação lá em 2017 em biblioteconomia, eu já tinha um grande interesse assim pela área da pesquisa, e logo no primeiro ano a gente conheceu a professora Maria José, e aí no laboratório que eu fui ter o contato com a área do Design assim especificamente. Ela defende uma perspectiva que Design e Informação são intrinsecamente conectados, e que os ambientes de informação, especificamente, ela trata os ambientes digitais, na web, eles são construídos através de camadas, e ela traz alguns autores aí que subsidiam esse entendimento dela, então a gente trabalha que essas camadas desses ambientes, eles são do abstrato para o concreto, né? Então isso tudo é Design, isso tudo é um pensamento de Design, e até uma crítica que ela apresenta assim é que não tem como pensar a construção disso sem pensar em Design. E essa é a perspectiva de pesquisa dela. Inclusive ela relaciona, em alguns momentos o Design com a curadoria digital, que ela vai tratar dessa parte mais técnica, que existe uma curadoria ali da informação digital e que o Design vem em camadas, a gente tem uma camada que tá a curadoria, tem a camada do Design, mas tudo isso seria o Design também, o pensamento do Design, e do Design da informação.

09:06 **Simão Marcos Apocalypse:** Nesse contexto eu entro no laboratório, um jovem sonhador lá em 2017, por questões pessoais e aí enfim, um desejo também, porque eu acho que quando a gente entra no universo da pesquisa, a gente tem um desejo, um fôlego que nos leva a pesquisar, porque senão a gente desiste, porque a gente sabe como a pesquisa no Brasil ela é árdua, quanto é difícil, o quanto não é valorizado. Então existe um, tem que existir uma chama interna ali pessoal que nos motive, e a minha chama interna pessoal era estudar os estudos de gênero e sexualidade, estudos *queer*, estudos *LGBT*, não sabia muito bem como chamar na época. E logo no primeiro ano, eu entrei no

laboratório e a ela faz uma reunião com os novos orientandos e ela pondera, ela fala assim, “olha eu tenho essa linha de pesquisa, eu pesquiso isso, isso, isso. Qual que é seu interesse de pesquisa? Como que a gente pode juntar essas duas coisas? Como que a gente pode construir algo em conjunto no *Laboratório de Design, Pesquisa e Recuperação da Informação* que é o *LADRI*.”

10:30 **Simão Marcos Apocalypse:** E aí disso nasceu um projeto inicial bem embrionário ainda, no qual eu tive interesse de estudar a primeira produção científica sobre a temática *LGBT*, lá em 2017 a gente chamava de *LGBT*, e a produção a gente trabalhava mais com a produção cinzenta, que era a produção de dissertações e teses, e trabalho de conclusão de curso disponíveis no repositório digital. Então queria trabalhar com as produções científicas sobre essas temáticas, e aí eu relacionava isso no campo da Biblioteconomia e Ciência da Informação com movimento de livre acesso à informação, da importância que essa informação cumprisse esse papel social, chegasse até a sociedade e como Design poderia auxiliar nisso, porque eu achava o Design dos repositórios muito ruins, dos repositórios institucionais, muito difícil de encontrar informação ali. Então era uma perspectiva aqui de um lado uma perspectiva teórica, de livre acesso à informação, de compartilhamento da informação com a sociedade, mas aqui a gente tinha uma ferramenta muito ruim, que nem se a pessoa fosse pesquisadora, às vezes ela conseguiria encontrar informação, e aí eu colocava o Design no meio assim como uma ponte para interligar isso. E logo no primeiro ano, eu tive a graça de conseguir uma bolsa FAPESP com esse projeto, isso me ajudou muito financeiramente, porque a gente sabe que não é fácil permanecer na universidade, e aí eu continuei com essa bolsa pesquisando repositório institucional e Design da Informação e Informação LGBTQIA+. E aí nessa pesquisa eu trouxe estratégias e ferramentas do Design que poderiam auxiliar que essa informação fosse acessada com mais facilidade, ou fosse compartilhada, melhor compartilhada, podemos dizer.

12:33 **Simão Marcos Apocalypse:** Eu segui com essa pesquisa até me formar na graduação em biblioteconomia, porque isso está dentro da área da Biblioteconomia, a gente está falando de acesso à informação e a gente está falando de Design, então é muito curioso também como a gente consegue associar isso. Inclusive fazendo um paralelo, que eu tenho uma amiga que ela pesquisa o Design da Informação relacionado a perspectiva de gênero, então ela também traz isso dentro da Biblioteconomia, da Ciência da Informação, do acesso à informação, ela vai falar da informação de gênero e a importância do Design para que essa informação seja melhor recuperada, acessada e compartilhada.

13:13 **Simão Marcos Apocalypse:** Bom, aí eu cheguei na minha, me formei na graduação fiz o TCC sobre essa temática, publiquei alguns artigos falando sobre Design e repositórios, analisando os repositórios na perspectiva do Design, mas eu não conseguia ali encaixar muito a temática de Gênero e Sexualidade, ela parecia, mas ela parecia enquanto algo secundário na pesquisa, então tipo a parte principal da minha pesquisa eram os repositórios e o Design dos repositórios, a parte é que me dava fôlego para pesquisa ficou em segundo lugar. Aí dando continuidade, tive essa bolsa até o final da graduação, aí entrei no,

terminando a graduação logo em seguida, eu já emendei o mestrado, já entrei junto no mestrado assim foi bem colado, não dei tempo nem nada, foi na época da pandemia, “então vamos fazer, vamos fazer tudo de uma vez.” Aí no mestrado, eu já entrei com um projeto mais maduro, e tudo mais e muito mais voltado para as questões de gênero e sexualidade. E aí eu consegui trazer um projeto muito mais alinhado com o que eu queria e também alinhado com as perspectivas das pesquisas que a professora mantinha no programa de pós-graduação.

14:43 **Simão Marcos Apocalypse:** Então pro mestrado trouxe uma análise de ambientes de informação voltados para temática de Gênero e Sexualidade ou *LGBTQIA+*, então eu trouxe esses ambientes de informação que hoje em dia são muitos, a *web* possibilitou isso, a criação de múltiplos ambientes voltados para diversas áreas, inclusive ambientes que onde afloram o ativismo de diversas perspectivas, aí a gente vê diversos grupos se movimentando através dos recursos da *web* e eu trouxe especificamente esses ambientes relacionados a temática *LGBTQIA+*, e quais seriam as características desses ambientes na perspectiva do Design. Então era uma coisa mais de Experiência do Usuário, aí eu trouxe também a Experiência do Usuário para minha pesquisa, e a gente vai pesquisando, a gente vai emendando uma coisa em outra, vai encontrando uma coisa, uma coisa ali, aí eu tive a oportunidade, a gente teve a oportunidade de participar do CIDI, que é o evento do SBDI, da Associação Brasileira de Design da informação, foi muito bacana, o nosso grupo de pesquisa, foi com vários trabalhos, a gente tem essa tradição de ir para o CIDI, que é muito interessante, a gente gosta muito de trocar lá, porque lá a gente vê muita coisa, muita gente que vem do Design mesmo, do duro, muita coisa bem prática e a gente chega com essa perspectiva mais teórica, mais vindo de outra área, um pouco mais diferente, então a gente consegue ter uma conversa legal, é bem interessante. E o meu mestrado foi basicamente sobre isso, trazer até os elementos imagéticos, sabe? A questão da bandeira do arco-íris, a questão das cores, a questão das representações sógnicas que advém dessa cultura *LGBTQIA+* e que fazem com que a gente identifique essa informação com mais rapidez, que no caso na pesquisa eu atribui isso como recursos do Design, recursos de Design para apropriação da informação, porque não adianta nada a gente só disponibilizar informação, como eu falei anteriormente, não adianta a gente jogar numa base de dados lá a informação, a gente precisa trazer recursos para que essa informação seja apropriada. Então essa foi a perspectiva que eu trouxe na minha dissertação, e agora eu venho para o doutorado, ainda com a mesma orientadora, juntei o doutorado e o mestrado. No doutorado já vem com outra perspectiva, eu também saí do núcleo da Universidade, hoje em dia eu trabalho, então isso muda completamente nossa vida de pesquisador, tem que conciliar o trabalho e a pesquisa, mas foi bastante interessante também ter esse contato com o trabalho assim, a prática, sou bibliotecário, atuo como bibliotecário e essa prática também traz novas perspectivas para nossa pesquisa.

17:54 **Simão Marcos Apocalypse:** Atualmente eu tenho um projeto, o meu projeto ele busca, sintetizando, é amplo, eu busco identificar ambientes de Informação, Cultura e Memória, e aí eu falo de bibliotecas, arquivos e museus, e também ambientes alternativos, porque a gente sabe que existe uma... Tem um autor que vai falar que existe uma *LGBTfobia* museológica, né? A gente não

consegue encontrar às vezes, as dissidências nos museus, nos ambientes institucionais, então às vezes, o que eu identifiquei na minha pesquisa e tô identificando é que existem diversas iniciativas de compartilhamento da informação da cultura e da memória não institucionais, porque ela surge em contraposição a essa perspectiva institucional, imperialista, que traz essa lógica monocultural, essa lógica europeia, então principalmente aqui na América Latina. Eu trabalho com isso no meu projeto, trago os países da América Latina, a gente vê diversas iniciativas, que eu até chamo, não sei se eu posso chamar ainda, ainda tô estudando, mas tipo uma forma de contravenção assim, a gente vem dessa cultura, que ela vem, que ela é imposta, que ela vem de cima para baixo, e a gente vê um movimento de que vem de baixo para cima, trazendo esses novos ambientes.

19:32 **Simão Marcos Apocalypse:** E aí eu saí um pouquinho da temática do Design, mas não saí, durante uma parte da minha pesquisa eu saí, porque era essa parte mais de de buscar essa perspectiva, de buscar esses ambientes, identificar a existência deles, e uma das características que eu identifiquei é que a maioria deles prevalece muito mais no digital, no ambiente de estudo virtual, do que no presencial até pela facilidade de criar um ambiente digital. E aí a gente tem diversas iniciativas, a gente tem diversos museus digitais que surgiram aí, a gente tem museu travesti, museu de arte *queer*, a gente tem diversas iniciativas que elas surgem no digital, e aí eu entro com Design de novo, porque no digital eu me sinto mais à vontade para trazer essa perspectiva. Então como que o Design pode auxiliar esses ambientes. Como que o Design pode transformar esses ambientes e fazer com que eles se tornem mais interoperáveis, mais acessíveis, sejam mais divulgados, tenham mais visibilidade e atinjam Uma camada da população maior assim, se assim por dizer. Eu acho que minha trajetória acadêmica vem mais ou menos nisso assim, a trajetória acadêmica, ela é meio fluida, né? Então às vezes a gente vai, um pouco pra cá, a gente vai um pouco para lá, e uma coisa também que eu não, vou responder nas pesquisas posteriores, aí a gente vai entrar nesse outro tema que eu ia falar...

21:07 **Guilherme Cardoso Contini:** Muito legal você trazer esse resgate da sua trajetória, sensacional assim e como você foi costurando essa temática com a sua área de origem, vamos dizer assim, onde você se gradua e onde você continua atuando, mas se aproxima do Design da Informação. Você comentou do CIDI, que realmente é um congresso sensacional para essa discussão, para conectar todas as nossas pesquisas, e eu estive no CIDI recentemente nessas últimas semanas.

21:48 **Simão Marcos Apocalypse:** Inclusive acho que eu vi um trabalho seu do CIDI, muito interessante.

21:50 **Guilherme Cardoso Contini:** Ai que bom, que bom que você gostou. Eu com uns colegas que abraçaram a pesquisa junto comigo, fizemos um recorte assim dessa análise, de olhar então para o Design da Informação e enxergar onde que estão as convergências, o que que foi falado. E o que a gente descobre é que nos últimos cinco anos poucas publicações que passavam por questões de gênero, e questões de Design da Informação aconteceram em periódicos de Design da informação, a gente chega em algumas muito interessantes, mas

pensando em outras áreas até do Design que a gente tem uma enxurrada de pesquisas ao mesmo tempo, parece que essas pesquisas que tangenciam o gênero elas ficam um pouco escondidas às vezes, e a gente tem que sempre tá mapeando assim, então foi um contexto interessante que a gente quis rapidamente analisar e que completou um pouquinho desses 15 anos de análise que eu tenho feito, ainda que com enfoque nos estudos *queer* mais direcionado. Mas muito legal saber dessa trajetória de pesquisa e das correlações que você foi fazendo, o Design, ele tá presente nas suas pesquisas e acho que o fato da gente ter essas pesquisas sistemáticas com uma estrutura bem robusta, de ter que buscar a palavra-chave específicas, às vezes a gente acaba perdendo algumas pesquisas importantes no trajeto que os entrevistados têm trazido, mas legal saber que a sua pesquisa não se perde nessas nossas palavras-chaves do Design, e você e a Maria José fazem parte desse núcleo junto com os outros entrevistados nessa seleção muito importante.

23:44 **Guilherme Cardoso Contini:** Eu vou continuar aqui as perguntas e aí a gente vai moldando conforme o projeto, andamento. Como eu tenho um grande enfoque com a parte dos estudos *queer*, a próxima pergunta tem um tom mais específico, mas dependendo da sua resposta, do sim ou do não, eu posso trazer uma definição e a gente contextualiza, acho que isso pode gerar um trecho legal assim de conversa. **Queria saber se vocês já tiveram contato com o termo *Queerização do Design*?**

24:20 **Simão Marcos Apocalypse:** Nas minhas pesquisas eu já vi esse termo, já passei por ele, mas eu acho que nessa pesquisa eu respondo o que eu ia adentrar anteriormente. Quando eu adentrei assim, nessa perspectiva mais latina, pesquisando esses ambientes de informação LGBTQIAPN+ latinos aí, essa construção desses ambientes também, fui pesquisar recursos informacionais teóricos sobre esses ambientes, eu me deparei com o conceito de Dissidência Sexual e de Gênero, então, se for ver eu acho que na minha dissertação ou em pesquisas anteriores, eu até chego mencionar a questão, o termo *queer*, utilizar o termo *queer* em alguns momentos, falar brevemente sobre a perspectiva *queer*, mas após esse percurso assim, desse trajeto doutorado, eu me afastei do termo *queer*. Tem um autor chamado *Leandro Colling*, que ele é um pesquisador, eu participei de um minicurso dele em algum momento que eu não lembro agora qual é, e tive contato com as pesquisas dele, ele vai trazer essa perspectiva da *Dissidência Sexual e de Gênero* que ele vai trabalhar. Ele cita um autor, que eu não vou lembrar agora a nacionalidade dele, mas ele é latino, não sei é mexicano, ou chileno, enfim, não vou lembrar agora, mas ele é latino, ele cita um autor e esse autor traz a perspectiva que o termo de *Dissidência Sexual e de Gênero*, ele nos afasta da perspectiva institucional que se tornou o termo *Diversidade Sexual*, que virou algo meio institucionalizado, e ele também nos afasta um pouco dessa perspectiva norte-americana do *queer*, que é uma coisa americanizada que ainda vem numa perspectiva de que “ó, tomem, é isso”. Não sei se eu me fiz claro, tipo “é dessa forma”, ele vai trazer essa perspectiva da *Dissidência Sexual* como um movimento até decolonial assim. E eu achei muito interessante, eu achei muito bacana essa perspectiva da *Dissidência Sexual*, então nos meus últimos estudos que eu tenho feito recentemente, eu abandonei assim o termo *queer*, não abandonei claro, na pesquisa a gente não abandona nada, mas eu transitei, vamos dizer assim,

nesse momento entre as nomenclaturas dentre os termos que a gente utiliza, eu transitei, lá atrás eu utilizava *LGBT*, depois eu utilizei um pouco o *queer* e agora no momento eu utilizo *Dissidência Sexual e de Gênero*. Então, eu vi o termo *queerização*, inclusive eu vi em outros contextos, não somente no Design, mas por conta de eu estar mergulhado nessa perspectiva *Dissidência Sexual e de Gênero*, eu não adentrei nele. Não sei se eu respondi.

27:54 **Guilherme Cardoso Contini:** Respondeu, respondeu sim. Eu acho que esse termo *queerização*, ele veio para o Design recentemente, mais ou menos acaba coincidindo um pouco com as nossas trajetórias de pesquisa, tanto eu quanto você temos ali mais ou menos os mesmos anos, os mesmos períodos de maturidade de pesquisa, de graduação, mestrado, doutorado e mais ou menos ali de 2017 para 2018 esse termo começa a se fortalecer no Design, mas nesse sentido que você explicou mesmo, de fazer esse olhar para as dissidências. Eu acho que dentro dos estudos de gênero, dos estudos *queer*, a gente tem um emaranhado de significados e palavras e termos que às vezes a gente tem que trazer para o nosso português, e abraçar, e defender esse lado brasileiro e até essa perspectiva latino-americana sobre a área, se desvencilhando um pouco do americanizado do termo, né?

28:54 **Simão Marcos Apocalypse:** E é muito difícil, inclusive a recuperação de pesquisas, porque às vezes utilizou um termo que não está sendo mais utilizado, então às vezes é até uma dificuldade de estabelecer palavras-chaves, fazer a indexação que hoje em dia como bibliotecária eu faço indexação de trabalhos acadêmicos, fazer indexação de trabalhos, porque é difícil, porque fica muito... Claro que com a evolução da pesquisa, as coisas vão mudando com certeza, mas é algo que tá aí inclusive a se discutir, eu acho. Tecnicamente.

29:35 **Guilherme Cardoso Contini:** Com certeza. A situação é que a gente ainda não tem uma unanimidade terminológica assim, temos uma maturidade terminológica, Com certeza, porque a gente vem avançando na discussão, mas talvez não tenhamos uma unanimidade ainda assim, e isso também é positivo. Acho que vai gerar mais discussão e mais pesquisa igual você comentou, vai fazer com que a gente potencialize isso cada vez mais daqui para frente e por ser uma, é assim, o que eu vou falar tá bem relacionado a perspectiva do Design, por ser uma aproximação ainda jovem, vamos dizer, com as questões de gênero, que a gente sabe que em outras áreas isso já acontece há anos, mas no Design ainda é um pouco tímido assim, então por ser relativamente recente, eu acredito e eu tenho visto assim, esse potencial da gente conseguir evoluir, sei lá, em um, dois, três, até cinco anos, um período relativamente curto, muita produção. E é isso que eu tenho visto nesse recorte assim, quando eu revisei a minha revisão, olhando para 2025, já foi um montante muito diferente do que 2024, né? Então esse termo para o Design faz parte desse olhar sobre as dissidências que você comentou, sobre essa sensibilização assim.

31:00 **Simão Marcos Apocalypse:** Nossa, isso é muito real. Eu lembro quando eu fiz a minha primeira coleta de dados no repositório da UNESP, a gente recuperou cerca de, sei lá, uns 300 trabalhos falando sobre a temática, sobre diversidade *LGBTQIA+* que utilizei com o termo lá, cerca de 300 trabalhos,

depois de um ano eu fiz de novo a busca e tinha triplicado a quantidade assim, foi uma explosão lá em 2017, né?

31:23 **Guilherme Cardoso Contini:** Não, com certeza. E aí continuando nas perguntas, a pergunta seguinte eu imagino que já foi respondida assim, que você falou um pouquinho dessa *queerização*, dessa sensibilização para as temáticas dissidentes dentro dos projetos que você analisou, dessa trajetória de pesquisa, então acho que a gente pode avançar um pouco em relação a essa pergunta. Eu faço uma pergunta que ela é dupla assim, que aí primeira pergunta sobre a pesquisa, eu acho que essa parte você respondeu bem e aí só para me certificar, que muitas vezes as pessoas quando se aproximam do Design, às vezes do Design da informação, de áreas correlatas, têm além das pesquisas algum projeto prático. **Então não posso deixar de te perguntar se associado às pesquisas, você tem algum projeto prático sobre as temáticas de gênero que vale acrescentar? E aí olhando para a prática e pesquisa, que metodologias assim você utilizou então do Design da Informação como algo relevante para sua pesquisa com temática de gênero.**

33:18 **Simão Marcos Apocalypse:** Pergunta difícil. Bom, estudos práticos, não sei se a gente pode chamar de prático, mas durante a minha caminhada aí no mestrado, eu tentei cruzar, que no meu grupo de pesquisa a gente usa também a metodologia *Design Thinking*, e foi para minha experiência, foi muito interessante cruzar o *Design Thinking* com a perspectiva de Design da Informação que a gente trabalhava, porque ela permitia que a gente explorasse a construção, e aí a construção de... no Design de vocês, né no Design, é quem é do Design chama de produto, né? Desculpa, não sei se você veio do Design na graduação. Você é graduado em Design?

34:14 **Guilherme Cardoso Contini:** Sim, vim do Design Gráfico.

34:16 **Simão Marcos Apocalypse:** Então chama de produto, né? Então a gente consegue ter como se fosse uma, a própria metodologia do *Design Thinking* já é, a gente já coloca lá, a abordagem pelo menos que a gente traz, porque tem inúmeras abordagens do *Design Thinking* também, como uma linha do tempo, e a gente consegue perpassar do abstrato até o prático, ou até o produto assim dizer, e isso funciona de forma onde há uma constante, uma constante... A gente tá fazendo, tá revisando, tá testando, fazendo, revisando e testando, fazendo, revisando e testando, o produto ele tá sempre em construção, ele está sempre sendo revisitado, testado, avaliado. Cruzando isso com a Experiência do Usuário fez todo sentido na minha pesquisa, porque também é essa perspectiva de que a gente faça, teste e que isso seja sempre revisitado, a gente chama no nosso grupo, que a gente trabalha sempre com *redesign*, a gente faz o Design, a gente está sempre fazendo um *redesign* daquilo que já foi feito. Até eu diria na minha pesquisa que eu chamava, gostava de brincar com a minha orientadora que seria teórico-prático, porque não era totalmente prático, mas também não era totalmente teórico.

36:38 **Simão Marcos Apocalypse:** E eu transitei no Design da Informação ali nas perspectivas do Design numa perspectiva teórica enquanto análise dos

produtos, porque eu peguei produtos prontos, analisei esses produtos para uma concepção prática do produto, então fica difícil desvencilhar assim do prático e do não prático. Até quando a gente trabalha, a gente tem um autor que a gente utiliza muito que é o *Pettersson* do Design da Informação, que ele vai trazer princípios de Design, até os princípios de Design, embora diretrizes de Design embora, elas sejam teóricas, elas são para que algo prático aconteça. A construção de algo prático, a gente não chegou a atuar, não atuei nos meus projetos, nós temos no nosso grupo de pesquisa uma pesquisadora que ela pretende aí construir um produto mesmo assim, com base no Design da Informação e relacionado ao gênero, só que ela estuda perspectiva de gênero somente, ela não relaciona com gênero e sexualidade, ou com uma perspectiva *queer* e ela pretende criar um produto. Já nas minhas pesquisas não, foi algo mais do teórico com a perspectiva prática, mas foi mais teórico.

37:24 **Guilherme Cardoso Contini:** Ah obrigado. Você comentou dessa pesquisadora, qual o nome dela só para deixar registrado?

37:26 **Simão Marcos Apocalypse:** *Stephanie Cerqueira Silva*, não sei se você já viu os trabalhos dela, depois eu posso te encaminhar.

37:30 **Guilherme Cardoso Contini:** Ah por favor, obrigado. Ainda não tive contato, mas eu fiquei bem interessado. E você respondeu bem dessa interlocução com prático, com o teórico que é o que muitas vezes acontece, eu também tô nesse contexto nas minhas pesquisas. E você começou a responder um pouco da próxima pergunta, eu tenho juntado as duas próximas perguntas, a gente está na reta final do questionário, e você falou um pouquinho da literatura, você comentou do *Pettersson*. O que eu ia te perguntar assim, juntando as duas perguntas: **Quando você pensa, então seja nessa literatura do Design da Informação, você citou já uma pessoa, ou seja na literatura de gênero, e das dissidências que você também teve contato, o que que foi muito relevante assim? Tem algum autor ou alguma pesquisa que você queira destacar assim?** Pode ser no nome do autor, porque às vezes o nome da pesquisa inteiro a gente não vai lembrar agora né?

38:51 **Simão Marcos Apocalypse:** Como você já deve ter percebido aí nas suas pesquisas, é difícil essa correlação porque a gente não encontra de fato muita literatura que pesquise profundamente isso, e quando eu falo profundamente é que a gente encontra alguns trabalhos, alguns artigos que vão pesquisar isso, mas dificilmente a gente encontra uma tese que faça essa interlocução, então fica difícil a gente ver isso muito esmiuçado, em miúdos assim. Isso é uma crítica que eu faço até as minhas pesquisas também, embora na dissertação eu acho que eu tenha me aprofundado um pouco mais nisso, acaba ficando um pouco no superficial, tipo existe a possibilidade disso, tem como conectar isso com isso, mas a coisa não fica esmiuçada de fato, ou então não fica interligada de fato. E realmente é um grande desafio para nós que somos pesquisadores dessa área construir uma tessitura de uma tese, ou de um trabalho mais longo que trate especificamente disso, e isso é algo que eu sinto falta, que eu senti falta nas minhas pesquisas, até nos trabalhos, na literatura estrangeira assim é muito difícil a gente encontra isso.

40:20 **Simão Marcos Apocalypse:** Mas tem alguns trabalhos que eu acho que me ajudaram muito na minha trajetória, que não conectaram o Design com a perspectiva *queer*, mas trouxeram uma perspectiva relacionada que me ajudaram, que me abriram os olhos para eu conseguir conectar o Design com as Dissidências sexuais de gênero, que aqui a gente pode até usar como, a gente sabe que não é, mas a gente pode usar como sinônimo de *queer*, *LGBT* e tudo mais nessa nossa conversa. Enfim, eu até tinha deixado separado aqui para te responder para eu não esquecer, eu só vou pegar aqui rapidinho.

41:00 **Guilherme Cardoso Contini:** Claro, sem problema.

41:06 **Simão Marcos Apocalypse:** Primeiro vou falar do trabalho dessa minha amiga, da *Stephanie Cerqueira Silva*, ela é uma pesquisadora aí da área do Design e ela tem uma dissertação intitulada “*Museus do feminino: emergências dígito-virtuais das intersecções entre o design da informação e a ciência da informação*”, o título parece ser um pouco complexo, mas assim, ela fez um belíssimo trabalho que ela conseguiu trazer a perspectiva de gênero, que ela tratava de museus do feminino e a perspectiva do Design da Informação no campo da Ciência da Informação. E isso assim, eu achei muito interessante, porque ela conseguiu traduzir de uma forma muito interessante. Outro trabalho também que eu acho muito interessante é o trabalho de uma colega de grupo de pesquisa também, da *Laís Alpi Landim*, não sei se você chegou a encontrar algum trabalho dela, que ela tem um artigo intitulado “*O lugar das questões de gênero na pesquisa em Design da Informação*”. É um artigo muito interessante onde ela também consegue conectar, trazer a perspectiva de gênero para perspectiva do Design da Informação, que é o que a gente tem tanta dificuldade em encontrar. E não menos importante, vou citar aqui também o trabalho que tem norteado ultimamente, não norteado, mas eu acho que tem dado um novo rumo ou um novo olhar, uma nova abordagem para as minhas pesquisas que é o trabalho do *Leandro Colling*, que é “*Artivismos das dissidências sexuais e de gênero*”. Ele usa o conceito de ativismo também que eu achei muito interessante, ele vai trazer essa perspectiva mais decolonial assim. Acho que são esses.

43:18 **Guilherme Cardoso Contini:** Agradeço por você ter compartilhado, as duas primeiras referências eu não conhecia, então foi legal você trazer os nomes assim, para a gente arquitetar essa rede que é o que não é fácil de encontrar.

43:31 **Simão Marcos Apocalypse:** Claro que a gente tem referências clássicas também, aí a gente pode falar *Foucault*, *Buckler* e muitos outros, mas eu acho que no contexto da sua pesquisa acho que esses fazem mais sentido.

44:23 **Guilherme Cardoso Contini:** Com certeza, e é legal que a gente dá mais visibilidade para esses nomes, para essas novas pesquisas, para esses projetos que trazem essa junção das literaturas. Muito legal, e do Leandro *Leandro Colling*, né? Eu já lembro de me esbarrar como uma pesquisa dele, não no contexto da minha tese especificamente, mas você trouxe o nome à tona de novo então fiquei feliz de relembrar assim, muito obrigado. Para não me estender demais assim não te atrapalhar assim, entrevista muito extensa. A gente tá na reta final. A última pergunta eu acho que a gente conseguiu abordar temas

específicos relacionados a sua pesquisa, que eu acho que era um algo que eu queria trazer para conversa da tese, e você já até respondeu um pouquinho essa última pergunta que tem a ver assim com esse olhar para o futuro, né? **Então, o que você espera do futuro dessa relação, no caso da sua pesquisa, do Design da Informação com os estudos de dissidentes, com os estudos queer, você tem essa visão otimista ou uma visão pessimista?**

44:59 **Simão Marcos Apocalypse:** Uma visão otimista ou pessimista? É como que eu posso dizer... A gente vive um momento histórico, político, muito difícil assim, não sei se eu posso dizer, mas que nos propõe novos desafios, a gente tem um movimento contra os movimentos identitários, que ele vem com muita força, a gente também tem um movimento político aí e sem comentários, que depõe contra essas perspectivas que a gente pesquisa... E assim, é como o *Leandro Colling* disse né? *Artivismo*, né? Nós somos pesquisadores aí, nós estamos na batalha, né isso que a gente faz dentro da academia não deixa de ser militância. E eu gosto de pontuar isso, o conhecimento que a gente constrói é muito importante enquanto militância também, enquanto reivindicação de espaço, até mesmo dentro da ciência a gente percebe que, por exemplo, aí você traz uma perspectiva em que você identifica a dificuldade de desenvolver pesquisas relacionadas às temáticas dissidentes no contexto do Design, eu que venho do âmbito da área da Ciência da Informação, a gente também. vê que foi um grande desafio assim, que as pesquisas fossem inseridas, as pesquisas relacionadas à diversidade fossem inseridas no contexto da Ciência da Informação.

46:40 **Simão Marcos Apocalypse:** A gente tem um encontro nacional de pesquisa em Ciência da Informação, que nos últimos anos agora que a gente conseguiu criar um GT específico para falar sobre temáticas dissidentes, então a gente vê que é um desafio, e é um desafio até de reconhecimento científico assim, de prestígio de, como que eu posso dizer, de ser escutado, ser visto, ser ouvido e ser respeitado sobretudo, o que a gente faz também é Ciência, né? Porque existem pesquisadores que acreditam que o que a gente faz não é Ciência, então é um grande desafio. Pro futuro, eu acho que enfim, não querendo ser pessimista, já citei aí todos os desafios que a gente tem enfrentado, eu acho que as coisas aos poucos vão melhorando, a gente tem dados que provam que as pesquisas estão aumentando, eu e você estamos aqui para fazer isso, para lutar por isso, eu acho que a gente tem um caminho aí difícil, árduo, mas não impossível. Espero que as nossas pesquisas inspirem outros pesquisadores aí que venham a pesquisar isso também. A gente já tá finalizando o Doutorado, e eu vejo nos grupos de pesquisa que existem pessoas mais jovens aí que estão na graduação que tão interessadas nesses temas, então acho que sim, a gente tem um futuro aí, não digo que seja um futuro fácil, mas esse futuro existe. Espero também uma abertura maior das revistas, principalmente da área do Design, nem sei se posso falar isso, mas enfim a gente vê aí que às vezes é muito difícil publicar em revistas da área do Design, quando a gente relaciona o Design com as Dissidências sexuais, com a temática *LGBT* ou com a perspectiva *queer*. Eu, como pesquisador, tenho a experiência de já tentar publicar em revistas da área do Design, não conseguir, conseguir publicar em outras áreas e não conseguir publicar na área do Design. Então acho que existe aí uma dificuldade mesmo em ter uma abertura maior para pesquisas mais

interseccionais, que tentem trazer outras perspectivas. Então é para o futuro, eu acho que é isso assim, acho que a gente tem futuro, mas ele não vai ser fácil. Acho que o futuro existe, o futuro tá aí, mas ele vai ser árduo.

49:42 **Guilherme Cardoso Contini:** Muito obrigado por essa resposta, eu acho que imaginando aí esses nossos mais ou menos 10 anos de pesquisa, de cada um assim, pensando nessa graduação para frente, eu acho que a gente tem visões parecidas assim sobre essas dificuldades, e claro a esperança de isso tá melhorando e avançando mesmo num cenário político muitas vezes caótico, de muitas restrições, que a gente passou nos últimos anos e quando a gente olha para o cenário internacional também caótico assim, então acho que existem realmente essas dificuldades, é legal trazer o olhar de esperança, mas sabendo das restrições e foi acho que muito importante você ter comentado dentro desses enfrentamentos de como é difícil publicar no Design sobre temas dissidentes, sobre temáticas de dissidentes. E aí legal você trazer essa visão também, eu tenho até falado pouco sobre isso das entrevistas para não contaminar as entrevistas com a nossa visão, mas eu tenho visto isso também assim, o quanto parece muito mais difícil publicar sobre estudos dissidentes quando a gente faz essas correlações nos periódicos de Design. E aí isso reflete um pouquinho daquele estudo sobre o CIDI, sobre outros também, não vou citar nome de um, de outro, porque eu acho que a gente pode considerar que é geral, é difícil conseguir.

51:25 **Simão Marcos Apocalypse:** Isso é isso é realmente visível assim, quando você faz um trabalho onde você trata especificamente do Design, o trabalho entra, e quando você faz um trabalho onde você trata do Design e aborda a perspectiva de gênero, de dissidência, esse trabalho tem uma grande dificuldade em ser publicado, né? Isso é um reflexo do quão a área é conservadora na verdade, né?

52:25 **Guilherme Cardoso Contini:** Exatamente, eu comento bastante isso na tese assim, a gente tem essa falsa visão de que o Design é tão aberto, mas para isso ele não é tão aberto, né? A gente vai encontrando essas barreiras ao longo dessa jornada da pesquisa, imagina na prática. No meu mestrado, eu pesquisei um tema que era ainda um toque ainda mais polêmico que era o *Sex Design*, então a produção de um mercado erótico voltado para um olhar para o Design, onde estão essas pessoas, e era difícil conseguir um parecer que não fosse agressivo, descontextualizando às vezes as nossas falas, ou querendo dizer que aquilo não era Design.

52:50 **Simão Marcos Apocalypse:** Exatamente, eu já recebi pareceres dizendo que aquilo não era Design, e isso é um choque que mostra realmente o quanto a área é conservadora, que ela tem um núcleo duro ali, difícil de penetrar. Enfim a nossa batalha, a nossa luta, isso também é militância.

53:06 **Guilherme Cardoso Contini:** Com certeza. Simão para não me prolongar aqui vou caminhar para o fim te agradecendo novamente. Muito obrigado pela conversa, muito obrigado pelas respostas e é muito bom saber que através das entrevistas é algo que me motiva nessa reta final, porque o fim do doutorado é algo que deixa a gente cansado, num momento de tensão, mas eu tenho ficado

motivado nessa reta final com essas conversas, compartilhando esse saberes, compartilhando essas visões, vendo os desafios similares das trajetórias acadêmicas e profissionais e entendendo a importância dessa rede se fortalecer, a importância da gente estar se conectando, dos caminhos das pesquisas se cruzarem, porque eu poderia conhecer sua pesquisa, só daqui 10 anos, e, nossa, olha a trajetória de 10 anos que já existe essa pesquisa, e que eu fui me conectar só agora. Porque se a gente olha para os periódicos, e aí você tem esse olhar muito interessante no seu projeto pensando no Design da Informação, e aí quando a gente olha para os periódicos e não encontra as nossas pesquisas, como que a gente vai fazer sem essa interlocução? E essas pessoas existem? Nós estamos precisando.

54:19 **Simão Marcos Apocalypse:** Sim, como que a gente vai construir redes? Como que a gente vai dialogar teoricamente? São embates.

54:30 **Guilherme Cardoso Contini:** Então é um desafio e acho que, imagino que eu nem vou concluir isso no meu doutorado, eu não vou achar essa resposta, mas eu tô encontrando pessoas que têm essas dúvidas semelhantes, que têm essa vontade de se conectar, porque a gente sabe que a gente tem ótimas redes dentro do Design que consolidam outras esferas de pesquisa, mas não a esfera das dissidências, né? Então falta.

55:00 **Simão Marcos Apocalypse:** Talvez estejamos construindo uma rede aí... Mas é isso.

55:38 **Guilherme Cardoso Contini:** Exatamente. Muito obrigado, agradeço aí pela sua disponibilidade, me comprometo a compartilhar os resultados, tenho aí a reta final dos últimos meses de doutorado e depois com certeza compartilho os dados de pesquisa.

56:22 **Simão Marcos Apocalypse:** Guilherme, eu que agradeço assim esse espaço para que a gente possa falar de Design, de Design da Informação e sobretudo das temáticas das dissidências sexuais, temáticas de gênero, eu acho que é de extrema importância isso que você tá construindo assim, ver você pesquisando isso com entusiasmo me deixa muito feliz e também é um prazer participar da sua pesquisa, responder essa entrevista, a gente enquanto pesquisador sabe o quanto é difícil construir uma pesquisa com entrevista. E só te parabeno aí pela pesquisa, espero que você colha os bons resultados aí, espero acessar os resultados dela que provavelmente vão ser muito interessantes. Obrigado mesmo.

57:12 **Guilherme Cardoso Contini:** Obrigado Simão, ótima noite, boa semana para você!

57:16 **Simão Marcos Apocalypse:** Brigadão, tchau, tchau.

Entrevista Grassine de Oliveira

Data da entrevista: 11 de Setembro de 2025

Duração da entrevista: 71 minutos

Participantes: Guilherme Cardoso Contini, Grassine de Oliveira

Transcrição

01:15 **Guilherme Cardoso Contini:** Bom Grassine, queria te agradecer, então oficialmente aqui na gravação e perguntar se você autoriza que eu grave transcreva e depois te dê acesso aos materiais.

01:31 **Grassine de Oliveira:** Beleza, eu Grassine de Oliveira autorizo a gravação e a transcrição dessa conversa.

01:37 **Guilherme Cardoso Contini:** Muito obrigado novamente por topar. Eu estava nesse processo doido de ir atrás das pessoas, vou te contar um pouquinho vou ser breve assim, eu expliquei um pouquinho lá, para entender como que eu cheguei até você e até as outras pessoas, tá bom? Basicamente a minha pesquisa de doutorado, ela vem numa evolução desde a minha graduação.

02:03 **Grassine de Oliveira:** Ah que legal!

02:04 **Guilherme Cardoso Contini:** Então, eu sempre tive imerso nas temáticas de gênero. Comecei a pesquisar isso na graduação, tem tanto meu TCC quanto meu mestrado chamaram Erótica Lab, então trabalhei com esse lado do erotismo, design. E quando eu entrei no doutorado eu me deparei com um monte de coisa, a imensidão que são os estudos de gênero, já fazia parte no grupo de algumas professoras aqui da Unesp. Eu sou da Unesp de Bauru.

02:33 **Guilherme Cardoso Contini:** O meu doutorado é em design, a minha graduação foi design também, mas o meu mestrado foi em Mídia e Tecnologia, também aqui, tudo na Unesp, tudo em Bauru, então fui ficando por aqui. No doutorado especificamente nessa pesquisa, eu sou orientado pela professora Fernanda, a professora Cassia é coorientadora e a gente começou a pesquisar dentro do Design inclusivo, que a área base delas, as perspectivas aí de gênero sexualidade e posteriormente, eu entrei nos estudos queer, que já era algo que eu tava pesquisando e me identificando nas pesquisas. Aí tô no meu último ano, então tô na reta final assim, há poucos momentos da Defesa,

03:18 **Grassine de Oliveira:** Que legal!

03:21 **Guilherme Cardoso Contini:** E eu tô utilizando a ferramenta de entrevista, no momento final do meu processo. Então eu comecei com uma extensa revisão exploratória dentro das Universidades. Fiz uma seleção de 40 universidades e tentei buscar por grupos de pesquisa, uma série de professores, pessoas, tudo mais, dentro das universidades: na graduação e na pós-graduação, foi meu ponto de partida. Dei sequência com uma revisão extensa de escopo, onde eu avalei aí em várias plataformas o recorte de 14 anos de pesquisa de design-gênero, design-queer, e num recorte assim de quase 650 materiais, pro meu estudo foram selecionados em torno de 130 materiais. Nesses 130 materiais, os materiais que se repetiram mais, os nomes que apareceram mais, são os nomes que eu tô selecionando porque, geralmente, aparecia uma coisinha uma vez só e tal. Tem outros critérios de relevância, mas para os que foram selecionados apenas uma vez, mas o seu trabalho foi aparecendo um monte assim para mim, então eu fui selecionando algumas pessoas que eu tô entrando em contato desde o começo do mês assim, aos poucos, e fazendo essa entrevista, ou nesse modelo do *meet* ou no modelo de formulário, que pessoalmente, não é o meu favorito, mas algumas pessoas preferiram o formulário por estarem fora, com aquele tempo mínimo que todos nós temos sempre. Bom, então me apresentei assim mais ou menos, em relação a minha parte profissional, eu tenho dado aula como professor bolsista dentro do curso. Imagino que acontece muito por aí, a gente se desdobra, né? E se desdobra também nas nossas pesquisas. Então, a base o que me trouxe até você fez eu chegar né? Nessa informação, eu fico feliz de achar mais pessoas que também estavam nessa assim, buscando alguma coisa sobre gênero e tal para juntar com design, foi específico as pesquisas que eu passei lá e algumas que se repetiram mais de uma vez entre os estudos, entre as plataformas, com certeza tem muito mais pesquisa que você faz e de outras pessoas também, que estão escondidas dessa análise toda, então o ponto final assim disso tudo, antes da produção dos materiais finais, é conseguir conversar com vocês e entender um pouquinho do lado de vocês nessa história, para que eu não tire as minhas conclusões só sobre o meu ponto de vista, né? Então, é por isso que eu tô entrando em contato e querendo saber se um pouco mais. Te enviei as perguntas, confesso que inicialmente a gente tem vontade de perguntar tudo e aí minhas orientadoras foram né? Centrando e me ajudando a definir assim, quais eram as questões principais, elas são as mesmas que eu te mandei com a diferença que eu tenho adicionado uma pergunta sobre a história da pessoa assim, então eu vou te passo ela agora e aí depois eu a incorporo ali na conversa, que é em relação assim o histórico da pessoa e o quê que esse histórico pode ter influenciado ou não sua decisão de entrar nos estudos ou queer ou estudos de gênero e sexualidade. Bom, aí também quero reforçar assim, que a qualquer momento que você não quiser responder uma pergunta, só me falar, não responder e nem incorporar assuntos, fique à vontade também. Não quero tomar muito mais do que uma hora do seu tempo, que eu sei que é precioso, assim e fique à vontade sempre para tirar as dúvidas que você tiver, a gente optou por ir atrás do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido pelos tópicos sensíveis, né? Tem um monte de explicação lá, mas é mais assim, porque às vezes algumas pessoas vão tocar em pontos da trajetória ou da vida pessoal -profissional que pode ou não ser delicado, então a gente optou por seguir dessa forma assim, ele mais assusta com aquelas palavras, mas é basicamente para isso. Inicialmente eu ia seguir sem, mas como a gente fez o

processo no comitê de ética, então ao longo de três meses, eles aprovaram e deu certo. Última informação para te passar, ao final, vi que você já mandou o documento, muito obrigado poderia usar mais tempo se precisasse, eu vou fazer a assinatura e te mando esse documento também, assim como link de gravação ou da transcrição para você ter esse acesso, no final, assim que tiver tudo concluído no meu doutorado, eu também passo acesso, dos materiais finais e reforçar assim, a ideia de não manter sigilo sobre as entrevistas, diferente de alguns projetos de ergonomia, de algumas amostragens muito específicas com testes enfim, aqui eu acho que o protagonismo é de vocês, né das pessoas que estão por trás e o meu foco é esse, é buscar nessa junção do ensino, de design, junto ensino de gênero sexualidade, o protagonismo nesse momento de quem tá pesquisando e eu sei que eu já estou me deparando com protagonismo de quem faz isso não só na pesquisa, mas na vida performando, enfim produzindo e isso aparece também na tese assim, mas acho que a fala Inicial realmente são com pesquisadores e pesquisadoras no geral. Então introduzi aí o assunto, se você estiver confortável e eu começo com as perguntas. Muito obrigado.

09:51 **Guilherme Cardoso Contini:** Bom, a primeira parte das perguntas é ligada a dados pessoais para ter no registro, então primeiro **quero saber o seu nome completo, só para a gente registrar aqui e se você concorda com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que foi apresentado**, se você tiver alguma dúvida, pode perguntar agora também.

10:12 **Grassine de Oliveira:** Não para mim tá autorizado, né? Eu Grassine de Oliveira autorizo, concordo e estou ciente com as informações passadas e com o termo.

10:22 **Guilherme Cardoso Contini:** Obrigado, e em relação também a dados pessoais, para a gente poder categorizar aqui, saber a sua formação. **Saber um pouquinho da sua formação e a universidade e o programa que você tem vínculo atualmente ou se você não está com vínculo.**

10:37 **Grassine de Oliveira:** Eu me formei em 2018, em design de produto pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Em 2023 eu me tornei Mestre pela Escola Superior de Desenho Industrial, que fica na UERJ, que é onde eu tô atualmente, que eu também faço doutorado, tô no terceiro ano do doutorado, também na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, dentro da escola de design, onde também eu sou professora substituta, como chama na UERJ, docente auxiliar, de 20 horas, dentro do Departamento de Produto. Então acho que essa é a minha formação atual. Atualmente, tirando as informações eu faço especialização em Ergonomia e Automação.

11:27 **Guilherme Cardoso Contini:** Legal, obrigado. Vou entrar nas perguntas específicas, no final dependendo de se sobrar um tempo a gente pode fazer algumas perguntas a mais.

11:39 **Grassine de Oliveira:** Beleza.

11:43 **Guilherme Cardoso Contini:** Queria começar, perguntando então se a partir dos materiais que eu tive acesso, li os materiais, revisei, foi muito legal. Acho que todas as pessoas selecionadas, elas têm trabalhos incríveis

importantíssimos na área, então queria saber se **Você sempre pesquisou os estudos de gênero-sexualidade dentro do Design, ou se teve algum ponto de virada em relação a sua pesquisa ou trajetória acadêmica ou trajetória pessoal?**

12:11 **Grassine de Oliveira:** Sim. Bom, teve um ponto de virada que foi no mestrado, mas antes do Mestrado, quando estava na graduação, eu ainda me entendia como um homem gay afeminado, eu não acho que ali eu pensei sobre gênero e sexualidade, mas talvez sobre uma corporeidade que tá um pouco atrelado com as questões de gênero, que foi ao fazer um TCC assim, eu sempre participei de muitas coisas e eu nunca deixei de me vestir ou agir, independente da área que eu tivesse. Eu participei de projetos de extensão que tinham a ver com carro de corrida elétrico, então tava dentro da engenharia, que é uma galera bem mais “mente fechada” às vezes, bem rígida. Então assim, eu percebo hoje, que dentro da graduação, mesmo que eu não estivesse pesquisando as questões de sexualidade e gênero naquele momento, eu acho que estar nessa idade agindo como eu quero, investindo o que eu quero, eu acho que demarcava um espaço querendo ou não, e aí no TCC, eu fiz uma mobiliário Urbano para a UFRJ, onde eu me formei.

13:28 **Grassine de Oliveira:** E aí eu me dei conta, que se eu não, eu com uma pessoa gorda, não pensasse no meu corpo, eu não faria um produto para mim. Então assim, mesmo que de novo, né? Não estivesse pensando nas questões de gênero, eu acho que na graduação eu acabei, de forma indireta, não tão consciente, incorporando a corporeidade, de uma maneira mais ampla e talvez não tão consciente nesse sentido. Logo em seguida, eu entrei em 2021 na pós-graduação, então eu entrei na pandemia.

14:10 **Grassine de Oliveira:** E aí eu entrei com a temática do TCC, né? Eu tava no mercado de trabalho, aí eu falei “não acho que seja isso para mim, vou tentar o mestrado porque eu sempre quis entrar na parte de docência em pesquisa”. A única coisa que eu tenho é o meu TCC, então eu fiz super bem, ali desenvolvi um material novo para o mobiliário, bom as pessoas falaram que tinha potencial, vou tentar. Eu tentei, passei pra UERJ, o meu orientador ele é da arquitetura, porque tinha a ver com mobiliário urbano. só que bom, a pandemia assim, ela teve todos os seus contras, como ainda tem a gente tem resquício disso, só que ela me fez refletir sobre poder pesquisar algo que de fato fosse importante para mim, que eu que eu nunca antes disso, parei para refletir, que eu sempre falo assim “não, eu sempre encarei o design como um uma ferramenta que eu pudesse utilizar para ajudar coisas, mas o que eu pesquiso nunca me ajuda”. E aí, se automaticamente me ajuda, enquanto nesse momento já me entendendo como uma pessoa, no final da graduação, foi quando eu comecei a entender que uma pessoa trans não-binária. Então assim, ali na pandemia eu já me entendi com aquela pessoa trans. E aí eu falei, poxa, foi muito difícil achar esse processo de identificação do que seria uma pessoa não binária”.

16:07 **Grassine de Oliveira:** Tanto que, nos discursos que a gente tem de pesquisa, ainda fica muito dentro da binaridade de gênero as questões de design, como as questões no geral assim. Às vezes a gente pensa a transgeneridade, a gente sempre pensa em mulheres trans, homens trans. ainda sempre fica numa lógica binária nesse sentido. Então eu pensei, tipo beleza bom,

acho que não é isso, eu já tinha eu ia fazer um ano de mestrado, e aí entrou um docente na ética, o Guilherme Altmayer, que é o meu orientador, atualmente. Pode parecer engraçado, mas amiga minha ela lê cartas e eu fui me consultar com ela, ela falou que ela deu um indício que talvez eu tivesse que pular de onde eu estivesse, e ir pra alguma coisa que realmente fosse importante para mim, e aí eu aproveitei que o Guilherme tinha entrado na ESDI como graduação, então no mestrado ele foi meu co-orientador. E eu desisti de estudar sobre Mobiliário Urbano e eu entrei nos estudos de gênero e sexualidade, mas mesmo que as dores de sexualidade meio que permeiam, então todo entremeado, o meu recorte sempre foi muito mais voltado para os estudos de gênero e corpo. Então foi nesse momento que eu falei, eu acho que isso aqui pode ser para mim assim, e naquele momento eu não tinha noção quem estudava isso, se tinha literaturas para isso, se tinha um campo minimamente aberto, sem nenhuma consciência assim mesmo, eu fiz essa troca. O Guilherme topou seu meu co-orientador, meu orientador topou, o Guilherme me co-orientar, ele também topou a alteração do mestrado e foi nesse momento que, de fato, dentro dos termos acadêmicos, eu comecei a me introduzir dentro dos estudos de gênero e eu tô até hoje estudando isso. Então no mestrado eu falo sobre as opressões do Design, chamo “design de objeto”, por colocar corpos de dissidentes nas margens, sem trazer muitas soluções, eu provoço algo mais na área, principalmente algumas áreas dentro do campo do design de produto, que sempre foi a minha área principal, tanto que eu falo ali um pouco da ergonomia e, querendo ou não, para poder falar sobre isso, bom, nesse momento eu não era uma pessoa que tava sempre em grupos de pessoas trans, ou de militância nesse sentido. E na pandemia, me atrapalhava muito também nesse sentido, porque eu tinha a boca a boca, podia mandar mensagem, mas também era um momento terrível. Eu utilizei de algumas ferramentas de narrativa, para questionar o design e para questionar o estudo de gênero, eu trago relato de agressões físicas que eu tive, que introduzem cada capítulo.

19:38 **Grassine de Oliveira:** Porque já que a cerne da questão é o ataque desses tipos de corpos... nesse momento também me via sozinha e era uma questão também, que eu tava fazendo aquilo por mim, eu entendi que talvez eu podia também contribuir, não de uma forma tão fácil, porque as pessoas acham talvez narrativas surgiam muito fácil, mas eu acho que é uma pesquisa difícil de fazer, uma alta etnografia. E aí eu começava a pensar, enquanto um corpo, desde criança até aquele momento, o que eu tive que passar e aí eu questionava isso no campo do Design e no campo de gênero. Hoje meu doutorado, ela foca na ergonomia e antropometria, que é mais ainda voltado para a área do Design de Produto. E isso eu questionava se era possível medir um corpo trans, hoje eu tô naquele momento ainda um pouco inocente talvez, com mais pesquisa e desenvolvimento da pesquisa, o andamento, eu entendi que na verdade é possível medir algum corpo, dentro de uma pluralidade de diversos corpos, isso incluindo pessoas trans, no geral, se era possível inserir, aí entra o debate de figuras, das partes mais éticas, de gravidez atrelada a mulher, alguns trabalhos estarem associado ao homem, vestuários.

21:19 **Grassine de Oliveira:** Hoje eu estudo elementos de design, que tem ergonomia no seu currículo, eu vejo quem são esses autores para fazer uma análise dessas bibliografias e aí futuramente gerar algumas diretrizes para a gente ter algum tipo de léxico que seja minimamente, mais adequado pensando,

é óbvio que vai atingir muita população trans, mas que a gente na verdade exclua a categoria de gênero dentro desse tipo de análise. Então assim, acho que na graduação foi meio, tô fazendo coisas meio inconsciente meu corpo tá aqui, no mestrado acho que foi onde aconteceu a virada de chave. E aí onde eu tô, dentro do mestrado, eu insiro isso na graduação, mas acho que tem uma pergunta sobre essas práticas, aí eu deixo pra depois.

22:16 **Guilherme Cardoso Contini:** Obrigado Grassine, você comentou do Guilherme, né? E o Guilherme é um da lista dos entrevistados que, assim como você, apareceu nessa rede e o que é legal, de parte do que eu tô percebendo assim com o projeto, é exatamente o quanto nós estamos em redes assim, eu acho que, parte das minhas conclusões a partir do que eu tô analisando, possivelmente vai para essa linha com a seleção dos entrevistados, com esses 600 e poucos materiais analisados, os 135 selecionados, o que o que eu percebi são alguns polos ao longo do Brasil. E aí vale reforçar, uma pesquisa que o meu olhar é para o Brasil, para esse pensamento dentro de um contexto brasileiro. como a gente tem algum alguns polos mesmo. Como a questão do Guilherme ter te orientado e outras pessoas que estão a sua volta, ali no Rio de Janeiro e outras regiões também, e que eu espero que eu consiga conversar com todas essas pessoas assim e descobrir mais polos. Para não me estender muito, então acho que você conseguiu responder bem vários pontos aqui foi muito interessante participar desse momento, entender um pouco mais da trajetória e da sua pesquisa, então só para confirmar aqui, você além de explorar os estudos de gênero e sexualidade, você explora os estudos *queer* abarcando a temática de gênero e sexualidade.

24:14 **Grassine de Oliveira:** Sim.

24:14 **Guilherme Cardoso Contini:** Você já contou um pouquinho sobre em que momento isso aconteceu, e tem uma terminologia específica que eu tenho perguntado assim para as pessoas, para saber se elas têm familiaridade ou não se elas não tiverem eu trago uma definição, mas eu não pus isso ali nas perguntas para não contaminar, para não dar um viés ali. Queria te perguntar, se **Você tem familiaridade com o termo “queerização” do Design?**

24:21 **Grassine de Oliveira:** Sim, inclusive foi o Guilherme que me apresentou, por causa da Denise, eu não sei se veio da Denise esse termo, mas eu conheci esse termo a partir do texto da Denise pra Arcos, que é uma revista da própria UERJ, do design. Que é a queerização do design, então eu conheço o termo, é só um parêntese sobre o Guilherme assim, eu amo, acho que ele é sensacional, espero que ele tope, que ele vai agregar bastante, mas eu conheço o termo a partir de uma perspectiva da Denise.

24:59 **Guilherme Cardoso Contini:** Legal, meu contato com o termo também foi com a Denise, e a Denise fez parte da minha banca de Mestrado assim conhecendo ela a partir do texto. E o que eu percebo assim, eu incorporei o texto, a definição que eu traria seria dela mesmo, incorporei essa definição porque enxerguei um ponto de partida para muitas pesquisas, muitas mesmo, assim vou jogar um número aqui. Que ainda precisa medir, mas cerca de 80% das pesquisas que trabalham com a temática queer tem isso nas bases ,com bibliografia dela, então estou ansioso para conversar com ela também e

direcionar essas perguntas. E aí queria te perguntar, **Qual é a sua definição, o que você enxerga como queerização do Design, queerizar o design, o que você vê e o quanto isso pode impactar ou não sua pesquisa?**

26:02 **Grassine de Oliveira:** A Denise, eu só tive a oportunidade de ter aula com ela aqui no doutorado, mas como ela foi orientadora do Guilherme, eu não sei eu comentei, mas eu faço parte do Nude, que é um grupo de pesquisa, que o Guilherme, depois que eu insistir muito, quase obrigar, ele fez o grupo de pesquisa. A gente fica fazendo alguns seminários juntos e eu conheci a Denise presencialmente nisso. Mas a minha definição, enquanto queerização do design, eu entendo que queerizar são atos, são ações políticas e práticas que alteram regimentos normativos já para estabelecidos, de uma forma mais sintética, mais simplista, eu entendo que é isso, aí você perguntou como aplicar isso, né? Ou não?

26:56 **Guilherme Cardoso Contini:** Isso, se **Você percebe essa aplicação na sua pesquisa?**

27:02 **Grassine de Oliveira:** Super, assim, depois que talvez, fica meio impregnado na cabeça, mas depois que você entende o texto, tudo que a gente vai fazendo depois de um tempo, a gente sempre reflete, que aquilo é uma queerização, tanto que, uma coisa que eu faço na minha pesquisa é, eu não utilizo o Q dentro da sigla, porque eu entendo que Q, ele é uma ação política, queer uma ação política e não um agente, uma pessoa. Então quando eu trato de movimentos, eu uso o Q, mas quando eu tô lidando, falando com pessoas, sobre pessoas, sobre a comunidade, eu não uso ele. Eu faço isso tudo, eu aprendi no mestrado a queerizar, eu entendi no mestrado também, que eu já queerizava em outras coisas, isso que eu cheguei a comentar de, mesmo sem entender minha presença em certos espaços, aquilo de certa forma é uma queerização, ainda na graduação, eu dava aula em um curso, eu dava aula de desenho.

28:05 **Grassine de Oliveira:** E, também, ali, trazer algumas questões que, bom, no primeiro momento era um não tão pensado, mas questionava alguns padrões e tentava mudar a lógica de pensamento normativo que existia, então aquilo já entendia enquanto uma prática cruzada, fiz isso no mestrado, basicamente o meu doutorado ele, quando eu reflito sobre a ergonomia depois e as ementas, durante toda a tese eu faço práticas coletivas queer.

28:42 **Grassine de Oliveira:** Onde eu faço diversos movimentos coletivos, e até sozinha querendo ou não, mas eu entendo que mesmo sozinha a gente tem ali um suporte para fazer as coisas acontecerem. Que desafiam as normas cis-hétero normativas, na graduação também tenho feito isso enquanto docente, eu acho que entrar na docência dentro de departamento muito rígido, que é o departamento de produto, que eu acho que hoje está um pouco melhor, bom, produto já é um problema só, mas que tinham pessoas muito mais velhas com pensamentos muito, não tão abertos a conversa, entendendo ali como uma rixa.

29:33 **Grassine de Oliveira:** Por exemplo, em todas as disciplinas que eu dei até hoje, porque lá na ESDI qualquer docente, independente, a gente não dá uma disciplina, a gente dá o que tem que dar, qualquer disciplina, a que tiver a

gente tem que dar. Então, o que eu fui pensando é, quando montava o planejamento e eu deixava sempre ciente para as pessoas que eu estava dando aula, pros discentes, o que olhando para o que a ementa me falava, eu conseguia modificar algumas coisas, então eu modificava palavras, porque tem muito termo homem e máquina, então se eu conseguir mudar alguma terminologia, já era assim, galera, já alertava e alertava o departamento, alertava a escola, por aí, vai por exemplo, o movimento de fazer as trocas das placas de banheiro para, banheiro para todas as pessoas, foi uma coisa que começou comigo aí o Nude, entrou pra dar suporte, juntos aos dois centros acadêmicos, da graduação e da pós graduação, isso tudo para mim é queerizar, eu não sei se você chegou a ver esse livro, mas no início do ano passado, eu fiz parte um coletivo que era Práticas Coletivas em Design Queer, a gente tirou um livro, que era, ai que vergonha, esqueci o nome do próprio livro que eu tava participando, acho que é Tipografias Queer.

31:07 **Guilherme Cardoso Contini:** Isso, fui atrás desse livro e foi tão difícil achar.

31:07 **Grassine de Oliveira:** Você achou ele?

31:16 **Guilherme Cardoso Contini:** Eu fui para São Paulo atrás do livro, numa feira, quando eu descobri que tava vendendo, foi um caminho tão absurdo assim, eu fiquei tão feliz de ter conseguido porque eu tava doido para ler esse livro e consegui esses tempos, é uma leitura recente minha, que legal.

31:35 **Grassine de Oliveira:** E a galera, que é o Parquinho Gráfico, que fica ali no negócio do povo, eu esqueci como se chama, aquela estrutura, mas o Parquinho Gráfico, que é a instituição que fez essa seleção, de 10 Designers/Artistas queer, felizmente eu passei, não tava muito acreditando, mas foi. E ali para mim, acho que também foi uma das maiores amostras assim, principalmente coletivas, eu acho que ali eu aprendi muito a potência da coletivização enquanto sinônimo queerização, porque eu acho que a queerização ela só acontece, como você falou, em rede assim, sabe? Por isso que me deixa muito contente, de você ter mandado o e-mail e falar que eu tenho aparecido, porque é muito difícil a gente ter estudo de design, que envolvem o gênero, ou quando envolve, são questões de um feminismo muito marcado sobre mulheridade cis, elas não entram em questões de gênero, gênero além da binaridade, muito menos transgeneridade, acho que sempre fica muito locado dentro da cis-generidades, mas acho que foi isso, foi ali também que eu entendi muito e a galera ali é super gente boa, é porque agora elas estão elas para fazer um trabalho na França assim, representar, mas assim eu acho que, não pra agora, principalmente que a gente também tem tempo pra terminar pesquisa, mas acho que super vale depois conversar com a galera da Lia, a Laura, a Marina, a Yala, que são responsáveis, o que elas vivem fazendo, elas tem diversas produções que envolvem corpos queerizados, sobre queerização, principalmente a transgeneridade dentro de uma perspectiva do design gráfico mais, e é muito legal, mas assim hoje tudo que eu penso, tipo, eu sei que tudo que eu faço, o meu corpo, ao sair de casa, eu estou queerizando.

33:53 **Grassine de Oliveira:** Eu já penso nisso, pra mim já é automático, hoje eu já percebo as pessoas olhando, já percebia antes, mas as pessoas olhando

a minha roupa, porque eu tô vestindo, sei lá, uma legging e um top, e eu entendo que aquele incômodo é necessário mesmo que para mim seja desconfortável, porque bom, uma coisa que eu acho que talvez a Denise, ela não traz na queerização, não é uma crítica que eu vou fazer a ela específica, porque acho também que as coisas são datadas, pro tempo de pesquisa que tem sobre o design e gênero, mas para mim, o ato de queerizar ele também deveria estar atrelado ao ato da dor, porque as pessoas que não estão talvez, numa lógica de dissidência, elas podem até ajudar na queerização, mas elas não vão sofrer o que outras pessoas, independente de fazer ou não estudo fazem, acho que a única coisa que eu acho que talvez deveria complementar isso óbvio, né? Ela sendo uma mulher cis, talvez não perceba, é que talvez a queerização, ela é uma prática, eu entendo isso que ela é, talvez ela seja introdução em práticas, em lugares, mas que corpos dissidentes, eles já fazem a queerização independente... é ...

35:18 **Grassine de Oliveira:** Consciente ou não, aquilo já acontece, então é mais pensando na queerização assim, eu entendo o termo e eu acho que esse complemento é importante, entender que tem corpos e corpos. Quem vai carregar mais a queerização e menos, não sei se essa frase é melhor, mas no sentido de, bom, tem corpos que vão ser mais prejudicados que outros enquanto fala de algumas coisas, tanto que a gente ali pelo menos na ESDI sempre fala, às vezes é bom que outras pessoas para além, falem sobre generidade e aí eu espero que as pessoas cis falem sobre transgeneridade, porque elas estão no lugar de privilégio, então que vai seguindo esse tipo de ciclo, e eu acho importante o texto que ela faz, mas sempre há complementos esse sentido, e é isso que você falou, eu acho que eu não conheci nenhum texto que eu li, que envolva minimamente design brasileiro, que não tenham duas coisas: um que é a Queerização do Design da Denise e outra que é, aí gente qual o nome dela, ah esqueci, espera só um segundo, eu lembro o nome do... Ai, não vou lembrar agora o nome dela, mas foi uma das primeiras leituras assim que eu fiz. Guacira Lopes, talvez seja uma tríade. que eu sempre vejo a Guacira Lopes, óbvio que, tanto a Guacira, não é do Design nem, a Teresa de Lauretis também sempre tá presente, mas ela tá mais ali no campo da comunicação. Eu sempre vejo as três, é uma tríade sempre muito presente, quando, pelo menos em estudos de design, eu acho que elas acabam se complementando, uma traz mais o que é a teoria queer, aí tem uma que afunila um pouco mais para comunicação, aí outra que afunila mais pro design, acho que eu sempre sempre vejo nessa lógica.

37:33 **Guilherme Cardoso Contini:** Obrigado também por compartilhar, obrigado pelas respostas, deixei alguns comentários para eu fazer no final dependendo do tempo.

38:03 **Guilherme Cardoso Contini:** Eu acho que você foi respondendo algumas outras perguntas junto com essas, queria só voltar numa pergunta, que talvez você possa trazer um destaque se você quiser, se **Falta no design ainda alguma coisa e qual coisa seria, para a gente conseguir essa sensibilização maior às temáticas queer?** Se vier alguma coisa à mente, porque a gente sabe que esse assunto é extenso, né?

38:37 **Grassine de Oliveira:** É eu acho que sinceramente, do fundo do meu coração, eu acho que falta boa vontade, independente das coisas, eu acho

porque, dentro de uma lógica estrutural, as pessoas não querem perder os seus privilégios e, no momento que a gente traz alguns debates que vão trazer talvez uma igualitária, imposições mais iguais, tem pessoas que não vão gostar e aí eu acho que aí entra um pouco a boa vontade, porque é isso as pessoas elas não querem perder o que elas já tem, e aí a gente vai vendo, dá para perceber, né num histórico sobre, entre aspas, “uma aceitação social”, sobre o quanto lá atrás, pessoas homossexuais, elas usavam parte do corpo dela para justificar a homossexualidade, a gente vê isso na ditadura, vê isso na Operação Tarântula, nesse momento a gente não tinha nem ainda às vezes uma categorização do que a mulher trans, porque entendia pessoas trans como pessoas homossexuais. E aí hoje a gente tem uma aceitação melhor do que as siglas que envolvem, talvez a sexualidade, mas não mais as partes de gênero talvez. Eu acho que ainda vai demorar um tempo assim, eu acho que a gente já tem diversos avanços, mas acho que o que falta mesmo é uma boa vontade mesmo, porque as pessoas entendem, pelo menos eu creio assim, eu tenho uma esperança, que até as pessoas que não aceitam, eu acho que elas têm ciência, de que aquilo realmente que a gente tá falando é verdade, de que questões que envolvem essas pauta, mas elas entendem que ceder isso, talvez esteja numa lógica de botar elas na mesma posição e talvez perder, e aí talvez essa sensação de perda, traz uma sensação de má vontade de seguir esses estudos. E é isso também, a gente tem, bom tem isso, mas eu também entendo que a gente está há muito tempo numa estrutura, martelando na nossa cabeça e bom, eu não vou ser hipócrita a falar que eu já errei diversas vezes e erro diversas coisas que eu escrevo e vivo às vezes, sai de uma maneira errada ou algum pensamento que a gente fica assim, não pera, tem que repensar de novo. Porque é isso, a gente tá vivendo também. um sistema que faz nosso corpo funcionar de certas maneiras, eu acho que nesse sentido..., acho que em todos os sentidos, a boa vontade ela falta, não sei se é boa vontade, mas eu fico pensando isso às vezes, nos lugares mas, tentando sair do macro pro micro, pensando às vezes nos lugares que eu ocupo ou nos lugares, que por exemplo, que eu dou aula, que eu estudo, que eu participo de grupos e tal.

42:09 **Grassine de Oliveira:** Às vezes eu fico pensando que as pessoas às vezes estão sempre fazendo um favor, em usar pronome neutro ou em fazer algumas mudanças, e fico pensando, pô e se eu não tivesse ali, né? E dá uma sensação sempre tipo, não já fiz isso, olha que ótimo né? Como qualquer simbolozinho básico, fosse uma grande premiação, eu acho que a gente acaba sempre vivendo dentro da história, dessas pequenas premiações que o cis-hétero patriarcado faz para gente, que é dar isso para tentar ainda se manter uma distância sobre questões de igualitária. E aí fala que ainda tá produzindo, não sei se é uma falsa militância, não sei qual é a palavra, mas eu não sei se falta, porque é muito isso, então, se a gente fica pensando em toda uma lógica, tá nossos corpos, a política, o estado e tanta coisa que a gente tem que ir batendo, que eu não sei nem achar, propor, uma solução mínima, fico assim, gente, mas tá, eu não sei né? Bom, eu faço pesquisa, tento fazer alguma coisa, mas eu não consigo gerar, pensar em uma coisa assim que falta, eu sempre penso no sistema corroborando nessa vigilância, e por aí vai, não sei se eu conseguir responder, se foi muito subjetivo e aberto.

Para mim falta isso assim, falta as pessoas realmente entenderem que a cisgeneridade, a heterossexualidade, elas não são a centralidade do universo.

Dentro do Design, a gente vê muito isso acontecendo, a gente produz para pessoas, essas pessoas estão dentro de categorias, sejam elas de gênero, sexualidade, racialidade, regionalidade, né? E tudo eu sei que implica nas produções, a gente está numa lógica capitalista, então a gente precisa de dinheiro, então a gente acaba cedendo, eu não posso pegar, muitas vezes, eu também cedi porque eu precisava da grana, pro meu trabalho, porra preciso pagar meu aluguel, preciso comer, preciso me vestir. Eu vou deixar esse pensamento mais aberto, não sei que falta assim, eu sei que falta muito e aí talvez a má vontade, a boa vontade seja talvez, uma palavra que talvez resuma um pouco.

44:56 **Guilherme Cardoso Contini:** Obrigado, eu acho que é isso que eu busco assim, porque a gente sabe que a resposta pode ser muito mais complexa, assim de sempre ter camadas, mas é ter essa percepção de quem pesquisa, vive, projeta para o queer, com o *queer*, o que essas pessoas pensam em relação a isso sim, porque eu acho que faz sentido essa sua colocação. Eu fico sempre meio atendo aqui para eu não para eu não comentar tanto, porque né? Entrevista, mas no final aí a gente consegue falar um pouquinho mais assim, eu posso trazer, incorporar algumas coisas. Bom, as duas próximas perguntas, eu vou agrupá-las, seria se **Você já realizou projetos práticos ou pesquisas dentro da temática queer?**, dividi dessa forma, porque às vezes as pessoas falaram bastante das pesquisas e podem buscar em projetos práticos e pessoais e se você já realizou, se **Você tem uma metodologia ou prática do Design que você utilizou, algo que foi uma base?**

46:08 **Grassine de Oliveira:** Já me utilizei, eu hoje oriento uma aluna de TCC, que ela tá falando sobre lesbofobia, aí eu inseri para ela a queerização do Design como metodologia de design mesmo, eu fico pensando, sendo bem sincera, que eu não sei se eu fujo tanto talvez de uma lógica metodológica do Design, porque uma coisa que eu cheguei a falar com ela foi assim, o design ele é uma ferramenta submetida às questões de gênero nesse sentido, então o que vai reger o fazer projeto, é a queerização que é no caso esses pensamentos, essas quebras pequenas lógicas, a gente vai encontrando, então, por exemplo, hoje eu faço um trabalho na ESDI, que é fazer ajudar a criar alguns mobiliários para as oficinas, a gente precisa de medidas, a gente precisa de diversas coisas, essas medidas vão estar dentro de ergonomia, que vão estar dentro de uma lógica de percentil de homem e mulheres, que ainda tá numa lógica cisgênera, binária e por aí vai. Isso eu faço também de Economia que eu dou, o que eu faço é, talvez não é uma metodologia pensada, não ela é pensada óbvio, ela não é normalizada no sentido assim galera, para fazer um banco é isso, bom é o simples, eu tenho essa metodologia, quando as coisas vão acontecendo. se eu percebo e vejo que elas estão indo para um lugar que não é tão legal, aí eu interfiro. E não galera, isso aqui não é legal, porque isso, isso, isso. Aí eu começo a explicar, o que é as questões de gênero, ainda de uma forma palatável, eu acho que uma coisa que eu consegui fazer muito bem, acho que no mestrado, foi tornar acessível a forma de falar sobre as questões de gênero, sexualidade, corporeidade para uma população que talvez tenha interesse não saiba o quê que e até mesmo uma pessoa que não tem interesse que caiu ali por engano. Eu tento explicar, ao longo desse processo já demarcado dentro do Design, vai havendo às vezes interrupções para se fazer certas práticas.

48:59 **Grassine de Oliveira:** Então assim, eu sempre imaginei a queerização como pequenas pausas que precisam existir, para a gente chegar no consenso, para que todas as pessoas que estão ali, inclusas naquele processo, elas se sintam confortáveis do que está sendo feito. Então isso é uma coisa prática que eu tenho feito, tanto enquanto produtora, quanto designer de produto, mesmo que eu esteja ali como docente, eu ali produzo de fato os mobiliários, mas para além disso, pensando sei lá, a lógica da docência, da pesquisa. Isso que eu falei, por exemplo ela tá fazendo, a Aline que a minha orientanda, ela tá fazendo uma exposição interativa, para falar sobre casos de assédio no Rio de Janeiro, pensando a lesbofobia, por exemplo, ela é uma mulher cis, lésbica, só que ela não performa feminilidade, eu vou falar embate, mas não senti tudo negativo, porque ela falava mulheres lésbicas, existe uma lógica de pensar que não só as mulheres podem ser lésbicas, então sabe essas coisas muito sutis, difícil pensar, pessoas lésbicas, pessoas que se identificam dentro das lesbianidades, porque a pessoa não binária pode ser uma pessoa lésbica. E a gente tem esses termos, como “boyceta”, a gente tem textos, muito legais, que falam que as sapatões, elas eram um gênero outro, elas não eram uma sexualidade, elas eram um gênero no final das contas. Então sabe, acho que é nessa lógica de entender, dentro de escrita e processos, o que ali talvez não esteja tão condizente com avanços sociais, e avanços sociais, não no sentido de como uma sociedade tá avançada, porque a gente está “desavançado” em muitas coisas no final das contas, mas não deixar morrer debates que estão minimamente indo para frente.

51:09 **Grassine de Oliveira:** Então eu acho que assim, de uma maneira prática, acho que eu poderia dar essa situação da ESDI, e até mesmo outras coisas, às vezes eu participo de Congresso, aí eu falo assim, galera, eu acho que é legal usar: galere, queride sabe? Usar, alguns artifícios gráficos e textuais, que vão inserindo por exemplo, no mestrado o edital da pós-graduação, ele é em neutro, ele tá em linguagem neutra.

51:41 **Guilherme Cardoso Contini:** Legal!

51:45 **Grassine de Oliveira:** E teve pessoas que criticaram, foram para internet, pro Instagram reclamar disso. Falando assim, como a escola, primeira escola de design tradicional, ela se utiliza disso, eu acho que entra em outras questões que, talvez eu vou ter práticas que eu nem imagine que eu faça, porque a pós-graduação dali, pensando agora dentro da pós-graduação, a UERJ, não tem um sistema para pós-graduação, então a gente não tem tipo um aluno online, sabe? Coisas assim. Tipo que a gente entra no sistema ver a nossa nota, é tudo ali no manual nos arquivos, agora que tá se inserindo. Então assim, eu fui a primeira pessoa trans a entrar no programa a virar mestre, voltar para o programa entrar ali na docência, ali eu mudei querendo ou não, lógicas de pensamentos porque é isso, porque também acho que as práticas queer, elas são a gente conscientemente vai apontando, mas a gente também vai fazendo com que o outro se sinta mal em não incluir a gente, talvez. Então por isso que vezes eu fico me questionando, não entrar na UERJ, nessa lógica, essas coisas teriam acontecido e não necessariamente eu precisei falar galera, tipo nos e-mails, vocês usam no masculino ou tipo... na lista de chamada meu nome tá inteiro, sabe, essas coisas elas foram sendo modificadas porque um corpo estranho,

como Guacira traz, tá ali dentro, tá ali deixando em pânico o sistema que tava funcionando muito bem, um dia antes de eu entrar e hoje não funciona, então eu acho que talvez até tenha essa outra perspectiva, que hoje eu tenho ciência de quando vejo as coisas acontecendo ali, que é por exemplo o Guilherme (Altmayer), ele foi coordenador da pós por um tempo, aí ele saiu, então assim, o Guilherme, ele trouxe muitos avanços também para pós-graduação nesse sentido, talvez eu acho que eu estando ali ou não, talvez tivesse isso, mas eu entendo que eu estar ali, fez com que isso acontecesse mais rápido e aí com a saída do Guilherme e a entrada de outros coordenadores que não estão na lógica, nem de sexuais, nem de gênero, raciais, nenhum sentido assim, essas práticas elas ainda continuam, eu acho que isso é legal também, de pensar que tem práticas que elas acontecem apenas por a gente fazer com que essas pessoas se sintam mal em fazer a gente se sentir mal, eu acho que é um pouco isso também, então acho que como práticas, eu acho que acontece pensando ali, nas lógicas que eu participo, eu acho que elas acontecem nesses três momentos. Assim de eu ver e apontar, dentro de pesquisa ou dentro de práticas, foi assim com o banheiro, tipo assim aí galera, não sei se é legal, a gente faz soltando e vai e vai modificando e tem lógicas de que a gente tá ali, a gente faz as outras pessoas sentirem vergonha, talvez de saber que a gente não tá bem naquele lugar e aí eu não sei eu acho que é mais ou menos por aí.

55:26 **Guilherme Cardoso Contini:** Obrigado! Bom, vou fazer as três últimas perguntas e depois a gente pode conversar né? Mas de forma mais aberta, essas três últimas perguntas, elas são mais diretas assim a partir do que você vier em mente agora vou juntar as duas assim, as duas penúltimas ali, que é **Quando você pensa na literatura do Design, o que vem na mente que você usa? E no queer, pode ser nome, pode ser o título, o que você lembrar, dos dois lados.**

56:01 **Grassine de Oliveira:** No design difícil, eu nunca, até no doutorado, eu levo muito puxão de orelha e eu acho que é um puxão de orelha às vezes um pouco injusto, porque a literatura de design que envolve as questões de gênero sexualidade teoria queer, corporeidade, elas são escassíssimas dentro do Brasil, fora a gente ainda tem pequenas coisas, dentro do Brasil, dentro do Design, hoje que eu penso tem a Denise, tomara que você consiga conversar com ela, é porque ela é da psicologia, não necessariamente a Denise ela tá numa lógica de fazer estudos queer, mas é que ela é uma mulher, ela é uma mulher lésbica, que era militante nesse sentido, dentro da PUC que foi a primeira pós-graduação que a gente teve aqui no Rio, as pessoas acabam indo para ela, então eu acho que nesse sentido fez também um pouco a pesquisa dela ir ter essa vertente, acho que não é principal, mas também quase a gente não vê hoje atualmente muitos pesquisas atuais sobre essas questões, sempre tá relacionado alguma pessoa orientanda dela. Nenhuma uma crítica sobre isso, mas só para pontuar, que a pessoa que a gente tem como referência, que aparece em muitas literaturas, não é uma pessoa que de fato produz, massivamente sobre esse tipo de assunto. Tem o Guilherme (Altmayer), que ele tem alguns livros, alguns artigos sobre ativismo queer, o mestrado dele é sobre isso, ele vai falar sobre coletivos, o mestrado, se eu não me engano é o mestrado, não me lembro se é o mestrado ou o doutorado, mas ele fala sobre coletivo, quando ele vai se associar a Indianarae Siqueira, sobre a CasaNem, então o Guilherme acho que é outro nome do Brasil.

59:12 **Grassine de Oliveira:** Ah é, tem ela (Raquel Noronha) do Maranhão, de Pernambuco, tem uma professora Griselda, que é Argentina, que é a mais que se aproxima com estudos queer nesse sentido, tanto que eu participei dessa disciplina e eu fui apresentar minha pesquisa, aí elas falaram assim, desculpa Grassine, porque assim a gente não consegue te ajudar, porque é isso, elas estão dentro de uma lógica de feminino, de pessoas que estão em são indígenas, de ribeirinho, é esse empoderamento da mulher mesmo, fica muito dentro das mulheridades cisgêneras mesmo, eu acho que ainda precisa caminhar muito, mas não vou negar que exista existe esse núcleo, mas eu acho que, que envolve mesmo a teoria queer é o Guilherme e a Denise, tem a galera do Parquinho Gráfico que eu te falei, tem Laura Daviña, Marina, o nome dele é difícil, mas eu posso depois te mandando.

01:00:24 **Guilherme Cardoso Contini:** Foi acho que com a Marina que eu consegui falar, não para entrevista necessariamente, mas por conta do livro conseguir o livro.

01:00:34 **Grassine de Oliveira:** Ela fez até a dissertação, a dissertação de mestrado dela foi sobre as práticas que a gente fez, a galera do parquinho gráfico ali, acho que é uma galera não tão reconhecida como talvez merecia ter, porque elas vão trazer ali diversas tipos de lógicas dissidência, mas envolvendo a queerização dentro do Design. Aí fora do design, não fora do design não, fora do Brasil, eu não sei se você conhece, mas ela se chama Sasha Costanza-Chock, ela tem um texto chamado Design Justo, ela é uma pessoa trans não-binária, pelo menos a última vez que eu li, quando eu li ela foi em 2020, o texto falava que ela era uma pessoa trans não-binária, não sei se ela é travesti, então nessa lógica é ela, eu acho as literaturas dela são muito sensacionais, ela é de uma área do design voltada para tecnologia, então é uma área talvez não tão atingida dentro do queer, que ela traz esses debates sobre o corpo e queerização. Tem um livro dela que é sobre patriarcado no design mesmo, é Cheryl Buckley, que também tem minhas ressalvas, porque acho que fica ainda dentro de uma lógica binária sobre mulheridade mesmo, mas ela faz um texto mais antigo que já era bom, aí ela traz algumas atualizações que eu acho que supera algumas questões binárias, mesmo ficando, mas ainda supera, então acho que ela é uma pessoa do Design fora, tem a Ellen Lupton.

01:02:26 **Grassine de Oliveira:** Eu tenho poucas leituras dela, que envolvem isso, mas minimamente eu achei ali coerente, eu vi que ela tem outras diversas produções que não estão tanto numa lógica do design queer, mas ela tem um livro bom, que é famoso, que envolve não binariedade, feminismo, tudo isso no Design e eu acho que só, eu não lembro, a outra pergunta, você perguntou se eu conhecia pessoas? Do campo do design queer e depois amplo?

01:03:04 **Guilherme Cardoso Contini:** Isso, amplo da literatura queer aqui pra nós.

01:03:32 **Grassine de Oliveira:** Eu acho que eu me apoio para literatura queer, é Jota Mombaça, Alice Nascimento, tem a Amara Moira. Tem um texto, é Abigail, ela tem um texto super legal, qualquer coisa se eu não lembrar, eu posso te mandar por e-mail depois?

01:03:43 **Guilherme Cardoso Contini:** Pode, pode sim.

01:03:46 **Grassine de Oliveira:** Sobre isso, às vezes que eu tenho, que é um texto bem legal da, eu não vou lembrar. Ah tem também o Albert não, é Jackson Albert? Ai eu não lembro agora, é um homem trans, ah tem brasileiro também, tem o João Nery, que é homem trans, o outro também depois eu vou lembrar que ele é estrangeiro e ele é homens trans, eu te mando, no mais tem a Butler que não pode faltar, tem o Foucault, que eu às vezes eu não uso tanto, prefiro usar mais a Butler, porque ela acaba ficando uma lógica mais dentro de gênero, do que o Foucault fica mais dentro da área da sexualidade, mas bom é inegável a ajuda que ele faz para o campo. Deixa eu pensar assim, que eu uso mais assim, não sei eu, acho que são essas. Acho que eu mais uso, elas estão nesse grupo mesmo.

01:05:14 **Guilherme Cardoso Contini:** Não, muito obrigado. Para a gente fechar a última pergunta também, esse pensamento, essa mensagem final, **O que você espera desse futuro da relação design queer, se você tem alguma visão otimista, pessimista, enfim?**

01:05:29 **Grassine de Oliveira:** Olha eu tava fazendo uma conversa até com uma aluna esses dias sobre isso, que a gente tava falando sobre antropoceno, nada a ver, mas eu fiquei falando que, eu talvez seja um pensamento otimista/pessimista, é isso que eu comentei, a gente a gente vive, às vezes leva tanto tempo, para certa categoria tá minimamente aceito na sociedade, provavelmente nunca é totalmente aceita, que eu acho que ainda vai levar um tantão de tempo para, pelo menos para o meu recorte que a transgeneridade, focada ainda dentro de uma negação de uma questão de gênero, para categoria de gênero, porque ainda ficou, bom, dentro de transgeneridade ainda tem a não-binariedade, que é essa negação do que é ser masculino, tantas categorias, que eu acho que ainda é um caminho ainda muito longo a trilhar, até mesmo dentro da própria comunidade, dentro do que é transgeneridade, tantos sistemas. Eu acho que socialmente talvez demore, eu acho que esse é meu lado pessimista, mas eu acho que o lado otimista, é que a gente tem tido espaço dentro da academia, e fomento e apoio também para nossas pesquisas, então por exemplo, eu tô no departamento de produto, e aí a ESDI ela vai passar por uma reforma curricular, o Pedro Zöhrer que é o chefe de departamento, ele falou “ah, não, faz essa faz você essas disciplinas, que são as disciplinas de ergonomia ou que envolve questões do corpo, então 2026 vai entrar em vigor na ESDI uma literatura, até me emociono né? Que vai deixar de falar o termo do homem e que vai pensar outras lógicas, até da humanidade, a gente vai entender não agora a palavra ser humano, mas como ser vivos. A gente vai quebrando certas lógicas de produção do que é fazer design, eu não sei se vai abrir até concurso agora ESDI, vou até tentar terminar o doutorado antes para fazer, eu não sei se eu vou passar para ali, mas eu sei que enquanto eu tiver ali eu consegui fazer eu acho, é querendo ou não, eu consegui fazer coisas que elas estão sendo postas em práticas e eu não posso negar, que isso já é bastante coisa, dentro do que a gente pode hoje. Então só de pensar que talvez a gente vai ter uma escola de grande importância, ementas que tem uma literatura de pessoas trans, por exemplo ou que elas tratem um design de uma forma, eu acho que neutra, é difícil de falar porque é muito difícil pensar numa neutralidade de design, mas talvez pensar numa amplitude maior do que é sociedade, do que é produção

para uma sociedade. Num lado muito otimista e feliz, eu acho que dentro da pesquisa e de talvez de pequenos nichos, não que eu acho a ESDI pequena, é porque a gente tem a UERJ como matriz e a ESDI ela fica em um outro lugar, ela é deslocada do campi maior, mas sabe, ainda é uma mudança, é uma escola que muitas pessoas pesquisam sobre, que outras pessoas vão atrás, então saber que vai ter mudança significativas, me traz um positivismo que eu não sei se isso vai decorrer tão forte para a sociedade, enquanto lógica de produção.

01:09:36 **Grassine de Oliveira:** Mas minimamente acho que vai trazer para você, para os discentes, para formação do Design, uma lógica que minimamente critique e faça reflexões sobre uma forma justa de se fazer design, acho que esse é meu lado positivo. Ai, desculpa, eu fiquei aqui, emocionada, mas eu acho que dentro dessa lógica, eu acho que a gente tem por exemplo, fico muito feliz de saber por exemplo que meu nome aparece muitas vezes, porque a gente tem um pouco desse medo, eu sempre tive esse medo de, será que o que eu tô fazendo, não é por fama nesse sentido, eu acho que todo mundo procura de certa maneira reconhecimento, mas a gente fica muito, eu pelo menos fico, tipo bom, será que eu tô fazendo contribui de verdade? Para uma lógica de pesquisa que vai te sociedade ou uma comunidade? Tá indo, né? Então, não tem como falar que de fato uma positiva as coisas não têm andado. Porque acho que esse encontro, mostra que existe um avanço da pesquisa de design, que envolve questões de queer, corpo, sexualidade, de gênero, de dissidências no geral. Então acho que é isso.

01:10:57 **Guilherme Cardoso Contini:** Grassine, queria te agradecer pelo nosso papo, a conversa, não tem como a gente não se emocionar junto, eu tava aqui fechando o meu áudio de vez em quando ali nessa fala final e assim, ver o quanto é poderosa essa mudança. Então é muito importante ver esse cenário e te escutar.

01:11:41 **Grassine de Oliveira:** Aí, eu que agradeço.

Apêndices AA - Formulário entrevista Mariana Nobre de Oliveira

Quem faz um Design Queer?

Meu nome é Guilherme Contini, sou doutorando do PPG Design da UNESP de Bauru e este questionário faz parte do meu projeto de doutorado **“QUEM FAZ UM DESIGN *QUEER*? Identificação de metodologias e práticas contranormativas no design”**, sobre as aproximações do ensino e pesquisa em Design com as temáticas *queer*, de gênero e de sexualidade. Sou orientado pela Prof^a. Dr^a. Fernanda Henriques e coorientado pela Prof^a. Dr^a. Cassia Carrara Domiciano, docentes da graduação e pós-graduação em Design da UNESP.

Reforço a importância da sua contribuição para a área de pesquisa e será uma honra poder entrevista-lo(a), através das perguntas a seguir, para saber um pouco mais sobre as origens dessa conexão Design-gênero-sexualidade e Design-*queer*.

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (FAAC) da UNESP, campus Bauru. CAAE: 89558625.0.0000.5663.

Pesquisador Responsável: Guilherme Cardoso Contini

Orientadora Responsável: Professora Dr^a. Fernanda Henriques

Instituição a qual pertence o Pesquisador Responsável e a Orientadora: UNESP (campus Bauru)

Caso tenha alguma dúvida ou interesse em saber mais informações sobre a pesquisa, entre em contato comigo pelo e-mail guilherme.contini@unesp.br ou pelo telefone/Whatsapp (19)98228-2222.

Ao continuar você concorda em dar acesso às respostas do formulário e utilizá-las na pesquisa, incluída a possibilidade de identificação de entrevistado(a) na apresentação e nos materiais derivados do doutorado.

O e-mail do participante (**mnobre@outlook.com**) foi registrado durante o envio deste formulário.

E-mail *

mnobre@outlook.com

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Gostaríamos de convidar você a participar como voluntário(a) da pesquisa **“QUEM FAZ UM DESIGN QUEER? Identificação de metodologias e práticas contranormativas no design”**.

O motivo que nos leva a realizar esta pesquisa é a investigação da relação entre o Design e os estudos *queer*, analisando práticas e pesquisas contranormativas no Design. Nesta pesquisa pretendemos analisar, através de revisão bibliográfica e entrevistas, as aplicações do Design nos estudos *queer* para a identificação de práticas e ferramentas utilizadas na construção de projetos.

Caso você concorde em participar, vamos fazer as seguintes atividades com você via formulário ou Google Meet, conforme sua disponibilidade: entrevista qualitativa sobre a relação entre o histórico, os materiais e os projetos de design em desenvolvimento ou já desenvolvidos pelo(a) pesquisador(a) selecionado(a) e sua conexão com os estudos “*queer*” e os estudos de gênero”.

Esta pesquisa tem alguns riscos mínimos, que são: riscos de origem psicológica como desconforto; possibilidade de constrangimento ao responder o questionário; vergonha; estresse; cansaço ou aborrecimento durante a as gravações de áudio e vídeo da entrevista (caso seja realizada via Google Meet); evocação de memórias pessoais; alterações sobre a visão de mundo e de comportamentos em função das reflexões sobre gênero e sexualidade; medo de não saber responder as perguntas; imprecisão na divulgação dos resultados. Mas, para diminuir a chance desses riscos acontecerem, será proporcionado um ambiente físico ou digital acolhedor e tranquilo, restrito ao pesquisador, ao entrevistado e à equipe de apoio (se necessária para gravação do Google Meet, quando escolhida essa modalidade). Serão feitas pausas entre as perguntas sempre que solicitado pelo entrevistado. Além disso, o(a) participante tem plena liberdade de recusar-se a responder alguma pergunta ou de interromper a entrevista”. A pesquisa pode ajudar a trazer contribuições substanciais para à área do design ao mapear as abordagens metodológicas, as pesquisas e os projetos já realizados ou em desenvolvimento que se conectem com os estudos *queer* ou os estudos de gênero. A reunião desses dados coletados pode acelerar e facilitar, futuramente, o desenvolvimento de novas pesquisas na área.

Para participar deste estudo você não vai ter nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, se você tiver algum dano por causadas atividades que fizermos com você nesta pesquisa, você tem direito de solicitar indenização. Você terá todas as informações que quiser sobre esta pesquisa e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Mesmo que você queira participar agora, você pode voltar atrás ou parar de participar a qualquer momento. A sua participação é voluntária e o fato de não querer participar não vai trazer qualquer penalidade ou mudança na forma em que você é atendido. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável e a outra será fornecida a você. Os dados coletados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos. Decorrido este tempo, o pesquisador avaliará os documentos para a sua destinação final, de acordo com a legislação vigente. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais, atendendo as legislações brasileiras (Resoluções Nº 510/16 e Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Mediante ao disposto no Artigo 9º da Resolução 510/16 CNS no que diz: “São direitos dos participantes”: “V – decidir se sua identidade será divulgada e quais são, dentre as informações que forneceu, as que podem ser tratadas de forma pública;”.

Ao selecionar uma das opções abaixo, você declara que concorda em participar da pesquisa, que lhe foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as suas dúvidas e que sua identidade e os dados e informações apresentados poderão ser divulgados. *

- ☒ Li, compreendi e aceito as condições dispostas no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Afirmando concordar em participar da pesquisa e que me foi dada a oportunidade de esclarecer minhas dúvidas.
- ☐ Não aceito as condições dispostas no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Desta forma, me recuso a participar da pesquisa.

Cadastro / Dados pessoais

Os dados de cadastro serão utilizados exclusivamente para a pesquisa de doutorado e não serão utilizados para outros fins, respeitando assim a Lei nº 13.853, de 8 de Julho, Lei Geral de Proteção de Dados.

Nome completo *

Mariana Nobre de Oliveira

Nº Documento de Identidade *

Você pode optar por incluir seu RG ou CPF. Este dado será coletado com objetivo exclusivo de confirmação do consentimento do respondente quanto ao uso de respostas na pesquisa de doutorado. Esse dado não será utilizado para outros fins e não será divulgado, respeitando, assim, a Lei nº 13.853, de 8 de julho, Lei Geral de Proteção de Dados.

052.091.134-26

Identidade de Gênero *☒ Mulher Cisgênero☐ Mulher Transgênero☐ Homem Cisgênero☐ Homem Transgênero☐ Pessoa Não-binária☐ Prefiro não declarar☐ Outro: _____**Qual é a sua formação? ***

Mestre em Design

Qual é a universidade e/ou o(s) programa(s) de graduação e pós-graduação de Design que você faz parte atualmente? *

Atualmente, nenhum. Mas meu mestrado foi concluído em 2022 pela UFCG.

Questionário

O questionário é composto por perguntas, em sua maioria, qualitativas.

Se em algum momento você decidir não responder, por favor indique: "Prefiro não responder!".

Você sempre pesquisou sobre os estudos de gênero e sexualidade dentro do Design, ou você teve algum ponto de virada em relação à sua pesquisa ou à sua trajetória acadêmica? *

Quando eu estava nos últimos períodos da graduação, lembro de uma disciplina em que o professor colocou como requisito de projeto que a gente trabalhasse com públicos minoritários em um trabalho específico. Nessa época eu já lia e estudava um pouco sobre questões de gênero, mas por um interesse muito pessoal mesmo, sem conectar isso ao design. No projeto da disciplina acabei trabalhando com pessoas cegas e de baixa visão como público-alvo, mas de alguma forma isso acendeu na minha mente a possibilidade de atuar com o design focando em públicos minoritários gênero-dissidentes também. Foi isso que me levou a desenvolver meu trabalho de conclusão de curso na graduação, que resultou no projeto de um artefato que auxiliasse o processo de hormonização de homens trans em tratamento hormonal.

Você também pesquisa os estudos queer? Essa aproximação começou antes, depois ou ao mesmo tempo em que se aproximou dos estudos de gênero e sexualidade? *

Pra mim, como uma pessoa queer, as temáticas queer sempre orbitaram meus estudos de gênero e sexualidade. Nunca percebi ou estudei essas coisas de forma desconectada, de fato.

Você tem familiaridade com o termo “queerização do Design”? *

☒ Sim

☐ Não

Questionário

Você respondeu "Sim" à pergunta anterior. Por favor, explique em suas palavras o que é "queerização do Design". *

A primeira vez que tive contato com esse termo, se não me engano, foi com a pesquisa de Ece Canli (Queerying Design: Material Re-Configurations of Body Politics). Pessoalmente, vejo a queerização do design como uma forma de sensibilizar o design sobre as questões queer - as dores, desafios sociais, etc. - buscando sempre desafiar o status quo, e fazer uso do design, em todas suas frentes, como mecanismo contra-normativo.

Em que momento você “queerizou o Design” através de suas pesquisas e/ou projetos? *

Durante o mestrado, minha pesquisa envolveu muito uma análise de códigos sociais de gênero, avaliando como as pessoas no geral interpretam o "masculino" e o "feminino" visualmente, e de que forma uma estética "gênero-neutra" pode se constituir e ser interpretado, seja a partir da norma ou de um movimento contra-normativo. Acredito que todo esse contexto de "neutralidade de gênero", que tem se popularizado em alguns meios, abre margem pra discussões sobre a "queerização" do design e sobre um design contra-normativo. Foi com essa premissa que eu desenvolvi minha pesquisa unindo essas duas áreas (o design e o estudo queer).

O que você acha que falta no Design para a sensibilização às temáticas *queer* e às temáticas de gênero e sexualidade realmente acontecerem? *

Acredito que, principalmente, mais discussões sobre as temáticas. Lembro de no início, anos atrás, ter tido bastante dificuldade em encontrar fontes que abordassem os estudos queer e de design juntos. Existiam alguns autores, claro, mas lembro de ter sido uma busca exaustiva até encontrar pesquisas mais robustas sobre. Inclusive ficava bastante empolgada quando encontrava algo, e tinha aquela sensação de "ufa, tem alguém falando sobre isso também!".

Você já realizou PROJETOS PRÁTICOS com a temática *queer*? Se sim, que metodologias ou práticas do Design você utilizou? *

Durante meu estágio docência, no mestrado, realizei uma atividade prática com uma turma do primeiro período da graduação. A ideia é que eles escolhessem, individualmente, objetos aleatórios e pudessem caracterizar, a partir de uma análise semiótica, atributos físicos e visuais que reforçassem a ideia de gênero naquele objeto escolhido. Após apresentação de cada um e discussão entre a turma, seguimos para uma segunda etapa onde os atributos identificados deveriam ser modificados com o objetivo de descaracterizar aquele objeto enquanto "feminino" ou "masculino", propondo um novo design pro produto. O trabalho gerou reflexões interessantes entre a turma, discussões sobre como a ideia de gênero-normatividade, apesar de socialmente estabelecida, passa também por uma interpretação individual, entre vários outros pontos. Foi uma prática bem proveitosa pra sensibilizar uma turma ainda no início da graduação sobre esses temas.

Você já realizou PESQUISAS com a temática *queer*? Se sim, que metodologias ou práticas do Design você utilizou? *

Na minha pesquisa de mestrado, fiz uso principalmente de análise semiótica.

Quando você pensa na literatura do Design, vem algo à mente que dialoga com os estudos *queer*? *

Uma ideia muito presente na literatura do design que eu vejo, em diferentes áreas, é o conceito abstrato do "design enquanto agente de transformação". Vejo esse conceito atravessando também (de uma forma diferente, talvez) os estudos queer. Pensando de modo superficial, acredito que essa visão - muitas vezes política - de questionar, confrontar e transformar cenários, é algo que pode convergir as áreas dos estudos queer e dos estudos de design.

Quando você pensa na literatura *queer*, vem algo à mente que dialoga com os estudos do Design? *

Mantenho a resposta anterior pra esse caso também!

O que esperar do futuro dessa relação entre Design e *queer*? *

Mais pesquisas e práticas no design que questionem a normatividade!

Questionário

Em uma definição rápida, “queerizar o Design seria sensibilizar o campo para os aspectos das subjetividades, das questões estéticas, políticas, sociais e culturais do Design na contemporaneidade” (Portinari, 2017). *

Em que momento você “queerizou o Design” através de suas pesquisas e/ou projetos?

O que você acha que falta no Design para a sensibilização às temáticas *queer* e às temáticas de gênero e sexualidade realmente acontecerem? *

Entrevista Guilherme Altmayer

Data da entrevista: 20 de Outubro de 2025

Duração da entrevista: 45 minutos

Participantes: Guilherme Cardoso Contini, Guilherme Altmayer

Transcrição

00:00 **Guilherme Cardoso Contini:** Queria te agradecer oficialmente, para ficar aqui no registro. Muito obrigado por topou participar e conseguir um horário na agenda, no meio de tanta correria.

00:10 **Guilherme Altmayer:** Prazer, xará, estar aqui, participando da sua pesquisa.

00:14 **Guilherme Cardoso Contini:** Guilherme, eu queria começar com alguns dados mais técnicos para registro. Então, **queria te perguntar se você concorda com a gravação dessa conversa, concorda com os termos que eu enviei para você anteriormente e se está tudo bem com a entrevista?**

00:30 **Guilherme Altmayer:** Concordo.

00:32 **Guilherme Cardoso Contini:** Obrigado. Guilherme, o primeiro passo, ainda nessa parte de dados mais técnicos, é saber um pouquinho da sua formação. **Querida que você contasse um pouquinho sobre a sua formação e qual universidade ou quais universidades que você está conectado hoje em dia, tá dando aula.**

00:51 **Guilherme Altmayer:** Eu sou formado em Administração, não sou formado em Design, pela Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), já há muitos anos. E aí tenho depois duas pós-graduações, uma em Marketing e outra em Sócio-Psicologia pela Fundação de Sociologia de São Paulo, aqui na FESPSP. E aí, depois que eu, na verdade, sempre trabalhei com Design, autodidata, e sempre trabalhei com Design, 30 anos no mercado e aí fui fazer mestrado e doutorado em Design na PUC-Rio, no Rio de Janeiro.

01:30 **Guilherme Altmayer:** E hoje eu sou professor na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, na Escola Superior de Desenho Industrial, a ESDI, onde eu atuo na graduação e no programa de pós-graduação em Design, o PPDESDI, que eu faço parte há uns três anos, mais ou menos. E inclusive já fui coordenador do programa também.

01:54 **Guilherme Cardoso Contini:** Obrigado, Guilherme. Obrigado por compartilhar um pouco da sua formação. E está sendo interessante esse processo nas entrevistas, porque eu tenho selecionado algumas pessoas que não tem realmente essa origem na área do Design, mas se conectam com Design em algum momento da história da pessoa, pessoal/profissional, e teve um único caso de uma pessoa que não atua no Design, mas pesquisa Design da Informação, que inclusive eles são da UNESP também, é o Simão e a Maria Jorente, que é orientadora.

02:24 **Guilherme Cardoso Contini:** Eles são da área de Biblioteconomia. E eles migraram para o Design da Informação.

02:36 **Guilherme Altmayer:** Faz sentido, né? Se pensar, faz sentido. Tem liga aí entre os campos, com certeza.

02:41 **Guilherme Cardoso Contini:** E como eles conectaram com o gênero, eles apareceram bastante e ele foi entrevistado. Mas no geral todos os outros estão com uma conexão com o Design em termos de trabalho também.

02:52 **Guilherme Altmayer:** Legal, legal.

02:55 **Guilherme Cardoso Contini:** Aí, dando sequência, eu tenho algumas perguntas que são comuns, que eu tô fazendo para todos os entrevistados, geralmente essas perguntas comuns já respondem questões específicas, então eu não tenho visto tanta necessidade de direcionar uma pergunta ou outra no final. Qualquer coisa que a gente vai inserindo. Acredito que vai abarcar bem.

03:17 **Guilherme Altmayer:** Beleza, tá bom.

03:22 **Guilherme Cardoso Contini:** Primeiro tópico. Queria te perguntar um pouquinho mais em relação a sua pesquisa nessa área. **Você sempre pesquisou sobre os estudos queer e os estudos de gênero e sexualidade no Design ou você teve algum ponto de virada na sua trajetória acadêmica ou profissional?**

03:39 **Guilherme Altmayer:** Essa pergunta é boa. Na verdade, eu me aproximei dos estudos de gênero e sexualidade a partir da minha própria prática artística, isso anos atrás quando eu trabalhava com fotografia e alguma coisa de performance e tal. Isso mais no campo da arte. Aí eu trouxe essa discussão para dentro do Design a partir da pós-graduação mesmo, do mestrado e do doutorado.

04:10 **Guilherme Altmayer:** E talvez, um pouco anteriormente a isso, essa discussão já estava presente nas minhas práticas ativistas com relação a manifestações lá em 2013, já em 2012 alguma coisa também acontecendo, promovendo, organizando manifestações no Rio de Janeiro e tal. Então, de alguma forma isso já estava permeando, mas foi na pós-graduação, mestrado e doutorado, onde eu trouxe como projeto de pesquisa, trabalhar gênero e sexualidade dentro do Design, nas artes. Ou seja, eu borrei um pouco a fronteira entre Design e Arte, porque eu tava trabalhando práticas artísticas e arquivos de Design, memória gráfica e esses aspectos do Design, mas sim, isso sempre...

04:56 **Guilherme Altmayer:** Na verdade, talvez a minha trajetória acadêmica, ela tenha acontecido por conta, em grande medida, do interesse nos estudos de gênero e sexualidade, principalmente, e obviamente trazer isso para o Design, foi algo que o programa que eu cursei na PUC-Rio e a minha orientadora, Denise Portinari, que você já conheceu, me proporcionaram. Ou seja, foi um espaço para lidar com essas questões lá em 2013/2014. Então, de alguma maneira, foi muito bem recebido, mas também me sentia como um peixinho fora d'água. Não são temas que eram amplamente discutidos ou trabalhados em programas de pós-graduação, você

sempre encontra de forma bastante isolada, mas de qualquer maneira foi a partir dessa temática que eu entrei na academia.

05:57 **Guilherme Cardoso Contini:** Legal. Eu tenho percebido, a partir das entrevistas e das pesquisas que eu te relatei, uma concentração interessante em algumas regiões, em alguns estados. Olhando para o Rio de Janeiro, o estado de São Paulo, algumas exceções no nordeste também, Minas, a gente tem visto alguns polos e eles vêm dessas pessoas orientadoras. No seu caso, você já é uma outra pessoa orientando projetos. Então, não são todos os lugares que têm, por exemplo, a Denise e você, duas pessoas já com seus orientandos, já levando essas temáticas e de repente com os grupos de pesquisas consolidados. Em algumas regiões, eu cheguei em pessoas bem isoladas, ainda começando esse caminho. É legal entender realmente esse processo através de vocês para a análise da minha pesquisa. Acho que é uma contribuição inegável.

06:59 **Guilherme Altmayer:** Que legal. Eu venho participando nos últimos anos de várias bancas também em lugares muito específicos, UFPR, UFPE e a própria Unesp, trabalhos que vão sendo desenvolvidos, mas obviamente de forma, talvez, mais atualizadas.

07:18 **Guilherme Cardoso Contini:** Legal, eu tenho trazido um tema e um termo específico que com certeza já é do seu conhecimento, no termo da Denise, que é a “queerização do Design”, e eu tenho perguntado isso, porque, durante as buscas, foi um termo que se mostrou bastante presente ou um pontapé inicial para muitas discussões que aconteceram depois. Então, queria perguntar se **você tem familiaridade com o termo “queerização do Design”?** E para você comentar um pouquinho sobre ele.

07:47 **Guilherme Altmayer:** Então, tanto tenho familiaridade que eu tava inclusive hoje de manhã dando uma aula sobre o tema “queerização do Design”. Obviamente ele parte muito em grande medida do artigo produzido pela Denise Portinari, que foi minha orientadora, então eu tenho uma aproximação direta com relação ao termo e de alguma forma a minha própria pesquisa e as trocas no grupo de pesquisa com a Denise colaboraram também na construção disso que ela tá chamando.

08:17 **Guilherme Altmayer:** E que eu também, de alguma maneira, tento replicar que a ideia de “queerização do Design” parte um pouco dos estudos *queer*, de pensar as temáticas, as discussões de gênero e sexualidade dentro de uma chave possível do Design, como Design pensado como uma espécie de mediador das relações e como produtor de sentidos e de produtor discursivo. Até de uma certa forma, como uma espécie de dispositivo que opera também reproduzindo normas, normatividade e várias questões que os estudos *queer* trazem para trabalhar.

09:16 **Guilherme Altmayer:** Então, eu acho que eu já a partir de uma ideia de “queerização do Design” e em grande medida a partir do Michel Foucault, *História da Sexualidade*, principalmente o primeiro volume, *A Vontade de Saber*, que é quase como uma Bíblia no sentido de, qualquer um que entra para esses estudos, para essa discussão, ao meu ver é uma leitura obrigatória nesse sentido, porque vai dar essa perspectiva de construção dos sujeitos, de como se conformaram esses sujeitos,

homossexual, e as questões de gênero também, de certa maneira, mais tangencialmente, mas de como os discursos emergem enquanto verdade.

09:45 **Guilherme Altmayer:** E aí, a “queerização” passa por uma espécie de estranhamento, desconfiança, de uma espécie de caminho metodológico que proporcionam um caminho crítico para pensar o Design a partir dessas chaves. A partir da chave de uma heterossexualidade compulsória, a partir de uma chave de um binarismo de gênero e de um sexo pré-definido mesmo antes do nascimento, por exemplo, várias questões nesse sentido.

10:42 **Guilherme Cardoso Contini:** E a partir disso, eu queria perguntar. **Em que momento, de repente, você percebeu que você tava “queerizando o Design” com as suas pesquisas e seus projetos?**

11:01 **Guilherme Altmayer:** Essa é uma boa pergunta. Eu acho que isso acontece desde sempre, de alguma maneira, esse olhar mais crítico para as práticas, mas eu acho que nas minhas atividades de curadoria de Arte, Design, Memória, arquivos, eu acho que se deu em grande medida a partir de uma vertente antidesign para pensar quais seriam... pensando no processo curatorial e especificamente uma exposição que eu curei que chama *Os Corpos São As Obras*.

11:39 **Guilherme Altmayer:** Onde a gente reuniu uma série de obras de arte produzidas por artistas, mas reunimos uma série de obras e materiais gráficos produzidos por não artistas, por não designers, materiais que talvez não seriam considerados o bom Design, ou o Design ideal, ali já também já tinha um estranhamento e uma espécie de aproximação com uma ideia a partir do que a Susan Sontag traz de *Notas sobre “Camp”*, a ideia de “Camp”, de olhar para essas práticas exageradas, com glitter e feias ao mesmo tempo, e mal feitas, e cafonas. Mas é uma espécie de mistura de uma noção estética que desconstrói um pouco uma ideia do que seria o ideal, do que se esperaria de alguém que está trabalhando com design.

12:37 **Guilherme Altmayer:** Acho que ali, do que eu posso lembrar agora, teve um momento de “queerizar o Design” nesse sentido.

12:44 **Guilherme Cardoso Contini:** Que legal, interessante a gente trazer essa perspectiva. E é uma coisa que eu tô relatando também agora, nos resultados finais da tese, outras perspectivas das pessoas que eu entrevistei que tem esses trabalhos, esses projetos que vão fazendo parte disso, dessa sensibilização. E queria aproveitar para te perguntar também em relação ainda a “queerização”, a sensibilização, **o que você acha que falta no Design ainda para sensibilização, as temáticas queer ou as temáticas de gênero e sexualidade de fato acontecerem?**

13:28 **Guilherme Altmayer:** Eu acho a primeira resposta que me vem à mente: levar essas discussões para o nível de graduação. Primeira coisa, eu acho que isso precisa entrar em currículos de graduação de certa maneira a partir de disciplinas mais críticas e teóricas que estão pensando as questões que orbitam em torno do fazer Design, as questões políticas e as implicações políticas que orbitam em torno de fazer Design. E acho que sim, isso na graduação eu tenho tentado fazer e tentado levar para graduação e isso faz muita diferença.

14:06 **Guilherme Altmayer:** Até para que lá na pós-graduação você tenha mais pessoas aderentes e buscando investigações com relação a essas temáticas. Eu acho que outra coisa que falta no Design é nós termos mais professores trans, mais professoras abertamente lésbicas, gays, que estejam trabalhando isso como bandeira de certa maneira, levantar a bandeira, o que muita gente de parte da academia combate essa ideia de que “Academia não é lugar para levantar a bandeira”, eu penso o contrário, aquele é um lugar para levantar a bandeira, levantar a bandeira com rigor, com trabalho bem feito e bem aprofundado, mas que faz com que essas questões se mostrem pertinentes.

14:57 **Guilherme Altmayer:** Para te dar um exemplo de um pequeno projeto que a gente fez lá na ESDI, no Rio de Janeiro, mas que eu acho que tem simbolicamente um efeito muito interessante, que foi criar placas de banheiro sem gênero para os banheiros da escola, por exemplo.

15:14 **Guilherme Altmayer:** Isso foi longamente discutido no grupo de pesquisa, foi levado para conselhos, foi aprovado, foi toda uma discussão política em torno disso, mas que acaba despertando em outras pessoas, também em outros alunos, em outros pesquisadores, a importância de levar essas questões para um lugar que poderia ser visto tão pequeno, como uma placa de banheiro, mas que é tão importante para muitas pessoas. Eu acho que eu te dei dois exemplos, aí poderia dar mais, mas acho que dois exemplos já dão conta.

15:48 **Guilherme Cardoso Contini:** Que legal, isso é bem interessante. Vou fazer um paralelo comentando sobre uma questão aqui da UNESP também. No ciclo de salas onde a gente tem mais aulas do Design e das áreas como Arquitetura, Comunicação também, nós temos um banheiro próximo, dois banheiros que sempre tiveram a divisão clássica, e um banheiro intermediário, que seria um banheiro para pessoa com deficiência, que aí seria um banheiro para todos os gêneros. E a gente fez um trabalho recentemente, a coordenação, os professores, eu falo recentemente mas um período de cinco anos atrás eles começaram a trazer isso, para ilustrar todo o banheiro, para que o banheiro tivesse ilustrações diversas, de temáticas da escolha dos alunos e para que a gente tentasse tirar essa questão das placas e que pessoa se identificasse com as ilustrações. E aí o que a gente percebeu, foi um processo muito legal de incluir os alunos/as alunas, todo mundo fez parte, gostou, se doou para aquilo.

17:01 **Guilherme Cardoso Contini:** Mas no fim das contas hoje, para fazer uma reflexão após as aplicações, a gente percebe que as próprias ilustrações que foram colocadas continuaram reforçando marcadores binários de alguma forma, mesmo as pessoas às vezes falando que não ou ao contrário, hoje se a gente olha e analisa os banheiros, eles ainda estão divididos.

17:17 **Guilherme Cardoso Contini:** E eu não sei qual questão que ainda pode ser feita lá, porque foi um projeto 100% aprovado pela diretoria, a gente podia, junto com os professores e com os alunos, desenvolver o que a gente quisesse, tava tudo “carta aprovada”, e a gente que escolheu, foram os alunos que decidiram fazer, mas ainda assim estão ali os marcadores.

17:43 **Guilherme Altmayer:** Eu acho que tem esse lugar também, esse lugar que é um entender os tempos e como que isso vai entrando na discussão e na produção do

próprio designer, exclusivamente, politicamente, entender que isso demanda tempo e generosidade de um amadurecimento das questões. E é justamente a representatividade, eu acho que nesse caso é muito importante, a diversidade de corpo, justamente para poder entender as múltiplas perspectivas que as questões vão ganhar, as representações gráficas e imagéticas que isso pode vir a ganhar.

18:19 **Guilherme Cardoso Contini:** Faz sentido. Eu não quero ficar falando muito para não atrapalhar você com o tempo, então vou seguindo aqui.

18:29 **Guilherme Cardoso Contini:** Ainda nessa linha, eu acho que você já foi respondendo essas duas próximas perguntas, eu vou fazê-las agrupadas. Tem uma em relação aos seus projetos, você já citou algumas coisas e as suas pesquisas. **A primeira parte da pergunta é saber se você já realizou projetos práticos ou pesquisas com a temática *queer*, já ficou explícito, e dentro desse sim para essa pergunta, que metodologias e de repente práticas do Design você acabou utilizando ou percebeu como indispensáveis nesses projetos ou nessas pesquisas?**

19:08 **Guilherme Altmayer:** Legal, uma pergunta muito boa. Obviamente, eu já venho respondendo que sim, que eu venho fazendo trabalhos/projetos nesse sentido, a minha própria pesquisa de mestrado e doutorado são feitas com essa temática *queer* e então acho que uma das referências seria o meu livro que é derivado da tese.

19:46 **Guilherme Altmayer:** E as metodologias, eu acho que tem duas principais para mim, mais importantes, uma que é a pesquisa-ação. E aí tem talvez algo de autoetnografia, porque o pesquisador está presente, está invocado no próprio objeto, no desenvolvimento daquilo que está sendo pesquisado/desenvolvido/aplicado ou até mesmo em práticas políticas ativistas que eu trago para dentro da tese, aí eu vou trazer o segundo aspecto daqui a pouco, mas no entendimento justamente de entender que é só fazendo com as outras pessoas e com outros, a possibilidade da presença de outros corpos, para minimamente dar conta de questões tão complexas quanto pesquisas que trabalham com gênero e sexualidade, que a gente sabe o quanto elas demandam em termos de esforços, de perspectivas e de rigor mesmo.

20:45 **Guilherme Altmayer:** Inclusive, talvez ainda mais fortemente numa questão ética de como lidar com esses corpos e essa diversidade de pessoas que você traz para pesquisa, de que forma você lida com isso. Eu acho que aí entra também uma questão da ideia de posicionalidade, de você se colocar e se mostrar quem é você, quem é o pesquisador que está se fazendo presente naquela pesquisa, e de que forma e quais os tensionamentos que esse corpo, deste pesquisador, no meu caso, uma bicha cis branca, qual as implicações? Onde eu me relaciono nesse xadrez da pesquisa? Eu acho que metodologicamente isso informa muito e revela também de alguma maneira as próprias limitações minhas enquanto pesquisador.

21:32 **Guilherme Altmayer:** Porque eu acho que tanto quanto você buscar metodologias que você tente dar conta de uma temática, você buscar metodologias que façam você também evidenciar as limitações, as falhas, o que dá errado, aquilo que na verdade talvez você botaria embaixo do tapete, por exemplo, eu acho que isso também faz parte de uma metodologia “queerizada”, ou seja explicitar o defeito, aquilo que não funcionou. Eu acho que tudo isso traz uma potência para um resultado de

pesquisa que parece super relevante. Lembrei dessas duas coisas, mas obviamente poderia depois pensar em mais outras.

22:22 **Guilherme Cardoso Contini:** Muito obrigado. Tem mais três perguntinhas, é uma entrevista mais enxuta, mas eu queria inserir uma questão que me veio à cabeça antes, que eu acho que dá para responder antes de chegar nessas perguntas finais.

22:35 **Guilherme Altmayer:** Claro, sem problema.

22:52 **Guilherme Cardoso Contini:** Como foi essa sua conexão com a Denise? Pensando nesses agrupamentos que eu tô identificando. Eu consegui entrevistar alguns orientandos seus, por exemplo, a Grassine, fizemos uma entrevista muito legal, foi minha primeira entrevista e foi muito muito aprofundada, ajudou muito na pesquisa. Outras orientandas também, da Denise. Então, a gente percebe que tem um núcleo muito legal e que vem dessa prática de repente de pesquisa e projeto de vocês dois, aí onde vocês estão localizados, e, também, fora daí, não dá para dizer que a gente não fura as bolhas, vamos dizer assim. Mas como tem sido essa extensão de conseguir levar para a graduação, estar conectado com a Denise, ter duas pessoas nessa posição de docentes levando isso para orientandos e ter uma rede local?

23:37 **Guilherme Altmayer:** Eu cheguei até a Denise, respondendo a primeira pergunta lá, eu cheguei até a Denise via um professor que se chama Gamba Júnior, que é um professor da PUC também e é muito meu amigo, de muitos anos, de mais de 25 anos, que há muito tempo me enchia o saco para que eu entrasse na pós-graduação, insistia para que eu entrasse para investigação a partir do trabalho que eu já desenvolvia e das questões que a gente já discutia de maneira informal e ele sempre me falava “Você tem que entrar com a Denise Portinari, ela trabalha com essas questões.” E a Denise tem um livro que hoje pouca gente conhece, mas ela abriu um caminho muito importante lá nos anos 1980. Acho que foi 86, onde ela escreve um livro sobre *Discurso da Homossexualidade Feminina*, super importante na psicologia, que eu acho que é a dissertação de mestrado dela que nasce em livro.

24:32 **Guilherme Altmayer:** Então, ali tem já uma referência muito importante. E obviamente através do Gamba, ele me puxou para que eu entrasse com a Denise. Aí, com a Denise essa relação começou e ela não e ela não terminou, ou seja, fiz mestrado, doutorado, eu ainda participo do Grupo Barthes da Denise, a Denise participa de bancas comigo e a gente faz todo ano um seminário entre os nossos grupos de pesquisa, para fazer um encontro das pesquisas que a gente desenvolve.

25:05 **Guilherme Altmayer:** Então, tem essa questão, como você falou, eu acho que tem um *match* e o fato de eu ser hoje um professor, mas um pesquisador que trabalha com essas questões e ter podido entrar na universidade pública e ter podido implementar isso num grupo de pesquisa na mesma cidade, isso só fortalece, acho que cria até meio que um polo de alguma maneira, você falou assim, mas por uma questão de contexto mesmo, favorecimento do contexto de alguma maneira. Então, é legal você trazer essa pesquisa que faz meio que refletir como é que se monta essa rede, como é que isso se materializa. E não é necessariamente por um projeto conjunto nosso disso acontecer. Mas, por exemplo, eu participei de uma banca de

uma graduanda de TCC, a Júlia, que fez um trabalho sobre o periódico *Chanacomchana*, na Federal de Pelotas.

26:02 **Guilherme Altmayer:** E aí, ela começou a frequentar o grupo. Aí, eu como tô em licença agora em São Paulo, não tô pegando novas orientações. Eu falei “Júlia, vem fazer mestrado com a Denise.” Ela já está em contato com a Denise, está fazendo o processo seletivo para entrar na PUC. Ou seja, de Pelotas, ela tá vindo para o Rio, justamente para fazer a investigação, porque a gente tá meio que conectando esses pontos.

26:27 **Guilherme Altmayer:** E eu acho que o que ajuda também e eu hoje tô dando aula junto com outras professoras, inclusive a Raquel (Noronha), na disciplina Design e Gênero, que eu não sei se chegou a fazer, mas é uma disciplina conjunta entre a Federal do Maranhão (UFMA), FAU-USP, UFPE, Universidade de Buenos Aires (UBA) e agora a ESDI, trazendo uma disciplina online e tal, mas que, também, está fortalecendo muito essa rede, justamente porque a gente tá vendo várias pessoas interessadas fazendo parte, criando essas pontes.

27:02 **Guilherme Altmayer:** Então, eu acho que é meio que por aí que vai de uma forma orgânica, meio não óbvia, mas vai se ganhando forma.

27:17 **Guilherme Cardoso Contini:** Você comentou da disciplina. Eu acho que eu tive “o azar” de sempre descobrir a disciplina depois que passou o prazo e dessa vez eu entrei em contato com a Raquel, consegui assistir algumas aulas. Por conta da reta final do doutorado, eu não estou conseguindo acompanhar, por exemplo, hoje de manhã, eu estava finalizando os processos de entrevista ainda e não consegui estar na aula, mas a Raquel me passou o acesso, consegui dar uma olhada e assistir duas aulas dessa série nova, acabei descobrindo mais para frente, mas é uma disciplina muito importante, pelo que eu tenho visto, dentro da temática.

27:42 **Guilherme Cardoso Contini:** Naquela primeira parte da pesquisa, quando eu analisei as matrizes curriculares, não dá para dizer com 100% de certeza que eu achei tudo que tinha em termos de disciplina, porque muitas vezes os estudos de gêneros e os estudos *queer* estavam escondidos nas ementas ou às vezes nem apareciam na ementa. Eu sei como é difícil. Tá ali, né?

28:20 **Guilherme Altmayer:** É verdade, porque, por exemplo, uma disciplina que eu ofereço, que chama *Design e Corpo* no PPDESDI, não tá falando diretamente, se você analisar a ementa, você vai ver ali dentro biografias e tal, mas ela não tá explicitamente trabalhando com as questões. Então, realmente é um caminho mais difícil de você identificar, mais trabalhoso.

28:38 **Guilherme Cardoso Contini:** Eu até cheguei nessa sua disciplina, também consegui acessar, mas por conta da ementa mesmo que eu pude incluir no estudo, porque eu achei as palavras-chave na ementa. Então, foi o que me salvou. E até foi um processo árduo, porque eu sei que eu tinha que ficar fazendo isso, a ponte com as universidades, pedir acesso às ementas. Algumas universidades, principalmente as particulares, não queriam me ceder o acesso às ementas.

29:10 **Guilherme Altmayer:** Algumas inclusive vendem a emenda. Você já ouviu falar disso? Porque eu tive uma orientanda, a Grassine é uma orientanda, que acho que teve que pagar por uma emenda, porque a universidade não liberava.

29:25 **Guilherme Cardoso Contini:** Gente, eu achei um absurdo. Algumas eu até falava “Não, mas eu tô vendo aqui, é esse nome só que eu preciso ler para ver se eu acho.”. Aí a pessoa me mandava uma emenda de duas linhas, que não estava incluindo na pesquisa, então foi um processo difícil, eu comecei em 2024, repeti ainda esse ano, porque eu percebi que alguns cursos mudaram as ementas do ano passado para esse. Então, é um processo que está sempre em construção. E aí, eu pausei e falei “Não, estava interessante, mas eu preciso olhar as produções.”. E aí eu continuei, a gente chega nessa rede. Eu achei legal você trazer essa fala, porque tem áreas no Design que parece que a gente tem redes mais consolidadas ou há mais anos, há mais tempo consolidadas, e a gente acessa o Brasil inteiro. E você citou a rede latino-americana de gênero e Design.

30:18 **Guilherme Cardoso Contini:** Quería fazer uma pergunta específica dessa rede, como ela funciona, porque talvez ela seja a primeira iniciativa com esse nome de rede, que a gente consegue ver no âmbito internacional ou mais próximo de nós, por conta da América Latina. Como que ela funciona? As pessoas conseguem acessar? Os alunos conseguem se conectar? Ou ainda tá no início?

30:45 **Guilherme Altmayer:** Ela tá no início. Eu não sou um dos fundadores dela, eu entrei depois, inclusive, depois de participar de alguns encontros com as professoras envolvidas na rede, eu acho que ela surge a partir da disciplina, se não me engano, daí eu precisaria averiguar melhor isso, mas eu acho que ela surge a partir da disciplina Design e Gênero, e a partir daí se transforma numa rede que ainda, neste momento, não é necessariamente uma rede aberta que tá recebendo novos membros, digamos assim, na verdade, foi uma das perguntas que eu lembro de fazer para Griselda, que é uma das membras, em um evento eu falei “Tá, mas como é que eu entro nessa rede? Como é que eu faço?”. Ela falou “Não, nessa rede não se entra assim, na verdade ela se dá porque as pessoas começam a trabalhar juntos, a desenvolver projetos juntos e aí isso vai formando uma rede.”.

31:36 **Guilherme Cardoso Contini:** Entendi.

31:39 **Guilherme Altmayer:** Então isso explica um pouco essa questão de não ser uma rede ainda totalmente aberta ou não oferecer alguma dinâmica aberta. Mas o site tá no ar. A gente tá colocando, reunindo todas as pesquisas lá. Teve um outro evento que foi importante, e aí eu queria voltar a pergunta anterior, sobre eu e a Denise e os programas de pós-graduação.

32:13 **Guilherme Altmayer:** Eu acho que tem uma questão aí, o Design é um campo sempre meio que navega entre as ciências duras e as Ciências Humanas, e eu acho que tem programas de pós-graduação onde existe uma ênfase maior em ciências duras e um pouco mais pragmáticas em muitos sentidos, de economia, de outras frentes, e que tenham talvez brechas para outros tipos de pesquisa e tal. E tem outros programas que, na sua essência, são mais propícios a aceitar e acolher essas outras discussões a partir de questões, por exemplo, como a gente está discutindo aqui dos

estudos *queer*, que eu acho que é o meu programa, o PPDESDI, eu acho que nem é o programa da Denise de certa maneira, eu conheço experiências de outros programas e de colegas de outros programas que buscam levar essas questões e enfrentam certas resistências, passam por questões de invalidação com relação às pesquisas e tal. Então, como talvez o Rio de Janeiro tem um pouco esse lugar mais propício por conta da PUC, da ESDI, de alguma maneira, pode ser, tá? É uma especulação, não tô tendo isso como na verdade não. Tenho certeza que tem programas onde isso se dá de uma forma muito bonita e muito bem feita, mas tem outros programas onde abrir esse espaço é um pouco mais difícil de certa maneira.

33:38 **Guilherme Cardoso Contini:** Eu fiz uma entrevista bem interessante também com a professora, não sei se você conhece, mas ela citou você também, a Marinês Ribeiro, da UTFPR, e eu entrevistei a Cláudia da UFPR, não sei se estou trocando.

33:40 **Guilherme Altmayer:** Cláudia Zacar você deve estar falando, da UFPR.

33:44 **Guilherme Cardoso Contini:** Isso, Cláudia Zacar. E aí elas comentaram do PPGTE como ele vem de uma origem das Ciências Humanas e como ele teve desde o começo uma abertura para trabalhar algumas dessas temáticas. E aí, eu comparo assim, por exemplo, com o meu, que é um PPG que tem uma característica de interior. No interior de São Paulo, a gente tem muitas pesquisas que falam desse interior, falam dessa perspectiva local também, que traz itens interessantes para pesquisa, mas aqui a gente tem uma divisão muito clara, metade do nosso PPG é muito ciência dura e ergonomia como uma força que às vezes a gente nem dialoga tanto dentro.

34:44 **Guilherme Altmayer:** Acontece em todos.

34:47 **Guilherme Cardoso Contini:** Aí tem um outro lado que tem essa conexão com as humanidades e onde eu acabei me encaixando, mas a gente ainda não tem uma pessoa como vocês que articula esse tema, cada um com o tema relevante também, mas com a sua ideia ali. E eu acabei me encaixando num recorte, por exemplo, foi Design Gráfico Inclusivo, onde eu consegui falar assim “Não, preciso pesquisar isso, então vai ser aqui.”. E claro, com as minhas orientadoras dando muito suporte, abraçando junto comigo, mas é uma realidade diferente.

35:25 **Guilherme Altmayer:** Tem isso. São esses bolsões de oportunidade que acontecem. Isso é muito legal. Inclusive, você falou Design Inclusivo, eu lembrei agora que eu vou estar aí na UNESP, no dia primeiro de dezembro para um evento que é sobre Design Inclusivo, vou fazer uma conversa aí em algum momento, tem que depois saber melhor, mas vou estar por aí.

35:34 **Guilherme Cardoso Contini:** Como o pessoal do Design?

35:36 **Guilherme Altmayer:** Sim, com o pessoal do Design. Tão divulgando ainda, porque ainda é outubro, mas daqui a pouco deve sair.

35:43 **Guilherme Cardoso Contini:** Legal, eu vou me informar também, porque eu não estava e quero estar junto. Bom, então, eu vou continuar para a gente finalizar as últimas perguntas.

36:00 **Guilherme Altmayer:** É isso que eu ia te dizer, vou ter que sair em uns 10 minutos. Acho que eu vou ter que já sair, mas a gente está chegando no final já né?

36:07 **Guilherme Cardoso Contini:** Sim, está chegando no final. As duas próximas acho que dá para eu juntar, porque tem sido até mais fácil assim, que é em relação ao pensamento sobre a literatura das áreas, Então, **quando você pensa seja na literatura do Design e na literatura queer, o que vem em mente, você já citou algumas coisas, que ajudam uma a outra, o que você pensa que é importante? Seja para sua pesquisa, seja para outras nessas áreas.**

36:33 **Guilherme Altmayer:** Eu acho que quando eu penso na literatura do Design, um que, para mim, é mais importante, é o *Objetos de Desejo*, do Adrian Forty. Eu acho que esse é um livro muito importante para que abra essa discussão de uma de uma aplicação política do Design, mas mais evidenciada a partir de análise de catálogos de materiais e de artefatos e tal, esse é um trabalho muito legal.

37:07 **Guilherme Altmayer:** Obviamente já tem livros que estão trabalhando a questão *queer* e o Design, tem o livro *Queer X Design*, é um livro gringo, não lembro o nome do autor agora, mas que não foi traduzido ainda para o português, mas é um livro super importante que eu penso em não só talvez traduzir, mas criar uma versão brasileira dele a partir de uma especificidade aqui do Brasil Deixa eu ver em quem mais que eu penso... é obviamente, a literatura que eu penso é a Denise Portinari e a Cheryl Buckley lá atrás, no *Feito no Patriarcado*. Acho que nos ajuda muito de alguma maneira.

37:46 **Guilherme Altmayer:** Tem a Teal Triggs também, que fez uma pesquisa sobre zines feministas, muito importante, no *Royal College of Art*. Mas assim não tem tanta literatura no Design, a gente tá nesse momento, você, eu e outras pessoas, produzindo, eu acho que a gente tá criando uma base teórica bem importante, bem interessante, que daqui a 20 anos vai ter fonte suficiente para pesquisadores acessarem.

38:22 **Guilherme Altmayer:** E aí você perguntou ao contrário. Boa pergunta essa, essa eu vou ter que te mandar depois, eu acho, não sei, porque a minha pesquisa com relação aos estudos *queer* têm muito a ver com o arquivo em memória e as artes. Então, eu penso em Jack Halberstam, por exemplo, eu acho que uma literatura muito importante e que dialoga diretamente com o campo do Design e é muito importante é o Preciado, eu acho que o trabalho do Preciado com a questão das próteses e dos dildos, etc, é um trabalho importante para fazer um pouco essa ponte com relação às questões *queer*. E talvez alguns outros trabalhos... *The Queer Art of Failure*, do Jack Halberstam, que trabalha talvez uma perspectiva mais das Artes, mas eu acho que o Design também pode se alimentar bastante e algumas outras coisas que aí talvez eu tivesse que passar para você depois, ir atrás um pouco. Mas eu acho que esse diálogo, acho que toda a literatura *queer* de alguma maneira, por ser uma um campo que oferece muito uma frente metodológica de como olhar, de como estranhar o que você tá observando o que você tá estudando, eu acho que de alguma maneira própria literatura *queer*, pode ser utilizada nos estudos de Design de uma maneira muito rica, muito interessante. Acho que é isso.

40:22 **Guilherme Cardoso Contini:** Obrigado pela resposta. E para fechar **o que você espera do futuro dessa relação Design e queer?**

40:31 **Guilherme Altmayer:** Puts... Eu espero que à medida que o campo e essa relação entre esses dois campos, que eles continuem se aproximando e que eles continuem amadurecendo no sentido de que pesquisas em Design que abordam uma perspectiva *queer*, cada vez mais consigam fazer isso de uma forma mais involucrada, mais articulada entre os dois campos, que gerem um novo conhecimento.

41:09 **Guilherme Altmayer:** Eu acho que o que acontece hoje ainda em grande medida, que eu acho que faz parte de um amadurecimento da pesquisa em Design e de trazer os estudos *queer* para o Design, que você tem pesquisas onde os capítulos de gênero e sexualidade, a discussão *queer*, está muito lindo, maravilhoso, mas quando você busca as amarrações e a forma como isso se dá, ainda precisa de trabalho, de amadurecimento, que eu acho que vem com o tempo, vem com as pesquisas que eu fiz, que você tá fazendo, que muita gente nesse momento está fazendo e que tá buscando essa aproximação. E eu acho que o futuro se dá em grande medida, porque a gente vai desenhando ele, vai abrindo os caminhos e ganhando os espaços para conseguir validar, dá estofo para essas pesquisas, validar elas com rigor que a academia exige.

42:01 **Guilherme Altmayer:** Mas, ao mesmo tempo, não tentando necessariamente se enquadrar, mas mantendo um aspecto, talvez, contra metodológico, pensando que outras metodologias ou que tipo de metodologia pode ser utilizada para não normatizar uma pesquisa que tem essencialmente um viés “queerizável”, digamos assim.

42:32 **Guilherme Cardoso Contini:** Guilherme, muito obrigado por participar da entrevista. Obrigado pela sua generosa contribuição, pela conversa, e eu me comprometo a passar depois o desenrolar dessa história. Muito obrigado mesmo.

42:45 **Guilherme Altmayer:** Vou querer saber, com certeza. Imagina. Foi um prazer, Guilherme. Boa sorte aí na finalização.

Entrevista Denise Berruezo Portinari

Data da entrevista: 11 de Outubro de 2025

Duração da entrevista: 62 minutos

Participantes: Guilherme Cardoso Contini, Denise Berruezo Portinari

Transcrição

01:05 **Guilherme Cardoso Contini:** Só para deixar registrado o meu agradecimento aqui na gravação. Muito obrigado, Denise, por conseguir fazer essa entrevista comigo no fim de semana, que eu sei que é tão corrido. Muito obrigado mesmo. Só para começar, **queria que você repetisse o seu nome completo e informasse se você concorda com essa entrevista, para ficar aqui no registro e dentro dos termos que eu te enviei, se você está a par dos termos também.**

01:41 **Denise Berruezo Portinari:** Meu nome é Denise Portinari, de acordo com a entrevista que eu tô fazendo aqui para o Guilherme Contini e estou de acordo também com os termos.

01:48 **Guilherme Cardoso Contini:** No comecinho da entrevista tem alguns dados de caráter mais pessoal, relacionado a sua trajetória, que um pouco eu já conheço por conta da sua presença na minha banca do mestrado e um pouco a partir da sua história, das nossas conversas, do que eu já li sobre você. Mas eu acho importante a gente resgatar. Eu tenho feito essa pergunta para todo mundo pedindo para **você falar um pouquinho sobre a sua formação e identificar qual faculdade/curso de graduação e pós que você tem atuado.**

02:29 **Denise Berruezo Portinari:** Bom, eu não sei quanto você quer dessa informação, qualquer coisa você vai me perguntando mais ou você me diz se já tá bom, tá?

02:34 **Guilherme Cardoso Contini:** Combinado.

02:35 **Denise Berruezo Portinari:** Então, Guilherme, eu fiz graduação, mestrado e doutorado em psicologia, minha formação toda em psicologia, o mestrado e doutorado em Psicologia Clínica na PUC, com o doutorado sanduíche pela New School for Social Research nos Estados Unidos. E como é que eu fui parar no design, com essa formação, né? Aconteceu que quando eu estava terminando o doutorado em 98, abriu uma vaga no Design da PUC, foi o primeiro programa de pós-graduação em Design na América Latina, eu acho, certamente na América do Sul. Então, não havia doutores em Design.

03:27 **Denise Berruezo Portinari:** Então, para compor aquele quórum suficiente para você abrir, para você legitimar o programa de pós-graduação, eles convidavam as pessoas que já estavam ali no núcleo inicial do programa, estavam chamando doutores de outras áreas. E na psicologia pediram o perfil de uma pessoa com caráter interdisciplinar, a psicologia me indicou, foi até minha ex orientadora, Ana Maria Nicolacci da Costa. E fui fazer o processo de seleção, passei. E aí, acabei ficando.

Nem era minha intenção, talvez ficar por tanto tempo, mas acabei ficando. Agora, paralelo a minha atividade como professora lá no Departamento de Artes e Design, também atuo como psicanalista, na medida do possível.

04:22 **Denise Berruezo Portinari:** Porque uma dedicação 40 horas também não deixa a gente tanto tempo livre, né? E que mais que eu posso dizer? No mestrado eu defendi uma dissertação intitulada *O Discurso da Homossexualidade Feminina*, que foi publicado como livro. Isso foi em 87. Foi publicado como livro em 88. E anos depois, eu vim a saber... porque na época a gente não tinha internet, então a gente não tinha tanta ideia assim do estado da arte das pesquisas, mas depois eu vim a saber que foi a primeira pesquisa sobre essa temática feita por uma mulher no âmbito da pesquisa acadêmica.

05:17 **Denise Berruezo Portinari:** Não sei o que mais que eu posso te dizer da minha formação... Eu tenho também uma especialização em Saúde Mental junto com a minha formação Clínica e Psicanálise e Psicologia. Como você vê, me interessei pela questão de gênero e sexualidade desde cedo, porque isso corria paralelo a minha vida, o que eu estava vivendo, pessoalmente. Acho que muitas vezes é o caso. A gente acaba caminhando a pesquisa para aquelas coisas que nos tocam mais de perto.

06:02 **Denise Berruezo Portinari:** Uma parte dessa formação tem a ver com essa experiência pessoal, claro, convivência no meio... o que a gente chamava na época, gay, né? Porque na época a gente chamava tudo de gay. Não tinha tanto essas divisões que depois foram se desenvolvendo. Nos Estados Unidos, eu tomei contato também um pouco mais com que estava começando ali, ainda não havia isso que depois veio chamar a teoria *queer*, mas já havia os chamados estudos lésbicos, os estudos gays, tinha um núcleo, o começo que estava se desenvolvendo. Quando eu fui, eu acho que o livro da Butler já estava publicado, o *Gender Trouble*.

07:17 **Denise Berruezo Portinari:** E o meu doutorado foi um doutorado em teoria psicanalítica. Eu estava muito interessada nisso também. Durante meu tempo nos Estados Unidos, eu frequentei grupos de psicanálise, eu busquei as disciplinas que teriam mais afinidade com isso, mas também continuei com o contato com a questão de gênero e sexualidade, as duas coisas passam muito perto, estão entrelaçadas.

07:44 **Guilherme Cardoso Contini:** Esse período que você passou fora, Denise, foi quando?

07:48 **Denise Berruezo Portinari:** Foi 96.

07:52 **Guilherme Cardoso Contini:** Legal.

07:52 **Denise Berruezo Portinari:** Foi 96. Na verdade, inicialmente eu ia fazer o doutorado inteiro fora. Eu fui aceita para o doutorado New School e consegui a bolsa em 89/90. Eu estava terminando minha especialização em Saúde Mental no antigo Hospital Psiquiátrico Pedro II, que tinha aqui, era também o início da reforma psiquiátrica, uma efervescência isso aí também. Foucault ligado as duas coisas. Foucault tanto ligado à reforma antimanicomial no Brasil, quanto ligado, claro, a gente sabe, ele tá lá, não propositalmente, mas ele tá lá na origem da teoria *queer*, como os

norte-americanos assimilaram o Foucault. E aí, então o que aconteceu? Mas aí, coisas da minha vida pessoal, turbulências da minha vida pessoal dessa época, eu acabei abrindo mão de ir. Eu acabei abrindo mão de ir e passei um tempo inclusive afastada da vida acadêmica.

09:02 **Denise Berruezo Portinari:** Em 93 eu resolvi voltar para a vida acadêmica. Aí passei para o doutorado aqui. Então, como eu tinha mantido o contato com a New School nesse meio tempo, um contato esporádico de contato com pessoas lá de Nova Iorque. Aí eu resolvi fazer a bolsa sanduíche. Então em 96 eu fiz a bolsa sanduíche para lá.

09:29 **Guilherme Cardoso Contini:** Obrigado por compartilhar um pouco da história, pensando nessa trajetória. Você já trouxe um pouquinho dessa fala sobre essas conexões com a sua trajetória pessoal e profissional também. E aí a primeira pergunta, depois dessa. Na verdade, é uma lista de algumas perguntas que eu tenho feito para todos os entrevistados. Às vezes eu consigo colocar até alguma pergunta específica sobre um projeto, alguma coisa que a pessoa fez, mas nessas perguntas base as pessoas já tem falado sobre isso, então acho que as coisas se misturam. E aí essa primeira pergunta tem a ver um pouco com que você já tá trazendo, talvez você queira complementar alguma coisa, mas se você achar que já foi respondido a gente passa também.

10:21 **Denise Berruezo Portinari:** Informação não acaba. Eu tô me formando até hoje. Então assim, todo tempo que eu passei no Departamento de Artes e Design, também foi muito informativo. E as pesquisas que eu comecei a desenvolver lá, o laboratório que eu fundei lá, então tudo isso faz parte da minha formação também.

10:40 **Guilherme Cardoso Contini:** E dentro disso, queria saber então um pouquinho, **você sempre pesquisou essas questões *queer*, os estudos de gênero e sexualidade ou se algum ponto de virada na sua trajetória que fez com que você pesquisasse também ou se já foi desde o começo mesmo igual você foi contando da sua trajetória profissional?**

11:03 **Denise Berruezo Portinari:** De certa forma foi, quer dizer foi já no mestrado. A minha pesquisa já se voltou para isso e eu já me interessava antes um pouco pelos estudos feministas, que são muito próximos. Sempre lembrando que na época que eu comecei a pesquisar isso não existia estudos *queer*. E aqui no Brasil, nem mesmo isso que eram chamados estudos gay, isso são também umas divisões muito norte-americanas e eu não sei se elas são tão boas assim, entendeu? Eu acho que por um lado é interessante. Não tem como a gente ignorar toda essa produção, mas você vê, na verdade, eu desenvolvi a minha pesquisa, essa minha primeira pesquisa no âmbito de um programa de pós-graduação em psicologia aqui.

12:00 **Guilherme Cardoso Contini:** Que legal.

12:01 **Denise Berruezo Portinari:** Não era a teoria *queer*, mas era uma pesquisa sobre o imaginário ligado a homossexualidade feminina. Hoje em dia a gente iria no mundo lésbico.

12:20 **Guilherme Cardoso Contini:** É interessante isso que você trouxe assim, porque hoje a gente é bombardeado por terminologias e muita coisa que vem do americanizado, a gente traz, alguns termos a gente muda, mas tem coisas que a gente ainda tá no processo de mudança. E o que eu tenho achado interessante com o meu processo das entrevistas. É que com o começo da minha pesquisa, eu tinha aquela inquietação que eu já carregava comigo lá no mestrado, de achar pessoas que estavam fazendo coisas semelhantes ao que eu fazia ou pesquisando temáticas próximas.

13:06 **Guilherme Cardoso Contini:** A gente sabe que esse guarda-chuva dos estudos de gêneros e sexualidade é muito grande em várias áreas, e no Design, eu tinha dificuldade de encontrar esses pares ou de traçar algumas parcerias. Mas eu tinha certeza de que isso estava acontecendo em alguns lugares. Aí eu comecei a investigação do doutorado tentando buscar aquelas metodologias clássicas que a gente vai usando para sistematizar uma coisa ou outra, mas já com a certeza de que eu não ia encontrar tudo ali. De fato, eu ampliei o recorte daquela busca sistemática de escopo para 14 anos de pesquisa, que talvez se eu estivesse pesquisando algum outro tema as pessoas iam falar “Não, você tá doido, porque você vai achar coisa demais.”. E usando sete bases de pesquisa, eu cheguei em 650, de 650, reduzi bastante, porque eu consegui incluir mesmo, 135.

13:55 **Guilherme Cardoso Contini:** E isso me fez observar, no contexto do Brasil, onde que essas conversas estavam caminhando e desde quando. Com certeza antes de 2010, já era uma fala antiga.

14:22 **Guilherme Cardoso Contini:** Mas eu vi nesses marcadores de 2010 para frente uma crescente nas pesquisas no campo do Design. E aí, no meu mestrado, eu já chego no seu nome por conta do seu texto *Queerizar o Design*, “queerização do Design”. E aí, eu queria que você me contasse um pouco mais sobre, porque tem uma pergunta muito legal que eu trago para as pessoas sobre o termo que você usa para entender um pouquinho como elas usam o termo ou não. A maioria usa a partir dos seus textos, então para você essa pergunta muda um pouquinho. O texto que eu tive acesso, é um texto de 2016 para 17. Com certeza, a gente publica depois do que as coisas acontecem ou ao mesmo tempo. Então, **queria que você comentasse um pouquinho. Em que momento você fez essa costura do queer com o Design, a “queerização do Design”? Como que foi isso para você?**

15:18 **Denise Berruezo Portinari:** Você tá me fazendo uma pergunta até para eu tentar entender, porque a gente vai vivendo e vai fazendo as coisas e às vezes a gente também não se dá conta. Eu acho que começa já com a fundação do laboratório, laboratório que eu, o Alberto Cipiniuk e o Gustavo Bonfim fundamos em 2000, Laboratório da Representação Sensível, que de certa maneira, no Laboratório de Estética, mas já era a nossa intenção, pensar as fronteiras do Design, a fronteira do Design com a História, na História da Arte, no caso do Alberto, com a Filosofia, no meu caso e no caso do Gustavo, a Psicanálise. Então, a gente fez durante anos um evento. Que foi um evento bem interessante. Porque a gente chamou de Simpósio Interdisciplinar do LaRS.

16:18 **Denise Berruezo Portinari:** Mônica Moura até chegou a frequentar. A ideia do simpósio era fazer um contraponto aos eventos do Design que eram os eventos assim tipo P&D, eram os eventos grandes, uns eventos onde tudo era muito já pré-determinado, muitos rótulos e tal. E a gente fez um evento que era todo o contrário. Era um evento onde todas as pessoas apresentavam seus trabalhos no mesmo recinto, umas para as outras, durante um dois ou três dias, que a gente teve que ir aumentando os dias, porque foi crescendo esse evento.

16:58 **Denise Berruezo Portinari:** A gente propõe um mote e os trabalhos eram em torno desse mote e os motes eram sempre muito abertos. Então, a gente começou com o mote que era “O Outro”, que era o outro... Aí depois o outro no campo do Design, o (in)visível. Enfim, para você ter uma ideia, o imaginário. Era um mote desse tipo que a gente propunha.

17:34 **Denise Berruezo Portinari:** E aí, nesses eventos a gente começou a ver o quanto era importante a gente trazer para o Design discussões que na época ainda não atravessavam tanto assim o campo, principalmente ligadas a Ciências Sociais e Humanas. Principalmente as Ciências Humanas. Quer dizer, isso já faz parte um pouco dessa trajetória, eu já tinha uma caminhada pelos estudos, vamos chamar assim, de gênero e sexualidade, e pela psicanálise.

18:13 **Denise Berruezo Portinari:** Então, a partir daí, eu criei um grupo chamado Grupo Barthes, no começo a ideia era trazer o Roland Barthes para o pessoal da pós-graduação em Design. E junto com o Roland Barthes, eu trouxe também Foucault, que foram os dois grandes teóricos da minha dissertação de mestrado. Isso já era lá atrás. Estamos falando aqui dos anos 2002, quando eu começo com o Grupo Barthes. Então, a gente começa lendo Barthes e Foucault dentro do Design, coisa que não se fazia oficialmente desse jeito, com um grupo de estudo para o qual qualquer um podia entrar.

18:56 **Denise Berruezo Portinari:** E com isso, é claro que você traz esses autores, você traz o Foucault, você já tá trazendo a base da teoria *queer*. Nesse momento eu ainda não tinha orientações ligadas explicitamente a essa temática, eu podia ter orientações que traziam alguma coisa de longe, mas a minha primeira orientação ligada a essa temática foi em 2006, eu aceitei para o mestrado, a Simone Wolfgang.

19:35 **Denise Berruezo Portinari:** E a Simone Wolfgang vinha com a proposta de uma pesquisa sobre HIV, sobre as campanhas de prevenção do HIV da década de 80.

19:48 **Denise Berruezo Portinari:** E aí eu falei “Ai que maravilha, agora eu vou poder trazer de novo essa temática agora aqui para o campo do Design.”. E com isso, depois da dissertação de Simone, eu acho que outras pessoas foram se animando a me propor trabalhos ligados a essa temática e a coisa foi crescendo.

20:12 **Denise Berruezo Portinari:** Agora, quando é que eu comecei a pensar isso em termos de queerizar? Eu não sei. A gente aos poucos, dentro do Grupo Barthes e também no meu grupo de psicanálise, a gente começou a fazer algumas leituras ligadas à teoria *queer*, algumas coisas que eu tinha trazido na bagagem ainda dos

Estados Unidos, quando eu estava no começo lá, outras coisas que a gente foi lendo ao longo dos anos.

20:40 **Denise Berruezo Portinari:** Como você disse, quando eu escrevi aquele artigo, *Queerizar o Design*, isso já estava rolando há muito tempo, a gente já vinha conversando inclusive dentro do meu laboratório sobre a importância da gente sistematizar aquilo que a gente fazia, da gente formular isso de alguma maneira, não só em cada pesquisa, mas com alguns textos, justamente que funcionassem como textos de leitura para o grupo.

21:16 **Denise Berruezo Portinari:** Aí nessa época eu fui chamada para participar de um evento na UERJ, lá na ESDI. E aí, era um evento para pensar justamente os cruzamentos dentro do campo do Design, de metodologias, cruzamentos, eu não me lembro agora do título do evento exatamente, mas eu posso recuperar isso para você. E aí, eu apresentei um trabalho que foi o começo do *Queerizar o Design*, eu acho que quando eu apresentei ainda não dei esse título, mas depois o título acho que surgiu até ali na própria exposição do trabalho, na discussão que veio.

22:08 **Denise Berruezo Portinari:** Aí, depois pediram para a gente enviar artigos para Arcos baseados nessas apresentações que a gente tinha feito, os que foram convidados lá. Então, eu botei esse título de *Queerizar o Design*. Tem uma outra perna dessa história. A outra perna dessa história é que, desde a fundação do Laboratório da Representação Sensível junto com o Gustavo Bonfim e com o Alberto Cipiniuk, em decorrência desse evento interdisciplinar que a gente desenvolvia, a gente começou a formular, principalmente eu e o Gustavo nesse caso, a necessidade de uma epistemologia do Design, de pensar na epistemologia do Design, porque não havia essa disciplina em nenhum curso de Design na época. E a gente começou a entender, porque era numa época que o Design tava ainda se firmando junto às agências de fomento, dentro do mundo da pesquisa acadêmica, então a gente sentia essa necessidade de trazer uma epistemologia mais robusta, de trazer umas leituras interdisciplinares também que conversassem nos campos das Ciências Sociais e Humanas.

23:18 **Denise Berruezo Portinari:** Porque o design nessa época estava um pouco fechado numa coisa muito tecnológica ou era uma coisa ligada ao Design Social, muitos rótulos. Então, a gente sente a necessidade de renovar esse debate, a gente criou uma disciplina de Epistemologia do Design, eu e o Gustavo, depois ela foi replicada, eu acho que em outros lugares, inclusive na Pontifícia do Chile, eles também adotaram essa disciplina lá. Sempre nessa necessidade de trazer a teoria crítica de alguma maneira, as teorias críticas para o campo do Design, porque a epistemologia que a gente propunha, eu e o Gustavo, era uma epistemologia crítica. Até hoje eu dou essa disciplina e até hoje ela é uma proposta de desenvolver uma epistemologia crítica do Design.

24:37 **Denise Berruezo Portinari:** Então, nesse artigo, o que eu procuro fazer é um pouco das duas coisas, é um pouco propor uma visada crítica do Design e trazer a teoria *queer* como alguma coisa que proporciona essa visada crítica. O Richard Miskolci, que eu gosto muito dele, é um teórico brasileiro da teoria *queer*, ele diz que é uma definição, é uma definição corrente, da teoria *queer* como uma analítica da normatividade e é isso. A teoria *queer* é muito diversificada, não dá para dizer que é

um campo unificado, mas ela é fundamentalmente isso, ela é um instrumento humanístico da normatividade.

25:31 **Denise Berruezo Portinari:** E eu acho até que, não só necessariamente da heteronormatividade, embora seja principalmente redigida a essa forma de normatividade, mas dá para pensar a teoria *queer* como enquanto analítica da normatividade que ela é, como instrumento para pensar também outras formas de normatização. Na sua inspiração foucaultiana, é isso que a teoria é. Então, esse artigo é uma proposta disso, de trazer uma analítica da normatividade para o campo do Design. Considerando que o design, e aí é uma outra parte desse artigo, que o Design tem um papel na produção da normatividade.

26:16 **Denise Berruezo Portinari:** Ele participa da produção das normatividades, enquanto forma de produção da cultura material que o Design é, ele participa da produção da normatividade. Então, é uma maneira de trazer uma teoria crítica para um Design. Não sei se eu fui clara aqui na minha... para tudo que valeria até sobre isso, mas acho que é isso esse artigo.

26:51 **Guilherme Cardoso Contini:** Foi sim. Muito obrigado, Denise. Eu acho, falando hoje com mais propriedade do que no mestrado por conta dessa minha curiosidade de investigar esse cenário, o que eu percebi até agora é que a sua aproximação com o Design para fomentar ainda mais projetos nessa área, foi extremamente importante. E vendo nessa linha do tempo, que é um pouco do que eu tenho tentado montar, não que a gente vai ter uma resposta de começo, meio e fim, igual a gente tem outras em outros momentos históricos, mas eu tenho tentado traçar esses paralelos e encontrar essas pessoas que deram esses pontapés importantes e fizeram esses pontos de virada, como você e outras pessoas que eu tenho encontrado. Não são muitas. Mas elas têm redes interessantes.

27:51 **Guilherme Cardoso Contini:** E o que eu percebi, o seu texto tem um impacto nessas pessoas e nessas articulações tão importante, que fez com que muitas pessoas a partir dele construíssem outras histórias ou levassem esse gancho da teoria, esse gancho da conversa sobre gênero e sexualidade, para ainda mais dentro do Design, para ainda mais no meio de outros tipos de projeto, seja eles quais forem, Design de Produto, Design Social, Ergonomia... E aí, com as entrevistas, além de chegar nas pessoas que tiveram alguma conexão com você, por orientação, o caso do Guilherme que você comentou, tem a Grassine também, Eva Célem, Nina Côrtes, todas as pessoas que estão na rede que eu estou entrevistando.

28:47 **Guilherme Cardoso Contini:** Algumas eu já consegui entrevistar, a Eva recentemente, a Nina também. E todas elas além de trazerem ótimos encaminhamentos e uma recomunicação super interessante que vem do “queerizar” geralmente, outras pessoas, em outros lugares, que quando eu entrevistei, eu analisei a trajetória, não foram suas orientandas, mas que utilizaram do seu texto naquele mesmo período, tiveram um impacto positivo.

29:24 **Guilherme Cardoso Contini:** O que eu tenho chegado à conclusão é, muitas produções ou muitas conversas a partir de 2017, carregam o “queerizar” a partir do seu texto e ninguém fala assim “Ah, tem aquele autor do Design que falou isso primeiro, não é a Denise.”. Então, eu achei legal saber o seu lado da história, que não

é uma coisa assim “Ah não, a partir de 2017 vamos trazer isso.”. Vem de todo o seu histórico de pesquisa e histórico pessoal. O termo, claro, entra ali pela primeira vez para nós, a partir daquele ano, mas tem toda uma história interessante por trás e tem nomes por trás antes dele. Então, eu fico feliz de fazer essas amarrações, porque muitas pessoas realmente foram impactadas pelo seu texto.

30:11 **Guilherme Cardoso Contini:** Citam seu texto e das poucas pessoas que às vezes não citam, quando eu falo, quando eu começo a falar, elas já resgatam, “Ah, é da Denise, da Denise Portinari.”. Então, muito obrigado por compartilhar um pouquinho sobre isso.

30:40 **Guilherme Cardoso Contini:** Denise, continuando um pouco a entrevista, pensando nessa questão da sensibilização do Design, que é algo que você traz nesse “queerizar”, o que você acha hoje, oito anos depois desse texto? O que você acha que ainda pode faltar para o Design sensibilizar mais a área a essas temáticas ou de repente se você acha que a gente já chegou num lugar interessante e estamos evoluindo?

30:56 **Denise Berruezo Portinari:** O que eu tô propondo ali no “queerizar”, não é tanto sensibilizar o Design para essas temáticas, porque é o Design é rápido em se apropriar de temáticas que estão ali muito emergente, muito visíveis. Era no sentido de sensibilizar o Design para essa autocrítica, para esse aprofundamento da reflexão sobre o seu próprio papel na produção de subjetividades e de reprodução de valores sociais. Era mais nesse sentido mesmo, a sensibilização.

32:24 **Denise Berruezo Portinari:** Eu acho que o Design tem uma história complicada, quem fala muito bem sobre isso, se você quiser, é dois autores, o Iraldo Matias, não sei se você conhece, autor de *Projeto e Revolução*, e o Alberto Cipiniuk, que falam sobre como o Design nasce num momento do capitalismo, nasce num certo lugar dentro da forma de produção capitalista e ele carrega com ele esse DNA, por outro lado a atividade projetual é uma atividade também legal da atividade crítica, é uma atividade que também se prestou muito a buscar a transformação social. Então, o Design pensa ambiguidade, assim como ele é muito suscetível a ser atravessado pelo neoliberalismo, inclusive tem um número especial que saiu da The Design Coach, é muito bom que se chama *Design and Neo Liberalism*, que eu também já dou sempre nas minhas nas minhas aulas, que fala sobre como o Design não só deixou se atravessar pela lógica, pelos modos de operação neoliberais, como ele é um dos promotores desse tipo de discurso, de lógica. Então, eu acho que esse convite que eu faço no “queerizar”, é um convite que a gente tem que renovar sempre, porque o Design tem essas fronteiras muito permeáveis.

34:14 **Guilherme Cardoso Contini:** Realmente Design, eu acho que essas conexões que você fez do “queerizar” com o Design, com todo esse arcabouço da área, são muito interessantes e tem um pouco dessa característica que você falou de a gente precisar sempre renovar esse convite, não dá para a gente abandonar essa questão e achar que tá resolvido, sendo que a gente tem que estar atento sempre e repensando, refletindo ou até em questão das teorias todas que tem, cada vez a gente tem uma teoria, e às vezes a gente se apropria e virou outra coisa, surge teorias novas ou a gente renomeia teorias também e esse constante ato de prestar atenção nisso e renovar essa sensibilização, eu acho que é algo que dá para destacar bastante dessa

conversa. E aí, as próximas perguntas, algumas você já foi respondendo, então, acho que eu vou tentar costurar um pouquinho elas aqui para a gente seguindo na conversa.

35:57 **Guilherme Cardoso Contini:** Queria te fazer uma pergunta sobre uma questão metodológica. **Dentro das suas pesquisas e das orientações que você fez, essa aproximação com o Design, você enxergou uma ou mais metodologias ou do Design ou de fora do Design, que de repente foram importantes para essa sensibilização? Ou que de repente apareceram mais em projetos? Você acha que vale destacar alguma metodologia? Porque geralmente a gente busca e puxa metodologias que vêm de outros focos do Design e tenta incorporar na hora de projetar ou na hora de pesquisar. Enfim, tem metodologias mais ou menos estruturais. Você acha que alguma coisa vem em mente agora que ajudou mais?**

36:43 **Denise Berruezo Portinari:** Olha, Guilherme, eu sou uma pessoa de humanas até a medula, completamente uma pessoa de humanas. Se é uma pessoa de humanas, o meu trato com a pesquisa, é com a pesquisa qualitativa que para mim é uma pesquisa em que a metodologia é reinventada a cada pesquisa. Então, não, não tem uma metodologia que eu ache “É essa ou aquela mais apropriada.”. Inclusive, acho que se você for ler o que os teóricos *queer* dizem sobre metodologia, todos são desse partido, por mais que eles possam ter diferenças entre eles. Inclusive, a ideia de que a teoria *queer* é uma antimetodologia, você encontra esse tipo de formulação também, desde a ideia de que a teoria *queer* não tem metodologia fixa, até a ideia de que ela é uma antimetodologia, então é tudo desse lado.

37:27 **Guilherme Cardoso Contini:** Obrigado. Denise. Acho que isso traz uma camada muito interessante. Tem realmente a áreas de pesquisa, eu vejo aqui pela UNESP, vou citar o exemplo do pessoal do Ergonomia que é uma área diferente da minha, mas que têm metodologias e tópicos muito particulares, que às vezes estão se repetindo até hoje e aquilo tá bem fixo, tem as suas reinvenções, tem adaptações, mas a gente vê que tem metodologias clássicas que acabam tendo que “ser usadas”. E o que eu tenho reparado é que, quem pesquisa o *queer*, quem pesquisa sobre gênero e sexualidade, principalmente através das entrevistas, tem me relatado isso também, que não tem um jeito certo de fazer as coisas que a gente possa sair indicando, na verdade tem adaptações possíveis e a necessidade de desmontar coisas o tempo inteiro.

38:22 **Guilherme Cardoso Contini:** De não falar assim “Ó, esse método vai ser o ideal para todo mundo e vamos vender essa receita.”. Quando às vezes a gente inverte aquilo, se a gente retira, adapta, transforma, já ajudou e já fez sentido e foi até melhor do que se a gente tivesse naquele padrão que às vezes existe. Então, acho que você trouxe uma visão muito legal.

38:43 **Denise Berruezo Portinari:** Deve ser bem difícil mesmo levar esse tipo de teorização para áreas mais duras, como a área da Ergonomia, por exemplo, que tem a sua especificidade, o seu modo de atuar muito ligado à Engenharia de Produção, então é complicado, porque ou você vai fazer uma adaptação que vai descaracterizar a teoria *queer* no que ela tem de mais próprio ou você vai ter que talvez romper um pouco com a rigidez de certas prescrições dentro dessa área.

39:30 **Guilherme Cardoso Contini:** Obrigado, Denise. As duas próximas perguntas... a gente já tá mais ou menos caminhando para uma reta final e para também não prolongar tanto aqui com você no final de semana, mas as duas próximas perguntas se interagem entre si e você também já foi respondendo. Eu pergunto um pouco sobre referências, um pouco sobre o que vem em mente, que dialoga na literatura, você já trouxe algumas questões, então eu vou fazer as duas perguntas se você quiser complementar.

40:07 **Guilherme Cardoso Contini:** Primeiro num olhar na literatura do Design, eu sei que você é de fora do Design, mas fez muitas costuras, ainda faz, da literatura do Design, **te vem algo em mente que você acha indispensável para dialogar com estudo de gênero e sexualidade? E da área de gênero e sexualidade, se tem mais algum teórico, algum texto, algo que você lembra que é importante para dialogar com o Design? Então, dos dois lados se vem alguma coisa mais à mente.**

40:33 **Denise Berruezo Portinari:** Eu acho que desses clássicos, vamos dizer assim, da literatura do Design, eu acho o livro do Adrian Forty, *Objetos de Desejo*, inclusive o capítulo 4, é um capítulo que eu uso muito, que é sobre diferenciação em Design, mas ele vai olhar mais particularmente para como o Design de Produto, que é para isso que ele tá olhando na Inglaterra, da virada do século 19 para o 20, como o Design participa, como ele colabora com o processo de reprodução de valores ligados às diferenças sociais, inclusive de gênero.

41:10 **Denise Berruezo Portinari:** Ele examina isso especificamente e eu acho que o arcabouço teórico que ele dá para a gente fazer isso, é muito bom. No Brasil, hoje em dia, a gente já tem vários profissionais nesse sentido, eu não queria privilegiar esse ou aquele, às vezes esquecer alguém, mas eu acho que a produção do Guilherme está se tornando bem importante nesse sentido.

41:59 **Denise Berruezo Portinari:** Então, você vê o seguinte, te dei um clássico do Design, vamos entrar seara das produções atuais, que aí a gente poderia fazer uma lista, aí eu teria que parar um pouco para fazer isso com calma, para te dar. De fora do campo do Design, no Brasil, seria no Brasil.

42:22 **Guilherme Cardoso Contini:** Pode ser no Brasil, pode ser de fora.

42:25 **Denise Berruezo Portinari:** No Brasil, eu gosto muito do Richard Miskolci. Eu gosto muito dele. Tem Guacira Lopes Louro também, super importante. Ainda dentro da educação, Margareth Rago. Aí se a gente começar a ampliar muito, a gente vai trazer um monte de coisa, mas eu acho que sim, é esses dois autores, aqui no Brasil, de fora do campo do Design... Rapidamente é o que eu posso te oferecer aqui, mas a gente poderia pensar em muitos outros.

43:50 **Denise Berruezo Portinari:** Quando acabar a entrevista, eu vou falar assim "Meu Deus, como é que eu não falei de sicrano ou fulana."

44:08 **Guilherme Cardoso Contini:** Você pode me mandar depois também. Mas é legal, porque eu tenho feito essa pergunta para todo mundo e é realmente difícil trazer tudo aquilo sem ficar com essa sensação de esquecer alguém

Denise Berruezo Portinari: Eu não quis também trazer os “arroz de festa”, que eu tenho certeza que todo mundo vai falar, Paul Preciado, Butler, isso a gente já tá careca de saber. Lógico, o pessoal da “*teoria marica*”, o pessoal de língua latina, da Espanha. Então, esses eu tenho certeza que muitas pessoas já vão citar.

Guilherme Cardoso Contini: Está sendo legal pensar nesses nomes mais diferentes da conversa e que complementam muito bem. O que eu tenho notado para além dos nomes que eu falei, que se aproximam bastante de você, o Guilherme, Grassine, todas essas pessoas, eu tenho visto focos também interessantes em outros lugares, por exemplo. Vou citar algumas pessoas que eu entrevistei que apareceram bastante, Raquel Noronha, Marinês Ribeiro, lá da UTFPR, eu esqueci o nome, mas que tá junto com a Raquel Noronha naquela disciplina Design e Gênero, Maria Cecília...

44:49 **Denise Berruezo Portinari:** Maria Cecilia Loschiavo, das antigas, mas ela não trabalhava com isso antigamente, ela vem trabalhar um tempo para cá, mas ela é um nome importante dentro do campo do Design, para além até dessa temática.

45:05 **Guilherme Cardoso Contini:** Eu tenho conseguido falar com essas pessoas e começar a olhar um pouco para essa rede, como que a gente consegue contribuir, porque a gente tem áreas com redes tão fortes e que se ajudam tanto. E aí, o que eu percebi no meio dessa trajetória, misturando um pouquinho com a minha história também, eu comecei a orientar TCCs, comecei a dar aula no Design, eu não lembro se na época do mestrado eu já tinha comentado isso com você, eu acho que eu tinha começado a dar aula e eu continuei dando aula na UNESP, como professor bolsista, mas aprendi muito nessa jornada e comecei a ser procurado muito para algumas orientações, com alunos que queriam tirar essa curiosidade do lado de cá, da UNESP, de trabalhar com questões de gênero..

46:00 **Guilherme Cardoso Contini:** A gente tem vários professores muito abertos a essas temáticas aqui, mas que às vezes encontravam em mim uma pessoa que já estava fazendo isso, a gente se conectava, eu, o aluno e mais um professor, sempre assim. E o que eu percebi, parecia que todo aluno achava que tinha que ler a história inteira desde o começo, é importante, mas achava que tinha que reinventar aquela história o tempo inteiro até chegar num projeto.

46:29 **Denise Berruezo Portinari:** Mas a história de qualquer coisa que fosse?

46:33 **Guilherme Cardoso Contini:** Exato, de qualquer coisa que fosse.

46:35 **Denise Berruezo Portinari:** Nossa, eu vejo demais, Guilherme. Eu canso de falar para as pessoas, desde os tempos mais remotos, “enredo de carnaval”. História de historiografia a gente faz recorte, nada existe desde sempre.

46:53 **Guilherme Cardoso Contini:** E o que eles relatavam muito, quem ia para temática de gênero, era essa sensação que eles não encontravam, hoje já tem, mas que eles não encontravam com tanta facilidade um texto que tivesse que reunisse tudo isso de forma rápida para uma primeira leitura.

47:15 **Denise Berruezo Portinari:** Mas tudo isso, seria o que? Seria a história?

47:19 **Guilherme Cardoso Contini:** Por exemplo, se a gente puxar todo um arcabouço da teoria *queer*, movimentos feministas, de contar toda essa história do jeito que eu gastei anos lendo, com certeza você também, outras pessoas também, que levam anos da nossa história até a gente ter a sensação “Estou entendendo um pouquinho mais.”. Eu sempre tenho a sensação que preciso estudar e ler mais sobre esses temas, mas esses alunos às vezes vinham com questionamento “Não tô achando um texto que faça todas essas relações rapidamente agora, para uma primeira leitura.”. E quando eles começavam a ler lá atrás, Butler, por exemplo, eles achavam que eles tinham que começar no texto da Butler, e se assustavam.

48:06 **Denise Berruezo Portinari:** Você sabe qual é o problema? Mas isso lá atrás que falei, na epistemologia do Design, porque o texto da Butler, é um texto difícil, é um texto para quem tem uma formação em Ciências Sociais e Humanas, e infelizmente a formação em Design não dá esse tipo de lastro, deveria dar, essa é a minha batalha desde sempre dentro do Design. Por quê o aluno de Design não tem uma formação tão séria nesse sentido, tão bem fundamentada teoricamente, quanto outros alunos da Ciências Sociais e Humanas?

48:48 **Guilherme Cardoso Contini:** Com certeza.

48:49 **Denise Berruezo Portinari:** Eles não conseguem ler a Butler por isso. E eu não sei se é bom para eles ter tudo fácil em um lugar só. Eu acho que eles precisam ter esse trabalho.

48:58 **Guilherme Cardoso Contini:** Fazer esse caminho, né? O que eu tenho percebido no Design com a pesquisa, é que hoje a gente tem muitas discussões muito interessantes que se originam no Design com essas pessoas que eu tô conversando, principalmente, quem acabou aparecendo mais, porque publicou mais, eu sei que muita coisa com certeza não tá publicada ainda, por isso não aparece nas minhas pesquisas. né,

49:27 **Denise Berruezo Portinari:** Com certeza.

49:29 **Guilherme Cardoso Contini:** Mas aí você cita, Raquel cita, o Guilherme cita, aí a gente vai juntando e aumentando essa rede. Mas hoje, parece que a gente tem leituras muito interessantes que vem do Design, que trazem esses argumentos do Design e te ajudam a dar esse ponto de partida. Então “Li esse texto muito interessante da Denise e aí me jogou para a Guacira, para o Richard, me jogou para outros nomes.”.

50:00 **Guilherme Cardoso Contini:** Então, eu percebo que hoje a gente tem focos no Design que levam a gente para esses focos maiores e que tem sido um movimento interessante com os alunos. Mas a minha trajetória dando aula ou fazendo isso é muito pequena ainda. Eu tenho percebido um movimento que leva eles para esses textos mais densos e parece que tem ajudado. Então, ler você, ler a Raquel, ler o Guilherme, ler a Guacira, ler o Richard, começam a trazer ainda para o contexto do Brasil, uma leitura próxima desses alunos de Design. Pensando nisso que eu falei, Denise. E aí, é a nossa última pergunta formada do que eu tenho aqui separado.

50:41 **Guilherme Cardoso Contini:** O que você imagina para o futuro dessa aproximação Design e *queer*? E aí, algumas pessoas trazem uma visão mais pessimista, outras trazem uma versão mais otimista, queria saber qual é a sua, de repente é um mix das duas coisas. O que você imagina desse futuro? O que você pensa para esses próximos anos?

51:00 **Denise Berruezo Portinari:** Olha, eu vou dizer o que eu não gostaria de ver. Eu não gostaria de ver coisas, tipo assim, um Design Queer aparecendo como metodologia. Eu ia ficar danada da vida se eu visse um negócio assim aparecendo, tipo Design Emocional, Design Thinking, agora vai ter o Design Queer. Isso é uma coisa, inclusive, quando eu escrevi o “queerizar”, eu conversei com as pessoas no laboratório, eu falei “Ai, meu Deus, será que vão fazer isso?”. Porque é um movimento muito frequente no campo do Design, é um reducionismo. Então, isso que eu não gostaria que acontecesse.

51:44 **Denise Berruezo Portinari:** Agora, eu não sei qual vai ser o destino da teoria *queer*. Então, eu acho que essa pergunta não dá para a gente responder sem responder essa outra, sobre os destinos da teoria, eu acho que é um campo que provavelmente ainda vai se transformar. Sim, ele já veio de outras transformações, ele veio da confluência de outros campos e provavelmente vai se transformar ainda.

52:24 **Denise Berruezo Portinari:** E o Design, eu espero que seja de que maneira for, que ele cada vez possa se fundamentar melhor, acolher mais um nível de teorização e de pensamento crítico à altura do campo. O melhor que eu posso te dizer. Porque eu não sei se quando a gente pensa uma aproximação entre o Design e *queer*, a questão gay, a questão lésbica, a questão homossexual, de gênero, a questão trans, de alguma maneira sempre tiveram presentes no campo do Design.

53:15 **Denise Berruezo Portinari:** Tem aquela piada de que o Design, como é que é? A Arquitetura é a Engenharia gay, né? E o Design é sei lá... a Arquitetura viada?!. É uma coisa assim. Então, não é como se fosse um assunto estranho ao campo, no que diz vivência dessas pessoas. Então, espero que isso tudo possa... E que o Design possa ser... também é muito difícil, porque até que ponto o designer tem gerência sobre aquilo que ele faz, a gente sabe que tem essa questão, mas passa pelo menos pensar criticamente aquilo que o designer faz.

54:02 **Guilherme Cardoso Contini:** Com certeza. Eu adorei essa sua resposta, porque eu acho que o caminho talvez realmente não seja esse, de trazer um Design Queer como uma metodologia, que as pessoas vão começar a usar. Não é isso, talvez, o que eu tenho visto de muito interessante do Design Queer é essa rede que a gente está conseguindo identificar mais, porque ela já existia, não é?

54:34 **Denise Berruezo Portinari:** Isso, concordo com você inteiramente.

54:35 **Guilherme Cardoso Contini:** Mas a gente está identificando mais.

54:39 **Denise Berruezo Portinari:** E isso que a gente poderia chamar de Design Queer, é isso aí.

54:45 **Guilherme Cardoso Contini:** E eu tenho visto isso na fala de alguns convidados e convidadas, entrevistados, que uns anos atrás, quem pesquisava isso no Design dentro da sua universidade, e aí me coloca no meu caso como aluno em meados de 2014 para 2018, que foi minha graduação, eu me sentia sozinho pesquisando isso ali, também me sentia sozinho sem ter um professor, uma professora que pesquisasse isso, talvez quem teve aula com você, possa não ter se sentido sozinho na questão da orientação, mas, de repente, teve em algum momento esse sentimento “Tô sozinho ali.”.

55:22 **Guilherme Cardoso Contini:** Hoje a gente tem uns núcleozinhos se encontrando. E tenho achado legal que hoje a gente tá conectando muitas regiões do Brasil nisso. E aí, eu achei um exemplo legal aquela disciplina, Design e Gênero, que vem de um histórico, que tem ali um seu eixo de pesquisa, eu sei, mas que tem virado um cantinho que as pessoas estão se conectando lá, porque o nome diz isso, não que você já não tivesse essa disciplina.

56:00 **Denise Berruezo Portinari:** O nome é mais explícito, sim. Eu e o Guilherme, a gente deu uma disciplina, que agora eu continuo dando, que se chama *Estético-Políticas dos Corpos: Gêneros e Subjetividade*, mas é um nome meio grande, eu não sei se as pessoas assim... e é uma disciplina eletiva lá do Design. O *Design e Subjetividade*, que eu dou desde lá atrás, essa é uma disciplina que sempre aborda a questão de gênero e sexualidade, muito, mas não tá no título. Então, talvez as pessoas que estão em busca desse tipo de rede, talvez não identifiquem tão facilmente.

56:41 **Denise Berruezo Portinari:** Mas ela é uma disciplina que vem trabalhando com esses fundamentos há muito tempo. E queria te sugerir, Guilherme, não sei se você tinha pensado em entrevistar, tem o Rafael, meu orientando, do doutorado, ele é da Federal do Maranhão, ele está fazendo um trabalho bem bacana sobre corpos trans.

59:05 **Guilherme Cardoso Contini:** Denise, muito obrigado. Quero te agradecer por essa uma hora e pouco de entrevista, de conversa. Realmente, não é uma entrevista com aquele 1 milhão de perguntas, eu acho que a ideia é que as pessoas falem com essa base que eu vou trazendo, para gente ir analisando junto essa história, entendendo como isso vem se construindo no Design. Tem sido legal que eu tenho entrevistado muitas pessoas que têm a sua área de origem fora do Design, como é o seu caso.

01:00:45 **Denise Berruezo Portinari:** É muito interessante esse mapeamento que você está fazendo. Gosto muito disso, dessa abordagem de entender que o campo é feito das pessoas que vão fazendo, das contribuições que elas trazem. Muito legal, tô curiosa para ver o resultado.

01:01:04 **Guilherme Cardoso Contini:** Obrigado, Denise. Me comprometo a compartilhar os resultados com você, te deixar a par sempre e a gente conectado nessa rede. Muito feliz e honrado pela sua presença aqui, aprendi sempre tanto com você, o seu texto foi tão impactante para mim quanto eu falei. Então, por isso a minha empolgação durante a fala, porque ele foi um apoio que eu tive para não me sentir sozinho quando eu comecei lá atrás e que eu levo isso para hoje, para os meus alunos

e até acho estranho falar meus alunos, porque lá no mestrado eu não imaginava que eu estaria dando aula nesse período.

01:01:09 **Denise Berruezo Portinari:** Eu fiquei feliz de saber que você tinha dado sequência, que você tinha seguido com a carreira acadêmica. Acho muito bom, a gente precisa de gente assim.

01:01:55 **Guilherme Cardoso Contini:** Muito obrigado, Denise. Ótimo final de semana para você e vou te manter informada.

01:01:58 **Denise Berruezo Portinari:** Para você também, beleza, ok, tchau.

01:02:04 **Guilherme Cardoso Contini:** Tchau, beijo.

Entrevista Raquel Gomes Noronha

Data da entrevista: 19 de Setembro de 2025

Duração da entrevista: 47 minutos

Participantes: Guilherme Cardoso Contini, Raquel Gomes Noronha

Transcrição

00:00 **Guilherme Cardoso Contini:** Queria começar então novamente te agradecendo pela participação e estou muito feliz em recebê-la aqui para a conversa, com certeza vai me ajudar muito na pesquisa. Eu sou aluno da UNESP da FAAC UNESP, desde a graduação, fui movendo a minha trajetória para o mestrado, hoje no doutorado, na reta final, nos meses finais. E eu pesquiso essa relação do designer e do *queer* na perspectiva do ensino. Fiz uma análise exploratória sobre as universidades que tem curso de Design, seja graduação ou pós. Estudei um pouquinho das matrizes curriculares, isso me fez encontrar algumas possibilidades, algumas pessoas e aí eu fui para uma revisão de escopo mais densa onde eu analisei cerca de 650 materiais em 14 anos de estudo dentro do Design, buscando teses, dissertações, artigos. Desse montante, eu selecionei para um olhar mais aprofundado 135. E dessa quantidade eu consegui verificar assim: quais eram os autores e as autoras que mais apareciam; os trabalhos que se repetiam. E são com essas pessoas que eu tô tentando conversar. Então a minha entrevista ela vem num momento de encerramento do meu doutorado. Para realmente saber um pouquinho dessas pessoas, quais foram os pontos importantes ou mais destacados dessa trajetória do *queer* ou dos estudos de gênero e sexualidade também, na história desse Design que a gente vem construindo. Então dei um panorama rápido para você, mas se tiver alguma dúvida sobre a minha trajetória. Fica à vontade para perguntar. E durante as perguntas, se você não quiser responder ou achar que já tiver respondido alguma delas, é só me avisar, a gente não precisa passar por todas se você não quiser. Eu também enviei o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, para você dar uma olhadinha, depois se você puder passar o seu RG, mas pode ser no e-mail, vai ficar só para o registro mesmo do TCLE. E aí eu vou te enviar ele já certinho para você assinar, depois eu assino e te devolvo também. Vou puxar as perguntas que eu sei que o horário é apertado, né? Mas já te agradeço. É queria começar só para ficar no registro da gravação, pedir para **você falar seu nome completo e responder se você autoriza a utilização dos dados, seguindo as normas do TCLE que eu apresentei.**

03:01 **Raquel Gomes Noronha:** Certo, obrigada, Guilherme, pelo teu convite. Eu sou Raquel Gomes Noronha e sim, autorizo a utilização dos dados da gravação para tua pesquisa.

03:05 **Guilherme Cardoso Contini:** Obrigado Raquel. Raquel, você é uma grande referência nossa, da área, a gente está sempre, falo assim, aqui pela UNESP Bauru, sempre lendo seus trabalhos e a gente fica sempre honrado de poder conversar ou ficar próximo de você em algum momento ou evento.

03:16 **Raquel Gomes Noronha:** Que bom, fico feliz.

03:22 **Guilherme Cardoso Contini:** Queria só para também a título de registro, **perguntar sua formação e atualmente, qual a universidade ou o programa de graduação e pós que você faz parte.**

03:36 **Raquel Gomes Noronha:** Sim, eu sou Desenhista Industrial ainda, naquele tempo. Eu me graduei na ESDI, em 2001. Fiz mestrado em Ciências Sociais na UFMA e doutorado também em Ciências Sociais na UERJ, no Rio de Janeiro. E atualmente, há 20 anos, sou professora da UFMA (Universidade Federal do Maranhão), onde atuo tanto na graduação, quanto no programa de pós-graduação Design.

04:06 **Guilherme Cardoso Contini:** Obrigado, Raquel. Eu tenho algumas perguntas comuns que fazem parte daquelas que eu te passei, se sobrar algum tempinho, eu insiro alguma pergunta específica. Mas aquelas perguntas já vão ser super suficientes para discussão. Eu queria te perguntar se **você sempre pesquisou os estudos queer ou os estudos de gênero e sexualidade no Design ou se teve algum ponto de virada na sua trajetória acadêmica ou profissional?**

04:34 **Raquel Gomes Noronha:** Teve um ponto de virada, não é meu tema, nem do mestrado, nem do doutorado, foi após doutorado. Depois.... 2015/2016, então tem uns 8/9 anos que eu tô pesquisando essas questões. E a grande virada na verdade foi quando eu.. pesquisando a questão artesanal, eu percebi que nas relações de produção, consumo, no entendimento do artesanato enquanto... o que eu escrevo na minha tese, um ponto de uma encruzilhada epistemológica.

05:16 **Raquel Gomes Noronha:** Existe uma questão forte de gênero que atravessa a vida dessas mulheres, que muitas vezes a questão de vulnerabilidade, ela está associada a duplas, triplas jornadas de trabalho, questões de fadiga corporal, várias questões de ergonomia envolvidas. E, também, de questões de gênero. Então isso aí me chamou atenção. E aí orientei uma dissertação de uma pesquisadora chamada Raiama Lima Portela. Raiama faleceu há dois anos, pesquisou comigo desde o início, desde que eu comecei *Iconografias do Maranhão*, lá em 2009.

05:56 **Raquel Gomes Noronha:** E a Raiama pesquisou a partir dessa percepção minha, de que existia uma questão de gênero. E aí, a gente naquele momento, tava trabalhando com a perspectiva de... a gente escutava muito das instituições de fomento, tipo Sebrae, que o artesanato empodera as mulheres. Era um discurso muito recorrente, nas ONGs, no governo, no Ministério do Desenvolvimento, no Ministério da Cultura, existia sempre essa pauta de que o artesanato empodera.

06:31 **Raquel Gomes Noronha:** E aí a gente se perguntava “Será que empodera mesmo, né?” E aí a Raiama defendeu uma dissertação chamada *Empoderamento (ou aprisionamento?)*. E aí a gente criou uma ferramenta de Design Participativo, Design e Antropologia, em que a gente ia para campo questionando as categorias da ONU de empoderamento feminino. A gente ia para campo, a gente, porque a Raiama trabalhou especificamente em uma comunidade e eu e outros integrantes do NIDA aplicamos em mais cinco essa ferramenta, dentro de um edital de fomento que a FAPEMA lançou em 2016 talvez... em 2016, de igualdade de gênero. E eu acessei esse edital, consegui recurso, fiz essa pesquisa em seis grupos produtivos. Um deles

gerou o trabalho da Raiama e os outros relatórios de pesquisas, artigos. Com esse trabalho nós fomos premiados, um prêmio da Secretaria de Estado da Mulher, que estava comemorando em 2022, 15 anos de políticas públicas para mulheres do Maranhão

07:42 **Raquel Gomes Noronha:** E a gente foi contemplada, eu, Raiama e Luiza, que acabou de se tornar mestre também aqui pelo programa. Ela ainda era bolsista de iniciação científica na época. Ganhamos esse prêmio em primeiro lugar, por políticas públicas para mulheres com esse trabalho com as artesãs.

08:00 **Raquel Gomes Noronha:** Então, aí foi uma coisa meio concomitante, me convidaram para ser supervisora de um programa internacional de pesquisa em Design e Gênero que foi o projeto Gendered Design in STEAM (GDS) na Carleton University, no Canadá. Eu supervisionei 8 projetos na América Latina, eram 21 projetos no sul global, América Latina, África e Ásia. E eu fiquei de supervisora regional desses 8 projetos da América Latina. Tinha projetos na Colômbia, no México, na Argentina, no Brasil, nesses 4 países. O Brasil era um lugar que tinha mais projetos, tinha 4 projetos. Muitos projetos.

08:52 **Raquel Gomes Noronha:** Então, me aproximei de muitas pesquisadoras. Essas pesquisadoras que estavam pesquisando. E sempre entendendo mais, aí, escrevi um projeto de pesquisa para entender também essa relação sobre o STEAM dentro da UFMA. Primeiro projeto... já o segundo projeto, o primeiro foi Igualdade de Gênero, é que foi esse de um edital foi uma bolsa de produtividade em pesquisa da FAPEMA. E depois eu terminei esse projeto, a gente teve muita repercussão dentro da UFMA e eu escrevi um projeto maior.

09:26 **Raquel Gomes Noronha:** E eu escrevi um projeto maior, já no âmbito da criação da Redalyc, da rede latino-americana de Design e Gênero, com a Griselda Flesler, pesquisadora que eu conheci no GDS. Um dos projetos que eu acompanhei foi o dela, da Argentina. E a Griselda e eu escrevemos esse projeto do *Gender Hubs*, com a participação da Eva Rolim, também de Pernambuco. E enfim, esse foi aprovado pelo CNPQ, eu tô trabalhando nele nesse momento e tem sido muito interessante, porque eu tô com orientandos da Moda, orientandos do Design, da Ciência da Computação, todos interessados nessa questão.

10:12 **Raquel Gomes Noronha:** E a gente tem prototipado artefatos, instrumentos de mediação das questões de gênero, a partir do vestir, a partir da acessibilidade, a partir da inclusão, o mapeamento também de campanhas de políticas institucionais de gênero em várias universidades da América Latina. Enfim, tem sido feito assim o movimento nesse sentido, e eu acho que eu não abandono as questões de artesanato, mas hoje minha produção e meu olhar tá muito mais interessado nessa questão do Design como meio para se alcançar políticas, ou Design como política, ou Design Político, de como essas visibilidades *queer* podem se valer do campo do Design para se fortalecer.

11:02 **Guilherme Cardoso Contini:** Obrigado, Raquel, por comentar sobre a trajetória.

11:32 **Guilherme Cardoso Contini:** Foi muito legal saber dessas conexões e como a sua trajetória, essa trajetória das pesquisas que você orientou, elas vão se aproximando da temática cada vez mais. Eu fico feliz que nessa minha busca pelas pessoas que estão por trás das pesquisas. Tem alguns polos no Brasil onde tem aparecido mais a partir de vocês professoras orientadoras, que vão abraçando junto esses projetos dos alunos, das alunas e isso vai crescendo. Então tem professoras de outras regiões, tem você e algumas orientandas que eu vou acabar entrevistando ou eu já entrevistei que apareceram, se conectaram nisso.

12:26 **Guilherme Cardoso Contini:** Bom, pautado nessa conversa do *queer*, das terminologias. Queria perguntar se **você tem familiaridade com o termo queerização do Design? E, se tiver, vou pedir para você trazer a sua definição disso de forma breve.**

12:41 **Raquel Gomes Noronha:** Sim, tenho. Para mim a queerização do Design, ela tem a ver com subversão metodológica. Que é algo um pouco mais amplo do que só a queerização propriamente, mas é uma supressão do nosso paradigma de pesquisa. Paradigma ocidental. Eu tenho lido muitas autoras feministas latino-americanas, andinas, indígenas, os diversos feminismos da América Latina e eu tenho encontrado ali um caminho para pensar esse processo de queerização, no sentido de uma subversão da forma da construção da pesquisa, no sentido de questionar uma certa linearidade e uma certa prescrição do processo de pesquisa, coisas que são fundamentais para o paradigma moderno de Design. Eu acho que queerizar nesse sentido.

13:52 **Raquel Gomes Noronha:** É você subverter a própria ideia de método. Eu trabalho muito com a perspectiva das cartografias, que especialmente trabalha com a inversão, do meta odus, você tem um objetivo, você começa um caminho a partir desse objetivo. E no livro *Pistas do Método Cartográfico*, a Escóssia, Passos, eles trabalham com a ideia de odus meta, que você primeiro caminha e ao longo do caminho, odus é o caminho, você encontra o objetivo, a meta. Ao longo do próprio caminho e isso é uma pedagogia latina. Isso é uma forma latina, a gente aprende com os povos coletores, eles estão em busca, eles estão caminhando, eles estão em busca, e eles vão achando, aquilo ali faz parte do caminhar.

14:43 **Raquel Gomes Noronha:** Então, eu acho que é uma ciência, uma forma de fazer ciência que ela tá atenta à situacionalidade, ela tá atenta aos casos específicos, ela não é generalista, ela não é replicável, é extremamente situada e isso por si só é uma subversão, porque vai contra o paradigma científico positivista cartesiano no qual a gente está inserido.

15:16 **Raquel Gomes Noronha:** Então, eu falei um pouco, que você tava na aula. O Design e Gênero, eu tava falando um pouco sobre isso, sobre essa perspectiva de uma desconstrução do paradigma da universalidade, do individualismo, e tudo isso tem a ver com o processo de trazer outras narrativas, outros sistemas de verdade que não são os positivistas, não é o do humanismo, então o queerizar implica abrir o processo da pesquisa, de uma forma macro, mas também no processo de Design, quando a gente está falando de prática de Design. Há formas de ver e pensar o corpo, o aprendizado corporal, os saberes, a posicionalidade dentro do processo de Design, entre outras questões.

16:13 **Guilherme Cardoso Contini:** Obrigado, Raquel. Eu acho muito interessante nessas pesquisas suas que eu tive contato, o quanto você resgata esse Design latino-americano e trabalha com isso para falar sobre o nosso Design Brasileiro, e para costurar essas teorias que estão muito euro centradas na maioria das vezes. A gente tem uma dificuldade de furar essa bolha e buscar na América Latina esses pontos como você comentou. Pensando nisso, **na questão da definição, o que que você acha que falta no Design para essa subversão cada vez maior, essas temáticas queer ou essas temáticas de gênero para isso de fato acontecer?**

16:54 **Raquel Gomes Noronha:** Eu acho que falta o campo reconhecer. Eu costumo escutar piadinhas, eu costumo escutar desqualificação de professores que chegam em sala de aula e falar “Isso não é Design”, “Aqui não tem esse negócio de queerizar, de Trans Design, não tem nada disso aqui nessa UFMA”, eu escuto isso, meus alunos escutam isso desqualificando meu trabalho, vem falar comigo. Então, o campo do Design ainda é muito positivista, ao meu ver.

18:04 **Raquel Gomes Noronha:** Então, acho que isso melhora como? A partir de um processo geracional. A partir de um processo de que você tá vendo, você tá mapeando na tua pesquisa, isso é muito importante, dar visibilidade a isso onde estão acontecendo essas reflexões, que tipo de reflexões, porque assim você vai divulgando e as pessoas... É bom o sentimento de não se sentir sozinho. Nessa reflexão. É muito importante fazer isso, te dar visibilidade, para que as pessoas comecem a ver uma massa crítica se formando e isso vai transbordando nos eventos, a quantidade. Artigos de bibliometria, mostrando que antes no CIDI tinham... Eu acabei de avaliar o artigo assim. Quantos artigos falam sobre gênero no CIDI, fazendo uma análise dos últimos CIDs. Então isso tudo vai dando visibilidade, vai mostrando o campo. Tem uma resistência estrutural.

18:40 **Raquel Gomes Noronha:** Eu acho que faz parte sim de um machismo, de um patriarcado que existe em todos os campos da ciência. E no Design não é diferente e é uma dificuldade de aceitar que isso possa ser uma temática de relevância. Mas é isso, o trabalho vai ser feito ao longo do tempo e alguma hora a gente ocupa um espaço.

19:29 **Guilherme Cardoso Contini:** Com certeza. Na primeira fase das minhas explorações em relação ao tema, eu fui atrás de algumas universidades com alguns critérios de seleção, eu fui atrás de 40 universidades com curso de Design na graduação/pós-graduação para fazer uma análise breve sobre as matrizes curriculares e entender pelas ementas aonde que a gente poderia encontrar essas conexões. E tirando esses polos, vamos dizer que foram quatro ou cinco polos onde isso tem acontecido mais, nas demais regiões foi difícil encontrar um ponto de virada ou algum lugar onde desse para concluir “Olha aqui pesquisa sobre gênero”, e eu faço essa auto-reflexão também sobre a minha universidade, sobre a UNESP FAAC.

21:20 **Guilherme Cardoso Contini:** Aí pensando nesse contexto, Raquel. Duas perguntas, elas são bem parecidas, uma vai pra linha dos projetos práticos, a outra das pesquisas. Eu tive mais contato com as pesquisas que eu vi com o seu nome, que eu pude ler e explorar um pouquinho, **você já realizou projetos práticos ou**

pesquisa com a temática queer? E se sim, obviamente, que metodologias, que práticas do Design, você conseguiu utilizar para essas pesquisas?

21:45 **Raquel Gomes Noronha:** Sim, a gente está com uma pesquisa em curso, que é desse projeto de *Under Hubs*. E a gente trabalha com Design Participativo, abordagem sempre do Design Participativo. Um pouco de cartografia social envolvida e o que a gente tem feito nesse... A cartografia é muito importante porque a gente tem falado do espaço universitário como locus da pesquisa.

22:44 **Raquel Gomes Noronha:** Então há lugares que a gente trabalhou a partir de um par de conceitos, que é topofilia e topofobia. Topofilia, lugares que te dão prazer, que te trazem boas lembranças e a topofobia ao contrário, lembram assédio, medo, violência, insegurança, asco. E a gente tem feito mapeamentos cartográficos, andando com as pessoas pela universidade, as pessoas vão narrando. A gente tem trabalhado, eu tenho envolvido as turmas de graduação nesse projeto, já trabalhei com uma turma de Projeto Gráfico I, que é disciplina que eu ministro, uma das disciplinas que eu ministro na graduação. E tenho trabalhado com elas esse mapeamento, a escuta da população acadêmica do corpo discente, especialmente. Desses espaços, dos diferentes prédios da UFMA. Nessa primeira turma eu trabalhei assim, com diferentes prédios. Então eu tinha uma pesquisa de campo, tinha uma escuta atenta, e depois tinha a prototipação.

23:20 **Raquel Gomes Noronha:** A prototipação como forma de construção de conhecimento, não é a prototipação do Design de Produto normal, tradicional, moderno, não, é prototipação do Design Participativo, em que você cria provótipos, coisas que voltam para o campo, para provocar a conversação social. A Gente fez um projeto piloto também, dentro dessa pesquisa que a Naissa Silva, minha mestrand, que está trabalhando com moda. Ela foi até aluna, até fez uma disciplina aí na UNESP, com a professora Marizilda.

23:52 **Raquel Gomes Noronha:** E a Naissa... A gente escolheu um provótipo para trabalhar com a turma de graduação em Design e agora nesse segundo semestre ela vai fazer com outros cursos, para a gente ter uma amostragem maior para dissertação dela. Ela vai trabalhar com cursos das áreas humanas, sociais, biológicas e tecnológicas. Mas o piloto a gente fez com Design.

24:27 **Raquel Gomes Noronha:** Não sei se você conhece, se você se lembra, as bonequinhas, vinha em umas revistinhas, a gente recortava o corpinho e vinha as roupinhas de papel que você dobrava assim, ela ficava meio precáriazinha vestida. E a gente fez essa ferramenta e deu para os alunos do Design, para que eles pudessem interferir nesses corpos e nas roupas.

24:51 **Raquel Gomes Noronha:** A gente fez um kit básico de roupas básicas que se vão para universidade e a gente fez três perguntas: Como você vem para Universidade? Como você gostaria de vir para a Universidade? E como você nunca viria para a Universidade? E assim, foi muito bom o resultado, porque veio muita coisa para a gente analisar. Parte desses resultados a gente publicou na Arcos, da chamada Design na Fronteira, que foi lançado esse ano, Arcos Design, esse resultado. Então as pessoas falando sobre o que se sentem bem, as questões corporais, a galera

interferiu nos corpos porque eram corpos padrões das bonequinhas, então isso também virou uma questão, os próprios corpos.

25:38 **Raquel Gomes Noronha:** Então a minha perspectiva de trabalhar dentro desse projeto, é a provocação, em relação ao que é um paradigma normal, o que é considerado normalidade, cartografia, de entender o espaço, de entender a vivência, os percursos físicos e simbólicos dessas pessoas dentro do espaço universitário, e a prototipação coletiva de soluções. A gente tem trabalhado nessa perspectiva, o objetivo final de *Under Hubs*, do projeto é a criação de políticas institucionais. Só que elas não são da teoria para a prática, elas são da prática para a teoria, de, por meio do Design, entender as necessidades a partir de um processo de prototipação de soluções e a partir daí transformar isso em metas políticas, de políticas institucionais de gênero dentro da universidade.

26:38 **Guilherme Cardoso Contini:** Muito interessante, estava fazendo uma reflexão aqui também, pensando no contexto da graduação que eu atuei há cinco anos como professor bolsista na graduação aqui da FAAC e tentando inserir de vez em quando algumas temáticas, mas sempre acabei pegando algumas disciplinas mais generalistas, então nem sempre dava para inserir. Aí eu vou inserir uma pergunta extra pensando nisso que você colocou.

27:12 **Guilherme Cardoso Contini:** **Você consegue inserir nas disciplinas que você dá na graduação alguma discussão ou provocação dessa temática ou essa abertura acaba acontecendo mais na pós-graduação?**

27:20 **Raquel Gomes Noronha:** É eu tenho inserido, como eu disse, eu tenho envolvido as turmas de graduação. A primeira parte da disciplina é sempre um processo de alfabetização e de um alinhamento, porque nem todo mundo chega com os conteúdos de gênero. Então eu começo logo com seminário, dou vários temas sobre gênero, metodologias de projeto relacionadas, temáticas, nomenclaturas, as pessoas muitas vezes não sabem nomenclatura.

27:51 **Raquel Gomes Noronha:** A diferença de sexualidade, identidade de gênero, tudo isso. Aí eu falo de Gênero e Tecnologia, Gênero e Espaço, Gênero e Design, o histórico das relações de Design de Gênero, tudo isso acontece na graduação, tem acontecido.

28:11 **Guilherme Cardoso Contini:** Que legal, sem dúvida isso acaba motivando muito, né?

28:14 **Raquel Gomes Noronha:** Mas eu encontro muita resistência, não é aceito por todo mundo.

28:20 **Guilherme Cardoso Contini:** Nossa, é interessante assim fazer essa reflexão. Para não me estender demais no tópico, vou continuar as perguntas. Pensando nesse contexto do que você trouxe, você já citou algumas coisas, mas vou juntar as duas próximas perguntas. **Quando você pensa nessa literatura do Design que a gente às vezes está mais acostumado a utilizar e que não tá naturalmente pronta ali. Design Queer têm surgido nessas disciplinas como a que vocês têm feito. Nessa literatura do Design, o que vem em mente quando você quer dialogar com**

os estudos *queer*, com estudos de gênero e na literatura *queer*, o que que vem em mente para criar esse diálogo com design.

29:13 **Raquel Gomes Noronha:** Eu acho que a literatura *queer*, ela me inspira muito sobre a questão da tecnologia em relação aos corpos, de pensar o Design como uma tecnologia que constrói gênero. Isso está lá em Teresa de Lauretis, isso tá no Paul Preciado, Paul Preciado me inspira profundamente a pensar nessas questões. Não posso deixar de pensar no próprio Foucault, como precursor dessas discussões no âmbito filosófico, ele não encerra as questões, ele deixa muita coisa em aberto, acho que não deu tempo.

30:02 **Raquel Gomes Noronha:** O mundo não tava... né? Talvez preparado. Ele abriu o caminho, mas que muita coisa veio depois. Mas é impossível deixar de falar do Foucault. A noção de normalidade é fundamental, aquilo que está fora da normalidade, aquilo que é abjeto. Foi uma das primeiras noções de *queer* que eu escutei, era abjeção, há muito tempo.

30:40 **Raquel Gomes Noronha:** Acho que essa perspectiva do questionamento do status quo, dos paradigmas sociais, da possibilidade da existência da diferença e da visibilidade dessa diferença, isso tem inspirado profundamente dentro dos estudos *queer*, para pensar outras formas de fazer Design. E na verdade, quando a gente pensa o *queer*, a inclusão tá envolvida, a vulnerabilidade social, que eu já estava muito acostumada na produção artesanal, ela também vem à tona. Todo o processo de inclusão, o processo de reconhecimento das diferenças em geral. Eu acho que isso que o *queer* propicia ao Design. É como aprendizado metodológico e epistemológico.

31:32 **Guilherme Cardoso Contini:** Obrigado, Raquel, acho que é uma reflexão muito legal, muito importante, acho que trouxe a minha mente pontos para a gente interligar realmente essa conversa, eu vou te fazer a última pergunta básica para dar tempo de te inserir alguma mais específica. **O que você espera, com tudo isso que a gente conversou, o que você espera do futuro dessa relação Design Queer, pensando nesses próximos anos?**

31:59 **Raquel Gomes Noronha:** Eu acho que tem muita coisa, muito arquivo para ser mexido. Acho que tem muita pesquisa. A gente precisa fazer uma ebulição de pesquisa para dar corpo, para dar visibilidade. Fazer muita pesquisa. Eu acho que o Guilherme Altmayer tem feito isso bastante em relação aos arquivos. Você já conversou com ele?

32:24 **Guilherme Cardoso Contini:** Eu tô em São Paulo, né? Eu tô no CIDI. Vim com um projeto. Aí a gente se encontrou e estamos combinando a entrevista também. Que ele também, assim como você, apareceu bastante.

32:36 **Raquel Gomes Noronha:** Que bom, eu acho que o Guilherme tem feito um trabalho incrível de dar visibilidade. Não sei se você já chegou na Cláudia Zacar.

32:47 **Raquel Gomes Noronha:** Cláudia Zacar tem feito uma pesquisa sobre gênero da UFPR. E ela tem mapeado pesquisadores e pesquisadoras que ensinam Design e Gênero.

33:01 **Raquel Gomes Noronha:** Ela publicou um artigo na DRS ano passado, muito bom, no evento da DRS. Eu até citei esse artigo a pouco tempo no artigo que eu estava escrevendo sobre iniciativas de latino-americanas de ensino de Design e Gênero, fiz uma série de entrevistas com pessoas da ReLADyG. Vai sair agora na Cuadernos, naquela revista lá da Universidade de Palermo.

33:28 **Raquel Gomes Noronha:** Já já vai sair esse. Enfim, eu acho que é isso. A gente fazer uma ebulição, ter eventos relacionados, a gente fez o primeiro encontro da ReLADyG ano passado. Da Rede Latino-americana de Design e Gênero, foi em São Paulo, o segundo vai ser em Buenos Aires, ano que vem.

33:52 **Guilherme Cardoso Contini:** Que legal, ano que vem?

33:54 **Raquel Gomes Noronha:** É, 2026. E então, essa informação de rede. Eu fui a partir da rede, eu fui para ser júri, do evento da iGDN, da International Gendered Design Network. Eu fui júri, então dá para ter um trânsito também de mostrar essa capilaridade da pesquisa em gênero.

34:22 **Raquel Gomes Noronha:** Que não é uma coisa pouca, não é uma invenção, não é uma minoria, com o pior sentido da palavra minoria, não é coisa de minoria, tem reverberação, tem presença acadêmica, tem produção acadêmica relacionada e eu acho que cada vez mais é isso, é organizar dossiê, fazer chamada nacional, produção em design gênero ou Design *Queer*. Não sei se são coisas iguais, enfim, ainda não parei para pensar sobre isso para analisar os discursos sobre o Design *Queer* e de Gênero, onde estão as intercessões, onde estão as diferenças, sabe? Não sei se você tá fazendo isso na tua tese.

35:23 **Guilherme Cardoso Contini:** Isso é uma discussão que eu que eu tenho feito, porque onde a gente tá chegando que nem todo estudo de Gênero e Sexualidade é necessariamente *queer*, mas os estudos que perpassam o universo, muitas vezes tanto de gênero, quanto de sexualidade. E o que eu tenho percebido, na busca dos estudos *queer*, têm muita participação ativa de uma jornada pessoal, então de um posicionamento *queer* da pesquisadora ou do pesquisador na atitude do projeto e essa interferência da jornada eu tenho percebido que é maior algumas vezes.

35:49 **Raquel Gomes Noronha:** É uma pesquisa mais subjetiva nesse sentido. Tem um movimento subjetivo.

36:01 **Guilherme Cardoso Contini:** Exato. E o que eu achei muito legal também na sua fala que vale de reflexão. Como é complexa essa entrada de pesquisas de temática *queer* e temáticas de gênero, tanto nos periódicos quanto em eventos que às vezes não colocam nenhuma categoria e eixo temático onde a gente acaba podendo se enquadrar. Hoje tem mais, mas eu percebo que às vezes a gente tem que se espremer em alguma categoria ali, algum eixo, para tentar um ponto de entrada. Eu lembro que eu participei de um congresso na UFSC, eu acho que foi em 2017, aquele Fazendo Gênero.

36:45 **Guilherme Cardoso Contini:** E eu participei na minha graduação ainda lá em 2014, do Mundo de Mulheres com Fazendo Gênero e aí me impressionou a dimensão do evento, porque era um negócio assim, 8 mil pessoas. Eu lembro que quando eu

participei, ainda na graduação, tinham mais de 500 posters e a minha pesquisa era bem inicial no tema, ainda não colocava a palavra *queer* na pesquisa, mas com a discussão que eu fiz, eles selecionaram como “Ah, um destaque interessante para um pôster de graduação”. E o que me impressionou é que com tantas salas temáticas, a sala temática do Design que se aproximava do gênero era um combo, tudo que tinha de arte, arquitetura, comunicação, foi colocada numa única salinha de 80 e tantas salas e passou de 2014 para 2017 com pouca mudança, temáticas de Direito, de Biologia, que estavam explodindo com muitas salas e a nossa em três anos de diferença, quatro, a mesma sala pequena, pouca gente, acho que vem também dos incentivos, da falta de alguns incentivos, mas foi um evento enriquecedor, para conhecer pessoas, para discutir a temática. Aí que eu fui entendendo que “Nossa, a gente tem que levar o design mais para esse campo.”. E agora tô encontrando quem também já fazia isso.

38:31 **Guilherme Cardoso Contini:** Bom, Raquel, acho que é uma última pergunta, para também não tomar muito do seu tempo, mas que tem a ver com aquele livro Design e Gênero que vem da disciplina que vocês fizeram. Nas buscas, basicamente, essa é a disciplina, vamos dizer assim, maior ou mais focada neste tema que a gente tem nos últimos anos e isso combina no livro e nessa disciplina acontecendo mais vezes, eu até me culpo um pouco de não ter descoberto ela antes para ter participado na primeira edição ou nessa agora como aluno regular. Mas, a reflexão que eu queria fazer, uma pergunta para **você falar um pouco sobre isso, como foi a receptividade dentro das universidades e dos próprios alunos e alunas por uma disciplina com essa temática? E como você vê hoje essa disciplina, a importância dela? Porque já teve uma edição, está tendo outra, já teve algumas edições, você acha que isso está mudando um pouco essa forma de fazer Design e Gênero?**

39:27 **Raquel Gomes Noronha:** Eu acho que sim, Guilherme. Essa disciplina surgiu em 2001. A gente já tem o quinto ano consecutivo de oferta da disciplina. E a primeira foi menor. Ela foi concebida pela Ana Júlia Melo, que é uma das autoras do livro, era orientanda de doutorado da Maria Cecília e ela propôs a Maria Cecília essa disciplina. Maria Cecília encampou e botou para acontecer, e nesse seminário final da disciplina, acho que fizeram vários convites para as pessoas se apresentarem, aí elas me convidaram.

40:37 **Raquel Gomes Noronha:** Eu apresentei. E aí a Cecília me chamou para fazer parte do corpo docente. E aí eu falei da Griselda e a Cecília “Chama a Griselda também.”. E assim, a gente faz rede. E aí chegou essa segunda edição já tinha Cecília, eu, Ana Júlia e Griselda. Nós quatro. Como a gente divulgou de forma mais ampla. Entraram, assim, 45 pessoas. É muito para uma turma de pós-graduação.

40:39 **Raquel Gomes Noronha:** Né? Para caramba. E 23 essa marca. Ano passado foram quase 70 inscritos. Não, muitos ouvintes, tá? Eu sei que dá mais de 40 trabalhos de finais, de pessoas que concluíram a disciplina, ela tem tido muita procura. E a maioria dos projetos são relacionados a gênero. No ano passado ou no retrasado, depois que você fizer uma busca no meu Lattes. Eu participei de mais de 20 bancas com a temática de gênero. Então, é uma reverberação que as pessoas não veem isso acontecendo.

41:28 **Raquel Gomes Noronha:** Então, esse tipo de pesquisa que você está fazendo de mapeamento de identificação, isso é muito importante. Esse dado de ter 20 poucas pesquisas de gênero acontecendo no Brasil, só das que eu participei, eu não participo de todas.

41:45 **Raquel Gomes Noronha:** Isso já é muita coisa. Então, é realmente a maior iniciativa que eu conheço, de ensino. Não é a primeira, nesse artigo que eu estou, mas é a primeira em pós-graduação da América Latina em Design e Gênero, tem estudos de gênero, tem outros nesse sentido mas o Design e Gênero é o primeiro. A disciplina da Griselda, na Uba, é pioneira na graduação, é fixa na graduação, Design e Gênero.

42:29 **Raquel Gomes Noronha:** E é muito interessante o processo de como ela construiu, quando eu a entrevistei para esse artigo, ela vai mostrando os desafios e como isso foi concebido e a própria noção de *Gender Design*, que vai sendo construída.

42:44 **Raquel Gomes Noronha:** Então, esse processo de ensino é fundamental, no âmbito da pós-graduação no ensino mais teórico, mas na graduação é uma forma prática de pensar em fazer Design a partir de um viés crítico. E aí se aproxima de um Design Jurídico, se aproxima de um Design Político, se aproxima de uma de uma subversão metodológica, como eu costumo chamar, dos processos projetuais, propriamente e isso é muito necessário.

43:19 **Guilherme Cardoso Contini:** Com certeza. Para fechar, Raquel. Só uma pergunta rápida, primeiro só para confirmar esse artigo que você comentou do Cuaderno é para o ano que vem que ele deve sair?

43:30 **Raquel Gomes Noronha:** Eu acho que não sai esse ano, que ele foi entregue em maio, acho que ainda sai esse ano. A última versão eu enviei em maio.

44:00 **Guilherme Cardoso Contini:** E você comentou da rede. Até onde eu encontrei, mas acho que você vai poder responder bem melhor, me parece que é uma única rede que conecta Latino América nesse tema. **Como é o ponto de entrada nessa rede? É uma rede para docentes ou pesquisadores de pós-graduação conseguem participar? Qual é o foco da rede?** Só por curiosidade.

44:19 **Raquel Gomes Noronha:** Sim, é uma rede que tá nascendo. Então a gente ainda tá entendendo como funcionamos. Até então, são pessoas que pesquisam gênero e buscam interlocuções para pensar, para fazer junto, para fazer/propor parceria de escrita, parceria de projeto. E a gente tá buscando. A gente acabou de terminar o nosso site. A gente tá buscando um fomento para rede propriamente, mas não existe fomento de rede, existe momento de projeto de pesquisa. Então a gente tá tentando financiamento de que possam incluir diversos países, que possam ter uma atuação internacional da América Latina, para que a gente possa circular, fazer eventos. Até agora esses eventos, o primeiro que a gente fez, esse segundo a gente vai fazer com custo zero, custo zero não, tem custo, mas cada um financia seu custo dentro dos seus projetos de pesquisa, dentro da sua universidade, como vai. Então, é isso. A gente não tem ainda um mecanismo de entrada, de participação, mas a gente está sempre chamando pessoas para falarem, para participarem do evento, para

escrita, para apresentar trabalho na disciplina. Então já ficamos sabendo da sua tese, em breve, para se apresentar.

45:49 **Guilherme Cardoso Contini:** Raquel, muito obrigado, não quero estender demais por conta do horário. Quero te agradecer pela participação. Acho que a conversa foi enriquecedora, eu tento fazer poucas interferências, porque eu quero escutar mesmo, é o momento de escuta e de registro de todo esse histórico. Mas, é uma honra poder estar aqui com você, conversando e navegando mais nas temáticas.

46:04 **Raquel Gomes Noronha:** Eu que te agradeço. Muito obrigado pela oportunidade. É sempre bom compartilhar.

46:09 **Guilherme Cardoso Contini:** Imagina. O que eu vou fazer agora, né? Vou te passar o termo para você assinar, depois eu devolvo a assinatura, pode ser feita pelo gov ou manual, como você preferir, eu te devolver esse arquivo final. E me comprometo também na conclusão desta tese, desta pesquisa, de compartilhar os resultados com você. E se você tiver interesse, posso compartilhar o link da gravação, o link da transcrição, que eles vão estar armazenados junto com a pesquisa.

46:42 **Raquel Gomes Noronha:** Maravilha. Tá bom. Depois manda a tese também que eu quero ler.

46:43 **Guilherme Cardoso Contini:** Mando sim. Obrigado, Raquel.

46:45 **Raquel Gomes Noronha:** Um abraço.

46:48 **Guilherme Cardoso Contini:** Abraço, ótimo dia.

Anexos

Anexo 1 - Figura original da Matriz de Scripts de Gênero para Design de Produto baseada no “Esquema heurístico para análise de scripts de gênero em produtos” (van Oost, 2014)

Table 1: Product Design – Gender Scripts matrix based on “Heuristic scheme for product gender script analysis” (van Oost, 2014)

Product Dimensions	Gender Script Dimensions			
	Gender Symbolism (dichotomies) e.g. control/obey	Gender Structure (Context) e.g. location (domestic/public)	Gender Identity (Personal Characteristics) e.g. daredevil	Effect on Gender e.g. perpetuating gender stereotypes
Form (Design Language) e.g. symbols on identities	...	...	...	...
Function e.g. gendered activities	...	...	...	...
User Interface e. g. presupposed competences	...	...	...	...

Anexo 2 - Figura original - Processo simplificado do Design de gênero (Denz; Eggink, 2019)



Anexo 3 - Figura original - Ações performativas repetitivas na construção do gênero (Denz; Eggink, 2019)



Anexo 4 - Figura original - Orientando o fluxo de trabalho para descobrir roteiros de gênero (Denz; Eggink, 2019)

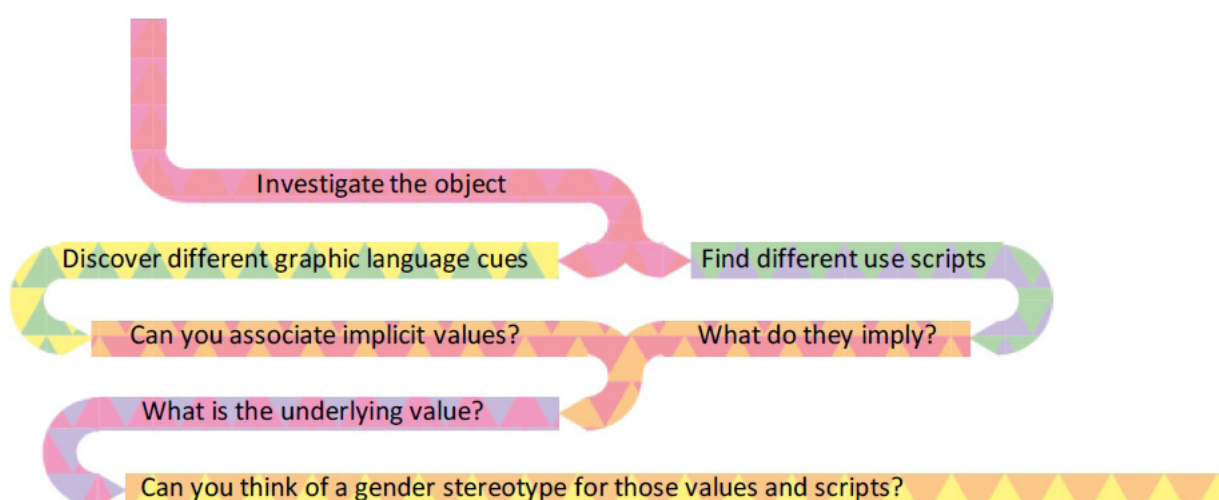


Figure 6: Guiding workflow to discover gender scripts